

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA**  
**PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA RELIGIÃO**  
**DOUTORADO EM CIÊNCIA DA RELIGIÃO**

**Elisângela Aparecida de Souza Alves**

**Na rede com o amado:**

aproximações da Mística de Ernesto Cardenal

Juiz de Fora

2020

Elisângela Aparecida de Souza Alves

**Na rede com o amado:**

aproximações da Mística de Ernesto Cardenal

Tese apresentada ao programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora, área de concentração Tradições Religiosas e Perspectivas de Diálogo, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Ciência da Religião.

Orientador: Prof. Dr. Faustino Luiz Couto Teixeira

Juiz de Fora

2020

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Alves, Elisângela Aparecida De.

NA REDE COM O AMADO : Aproximações da Mística de Ernesto Cardenal / Elisângela Aparecida De Alves. -- 2020.  
336 f.

Orientador: Professor Doutor Faustino Luiz Couto Teixeira  
Tese (doutorado) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, 2020.

1. Mística. 2. Cardenal. 3. Cântico. 4. Cosmos. 5. Erotismo. I. Teixeira, Professor Doutor Faustino Luiz Couto , orient. II. Título.

# ELISÂNGELA APARECIDA DE SOUZA ALVES

Na rede com o Amado: aproximações da Mística de Ernesto Cardenal

TESE apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para obtenção do título de DOUTORA EM CIÊNCIA DA RELIGIÃO.

Juiz de Fora, 03/03/2020.

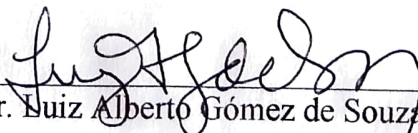
Banca Examinadora



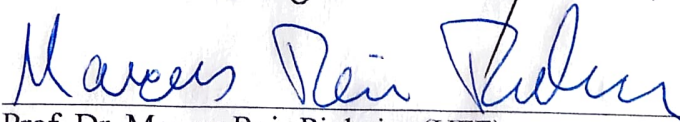
Prof. Dr. Faústino Luiz Couto Teixeira - Orientador



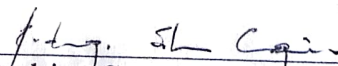
Prof. Dr. Volney José Berkenbrock (UFJF)



Prof. Dr. Luiz Alberto Gómez de Souza (UCAM)



Prof. Dr. Marcus Reis Pinheiro (UFF)



Prof. Dr. Rodrigo Cerqueira da Silva (CMJF)

Dedico esta tese aos anjos que, durante  
minha caminhada, sempre me estenderam  
a mão.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus, que nos dá oportunidade de experimentar sua presença no mundo; a meu Orientador, que me deu uma grande oportunidade e acreditou em mim; a meus pais por sempre me apoiarem; à minha irmã por ter sido uma incansável digitadora e incentivadora; a meu esposo pela sua paciência; a meu filho Bernardo, que sempre esteve comigo com um sorriso confiante, que entendeu e suportou a minha constante ausência; a Rodrigo, que dobrou o seu trabalho para me dar tempo para escrever esta tese; aos amigos, como M. Costa, que sempre me disseram “você vai conseguir!” e à minha filha, Paula Beatriz, amiga que sempre me deu a mão, tradutora de meus textos, parceira de meus trabalhos, que discutiu comigo os temas desta tese e ombro amigo em meus momentos de angústia.

Creio na minha fome  
na demanda de todas  
as fomes  
e em seus atributos  
de espanto e loucura

Creio na substância  
infinita  
e em seus possíveis  
modos transparentes  
e fugazes

Creio no corpo feminino  
nas formas nuas  
que me salvam  
do silêncio

Creio nos pássaros  
que voam  
bêbados de ocaso

Creio nas rochas  
que fundam  
minha esquiva paisagem

Creio nos horizontes  
do nada  
em que deus trava

para sempre perdido  
o mais rude combate

Creio no universo  
abrasado  
de paixão e delírio (BRANDÃO & TEIXEIRA, 2017, p. 23)

Os humanos ainda nos gestando dentro d'água  
E levando dentro o mar chamado sangue.  
O Deus-humano morreu na cruz pedindo água.  
ADN nosso ADÃO. (CARDENAL, 1996, p. 95)

## RESUMO

O objetivo deste trabalho é apresentar aproximações da mística de Ernesto Cardenal. Intenta mostrar que a visão mística desse autor abarca união e erotismo. Aborda a amizade desse autor com Thomas Merton e suas consequências: a criação e destruição de Solentiname, as homílias do Evangelho ali construído, que, atreladas às ideias da Teologia da Libertação, foram um importante instrumento de conscientização dos moradores daquele local e contribuíram muito para a participação desses no movimento Revolucionário ocorrido na Nicarágua e que pôs fim à ditadura de Somoza. Essas abordagens foram feitas para mostrar estar Cardenal, mesmo após a experiência unitiva vivida, inserido no mundo. Após serem pontuados alguns traços e influências do poeta Cardenal, chega-se ao capítulo em que se apresenta a construção de um cântico erótico-cósmico. A fim de mostrar que esse canto unitivo não pode ser entoado sem a nota do erotismo, porque é um traço marcante na vida e na produção escrita de Ernesto, apresenta-se a relação de Eros na vida desse homem, na linguagem que usa e na mística que constrói. Dessa maneira, faz-se ver que o cântico erótico-cósmico construído por ele aponta para o fato de que, se se aprender a enxergar a interligação entre todos os elementos do cosmos, a qual se dá por amor e por cópula, ver-se-á a face de Deus e construir-se-á o Reino Dele aqui e agora. Para isso, basta que os homens se liberem das amarras do ego e abram os olhos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Mística. Cardenal. Cântico. Cosmos. Erotismo.



## **ABSTRACT**

The objective of this work is to present approaches to the mystique of Ernesto Cardenal, a man who is also a poet, a mystic, a revolutionary and a priest. It intends to show that this author's mystical vision encompasses union and eroticism. It approaches the friendship with Thomas Merton and its consequences, the creation and destruction of Solentiname, the homilies of the Gospel built there, which, linked to the ideas of Liberation Theology, were an important instrument of awareness of the inhabitants of that place and contributed greatly to the participation there in the Revolutionary movement that took place in Nicaragua and ended the Somoza dictatorship. The objective was to show that many features of the mystique of the beginning are present in the vision that the mystic has. In order to show that this unitive song cannot be sung without the note of eroticism, because it is a striking feature in Ernesto's life and written production, it is presented in Ernesto's relationship in the life of this man, in the language he uses and in the mystique he uses builds. In this way, it can be seen that the erotic-cosmic song he built points to the fact that if it learns to see the interconnection between all the elements of the cosmos, which takes place through love and copulation, it will see the face of God and it will build His Kingdom here and now. For that, it is enough that the men release themselves from the bonds of the ego and open their eyes.

**KEYWORD:** Mystique. Cardenal. Song. Cosmos. Eroticism.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>2</b>	<b>NOS BRAÇOS DO AMADO.....</b>	<b>18</b>
2.1	O MENINO, O JOVEM ESTUDANTE, O INTELLECTUAL.....	18
2.1.1	<b>Primeiros anos: os laços familiares.....</b>	<b>19</b>
2.1.2	<b>“Más que el azul de la realidad”: o menino prepara o homem.....</b>	<b>24</b>
2.1.3	<b>Deus me quer de outro modo: outras terras, outras experiências, uma mesma certeza.....</b>	<b>30</b>
2.2	UMA EXPERIÊNCIA ABISMAL.....	36
2.2.1	<b>Condenado a ser de Deus: aquele dois de junho de 1956.....</b>	<b>36</b>
2.2.2	<b>Silêncio e recolhimento.....</b>	<b>43</b>
2.2.3	<b>“GOD ALONE”: a entrada na Trapa.....</b>	<b>48</b>
2.3	UNIVERSIDADES DO AMOR: UMA FORMAÇÃO PARA SERVIR A DEUS.....	58
2.3.1	<b>Aqui nossa profissão é o amor: o período na Trapa.....</b>	<b>58</b>
2.3.2	<b>Cuernavaca e Marilyn Monroe: o retorno ao mundo pela literatura.....</b>	<b>67</b>
2.3.3	<b>“Cristo Redentor”: o fim de uma etapa e o começo de um novo caminho.....</b>	<b>74</b>
<b>3</b>	<b>DE POETAS E REVOLUCIONÁRIOS: PALAVRA E AÇÃO EM PROL DOS HOMENS NA BUSCA DE DEUS.....</b>	<b>79</b>
3.1	ADMIRAÇÃO, AMIZADE, CONTEMPLAÇÃO, PALAVRAS E AÇÃO SOCIAL.....	79
3.1.1	<b>Merton: um itinerário singular.....</b>	<b>79</b>
3.1.1.1	<i>Precisamos falar sobre M.....</i>	87
3.1.2	<b>Merton: o mestre do noviço e um amigo singular.....</b>	<b>93</b>
3.1.3	<b>Merton: contemplação, escrita e ação social.....</b>	<b>97</b>
3.1.4	<b>Versos para dizer de uma história de amor.....</b>	<b>99</b>
3.2	SOLENTINAME: UM SONHO COMPARTILHADO .....	104
3.2.1	<b>Solentiname: lugar de hóspedes .....</b>	<b>106</b>
3.2.2	<b>Um grande milagre: “a boa notícia em Solentiname” .....</b>	<b>112</b>
3.2.3	<b>Como uma Fênix: “morte” e ressurgimento de Solentiname .....</b>	<b>126</b>
3.3	A REVOLUÇÃO APRENDIDA NO EVANGELHO .....	130
3.3.1	<b>Os passos rumo à libertação .....</b>	<b>132</b>

3.3.2	<b>O resgate da nacionalidade</b> .....	137
3.3.3	<b>A atuação no Ministério da Cultura</b> .....	142
4	<b>A TESSITURA POÉTICA DE ERNESTO CARDENAL</b> .....	145
4.1	<b>A POESIA SINGULAR DE CARDENAL</b> .....	146
4.1.1	<b>A vinculação com a “nova poesia nicaraguense”</b> .....	147
4.1.2	<b>Uma literatura Exteriorista</b> .....	154
4.1.3	<b>A literatura para falar dos homens e para os aproximar do Reino de Deus</b> .159	
4.2	<b>AS INFLUÊNCIAS POÉTICAS E AS INFLUÊNCIAS MÍSTICAS</b> .....	164
4.2.1	<b>Influências poéticas</b> .....	165
4.2.2	<b>Influências místicas</b> .....	170
4.2.2.1	<i>Santo Agostinho</i> .....	170
4.2.2.2	<i>São João da Cruz</i> .....	174
4.2.2.3	<i>Teresa de Ávila</i> .....	177
4.2.2.4	<i>Teilhard de Chardin</i> .....	179
4.3	<b>CARDENAL, OS ÍNDIOS, NICARÁGUA E A NATUREZA</b> .....	181
4.3.1	<b>Os índios e suas tradições na poesia cardenaliana</b> .....	182
4.3.2	<b>Canto Nacional: um hino de amor a Nicarágua</b> .....	189
4.3.3	<b>Natureza: oração de união com Deus</b> .....	195
5	<b>AMOR, ÚNICA LEI DO UNIVERSO: A REALIZAÇÃO DO AMOR NA VIDA, NA OBRA DE ERNESTO CARDENAL E EM SEU CANTO ERÓTICO-CÓSMICO</b> .....	201
5.1	<b>UM CONTATO DIRETO COM O INFINITO: BREVE HISTÓRIA DA MÍSTICA</b> .....	202
5.1.1	<b>Algumas definições e alguns importantes nomes dos primórdios da mística</b> .....	205
5.1.2	<b>A Mística Cristã</b> .....	220
5.1.3	<b>Flashes da mística Cristã latina e as vias da mística nos dias atuais</b> .....	233
5.2	<b>DEUS ME PERSEGUIA E EU PERSEGUIA AS MULHERES: ENTRE DEUS E AS “MUCHACHAS EN FLOR”</b> .....	242
5.2.1	<b>Um amor sob o signo de Eros</b> .....	242
5.2.2	<b>Em busca da muchacha: o amor das mulheres como reflexo do amor de Deus</b> .....	247
5.2.3	<b>Mística e erotismo: as metáforas do amor humano para dizer daquele encontro com “as muchachas das muchachas”</b> .....	266

5.3	“O CÂNTICO ERÓTICO CÓSMICO”: MÍSTICA COMO ORAÇÃO DE UNIÃO	276
5.3.1	Penetrado por Deus: e agora? O que fazer desse amor.....	277
5.3.2	O Reino de Deus e o cântico erótico-cósmico.....	285
5.3.3	Uma vida é pouco para tanto amor.....	313
6	CONCLUSÃO.....	319
	REFERÊNCIAS.....	323
	ANEXO – Imagens dizendo de Deus .....	333

## 1 INTRODUÇÃO

Esta tese começou a ser delineada faz algum tempo. O princípio de tudo foi um presente. No ano de 2014, fazíamos uma pós-graduação em Ciência da Religião na Universidade Federal de Juiz de Fora e, durante uma aula de Diálogo Inter-religioso, Professor Faustino Teixeira fez-nos uma proposta: “aceito ser seu orientador em um doutorado se, após terminada a Especialização, fizer um ano de disciplinas isoladas, já que não é oriunda do programa, e aceitar estudar um determinado autor.

A sensação de medo diante da responsabilidade de ser orientanda de um dos maiores nomes no que concerne ao Diálogo Inter-religioso e à Mística foi muito grande. Titubeamos, achamos não sermos competente o suficiente para aceitar o desafio. Além disso, o que sabíamos daquele que seria o objeto de estudo limitava-se ao que havíamos lido para aquela aula: um texto. Entretanto um amigo, ouvindo o convite feito, disse: presente nós aceitamos. Não recusamos nunca. Aquelas palavras deram-nos coragem e aceitamos o que foi um dos maiores desafios já enfrentados por nós: “morder a isca” e entender qual seria a visão mística desse autor tão singular.

Foram muitas leituras, muitas releituras, muitas discussões, muitas noites acordadas, muitas conversas com o orientador, muitas angústias, muitas reflexões e uma certeza: este trabalho, que começou naquele dia de 2014, não vai terminar com esta defesa, porque quanto mais lemos e estudamos a obra desse místico, mais queremos ler e estudar. Não sabemos se conseguimos “morder” o tema como deveria, mas o autor sugerido “fisgou-nos” definitivamente. Assim, apresentamos uma tese que é o início de muito mais que desejamos produzir sobre esse autor.

No livro **Os escritores e as escrituras: retratos teológicos – literários**, o alemão Karl-Josef propôs o termo “teopoético” como modo de refletir sobre as várias formas de manifestação do sagrado na literatura e sobre uma possível marcação de parâmetros estilísticos para um discurso teológico/espiritual na literatura contemporânea" (KARL, 1999).

Assim, pensando nessa reflexão de Karl-Josef, achamos bastante significativo, na contemporaneidade, estudarmos poesia e religião. Nesse encontro, e, após o convite recebido, confirmamos um nome, o nome de um poeta que também é monge ou de um monge o qual também é poeta. Mas também é um revolucionário, um sacerdote, um perseguido político, um homem, um humano, um terrano. Concordando com Luce López-Baralt, podemos dizer que ele é um místico e que foi a experiência místico-extática vivida por ele a responsável por sua entrada na vida religiosa, na revolução e na luta em prol das “milícias do não”. Esse nome é

Ernesto Cardenal, poeta e padre nicaraguense, que foi orientado, em sua caminhada espiritual, por Thomas Merton durante o tempo em que viveu em Gethsemani e com o qual se correspondeu até 1968, ano da morte desse último.

O poeta místico Ernesto Cardenal afirma, no livro **Vida no Amor**, que "Todo ser criado, pelo fato de ser, tem uma comunhão com o Ser de Deus" (CARDENAL, 1979, p.29), revela-nos, nesse mesmo livro, que "Nós também somos uma nostalgia de Deus, uma grande nostalgia que cada um traz quando nasce" (CARDENAL, 1979, p. 43). Assim, "Ser, para nós, é estar exilados de Deus." (CARDENAL, 1979, p. 43). Já em **Cântico Cósmico** revela que há um elo entre os físicos e os místicos: todos eles acreditam que temos a mesma essência, os mesmos componentes elementares (CARDENAL, 1996). Esse livro tematiza, ainda, ser a partir da união desses elementos que surge a vida na Terra, que alcançamos e ultrapassamos o vazio e que nos unimos em comunhão com Deus, restaurando um equilíbrio que deixamos de ver por não conseguirmos superar as barreiras do ego. Essa união, por sua vez, ocorre através de palavras, de amor, de palavras de amor e de cópula.

Cabe ressaltarmos que a obra do místico nicaraguense aponta para o fato de que a Face de Deus que ansiamos por vislumbrar é construída pela junção de outras: a face do amor *Eros* (através, por exemplo, das várias *muchachas* e da união mística sponsal), a do amor *philia* (através de Merton e dos companheiros de Solentiname) e na face do amor *ágape* (por uma poética da compaixão – como em "Oração por Marilyn Monroe"). Percebemos, por nossas leituras, que o poeta acredita que essas faces de um mesmo Amor, algumas vezes, desdobram-se na face da crueldade (na menção, por exemplo, ao ditador - "água turva"); outras vezes, na solidariedade e na dinâmica da inter-relação com o todo (através da integração do homem com a natureza).

Feitas essas considerações, é mister mencionarmos ser objetivo dessa tese estabelecer aproximações da mística de Ernesto Cardenal, delineando traços que a compõe. Assim, durante esses anos em que estudamos a vida e a obra dele, percebemos ser a sua visão mística um canto de união que engloba o erotismo e a interligação de todos os elementos que compõem o cosmos.

Para atingirmos nosso objetivo, procederemos a uma análise qualitativa dos seguintes livros desse místico nicaraguense: **Gethsemany, ky** (1960), **Hora 0** (1961), **Apocalipsis** (1965), **Vida en el amor** (1970), **Vida no Amor** (1979), **Canto Nacional** (1972/1973), **Salmos** (1964/1979), **Antologia Poética - Ernesto Cardenal** ( 1977), **Poesia Ernesto Cardenal** (1979), **Los campesinos de Solentiname pintan el Evangelio** (1982), **Oración por Marilyn Monroe** (1965/1985), **Homenaje a los índios americanos** (1969), **El evangelio en Solentiname** (1985); **Nueva antologia poética Ernesto Cardenal** (1985), **Vuelos de Victoria**

(1985/1986), **Antologia de Ernesto Cardenal** (1986), **El estrecho dudoso** (1991), **Los ovnis de oro** (1992), **Telescopio en la noche oscura** (1993), **Cántico Cósmico** (1990/1996/2012), **Apalka Apalka** (1992/1995), **Epigramas** (1961/2001), **Vida Perdida** (2003), **Thomas Merton – Ernesto Cardenal: Correspondências** (2003), **Las ínsulas extrañas** (2003), **La revolución perdida** (2003) e **Versos del Pluriverso** (2005).

Nessas obras, centraremos nossa análise nas já mencionadas faces do homem, mostradas por Cardenal nesses livros, apontando ser amor o elo através do qual os elementos se fundem, que a vida começa, e o humano, unido à natureza, se reencontra e encontra a Face perdida, voltando, assim, "ao paraíso esquecido", à condição primeira de existência: o todo, no qual se perde o contorno entre Criador e criatura. Assim, percebemos que "Todo o cosmos é canto e canto coral e canto de festa e de festa de bodas ('... um rei que preparou um banquete de bodas para seu filho')" (CARDENAL, 1979, p. 134)

Em nossa pesquisa, analisaremos as supramencionadas obras a fim de mostrar também que a conversão de Cardenal, a sua ligação com o sagrado, se dá a partir de uma experiência amorosa com Deus, uma experiência de união, de descoberta, em vários rostos, do rosto de Deus, uma experiência que aponta para o fato incontestável de que "Deus ama a cada um como se não existissem mais do que dois seres em todo o cosmos: Deus é cada um de nós" (CARDENAL, 1972, p.43).

O caminho oferecido por Cardenal para fazer com que nós nos aproximemos de sua mística é muito singular, pois esse místico estabelece um diálogo com a humanidade e com as mais diversas tradições religiosas a partir do momento em que utiliza o amor como forma de auxiliar o "eu" na busca pelo sagrado. Acreditamos que a relevância da presente pesquisa se encontra no fato de apontar uma possível resposta para uma indagação que se faz presente no homem atual: como vislumbrar a face de Deus a partir das várias faces do homem e da natureza. Ou, ainda, como percebermos que juntos formamos o Reino de Deus.

A busca da Face de Deus passível de ser vislumbrada pelo amor, em Cardenal, aponta para outros temas: o erotismo na poesia e na religião, a importância das mulheres para esse místico, o amor como combustível da compaixão, da solidariedade e da descoberta de que todos os seres - animais, vegetais e minerais- compõem a Face de Deus.

Kazantsakis (1989), em seu livro **A Última Tentação de Cristo**, escreve que o reino de Deus é a harmonia entre a terra e o coração. Cardenal obtém essa harmonia sofrendo as dores humanas através do amor – em suas diversas manifestações – e da perda do amor. Busca esse amor em vários rostos: das muitas mulheres com quem teve contato e a quem cantou em sua

lira e das várias outras pessoas com quem conviveu. Usa essas várias faces como meio de encontrar o rosto de Deus, como forma de voltar à não-dualidade através de um amor originário.

Essa busca pela união do todo a qual nos propiciará vislumbrar a face de Deus, tendo como via o amor, é alcançada pela experiência do corpo e constitui um traço do mundo presente na vida do contemplativo. Essa ideia de unir vida contemplativa e cotidiano é um aprendizado ao qual Ernesto Cardenal teve acesso com Thomas Merton. Segundo Faustino Teixeira (2013), no artigo “Itinerário Místico de Ernesto Cardenal”, “Cardenal recebeu de Merton a percepção de uma fina sintonia contemplativa e vida ativa. Em sua direção espiritual, Merton conseguiu destacar que a verdadeira vida espiritual está profundamente ligada ao interesse humano” (p. 10).

Todas as obras objetos dessa pesquisa mostram ser a experiência amorosa a via que possibilita uma nova visão do mundo. É um abrir dos olhos para o radicalmente outro, percebendo que o “paraíso” nunca foi perdido, que estamos nele, só é preciso, como diria Fernando Pessoa, praticar o “aprendizado de desaprender”.

Percebemos e intentamos mostrar, nessa tese, que a hipótese levantada pelo poeta Ernesto Cardenal, apoiada por grandes cientistas e místico, é a de que vivemos a unidade mesmo inseridos em um mundo plural. Ou seja, nos múltiplos universos existentes tudo está conectado com tudo, uma vez que “somos pó de estrelas” e fazemos parte da criação de um Criador, que é amor e, por essa razão, não pode ser estático nem completo. Na hipótese levantada por ele ainda, é através da união de pelo menos dois que se consegue vislumbrar essa unidade na diversidade, mas, para se proceder a essa união, é mister “Novo Homem e Nova Mulher”, que saibam perceber que não há limites entre animado e não animado, que consigam entender que enxergar isso é muito fácil, basta, como já dissemos, “abrir os olhos”.

Notamos que o elo de todos os elementos existentes os quais possibilitam acessar o Reino é o amor, um amor erótico, que nos leva a perdermos o limite entre um e outro a partir da experiência do corpo.

Faremos, a partir desse ponto, algumas colocações pertinentes ao desenvolvimento de nossa pesquisa no que concerne à metodologia a ser utilizada. Iniciaremos dizendo que, no corpo do trabalho, fizemos a opção por usar a primeira pessoa do plural como mecanismo de impessoalização por sentir uma necessidade de maior aproximação com o texto. É uma forma de conseguir nos colocar em nossa tese sem contrariar as normas acadêmicas.

Quanto ao fato de trabalhar com diários e com a correspondência mantida entre Cardenal e Thomas Merton, estamos cientes de que nesse uso há riscos, uma vez que são narrativas de quem viveu experiências e que não possuem comprovação científica. Sabemos, porém, que



esses gêneros textuais são muito utilizados como formas de relatar acontecimentos, de demonstrar emoções, opiniões e de falar sobre amores vividos. Leandro Garcia Rodrigues, em seu livro **Correspondência de Carlos Drummond de Andrade & Alceu Amoroso Lima**, diz que “a carta {e por extensão os diários} era uma espécie de ‘ágora’ de debates e formulações de pensamentos, estilos e opiniões, exteriorização de paixões, desabafo de sentimentos e até mesmo construção de certas ficções” (2014, p. 21).

Por todas essas possibilidades, torna-se hoje, no meio acadêmico, bastante pertinente e plausível estudar correspondências e diários, já que nos permitem ver escritores a partir de seus próprios olhos, não pelo olhar do outro sobre eles. Assim, temos que enxergar esse tipo de relato não como um texto movediço, incerto, mas “como oportunidade ímpar para construção de conhecimentos, para formulação de ideias e teorias” (RODRIGUES, 2014, p. 22).

Ernesto Cardenal, como é sabido, é um místico da Nicarágua e escreveu seus textos em espanhol. Assim, no corpo da tese, adotaremos o seguinte procedimento: todos os textos em prosa serão apresentados em português. Quanto à tradução desses textos, usarei ou aquela feita por Thiago de Melo, renomado tradutor, escritor e amigo de Cardenal, ou, no caso da inexistência de tradução para a nossa língua, uma feita por nós. No caso de textos em versos, pensando na manutenção da sonoridade e das demais construções poéticas, optamos por manter o original, colocando em nota de rodapé uma tradução de Thiago de Melo ou, na ausência dessa, uma versão de nossa autoria.

Uma última observação a respeito da metodologia que será usada nesta tese diz respeito à voz que fala nos poemas que serão apresentados e analisados. Reconhecemos que são entidades diferentes autor, narrador e eu lírico; porém, como quase todos os poemas de Cardenal são autobiográficos e nosso objetivo não era, em todos os momentos, fazer uma análise da estrutura textual, não tratamos com tanto rigor essa linha que separa as entidades autor/ narrador e autor/eu lírico. Assim, em muitos pontos do trabalho referimo-nos ao próprio autor do texto como sendo a voz que nele fala.

No que concerne aos assuntos que serão trabalhados em cada capítulo, faremos, a partir desse ponto, algumas considerações acerca deles.

No primeiro capítulo dessa tese, apresentaremos Cardenal, seus laços familiares, seus anos de estudo primeiro na Nicarágua, depois no México e nos Estados Unidos, suas viagens pelo mundo, a experiência de êxtase místico que o transformará e modificará os caminhos de sua vida.

No segundo capítulo, faremos um estudo das “Universidades do Amor” em que viveu enquanto desejava ser um monge e depois quando decidiu tornar-se um sacerdote, contaremos

um pouco da vida nessas instituições religiosas e de como Cardenal se via nesses espaços, qual a sua relação com o silêncio, com a oração. Mostraremos ainda os primeiros textos publicados nos quais já percebíamos o desejo de fazer desse mundo um espaço mais justo e enxergamos, nessas produções, a compaixão.

Uma parte desse capítulo será dedicada a Solentiname – à sua criação, à sua destruição e à sua recriação – e ao revolucionário Evangelho ali construído, teceremos uma visão da Teologia da Libertação a qual, na Nicarágua, se vinculava às ideias de teólogos, como Cardenal, e às ideias desenvolvidas nas homilias das missas que aconteciam aos domingos na mencionada comunidade contemplativa. Abordaremos, ainda, as consequências dessas reflexões para os camponeses que nela viviam.

Não sendo possível falar desses Evangelhos e não falar da Revolução sandinista e de suas consequências, abordaremos, através das ideias apresentadas por Cardenal, em seus poemas e diários, esses acontecimentos.

Como um dos idealizadores de Solentiname foi Thomas Merton, e, motivados pelo fato de ele ter sido mais que um amigo para Ernesto Cardenal, uma parte desse capítulo será dedicada a ele, às suas ideias e a seu grande amor.

O terceiro capítulo será dedicado à construção poética de Ernesto Cardenal. As técnicas utilizadas, o movimento literário a que está vinculado, as influências que se fazem presentes em sua obra no que concerne à literatura e à mística serão apresentados. Fechando o capítulo, daremos exemplos da poesia produzida para falar dos índios americanos, do seu país natal – a Nicarágua – e o texto poético para mostrar a natureza como uma forma de oração a Deus.

Chegamos ao quarto capítulo cujo objetivo será traçar as linhas que nos permitirão fazer aproximações da mística de Ernesto Cardenal. Começamos levantando pontos que delineiam uma visão do que vem a ser a mística cristã ocidental, porém mostrando as singularidades da visão mística de Ernesto, que está vinculada ao amor, que tem um viés erótico, o qual perpassa todas as suas construções, em todos os momentos, e tem também uma vinculação com amizade e com compaixão.

Apresentaremos a linguagem erótica que marca sua mística e faremos ver que ela é resultado dos inúmeros enamoramentos vividos pelo místico nicaraguense. Assim, apresentaremos um número significativos de amores vinculados a Eros experimentados por Cardenal até chegarmos ao encontro amoroso com a “*muchacha das muchachas*”.

O próximo passo é mostrar um viés que aparece em todas as produções de Ernesto a partir da década de 1990. Trata-se do cântico erótico-cósmico, termo que ousamos criar para dizer dessa produção que pressupõe a construção do Reino aqui e agora a partir do momento

que percebermos entoarmos, todos juntos, um canto coral. E, na obra de Cardenal, o elemento que une todas as partes desse todo é o amor, um amor erótico que precisa da junção de “dois” para fazer ver o Um.

Terminaremos nossa tese dando notícias do místico, sacerdote, poeta, revolucionário, perseguido político Ernesto Martínez Cardenal. Mostraremos como tem vivido agora com seus 95 anos, numa Nicarágua governada por um dissidente sandinista, falaremos de perdão, de entrega à graça de Deus e de reafirmação de um cântico erótico-cósmico.

Finalizando essa introdução, gostaríamos de deixar registrado que a proposta trazida por esse autor, em sua mística, deve ser disseminada, porque, em tempos de intolerância, de falta de diálogo, de um crescente aumento da violência, de descaso para com o nosso Planeta, a sua mensagem é um fio tênue de amor e esperança que deve ser ligado a outros fios de amor para que, juntando todos esses fios de positividade, possamos construir um agora de justiça e de igualdade no qual percebamos que o outro – o humano, o mineral, o animal irracional, o vegetal -, muitas vezes desprezado ou diminuído, faz parte, em conjunto conosco, de algo maior que nós e que nos faz ver o “Radicalmente Outro” que a tudo criou, o qual nos “habita por dentro e nos rodeia por fora”.

## 2 NOS BRAÇOS DO AMADO

No ano de 2018, houve um Simpósio Internacional de Teologia e Literatura na PUC do Rio de Janeiro. Nesse encontro, estavam presentes grandes nomes ligados à mística, à Literatura e à Teologia. Dentre eles, Luce Lopez-Baralt, referência em estudos ligados à vida e à obra de Ernesto Cardenal. Em vários momentos, essa pesquisadora falou-nos sobre o poeta nicaraguense, apesar de não o ter feito em nenhuma conferência, mas sim em grupos de trabalho. Mas o que mais chamou a atenção não foram as palavras de Lopez-Baralt, mas as de uma outra pesquisadora de Porto Rico sobre o místico em questão. Num momento de interação com a pesquisadora porto-riquenha, essa estudiosa assim o definiu: “Cardenal não é deste mundo”. Essa frase ressoa em nossa mente e em nosso coração até hoje. Ela nos faz compreender algumas passagens dos diários e poemas que eram até então decodificadas pelo cérebro, mas não entendidas pelo coração. Não conseguia, por exemplo, aceitar a total entrega de Ernesto aos desígnios de Deus. No entanto, depois dessa definição, faz todo o sentido a renúncia feita pelo poeta a todas as coisas – “Para entregar-me totalmente a Deus, eu devia renunciar a tudo” (CARDENAL, 2003 a, p. 14. Tradução nossa) – até ao seu “grande amor: a poesia” (CARDENAL, 2003 a, p. 14. Tradução nossa) e “a outros grandes amores: minha terra e meus lagos” (CARDENAL, 2003 a, p. 15. Tradução nossa).

Esse desnudamento de todas as coisas da Terra fê-lo estar nos “braços do Amado” desde o dia em que viveu a experiência místico-extática a qual mudou o rumo de sua existência, tornando-o alguém que, apesar de fisicamente estar inserido nesse mundo, já o ter ultrapassado.

Nesse primeiro capítulo, contaremos um pouco da vida do homem, do místico, do poeta e do revolucionário objeto desse trabalho, a fim de compreendermos suas opções de vida, sua visão do amor e de Deus.

### 2.1 O MENINO, O JOVEM ESTUDANTE, O INTELECTUAL

“Yo lo recuerdo pequeñino, con un rostro de pájaro distraído, agudo e inquieto, sentado en una butaca, los pies sin tocar el suelo, leyendo totalmente abstraído del mundo versos y versos, sin parar”. (CARDENAL, 2003 a, p. 45)

Como latas de cerveza vacías y colillas  
De cigarrillos apagados, han sido mis días.  
Como figuras que pasan por una pantalla de televisión  
Y desaparecen, así há pasado mi vida. (CARDENAL, 1979, p. 34)

Machado de Assis, grande autor do século XIX, em um de seus livros, afirma que o menino é o pai do homem. Assim, pensando nisso e objetivando compreender a razão a qual levou Cardenal a ser conceituado como alguém de outro mundo, faremos emergir episódios de seus primeiros anos de vida os quais já prenunciavam a transformação que se operaria no homem Cardenal e que o levaria à mencionada total entrega a Deus. Em seguida, mostraremos, de forma breve, sua trajetória intelectual desde as primeiras letras na Nicarágua até sua formação superior nos Estados Unidos. Faremos isso já plantando a semente do que será abordado no quarto capítulo do presente trabalho: a relação do poeta com as mulheres e com Deus e do amor erótico com o amor ágape e com o amor *philia* na construção de seu canto erótico-cósmico.

### 2.1.1 Primeiros anos: os laços familiares

Sonhar, sonhar-me, esquecer-me, vencer-me sem ter que lutar contra nada. Através do sonho eu já havia viajado de identidade, já fora bicho, bombeiro, e até pessoa. Sem saber eu já estava escritor, portador assintomático dessa doença chamada poesia. Estava condenado a ter pátria nesse tempo inicial e iniciador. A infância não é, neste sentido, um tempo, mas um acto de fé, uma devoção. (COUTO, 2016, p. 54)

Ernesto Cardenal Martínez. Cardenal da família burguesa – os Cardenais. Martínez por parte de sua mãe. Esse segundo sobrenome tem uma origem bastante interessante, pois vem de seu bisavô, um judeu alemão chamado Juan Jacobo Martínez, que originalmente tinha como nome Johannes Jakob Teufel. Viera para a Nicarágua com o intuito de chegar à Califórnia – EUA – atraído pela “gold rush” – Corrida do Ouro. Mas, por ter se envolvido numa ação contra o governo, foi condenado à morte. No dia da execução, pediu para ser batizado e para ter como padrinho o chefe do exército presidencial, o general Tomás Martínez. Como se tornara afilhado desse comandante do exército, foi perdoado e, assim, teve sua vida poupada (CARDENAL, 2003<sup>a</sup>, p. 322)<sup>1</sup>.

Como forma de agradecer a esse senhor, mudou seu sobrenome para Martínez e decidiu “plantar raízes” naquela terra. Mas nela, foi o que hoje se poderia chamar de esquerdista, ou,

---

<sup>1</sup>Os três tomos dos diários de Ernesto Cardenal utilizados neste trabalho apresentam, como ano de publicação, 2003. Assim, para que evitemos confusões, utilizaremos nas referências a eles a seguinte nomenclatura: 2003 a para o diário **Vida Perdida**, 2003b para o diário **Las Insulas Extrañas** e 2003c para o diário **La Revolución Perdida**.

como o chamaram: um comunista. Ficou conhecido por ser um homem, o qual cometeu inúmeras atrocidades, mas também foi alguém que lutou por liberdade.

Mais uma vez vemos a semente de quem se tornou Cardenal sendo plantada. Dessa vez, foi a do revolucionário.

Segundo relata Cardenal, em **Vida Perdida**, esse parente, por sua vez, casou-se com Esmeralda Moya Somoza, filha de Bernabé Somoza e irmã de Anastasio Somoza o qual foi avô do ditador homônimo Anastasio Somoza (2003 a).

Dessa forma, Ernesto é o sobrinho tataraneto de Don Bernabé Somoza, “um bandoleiro, mas um leitor de Rousseau e Walter Scott, e um seguidor dos enciclopedistas, e defensor dos direitos do homem proclamados pela Revolução Francesa” (CARDENAL, 2003 a, p. 323. Tradução nossa). Além disso, um cantor de bela voz. Ficou conhecido por seus crimes, mas também por seu cavalheirismo, sua generosidade, ou seja, “o mais bem-apegoado e o mais pitoresco indivíduo em toda Nicarágua” (CARDENAL, 2003 a, p. 323. Tradução nossa).

Uma contradição como todo humano. Uma contradição como Cardenal. “Direi a vocês que, para mim, é uma infâmia ter parentesco com os tiranos Somoza, mas não é ter com Don Bernabé Somoza” (CARDENAL, 2003 a, p. 327. Tradução nossa).

É um fato curioso serem as primeiras lembranças de Cardenal estar ele vestindo um manto e depois estar representando, em uma peça teatral, São Sebastião. “Minha primeira recordação, e estaria vestido com um manto. [...]. E estou parado sobre uma coisa alta[...] onde vou fazer minha representação de teatro[...]. E estou dizendo que o que vou representar no teatro é São Sebastião” (CARDENAL, 2003 a, p. 282-283. Tradução nossa). É como se disséssemos que traços do homem já se encontravam no menino, conforme anunciamos anteriormente.

Assim, começamos dizendo que Ernesto Cardenal nasceu em Granada, Nicarágua em 20 de janeiro de 1925. Filho de uma família burguesa e muito católica: “minha tia Trindad estava quase sempre rezando Rosários e muitas outras coisas também” (CARDENAL, 2003 a, p. 295. Tradução nossa).

Viveu em Granada até os cinco anos; depois, mudou-se com sua família para León, uma vez que coube ao pai dele administrar uma das três lojas da família Cardenal: a que se encontra em León. Nessa cidade, em torno da mesa, uma tia nutria a mente de Ernesto com as mais diversas histórias de sua família e daquela cidade, o que, mais tarde, se tornou um poema chamado León (CARDENAL, 2003 a).

A via literária de Cardenal é tão forte que ele, mesmo antes de ser alfabetizado, já tinha feito um poema, o qual falava de um outro poeta, Rubén Darío. Esse poema oral era constantemente declamado pelo menino Ernesto para os amigos da família. Anos mais tarde, o

poeta declara que lhe encantava os arranjos sonoros (rimas) dos textos de Darío. Por essa razão, houve o desejo de imitá-los, o qual, por sua vez, fez surgir o poema.

Memórias da infância permaneceram no adulto e ajudaram a forjar sua personalidade: recordações do poeta Darío, que brincava com rimas, lembranças de Sandino, da atuação política desse herói nicaraguense, da influência desse sobre os estudantes e também de sua morte trágica. “Uma manhã bem cedo saí à porta de minha casa, e estava o motorista de meu pai falando com outros homens, com caras muito sérias e preocupadas; Sandino tinha sido assassinado naquela noite. Eu tinha completado oito anos havia um mês” (CARDENAL, 2003 a, p.298. Tradução nossa).

Em sua infância, teve a satisfação de conhecer poetas que só foram reconhecidos posteriormente. Um deles foi Alfonso Cortés, que era conhecido como o louco que habitava a casa que fora do poeta Darío. Havia, para Cardenal, uma aura de mistério envolvendo essa figura e isso despertava nele “simpatia, talvez; ou afeto” (CARDENAL, 2003 a, p.298. Tradução nossa). Quando adulto, Ernesto foi um dos maiores conhecedores e divulgadores da obra de Cortés.

Um outro poeta de sua infância foi Lino Argüelo, um homem carrancudo, sujo, sempre com o rosto inchado e que declamava poemas para os pais de Cardenal em troca de centavos para comprar o que comer (CARDENAL 2003 a). Na época, os versos de Lino, os quais falavam sobre “noiva morta, lua, tumbas” (CARDENAL, 2003 a, 300. Tradução nossa) não eram reconhecidos, mas “um menino sentado na soleira da porta escutava arrebatado, triste e arrebatado, esses poemas”. (CARDENAL, 2003 a, 300. Tradução nossa).

Era curioso o fato de Lino Argüelo, muitas vezes, ter procurado o menino Ernesto para trocar poemas por comida, o que, com certeza, aponta para “uma comunhão de almas entre os dois” (CARDENAL, 2003 a, 300. Tradução nossa). Tempos depois, Argüelo foi considerado, depois de Darío, o melhor poeta do modernismo nicaraguense.

Cardenal carregou “na algibeira da alma” as melodias dos textos e a força das palavras que ouvira nessas ocasiões. Desse modo, esses poetas de sua infância contribuíram para a construção do poeta das “*muchachas* em flor”.

Envolto em histórias contadas por tia Trindad, as quais aguçaram sua imaginação, e por poemas, que já antecipavam nova corrente literária: o Modernismo, cresceu o homem e o poeta Cardenal.

Em León, Cardenal também começou a viver, entre os 10 e os 12 anos, suas primeiras descobertas amorosas. Falaremos mais a frente sobre o amor e sua importância nas opções de

vida e na poesia desse místico. No entanto, nesse ponto de nosso trabalho, voltaremos nosso olhar para os laços familiares que edificaram o nosso místico poeta.

O pai de Cardenal gostava muito de receber convidados em sua casa. Esses, por sua vez, contavam muitas histórias sobre pessoas, lugares, acontecimentos políticos e faziam piadas. Enquanto falavam, “perto dali, havia um menino escutando” (CARDENAL, 2003 a, 308. Tradução nossa). Esse garoto tudo ouvia e, em sua mente, um repertório literário era formado. Repertório esse que se encontra presente na vasta obra de Ernesto.

Quanto à mãe de nosso poeta nicaraguense, era uma mulher muito bonita. Para se divertir e divertir à família, tocava violão, às vezes piano, e cantava. Gostava de ler contos de aventura. Sentia-se bastante solitária por estar longe da família, que morava em Granada, fato que entristecia um pouco nosso poeta.

O pai de Ernesto era um burguês bem-sucedido, dono de uma loja, o qual podia trocar de carro com frequência, embora houvesse, em León, poucos carros naquela época. Havia estudado no estrangeiro e, por isso, não se importava muito com algumas convenções sociais, tanto é que a mãe de Cardenal também dirigia, apesar de morarem em um lugar conservador no que dizia à posição e às funções da mulher na sociedade.

Um acontecimento da juventude de Cardenal que é importante mencionarmos é que ele viveu uma experiência muito forte da presença de Deus nessa etapa de sua vida. O que ocorreu foi que seu irmão mais velho, a quem carinhosamente chamava Popo, ficou muito doente dos pulmões, inclusive sendo desenganado pelos médicos. Sofreu muito e, quando todos achavam que morreria, teve o peito aberto pelos médicos em sua casa, algo considerado uma loucura. De seu peito saiu, naquela ocasião, grande quantidade de pus e, a partir desse fato, contrariando todas as expectativas médicas, começou a melhorar e se curou. Mas, enquanto estava moribundo, a família de Ernesto – que era muito católica – prometeu a São Benito varrer toda a Igreja de São Francisco caso Popo se recuperasse. E nosso poeta fez uma promessa ainda mais forte: tornar-se-ia sacerdote se o irmão se curasse. Desde então “teve a perfeita e serena convicção de que ia sê-lo” (CARDENAL, 2003 a, 315. Tradução nossa). Estava, por uma promessa feita, desde essa ocasião, “condenado a ser de Deus”.

Na família de Cardenal, ser religioso é algo comum, uma vez que teve tios-avôs, tios e tias e primos que se dedicaram às vocações religiosas. Isso sem mencionar Popo que fora jesuíta por um tempo, mas desistiu; Fernando Cardenal, irmão mais novo dele, que se tornou um grande jesuíta e o próprio Ernesto. Isso sem dizer que, “desde minha infância tinha estado familiarizado com o Evangelho, o tinha lido inteiro muitas vezes, e muitas de suas passagens incontáveis vezes, e os tinha escutado por toda minha vida” (CARDENAL, 2003 b, 430. Tradução nossa).



Um fato curioso que já antecipava o dilema vivido por Cardenal – se seria das *muchachas*, ou se seria de Deus – ocorreu na época em que fez a promessa de ser sacerdote. O que ocorreu foi que, durante um passeio às Praias de PoneLOYA, encontrou o amor pela primeira vez sem se dar conta disso na ocasião: “Eu nunca lhe disse do meu amor [...]. Simplesmente era o desejo de estar sempre perto de Mireya. Estar olhando seus olhos. Ah, também seus cabelos” (CARDENAL, 2003 a, 317. Tradução nossa).

Fechando essa parte do trabalho, resta mencionarmos que Ernesto Cardenal trazia, desde a infância, traços que permaneceram no adulto Cardenal, como a religiosidade, o apego à família, o interesse pelas mulheres, o gosto pela poesia e pela história e o desejo de lutar por justiça.

E naqueles tempos [em sua infância em León] [...] talvez mais que poeta, queria ser historiador. Embora também novelista, filósofo, pintor e escultor. Mas a essas duas vocações que desde o princípio tive – a poesia e a história – se deveu ao fato de depois eu escrever muita poesia histórica. (CARDENAL, 2003 a, 343 – 344. Tradução nossa).

Muitas obras de Cardenal apresentam esse duplo viés histórico e poético. É o caso, por exemplo, de **O Estreito Duvidoso**, de muitos de seus **Salmos**, de poemas de **Cántico Cósmico**, de **Canto Nacional**, de **Quetzalcóal** e de **Apalka, Apalka**. Esse último, para ilustrar o que estamos afirmando, narra uma história feita para crianças com o intuito de se fazer um intercâmbio cultural entre Nicarágua e Brasil com o objetivo de incentivar o gosto pela leitura em língua portuguesa e proporcionar o aprendizado de língua espanhola. Trata-se de uma narrativa histórica, em forma de poema, que nos apresenta uma lenda de um tesouro escondido no lago de Apalka. Citaremos a seguir alguns trechos desse livro. Como é uma edição bilíngue feita intencionalmente com esse propósito, traremos para a apreciação trechos em português.

#### Apalka

Ali só se entra no verão,  
no curto verão. Descendo o rio  
coco água abaixo desde  
o último casario dos índios  
Misquitos umas cinco milhas  
marítimas à esquerda dizem que  
desemboca um pequeno córrego  
chamado caño de Apalka.

Se subires este córrego, dizem,  
chegarás a uma lagoa e depois

a outra lagoa e depois  
à misteriosa lagoa de Apalka.  
[...]  
Segundo contam os índios  
mais velhos que ouviram contar  
dos antigos de sua tribo  
há muitíssimos anos subiram  
uns piratas o rio Patuca  
e entraram por um córrego  
secreto na última lagoa  
para repartir o tesouro  
que estava nesse esconderijo  
e brigaram por ele e pereceram  
todos.  
[...]  
Quando chega a época  
das chuvas já não há lagoa  
de Apalka  
e já não há planície só há uma  
lagoa até o horizonte  
desaparecido o lugar onde existe  
a lagoa  
de Apalka com os galeões  
carregados de prata e ouro  
e pérolas e esqueletos de piratas  
tudo, esqueletos e tesouro,  
afundados no lodo.  
(CARDENAL, 1994, p. 26,27 e 28)

Esse poema foi citado também porque já antecipa uma temática muito cara para Cardenal, a dos índios, com suas histórias e crenças. No terceiro capítulo desse trabalho, dedicaremos um item à literatura feita sobre os índios americanos.

Com certeza, essa paixão pelo passado muito se deu em virtude de seus laços familiares, das pessoas queridas – como a tia Trindad – que todos os dias, após as refeições, enchia o mundo do menino Ernesto Martínez de narrativas de pessoas e de fantasmas que povoavam a memória dela e aguçavam a imaginação dele.

### 2.1.2 “Más que el azul de la realidad”: o menino prepara o homem

Começemos com uma citação:

No colégio, de onde melhor se via o lago – menos, é claro, que os quartos dos padres no segundo andar -, era no terraço da parte de trás, depois do campo de beisebol e de futebol, e onde estava a piscina e o tanque de água, que era a parte mais alta, quase no final do colégio [...] e me recordo daquele panorama do lago, porque é no largo recreio na parte da tarde que tínhamos mais tempo para estar naquele lugar retirado. Essas inumeráveis tardes são agora, em minha memória, como uma só tarde comprida com aquela visão do lago sempre presente, e quando me dizem “Colegio Centroamérica”, eu o que

recordo, sobretudo, é daquele lugar alto do terreno com o lago em frente. (Como amei esse lago; como me custou renunciar a ele quando fui para a Trapa, e Deus mo devolveu em Solentiname.) (CARDENAL, 2003 a, p. 365,366. Tradução nossa).

A visão do lago, um dos grandes amores de Cardenal, o colégio interno, a ida para a Trapa. Lembranças. Lembranças talvez agora já tornadas perfeitas pela distância do tempo. Recordações que fizeram do menino o homem.

Como já dissemos, as primeiras letras foram ensinadas, em León, a Cardenal e, a partir dos dez anos, passou a estudar, juntamente com seu irmão Popo, em um internato – O Colégio *Centroamérica* – em Granada. Quando ele completou doze anos, sua família deixou León e foi viver em Manágua. Para Ernesto, que já vivia como interno no colégio, esse foi um período de descobertas feitas através dos muitos livros que lia no internato em Granada no qual passava quase todo o tempo.

O adolescente de doze anos começou a aprender pelos livros muitos ensinamentos jesuítas e faz desses um ideal. Segundo esses aprendizados, devia ser: “nobre, sincero (não dizer nunca mentiras), valente (não ter medo de nada, não fugir, nem se render ainda que o outro seja maior ou mais forte)” (CARDENAL, 2003 a, p. 346. Tradução nossa).

Esses traços fortaleceram o caráter do menino e plantaram a semente de um homem com correção de atitudes e com uma pureza admirável, elementos de sua vocação que já estavam plantados em seu espírito. “Eu creio que algum jesuíta me tinha perguntado se eu tinha vocação religiosa, fazendo-me consciente, pela primeira vez, do que eu tinha, sem formular, na profundidade de minha alma: eu seria sacerdote” (CARDENAL, 2003 a, p. 347. Tradução nossa).

Cardenal, aos doze anos, já sentia que Deus tinha uma predileção por ele e achava isso “uma aberração de Deus”: “Deus meu, que nunca me deixaste em paz! Direi a vocês sinceramente que essa predileção de Deus por mim, sinceramente, eu a considero uma aberração de Deus” (CARDENAL, 2003 a, p. 347. Tradução nossa).

Durante seus anos como interno no colégio jesuíta *Centroamérica*, algumas ocorrências chamaram a atenção do estudante Cardenal. O fato de outros estudantes colocarem muitos apelidos nos colegas foi um desses. Ernesto, por exemplo, teve quatro apelidos: “El espartano”, “Besugo”, “Pizote” e “Chiripero”.

Esse colégio era considerado de excelência, por essa razão recebia alunos de vários lugares da Nicarágua e, também, de outros países. Uma lembrança relacionada a um de seus colegas deixou uma dolorosa recordação na mente de Cardenal: o filho do ditador de El

Salvador foi estudar nessa instituição e uma informação acerca do pai desse menino fez o jovem Ernesto perceber as contradições do humano, pois esse ditador era teósofo e espiritualista. Não comia nunca carne para evitar o sofrimento dos animais. No entanto, esse mesmo distinto senhor tinha, em suas mãos, o sangue de trinta mil camponeses que, certa vez, mandou executar.

No supracitado colégio, Cardenal conviveu com o poeta Carlos Martínez Rivas e, em princípio, não percebia nele nada de tão significativo enquanto escritor. Mas, a partir de seus quatorze anos, Rivas “se revelou como o que tem sido até hoje o maior gênio poético da Nicarágua depois de Darío” (CARDENAL, 2003 a, p. 350. Tradução nossa).

Estudou ainda com Pedro Joaquín Chamorro Cardenal, com Luis Cardenal e com Rafael Córdova Rivas. Esses nomes, acrescidos de mais alguns, formaram um grupo rebelde. Para se ter uma ideia do que representou tal grupo na história da Nicarágua, basta dizer que “Pedro Joaquín foi a pessoa de maior significação nacional [...] grande lutador contra Somoza, e maior mesmo depois de sua morte, conhecido agora como o Mártir das Liberdades Públicas” (CARDENAL, 2003 a, p. 350. Tradução nossa).

Além de Carlos Rivas, que exerceu influência literária sobre Cardenal em seus dias de internato, houve também Padre Ángel Martínez Baigorri, o grande poeta espanhol. Esse autor foi ao *Centroamérica* inicialmente para lecionar religião, mas, aos poucos, foi se revelando aos discentes como um grande poeta.

Havia, naquele local, um religioso que cuidava dos alunos menores. Ele gostava muito de Cardenal, a quem chamava carinhosamente de “Pizote”. Esse senhor chamava-se padre Otaño. Ele plantou no garoto Ernesto sementes de devoção à Virgem Maria que se tornaram uma marca desse enquanto religioso. Esse jesuíta sempre dizia, na cabeceira da cama dos meninos, “A Virgem é tua mãe. Ou: ‘a Virgem te quer’. Ou talvez me despertando: ‘quer muito à Virgem’” (CARDENAL, 2003 a, p. 350. Tradução nossa). Cardenal a esse respeito revela que: “talvez por isso comecei a ter um imenso amor à Virgem. Eu falava com ela para tudo. Com ternura e com muita confiança, confiança no sentido de familiaridade. Eu só lhe dizia: Mamãe” (CARDENAL, 2003 a, p. 350-351. Tradução nossa).

Tamanho era o amor de nosso místico pela Virgem em seu período de internato que chegava a fazer sacrifícios – sem que ninguém soubesse dos mesmos -, como andar com uma pedra no sapato, ou não beber água em nenhum momento do dia senão durante as refeições.

Chegou ainda a pensar que, quando sua mãe terrena morresse, poderia destinar todo o seu amor filial somente a Maria.<sup>2</sup>

Até quando jogava futebol, Cardenal se colocava “nos braços do sagrado”. Dizia ser péssimo jogador, mas sempre fazia gols e atribuía isso ao fato de pedir à Virgem: “[...] eu jogava como todo mundo, mas de repente queria um gol, e se o pedia, pelo costume de falar com ela por qualquer coisa [...] e fazia o gol [...]. E eu ria por fora, e tinha outro riso por dentro” (CARDENAL, 2003 a, p. 352. Tradução nossa). Esse trecho citado mostra ainda que Ernesto já tinha noção da interioridade da experiência do sagrado. Por essa razão os dois sorrisos: um para o mundo e um para o que nos habita por dentro.

Era tão devoto que possuía a medalha da congregação Mariana. Seguiu nessa devoção exclusiva a Maria até o acontecimento daquele 02 de junho de 1956, quando percebeu que Maria não precisava mais ser a via para chegar a Deus. Podia ter algo com Ele diretamente, sem intermediários.

Ainda no *Centroamérica*, conheceu um mexicano, chamado Pardinás, que chegara ao colégio com vinte e dois anos para lecionar. Ambos tinham uma paixão em comum: a história da Nicarágua. Pardinás sempre dizia ser “‘ideal’ sua palavra favorita. E o ideal era Nicarágua” (CARDENAL, 2003 a, p. 355. Tradução nossa). Pardinás, junto com o primo de Cardenal, José Coronel Urtecho, com Pablo Antonio Cuadra e com outros formaram o grupo político reacionário chamado “La Reacción”.

Pardinás, além da palavra ideal, amava a palavra viril. Esse amor rendeu-lhe o apelido de “viril”. Ele formou com os alunos que estavam se bacharelando um grupo que tinha “um sólido amor à pátria, conscientes das transformações sociais que iam fazer, animados por um novo ideal” (CARDENAL, 2003 a, p. 357. Tradução nossa). Mais tarde, fundou a Falange Exploradora Nicaraguense, que tinha como lema “Pela espada e pela cruz” (CARDENAL, 2003 a, p. 357. Tradução nossa).

Nessa época, Ernesto entrava em seus quatorze anos, convivia com a religião, com a literatura e com as sementes da revolução. Enquanto isso, “Somoza começou a entronizar-se no poder. Todavia não como tirano, mas como um homem forte” (CARDENAL, 2003 a, p. 356.

---

<sup>2</sup> Não que tivesse problemas com sua mãe terrena, pois teve um relacionamento muito harmonioso com ela até o dia em que ela faleceu quando já estava com 94 anos. Porém, seu amor pela Virgem era muito forte.

Tradução nossa). Estava o jovem Cardenal ainda na instituição de ensino supramencionada quando Somoza assassinou Sandino e derrubou seu tio, que era o Presidente.

Nessa época, os jornais começavam a noticiar termos como “fascismo, nazismo, falangismo, comunismo” (CARDENAL, 2003 a, p. 352. Tradução nossa) e também se começava a discutir ideologias e esboçava-se, no mundo, o quadro II Guerra Mundial.

Voltemos a falar de Ernesto enquanto aluno do *Centroamérica*. Enquanto esteve lá, participou de inúmeras travessuras. Juntava-se com outros dois amigos – Tinajón (Córdova Rivas) e Pedro Joaquín Chamaorro - para cometer pequenas transgressões; porém, sempre que descoberto não hesitava em confessar: “Fui eu” (CARDENAL, 2003 a, p. 362. Tradução nossa), o que confirma a correção moral de nosso místico.

Cabe ressaltar ainda, enquanto mencionamos Tinajón e Pedro Joaquín, que foram esses os principais amigos de Cardenal não só nas travessuras, mas “depois na política” (CARDENAL, 2003 a, p. 364. Tradução nossa) e, por política, desejava-se dizer “a luta contra Somoza” (CARDENAL, 2003 a, p. 364. Tradução nossa).

Os lagos da Nicarágua sempre foram uma grande paixão de Cardenal. Não foi por acaso que iniciamos esta seção com um trecho de **Vida Perdida** que se refere a um deles. Fazem parte de suas mais caras recordações. Em seu diário anteriormente mencionado, ao falar dos anos em que estudou no Colégio dos jesuítas, fala com uma doçura e com um carinho desse espaço que chega a ser tocante. Através de sua descrição do local, agora marcado pelos anos e pela tinta da saudade, podemos pintar, como fariam os pintores primitivistas da Nicarágua, um belíssimo quadro. No trecho a seguir, mostraremos não só a paisagem natural, mas como ela ficou registrada na alma do poeta:

No Colégio, onde melhor se via o lago [...] eu via a imensa extensão do lago até desvanecer-se das costas de Chontales e até o horizonte, quieto e agitado, e de diversa coloração de acordo com o céu, talvez azul, ou azul-acinzentado, ou azul-rosado, às vezes, ou violáceo, ou quase branco, às vezes, quando havia grande calma, e é especialmente à tarde que eu me recordo daquele panorama do lago” (CARDENAL, 2003 a, p. 365- 366. Tradução nossa).

Foi também à beira do lago nesse colégio que Cardenal e Carlos Martínez conversavam sobre poesia, sobre o que liam e sobre os poetas da “Geração de 27”, “uma poesia nova, completamente distinta do que tínhamos conhecido até então”. (CARDENAL, 2003 a, p. 366.

Tradução nossa). Os três grandes nomes dessa geração e que muito influenciaram no fazer literário de Cardenal foram: Lorca, Alberti e Neruda.<sup>3</sup>

Na formação do que seria o poeta e o trapense Cardenal, percebemos muita influência ainda, de sua avó Mimi, uma intelectual mediana, mas amante dos livros que, ao ficar com a visão debilitada, pedia ao neto Ernesto que lesse para ela. “Assim, lemos todo Homero nas férias, Dom Quixote, muitos clássicos; e, enfim, através dos anos, muitos livros de todo tipo [...]. Também lemos juntos todo Thomas Merton, e minha vocação trapense teve muito a ver com isso, e, por conseguinte, teve a ver com ela” (CARDENAL, 2003 a, p. 370. Tradução nossa)

Aos dezesseis anos, Cardenal já está no meio de grandes poetas, como Urtecho e Ángel Martínez. Foi, inclusive, esse último que o ajudou a vencer a crise que experimentou nessa idade e que consistia em achar que estava louco. A ajuda se deu quando, ao consultá-lo para saber se ele estava louco, o padre Ángel, indignado, respondeu-lhe que “de nenhuma maneira estava louco, que o que se passava é que era poeta. E que esse era o grande dano que tinha gente imbecil que aos poetas chamavam loucos” (CARDENAL, 2003 a, p. 373. Tradução nossa).

Enquanto ainda estava no colégio, planejava, ao terminar os estudos naquele lugar, fundar um partido político e mudar a Nicarágua. Os objetivos desse partido eram fazer oposição aos Estados Unidos e acabar com os inúteis partidos Liberal e Conservador (CARDENAL, 2003 a, p. 375). Já se prenunciava o que seria anos depois a Revolução Sandinista.

Chegou o momento de nosso poeta bacharelar-se e começar novas aventuras em outras terras. Pudemos perceber, ao estudar os anos de vida de Cardenal no internato, que aquele menino que se achava feio – talvez por conta do apelido “pizote” (narigudo), teve um final de infância e uma adolescência incríveis. Conviveu, através de livros e também por meio de conversas, com escritores que representavam a nova tendência da literatura hispano-americana, a qual estabelecia um diálogo com o que se havia de mais moderno no mundo, o que justificará grande parte de suas escolhas poéticas futuras. Isso sem mencionarmos que esses mesmos escritores eram também revolucionários. Teve, ainda, o prazer de estudar grandes obras da literatura universal nos momentos em que se dedicava à leitura dessas para sua avó. Também afirmou a sua religiosidade, angariou a certeza de que seria sacerdote, paradoxalmente desejando casar-se. Paradoxo esse que só ser resolverá quando fizer a opção definitiva pela “mulher de dentição perfeita”.

---

<sup>3</sup> Essa geração de 27 corresponde à segunda geração do Modernismo no Brasil. Uma temática muito recorrente desse período foi o compromisso social. Abordaremos, no capítulo 3, o Modernismo na Nicarágua ao tecermos considerações acerca do fazer literário cardenaliano.

Estudando essa etapa da vida de Ernesto, compreendemos ainda que no menino – e no adolescente – já estavam desenhadas as feições do poeta, do revolucionário, do sacerdote, do amante dos lagos da Nicarágua e do místico. Parece que Machado de Assis estava certo ao afirmar, em seu livro **Dom Casmurro**, ser o menino o pai do homem.

Passaremos a partir desse ponto do trabalho a abordar as aventuras vividas por Ernesto Cardenal Martínez em outras terras: México, Nova Iorque e Europa, para continuar a encontrar as singularidades do místico, poeta e revolucionário objeto desse estudo.

### **2.1.3 Deus me quer de outro modo: outras terras, outras experiências, uma mesma certeza**

#### **Cantaré al Señor mientras yo viva**

Le escribiré salmos

Séale grato mi canto

Bendise alma mía al Señor

Aleluya! (CARDENAL, 2003a, p. 76)

Terminados os seus estudos no Colégio *Centroamérica*, Cardenal parte para o México, a fim de estudar Letras, na Faculdade de Filosofia e letras desse país. Segundo ele mesmo relata em **Vida Perdida**, as aulas não o interessavam, mas sim “O café da faculdade onde, ao redor de uma de suas mesas circulares, nos reuníamos o grupo de sempre: Ernesto Mejía Sanches, eu, Tito Monterroso, Rosario Castellanos, Lolita Castro, Fedro Guillén, Wilberto Cantón, Alfredo Sancho, Ninfa Santos, ...” (CARDENAL, 2003 a, p. 40. Tradução nossa).

Nesse período, iniciam-se os enamoramentos de Cardenal e também começa a surgir a certeza de que estava destinado a Deus. Mas esses enlaces amorosos serão mostrados mais adiante detalhadamente. Nesse momento, somente abordaremos alguns para o evidenciar o quanto Deus o queria.

O grupo que se reunia no café da faculdade era formado por futuros grandes poetas. Para citar alguns, podemos evocar Tito Monterroso que, inicialmente, lia muito, mas não conseguia escrever até que, em um determinado dia, publicou o livro **Obras Completas e outros contos**, através do qual surpreendeu os leitores e a crítica com contos cheios de humor e até com um texto sintético, formado de apenas uma linha, segundo nos afirma Cardenal.

Destacamos ainda Lolita Castro, a qual se tornou uma poetisa reconhecida no México, e Rosario Castellanos que passou a ser uma grande romancista também no México. Do grupo de Cardenal, além de poetas, saíram também artistas destinados a outras artes que não a da palavra, jornalistas, sociólogos e até um futuro presente do México: Luis Echeverría.

Foi nessa época que nosso poeta nicaraguense descobriu ter uma “aberração”:



se uma moça me aceitava, eu a queria menos; se, depois, não me aceitava, eu me tornava louco por ela. E, também, me correu algumas vezes que equivocadamente pensei que, quando uma moça já estava conquistada, começava a querê-la menos, e, ao descobrir que não era certa a conquista, voltava a querê-la mais (CARDENAL, 2003 a, p.44. Tradução nossa).

Depois de se ter graduado no México, foi para os Estados Unidos com o intuito de continuar a estudar literatura na Universidade de Colúmbia – a maior universidade dos Estados Unidos, em Nova Iorque. Ernesto conta que, nesse período, esteve prestes a fazer a sua entrega final a Deus, sua entrega à vida religiosa, “mas não me atrevi[...]. E rezava rosários dia e noite” (CARDENAL, 2003 a, p. 45. Tradução nossa).

Essa fase mística passou assim que encontrou uma moça morena da Nicarágua. Após um roçar de mãos nas pernas dela – e nada mais! -, descobriu que “Deus não me queria para Ele naquele momento, que queria que eu amadurecesse mais, que me fizesse melhor poeta, [...]. Talvez me quisesse de outro modo em Nova Iorque” (CARDENAL, 2003 a, p. 46. Tradução nossa).

Passou grande parte de sua estadia em Nova Iorque vivendo na Casa Internacional, uma residência de estudantes junto à universidade de Colúmbia, um lugar agradável no qual era possível encontrar pessoas de várias partes do planeta e que vinham para aquela universidade completar seus estudos.

Enquanto viveu nesse lugar, não teve muitas namoradas. Relata, em **Vida Perdida**, as razões para isso: era exigente quanto à beleza da mulher, sentia-se feio, era tímido e acreditava convictamente que Deus o perseguia (CARDENAL, 2003 a, p. 47-48). Mas teve um relacionamento com uma moça costarriquenha bastante caliente: “Comiam-se com beijos (CARDENAL, 2003 a, p. 54. Tradução nossa), mas, aos poucos, foram se afastando, porque descobriram que não se queriam tanto assim. Percebemos que a força de Eros era marcante nos enamoramentos do poeta, mas havia uma força que o repelia da mulher objeto de seu desejo.

Nesse tempo, conheceu muitas mulheres. Dentre elas, aquela que se tornou esposa de Anastasio Somoza Debayle, o pior dos ditadores da dinastia Somoza. O nome dela era Hope Portocarrero. Ele a encontrou por acaso no dia em que ela estava se formando. Esses elementos aparentemente vistos como acaso – o pensar-se ser escolhido para “amante do Infinito”, o encontro com pessoas da família dos ditadores da Nicarágua – na verdade não o são, pois já sinalizam os passos futuros de Cardenal, mas naquela ocasião ele não se dava conta disso.

Nessa Universidade, assim como ocorria no México, não se interessava pelos professores ou pelas aulas, preferia ficar nas bibliotecas da Universidade ou na biblioteca

pública de Nova Iorque. Como sempre gostou de história, conforme já mencionamos, perdia-se nos livros que falavam da Nicarágua e da América Latina. Isso gerou inúmeros poemas, como é o caso do que citaremos a seguir. Cabe ressaltarmos que esse é um fragmento do livro

**El estrecho dudoso:**

Por lo que toca a su vida y sus costumbres,  
hombres y mujeres andan completamente desnudos.  
Son de mediana estatura y de buenas proporciones.  
Su carne tira a roja como el pelo de los leones,  
y soy de opinión que si anduvieran vestidos  
serían tan blancos como nosotros.  
Tienen sus pelos largos y negros,  
especialmente las mujeres,  
a las que sienta bien la larga y atezada cabellera.  
No son muy hermosos sus semblantes  
porque tienen las caras chatas o aplastadas  
semejantes a las de los tártaros.  
[...]  
No tienen jefes ni capitanes de guerra  
sino que andan sin orden, cada uno libremente.  
Esta gente vive en libertad, no obedece a nadie  
ni tiene ley ni señor. No riñen entre sí.  
(CARDENAL, 1985, p. 43-44)<sup>4</sup>

Esse trecho do poema narrativo, a partir de uma relação intertextual com as cartas dos primeiros espanhóis que chegaram ao país de Cardenal, mostra as feições dos indígenas que ali viviam e sua forma de organização social. O narrador desse texto deixa transparecer crenças do autor, como o fato de que, antes da chegada dos conquistadores ao estreito duvidoso, havia uma organização social mais eficiente, na qual não existia a necessidade de chefes, nem de leis para se viver em paz. Aponta também para aquele que será o destino desses povos após o achamento de suas terras pelos colonizadores: a perda da liberdade, a subserviência. Ao acentuar esse aspecto, fica evidente a crítica feita ao sistema colonial opressor.

Foi nesse período que leu as obras de Santa Teresa e de São João da Cruz. Confessa não ter entendido a experiência mística de Santa Teresa naquele momento, mas que achou bastante

---

<sup>4</sup> Ao que diz respeito à sua vida e a seus costumes/ homens e mulheres andam completamente nus./ São de mediana estatura e de boas proporções/ Sua carne parece vermelha como a juba de leões/ e sou da opinião de que se andassem vestidos seriam tão brancos como nós./ Têm seus cabelos compridos e pretos,/ especialmente as mulheres/ para quem caem bem a longa e volumosa cabeleira./ Não são muito formosos seus semblantes/porque têm as caras chatas ou esmagadas/ semelhantes a dos tártaros.[...]/ Não têm chefes nem capitães de guerra/ Dessa forma, andam sem ordens, cada um livremente./ Esta gente vive em liberdade, não obedece a ninguém /nem têm lei nem senhor. Não brigam entre si (tradução nossa).

inovadora a incorporação da oralidade em seus escritos. Quanto à obra de João da Cruz, essa entendeu, tanto é que ficou registrada em sua memória a passagem “para possuir a Deus tem que renunciar absolutamente a tudo” (CARDENAL, 2003 a, p. 48. Tradução nossa). Sabia não poder fazê-lo naquele momento, pois, como ele próprio declarou, “Deus me perseguia e eu perseguia as mulheres” (CARDENAL, 2003 a, p. 48. Tradução nossa). Entretanto, quando sua hora final chega, compreende e aceita as palavras de São João “não deve querer nada, desejar nada” (CARDENAL, 2003 a, p. 48. Tradução nossa). A entrega deve ser total.

É importante mencionarmos que foi nesse período de sua vida que teve contato como os poemas de Thomas Merton (já conhecia obras em prosa desse autor da época em que as lia para sua avó). Tudo começou quando leu no New York Times sobre o lançamento de um livro de poemas de Merton. Sentiu um soco no estômago. Relata, também em *Vida Perdida*, que não conseguia dizer se o que sentia era decorrente de ser um livro desse famoso escritor, ou de ser um livro de um monge trapista. (CARDENAL, 2003 a, p. 49).

Comprou o livro, leu, traduziu para o espanhol alguns poemas. Encontrou-se na leitura do místico. Adquiriu outros livros dele: **A Montanha dos Sete Patamares** e **Sementes de Contemplação**. Mas adiou a leitura. Não estava pronto para o encontro místico que a leitura de Merton proporcionaria. Conta-nos o seguinte a respeito desse momento: “eu perseguia as mulheres como disse, na Casa Internacional, na Universidade de Colúmbia, em Nova Iorque, ou o sonho de uma mulher que não havia” (CARDENAL, 2003 a, p. 49. Tradução nossa). Já está presente neste comentário algo que desenvolveremos mais adiante através de um poema: as mulheres, com sua beleza, são ou não reflexos de Deus, ou ainda, Cardenal não buscava a beleza efêmera, mas uma beleza que nunca envelheceria.

Foi um período de dúvida, de medo de “morrer jovem sem ter se entregado a Deus. Mas não me atrevia a fazê-lo” (CARDENAL, 2003 a, p. 49. Tradução nossa). Por isso, buscava a oração e o amparo da Virgem.

Motivado por namoros rápidos e pela dúvida “Deus ou as mulheres”, decide sair dessa cidade indo passar uma temporada na Europa. No entanto, durante os meses em que lá viveu, “o dilema vocação, não vocação seguiu me atormentando” (CARDENAL, 2003 a, p. 55. Tradução nossa).

Em Madrid, Ernesto conheceu Christine. Enamorou-se. “Christine me fascinou desde antes de conhecê-la, porque a tinha visto em uma foto” (CARDENAL, 2003 a, p. 55. Tradução nossa). Ela tinha quinze anos (ou talvez dezesseis, no máximo), ele já havia completado vinte e quatro. Estavam se entendendo bem, porém, um dia nosso místico, na ocasião estudante,

resolveu levar a amada para visitar o Museu do Prado. Essa visita mudou tudo entre os dois, pois, ao ver um

tríptico que tinha pintado ao lado esquerdo uma moça belíssima com a idade de Christine, com o rostinho parecido com Christine, e uns peitos nus, pequenos e hirtos; e, no centro, da obra havia uma velha enrugada feíssima, e no lado direito, um esqueleto. Eram as três etapas da mulher: juventude, velhice e morte[...] o destino humano é brutal. (CARDENAL, 2003 a, p. 56-57. Tradução nossa).

Depois dessa visão, Cardenal compreendeu que não havia no humano beleza eterna. Não teve outra opção: afastou-se. “Ainda que fosse linda, [...] tinha que deixá-la. Deixá-la pelo matrimônio que buscava na Nicarágua. Ou a vocação? Porque sempre estava em dúvida. (CARDENAL, 2003 a, p. 57. Tradução nossa). Vivia “o doloroso dilema da união conjugal ou solidão com Deus” (CARDENAL, 2003 a, p. 58. Tradução nossa).

Em outros lugares por onde passou, viveu a mesma incerteza, que a visão daquele tríptico no Museu do Prado já havia esclarecido: “não queria uma beleza que morresse, nem uma beleza que se tornasse feia, que talvez é o pior” (CARDENAL, 2003 a, p. 59. Tradução nossa). Também não queria esposar uma mulher que engordasse. Na verdade, tinha como ideal a mulher descrita pelo místico colombiano Fernando González, segundo o qual “havia de amar tão somente àquela beleza que ‘teria sempre a dentição perfeita’” (CARDENAL, 2003 a, p. 59. Tradução nossa).

Depois de muitos enamoramentos, Cardenal chegou à conclusão de que “estava condenado a ser de Deus” (CARDENAL, 2003 a, p. 60. Tradução nossa). Ocorreu, quando estava em Paris, um episódio que comprovou isso. Ele e seu amigo Carlos Martínez foram a um bordel para procurar profissionais do sexo, mas nada acharam, porque, naquele dia, todas estavam trabalhando. Nem nas ruas havia prostitutas, uma vez que a polícia havia retirado todas de lá. Segundo Ernesto, era Deus que, com ciúmes dele, não permitia que tivesse encontros efêmeros. O fato é que não buscava muito pelo encontro de corpos. Não foi por acaso que só perdera a virgindade aos vinte e um anos e, mesmo depois de conhecer essa forma de prazer, só a buscava se não a conseguia sublimar.

Muitas vezes, Ernesto tinha dúvidas a respeito do fato de ser mesmo Deus que atuava impedindo que tivesse êxito em amores humanos ou em encontros de “sexo sem amor”. Não sabia ao certo se a participação de Deus nesses momentos era algo real ou se não passava de “frutos de sua imaginação” (CARDENAL, 2003 a, p. 62. Tradução nossa). Uma vez que nosso poeta acreditava que “Deus não só é o Deus do real e do imaginário, mas também dos erros”

(CARDENAL, 2003 a, p. 63. Tradução nossa), não via problema algum em errar, em ter desejos ligados ao sexo, pois não o enxergava como uma forma de desligamento do sagrado, mas talvez como uma via para esse encontro. Lamentava, entretanto, a moral ocidental judaico cristã que associa sexo a pecado, não conseguindo enxergar ser essa forma de prazer uma interessante maneira de gerar vida e de se concretizar a união mística. Abordaremos esse assunto mais detalhadamente no capítulo quatro dessa tese.

Finalizando essa parte do capítulo, é mister mencionarmos que conhecer outras terras, e conseqüentemente novas formas de ler o mundo, fizeram Cardenal definir alguns traços que marcariam sua trajetória enquanto poeta, enquanto amante, enquanto humano, além de reforçarem nele a ideia de que pertencia a Deus.

Terminados esses tópicos os quais mostraram estarem presentes, desde a infância, em Cardenal, elementos que o construiriam enquanto sacerdote, poeta, místico e revolucionário, passemos, a partir desse ponto, a uma nova etapa na qual apresentaremos a total entrega dessa criatura ao Criador.

## 2.2 UMA EXPERIÊNCIA ABISMAL

Olho o Tejo, e de tal arte  
Que me esquece olhar olhando,  
E súbito isto me bate  
De encontro ao devaneando –  
O que é sério, e correr?  
O que é está-lo eu a ver?

Sinto de repente pouco,  
Vácuo, o momento, o lugar.  
Tudo de repente é oco –  
Mesmo o meu estar a pensar.  
Tudo – eu e o mundo em redor –  
Fica mais que exterior.

Perde tudo o ser, ficar,  
E do pensar se me some.  
Fico sem poder ligar  
Ser, ideia, alma de nome  
A mim, à terra e aos céus...

E súbito encontro Deus. (PESSOA, 1980, p.79)

Nos últimos tempos, temos pensado nos abismos, em seus significados e na enorme atração que exercem sobre os homens. Não falamos aqui só dos abismos no seu sentido literal – precipício, abertura profundo em um terreno -, mas também de todos os abismos que povoam

nossa alma, das situações limítrofes que vivenciamos em nosso dia a dia, dos momentos em que somos chamados a decidir sobre algo e nos sentimos fracos, impotentes e confusos. O fato é que, muitas vezes, estamos à beira de abismos e precisamos decidir se retroagimos e voltamos a uma situação de conforto por ser o conhecido, ou pulamos no precipício e experimentamos o novo, o desconhecido, que não é confortável e pode nos levar – e normalmente leva – a alguma forma de morte.

Cardenal, durante muito tempo, esteve à beira do abismo e, muitas vezes, recuou, não tinha coragem de se lançar ao desconhecido, pois acreditava que, ao precipitar-se no abismo da busca de Deus – aquele que tem a “dentição perfeita”, mas também é o novo – morreria para os amores sensuais humanos, teria que abdicar das *muchachas* em prol da “*muchacha* das *muchachas*”. Teria ainda que mergulhar no profundo e desconhecido espaço de seu interior, em busca daquele que nos habita e nos envolve.

Esse capítulo será dedicado a narrar a experiência abismal, vivida por Ernesto Cardenal Martínez e das consequências dela em sua vida e na vida daqueles que, a partir daquele momento, passaram a viver com o novo ele, dentre os quais podemos citar: sua família e amigos os membros da Trapa – em especial Merton –, os moradores de Solentiname, os que viveram com ele a “Revolução Perdida”, os que o encontraram pelo mundo enquanto buscava apoio à sua causa e nós – os leitores de seus textos.

### 2.2.1 “Condenado a ser de Deus”: aquele dois de junho de 1956 ...

Una sensación muy extraña,  
 algo difícil de explicar...  
 como si un Angel  
 me acariciara el alma...  
 y mi corazón quisiera volar...  
 De repente, una invasión de silencio...  
 como si los pájaros dejaran de cantar,  
 el viento que revolvia mi pelo,  
 por un instante, dejo de soplar...  
 En verdade no tenía muy claro  
 si estaba soñando, o era realidade...  
 ... que tempo duró el hechizo...  
 ... un segundo... o una eternidad...?  
 solo se que alucinaron mis sentidos,  
 el día que mis ojos, conocieron tu mirar...  
 (LEIWIR, 2019, blog)

Me eriza pensar  
 Como será que dices  
 Cuando dices mi nombre (CARDENAL, 1993, p. 34)

Todas as pessoas têm o seu momento, sua “hora zero”. O instante em que um olhar, uma “mirada”, tudo transforma e temos a certeza de que o mundo exterior deixou de existir, que só importa segurar aquela mão, apertar aquele ser em nossos braços, desejar que aquele beijo se torne infinito. E, assim, resolvemos nos entregar, pertencer àquele que já nos completa, que faz parte de nós, àquele de quem nós necessitamos. Provavelmente foi isso o que sentiu Cardenal naquele 02 de junho de 1956, quando as sirenes tocavam, anunciando o matrimônio de Ileana, a mulher que fora sua namorada, com o embaixador do ditador Somoza. Mas essas emoções vividas pelo poeta não ocorreram em virtude dessa cena, foram só motivadas por ela. Na verdade, aconteceram porque, naquele dia, naquela hora, Ernesto sentiu-se penetrado pelo Infinito. A relação era um misto de dor, de vergonha, de medo e de um enorme prazer. Prazer esse jamais alcançado antes com nenhuma mulher com quem se deitara. Cardenal pertencia agora, e de forma irremediável, ao Criador das mulheres, do sexo e do amor.

O sábado 02 de junho ao meio-dia, na hora do casamento, estava na minha livraria, sem outra pessoa além da atendente, e imediatamente se ouviu, nessa avenida, que era a Roosevelt, as estridentes sirenes da caravana de Somoza, que paralisavam o tráfego como bombeiros e ambulância enquanto corriam à máxima velocidade. Era Somoza que vinha do casamento na catedral e se dirigia à Casa Presidencial.

[...]

Aquelas estrondosas sirenes soaram em meus ouvidos como clarinetas de triunfo. Um triunfo sobre mim. Por estranho que pareça, rápido como um flash, minha mente percebeu uma superposição de Deus e o ditador como se fossem um só; um só que tinha triunfado sobre mim [...] O fato é que me senti abatido até o fundo do abatimento. O que eu sentia é o que expressa aquele salmo chamado “De Profundis” [...] então me rendi a Deus. Pensei que já havia lutado muito infrutiferamente. Que não me ficava mais que provar a Deus. Expunha-o todo! E via que tal me ia. Disse, desde o mais profundo de minha alma: “Me entrego” (Tudo o que conto foi rapidíssimo, apesar de que são lentas as palavras para contá-lo). Ao fazer essa entrega, senti em mim um vazio que não tenho outra maneira de qualificá-lo senão como “cósmico”. A pobreza total dentro de mim. Estava já sem nada. Até o ponto que me parece que eu senti muito pesar de mim. E, nesse instante, me pareceu que entrava dentro de minha alma como uma brisa, algo sutil do que eu tinha provado antes um pouquinho: a paz de Santo Inácio. A que começava a sentir quando me acercava da entrega; mas agora se fazia grande; e eu já sabia de onde procedia isso que me estava entrando; e me lembrei do que aconselhava São João da Cruz e o quis repelir, para não me equivocar com nada falso. E apesar de repelir, aquilo crescia mais. (Tudo isso muito rápido como disse). E isso passou de uma paz muito saborosa para um deleite muito grande, um prazer imenso, que se ia fazendo cada vez mais imenso até ser intolerável. E senti que falava comigo, me comunicava sem formular em palavras: “Isto é o que eu queria desde já faz tanto tempo. Agora já nos unimos”. E minha alma se sentia suja, envergonhada. Enquanto cada vez me apertava mais, era abraçado mais e mais forte por um prazer sem limite. E então lhe disse para não me dar mais prazer porque me mataria. Já me doía muito. Se me fizesse gozar mais me matava. E me parece, todavia que aumentou um pouquinho mais e já

cessou. Deixando-me aturdido. Abobado. E senti que minha vida ia mudar completamente. E me recordo muito bem que pensei que eu ia sofrer muito: me imaginei com uma coroa de espinhos. E é porque crescia qualquer forma de loucura. E é porque estar tendo, por toda a vida uma coisa como essa, era como poder aguentar qualquer sofrimento. Nessas duas coisas me equivoquei. Quanto aos sofrimentos, e quanto a ter isso toda a vida: não voltei a repetir [essa experiência] nunca (CARDENAL, 2003 a, p.74-75. Tradução nossa).

Abordaremos um pouco mais dessa experiência transformadora nas próximas páginas de nosso trabalho.

Cardenal viveu todas as relações motivadas por Eros, o sexo, o enamoramento, a paixão, a falta. Mas, como um ser fadado a ser de Deus, foi escolhido pelo Criador do Amor para se unir a ele, a partir de uma união mística. Em **Vida Perdida**, Cardenal declara que “entende o amor de Deus porque antes viveu o amor terreno” (2003a, p. 389. Tradução nossa). Entendendo o amor de Deus e vivendo esse amor, saboreando-o, seu amor se transformou. O desejo da carne tornou-se um anseio da alma, de uma alma enamorada, feminina, sedenta de amor, desejosa de se unir a Ele e, assim, tentar aplacar a sua sede de Infinito.

A experiência místico-extática, vivida por Cardenal no dia 02 de junho de 1956, foi mantida em segredo por dez anos, mas, depois desse período de silêncio, ele a cantou em prosa e em verso. As palavras usadas para a narrar são de um lirismo muito singular e dizem muito do que se experiencia nesse encontro íntimo com o Criador.

Faustino Teixeira<sup>5</sup>, em alguns de seus livros sobre diálogo inter-religioso, faz menção o fato de ser uma experiência abismal vivida pelos místicos o elemento que deflagra a “chispa” e proporciona o encontro com o Amado. Provavelmente a fagulha se deu, em Cardenal, no momento em que ele ouviu a sirene dos carros de Somoza, anunciando que o ditador voltava das bodas de seu sobrinho com Ileana. Tudo é datado: 2 de junho, um sábado, ao meio-dia. Esse foi o dia, essa foi a hora da experiência de união entre Cardenal e Deus, do encontro que fez somar ao amor erótico o amor *philia* e proporcionou ao nosso místico acessar o amor ágape. Essa experiência permitiu Ernesto Cardenal vislumbrar a Face de Deus, mas, como num ato sexual, a união se deu por ínfimos instantes, instantes que modificaram a existência e levaram

---

<sup>5</sup> Faustino Teixeira, doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana (Roma), é um dos grandes cientistas do diálogo inter-religioso, da Teologia e da mística. Possui inúmeros livros publicados, versando sobre esses assuntos. Um exemplo de livro desse autor em que encontramos referência a esses elementos deflagradores da experiência místico é **Buscadores do diálogo: Itinerários inter-religiosos**.



Cardenal à vida religiosa, a ser um revolucionário, a lutar pelas “milícias do não”. Enfim, esse momento de “intimidade com o Infinito” colocou-o definitivamente nos braços do Amado.

A primeira narrativa desse íntimo contato está no livro **Vida no Amor**. Nesse livro, Cardenal narra o encontro, mas não deixa explícito que ocorrera com ele. A narrativa é de um lirismo arrebatador:

De repente a alma sente sua presença numa forma em que não pode equivocarse, e com tremor e espanto exclama: “tu deves ser aquele que fez o céu e a terra!”. E quer esconder-se e desaparecer dessa presença e não pode, porque está como entre a espada e a parede, está entre ele e ele, e não tem aonde escapar, porque essa presença invade céus e terra e invade também a ela totalmente, e ela está em seus braços. E a alma que perseguiu a felicidade toda a sua vida sem saciar-se nunca e procurando todos os instantes a beleza, o prazer e a felicidade e o gozo, querendo sempre gozar mais e mais, agora em agonia, afogada num oceano de deleite insuportável, sem margens e sem fundos exclama: “basta, basta! Não me faças gozar mais, se me amas, porque eu morro!”. Penetrada de uma doçura tão intensa que se transforma em dor, uma dor indescritível, como algo agridoce que fosse infinitamente amargo e infinitamente doce. Tudo é talvez em um segundo, e talvez não voltará a repetir-se em toda a sua vida, mas quando esse segundo passou a alma entende que toda a beleza e as alegrias e gozos da terra ficaram desvanecidos, são “como esterco”, como disseram os santos (skybala, “merda”, como diz São Paulo) e já não poderá gozar jamais em nada que não seja isso e vê que sua vida será a partir de então uma vida de tortura e de martírio porque enlouqueceu, está louco de amor e de nostalgia do que provou, e vai sofrer todos os sofrimentos e todas as torturas contanto que venha provar uma segunda vez, um segundo mais, uma gota mais, essa presença.

Amizades, vinho, mulheres, viagens, festas tudo se desvaneceu para sempre e a alma já não conhecerá jamais outra alegria maior do que a felicidade que sentiu (CARDENAL, 1979, p. 63,64).

Essa experiência é cantada por Cardenal, posteriormente, em versos, nos livros **Cántico Cósmico**, **Telescopio en la noche oscura**, **Versos del Pluriverso** e novamente é contada nas páginas de seus diários **Vida Perdida** e **Las Insulas Extrañas**. Isso mostra o quão dilacerante e abismal foi este contato entre a alma do místico e o Criador. Sua alma viveu o encontro amoroso com um Deus ciumento e “louco de amor, e seu comportamento, portanto, é imprevisível” (CARDENAL, 1979, p. 34). Se pensarmos na chama, no calor desse encontro, imaginamos que “em qualquer momento o amante pode cometer um disparate, porque, como todo que ama, não raciocina. Está bêbado de amor” (CARDENAL, 1979, p. 34). A alma, assim, diante desse rompante de Deus, sente-se frágil e, ao mesmo tempo em que quer muito viver o prazer o qual lhe é proporcionado, também tem medo da ferida que tal encontro possa lhe causar. Mas, ao final dessa relação tão íntima e tão pessoal, percebe que a dor que por ventura pudesse sentir, não é nada diante do prazer experimentado.

A dimensão erótica do amor nunca foi descartada tanto da vida quanto da obra de Ernesto Cardenal, não é por acaso que já bem mais velho, durante uma conferência, ao ver uma belíssima mulher no fundo da sala em que discursava, relata ser capaz de tudo abandonar por aquele rosto. Porém, após essa entrega amorosa, essa união com Deus, o amor-paixão, tantas vezes dividido entre desejo de realização e dúvida, transforma-se também em amizade, em militância, em caridade, outras faces do Amor.

Em certa ocasião, o amigo Merton dissera-lhe que “no princípio, a vida contemplativa era uma mudança de vida. Tinha-se uma vida distinta. E depois voltava a ser a mesma. Mas, para chegar a isso, primeiro tinha que ser distinta” (CARDENAL, 2003b, p. 81. Tradução nossa). Essas palavras de Merton fizeram Cardenal entender ser normal o paradoxo que vivia, pois “sentia uma atração irresistível à união conjugal; obsessão seria melhor dizer. Ao mesmo tempo, sentia dentro de mim, um chamado irreprimível a uma entrega total a Deus na vida religiosa” (CARDENAL, 2003 a, p. 19).

Serenando o coração com o correr dos anos, o místico chega à conclusão de que o dilema que achava viver nunca existira, que era possível conciliar o amor pelas *muchachas* e o desejo pelo Infinito, que amor erótico é uma das faces do Amor. A respeito dessa nova perspectiva em relação ao amor – e mesmo em relação à vida -, o poeta diz-nos o seguinte:

renunciei ao amor humano por erro. Não havia tal dilema como eu acreditava. Mas sem esse erro eu não teria tido a união com Deus [...]. E mais: sem este erro de escolher o celibato eu não teria sido tampouco revolucionário. Teria sido burguês. Esse era o rumo de minha vida. Antes da Revolução Sandinista tinha sido, no fundo, um intelectual simpatizante do Sandinismo, não um militante revolucionário [...]: ditoso erro (CARDENAL, 2003a, p. 65. Tradução e grifos nossos).

Depois desse ditoso erro, o místico revela “não voltei a sentir mulher. Pior que eunuco, porque esses já não têm nenhum desejo, e os do Reino estão com os órgãos inteiros, como eunucos sem ser eunucos: e por amor” (CARDENAL, 2003b, p. 169. Tradução nossa).

Cardenal relata que a experiência unitiva com Deus resultou, de imediato, em uma espécie de “vazio cósmico”, de uma pobreza total dentro de mim. Estava já sem nada” (CARDENAL, 2003a, p. 74. Tradução nossa) e, após um prazer indescritivelmente intenso, houve a sensação de que ia sofrer muito. Foi um equívoco. Não sofreu toda a vida. Porém, nunca mais teve essa experiência em sua vida. Pelo menos até o presente momento, o místico não externalizou tê-la vivido novamente. A respeito dessa sensação de vazio, em **Las Insulas Extrañas**, segundo volume das memórias de nosso místico, o seguinte é relatado:

Nesses momentos [de união com Deus], a alma está nua, sinto-a sem roupa, como a esposa diante de seu marido. Meu coração está vazio, mas nada lhe falta, porque nesse vazio está Deus, que é o tudo que se sente como nada. Assim, Ele é o vazio que me preenchia [...]. Meu coração é um grande vazio para que o encheis Vós (CARDENAL, 2003b, p. 30-31).

Com essas palavras, Cardenal nos permite vislumbrar o “vazio pleno”, construção textual aparentemente paradoxal, mas que nos permite ter uma noção do quão intensa, dilacerante, saciadora e abismal é a experiência amorosa com Deus.

Depois daquele sábado, 2 de junho, Cardenal passou por uma mudança profunda em sua vida: não quis mais frequentar festas – o que antes lhe dava bastante prazer –, não quis mais beber ou fumar: “Estava como tonto, sem querer nada, sem pensar em nada. Me sentia por dentro vazio, mas não vazio de Deus, mas das coisas ou de mim mesmo, vazio de todo interesse, de todo desejo” (CARDENAL, 2003a, p. 280. Tradução nossa). Buscava, por esse motivo, o silêncio dos lagos da Nicarágua e o abrigo proporcionado pela leitura. Afinal, desde aquele dia assinalado, “tudo o que antes me interessava, me dava grande aborrecimento. Toda conversa me era insuportável devido a meu desapego interior” (CARDENAL, 2003a, p. 93. Tradução nossa).

Thomas Merton, no prólogo do livro **Vida no Amor**, diz o seguinte sobre o amor:

O amor é um ato de entrega e uma intuição desse ato: a intuição de uma liberdade que somente se alcança com a entrega no meio da contradição. O amor se faz perfeito numa dialética de ato e intuição, culminando na misteriosa presença de alguém que é invisível, mas que é amor – e então compreendemos que tanto o ato quanto a intuição procedem de sua presença (CARDENAL, 1979, p. 16. Grifos nossos).

Essas palavras de Merton dão-nos uma ideia do que se passou com Cardenal: ele experienciou uma união íntima com o Amor do qual procede todas as outras formas de amor. Após esse contato tão singular, não lhe restava outra opção a não ser pertencer ao Criador das “*muchachas em flor*”, estava “condenado a ser de Deus”. E a toda a experiência amorosa vivida sob a influência de Eros somam-se outras formas de amor.

Após esse contato íntimo com o Amado, o místico Cardenal percebe que “o que o poeta busca na poesia e o pintor na sua pintura eu tinha aqui. O que o ditador busca no poder e o rico no dinheiro [...] e o que antes procurei eu também inutilmente, tudo isso eu tenho aqui. Toda a minha vida está aqui e todo meu mundo e todos os meus amores” (CARDENAL, 1979, p.61).

A angústia constante vivida por Cardenal é, após a entrega definitiva a Deus, aplacada. Antes o poeta relatava que sentia uma profunda solidão que não conseguia vencer, buscava preencher o vazio que sentia no sexo, nas festas e nas muitas namoradas com quem se relacionou. Não foi possível com esses recursos apagar a chama que o consumia. Pensava amar as *muchachas*. Não amava. Só após o encontro amoroso com o Amado, ao ter sua alma saciada, percebeu que teve paixões – fogo, calor, efemeridade – não um amor verdadeiro. Isso porque compreendeu que “o amor é quando outro habita dentro de nossa pessoa. [...] É estar vazio de si mesmo e cheio de outro” (CARDENAL, 1979, p. 72).

A partir do ocorrido naquele 2 de junho, o místico nicaraguense toma consciência de que somos como poças d’água que refletem Deus. Entende que mesmo os que fazem sofrer são água que refletem o Criador, o único problema é que são águas turvas que ofuscam o nosso olhar. Diante dessa constatação, não tem como não se dedicar ao outro que, apesar de diverso do “nós”, também nos diz de Deus. Assim, como bem assinala Luce López Baralt (2012), é a partir da experiência do vazio vivida por Cardenal que todo o seu trabalho político, engajado, se estrutura. É por reconhecer no outro o Criador que ele entra na Trapa, que cria Solentiname, que luta por justiça, que participa de uma revolução, que se torna Ministro da Cultura, que faz oficinas artísticas para aplacar a dor de crianças com câncer e que se deixa estar nas graças do Pai. Por isso, como também afirmou López Baralt, “Cardenal é um poeta místico, o qual se torna revolucionário por amor ao Reino, justamente após receber a indizível graça do êxtase místico em 02 de junho de 1956” (2012, p. 11. Tradução nossa).

Frei Betto, no livro **Mística e Espiritualidade**, diz que os místicos são aqueles que acessam o mistério, mistério esse que se dá no êxtase, mas também

cotidianamente, na experiência de respeito diante da realidade e da vida. Quem não se extasia diante da criança que nasce? Quem não se enche de profundo respeito face a um rosto sofrido e curtido de um indígena do altiplano da Bolívia? Quem não emudece diante dos pés grossos e calosos do camponês nordestino que trabalha no sertão árido de sol a sol? Existe aí uma sacralidade que se impõe por ela mesma (2014, p. 55).

Essas palavras de Frei Betto vão ao encontro das de Luce Lopez-Baralt e, por sua vez, refletem a opção de Ernesto Cardenal em prol das “milícias do não” e mostram que o místico moderno – Como Cardenal – sabe que não é possível a salvação de um sem a salvação de todos;

afinal, como o próprio Cardenal nos fala em um de seus poemas, de **Versos del Pluriverso**, “Compasión como um fator de la evolución/ Altruismo el outro” (CARDENAL, 2005, p.30)<sup>6</sup>.

É mister explicarmos, a fim de finalizar esse tópico, que, para dar conta da experiência mística, as palavras humanas são “pobres”, limitadas, insuficientes. Cardenal, certa vez em uma conversa com Luce Lopez-Baralt, disse que “explicar a alguém que não viveu a experiência mística o que ela significa é como explicar a um cego a cor azul” (GONZÁLES, 2011, p. 17. Tradução nossa). Por essa razão, os místicos, ao tentarem contar do ocorrido com eles, usam a linguagem apofática, que seria “uma linguagem de desdizer”, marcada por constantes dislates. Abordaremos, no capítulo quatro desta tese, essa linguagem muito peculiar. Por agora, mostraremos as consequências do encontro místico-erótico de Cardenal com Deus.

### 2.2.2 Silêncio e recolhimento

O silêncio é o modo  
Como o marido habita a casa  
(COUTO, 2016, p. 56)

Tinha tido essa grande fome sem saber que era fome  
(CARDENAL, 2003 a, p. 79)

Começamos essa parte do trabalho com uma indagação: o que leva um homem a buscar a solidão? Deixar amigos, parentes, profissão, o azul dos lagos de seu país, para buscar acessar o sagrado pelo silêncio e pela contemplação?

Após a experiência amorosa vivida com o Infinito, Cardenal sentiu-se repleto do amor de Deus. Era um amor tão grande e intenso que o preenchia corpo e alma e o saciava. Nada mais ansiava a não ser manter-se unido a Ele. Esse amor a Deus levou Ernesto Cardenal a renunciar à sua Terra, às mulheres e até a poesia (pelo menos em um primeiro momento).

Em **Vida en el Amor**, temos que:

O PRAZER é um falso Deus que nos diz: entrega-te a mim e eu te saciarei. Mas não nos sacia nunca porque nossa alma é maior do que o prazer. Não se contenta com o prazer que não seja infinito. Somos ânforas rachadas. Nem com uma beleza que tenha limite. E toda beleza que não é Deus tem um limite (CARDENAL, 1979, p.70).

---

<sup>6</sup> Compaixão como um fator de evolução. /Altruísmo o outro”. Tradução nossa.

Essa passagem diz-nos muito sobre a escolha de Cardenal: sua vida estava perdida para o mundo, mas ganha para Deus. Há um poema do livro **Epigramas** no qual percebemos um viés bastante expressivo da mística cardenaliana, uma vez que mostra, metaforicamente, a alma sedenta à espera do Amado, a fim de que esse venha para unir-se a ela e, dessa forma, aplacar seu desejo de união, de retorno ao Uno. O poema é o seguinte:

Como canta de noche la esquirina<sup>7</sup>  
 al esquirín que está sobre outra rama:  
     “Esquirín,  
     si querés que vaya, iré  
     si querés que vaya iré”  
 y a su rama la llama el esquirín:  
     “Esquirina,  
     si querés venir, vení,  
     si querés venir, vení”,  
 y cuando ella se va donde él está  
 el esquirín se va para outra rama:  
     así te llamo yo a ti,  
     y tú te vas.  
     Así te llamo yo a ti,  
     y tú te vas<sup>8</sup>  
 (CARDENAL, 2001, p. 58)

A respeito desse poema, o próprio poeta relata, em **Vida perdida**, o que o motivou nessa criação poética:

Por então é que escrevi um epigrama dos *esquirin* e talvez ninguém tenha percebido que a voz que fala seja feminina. Inspirou-me uma canção folclórica nicaraguense que alguém publicou em **A Prensa** nesses dias. É uma queixa que *esquirina* faz ao *esquirin*. E eu não o estou escrevendo já a nenhuma *muchacha*, na realidade não tinha *muchacha* a quem escrever. Estava escrito vagamente a Deus; ou é realmente a queixa da alma a Deus. Nas edições de

<sup>7</sup> Segundo o site <https://cuentosnicaragua.blogspot.com.br/diccionario-mitologico.html>, acessado em 10 de nov 2016, Esquirin/Esquirina é *tecolote (tecol-ote)* - ave que anuncia o final da vida, que prenuncia o destino. Em português, podemos ler que essa ave é a coruja (macho e fêmea). A palavra esquirín, então, pode representar a morte para a vida mundana e a conseqüente entrega a Deus. “Se quieres que eu vá, irei” (ou seja, se quieres que me entregue a ti, que deixe de lado os amores terrenos e me entregue a teu amor, eu irei).

<sup>8</sup> Como canta de noite a esquirina/ ao esquirín que está sobre outro ramo:/ “Esquirín, / se quieres que eu vá, irei/ se quieres que eu vá, irei” /e de seu ramo lhe chama o esquirín: / “Esquirina, / se quieres vir, venha, / se quieres vir, venha, ” / e quando ela vai até onde ele está / o esquirín vai para outro ramo: / assim te chamo eu a ti, / e tu te vais. / Assim te chamo eu a ti, / e tu te vais. (Tradução nossa) - **Mantive o original esquirín e esquirina por uma questão estilística, apesar de haver o corresponde – coruja macho e fêmea - para esses termos em português.**

meus epigramas, costuma estar entre os últimos, e é porque foi o último de minha vida (CARDENAL, 2003a, p. 73. Tradução nossa).

Se a voz que fala é a da coruja fêmea dirigindo-se à coruja macho, e se a coruja fêmea é a alma e a coruja macho é Deus, podemos entender que a alma à noite canta a Deus, dizendo: “se queres que vá, irei”. Deus, por outro lado, responde: Se queres vir, venha”. Mas quando a alma se aproxima, Deus vai para outro lugar. Assim acontece entre a alma do poeta e Deus: ela o chama, e ele parte; mantendo, assim, a falta, o desejo não saciado e a solidão.

Nessa mesma linha temática, encontramos o poema conhecido como “As pombinhas de San Nicolás” que também mostra a busca do poeta (ou de sua alma) por Deus. Nesse texto que tematiza um amor sponsal, há um jogo linguístico que mostra aproximação e afastamento: “Quando uma se move, a outra vai atrás, / E quando esta é a que foge, / Aquela segue” (CARDENAL, 1996, p. 391). Esse jogo textual remete ao que ocorre entre o místico e Deus: às vezes se separam, mas sempre se buscam, porque, feridos pelo amor, não podem permanecer distantes. O poema, na íntegra, é o seguinte:

Somos como esas dos palomitas de San Nicolás  
 que cuando una se corre  
                                   la outra va detrás  
 y cuando esta es la que huye  
                                   aquélla la sigue  
 pero nunca se aleja la una de la outra  
                                   siempre están en pareja.  
 Cuando vos te me vas  
                                   yo voy detrás de vos  
 y cuando yo soy quien me voy  
 vos vas detrás.  
 Somos como esas dos palomitas  
                                   De San Nicolás.<sup>9</sup>  
 (CARDENAL, 2012, p. 391)

Essa alma ansiosa pelo amor dos amores não encontraria consolo até se abrigar nos braços de Deus, mesmo que, para isso, tivesse que perder a sua vida terrena, repleta de *muchachas*, de beijos e abraços. Porém, assim como a coruja tradicionalmente prenuncia o

---

<sup>9</sup> Somos como essas duas pombinhas de San Nicolás/ que quando uma corre/ a outra vai atrás/ e quando esta é a que foge/ aquela a segue/ mas uma nunca se afasta da outra/ sempre estão em par. / Quando Tu de mim te vais/ eu sigo atrás de ti/ e quando sou eu quem me vou/ tu vais atrás. / Somos como essas duas pombinhas/ de San Nicolás. (CARDENAL, 1996, p. 391)

destino, o poema apresenta-nos o destino do místico Cardenal: passar toda a vida à espera de um encontro íntimo com o Infinito. Encontro que ocorreu uma vez e não mais.

Restava ao nosso místico, após o êxtase degustado, a sensação de ser penetrado pelo Infinito e ser, assim, invadido pelo nada, mas um nada que tudo contém. Não sabia, em princípio, o que fazer com aquele acontecimento que se colocava em suas mãos: “Era sábado ao meio-dia perto de uma, e já era hora de fechar a livraria. Antes de fazê-lo, busquei um livro religioso para leitura desse fim de semana e escolhi São João da Cruz. Tomei um táxi e fui aturdido, abobalhado para minha casa” (CARDENAL, 2003 a, p. 77. Tradução nossa).

Ao voltar para casa naquele sábado, após aqueles minutos de intensa vivência mística, conversou com sua avó e, quando mostrou a ela um livro de São João da Cruz, disse-lhe que ele tinha vocação religiosa, o que já sabia, mas, até o ocorrido naquele dia, fingia desconhecer. Talvez tenha finalmente compreendido as palavras de João da Cruz, segundo as quais nada é mais intenso que “os deleites de Deus”, nenhuma emoção humana pode se comparar à doçura e também à amargura que se sente após saborear o Infinito. O fato é que, após terminada aquela conversa, foi para seu quarto, conforme já dissemos, com o “acontecimento nas mãos”. Não sabia o que fazer, só tinha a certeza de que “estava tão aturdido que não podia orar. Não sabia que esse aturdimento era uma forma elevada de oração” (CARDENAL, 2003 a, p. 79. Tradução nossa). Sentia a felicidade da “companhia que me habitava por dentro” (CARDENAL, 2003 a, p. 79. Tradução nossa).

A partir desse acontecimento, os apetites terrenos não mais satisfariam Cardenal:

andava como se, em meu interior, tivesse ficado cego e surdo. Me sentia como ofuscado por aquela grande luz, porque também havia sido como uma grande luz que me entrou. Marcado com aquele delicioso vazio [...]. Assim, eu estava fechado para tudo o de fora. Desapegado de todos os apetites, liberto de todo desejo, leve e vazio, cheio de Deus (CARDENAL, 2003 a, p. 79. Tradução nossa).

Totalmente entregue, deixado ficar deitado na rede com Deus, Ernesto sabia que “não eram esses dias de escrever poesia, apenas de calar. De amar. De orar sem saber que isso era orar” (CARDENAL, 2003 a, p. 81. Tradução nossa).

A vida de Cardenal, como já dissemos, ficou marcada por aquele encontro de amor. A experiência mística vivida por ele com Ele lhe preenchia a alma; por essa razão, buscava, enquanto aguardava sua ida para o mosteiro trapense Nossa Senhora de Gethsemani, “maior solidão e silêncio” (CARDENAL, 2003 a, p. 81. Tradução nossa), uma vez que “estava entontecido para tudo, menos para Deus” (CARDENAL, 2003 a, p. 91. Tradução nossa).



Antes de ingressar na Trapa, Cardenal deixou aos cuidados de Ernesto Mejía Sanches para serem publicados os seguintes livros: **Epigramas**, as traduções de Catulo e Marcial e poemas que comporiam **Hora 0**.

A respeito desse último mencionado, sabemos ser um texto político que fala da Nicarágua, de outros países da América Central e da luta contra a ditadura. O texto cardenaliano dá muita ênfase a Sandino e ao assassinato dele. Faremos uma interrupção em nossa narrativa sobre recolhimento e silêncio para mostrar alguns trechos do poema “Hora 0”, porque, às vezes, palavras são necessárias para mostrar a desumanização que dá o tom à música entoada por nós, humanos. Eis alguns desses momentos dramáticos:

“Cuatro presos están cavando un hoyo.”  
 “Quién se ha muerto?”, dijo un preso.  
 “Nadie”, dijo el guardiã.  
 “Entonces ¿para qué es el hoyo?”  
 [...]
 En abril los mataron.  
 Yo estuve con ellos en la rebelión de abril  
 [...]
 “Si a mí me pusieran a escoger mi destino  
 (me había dicho Báez Bone tres días antes)  
 Entre morir assinado como Sandino  
 O ser Presidente como el asesino de Sandino  
 Yo escogería el destino de Sandino”  
 [...]
 Pero cuando muere un héroe  
                   No se muere:  
 Sino que esse héroe renace  
                   En una Nación  
 [...]
 Pero el héroe nace cuando muere  
 Y la hierba verde renace de los carbones.  
 (CARDENAL, 1985, p. 40- 51)<sup>10</sup>

Os trechos destacados mostram algumas passagens interessantes do que se quer contar: a escavação do buraco para se enterrar Sandino, a escolha de Cardenal pela justiça e, conseqüentemente, pela revolução, o assassinato de Sandino, o assassino desse homem e o destino e a importância do herói para a nação, remetendo-nos também à ideia do caráter cíclico dos acontecimentos no tempo, tema que será bastante abordado nas últimas obras de Cardenal.

Segundo Ernesto, esse poema era “truncado para mim, mas para os outros de uma grande unidade. [Assim] é irônico que uma das coisas mais louvadas neste poema seja a sua unidade

---

<sup>10</sup> A tradução desse texto não foi feita, uma vez que os elementos do texto são retomados nos parágrafos seguintes em português.

(CARDENAL, 2003 a, p. 93. Tradução nossa). O próprio poeta afirma, em **Vida Perdida**, que o texto para ele se mostra fragmentado, porque o que se intitulou “Hora 0” era, na verdade, “Poemas dispersos”. Como ele não conseguia escrever por conta do que lhe ocorrera naquele 02 de junho, juntou tais apontamentos poéticos, dando a eles o título mencionado.

Entretanto, é mister mencionarmos o porquê de esse poema ser intitulado “Hora Zero”. Segundo nos afirma Maria Enrica Castiglioni, na obra “¿‘**Para que metáforas?**’. La Poetica di Ernesto Cardenal”,

com esta obra se fecha o segundo período poético de Cardenal, que vai dos poemas históricos compostos durante sua jornada em Nova Iorque até **Epigramas**. Abrir-se-á agora uma fase totalmente nova – quanto à evolução temática – na poesia cardenaliana, devido a uma reviravolta radical na vida do poeta, por ele há muito meditado e sofrida (CASTIGLIONI, 1990, p. 34. Tradução nossa).

Assim, refletindo acerca dessa observação, podemos dizer que o poema “Hora Zero” é um marco que aponta para o compromisso definitivo de Cardenal com as “milícias do não” a partir de sua experiência mística. É a obra que assinala uma nova postura ideológica bem definida, como foi mostrado no verso do poema anteriormente mencionado: “yo escogería el destino de Sandino” (CARDENAL, 1985, p. 45)<sup>11</sup>.

Feita essa pausa em nossa exposição, voltemos a narrar a vida de Cardenal pós experiência místico-extática.

Após aquele 02 de junho, Cardenal relata que tudo o que antes lhe era importante “dava aborrecimento. Toda conversa se fazia insuportável. Tudo intolerável, pelo meu desaparego interior” (CARDENAL, 2003 a, p. 93. Tradução nossa).

Totalmente tomado pelo vazio pleno, os apetites do mundo não mais o saciavam, visto que experimentara do vinho do Amado. Restava-lhe, dessa forma, buscar a reclusão na Trapa e o conseqüente silêncio nela presente. Esse assunto será objeto de nosso próximo tópico.

### 2.2.3 “GOD ALONE”: a entrada na Trapa

O silêncio é, tanto quanto a palavra, um momento vital de partilha de entendimentos  
(COUTO, 2016, p.32)

---

<sup>11</sup> Eu escolheria o destino de Sandino (Tradução nossa).

Bom. Já estamos sozinhos, viestes me buscar e aqui me tens (CARDENAL, 1993, p. 36)

Comecemos nossas colocações com o seguinte poema de Cardenal:

Há llegado al cementerio trapense la primavera,  
 al cementerio verde de hierba recién rozada  
 con sus cruces de hierro en hilera como una siembra,  
 donde el cardenal llama a su amada y la amada  
 responde a la llamada de su rojo enamorado.  
 Donde el reyezuelo recoge ramitas para su nido  
 y se oye el rumor del tractor amarillo  
 al outro lado de la carretera, rozando el potrero.  
 Ahora vosotros sois fósforo, nitrógeno y potassa.  
 Y con la lluvia de anoche, que desentierra raíces  
 y abre los retoños, alimentáis las plantas  
 como comíais las plantas que antes fueron hombres  
 y antes plantas y antes fósforo, nitrógeno y potassa.  
 Pero cuando el cosmos vuelve al hidrogeno original  
 – porque hidrogeno somos y en hidrogeno nos hemos  
 De convertir –  
 no resucitaréis solos, como fuisteis enterrados,  
 la lluvia de anoche, y el nido del reyezuelo,  
 la vaca Holstein, blanca y negra, en la colina,  
 el amor del cardenal, y el tractor de mayo.  
 (CARDENAL, 2003 a, p. 103-104).<sup>12</sup>

Através do eu lírico desse poema, Cardenal diz-nos que todos morreremos para, depois, retornarmos sucessivas vezes até que, juntos – animais, vegetais, minerais –, ressuscitemos. Toma a lição da natureza para comprovar o que diz, uma vez que, assim como tudo morre e torna ao que era no início: fósforo, nitrogênio e potássio, também tornaremos ao início; no texto, representado pelo hidrogênio original: o elemento que simboliza, no poema, o retorno a um princípio anterior ao início por nós conhecido. Esse texto também nos diz da morte de nosso

---

<sup>12</sup>Chegou ao cemitério trapense a primavera, / ao cemitério verde de capim fresco/ com suas cruces de ferro enfileiradas como uma cerca,/ de onde o cardeal chama a sua amada e a amada/ responde ao chamado se seu amado vermelho./ de onde o rei recolhe raminhos para seu ninho/ e se ouve o rumor do trator amarelo/ do outro lado da estrada, escovando o pasto./ Agora vós sois fósforo, nitrogênio e potássio./ e com a chuva da noite passada, que desenterra raízes/ e abre os brotos, alimentais as plantas/ como comíeis as plantas que antes foram homens/ e antes plantas e antes fósforo, nitrogênio e potássio./ Mas quando o cosmos volta al hidrogênio original/ - porque hidrogênio somos e no hidrogênios nos/converteremos -/ não ressuscitaremos sozinhos, como fostes enterrados,/ senão que em vosso corpo ressuscitará toda a terra/ a chuva da noite passada, e o ninho do rei, / a vaca Holstein, branca e preta, na colina, / o amor do cardeal, e o trator de maio.

místico para o mundo e seu renascimento para um novo mundo, no qual ele encontra-se habitado por Deus.

Há, por sua vez, um diálogo com outros poemas desse autor, como o trecho que agora citaremos, no qual o poeta incorpora, em seu cântico cósmico, uma fala de Sandino para mostrar que somos vistos como passageiros rumando à eternidade: “‘Como una fuerza consciente. En un principio era el amor./ Esse amor crea, evoluciona. Pero todo es eterno./ Y nosotros tendemos a que la vida sea/ no un momento pasajero sino una eternidade/ a través de las múltiples facetas de lo transitório.’” (CARDENAL, 2012, p. 87)<sup>13</sup>. A eternidade para ele teve início com o que viveu naquele 02 de junho de 1956.

O desejo de completar suas bodas com Deus, através da total entrega, levou Ernesto a ingressar no noviciado no dia quatorze de maio de 1957: “era primavera em Gethsemani [...]. Eu sentia que tudo era canto e amor. E sentia que, nessa primavera que me rodeava, Deus me queria expressar sua alegria pela minha chegada” (CARDENAL, 2003 a, p. 99. Tradução nossa).

No caminho para esse mosteiro, sentia-se ébrio de Deus. Para ele, tudo era alegria, “foi como se imediatamente todo o universo me enchesse de Deus” (CARDENAL, 2003 a, p. 11. Tradução nossa). Estava em lua de mel com o Criador, manifesto na criação. Não era por acaso que tudo lhe parecia encantador: as águas do mar, o entardecer, as flores, os grilos.

Como era natural, sentia medo, tudo era novo, desconhecido e isso o incomodava. Sentia-se como se até Deus risse de seu medo (CARDENAL, 2003 a). Mas o místico não permitiu que essa emoção o paralisasse. Apenas seguiu o caminho que lhe fora destinado. Sentia-se livre apesar de estar entrando em uma das ordens religiosas mais rígidas. Percebia, ainda, “que os momentos de amor humano que tinha tido em minha vida passada tinham sido de grande felicidade: momentos parecidos, não iguais, ao estado de amor habitual que agora tinha. Mas agora era contínuo, não eram instantes breves como até então” (CARDENAL, 2003 a, p. 101. Tradução nossa).

Um fato muito interessante marcou a chegada de Cardenal ao mosteiro trapense. Ele adentrou ao local exatamente na época em que surgiram as cigarras de 17 anos. Essas são assim conhecidas porque só deixam a condição de larva, metamorfoseando-se em cigarras, a cada dezessete anos. Fazem isso para se proteger, porque “ao fim de dezessete anos não há mais

---

<sup>13</sup> “‘Como uma força consciente. No princípio era o amor. / Esse amor cria, evolui. Mas tudo é eterno. / A tendência de nossa vida é que seja/ não um momento passageiro, mas uma eternidade/ através das múltiplas facetas do transitório’” (CARDENAL, 1996, p. 87).

inimigos que possam se lembrar de sua existência e, assim, sentem-se seguras para darem início a essa nova vida” (CARDENAL, 2003 a, p. 100. Tradução nossa).

Cardenal leu esse fenômeno como uma metáfora de sua própria experiência. Por muitos anos esperou até ter certeza de pertencer a Deus e, só após longo período, rompe a crisálida e, assim como as cigarras, pôde recomeçar de outra forma, metamorfoseado. Assim, as cigarras “eram imagens de minha ressurreição” (CARDENAL, 2003 a, p. 102. Tradução nossa). Mais uma vez percebemos uma constante da criação de vida e da poética de Cardenal: a ideia de que todos vamos morrer, voltar a uma condição inicial, renascer até a ressurreição final.

Cardenal compôs, depois que deixou Gethsemani, um poema para ressaltar a importância do episódio das cigarras no momento em que se tornava um noviço trapista:

En pascua resucitan las cigarras  
 – enterradas 17 años en estado de larva –  
 millones y millones de cigarras  
 que cantan y cantan todo el día  
 y en la noche todavía están cantando.  
 Sólo los machos cantan:  
 las hembras son mudas.  
 Pero no cantan para las hembras:  
 porque también son sordas.  
 Todo el bosque resuena con el canto  
 y sólo ellas en todo el bosque no los oyen  
 ¿ Para quién cantan los machos?  
 ¿ Y por qué cantan tanto? ¿Y qué cantan?  
 Cantan como trapenses en el coro  
 delante de sus Salterios y sus Antifonarios  
 cantando el Invitatoria de la Resurrección.  
 Al fin del mês el canto se hace triste,  
 y uno a uno van calando los cantores,  
 y después sólo se oyen unos cuantos,  
 y después ni uno. Cantaron la resurrección.  
 (CARDENAL, 2003 a, p. 101-102. Tradução nossa)<sup>14</sup>

Esse belíssimo poeta, além de uma metáfora da transformação vivida por Cardenal, diz-nos também da missão dos monges trapistas, que entoam seu canto ao Criador e à criação através de suas orações. Suas palavras ressoam no universo, ajudam a tornar o mundo melhor,

<sup>14</sup> Na páscoa ressuscitam as cigarras/ – enterradas 17 anos no estado de –/ milhões e milhões de cigarras/ que cantam e cantam todo o dia/ e, na noite, ainda estão cantando. / só os machos cantam:/ as fêmeas são mudas. / Mas não cantam para as fêmeas:/ porque também são surdas. / Todo o bosque ressoa com o canto/ e só elas em todo o bosque não os ouvem. / Para quem cantam os machos? / e por que cantam tanto? E o que cantam? / Cantam como trapenses no coro/ diante de seus Saltérios e de seus Antifônicos / cantando o Invitatório da Ressurreição. / Ao fim do mês o canto se faz triste, / y um a um vão se calando os cantores, / e depois só se ouvem uns quantos, e depois nem um. Cantaram a ressurreição.

uma vez que anunciam a ressurreição. Contudo, muitas vezes, não são ouvidos, porque os que estão fora dos muros da Trapa “são surdos” para a revelação que ali se dá. Não conseguem compreender que estamos todos ligados a tudo e que é preciso morrer para depois ressuscitar.

Mas, afinal, o que é a Trapa?

A Trapa é, segundo Ernesto, uma das duas ordens religiosas mais rigorosa do mundo. Nas palavras de nosso monge,

Gethsemani era o mosteiro trapense mais estrito dos Estados Unidos. Os trapistas eram um ramo que no Século XVII se desgarrou da Ordem Cisterciense para a fazer mais estrita, porque aquela se tinha relaxado bastante; e os cistercienses era um ramo que, no século XI se desgarrou da Ordem Beneditina do século VI porque também se tinha relaxado. E assim é que o nome oficial dos trapistas é Ordem Cisterciense da Estrita Observância. E são, às vezes, cistercienses e, às vezes, beneditinos. (CARDENAL, 2003 a, p. 136. Tradução nossa)

Thomas Merton, em sua obra **Águas de Siloé**, conta-nos a história da criação da Abadia de Gethsemani. Esse autor começa essa história contando como se deu a criação, no ano de 1098, de uma nova ordem a partir de um grupo dissidente dos beneditinos. Os vinte e dois membros desse grupo, liderados pelo abade Roberto de Molesmes, por acharem que havia um desmedido afrouxamento das regras na ordem a que pertenciam, buscaram voltar à tradição. Receberam a doação de um pedaço de terra do Duque de Borgonha e, assim, começou a ordem dos Cistér – o nome vem provavelmente da palavra “Caniços – cistels no dialeto borgonhês” (MERTON, s/d, p. 43). Essa nova Ordem visava a “limpar a casa e libertar a Ordem das muitas inovações que estorvavam a vida monástica e tornavam a contemplação difícil ou mesmo impossível” (MERTON, s/d, p. 45). Tratava-se, conforme já havíamos mencionado, de um grupo conservador.

A nova Ordem pregava a humildade e o ideal de vida simples, pautada no trabalho, no silêncio, na oração e na vida comunitária. A respeito dessas características, Cardenal relata em **Vida Perdida** que “a igreja não tinha imagens, só o crucifixo do altar e um vitral da virgem ao fundo[...]. O desjejum era em silêncio; no almoço e no jantar liam para nós do púlpito: livros, e, às vezes artigos de jornais e revistas com temas religiosos” (CARDENAL, 2003 a, p. 129-130. Tradução nossa).

A respeito da opção pela pobreza dos monges brancos – como eram conhecidos os cisters –, Merton diz o seguinte:

[...] A pobreza e o trabalho dos primitivos cistercienses têm explícita relação com a situação social em que viviam. Além de ser um retorno a S. Bento e ao Evangelho, seu modo de vida era também um protesto contra a riqueza desordenada de tantas das grandes abadias feudais. [...] a própria família monástica devia ser pobre. Os monges possuíam sua própria terra e tinham de tirar dela a sua manutenção. Sua principal fonte de renda iria ser sua própria herdade, suas manadas, seus rebanhos, seus vinhedos, pomares e florestas, suas pedreiras e viveiros de peixes. [...] A pobreza do Monge Branco não é um simples despejamento negativo: tem também uma função positiva, a ajuda a outros em caridade. (MERTON, s/d, p. 50-51).

Cabe ressaltarmos que a base sobre a qual se edificaria a Ordem Cisterciense vem de **Degraus de Humildade**, de São Bernardo. Segundo nos explica Merton,

nessa atmosfera de humildade que o caminho da contemplação começa. Somente através desse senso profundo e pacificante de sua própria falta de importância é que o monge pode ver-se libertado para a abençoada e feliz ocupação de servir a Deus, que sozinho é toda a realidade e em Quem todos os valores são sublimados, transcendendo todo conceito a que o pensamento tem acesso. (MERTON, s/d, p. 55).

Assim, os fundadores dessa nova Ordem estavam dispostos a “sair do mundo” para, através de uma vida reclusa e de contemplação, estabelecer uma maior intimidade com Deus. Essa postura chamou a atenção de nobres europeus e levou muitas pessoas a uma mudança positiva em suas vidas.

No século XVIII, motivados por problemas com a nobreza foram obrigados a se dispersar, deixando por um bom tempo a França. Dom Agostinho, líder da Ordem na época em que foram perseguidos pelo governo francês, teve a ideia de vir para a América. Mas só em 1803, “quando os trapistas deram por finda sua fuga até a Rússia e puderam regressar a La Val Sainte, um grupo de monges afinal velejou para os Estados Unidos” (MERTON, s/d, p. 89). O grupo que chegou à América foi liderado por Dom Urbano Guillet e, no novo continente, inicialmente ficaram em Baltimore. Posteriormente, partiram para Kentucky, onde construíram o mosteiro no qual ficou nosso místico nicaraguense durante o tempo em que foi membro da Trapa. “Era Louisville apenas uma aldeia de cabanas de madeira entre brejos de rãs e salgueiros, em 1805. Nem era mesmo aldeia mais importante numa área onde as aldeias estavam aptas a serem chamadas de cidades” (MERTON, s/d, p. 95). Em linhas gerais, essa é a história da criação da Trapa. Passemos agora à história de Cardenal nessa Ordem.

Fazia parte das restrições impostas a quem se vinculava à Trapa não mais escrever profissionalmente. O postulante a monge dessa Ordem só podia fazer anotações sobre os fatos vivenciados no dia a dia. Também era proibido tirar fotos e, ao ingressar nesse mosteiro, como uma maneira de expressar o abandono às “coisas do mundo” e de aceitação da nova vida, o então noviço recebia um novo nome. Thomas Merton, por exemplo, recebeu, ao ingressar nessa instituição religiosa, o nome de Luís. Quanto ao de Cardenal, falaremos mais adiante.

Três pilares parecem sustentar a Ordem Trapista: “silêncio, trabalho e vida em comunidade”.

No que diz respeito ao silêncio, lembrando as palavras de Mia Couto, em sua obra **E Se Obama fosse africano?**, segundo as quais “o silêncio é, tanto quanto a palavra, um momento vital de partilhas de entendimentos” (2009, p.187) , podemos afirmar que esse é muito importante, uma vez que “[...] o silêncio, e não ter outras distrações, faziam com que se vivesse em clima de oração, experimentando a união com Deus dentro de si todo o tempo [...]: no trabalho, no escritório, na leitura, caminhando para o claustro e até dormindo” (CARDENAL, 2003 a, p. 123. Tradução nossa). Essa é a “verdadeira partilha de entendimentos” para o trapista.

Cardenal, ainda em **Vida Perdida**, relata que, quando um noviço chegava à Trapa, tinha uma espécie de “anjo da guarda” que, nos primeiros dias nessa nova etapa terrena, o acompanhava para ensinar as regras e uma linguagem das mãos. Como a Ordem primava pelo silêncio, o postulante só podia falar com seu anjo da guarda e com os superiores e, com esses, somente em caso de muita necessidade: “Ele (o noviço) e seu anjo podiam falar, e entre as coisas mais importantes que ele lhe ensinava era a linguagem das mãos. Essa não era a linguagem dos surdos-mudos [...]. Era uma linguagem especial da Ordem criada no século XII” (CARDENAL, 2003 a, p. 106). Essa linguagem era uma espécie de senha compartilhada pelos iniciados na Ordem.

Cabe ressaltarmos ainda que havia, entre os trapistas, o período chamado de “o grande silêncio”. Segundo Cardenal (2003 a), das sete da noite às sete da manhã, não se podia falar, nem escrever, nem executar qualquer tarefa. Só em caso extremo era permitido entrar em contato com os superiores. Era considerada falta disciplinar emitir qualquer som. A linguagem dos sinais – usada com moderação – era a única possibilidade de comunicação.

Muito curioso também entre os trapistas é o fato de sempre acordarem às duas da manhã para permanecerem em oração até as seis, horário do desjejum. Para assinalar a importância do silêncio das primeiras horas do dia, convém citarmos Thomas Merton. Nos dois trechos a seguir, ele nos falará da importância, da beleza e da paz proporcionadas pelo silêncio num



momento em que o mundo dos homens ainda não “corrompeu” com seus sons dissonantes o mundo, o que nos permite um breve vislumbre da presença de Deus.

Perto da cama às 2:15 da manhã, no auge do silêncio e da escuridão da noite [...]. Acho-me na perdição primordial da noite, solidão, floresta, paz, mente atenta no escuro, procurando uma luz, não ainda no hábito de estar fora da cama. Uma luz aparece e, na luz, um ícone. Na vasta escuridão, há agora um pequeno espaço de fulgor contendo salmos. Os salmos crescem por si mesmos, em silêncio e sem esforço, como plantas, nessa luz que lhes é favorável. As plantas se sustentam sobre caules que têm uma consistência única, a da misericórdia, ou melhor, da grande misericórdia. *Magna misericórdia*. Na massa informe de silêncio e noite uma palavra então se pronuncia: Misericórdia. Rodeiam-na palavras que têm menos efeito: “destrua a iniquidade”, “me lave”, “me purifique”, “conheço minha iniquidade”. *Peccavi*: eu pequei. Conceitos sem interesse no mundo dos negócios, da política, da cultura etc. Conceitos também frequentemente sem interesse para eclesiásticos (HART; MONTALDO, 2001, p.279-280) (grifos nossos).

e

É necessário para mim ver o primeiro ponto de luz que começa a ser aurora. É necessário estar presente sozinho na ressurreição do Dia, no silêncio absoluto de quando o sol aparece. Nesse instante completamente neutro, recebo das matas a leste, os altos carvalhos, a palavra DIA, que nunca é a mesma. Nunca é dita em nenhuma língua conhecida. (HART; MONTALDO, 2001, p. 279-280) (grifos nossos).

Esses trechos extraídos de um dos diários de Merton mostram-nos a importância do silêncio, da natureza, da solidão e da união desses três elementos para se acessar o sagrado, para se perceber a “ressurreição do dia”, através do “trabalho de cela”, que, para o monge, se faz no silêncio e na solidão. Segundo nos afirma Cardenal, em **Vida Perdida**, “o silêncio era a cela” (CARDENAL, 2003 a, p. 111).

A respeito desse “trabalho de cela”, Faustino Teixeira revela-nos, em sua obra **Buscadores do diálogo**: itinerários inter-religiosos, que Merton acreditava ser essa uma tarefa que “traduz o exercício essencial do monge em manter acesa a atenção, não deixando que nenhum dos sons que procedem do Mistério passem despercebidos ou se percam no vazio” (2012, p. 33). Nas palavras de Merton,

A grande alegria da vida solitária não se encontra simplesmente na quietude, na beleza e na paz da natureza, do canto dos pássaros etc, nem na paz do coração da própria pessoa, mas no despertar e sintonizar do coração com a voz

de Deus – com a certeza íntima, inexplicável, serena, definida da vocação para obedecê-Lo, para ouvi-Lo, para adorá-Lo aqui, agora, hoje, em silêncio e sozinho, e que é essa toda a razão da existência [...] [Mas] não é simplesmente uma questão de “existir” sozinho, e sim de fazer, com compreensão e alegria, o “trabalho de cela”, que é feito em silêncio e não de acordo com a escolha pessoal ou a pressão das necessidades, mas em obediência a Deus. Como a voz de Deus não é ouvida a todo instante, parte do “trabalho de cela” é atenção, para que nenhum dos sons dessa Voz possa ficar perdido. Quando vemos quão pouco nós ouvimos, e quão obstinados e grosseiros são os nossos corações, percebemos como o trabalho é importante e como estamos mal preparados para fazê-lo (HART; MONTALDO, 2001, p. 285).

Porque esse trabalho de ouvir Deus é um trabalho de dentro, vem do “pontinho virgem” no íntimo de nosso coração. Mas para o ouvirmos, mesmo que bem baixinho, é mister, como o próprio Merton declarou no texto mencionado anteriormente, atenção. É necessário calarmos as vozes do mundo para que só reste a voz do mistério que nos rodeia e nos preenche.

Essas colocações ajudam-nos a compreender a importância do silêncio para a Ordem Cisterciense da Estrita Observância. Silêncio esse que está atrelado à resiliência, uma vez que os monges ficam à espera de que, através desse, da oração e da contemplação vão conseguir, acessar, conforme já mencionamos, o sagrado.

Passemos a um outro pilar da Trapa: o trabalho. A ordem em questão, no período em que lá viveram Merton e Cardenal, era camponesa e “os trabalhos no mosteiro eram pela manhã e à tarde” (CARDENAL, 2003 a, p. 129. Tradução nossa). Não havia tempo para “recreio”, “o dia era uma combinação de leitura, trabalho, estudo e oração, alternados de modo que se passava de um para outro antes que nos cansássemos” (CARDENAL, 2003 a, p. 110. Tradução nossa).

Cardenal recorda-se, em **Vida Perdida**, de alguns trabalhos que precisou realizar e que foram bastante penosos: precisou, sob um forte calor, furar, certa vez, uns buracos muito fundos num local em que a terra estava muito dura. Também nos conta que não foi fácil para ele carregar uns sacos de cimento para a construção de um prédio dentro da área do mosteiro (2003 a, p. 119). Esses trabalhos pesados eram alternados com outros bem mais leves, como fazer marmeladas, queijos ou apanhar amoras.

Apesar de estarem sempre atarefados na Trapa, Cardenal, a respeito disso, dizia que “a vida era uma vida de amor, e nela tampouco havia férias” (CARDENAL, 2003 a, p. 110. Tradução nossa). Não precisavam de férias porque aquela vida era uma forma de contemplação, como também era “a dos pássaros e dos esquilos” (CARDENAL, 2003 a, p. 110. Tradução nossa).

O fato é que a Ordem era voltada para o trabalho e esse ofício era executado no campo. Por isso, as roupas usadas estavam quase sempre sujas e, porque suavam muito e poucas vezes a lavavam, cheiravam mal. Além disso, é preciso lembrarmos que, na Trapa, conciliavam-se o trabalho e o silêncio.

Quanto ao que acreditamos ser o terceiro pilar da Ordem em questão, a vida comunitária, é importante salientarmos que, em Nossa Senhora de Gethsemani, não havia a ideia do individual, “toda nossa vida era em comum” (CARDENAL, 2003 a, p. 110. Tradução nossa). Não havia sequer uma cela, um quartinho isolado com uma porta que se pudesse fechar e, através da qual, os noviços conseguiriam ficar sozinhos. Só existia um cubículo para a cama com ganchinhos pendurados na parede para se pendurar a roupa e a mínima mobília.

Como toda a vida era em comum e não tínhamos cela, o único espaço individual para cada um era uma mesa escolar onde guardava seus escassos pertences: suas cartas, livretos, apontamentos; lápis e uma pena com tinteiro, pois não se tinham nem caneta-tinteiro, nem caneta. Esse único espaço pessoal era inviolável, pois quando alguém ingressava ao noviciado era advertido que se alguém abrisse a mesa do outro seria expulso sem maiores trâmites. CARDENAL, 2003 a, p. 118. Tradução nossa).

Para os moradores desse mosteiro, conseguia-se solidão através do silêncio. Assim, pertenciam a uma comunidade, mas cada indivíduo vivia a sua solidão. Porém, como era uma existência comunitária, reuniam-se para as refeições, para o banho, para as orações e para o trabalho. Não havia o “eu” para os trapistas, somente o “nós”. Nas palavras de Cardenal: “no banheiro, que era no porão do noviciado, havia uma pia coletiva, que era uma estrutura de cimento muito comprida com muitas torneiras e ali muitos de nós podíamos nos lavar de uma vez. Só havia uma ducha para todos os noviços. E éramos entre vinte e quarenta” (CARDENAL, 2003 a, p. 117. Tradução nossa).

Cabe ressaltarmos alguns detalhes dessa vida coletiva: para tudo havia regras e a pontualidade era uma obrigação (isso explica, segundo Cardenal, o grande número de relógios que existiam nos mosteiros trapistas), os monges deslocavam-se em filas. Cardenal relatou, em seu primeiro diário, que se acostumavam com quem estava com eles na fila e a forma de saberem se alguém havia morrido – ou se havia deixado a Trapa – era um dia não virem mais a pessoa na fila.

Gostaríamos de fazer uma observação muito importante para a construção do monge e depois do sacerdote Cardenal. Ele estava tão entregue a Deus que, para tomar banho em

Gethsemani havia uma fila muito grande, o que levava muitos a desistir desse ato de higiene. Ele relatou que, para ele, não era algo que chateava estar na fila esperando para se banhar, porque aproveitava esse tempo para “ter uma conversa com Deus interiormente” (CARDENAL, 2003 a, p. 117. Tradução nossa). Esse íntimo contato com Deus é um sinal de que, como disse a pesquisadora porto-riquenha, “Ernesto não é desse mundo”.

Há muitas outras singularidades da Trapa, como, por exemplo, a busca da solidão, da contemplação e da oração. Esses aspectos serão desenvolvidos a seguir quando falarmos sobre o noviciado de Cardenal.

## 2.3 UNIVERSIDADES DO AMOR: UMA FORMAÇÃO PARA SERVIR A DEUS

A vida monástica depois da excitação e novidade dos primeiros dias tem a monotonia de uma viagem larga, larga, à noite, em um trem expresso através de um país que ninguém conhece. (CARDENAL, 2003 a. p. 56)

Vazio para o mundo, preenchido de Deus, Cardenal começa sua vida de noviço na Trapa. Depois, motivado por problemas de saúde, deixa essa Ordem, partindo para Cuernavaca e, de lá, vai para o Seminário de Cristo Sacerdote, na Colômbia, a fim de terminar seus estudos e ordenar-se sacerdote.

Abordaremos, nas primeiras partes desse tópico, as “aventuras” vividas por Ernesto nessas “Universidades do Amor”, objetivando mostrar as expectativas, as ilusões, as frustrações e os encontros amorosos do poeta nicaraguense com Deus e com os homens.

### 2.3.1 “Aqui nossa profissão é o amor”: o período na Trapa

En este monasterio somos viajeros que viajan sin equipaje. Deportados que regresan a la patria. Liberados que no traen nada de las celdas en que estuvieron o de los campos de concentración. (CARDENAL, 2003 a, p.84)

Já apresentamos, no item anterior, a Trapa. Nosso intuito, nessa parte do capítulo atual, é apresentar as emoções, os desconcertos e os encontros vividos por Cardenal durante os dois anos em que esteve nesse mosteiro.

Começamos retomando alguns detalhes da entrada de Cardenal nessa Ordem: foi um desejo do poeta nicaraguense entrar nessa Ordem tão restrita, porque queria abandonar tudo a fim de viver a experiência de total entrega a Deus:

O desapegar-se de tudo: como uma garrafa não pode ser enchida se não se esvaziar primeiro. E como o enamorado não pode se unir a quem ama enquanto ela ama outro. A alma, ao deixar de amar a outros seres, automaticamente se une a Deus. A fórmula é muito simples. Mas dói como se matar (sem ter inclinação ao suicídio) (CARDENAL, 2003 a, p. 189. Tradução nossa).

Não foi por acaso que entendeu ser a viagem da Nicarágua para os Estados Unidos “uma viagem de bodas” (CARDENAL, 2003 a, p. 11. Tradução nossa). Principiava, no momento em que entrava naquela Ordem, um longo casamento que dura até os dias atuais.

É fato que, ao adentrar pelas portas do mosteiro e enxergar o letreiro “GOD ALONE”, sentiu-se apreensivo; entretanto, sabia não ser a solidão um problema, porque estava transbordando de Deus. Para ele, o que realmente importava era entrar para o noviciado e “gozar da natureza de Deus”. Essa ânsia, gerada pelo já abordado acontecimento daquele 02 de junho de 1956, deixou-o “liberado de todo desejo, aliviado e vazio, cheio de Deus” (CARDENAL, 2003 a, p. 79. Tradução nossa).

Ernesto, em seu primeiro volume dos diários, deixa registradas as razões que o levaram a ir à Trapa: “desejo de união com Deus e enamoramento (um enamoramento por um “Ser” invisível)” (CARDENAL, 2003 a, p. 79. Tradução nossa).

Desse modo, em 14 de maio de 1957, entrou para a Trapa. E estava muito feliz. Tanto que, ao descrever sua entrada, aproveita o fato de ser primavera para fazer uma analogia entre essa estação (de renascimento) e o início de sua nova vida – sua primeira conversão começava: desejava se tornar um monge.<sup>15</sup>

Na Ordem Cisterciense, tudo era motivo de contentamento no início de sua estada: o contato com a natureza, o silêncio – que a tantos incomodava e que para ele nada mais era que uma forma de oração -, o despertar de madrugada e o trabalho. Estava tão bem naquele ambiente que chega a relatar o seguinte a respeito de acordar nas primeiras horas do dia:

---

<sup>15</sup>Veremos mais adiante que acaba deixando a Trapa e, conseqüentemente, muda seus planos: ao invés de tornar-se um monge, opta por ser um sacerdote.

Para mim, a hora mais bela era a madrugada, depois da missa do padre mestre no noviciado e a Ação de Graças, quando tinha três quartos de hora, antes do desjejum, todavia no “grande silêncio”, e eu passeava encapuzado nos jardins do noviciado frente aos bosques e colinas, lendo textos da Bíblia, entre os pássaros, os coelhos silvestres que pareciam domésticos e as esquilinhas listadas: meus outros companheiros do noviciado (CARDENAL, 2003 a, p. 120. Tradução nossa).

Estar em meio à natureza e sentindo Deus nas primeiras horas do dia eram sinais de que se encontrava onde deveria e queria estar. Entre os místicos diz-se que, nas primeiras horas do dia, não corrompidas pelos sons do mundo, acessa-se o sagrado na natureza. Provavelmente, esse deve ser o motivo do contentamento de Cardenal: estava, pelo silêncio, em contato com Deus na natureza. Portanto, percebemos que o poeta das ‘*muchachas em flor*’ sentia-se completamente integrado, nesse período, ao mosteiro de Nossa Senhora de Gethsemani.

Quando alguém decide tornar-se um noviço, conforme já dissemos, recebe um novo nome, símbolo da nova vida que começa. Na Trapa, Cardenal recebeu o nome de Fr. M. Lawrence, “Fr. (Frater em latim) é frei em espanhol. E o M. é porque diante de todo nome trapista é colocado o nome Maria que se abreviava com ‘M’” (CARDENAL, 2003 a, p. 105. Tradução nossa).

Enquanto estive na Trapa, Fr. M. Lawrence teve como Mestre de Noviços, Thomas Merton, Fr. M. Louis. Foi ele, inclusive, quem entregou a Cardenal seu hábito<sup>16</sup> e disse ser seu nome “Lorenzo” em espanhol e que esse lembrava o nome de D.H. Lawrence.

Para Cardenal, o novo nome ainda era mais significativo por se tratar do nome de seu tataravô, Lorenzo Cardenal, que fora o primeiro membro da família a chegar à Nicarágua. Além disso, o nome reportar a D. H. Lawrence fora deveras significativo, posto que o noviço em questão admirava esse escritor e o tivera como exemplo no que dizia respeito à iniciação sexual, pois, assim como o poeta norte-americano, só perdera sua virgindade, conforme já havíamos mencionado, aos vinte e um anos.

É necessário ressaltarmos que, inicialmente, Ernesto não era noviço, era postulante. O hábito só se tornou oficial para ele em 15 de agosto de 1956. Coincidência, pois não sabiam

---

<sup>16</sup>O hábito, na Trapa, consistia, segundo Cardenal, “em uma roupa interior medieval: uma espécie de camisa ou camiseta atada ao pescoço sem botões (nada era com botões), e uma espécie de calças curtas de um tipo de lona, que chegavam até os joelhos, meias amarradas a essa espécie de calções, os quais cobriam as pernas, mas não chegavam aos pés, [...] ainda uns sapatos feitos pelo sapateiro do mosteiro um número a mais do que se calçava para colocar as calças [...] Isso o interior. O hábito propriamente dito, o do exterior, era uma túnica branca, ou digamos, uma batina amarrada na cintura com uma faixa branca do mesmo tecido, e, por cima, púnhamos uma capa branca com capuz (que abaixava e subia), e essa capa sem mangas, caía nos ombros em amplas pregas abertas ... (CARDENAL, 2003 a, p. 104. Tradução nossa).

disso na Trapa, mas esse era o dia em que se comemorava a Independência da Nicarágua: “Eu senti que minha independência coincidia com a da Nicarágua” (CARDENAL, 2003 a, p. 125. Tradução nossa). Além disso, esse é o dia da Assunção de Nossa Senhora e Cardenal sempre fora devoto dela. Isso mostra-nos que não há coincidências, há uma escritura sagrada marcando os passos da trajetória cardenaliana e mostrando ser ele realmente “destinado a ser de Deus”.

Quanto ao dia a dia na Ordem trapista, havia uma rotina e um grande silêncio (o qual já foi trabalhado). Mas para quem está ainda sob os efeitos do “gozo de Deus” “a vida era perfeitamente suportável. Não passava fome, por exemplo, nem tinha sono durante o dia, ou cansaço. Nem tinha necessidade de falar qualquer coisa” (CARDENAL, 2003 a, p. 108. Tradução nossa). Além disso, “o dia era uma combinação de leitura, de trabalho, de estudo e oração, alternados de modo que se passava de um para o outro antes que alguém se cansasse” (CARDENAL, 2003 a, p. 110. Tradução nossa).

No início do noviciado, Cardenal sentia poucos incômodos. Talvez o fato de não poder escrever poemas, uma vez que só era autorizado a redigir apontamentos, fosse o que mais o perturbasse.

Na Trapa, Ernesto conheceu aquele que veio a ser um de seus melhores amigos, um homem com quem se correspondeu por cerca de 10 anos após ter deixado a Ordem Cisterciense. Esse homem foi seu Mestre de Noviço, Thomas Merton, a quem já admirava mesmo antes de conhecer pessoalmente. Essa admiração vinha da qualidade literária dos textos produzidos pelo monge norte-americano. Encantava a Cardenal o fato de se ter, numa Ordem que proibia a escrita profissional, uma das personalidades literárias mais conhecidas daquela época.

O encontro desses dois homens foi muito singular, pois, por meio das conversas que tinham e das orientações espirituais que dividiam – um como mestre, o outro como noviço – foram se transformando. Vamos mostrar, como forma de esclarecer o que afirmamos, algumas dessas influências.

Começemos com os chamados “desconcertos”. Cardenal relata, em **Vida Perdida**, que, nos encontros com Merton durante as orientações espirituais, dois desconcertos eram produzidos nele:

Um foi que, na direção espiritual, ia sendo cada vez mais crítico com respeito ao mosteiro e com a vida monástica em geral. Sempre se disse – e é uma realidade – que o noviciado é uma lua-se-mel na vida religiosa. E como a lua-de-mel nos matrimônios, é algo que depois passa [...]. Ele se adiantava ao Concílio Vaticano II [...] me dizia, por exemplo, que a vida que levávamos era irracional. Que a observância diária do mosteiro era estar dando voltas a uma

insensatez. Nossa vida estava cheia de ritualismos e rubricas sem sentido. Uma vez se referiu ao mosteiro como um circo. Outra vez, por seu comercialismo, lhe chamava “Trappist Corporation” [...]. A mim dizia que o Ordem trapista não era para poetas, como ele ou eu. Como um quartel ou uma academia militar não eram para os poetas. (CARDENAL, 2003 a, p. 144. Tradução nossa).

[...]

Outro desconcerto: na direção espiritual [...] ele se ocupava de coisas não espirituais. Semana a semana, eu esperava ensinamentos místicos e ele falava da Nicarágua, perguntava-me de Somoza e dos outros ditadores latino-americanos, dos poetas nicaraguenses, das selvas do rio São João onde vivia Coronel Urtecho; contava-me de seus amigos de Colúmbia; ou perguntava-me o que estava lendo naquele momento, ou falava-me de suas leituras, que eram muitas. Ao final, perguntava-se se eu tinha algum problema espiritual (CARDENAL, 2003 a, p. 145. Tradução nossa).

Inicialmente frustrantes, esses desconcertos foram muito importantes para Cardenal, porque, com o tempo, ele foi percebendo que “a vida contemplativa era simplesmente viver, como o peixe na água” (CARDENAL, 2003 a, p. 146. Tradução nossa). Percebe que o encontro com o sagrado se dá em nossas atividades cotidianas, no trabalho, nas conversas, na admiração do mundo que nos cerca, na luta contra injustiça e por justiça, numa cruzada para alfabetização, na produção de oficinas de literatura para crianças com câncer ou de pintura e escultura para os moradores de Solentiname. Assim, Merton acaba assinalando para seu noviço nicaraguense “e que não poderia aprender na mística clássica, é que minha vida era a única ‘vida espiritual’ que podia ter e nenhuma outra. E que Deus queria que eu fosse tal como eu era e não outro” (CARDENAL, 2003 a, p. 146. Tradução nossa).

A partir dessas orientações, pautadas na filosofia zen, constrói-se o místico Cardenal, que busca alcançar o abraço de Deus, abraçando o mundo que está à sua volta, percebendo que

somos retratos vivos de Deus. Obras de arte. Nosso mais íntimo mistério, a última razão do nosso ser, é que nós não somos somente nós: somos imagens. Nossa essência não é sermos nós, é sermos cópias, fotografias de Outro. Só quando refletimos esse Outro é que somos nós mesmos. Somos uma tela branca onde Deus se projeta. Tiramos o filme e não fica nada. (CARDENAL, 1979, p. 199)

Com Merton aprendeu também o sentido da oração que, para o norte-americano deveria ser semelhante ao conceito beneditino, segundo o qual “era, por exemplo, passear debaixo das



árvores ou ler um livro que lhe faça pensar [...]. Para ele, a oração é ler, ler lentamente, ou meditar com um livro na mão” (CARDENAL, 2003 a, p. 138. Tradução nossa).

Tendo em vista esse ideal de oração, presente nas coisas simples e corriqueiras, Cardenal percebe estar em constante oração, pois experimentava a união com Deus ao contemplar a natureza, ao ler, ao trabalhar, na caminhada para seu “claustro” e percebe ainda que sua “vida espiritual é muito simples, tão simples que quase não se vê: trabalhar, comer, dormir, rezar ou seja: viver” (CARDENAL, 2003 a, p. 183. Tradução nossa). Como diriam os zen budistas: “viver simplesmente, tomando chá e comendo arroz”.

Essa aprendizagem do viver simplesmente vai moldando o místico Cardenal que começava a florescer desde aquele 02 de junho, um ser que busca Deus no mundo que o rodeia, mas que tem a certeza de que tudo o que existe não é Deus, são só reflexos, um homem que tem a intuição de que Deus está dentro e se manifesta fora. Dentro do homem, mas refletido na criação, mas também tem a certeza de que, para o acessar, é mister desapego, “o desapegar-se de tudo” (CARDENAL, 2003 a, p. 189. Tradução nossa). Mas isso não é fácil, “isto se faz mais e mais difícil, até que se saia já da gravidade e se entre ao ponto sem retorno” (CARDENAL, 2003 a, p. 216. Tradução nossa). É o entrar no abismo e perceber que ele está repleto de nada, mas de um nada pleno e, a partir desse ponto “a viagem se faz mais e mais fácil, e sente-se atraído mais e mais pelo lugar para onde se dirige” (CARDENAL, 2003 a, p. 216. Tradução nossa). É uma viagem da qual não se pode retornar, porque a passagem para ela é viver a experiência do encontro amoroso com Deus e a alma que saboreia os beijos, as carícias e o gozo dEle não se pode saciar com nenhum outro afago, está fadada a ser de Deus, anseia por mais e mais momentos de êxtase e de entrega nos quais Amado e amada se fundem, recomeçando a Criação.

Além desses aprendizados, Ernesto ouvia muitas vezes Merton falar sobre o desejo de criar uma comunidade contemplativa na América Latina e, aos poucos, em suas conversas, tal ideia foi tomando forma, foram idealizando esse lugar. Infelizmente, o monge norte-americano morreu sem conhecer a comunidade para a qual muito contribuíra. Cardenal criou-a e nomeou-a Solentiname. Há, mais adiante no presente trabalho, um item dedicado a mostrar esse projeto.

Foram muitos os ensinamentos de Merton. Não podemos ir além sem mencionar a importância que o norte-americano teve na construção poética cardenaliana referente aos índios. Em muitas ocasiões, Merton falava ao noviço Lawrence sobre os índios americanos, o que o deixava constrangido, porque ele – latino – nada sabia sobre os esses habitantes da América. Por isso, propôs-se a estudar suas narrativas e boa parte da Literatura de Cardenal pós Trapa passou a ser dedicada a esses povos. O poema, cujos trechos transcrevemos a seguir, foi o

primeiro escrito por Cardeal sobre essa temática. Foi resultado de muito estudo e de muitas pesquisas. Com ele, o poeta mostra que os ideais de uma vida comunitária, sem “senhores”, e de lugares sem muralhas já eram pregados pelos indígenas. Há uma clara postura política no poema, mostrando o que o colonizador fez aos indígenas. Há também palavras de um poeta encantado com a forma como esses homens enxergavam o mundo, o tempo; de alguém que percebe com tristeza que a vinda do colonizador fez “o tempo que adoravam parar de repente” (CARDENAL, 2012, p. 88), dando início ao vivido hoje, marcado pela divisão, pelos “eus”, por governantes. No tempo atual, não há mais a noção do comum, a comunidade, em seu sentido originário, desapareceu. Eis o texto:

#### Las ciudades perdidas

Ahora son reales los animales  
que estaban estilizados en los frescos  
y los príncipes venden tinajas en los mercados.  
¿Pero como escribir otra vez el jeroglífico,  
pintar al jaguar otra vez derrocar los tiranos?  
¿Reconstruir otra vez nuestras acrópolis tropicales,  
nuestras capitales rurales rodeadas de milpas?

La maleza está llena de monumentos.  
hay altares em las milpas.  
Entre las raíces de los chilamates arcos con relieves.  
En la selva donde parece que nunca há entrado el hombre  
donde sólo penetran el tapir y el pizote-solo  
y el quetzal todavía vestido como um maya:  
allí hay una metrópolis.  
Cuando los sacerdotes subían al Templo del jaguar  
con mantos de jaguar y abanicos de colas de quetzal  
y caites de cuero de venado y máscaras rituales.  
Subían también los gritos del juego de Pelota,

[...]

En sus templos y palácios y pirâmides  
y en sus calendários y sus crónicas y sus códices  
no hay un hombre de cacique ni caudillo ni emperador  
ni sacerdote ni líder ni governante ni general ni jefe  
y no consignaban en sus piedras sucesos políticos,  
ni administraciones, ni dinastias,  
ni famílias governantes, ni partidos políticos.  
¿no existe en siglos el glifo del nombre de um hombre,  
y los arqueólogos aún no saben como se gobernaban!

La palavra “señor” era extraña em su lengua.  
Y la palavra “muralla”. No amurallaban sus ciudades.  
Sus ciudades eran de templos, y vivían em los campos,

entre milpas y palmeiras y papayas.  
 El arco de sus templos fue una copia de sus chozas.  
 Las carreteras eran sólo para las procesiones.  
 La religión era el único lazo de unión entre ellos,  
 Pero era una religión aceptada libremente  
 y que no era una opresión ni una carga para ellos.  
 Sus sacerdotes no tenían ningún poder temporal  
 y las pirâmides se hicieron sin trabajos forzados.  
 El apogeo de su civilización no se convirtió en império.  
 Y no tuvieron colônias. No conocían la flecha.  
 Conocieron a Jesús como el dios del maíz  
 y le ofrecían sacrificios sencillos  
 de maíz, y pájaros, y plumas.  
 Nunca tuvieron guerras, ni conocieron la rueda,  
 pero calcularon la revolución sinódica de Venus:  
 anotaban todas las tardes la salida de Venus  
 en el horizonte, sobre una ceiba lejana,  
 cuando las parejas de lapas volaban a sus nidos.  
 No tuvieron metalurgia. Sus herramientas eran de piedra,  
 y tecnológicamente permanecieron em la edade de piedra.  
 Pero computaron fechas exactas que existieron  
 hace 400 millones de años.  
 No tuvieron ciências aplicadas. No eran prácticos.  
 Su progreso fue en la religión, las artes, las matemáticas,  
 la astronomía. No podían pesar.  
 Adoraban el tiempo, esse misterioso fluir  
 y fluir del tiempo.  
 El tiempo era sagrado. Los días eran dioses.  
 Passado y futuro están confundidos en sus cantos.  
 Contaban el passado y el futuro con los mismos Katunes<sup>17</sup>,  
 porque creían que el tiempo se repite  
 como veían repetirse las rotaciones de los astros.  
 Pero el tiempo que adoraban se paró de repente.

[...]

Ahora sólo los chicleros solitários cruzan por el Petén.  
 Los vampiros anidan em los frisos de estuco.  
 Los chanchos-de-monte gruñen al anochecer.  
 El jaguar ruge en las torres – las torres entre raíces –  
 un coyote lejos, em una plaza, le ladra a la luna,  
 y el avión de la Pan American vuela sobre la pirâmide.  
 ¿Pero volverán algún día los passados Katunes?  
 (CARDENAL, 2012, p. 86-88)<sup>18</sup>

<sup>17</sup> De acordo com o Instituto de Arqueologia de Belize, Katunes é o sistema da contagem curta, ou roda dos treze catunes, foi usado pelos Maias para o cálculo do tempo desde o pós-clássico. Esse sistema simplificou outro, e foi representado por uma roda dividida em treze seções. Cada Katún correspondendo ao curso de 20 melodias ou 360 dias e tinha uma divindade que o representasse. Tun (Maia) pedra, ano, fruto ou semente. Pedra preciosa que representa o ano de 360 dias, básico para a conta de Katún. Katún vem de Kal, 20, e tun, ano de 360 dias.

<sup>18</sup> As cidades perdidas / agora são reais os animais/ que estavam estilizados nos afrescos/ e os príncipes vendem frascos nos mercados./ Mas como escrever outra vez o hieróglifo, / pintar o jaguar outra vez a derrotar os tiranos?/ Reconstruir outra vez nossas acrópoles tropicais,/ nossas capitais rurais rodeadas de campos de milho?/ A erva está cheia de monumentos./ Há altares nos campos de milho./ Entre as

Cabe ressaltarmos, no texto “Las ciudades perdidas”, a menção à tolerância religiosa que existia entre os povos tidos como “primitivos”. O poema apresenta uma imagem bastante interessante sobre esse tema, uma vez que dizia ser a religião o traço que unia os povos, mas “era una religión aceptada libremente/ y que no era una opresión ni una carga para ellos”. Há, além disso, uma crítica ao fato de os membros da Igreja, em vários momentos, também serem os detentores do poder temporal. Isso ocorreu em várias épocas, como na Idade Média. E vemos, ainda hoje, esse uso da religião como forma de se ascender ao poder e, como consequência, uma forma de opressão. Essa crítica é mostrada, no texto, no seguinte verso: “Sus sacerdotes no tenían ningún poder temporal”.

Feitos esses breves comentários acerca do poema, retomemos as considerações anteriormente iniciadas, apontando algo que Cardenal ensinou a Merton: a construção da poesia social e política. Após a leitura de “Hora 0”, o poeta norte-americano passa a adotar as construções temáticas usadas por Ernesto na confecção desse poema, marcado “pelo

---

raízes dos chilamates arqueiam com relevos./ Na selva onde parece que o homem nunca entrou/ onde só penetram a anta, o pizote / e o quetzal (ave) ainda vestido como um maya:/ ali há uma metrópole./ Quando os sacerdotes subiam o Templo do jaguar/ com mantos de jaguar e fâs de cauda de quetzal/ e Caites e máscaras rituais de couro de veado/ Subiam também os gritos do jogo de bola,/ [...] Em seus templos e palácios e pirâmides/ e em seus calendários e suas crônicas e seus códices/ não há um homem de cacique nem caudilho nem imperador/ nem sacerdote nem líder, nem governante, nem general, nem chefe/ nem administradores, nem dinastias,/ nem famílias de governantes, nem partidos políticos./ Não existe em séculos o glifo do nome de um homem,/ e os arqueólogos ainda não sabem como se governam!/ A palavra “senhor” era estranha em sua língua./ e a palavra “muralha”. Não cercavam a cidade com muralhas/ suas cidades eram de templos, e viviam nos campos,/ entre campos de milho e palmeiras e mamoeiros./ O arco de seus templos foi uma cópia de suas cabanas./ As ruas eram só para as procissões./ A religião era o único laço de união entre eles./ Mas era uma religião aceita livremente/ e que não era uma opressão nem uma carga para eles./ Seus sacerdotes não tinham nenhum poder temporal/ e as pirâmides foram feitas sem trabalhos forçados./ O apogeu de sua civilização não se converteu em império./ E não tiveram colônias. Não conheciam a flecha/ Conheceram a Jesus como o deus do milho/ e lhe ofereciam sacrifícios simples/ de milho, e pássaros, e plumas./ Nunca tiveram guerras, nem conheceram a roda,/ mas calcularam a revolução sinódica de Vênus:/ anotavam todas as tardes a saída de Vênus no horizonte, sobre uma Ceiba (tipo de árvore) distante, quando os casais de lapas voavam a seus ninhos./ Não tiveram metalurgia. Suas ferramentas eram de pedra, / e tecnologicamente permaneceram na idade da pedra./ Mas computaram datas exatas que existiram/ há 400 milhões de anos./ Não tiveram ciências aplicadas. Não eram práticos. / Seu progresso foi na religião, nas artes, nas matemáticas,/ na astronomia. Não poderiam pesar./ Adoravam o tempo, esse misterioso fluir/ e fluir do tempo./ O tempo era sagrado. Os dias eram deuses./ passado e futuro estão confundidos em seus cantos./ Contavam o passado e o futuro com os mesmos Katunes,/ como viram repetirem-se as rotações dos astros./ Mas o tempo que adoravam parou de repente./ [...] Agora só os chicleros (guardiães da mata) solitários cruzam pelo Petén (cidade da Guatemala)./ Ninho de vampiros em frisos de estuque/ Os chanchos-de-monte (queixadas) grunhem ao anoitecer./ O jaguar ruge nas torres – as torres entre raízes - / um coiote longe, em uma praça, ladra para a lua,/ e o avião da Pan América voa sobre a pirâmide/ Mas voltarão algum dia os passados Katunes?

documental e pela apresentação objetiva da realidade” (CARDENAL, 2003 a, p. 168. Tradução nossa).

Após o período de lua-de-mel com a Trapa, a saúde de Cardenal começou a assinalar que ele não pertencia àquele lugar. Tornavam-se constantes as dores de estômago e de cabeça. Segundo o padre Eudes – médico que o atendia –, as dores eram resultantes da emoção que sentia naquele momento:

nervosismo, temor, ansiedade ou o que seja. Mas, ao invés de senti-la em forma de emoção, a experimentou em uma contração dos músculos do estômago [...]. O estômago se contrai ou se inflamam as mucosas por um reflexo nervoso: isso provoca a dor de cabeça, quase constante ainda que não muito forte (CARDENAL, 2003 a, p. 243. Tradução nossa).

As coisas que antes o encantavam, como a rotina – que achava libertadora – e o silêncio não mais o agradavam tanto. Mas não deseja sair da Trapa, mesmo que permanecesse doente por toda a vida. No entanto, padre Eudes achava que um mosteiro menos rigoroso seria a melhor opção para Cardenal. Por essa razão, deixa Santa Maria de Gethsemani e vai encontrar um novo caminho em Cuernavaca, México. Assim descreve sua partida:

Estou contente com minha viagem a Cuernavaca, mas também me dá tristeza ir-me daqui. Não sei o que vou sentir quando o táxi me levar pela avenida de árvores que há na entrada do mosteiro, pela qual vim quando entrei a primeira vez, e que tantas vezes temos atravessado quando vamos trabalhar do outro lado da rodovia; ou quando ouvir cantarem os monges no coro pela última vez (CARDENAL, 2003 a, p. 246. Tradução nossa).

Acompanhemos Cardenal nessa caminhada rumo a novas “Universidades do Amor”.

### **2.3.2 Cuernavaca e Marilyn Monroe: o retorno ao mundo pela literatura**

Os dias de Cuernavaca foram belos. Aquela misteriosa melancolia que senti no primeiro dia não era senão uma indicação de Deus de que eu não devia ficar ali para toda a vida como monge beneditino.  
(CARDENAL, 2003b, p. 47)

Conforme já mencionamos, Cardenal, motivado por constantes dores de estômago e de cabeça, deixou a Trapa. Seu novo destino estava no México, em Cuernavaca. No caminho para essa nova morada, ficou um dia na cidade do México e, nesse espaço, percebeu que realmente

pertencia a Deus e que os sons, as músicas e movimentos do mundo não lhe interessavam mais. O trecho a seguir, de **Vida Perdida**, retrata essa certeza:

Abri a porta [de um restaurante] e retrocedi horrorizado porque lá dentro havia uma música estridentíssima, e pensei que era melhor ficar com fome a comer com esse estrondo[...]. Esse foi um símbolo do que era o mundo: parecia tranquilo de fora, como o víamos do mosteiro, mas, quando nele se entrava, era horrroso. (CARDENAL, 2003 a, p. 247. Tradução nossa)

Diferentemente da sensação vivida ao adentrar o mosteiro trapista, quando chegou a Cuernavaca pela primeira vez, dias antes de sua entrada oficial, lhe “invadiu um sentimento de tristeza e de opressão. Inexplicável, porque tudo era alegre” (CARDENAL, 2003 a, p. 250. Tradução nossa). Em nada via alegria, o canto gregoriano em espanhol o aborrecia, o hábito cinza o entediava. Porém, aquilo fora apenas uma primeira impressão talvez motivada pelo fato de não desejar sair da Trapa. Quando ingressou no mosteiro oficialmente, essa tristeza se dissipou. Provavelmente, o fato de ter decidido não se tornar um beneditino tenha contribuído para isso e para que ficasse “outra vez feliz e em paz” (CARDENAL, 2003 a, p. 250. Tradução nossa).

Não podemos deixar de mencionar que, na noite anterior ao seu ingresso nesse mosteiro beneditino, recebeu uma carta de Merton dizendo ser um desejo de Deus sua saída de Gethsemani e seu ingresso naquela Ordem e que aquilo significava “mais um grau na evolução de sua vocação” (CARDENAL, 2003 a, p. 251. Tradução nossa). Assim, entrou em Cuernavaca com o seguinte lema: “Não devemos nos preocupar com nada [...]. Viva sempre o presente. Identificado com a vontade de Deus”. (CARDENAL, 2003 a, p. 254. Tradução nossa).

O mosteiro beneditino de Cuernavaca chamava-se “Santa María de la Ressurrección”. Segundo nos afirma Cardenal (2003 a), nesse local, estavam sendo implementadas inovações na vida monástica. Lá o ofício não era mais em latim, assim como os cantos gregorianos eram executados em espanhol. O artesanato era inovador e esse local atraía muitos visitantes.

Cardenal ficou bastante impressionado com o fato de ter sido suprimida a diferença de classes sociais nesse mosteiro: “era muito lindo ver a igualdade de tratamento entre eles, os índios que tinham sido analfabetos e os universitários, arquitetos ou advogados. Todos se

tratavam por ‘tu’, e ainda o prior era tratado por ‘tu’<sup>19</sup>. (CARDENAL, 2003 a, p. 254. Tradução nossa).

Enquanto esteve em Cuernavaca confeccionou, em coautoria com Mejía Sánchez, uma antologia de poemas sociais e políticos. Também foi nessa época que confeccionou o poema “Oración por Marilyn Monroe”, um texto que tem como mote a morte da famosa atriz de Hollywood, mas, a partir desse fato, constrói uma análise profunda do humano. Faremos uma pausa na exposição da biografia de Cardenal para mostramos a construção poética que se iniciava em Ernesto, a qual já está assinalada por uma profunda compaixão, provável marca da transformação ocorrida após aquele 02 de junho. Passemos à análise desse texto.

O poema se inicia com uma invocação a Deus, pedindo a Ele que acolha esta moça que, na Terra, era conhecida com o nome de Marilyn Monroe: “Señor, recibe a esta muchacha conocida en toda la tierra con el nombre de Marilyn Monroe<sup>20</sup>”. (CARDENAL; SÖLLE, 1985, p.4-5).

Faz, em seguida, uma ressalva, bastante significativa, ao dizer que “ese no era su verdadero nombre<sup>21</sup>” (CARDENAL; SÖLLE, 1985, p.5). Porém, a indicação entre parênteses revela ser Deus o “conhecedor” de seu nome, de sua origem e de tudo o que vivera: “(pero Tú conoces su verdadero nombre, el de la huerfanita violada a los nueve años y la empleadita de tienda que a los dieciséis se habia querido matar)<sup>22</sup>” (CARDENAL; SÖLLE, 1985, p.5).

Continua tendo Deus como interlocutor, mas sabemos que seus versos são direcionados a todos os leitores numa tentativa de fazê-los ver o quanto a sociedade de consumo, com seus falsos deuses, pode interferir no destino do humano. Mostra isso quando Marilyn se apresenta a Deus desnudada de maquiagem, de agente de imprensa, de fotógrafos, sem a necessidade de dar autógrafos. Sendo apenas ela mesma, “sola como un astronauta frente a la noche espacial<sup>23</sup>” (CARDENAL; SÖLLE, 1985, p.8). Esse dado reforça também o sentimento de solidão vivenciado por essa atriz. A seguir, mostra um sonho, divulgado no *Time*, que a atriz tivera, quando criança, de ser reverenciada: “Ela soñó cuando niña que estaba desnuda en una iglesia/

---

<sup>19</sup>Esse tipo de organização comunitária foi aproveitado por Cardenal por ocasião da criação de Solentiname. A comunidade contemplativa criada às margens do lago na Nicarágua será um dos temas do próximo capítulo.

<sup>20</sup> Senhor, recebe a esta moça conhecida em toda a terra com o nome de Marilyn Monroe.

<sup>21</sup> esse não era seu verdadeiro nome.

<sup>22</sup> (mas Tu conheces seu verdadeiro nome, o da orfãzinha violada aos nove anos e da empregadinha de loja que aos dezesseis tinha querido se matar).

<sup>23</sup> sozinha como um astronauta frente à noite espacial.

(según cuenta el TIME)/ ante una multitud postrada,/ con las cabezas en el suelo/ y tenía que caminar en puntillas/ para no pisar las cabezas”<sup>24</sup> (CARDENAL; SÖLLE, 1985, p.10).

É um sonho bastante peculiar. Primeiro porque a atriz se encontra nua na Igreja, o que remonta, simultaneamente, ao desapego à vaidade e à dessacralização de um templo, uma vez que, nesse espaço, é reverenciada. Segundo, porque a veracidade desse sonho é contestável, uma vez que foi o que a imprensa divulgou e, nesse caso, pode se tratar de um truque de mídia, visando à promoção da atriz. Em todo caso, a intenção do eu que escreve, voltamos a dizer, parece ser a de apontar ser possível estar em evidência, estando despida da vaidade.

O eu-lírico torna a se dirigir a Deus com o intuito de reafirmar o fato de ser o Criador o melhor conhecedor de nossos sonhos, “mejor que los psiquiatras”<sup>25</sup> (CARDENAL; SÖLLE, 1985, p.13).

Em seguida, encontramos elementos que pertencem à segurança do seio materno – Igreja, casa, cova – se contrapondo àqueles que remetem à fama, mas também à solidão, apesar de cercada por uma legião de admiradores – “(la massa de cabezas en la oscuridad bajo el chorro de luz)”<sup>26</sup> (CARDENAL; SÖLLE, 1985, p.16). Esses elementos estão ligados aos estúdios da 20th Century Fox. O jogo de sombra e luz remete ao endeusamento do que é material, apesar de esses elementos materiais fazerem remissão ao vazio existencial.

O eu-lírico, porém, afirma que o verdadeiro templo não são os estúdios, o verdadeiro templo – de mármore e ouro- é o templo de seu corpo. Esse corpo é o lugar em que habita “[...] el Hijo del Hombre/ con un látigo en la mano/ expulsando a los mercaderes/ de la 20th Century Fox/ que hicieron de Tu casa de Oración/ una cueva de ladrones”<sup>27</sup> (CARDENAL; SÖLLE, 1985, p.19). Esse trecho do poema remete à passagem bíblica na qual os vendilhões são expulsos do templo e mostra que o verdadeiro templo, o corpo de Marilyn - que é o lugar em que Jesus habita – não deve ser violado por malfeitores, por aqueles que estão nas sombras debaixo de “jorros de luz”, por aqueles que a transformaram em “coisa” e, como coisa, “vendável”.

O eu poemático dirige-se ao “Senhor”, dizendo que, “neste mundo contaminado por pecado e por radioatividade, não poderás culpar a empregadinha de loja” que “sonó ser estrela de cine”<sup>28</sup> (CARDENAL; SÖLLE, 1985, p.40). São muitos os apelos da sociedade de consumo

<sup>24</sup>Ela sonhou quando criança/ que estava nua em uma igreja/ (segundo conta o Time)/ diante de uma multidão postrada,/ com as cabeças no solo/ e tinha que caminhar com cuidado/ para não pisar as cabeças.

<sup>25</sup> melhor que os psiquiatras.

<sup>26</sup> a massa de cabeças na escuridão debaixo do jorro de luz.

<sup>27</sup>[...] o Filho do Homem, / o qual está com um chicote nas mãos, / expulsando os mercadores/ da 20th Century Fox/ que fizeram de Tua casa de oração/ uma cova de ladrões.

<sup>28</sup> sonhou ser estrela de cinema.



que induzem a valorizar o que não deveria ser prioridade; por isso, não se deve culpar aos que se deixam guiar por esses apelos, mas sim às empresas que contaminam o mundo com pecado e com radioatividade.

Por que Marilyn Monroe não seria culpada? Porque “Ella no hizo sino actuar según el script/ que le dimos. – El de nuestras propias vidas – Y era un *script* absurdo”<sup>29</sup> (CARDENAL; SÖLLE, 1985, p.26). Assim, a responsabilidade não é da estrela, mas nossa, que a colocamos no mundo do cinema, lugar que criamos como forma de escaparmos às nossas vidas comuns cotidianas, espaço no qual inserimos artistas e fazemos com que eles percam suas vidas em prol de dar vida a personagens pelos quais ansiamos e nas quais nos projetamos como, conforme mencionado, um mecanismo de evasão.

Assim, há um pedido de perdão ao Senhor. Pedido para que Deus perdoe Marilyn, mas também pedido para que perdoe a nós todos “por nuestra 20th Century/ por esta Colossal Super-Producción/ en la que todos hemos trabajado”<sup>30</sup> (CARDENAL; SÖLLE, 1985, p.29). Superprodução essa que, para dar vida aos nossos sonhos, aos nossos momentos de escapismo, tira a vida daqueles que nela se deixam enredar, daqueles que se tornam mercadorias.

O eu lírico mostra uma Marilyn com fome de amor a qual saciamos com tranquilizantes; uma Marilyn que, para compensar “la tristeza/ de no ser santos/se le recomendo el psicoanálisis”<sup>31</sup> (CARDENAL; SOLLE, 1985, p. 32). Em seguida, a voz que fala no texto roga ao Senhor que recorde do crescente pavor que Marilyn tinha por maquiagem-se, o horror e a impontualidade aos estúdios, fatos que demonstram que ela não queria mais a vida de holofotes, que queria buscar a simplicidade, pois sua verdadeira fome era de amor, não queria mais vender seu corpo e sua alma para os estúdios. Sonhou um dia ser estrela, mas “su vida fue irreal como un sueño/ que un psiquiatra/ interpreta y archiva”<sup>32</sup>(CARDENAL; SÖLLE, 1985, p.40).

Suas relações amorosas eram superficiais e, muitas vezes, resultantes de ilusões, ancoradas no medo e numa profunda solidão: “Sus romances fueron un beso/ con los ojos cerrados/ que cuando se abren/ los ojos/ se descubre que fue bajo reflectores”<sup>33</sup>(CARDENAL; SÖLLE, 1985, p.42).

---

<sup>29</sup> não fez senão atuar segundo o script /que lhe demos. / – O de nossas próprias vidas -./ E era um/ *script* absurdo.

<sup>30</sup> Por nossa 20th Century por esta Colossal Superprodução na qual todos temos trabalhado.

<sup>31</sup> a tristeza de não sermos santos, se lhe recomendou a psicanálise.

<sup>32</sup> sua vida foi irreal como um sonho que um psiquiatra interpreta e arquiva.

<sup>33</sup> seus romances foram um beijo/ com os olhos fechados/ que, quando se abrem os olhos,/ se descobre que foi embaixo de refletores.

Narra, enfim, o apagar do derradeiro holofote, o cenário é desmontado, pois a última cena foi gravada. Nada mais a ser fazer. Sua vida, paradoxalmente foi marcada por glamour – viagem de iate, beijo em Singapura, baile no Rio, recepção com Duque e Duquesa de Windsor - e solidão – “La hallaron muerta/ en su cama con la mano en el telefono./ Y los detectives no supieron/ a quién iba a llamar”<sup>34</sup> (CARDENAL; SÖLLE, 1985, p.48). -, chega ao fim: “La película terminó/ sin el beso final”<sup>35</sup> (CARDENAL; SÖLLE, 1985, p.48).

A reflexão final do poeta nos remete à presença de Deus no derradeiro momento, àquele a quem, apesar de ela ter ligado um número errado, o poeta pede que atenda ao telefone de Marilyn: “Señor,/ quienquiera que haya sido el que ella/ iba a llamar y no llamó/ (y tal vez no era nadie/ o era Alguien/ cuyo número no está en el Directorio/ de Los Angeles)/ ¡Contesta Tú/ el telefono!”<sup>36</sup> (CARDENAL; SÖLLE, 1985, p.53).

Um número errado no derradeiro momento é o que sobrou a alguém que vendeu sua vida em busca de fama, de sucesso. Alguém que, na visão do poeta, teve a vida marcada pela miséria, miséria essa que nem sempre foi material, mas que, com certeza, sempre foi humana.

Ernesto Cardenal, na sua construção poética de “Oración por Marilyn Monroe”, parte de um acontecimento esperável no mundo do cinema – o suicídio de uma atriz – para mostrar o quanto a sociedade moderna, marcada pela valorização do que não é essencial, pela banalização dos relacionamentos humanos, pela anestesia das relações existenciais e pela mercantilização dos seres, contribui para a deterioração do humano, cujo corpo deixa de ser templo de luz, para ser mercado no qual se negocia o viver e o morrer. Na sua construção literária, tenta despertar o humano, tirá-lo do estado de estagnação, fazendo-o ver que é preciso dar um basta a esse comércio de seres. Marilyn é só mais uma vítima dessa dinâmica social marcada pela injustiça e pelo desamor. Clama a Deus por perdão não só para Marilyn, mas para todos nós que compactuamos com toda essa injustiça. Tenta reverter o quadro de solidão em que se encontram os Filhos do Homem para que não se ouça mais, no fim da caminhada, o “wrong number”<sup>37</sup>.

Após essa pausa necessária para mostrar a relação de amor construída com/pelo humano, voltemos a falar da experiência de Ernesto Cardenal em Cuernavaca. Durante o período em que permaneceu ali, precisou fazer inúmeros tratamentos para o estômago e também análise com psicólogos, porque alguns profissionais acreditavam que a gastrite que o vitimava tinha fundo

---

<sup>34</sup> Acharam-na morta/ em sua cama com a mão no telefone/ e os detetives não sabiam/ a quem ia chamar.

<sup>35</sup> o filme terminou/ sem o beijo final.

<sup>36</sup> Senhor, / quem quer que tenha sido o que ela// ia chamar e não chamou (e talvez não era ninguém/ ou era Alguém/ cujo número não está no Diretório/ de Los Angeles) / atenda Tu o telefone!

<sup>37</sup> Número errado.

emocional. Aproveitou essas consultas para confessar o seu pavor de falar em público e para pedir ajuda. As suas idas a esse profissional levaram também à descoberta de que ele reprimia suas emoções e que até em seus poemas não havia a menor emoção.

Enquanto estudiosos da obra desse autor, não podemos concordar com a opinião desse profissional. O poema analisado anteriormente e que foi escrito durante a permanência de Ernesto em Cuernavaca apresenta muita paixão. Os epigramas que serão analisados em um capítulo posterior também. Acreditamos que houve um diagnóstico equivocado e que o psicólogo tenha confundido escrita objetiva – característica do fazer literário modernista – com textos frios, destituídos de afetividade. Assim, concordamos com a defesa de Cardenal quanto ao seu fazer literário. Segundo ele, “meu argumento é de que essa [poesia] era uma técnica literária deliberada, [que consistia em] não expressar os sentimentos explicitamente, mas de forma indireta” (CARDENAL, 2003 a, p. 270. Tradução nossa).

Acreditamos que Cardenal, no contato humano, reprimia as emoções. As inúmeras entrevistas com ele a que assistimos fizeram-nos comprovar isso. No entanto, os sentimentos “gritam” em seu fazer poético, não é por acaso que o leitor, muitas vezes, se emociona ao ler seus escritos literários.

Cabe ressaltar ainda que, mesmo se estivesse com a razão o psiquiatra, e ele não escrevesse de forma emotiva, o trabalho do poeta é o de levar o leitor a se emocionar, não de derramar na folha de papel suas próprias emoções. Isso Fernando Pessoa já nos mostra em um de seus poemas:

Dizem que finjo ou minto  
Tudo o que escrevo. Não.  
Eu simplesmente sinto  
Com a imaginação.  
Não uso o coração.  
[...]  
Por isso escrevo em meio  
Do que não está ao pé,  
Livre do meu enleio,  
Sério do que não é.  
Sentir? Sinta quem lê!  
(PESSOA, 1995, p. 85-86. Grifos nossos)

Voltemos a descrever a rotina de Cardenal em Cuernavaca. Esse mosteiro, consideravelmente à frente de seu tempo, abria suas portas a todos os que desejassem estar ali: sacerdotes que estavam suspensos, seminaristas neuróticos, pessoas que podiam pagar para estudar ali e, também, quem não podia. Todos eram bem-vindos. Por isso, experiências

religiosas e não religiosas bastante diferentes eram propostas nesse lugar. Um exemplo disso, deu-se quando tentaram convencer Ernesto a provar maconha, alegando “que ajudaria na oração; que acabaria com as dores de cabeça” (CARDENAL, 2003 a, p.277. Tradução nossa). O poeta, no entanto, recusou a experiência temendo pôr em risco sua vocação caso o fizesse.

Nesse período, o monge nicaraguense estava usando barba, sandálias, calça e jaqueta jeans azuis, influência do movimento “beat” que começava a ganhar corpo na América. Aliás, vários representantes desse movimento passaram por Cuernavaca. Até mesmo um poeta beat comunista. Cabe ressaltarmos que, nesse período de sua vida, Cardenal não era ainda comunista. A conversão a essa corrente só se deu após a sua visita a Cuba.

O místico objeto dessa tese ainda vivia em Cuernavaca quando Merton, após um longo período sem escrever-lhe (mais de um ano), endereçou a ele uma missiva, dizendo que “já tinha uma ermida onde desfrutava de sua desejada solidão [...], um lugar tranquilo em uma colina, escondido do mosteiro pelos pinheiros” (CARDENAL, 2003 a, p. 280. Tradução nossa).

No final do ano de 1961, Ernesto deixou Cuernavaca e foi para o Seminário Cristo Sacerdote, na Colômbia, onde terminou sua preparação para sacerdote.

Quanto ao destino do Seminário do México, nele foram proibidas, por ordem de Roma, as práticas psicanalíticas que ocorriam. Isso levou o superior do mosteiro, Dom Gregório, e outros membros da Ordem a se rebelarem, o que acabou por gerar a excomunhão desses religiosos. O mosteiro tornou-se um centro psicanalítico dirigido pelo ex monge, Gregório Lemercier.

Merton, quando soube do ocorrido, ficou muito chateado; afinal, “tinha acabado uma renovação monástica com a qual ele se sentiu muito identificado e da qual pensou em participar” (CARDENAL, 2003 a, p. 281. Tradução nossa).

### **2.3.3 “Cristo Redentor”: o fim de uma etapa e o começo de um novo caminho**

Quanto à última Universidade do Amor em que Cardenal estudou, trata-se do Seminário dedicado às vocações tardias, localizado nas proximidades de La Ceja, na Antioquia, região da Colômbia. A respeito desse local, Ernesto relata o seguinte em seu diário **Las Ínsulas Extrañas**: “Estávamos nos Andes. O clima era úmido, nebuloso e com garoa, de um agradável frescor que fazia mais suportável a batina negra, que eu havia abominado, mas tinha que usar” (CARDENAL, 2003 b, p. 11. Tradução nossa).

O fundador desse seminário, que era naquela época bastante moderno, foi o Monsenhor Alfonso Uribe Jaramillo, “homem de mentalidade aberta e progressista antes de ser bispo, depois não mais” (CARDENAL, 2003 b, p. 13. Tradução nossa).

Nosso poeta via esse seminário como um local em que tinha bastante liberdade. Nele, podia fazer e ensinar a fazer esculturas e dar aulas de pintura moderna. Achava, porém, excessivo o “sacerdotalismo do seminário” (CARDENAL, 2003 b, p. 15. Tradução nossa). Também não lhe agradava o fato de professores e visitantes comerem uma comida melhor que a dos seminaristas na frente deles. Causava-lhe ainda um certo desconforto o fato de a população local tomar o sacerdote por uma divindade.

Quanto às atribuições de Ernesto, além das já mencionadas aulas ligadas às artes, também necessitava trabalhar com as crianças na catequese, mas “Cardenal tinha pavor [disso]” (CARDENAL, 2003 b, p. 17. Tradução nossa). A esse respeito, dizia que “falar com adultos era difícil, mas para crianças de dez ou doze anos era impossível (CARDENAL, 2003 b, p. 18. Tradução nossa). Isso faz-nos lembrar de um apelido que Cardenal tinha na escola “El espartano” que remetia, em seus anos de estudantes, ao fato de não gostar de falar com outras pessoas, ou seja, remetia à essa postura lacônica.

Dentro do seminário, não se podia mostrar o corpo. Tinham verdadeiro pavor à nudez. Além disso, os seguintes conselhos eram dados aos seminaristas com o intuito de aplacar os desejos: chupar limão, tomar banhos frios e praticar esportes. Era, com certeza, difícil para Cardenal essa postura repressiva referente à contenção dos desejos, porque parece dizer ser o corpo fonte de pecado e o que impede o homem de acessar o Mistério e, por tudo o que lemos, percebemos ser, nas experiências do corpo, no contato com o outro, através ou não do erotismo, que acessamos o Criador. Cardenal, por acreditar na importância do corpo em nosso movimento de ascese, devia se incomodar bastante com essas práticas.

Além disso, alguns temas não podiam ser discutidos entre os seminaristas. Por essa razão, Cardenal e alguns outros membros desse seminário criaram um grupo místico que ficou conhecido como “Os Aleluias”<sup>38</sup>. Discutiam, em seus encontros, temas como Deus. Foram muito criticados e perseguidos principalmente pelos sacerdotes mais clericalistas, porque esses eram “antimísticos”.

Enquanto esteve em “Cristo Redentor”, Ernesto dedicou-se ainda mais ao estudo dos índios. Desses estudos, surgiu **Ovnis de Oro**, livro que homenageia os índios americanos,

---

<sup>38</sup> Os principais aleluias eram: Cardenal, Bernardo López, Eduardo Perilla, William Agudelo, Carlos Alberto Restrepo, Arturo.

dando voz às suas tradições e mitologias. A fim de ilustrar o conteúdo desse livro, citamos a seguir um poema nele encontrado. Trata-se do canto V do poema “Cantares Mexicanos”. Nesse texto curto, há o registro de um lamento de um rei que alega só ter encontrado na Terra a solidão, e o conselho dele de que devemos fazer amigos antes de que morramos na Terra:

V

(Lamento de Netzahualcōyotl)

Sólo soledad

He venido a conocer  
En anáhuac [la tierra].

Tengamos amistad

Antes de morir  
En anáhuac. (CARDENAL, 1992, p.16)<sup>39</sup>

Novamente o 15 de agosto marcou a vida de Cardenal. Dessa vez, foi esse o dia da Ordenação Sacerdotal do poeta, a qual aconteceu em Manágua. “Fui ordenado sacerdote na Nicarágua pelo Monsenhor Barni, o bispo de Chontales e rio São João, o qual incluía também Solentiname. E ele já havia concordado que eu fizesse minha fundação em Solentiname” (CARDENAL, 2003 b, p. 68. Tradução nossa).

Por ocasião da Ordenação de padre Cardenal, Merton escreveu-lhe uma missiva, mostrando sua satisfação em vê-lo sacerdote. Isso pode ser visto nos seguintes trechos:

Hoje, dia de tua ordenação, penso especialmente em ti [...]. Que Deus bendiga teu sacerdócio e todo o teu trabalho sacerdotal, especialmente todas as esplêndidas inspirações que tem recebido. Tomara que todas deem frutos [...]. Estou seguro de que os anos vindouros serão muito criativos e as iniciativas proféticas provavelmente serão muito evidentes [...]. Constantemente penso nas coisas maravilhosas que se passaram nesses seis anos desde que te foste. Tua vida tem sido abençoada, tua vocação vem verdadeiramente de Deus da maneira muito evidente [...]. Não temas, seja como um menino em seus braços, e farás muito por seu país” (MERTON; CARDENAL, 2003, p. 157-158. Tradução nossa).

Merton antecipa, nessa carta, o papel que Cardenal viria a ter na construção de uma nova Nicarágua, liberta de Somoza.

---

<sup>39</sup> V (lamento de Netzahualcōyotl) /somente solidão/ vim a conhecer/em anáhuac (a terra). /Tenhamos amizade/ antes de morrer/em anáhuac (Tradução nossa).

A ordenação do poeta foi encarada por sua mãe como uma festa de casamento. De fato, Ernesto contraiu bodas, bodas com o Infinito. Isso faz-nos lembrar de um relato lido em **Vida Perdida**, segundo o qual disseram à Cardenal que ele não poderia, ao viver sua experiência extática, ter experimentado um casamento com Deus, pois esse tipo de união não geraria filhos, e o objetivo do casamento é gerar frutos. Nada como o tempo para clarear as coisas. Anos depois, Ernesto tornou-se sacerdote, “oficializando” tais bodas e quanto aos filhos, ele mesmo nos responde:

Agora [...] teria a resposta para o bom doutor Flores Ortiz, como o chamavam em Gethsemani, faz pouco falecido: além dos filhos espirituais que também podem ter, o fruto dessa união [com Deus] não é individual senão coletivo: é o homem novo, a humanidade nova, o Cosmos novo; é um fruto cósmico das núpcias de cada um com Deus, núpcias que também são da humanidade inteira, incluindo o bom doutor Flores Ortiz” (CARDENAL, 2003 a, p. 94. Tradução nossa).

Para finalizarmos essa etapa da vida do nosso místico, é mister mencionarmos o que o levou a deixar Cuernavaca para ir à Colômbia. O fato é que Merton e Cardenal combinavam fundar uma comunidade mística diferenciada, mas o místico norte-americano não obtivera a autorização para deixar a Trapa:

era lógico que eles viram essa saída (de Merton da Trapa) como uma catástrofe para a Ordem, sendo Merton uma pessoa que atraía tantas vocações à Trapa. E a imensa quantidade de dinheiro que o mosteiro recebia pelos livros de Merton não era coisa que se deixava de ter em conta. (CARDENAL, 2003 a, p. 249. Tradução nossa).

Assim, coube a Ernesto trazer para si essa empreitada. “Merton me disse que se não dessem a ele permissão de fazer a fundação que desejava, caberia a mim fazê-la, mas antes devia entrar em um seminário para ser sacerdote. Estive, pois, no Seminário e fui ordenado sacerdote” (CARDENAL, 2003 b, p. 74. Tradução nossa).

Para realizar o desejo de seu antigo Mestre de Noviços e grande amigo, o qual também era anseio dele, Cardenal desiste de ser monge, ordena-se sacerdote e inicia sua missão: construir Solentiname. Antes, contudo, visitou Merton para terminarem a “arquitetura” da nova

comunidade contemplativa. “Foi no outono de 1965 que regressei a Gethsemani” (CARDENAL, 2003 b, p. 74. Tradução nossa).

Muitos anos se passaram, Solentiname de sonho, tornou-se realidade. Foi construída, destruída e reconstruída. Mas o que será que está acontecendo hoje nesse espaço? Responderemos brevemente a esse questionamento. Antes, porém, mostraremos um pouco da vida de Merton, para que se compreenda o que fez Cardenal considerar esse místico estadunidense não só um mestre e um amigo, mas também um pai.

### **3 DE POETAS E REVOLUCIONÁRIOS: PALAVRA E AÇÃO EM PROL DOS HOMENS NA BUSCA DE DEUS**

A solidão de uma floresta. A plenitude do deserto. Participação

(MERTON, 1958, p. 65)

Nuestras vidas son los ríos  
Que van a dar a la muerte  
Que es la vida

(CARDENAL, 1985, p. 45)

Amizade, poesia, engajamento social, admiração, respeito, fé. Essas palavras não podem deixar de serem citadas em um capítulo que aborda a influência de Thomas Merton na vida, na literatura, nas ações políticas, sociais e religiosas de Ernesto Cardenal.

O que teria em comum um monge norte-americano e um poeta nicaraguense constantemente enamorado das “*muchachas* em flor”? Que caminhos levariam ao encontro de pessoas aparentemente pertencentes a mundos tão distintos? Que busca proporcionaria o diálogo entre esses mundos? Que consequências para suas vidas e para outras vidas traria tal aproximação?

O objetivo desse capítulo é buscar respostas plausíveis para as supracitadas perguntas e registrar a beleza do diálogo estabelecido entre Merton e Cardenal, sublinhando o que uniu esses dois místicos, poetas e revolucionários.

Mostraremos, ainda, os desdobramentos dessa grande amizade: a criação de Solentiname, comunidade inicialmente idealizada por Merton e depois também sonhada e fundada por Cardenal e o trabalho desse em prol das “milícias do não”, dos que sofrem as consequências de um governo pouco preocupado com os necessitados, com os trabalhadores que “são as mãos e os pés do patrão”, os quais são explorados, morrem de fome, de doenças,



sendo vítimas de um governante da Nicarágua que, numa postura extremamente umbilical, preocupava-se apenas com o próprio bem-estar, desconsiderando o povo, que construía a riqueza dos poderosos e legitimava seu poder.

### 3.1 ADMIRAÇÃO, AMIZADE, CONTEMPLAÇÃO, PALAVRAS E AÇÃO SOCIAL

É inegável que foram amigos, grandes amigos. Já se conheciam antes mesmo de haver um primeiro contato visual entre eles. Ernesto Cardenal já havia lido obras de Thomas Merton, as quais o interessaram muito. Merton, por sua vez, lera a carta escrita por Cardenal, pedindo para ingressar na Trapa e o fato de ele ser um poeta latino despertara interesse.

A partir do momento em que iniciaram a convivência em Gethsemani, começaram a se admirar e a descobrir que havia muitos pensamentos e ideais e construções de vida em comum: ambos eram poetas, experimentaram a vida mundana e a deixaram na busca do Sagrado; almejavam maior intimidade com Deus pela via do silêncio, das orações e da contemplação; chegaram, posteriormente, à conclusão de que o Sagrado podia ser encontrado no mundo secular, sonhavam ajudar na construção de um mundo mais justo e mais igual. Com tanto em comum, era impossível não serem, como já dissemos, amigos. Cardenal chegou a dizer, após a morte prematura de Merton, que foram mais que amigos, que Padre Louis fora um pai para ele.

Começaremos este tópico apresentando ao leitor um pouco da história da vida de Merton, para entendermos como essa se encaixa na trajetória religiosa e mística de Ernesto, a seguir apresentaremos as singularidades da relação entre o noviço e o Mestre e as construções literárias que buscavam o Infinito a partir da ação em prol dos homens.

#### 3.1.1 Merton: um itinerário singular

Minha tarefa pessoal não é simplesmente a de poeta e escritor, é basicamente louvar a Deus desde um centro interior de silêncio, gratidão e consciência. (MERTON, p. 1963, p. 78)

Cada objeto, cada ser, cada instante é um mistério pleno de significação (MERTON, 1963, p. 45)

Não é fácil escrever sobre um autor tão estudado, quanto Thomas Merton. Há muita produção a respeito de sua vida e de sua obra. Cientes disso, é bom que salientemos não ser nosso objetivo fazer um aprofundado estudo a respeito desse místico poeta, mas somente – e

despretensiosamente – mostrar como sua trajetória existencial aproxima-se da de Cardenal e como essas vidas, aparentemente tão diferentes, apontam para a mesma direção, fato que possibilitou não só o contato entre eles, mas uma forte e verdadeira relação de cumplicidade e parceria. Cardenal, em **Vida Perdida**, assim começa a definir Merton:

Não tinha nenhuma auréola especial de misticismo. E à primeira vista seu rosto não irradiava nada extraordinário. Ao contrário, o que irradiava, se assim se pode dizer, é que era uma pessoa completamente comum. Mas o que era extraordinário era a grande simpatia que comunicava desde o primeiro contato com ele; tinha o dom da congenialidade. Parecia que se interessava em cada pessoa, que simpatizava com qualquer um. (CARDENAL, 2003, p. 173)

Ditas essas palavras, começemos uma breve exposição sobre a vida do místico e poeta norte-americano.

Embora tenha nascido no sul da França no ano de 1915, Thomas Merton viveu não somente nesse local, mas também na Inglaterra e nos Estados Unidos. Aliás, foi nesse último país, e já com pouco mais de vinte anos, que se converteu à religião Católica e, tempos depois, mais precisamente em dez de dezembro de 1941, decidiu ingressar no mosteiro trapista da Ordem Cisterciense da Estrita Observância – mais conhecida como Trapa. Nesse espaço, tornou-se mais tarde Mestre de Noviço e, conseqüentemente, o mestre do noviço Cardenal.

Faustino Teixeira, em seu livro **Buscadores do Diálogo** (2012), pontua alguns traços da trajetória espiritual de Thomas Merton. Segundo esse autor, Merton foi um místico muito ousado, que se deixou impulsionar pela vocação de “seguir adiante”, de “alargar cordas” e “ultrapassar fronteiras” (TEIXEIRA, 2012). Assim, podemos dizer que o místico que foi mestre do noviço Cardenal acreditava em que não devíamos estar presos ao passado, que devíamos voltar nosso olhar para aquilo que estava a nossa volta, para o “Real aqui e agora”. Pensando desse modo, tão ruim quanto ficarmos presos ao passado, seria voltar nosso olhar para o futuro num eterno adiar de decisões, numa espera de algo que, para nós, ainda é desconhecido. Dessa maneira, Merton é um contemplativo filiado ao “tempo presente, à vida presente”.

Segundo Teixeira nos afirma na introdução do livro de Sibélius Pereira, a vida contemplativa em Merton é deveras singular, pois “Não se trata de uma contemplação desligada do mundo, mas, ao contrário, inserida de forma viva nas malhas do real e na tessitura do tempo” (PEREIRA, 2014, p. 18).

Essa singularidade contemplativa lembra-nos ensinamentos zen, segundo os quais atingimos o Nirvana no Samsara, ou seja, a iluminação não se alcança fora do mundo, mas nele,

em nossas atividades cotidianas, em nossos encontros do dia a dia. Aliás, no último ano de sua vida – 1968 -, após viver uma intensa experiência na Ásia, através da qual pôde “alargar as cordas” do diálogo com o outro, compreendeu, conforme nos afirma Teixeira, que “comunicação em profundidade[...] não significa ruptura com a tradição, mas o apelo de ampliar as cordas da identidade para se aproximar da dignidade da diferença, [...] do precioso patrimônio e enigma do outro” (PEREIRA, 2014, p. 20).

Alguns outros traços da vida e da trajetória do monge/místico Merton devem ser trazidos à luz a fim de que entendamos os pilares que sustentaram a amizade e a admiração existente entre os místicos em questão. Conforme mencionamos, a contemplação em Merton era voltada para o mundo, mas também era “marcada por uma busca intensa de Deus[...] no diálogo silencioso da oração e da meditação” (PEREIRA, 2014, p. 22). Essa busca era feita através do “trabalho de cela”. Segundo Teixeira, “em seu entendimento, o ‘trabalho de cela’ traduz o exercício essencial do monge em manter acesa a atenção, não deixando que nenhum dos sons que procedem do Mistério passem despercebidos ou se percam no vazio” (2012, p. 33). A respeito da importância dessa busca do silêncio – e conseqüentemente da solidão -, Merton escreve o seguinte:

Em certo sentido, um sentido bem verdadeiro e solitário, ter vindo para o eremitério foi um ‘retorno ao mundo’, não um retorno às cidades, mas um retorno ao contato direto e humilde com o mundo de Deus, Sua criação, o mundo dos homens pobres que trabalham [...] Meu espaço é o mundo criado e redimido por Deus. Deus está nesse mundo de verdade, não é ‘apenas’ e restritamente um prisioneiro no mosteiro. [...] estou apenas começando a saber o que realmente é a vida – longe de todas as cortinas, almofadas e evasões da vida em comum. Vejo, porém, minha grande necessidade dessa vida. Ontem à noite, no jantar, com toda a seriedade, uma profunda consciência de que eu necessito dos anjos e dos santos comigo em minha solidão. (HART, MONTALDO, 2001, p. 296 e 297).

Podemos perceber, pelas palavras anteriormente mencionadas, que a busca de Merton por solidão era uma maneira de se reconectar com o Sagrado e de redescobrir o que é a vida. É uma forma de morrer para as coisas do mundo, as quais foram criadas pelo homem, para renascer e redescobrir Deus.<sup>40</sup> Isso é confirmado em um outro trecho de seus diários em que

---

<sup>40</sup>Essa mesma busca por reconexão com o Mistério é encontrada em Ernesto Cardenal. Porém, no poeta nicaraguense, de acordo com o que observamos em seus últimos livros de poesia, essa reconexão se dará pela evolução da humanidade, que perceberá que, juntos, quando conscientes de que formamos um todo, podemos vislumbrar a face do Criador, refletida em toda a sua criação. Isso motiva a sua luta

relata não buscar a solidão para “atingir os píncaros da contemplação, mas para descobrir penosamente, para mim mesmo e para meus irmãos, a verdadeira dimensão escatológica de nosso chamado” (HART, MONTALDO, 2001, p.299).

Sibélius Pereira fala-nos da existência de diversos “Mertons”, os quais são vislumbrados através de sua obra:

Há um Merton escritor poeta e refinado crítico literário. Há um Merton historiador, basta pensar em sua importante obra *Águas de Siloé*, que recompõe com qualidade a história dos cistercienses[...]. Há um Merton teólogo[...]. Há um Merton figura pública[...]. E há, sobretudo, o Merton da mística propriamente dita, que convida a sensibilidade do leitor a um mergulho profundo e impactante nos grandes temas da espiritualidade: a solidão, o silêncio e a simplicidade; a vida e a morte, o humano e o divino (2014, p. 24).

Cardenal, antes de entrar para a Trapa, conheceu o Merton figura pública. Após sua entrada nessa ordem religiosa, conheceu o teólogo e o místico em suas direções espirituais e através do convívio diário. Os anteriormente mencionados traços místicos encontrados em Thomas – busca da solidão, da oração no silêncio, da simplicidade, da união com Deus – também são vistos tanto na vida, quanto na obra de Ernesto. Não foi por acaso que Ernesto, quando escolheu ingressar na mais rigorosa ordem religiosa do mundo – juntamente com a ordem dos Cartuchos – não o fez por acaso. Tanto é que, em **Vida Perdida**, relata admirar o fato de que, nessa ordem norte-americana, só se podia receber visitas uma vez por ano, de que havia períodos muitos longos de silêncio, intercalados com orações, trabalho e leitura. Conforme já relatamos, sentia-se em lua-de-mel naquele lugar – pelo menos nos primeiros tempos. Admirava, ainda, a simplicidade presente na maneira como se vestiam, nas celas onde dormiam. Além disso, o fato de estar inserido na natureza fazia-o se sentir parte da criação e, assim, estar conectado ao sagrado.

Voltemos a falar sobre Merton e as fases de sua vida. Começemos pelo Merton convertido. É mister mencionarmos o que levou esse homem a deixar os amores e apegos do mundo em favor da busca de um encontro amoroso com Deus. Talvez o que tenha impulsionado Merton para a vida religiosa tenha sido um enorme sentimento de vazio, de perceber que há

---

em prol da extinção das desigualdades. Mas esse assunto será abordado em uma outra parte do presente trabalho.

uma fome impossível de ser aplacada com os prazeres do mundo. O próprio Merton nos fala sobre as emoções que vivia antes da conversão da seguinte forma:

Eu então era orgulhoso e vaidoso e negava Deus e estava cheio de gula e de luxúria. Tão cheio de todas essas coisas que até hoje sua infelicidade não me deixa de vez, continuando a se impor de volta a mim em pensamentos e sonhos e movimentos de cólera e desejo. Ainda estou cheio do mesmo orgulho e desventura de então, orgulho que é muito forte e do qual temos muita dificuldade em nos livrar devido à força da voluntariedade, que enfraquece o amor e a oração e resiste a Deus. Mas todas essas forças eram muito mais fortes porque eu não lhes opunha a menor resistência. (HART, MONTALDO, 2001, p.5)

O fato é que Thomas Merton queria uma nova vida diversa daquela de outrora. Queria dedicar-se à oração, de vencer as paixões e “fraquezas da carne”. “Há uma extrema necessidade de abrir mão de todas as coisas, pegando a cruz e seguindo Cristo. Tudo mais é prisão e morte” (HART, MONTALDO, 2001, p.12).

Essa busca levou-o a Ingressar na Trapa. Antes dessa nova etapa, porém, houve momentos de dúvida, de desconcerto em relação ao mundo, de medo de não ser aceito na Ordem que considerava o “Paraíso na Terra”: “Não quero que ele (Padre Philoteus) argumente pró ou contra os trapistas. Eu sei que quero ser trapista” (HART, MONTALDO, 2001, p.48). E se tornou membro de Gethsemani.

Os anos passaram como dias e, apesar da alegria de estar a serviço de Deus, alguns medos povoam a mente do padre Louis: “Eu talvez tenha medo de ser absorvido no notório anonimato do padre, de me tornar uma dessas máscaras por trás das quais Cristo se oculta e age” (HART, MONTALDO, 2001, p.56) Ou ainda: “Temo que se desapontem se eu não agir e pensar em tudo do modo como acham que o Cardeal Newman deve ter agido ou pensado (HART, MONTALDO, 2001, p. 56).

Em Gethsemani, Merton precisava conciliar o lado monge, que ele achava fantástico, com a necessidade de escrever e também com as consequências do que escrevia: a publicação de livros e a fama. Em 1949, relata algo desconcertante em relação à sua vida monástica: “todo dia eu mato Isaac – meu belo sonho de uma vida solitária, silenciosa e bem organizada, sem intrusões mundanas, sem publicidade, sem *best-sellers*, apenas Deus e essa árdua, arcaica, pequena cela cartesiana!!!” (HART, MONTALDO, 2001, p. 69).

Apesar desse descontentamento, Merton tinha certeza de sua vocação para contemplativo e para sacerdote. Acreditava que a vida de um contemplativo devia ser pautada

na simplicidade, que não devíamos buscar complicações. Chegou a dizer a Cardenal que a vida espiritual não estava separada da vida do mundo.

Enquanto contemplativo, buscava silêncio, oração e um vida eremítica, mas “para um cisterciense, eis onde estão as graças: no coro com os restantes, no trabalho em comum, no capítulo, lendo com os outros” (HART, MONTALDO, 2001, p.77).

O sacerdócio almejado por Merton implicava buscar a absoluta simplicidade, o total desapego, um amor pelo todo. Nessa busca, a natureza sempre representou refúgio, o lugar onde Merton podia ouvir a voz silenciosa de Deus, mostrando que se pertenciam. Tanto é que, em um de seus diários, relata o seguinte: "Aqui na mata não consigo pensar em nada que não seja Deus. Não é tanto que eu pense n'Ele, é que estou tão consciente d'Ele quanto do sol e das nuvens e do céu azul e dos cedros finos" (HART, MONTALDO, 2001, p. 119).

O tempo passa, Merton torna-se responsável pela direção espiritual dos noviços. E é, conforme já mencionamos, nessa função que o místico norte-americano passa a ter um contato mais estreito com Frei Lawrence, nome que Cardenal recebeu na Trapa. E, desses encontros, surgem uma mútua influência e uma intensa e sincera amizade. Cabe salientarmos que

o jovem poeta nicaraguense teve presença importante na vida do monge norte-americano e a afetou decisivamente, se não no essencial, ao menos na intensidade com que este abordou algumas das questões que mais lhe preocupavam no momento de conhecer-se: seu conceito de poesia comprometida como transformadora do mundo, sua visão de América Espanhola como continente do futuro e sua convicção da necessidade de levar à prática nela suas ideias sobre reforma monástica (MERTON; CARDENAL, 2003, p. 10)

Após anos vivendo na Trapa, surgiram dois desejos: o de viver a solidão, o que parecia inconciliável com o estilo de vida dos trapistas e o de criar uma comunidade contemplativa na América latina, uma nova comunidade na qual poderia viver a simplicidade, inserido na natureza não como um estranho, mas como um elemento dela. Queria dedicar-se ao silêncio e a Deus e ao silêncio em Deus, desejava unir-se ao Criador a partir de suas atividades cotidianas. Isso fez com que orquestrasse o que depois veio a ser Solentiname. Mas sobre isso falaremos mais adiante.

Infelizmente, não recebeu autorização de seus superiores para fundar tal comunidade. Dessa forma, continuou vivendo no mosteiro de Kentucky. Tendo permissão apenas para fazer algumas viagens a fim de dar palestras ou para participar de encontros com outros místicos ou com autoridades seculares.

Mas o desejo de deixar Gethsemani persistia. Essa necessidade é apresentada por Merton pelas seguintes motivações:

a ansiedade que eu senti nos últimos tempos deve-se provavelmente à emergente consciência de que isso tudo é inútil – uma não-sobrevivência, ainda mais estranha para mim, de certa forma do que Gethsemani. Um derradeiro esforço de amor, desesperado e infantil, por pessoas desconhecidas de algum desconhecido futuro (HART, MONTALDO, 2001, p.357).

e

as ambiguidades do trabalho aqui [Trapa]: as pretensas “raízes” em Gethsemani, onde sou um alienígena e a maioria também. Entretanto, para muitas pessoas, paradoxalmente, estou identificado por completo com esse estranho lugar no qual não posso acreditar firmemente. Onde de modo tão óbvio todas essas pessoas com votos de estabilidade estão a ponto de levantar voo (e não sabem disso), ou então ficam simplesmente à força de repressão. Mesmo aqueles que se sentem em casa continuam a ser alienígenas, embora não o percebam (HART, MONTALDO, 2001, p. 356).

No que diz respeito ao seu anseio por uma vida reclusa, na qual pudesse viver a solidão e a contemplação, conseguiu realizar tal intento após anos de tentativas. Isso aconteceu no ano de 1965, três anos antes de sua morte. A esse respeito, Merton relata o seguinte: “Quando fui falar com o abade, ele acabou dizendo que em 20 de agosto, dia de São Bernardo, faria a mudança no noviciado e eu estaria livre para ficar no eremitério o tempo todo, sem outra responsabilidade além de dar uma palestra por semana no noviciado” (HART, MONTALDO, 2001, p. 288).

No eremitério, Merton diz que “essa vida é a que sempre procurei e esperei que viesse a ser. Uma vida de paz, silêncio, objetivo, significado” (HART, MONTALDO, 2001, p. 293). Tem consciência de que “nem sempre ela é fácil” (HART, MONTALDO, 2001, p. 293). Mas sabe que nela “tudo se encaixa à perfeição do lugar. Pode-se viver num ritmo conveniente, sossegado, produtivo – trabalho manual pela manhã, escrita na parte da tarde. Há tempo para leitura e meditação [...]. A dispersão e agitação “daqueles dias” resolvem-se espontaneamente” (HART, MONTALDO, 2001, p.293).

Dessa maneira, pelo menos inicialmente, o novo eremita consegue viver a solidão contemplativa, a qual tanto almejada:

Os dias vão passando e eu começo a vivenciar o sentido da *solidão real*. Por certo, ela agora já é bastante real. Desço às 10:45, para dizer missa, fazer as tarefas necessárias, almoçar e volto. Na maior parte dos dias não falo com ninguém, vejo pouquíssimos membros da comunidade e, é claro, mais ninguém. [...] agora que tudo está aqui, o trabalho da solidão tem início, e o sinto. Glorifico-me nele (dando graças a Deus) e o temo. Não é algo que facilmente se escolha. Eu não ficaria nisso, se não estivesse convencido de que Deus o escolheu para mim (HART, MONTALDO, 2001, p. 294).

Ao mesmo tempo em que está só, e teme essa solidão, e amedronta-lhe a ideia de desequilibrar-se psicologicamente, também sente estar mais próximo de seus irmãos e recebe as orações dos outros membros da Trapa, orações que direcionava a Deus, rogando por um mundo mais igual e mais simples. Para o contemplativo Merton, “ter vindo para o Eremitério foi um ‘retorno ao mundo’, não uma volta às cidades, mas um retorno ao contato direto e humilde com o mundo de Deus, Sua criação, o mundo dos homens pobres que trabalham” (HART, MONTALDO, 2001, p.296).

Mas por que esse desejo de isolamento, sabendo ser uma vida difícil e passível de comprometer-lhe a sanidade?

A resposta dada por Merton a isso é tocante e reflete uma elevação espiritual admirável. Para ele,

Uma coisa é certa: se eu me limitar a considerar a solidão e o ‘eremitismo’ como a culminância de um ideal monástico, encontrarei apenas as ilusões que, por toda parte alhures, são tão frustrantes. O que eu menos quero no mundo é ‘ser eremita’. [...] venho à solidão para ouvir a palavra de Deus, para manter-me na expectativa de uma realização cristã, para compreender a mim mesmo em relação a uma comunidade que duvida de si e se questiona, e da qual faço parte. Não venho à solidão para ‘atingir os píncaros da contemplação’, mas para descobrir penosamente, para mim mesmo e para meus irmãos, a verdadeira dimensão escatológica de nosso chamado (HART, MONTALDO, 2001, p.298, 299).

Isso é um exemplo de desapego e de um grande Amor pelo humano, dado por alguém que viveu o encontro amoroso com Deus e, por isso, sabe que nossas atitudes ressoam no cosmos, assim sua solidão é “uma solidão sonora”. O fato é que Merton tinha necessidade de viver uma vida solitária na qual sabia existirem dias de medo de perder a lucidez e dias de oração, de contemplação e de maravilhar-se diante da beleza do que estava a sua volta: natureza e silêncio. Isso nos remete ao momento em que experimentou a “graça de Deus”. A narrativa desse momento é de um lirismo tão arrebatador que merece ser citada nesse trabalho:



Ontem, em Louisville, na esquina de Rua 4 e Walnut, de repente eu me dei conta de que amava todas as pessoas e de que nenhuma delas era ou poderia ser totalmente estranha a mim. Como se acordasse de um sonho – o sonho de minha separação, de minha vocação “especial” para ser diferente. Minha vocação, na realidade, não me faz diferente do restante dos homens nem me põe numa categoria especial, a não ser artificialmente, juridicamente. Ainda sou membro da raça humana, e que destino mais glorioso há para o homem, desde que o Verbo se fez carne e, também, se tornou membro da Raça Humana!

Graças a Deus! Graças a Deus! Sou apenas mais um membro da raça humana, como todos os outros. Tenho a imensa alegria de ser um homem! Como se os sofrimentos de nossa condição pudessem realmente importar, desde que começamos a perceber quem e o que somos – como se jamais pudséssemos começar a perceber isso na Terra. (HART, MONTALDO, 2001, p. 141).

Essa sensação de pertencimento ao todo e a sensação de que todos os humanos são irmãos é também trabalhada em Cardenal que, em seus últimos livros, defende a tese de que tudo que compõem os multiversos forma um todo, que, enquanto unido, faz-nos ver, pela junção de várias faces, o Rosto do Criador – o qual se reflete em sua obra: toda a criação.

Thomas Merton cada vez mais está certo de que

Nada conta, a não ser o amor, e que uma solidão que não seja simplesmente a total abertura da liberdade e ao amor não é nada. Amor e solidão são a soma da verdadeira maturidade e liberdade. [...] a verdadeira solidão abarca tudo, pois é plenitude do amor que não rejeita nada e ninguém, que se abre para Todos em Tudo (HART, MONTALDO, 2001, p. 315).

Não podemos terminar nossa breve exposição acerca da biografia de Merton sem compartilharmos mais um elo entre os místicos de que falamos: a experiência do amor vinculado a Eros, da loucura e das consequências do enamoramentos. Por isso, “precisamos falar sobre M.”.

### 31.1.1. *Precisamos falar sobre M.*

Na curva perigosa dos cinquenta  
derrapei neste amor. Que dor! que pétala  
sensível e secreta me atormenta  
e me provoca à síntese da flor

que não se sabe como é feita: amor,  
na quinta-essência da palavra, e mudo

de natural silêncio já não cabe  
em tanto gesto de colher e amar (...) (DRUMMOND, 1983, 237)

Nós não podemos amar a menos que consintamos em ser amados de volta  
(MERTON, 2015, p.48)

Nesse trabalho, dedicaremos um capítulo para escrever sobre amor. Sobre um amor que parte do mundo humano do toque, do desejo, do tesão para alcançar uma forma diversa de amor para a qual não há palavras em nosso espaço-tempo capazes de definir. Mas, antes de chegarmos a esse ponto na nossa tese e já que estamos falando de traços que singularizaram o encontro de Merton com Cardenal, é mister abordarmos mais uma experiência que tiveram em comum: ambos conheceram e puderam saborear o amor humano. Assim, se estamos construindo uma narrativa a qual versa sobre amor, sobre erotismo, sobre busca de um amor que, partindo do efêmero almeja não só o eterno, mas também o Sagrado, precisamos falar de Margie, ou, como usa em muitos de seus textos o místico estadunidense, M. e do quanto ela foi significativa, mais que isso, transformante, na trajetória existencial, literária e contemplativa de Thomas Merton. Ela significou o amor com seus tremores de pernas, com seu palpitar de artérias, com seu rubor de face com o desejo de junção de corpos que já tinham as almas unidas. Porém, representou também o medo da perda, a necessidade de renúncia, a escolha do Sagrado em detrimento do humano, ou antes a opção pelo todo não priorizando a parte.

Mas afinal, quem é M.? Por que é importante citá-la em um texto que estuda os místicos Merton e Cardenal? M. foi o amor encontrado na maturidade quando Thomas já imaginava passar pela vida sem experimentar os desassossegos do amor de um homem por uma mulher.

Não é que Merton tivesse tido toda uma vida isenta de paixões. Muito pelo contrário, seus diários atestam ter tido uma adolescência e uma juventude contemplada por inúmeros encontros de corpos. Tanto é assim que chegou a ter um filho, mas o amor que parte do corpo, mas o ultrapassa parece só ter sido saboreado com ela, com a doce estudante de enfermagem com a qual travara contato naquela primavera de 1966. Com a chegada dessa estação, vem o renascimento da vida, naquela, para Merton, deu-se o desabrochar do desejo, do fogo, da fome de beijos e abraços e, ao mesmo tempo, o surgimento da confusão, do medo e da culpa. Não foi por acaso que esse místico escreveu em um de seus diários o seguinte:

seu amor desperta em mim uma irresistível gratidão e o impulso de atirar todo meu ser em seus braços e, ao mesmo tempo, também pânico, dúvida, medo de estar sendo enganado e de ferir (quando passo metade da noite em claro,

atormentado pela ideia do homem com quem provavelmente ela está dormindo) (HART, MONTALDO, 2001, p. 319).

Em 23 de março de 1966, Merton precisou ser hospitalizado a fim de se submeter a uma intervenção cirúrgica nas costas, uma vez que sentia dores enlouquecedoras. Uma semana após dar entrada nesse hospital, foi apresentado àquela que cuidaria de seu corpo durante a recuperação e, sem que ele esperasse, o arrebataria, despertando nele o desejo de mais, fazendo-o considerar a ideia de deixar o eremitério - e quem sabe a ordem - para se entregar àquele sentimento que o consumia inteiramente. Em um de seus diários, relata sobre essa nova emoção que quase o enlouquecia de saudades e o fazia esperar com ansiedade uma carta de M. para ficar “contente em saber notícias dela” (HART, MONTALDO, 2001, p. 316), mas que precisava “pensar em um modo de lidar com o problema dessa ternura” (HART, MONTALDO, 2001, p.316).

Segundo nos afirma Patrick Hart, na introdução do livro **Learning to Love: Exploring Solitude and Freedom**, “da primavera para o verão trocaram cartas, falaram ao telefone e passaram tempos juntos ou em Gethsemani, ou em Louisville. O amor entre eles floresceu. Mas ele sabia que era um monge” (2011, p. 12. Tradução nossa). Apesar dessa condição, enquanto viveu esse sentimento, mostra ser não um monge, mas um homem apaixonado, que renasce pelo amor que sentia e pela sensação de ser recíproco o sentimento por parte da amada. Não é por acaso que declarou: “Ontem, o dia girou em torno de uma longa (e ilegal) conversa telefônica com M. [...] sei em meu coração que teria sido realmente melhor se eu tivesse seguido minha intuição original e me contentado com umas cartas e nada mais. Porém, nós queremos nos ver, etc, etc” (HART, MONTALDO, 2001, p. 318).

Mas seus escritos também são pautados no medo. Na insegurança proporcionada por sair da zona de conforto em que se encontrava para ousar viver o novo e, com ele, o risco de a vida não sair de acordo com seus planos e de não suportar a nova condição. “Também estava cheio de angústia e tormento - por ele e por M. Mais cedo ou mais tarde tudo vai acabar. Seria melhor acabar antes de ficar mais complicado que está. Mas agora eu temo que tenha se desencadeado uma sequência de fatos que não pode mais ser contida (HART, MONTALDO, 2001, p.318).

Merton sentia-se consumir por aquela nova emoção, mas, apesar de ter certeza de estarem “terrivelmente apaixonados”, de saber da cumplicidade entre eles, tinha consciência de que era, conforme já mencionamos, um monge e decidiu: “nunca tocarei nela e me garantirei de que isso está perfeitamente claro” (HART, MONTALDO, 2001, p. 320). Mas tinha consciência

de que esse amor o tornava “homem” e gerava o sentimento de “gratidão” e a sensação de “pertencimento” não mais somente a Deus, mas também a ela. Mas havia os votos e, com eles, a absoluta e incontestável realidade de que não podia estar ao lado dela. Sabia que o amor por M. o havia transformado, queria estar nos braços dela, trocar beijos ardentes e, ao mesmo tempo, castos; entendia agora melhor o sentimento que outras garotas diziam ter por ele, mas, que, anteriormente, não fazia sentido. Só agora tinha a real dimensão do que Cardenal lhe falara sobre as “*muchachas*”, e o real significado da renúncia feita pelo místico da Nicarágua. Um tornado de emoções devastava seu ser, mas, tinha a certeza de que “[n]a sociedade não tem lugar para nós e eu não tenho a necessária ousadia para enfrentar o mundo inteiro, particularmente quando não quero mesmo, de modo algum, uma vida de casado; quero a vida pela qual fiz meus votos” (HART, MONTALDO, 2001, p.328).

A maior angústia provavelmente era reprimir o desejo: “já ontem foi essa nova etapa de amadurecimento, lenta e gradual, e a pressão desse amor sexual profundo e quente irrompendo por mim e me tirando o sossego, abalando a partir do coração todo meu ser (não apenas excitação genital)” (HART, MONTALDO, 2001, p.326).

Cardenal, em **Vida Perdida**, atesta esse grande amor vivido por Merton na vida madura:

Quem teve em sua maturidade um amor humano, o “amor paixão”, foi Thomas Merton. Foi um amor com loucura, como meu amor por Carmen, mas correspondido. Ele nunca havia tido antes nenhum verdadeiro amor e acreditava que não tinha a capacidade de amar. (CARDENAL, 2003, p. 424).

Cardenal relata ainda que Merton enlouquecera com esse amor, chegando a pensar em matrimônio ou em fuga, mas, depois de um tempo, Merton e M. chegaram à conclusão de que não podia ser. Ele estava destinado a ser de Deus, e ela pertencia ao mundo.

Assim, em oito de setembro de 1966, renunciou a esse amor, optando por viver a e na solidão até o fim de seus dias. Chegou, inclusive, a mencionar que, se pudesse conciliar a solidão e M. não abriria mão desse amor, mas não podia e declara que “é para isso que tenho de voltar, isso está vindo de novo à superfície[...] minha obediência a Deus engendrando Seu amor em mim (que nunca cessou!)” (HART, MONTALDO, 2001, p. 343).

Há um lindo poema escrito pelo monge/poeta estadunidense, de caráter incontestavelmente autobiográfico, que diz da intensidade desse amor e da dor causada pela ausência dele. É um texto marcado pela angústia e por um quase desespero de querer a amada

em seus braços, mas não mais poder estar com ela. O consolo, no texto, parece ser a lua cheia que pode, mesmo estando separados, ser compartilhada por ambos. Eis o texto:

Para M. en octubre

Si tú y yo pudiésemos coincidir en lo alto  
de esa nube serena  
como dos rayos  
de sol o como aves  
que emigran a Sudamérica  
oh distraídos espíritus  
que inocentemente vuelan juntos  
en el aire

O si pudiéramos estar  
unidos como das barcas amarradas  
ou como sólidas balsas errantes  
que se deslizan río abajo hacia San Luis o Nueva Orleans

Si fuera posible fundirnos como los dos versos  
de una canción de amor  
dos acordes sonando al uníssonos  
un acompañamiento perfecto  
y ser dos símbolos del mismo enigma  
(¡Oh si se nos permitiera recuperar  
y contar outra vez  
nuestro sueño de verano!)

Si incluso tú y yo pudiésemos comenzar de nuevo  
como dos extraños en este campo abandonado  
donde saltan los grillos  
alrededor de mis pies como la espuma  
de un verde océano...

Pero estoy solo,  
solo deambulando de arriba abajo  
reclinado en el viento absurdo  
y gritando como un loco

“Si solamente tú y yo  
fuésemos posible”  
Pero no importa:  
esta noche es luna llena  
y (tú cimbreándote entre los edificios  
yo sobre los árboles)  
la veremos salir juntos. (MERTON, 2015, p.205-206)<sup>41</sup>

---

<sup>41</sup>Optamos por colocar, no corpo do trabalho, uma versão do poema em espanhol, uma vez que Merton dizia ser a língua espanhola “um idioma que [...] sempre vinculou aos anjos” (MERTON, 2015, p. 10). Além disso, percebemos uma rica sonoridade dos poemas desse autor quando lidos nessa língua. Versão em português: “Se tu e eu pudéssemos nos igualar/ a dois raios de sol/ no alto dessa nuvem serena/ ou como as aves/ que emigram à América do Sul/ ou a distraídos espíritos / que inocentemente

A partir dessa decisão, Merton passou a viver a saudade, a ausência, a dor quase física de não a ter em seus braços. Sonhava com ela, queria-a, chega a construir, em seus devaneios, uma M. arquetípica, mas também viveu a certeza de ter feito a melhor escolha, que sua vocação era “um dom que me foi dado, não para mim, mas para todos, incluindo até M.” (HART, MONTALDO, 2001, p.337). Percebe

que toda a história com M., de fato, foi uma tentativa de escapar às exigências de minha vocação. Não de modo consciente, por certo, mas uma substituição do amor humano (e afinal de contas erótico) por um pacto especial com o isolamento e a solidão, que é o cerne de minha vocação. (HART; MONTALDO, 2001, p. 347).

Cardenal sabia bem o que o amigo vivera, porque, antes de se entregar ao amor de Deus, também conhecera o amor humano. Reconhecia também que M. modificara Merton e a maneira de ele encarar o encontro amoroso com Deus. Após o encontro com M., até o sentido da solidão se tornara outro. Não mais buscava o recolhimento para si, para se conectar com Deus, mas como forma de contribuir para a salvação de todos. Dedicou-se, assim, mais do que nunca, à solidão.

Embora buscasse solidão e recolhimento, recebeu, durante seu tempo no eremitério, muitos visitantes.

Não obstante, seu propósito inicial de levar uma vida similar à daqueles Padres do Deserto que tanto admirava não se viu de todo cumprido, e logo este pequeno santuário de sabedoria conhecido como “Monte Carmelo” se converteu quase em uma espécie de foro universitário que reuniu pensadores, escritores, teólogos e poetas que de todo o mundo iam visita-lo. (MERTON, 2015, p. 23)

---

voam juntos/ no ar. /Ou se pudessemos estar/ unidos como dois barcos amarrados/ ou como sólidas balsas errantes/ que se deslizam rio abaixo até São Luís ou Nova Orleans/ Si fosse possível fundir-nos como dois versos/ de uma canção de amor/ dois acordes soando em unísono/ um acompanhamento perfeito/ e ser dois símbolos do mesmo enigma/ (Oh se se nos permitissem recuperar/ e contar outra vez/ nosso sonho de verão!)/ Se inclusive tu e eu pudessemos começar de novo/ como dois estranhos neste campo abandonado/ donde saltam os grilos/ ao redor de meus pés como a espuma/ de um verde oceano.../ Mas estou só, /só vagando de cima abaixo/ reclinando no vento absurdo/ e gritando como um louco/ “Se somente tu e eu fôssemos possíveis”/ Mas não importa:/ esta noite é lua cheia/ e (tu sentando entre os edifícios/ eu sobre as árvores)/ a veremos sair juntos.

Dentre eles, seu grande amigo Cardenal. Falaremos, a partir desse ponto de nosso trabalho, sobre a orientação espiritual que Merton propiciava a Ernesto – enquanto seu Mestre de Noviço e mesmo depois do místico nicaraguense ter deixado a Trapa – e sobre os fortes laços literários e fraternos que os mantinham unidos.

### 3.1.2 Merton: o mestre do noviço Cardenal e um amigo singular

O que Merton me ensinou, e que nunca poderia aprender na mística clássica, é que minha vida era a única vida espiritual que eu podia ter e não outra. (CARDENAL, 2003 a, p. 346)

“Lamentamos informar-lhe a morte de nosso querido Padre Louis em Bangkok” (MERTON; CARDENAL, 2003, p. 35). Essas palavras, levadas até Cardenal por um telegrama enviado pelo abade de Gethsemani, representaram não só o fim de uma longa e produtiva correspondência pautada em admiração mútua, em compartilhamento de sonhos, mas também, segundo o próprio Cardenal declarou, “a maior dor que teve na vida” (MERTON; CARDENAL, 2003, p. 35).

Foram amigos, confidentes. O primeiro contato visual entre eles se deu quando Cardenal ingressou no Mosteiro de Nossa Senhora de Gethsemani, localizado em Kentucky – EUA - no ano de 1957. Merton o aguardava e, humildemente, assim se apresentou: “Eu sou o mestre de noviços” (CARDENAL, 2003, p. 14).

Apesar de ter sido esse o primeiro contato físico entre eles, já se conheciam. Cardenal, em **Vida Perdida**, relata que já tinha lido praticamente toda a obra de Merton e que havia, inclusive, traduzido para o espanhol alguns de seus livros. Assim, o primeiro contato entre esses dois místicos foi pela via literária e é assim descrito:

Uma vez li no *Book Review* do *New York Times* uma nota muito breve de um jovem poeta trapense. Senti um golpe no estômago. É que um jovem poeta tinha se tornado monge trapense e eu não. De imediato, comprei em uma livraria os poemas de Thomas Merton. Mais que sua poesia, ainda que bastante inovador, o que mais me interessava era que fora feita por um monge trapense. (CARDENAL, 2003, p. 49).

Já Merton relatou a Cardenal<sup>42</sup> que o abade não queria aceitar seu pedido para ingressar na Trapa, mas ele havia sentido em seu interior algo que dizia ser necessário receber o poeta nicaraguense, pois sua presença seria muito significativa. Dessa forma, opôs-se à ordem do abade e fez com que ele viesse para Gethsemani.

Começaremos esta exposição, mostrando o convívio entre Merton e Cardenal que acontecia dentro de Getsemani e, posteriormente, dedicaremos algumas palavras ao sonho compartilhado por eles de fundar uma comunidade contemplativa diferenciada.

Durante o tempo em que permaneceu no mosteiro trapista, além das orientações espirituais recebidas pelo Mestre Louis, estreitaram-se os laços de amizade entre esses dois poetas.

No que diz respeito às conversas com Merton, em Gethsemani, durante as orientações espirituais, podemos afirmar que foram fundamentais para a construção do místico Cardenal. Eram diálogos marcados pelo desejo de um mundo mais fraterno, sobre o anseio, da parte de Merton, de fundar uma comunidade contemplativa diferenciada. Compartilharam suas dúvidas acerca da vida monástica e do celibato, seus amores, sua paixão pela palavra escrita. “Não se pode compreender Cardenal como poeta, artista, religioso e político sem ter em conta essa experiência formativa sob a tutela de Merton” (MERTON; CARDENAL, 2003, p. 18).

Cardenal, em seu diário **Vida Perdida**, relata o quanto foi importante estar com Merton na Trapa. Confessa que as orientações espirituais de Padre Louis, nos primeiros tempos, incomodaram-no muito, porque entrara para aquele mosteiro após uma rica experiência mística e se sentia em bodas com o Criador. Quando o mestre de noviços começava a falar, apresentava-lhe uma realidade que, pelo estado em que se encontrava, não conseguia entender. Por outro lado, o místico norte-americano também não compreendia o comportamento de Cardenal. Quando esse, contou a aquele a experiência vivida naquele 02 de junho e que mudara a sua vida, tudo fez sentido para Merton. Ele pôde entender o comportamento de Ernesto, mas o alertou “que devia estar preparado para lutar, porque teria que sofrer, e o que mais o faria sofrer seria o silêncio e a vida continuamente em comunidade” (CARDENAL, 2003, p. 16). Disse ainda que, no que dizia respeito às experiências místicas, “não devia contar com elas. Alguém tinha definido a vida do monge como um semi êxtase e 40 anos de aridez” (CARDENAL, 2003, p. 16).

---

<sup>42</sup> O mencionado relato de Merton aparece transcrito por Cardenal em seu diário **Vida Perdida** na página 18.



Das conversas com Merton, Cardenal aproveitou para construir-se enquanto místico. Vamos apontar aqui alguns dos ensinamentos obtidos através desse contato com o mestre do noviço em Gethsemani. Começemos pelos conselhos dados aos noviços.

Merton não estava plenamente de acordo com as regras da Trapa. Chegou até a mencionar que não era uma ordem para poetas como ele e Cardenal. Achava a instituição por demais rigorosa, considerava um ato irracional a proibição de comunicação por falas em determinados momentos. Por esse motivo, aconselhava àqueles que estavam chegando a “não cair na tentação de fazer penitências extraordinárias [...] do contrário corria o perigo de ter uma vida muito dura e não suportável” (CARDENAL, 2003, p. 136).

Um outro ensinamento dizia respeito à natureza. Merton dizia que “na vida monástica se compenetra com a natureza. Por exemplo, estar observando os pássaros” (CARDENAL, 2003, p. 223). Cardenal entendia esse ensinamento, tanto é que relata, em **Vida Perdida**, o fato de, muitas vezes, acordar de madrugada para passear pelos bosques e colinas, ouvindo os pássaros e os outros bichinhos que viviam ali. Nesses momentos, sentia a presença de Deus.

Certa vez, em uma orientação espiritual, Merton disse a Cardenal que “Cristo, em suas relações com a alma, é muito tímido” (CARDENAL, 2003, p.123). O poeta nicaraguense pôde compreender, desse modo, que, às vezes, é preciso ter paciência, saber esperar pelo Amado, fingindo-se mesmo de indiferente.

No que concerne à oração, Merton dizia que a oração não devia exigir tanta concentração mental, nem uma repetição mecânica do rosário. Dizia que “não devemos imaginar Deus como algo exterior a nós, mas como o mais interior, o mais íntimo de nós” (CARDENAL, 2003, p. 124). Por essa razão, “esquecer-se de tudo e estar a sós conosco mesmo é encontrar Deus” (CARDENAL, 2003, p. 124). Cardenal entendia bem essas palavras de seu mestre, porque ele sentia que sua oração era sentir-se unido a Deus, sem muitos exercícios mentais de reflexão, sem meditação ou memorização de palavras.

Além desses ensinamentos, é mister lembrarmos os já anteriormente referenciados desconcertos. Conforme já dissemos, o primeiro dizia respeito ao descontentamento de Merton com relação ao Mosteiro e à vida monástica e o outro dizia respeito ao fato de, nas orientações espirituais, Merton falar sobre coisas do mundo secular e não sobre a vida espiritual.

Durante as muitas conversas entre Cardenal e Merton, esse sempre falava do desejo de fundar uma comunidade mística singular, “uma forma diferente de comunidade, não canônica, apenas com um grupo diferente de amigos [...] em uma ilha onde está aquele que foi seu noviço, com uns casais casados, algumas famílias campesinas e alguns intelectuais” (CARDENAL, 2003, p.166).

Cardenal começou a fazer desse projeto de Merton seu desejo também. Assim, após sair da Trapa e ordenar-se padre, começou a fazer real o que antes eram projetos de seu mestre. Criou Solentiname, uma pequena comunidade às margens dos lagos da Nicarágua.

Abordaremos, na segunda parte deste capítulo, a comunidade real que surgiu a partir desse sonho. No entanto, antes apresentaremos os projetos idealizados por padre Louis os quais acabaram, após algumas modificações, dando origem a esse espaço.

Conforme já mencionamos, esse místico não se sentia adaptado na Trapa. Achava ser necessário “fazer uma reforma monástica essencializadora” (MERTON; CARDENAL, 2003, p. 18) e, conseqüentemente, isso aumentava “o desejo de deixar Gethsemani e suas estruturas antiquadas de instituição demasiado complexa” (MERTON; CARDENAL, 2003, p. 18). Por essa razão, buscava fundar essa comunidade supramencionada, a qual retomaria os ideais beneditinos da simplicidade. Desejava que fosse na América Latina, por acreditar que essa seria “o continente do futuro”, “o redentor do mundo moderno” (MERTON; CARDENAL, 2003, p. 19). Inicialmente, achava que a fundação deveria ocorrer no Equador ou em algum lugar dos Andes, mas depois convenceu-se que o lugar ideal seria a Nicarágua, na ilha de Ometepe. Essa comunidade contemplativa “não deveria estar à margem dos problemas sociais e políticos, mas devia ser um lugar onde se reuniriam pessoas de diversas tendências ideológicas, não só católicos, para estudar esses problemas e buscar solucioná-los” (CARDENAL, 2003, p. 126).

O padre norte-americano desejava vir à América Latina para fundar a comunidade, mas nunca obteve autorização de Roma para isso. Mas escreve as diretrizes para essa comunidade. Ao final, morre sem poder sequer visitar o lugar com que sonhara. Após sua morte, Cardenal declara a Jaime Quezada que “Thomas Merton é o fundador espiritual desta pequena comunidade de Solentiname” (MERTON; CARDENAL, 2003, p. 25), uma vez que, “com seu marcado caráter de comunidade artística livre das regras de um monastério tradicional, cumpre com a ideia que Merton tinha do que deveria ser uma autêntica comunidade monástica” (MERTON; CARDENAL, p. 25).

Nas bases de Solentiname, encontram-se ideias de justiça social, liberdade, poesia. Elementos comuns à vida e à obra desses dois amigos e místicos muito singulares.

Para finalizarmos esse tópico de nosso trabalho, é mister mencionarmos o fato de que não foi somente Merton que influenciou Cardenal. Observamos uma mútua influência. A fim de exemplificar isso, podemos citar o fato de que o próprio poeta norte-americano ter declarado que, após ler a obra poética de Ernesto, começou a incorporar em sua produção elementos nela encontrados, como a preocupação social e política. O que podemos afirmar é que a convivência

desses dois místicos foi deveras significativa para suas vidas e também para aqueles que os conheceram e/ou tiveram contato com suas obras literárias, sociais e políticas.

### 3.1.3 Merton: contemplação, escrita e ação social

A vida contemplativa na ação e na pureza de coração é, pois, uma vida de grande simplicidade e liberdade interior. (MERTON, 1963, 265)

Escuta as minhas palavras oh Senhor  
Ouve os meus gemidos  
Escuta o meu protesto (CARDENAL, 1979, p. 86)

Se pensamos ser a vida contemplativa a vida dentro das ordens monásticas, pensamos em oração, silêncio, busca do Sagrado; no caso da vida na Trapa, acrescentamos a isso o grande silêncio, a vida comunitária, o contato com a natureza, o rigor na obediência às regras, a proibição de escrever profissionalmente. Mas não estamos falando de um contemplativo comum, estamos falando de Thomas Merton. Assim, antes de iniciarmos a exposição sobre contemplação, palavras e ação social, é preciso que apresentemos a visão de Thomas Merton acerca do que vem a ser contemplação.

Em suas direções espirituais aos noviços em Gethsemani, Merton oferece algumas informações sobre o que acredita ser contemplação. Em um desses encontros, esclarece aos seus discípulos que a palavra contemplação não é encontrada no Evangelho. “Era uma palavra grega, de origem platônica, que depois passou ao Cristianismo. Mas o Evangelho não fala mais que de oração” (CARDENAL, 2003, p. 173).

Segundo esclarece em seu livro **Espiritualidade, Contemplação e paz** (1962), Merton afirma que só há uma contemplação e que

a palavra, no sentido próprio, significa contemplação “passiva”. Trata-se de um puro dom de Deus. [...] Deus é o agente principal, que infunde a contemplação na alma e, deste modo, toma posse de suas faculdades, movendo-as diretamente de acordo com Sua vontade (p. 69).

Ressaltamos, porém, que, num sentido mais lato, há uma contemplação chamada ativa, a qual exige “pensamento e ação e atos de vontade”. (MERTON, 1962, p. 70). Através desse tipo de contemplação “uma pessoa pode ser capaz de viver dentro de si mesma e familiarizar-

se com seus próprios pensamentos (MERTON, 1962, p. 70). É uma contemplação “alimentada pela leitura e pela meditação, pela vida [...] pela vida litúrgica e sacramental da Igreja (MERTON, 1962, p. 70). Não deixa de salientar, entretanto, que “antes que a leitura, a meditação e o culto se tornem contemplação, devem convergir numa visão unificada e intuitiva da realidade” (MERTON, 1962, p. 70). Podemos perceber que é uma contemplação inserida “no real, no tempo e na história”. “É uma vida de grande simplicidade e liberdade interior. Não é a busca de alguma coisa especial, nem de alguma determinada satisfação” (MERTON, 1962, p. 77).

Um elemento comum a todo tipo de contemplação é o fato de “preconizar um contato obscuro, experiencial com Deus, acima dos sentidos e mesmo, de certa maneira, acima dos conceitos [...]” (MERTON, 1962, p. 82).

A partir dessa contemplação, podemos atingir um patamar mais “elevado e mais perfeito [que] vai além das imagens dos sentidos e da inteligência discursiva e cintila na obscuridade do “desconhecimento. (MERTON, 1962, p.83). Chegamos à contemplação mística. Segundo o místico Thomas Merton, ela, num nível superior, está acima do intelecto, é “uma luz – nas – trevas, de conhecimento no desconhecido” (MERTON, 1962, p. 84), é “obra do amor, e o contemplativo prova que ama deixando todas as coisas, mesmo as mais espirituais, para ir a Deus no nada” (MERTON, 1962, p. 84). Nesse momento, “o que importa é o amor de Deus pela alma e não o amor da alma por Deus” (MERTON, 1962, p. 84). Cabe mencionarmos que esse é “um trabalho de união interior e de identificação na caridade divina” e que “o homem conhece a Deus ao tornar-se um com Ele. Apreende a Deus tornando-se o objeto de Sua infinita misericórdia” (MERTON, 1962, p. 84).

Merton salienta que ser contemplativo é buscar sim o silêncio, a quietude e a oração, mas nos adverte também que ser contemplativo é estar inserido no mundo, nos problemas do mundo, nas dores do mundo. Porque a experiência mística ocorre quando deixamos de nos preocupar com o ego, quando apenas vivemos e, estando no mundo, precisamos efetivamente fazer parte dele. Uma forma encontrada por ele, objetivando se inserir no real, era através da escrita. Segundo ele mesmo relata, “escrever é amar: é indagar e louvar ou confessar ou rogar. Esse testemunho de amor continua a ser necessário. Não para eu certificar-me de ser, mas simplesmente para eu pagar minha dívida com a vida, com o mundo, com os outros homens” (MERTON; CARDENAL, 2003, p. 315, 316).

Segundo Sibélius Pereira,

Merton pode ser reconhecido como um autêntico e contundente ativista. Não apenas se preocupou com os temas e questões de seu tempo, mas também tornou públicas suas posições e usou, no limite do possível, a sua influência a favor das lutas sociais e políticas daquele momento (PEREIRA, 2014, p.471).

Cardenal nos diz em seu diário **Vida Perdida** que, se não fosse a experiência mística vivida naquele dia 02 de junho, não seria mais que “um intelectual simpatizante do sandinismo” (CARDENAL, 2003, p. 65). Assim, toda a sua militância política e seu trabalho social foi consequência daquela experiência e dos encontros por ela possibilitados. Um desses encontros foi com Merton e esse o ensinou, conforme já mencionamos, que a contemplação pode e deve estar inserida no mundo. Em muitas das cartas trocadas entre esses dois místicos, faz-se menção à luta em prol dos menos favorecidos. Assim, segundo nos informa Daydí-Tolson,

contemplação e ação, monastério e mundo são termos aparentemente antitéticos que em Cardenal – seguindo a Merton – não se opõe, mas sim, ao contrário, se complementam em uma tensão que o define em sua essência de poeta, religioso e revolucionário. A influência de Merton sobre Cardenal resulta, definitivamente, fundamental. (MERTON; CARDENAL, 2003, p. 10).

Em muitos dos livros de Thomas Merton, encontramos esse compromisso com o real. Em seus diários, por exemplo, faz questão de mencionar a dura vida de um monge, o diálogo com pessoas de várias crenças, a fim de mostrar que é necessário “alargar as cordas” e ir além conhecendo a beleza e a singularidade do outro com quem se estabelece uma conversa sincera. Sua literatura – assim como a de Cardenal – mostra-se comprometida com a luta por justiça, por igualdade e por paz. O poema de Cardenal que citaremos, no próximo tópico, feito por ocasião da morte de seu amigo, mostra essa necessidade de escrever sobre as dores do mundo como forma de fazer o leitor pensar sobre elas e buscar solucioná-las.

### 3.1.4 Versos para dizer de uma história de amor

Vivimos como en espera de una cita  
infinita. O  
que nos llame al telefono  
lo Inefable. (CARDENAL, 2005, p. 32)

Por ocasião da morte de Merton, Ernesto Cardenal escreveu um longo poema dedicado a seu mestre Thomas Merton. Trata-se de “Coplas<sup>43</sup> a la muerte de Merton”. Não podemos dá prosseguimento a essa tese sem dedicarmos algumas linhas a falar desse texto e de seu lirismo singular, coplas que narram uma história de amor, de amor *philia*, sentimento compartilhado não somente entre mestre e noviço, mas, e principalmente, entre dois grandes amigos.

“Nuestras vidas son los rios/ que van a dar a la muerte/ que es la vida”<sup>44</sup>(CARDENAL, 1985, p. 215). Com esses versos, Cardenal inicia seu poema supracitado e neles o poeta nicaraguense, para louvar o amigo, traz-nos crenças, sonhos e episódios da vida do místico trapense. Faz referência, por exemplo, ao zen, a cujos estudos Merton se dedicava e que lhe parecia ser uma espiritualidade bastante singular: “Tu muerte más bien divertida Merton/ (o absurda como un Koan?)”<sup>45</sup> (CARDENAL, 1985, p. 215).

São muito interessantes as reflexões feitas por Cardenal a respeito da morte, principalmente aquelas que se referem à circunstância da morte de Merton: “Morir no es como el choque de un auto o/ como un corto-circuito/ nos hemos ido muriendo toda la vida/ Contendida en nuestra vida”<sup>46</sup> (CARDENAL, 1985, p. 215. Grifos nossos).

A evocação de elementos concretos, marca do exteriorismo literário, vanguarda criada por Cardenal em parceria com Coronel Urtecho e que será abordada no próximo capítulo desta tese, é bem marcada no poema em versos como os seguintes:

Nos hemos ido muriendo toda la vida  
 Contendida en nuestra vida  
 ¿Como el gusano en la manzana?<sup>47</sup>  
 (CARDENAL, 1985, p. 215. Grifos nossos)

Ou

¿El Tiempo Alfonso el Tiempo? Is Money, mierda, shit  
 el tiempo es New York Time Y Time  
 - Y hallé todas las cosas como coca-colas...<sup>48</sup>  
 (CARDENAL, 1985, p. 215)

<sup>43</sup> Coplas são poemas, cuja tradição remonta à Idade Média. Esses textos têm um caráter bastante popular tanto no que diz respeito a tema quanto à linguagem.

<sup>44</sup> Nossas vidas são os rios/ que vão dar à morte/ que é a vida.

<sup>45</sup> Tua morte, Merton, bastante engraçada (ou absurda como um Koan?)

<sup>46</sup> Morrer não é como o choque de um automóvel ou/ como um curto-circuito/ nós vamos morrendo toda a vida/ contida em nossa vida.

<sup>47</sup> nós vamos morrendo toda a vida/ contida em nossa vida/ como um verme na maçã.

<sup>48</sup> ¿O Tempo, Alfonso, o Tempo? / É Dinheiro, merda, merda /o tempo é New York Time e Tempo/ -E achei todas as coisas como coca-colas.

Nessa rememoração da vida do amigo, aparecem críticas políticas e sociais, como ao meio de vida americano, aos governos ditatoriais, à exploração, à supervalorização do dinheiro. Observemos:

Somos Somozas deseando más y más haciendas  
More More More<sup>49</sup>  
(CARDENAL, 1985, p. 216)

1 martini o 2 para olvidar Su rostro  
Relax & ver tv  
El placer de manejar un Porsche  
(any line you choose)<sup>50</sup>  
(CARDENAL, 1985, p. 222)

Cf. THE AMERICAN WAY OF DEATH<sup>51</sup>  
(CARDENAL, 1985, p. 222)

El Tiempo? Is Money<sup>52</sup>  
(CARDENAL, 1985, p. 224)

La muerte biológica es cuestion política  
O cosa así  
General Electric,  
La parca  
Un jet de Viet  
Nam para el cadáver<sup>53</sup>  
(CARDENAL, 1985, p. 234)

Esse compromisso social era algo que unia os místicos, pois ambos acreditavam ser preciso vencer as desigualdades e injustiças para conseguirmos acessar o Infinito. Merton, em particular nos últimos anos de sua vida, tecia duras críticas ao “American way of life” por acreditar ser ele voltado para um consumismo exacerbado e para a valorização do dinheiro e do status social em detrimento de valores morais e éticos.

O texto escrito com a intenção primeira de trazer ao coração, pela memória, o amigo querido tornou-se um singular tratado sobre amor e sobre morte. Nele enxergamos claramente

---

<sup>49</sup> Somos Somozas desejeando mais e mais fazendas/ Mais Mais Mais.

<sup>50</sup> 1 martini ou 2 para esquecer Seu rosto/ Relaxar & ver tv/ o prazer de dirigir um Porsche/ (qualquer linha que você escolher).

<sup>51</sup> “Cf o modo americano de morte”. Nesse verso, há uma grande ironia, perceptível pelo jogo de palavras na sentença “o modo americano de morte” que contrasta com a frase original “the american way of life” (o modo de vida americano).

<sup>52</sup> O Tempo é dinheiro.

<sup>53</sup> A morte biológica é questão política/ ou algo parecido /General Electric/ A parca/ um jet em Viet/ nome para um cadáver.

a visão do eu-lírico a respeito da vida e da morte. Não é por acaso que, ao lermos versos como os apresentados a seguir, nós, leitores, conseguimos nos enxergar como passageiros os quais viajam rumo a uma estação final e estamos esperando que ela chegue para começarmos uma nova etapa da vida.

Vivimos como en espera de una cita infinita. O  
 al telefono lo Inefable<sup>54</sup> Que nos llame  
 (CARDENAL, 1985, p. 216)

Nessa espera,

la lucidez es imagen de la muerte  
 De la iluminación, el resplendor  
 enxerguecedor de la muerte<sup>55</sup>  
 (CARDENAL, 1985, p. 217)

Com a vinda dessa nova etapa, sem futuro, viveremos “[...] sólo un presente fijo”<sup>56</sup> (CARDENAL, 1985, p. 217) no qual “se revela la realidad toda entera / en un flash”<sup>57</sup> (CARDENAL, 1985, p.217).

Nesse tratado sobre vida e morte, não poderia faltar o amor, que é visto como uma forma de se vislumbrar a morte antes da morte física, já que significa a supressão do ego. Assim,

El amor, el amor sobre todo, un anticipo de la muerte  
 Había en los besos un sabor a muerte  
 Ser  
 es ser  
 en outro ser  
 Sólo somos al amar <sup>58</sup>(CARDENAL, 1985, p. 218)

Esse vislumbre se dá nas “bodas del deseo”<sup>59</sup> (CARDENAL, 1985, p. 216), quando, ao unirmos os corpos, mesmo que instantaneamente pela cópula, “matamos” o dois, tornando-nos

<sup>54</sup>Vivemos como à espera de uma cidade infinita./ Ou que nos chame ao telefone o Inefável.

<sup>55</sup>A lucidez é a imagem da morte/ da iluminação o brilho/ escuro da morte.

<sup>56</sup>Só o presente fixo.

<sup>57</sup>Se revela toda a realidade/ em um flash.

<sup>58</sup>O amor, o amor sobretudo, uma antecipação da morte/ Havia nos beijos um sabor de morte/ Ser/ é ser/ em outro ser/ Somente somos ao amar.

<sup>59</sup>Bodas do desejo.



um pelo amor: “el coito de volición perfecta es el acto/ de la muerte”<sup>60</sup>(CARDENAL, 1985, p. 216).

E, ao mesmo tempo e ainda que aparentemente paradoxal, pela morte, através do amor, retornamos à vida, porque

Sólo amamos o somos al dejar de ser al morir  
 desnudez de todo el ser para hacer el amor  
 make love not war  
 que van a dar al amor  
 que es la vida<sup>61</sup> (CARDENAL, 1985, p. 219)

Dessa maneira, a morte não é “una película de horror”<sup>62</sup> (CARDENAL, 1985, p. 219), mas “una Noche Nupcial”<sup>63</sup> (CARDENAL, 1985, p. 219). A morte, nessa concepção, “seria viajar/ a nosotros mismos”<sup>64</sup> (CARDENAL, 1985, p. 219). E, assim, “La muerte es el acto de la distracción total/ también: Contemplación”<sup>65</sup> (CARDENAL, 1985, p. 218).

Essa abordagem sobre a vida e morte é muito singular, uma vez que, segundo a voz que fala nesse texto, “somos inmortales”<sup>66</sup> (CARDENAL, 1985, p. 220), chamados a ir a uma

gran Aldea [...] y no como a un fin  
 sino al Infinito  
 volamos a la vida con la velocidad  
 de la luz  
 y como el feto rompe la bolsa amniótica...  
 [...]  
 - la salida  
 de la crisálida  
 y es un happening  
 el clímax  
 de la vida  
 dies natalis  
 esta vida pre-natal...<sup>67</sup> (CARDENAL, 1985, p. 220-221)

<sup>60</sup>O coito da volição perfeita é o ato/ da morte.

<sup>61</sup>Somente amamos, ou somos ao deixar de ser ao morrer/ desnudez de todo o ser para fazer o amor/ faça amor não guerra/ que vão dar ao amor/ que é a vida.

<sup>62</sup>Um filme de terror.

<sup>63</sup>Uma Noite Nupcial.

<sup>64</sup>Seria viajar/ a nós mesmos.

<sup>65</sup>A morte é o ato da distração total/ também: Contemplação.

<sup>66</sup>Somos imortais.

<sup>67</sup>Grande Aldeia[...]/ e não como um fim/ mas sim ao Infinito/ voamos à vida com a velocidade da luz/ e como o feto rompe a bolsa amniótica...[...]/ - a saída/ da crisálida/ e é um acontecimento/ o clímax/ da vida/dia do nascimento/ esta vida pré-natal.

Assim, essa vida é só uma etapa antes das bodas com o Criador, ao qual “allora sólo vemos como en tv/ después veremos cara a cara”<sup>68</sup> (CARDENAL, 1985, p. 226) e, nessa ocasião, “serán dados todos los besos que no pudísties dar”<sup>69</sup> (CARDENAL, 1985, p. 226) porque “la muerte es unión”<sup>70</sup> (CARDENAL, 1985, p. 229) e “morir no es salir del mundo es/ hundirse en él”<sup>71</sup> (CARDENAL, 1985, p. 230) e “La vida no termina se transforma”<sup>72</sup> (CARDENAL, 1985, p. 231).

Cardenal termina seu canto, dizendo que “solo amamos o somos al morir./ El gran acto final de dar todo el ser”<sup>73</sup> (CARDENAL, 1985, p. 235). Foi o que Merton fez em sua vida: amou, morreu no amor; sofreu, morreu na dor; preocupou-se com o outro, morreu nesses encontros para, na morte física, voltar a fazer parte do todo, pois já

Estaba todo vacío  
y dado todo el amor no tenía ya nada que dar  
y listo para ir a Bangkok  
para entrar al comienzo de lo nuevo<sup>74</sup> (CARDENAL, 1985, p. 234).

Após trazermos a luz essa linda homenagem do poeta nicaraguense a Merton, passemos a tratar de Solentiname – o sonho que se tornou real –, dos Evangelhos nela realizados e das consequências das reflexões deles na vida dos que os compartilhavam e do destino da Nicarágua.

### 3.2 SOLENTINAME: UM SONHO COMPARTILHADO

Enquanto viveu na Trapa, Cardenal, durante muitas conversas e orientações espirituais com Thomas Merton, teve acesso a um desejo do místico norte-americano: a ânsia por fundar uma comunidade contemplativa diferente do modelo trapista e assim idealizada:

---

<sup>68</sup> Agora só vemos como na tv/ depois veremos face a face.

<sup>69</sup> Serão dados todos os beijos que não pudestes dar.

<sup>70</sup> A morte é união.

<sup>71</sup> Morrer não é sair do mundo, é/ fundir-se nele.

<sup>72</sup> A vida não termina, transforma-se.

<sup>73</sup> Só amamos ou somos ao morrer. / O grande ato final de dar todo o ser.

<sup>74</sup> Estava todo vazio/ e dado todo o amor / não tinha já nada que dar/ e pronto para ir a Bangkok/ para entrar ao começo do novo.

Merton pensava no Equador, em alguma região dos Andes, onde pudesse levar uma vida verdadeiramente pobre e difícil, entre os índios, e onde se evangelizaria os índios não com a pregação, mas com a vida. Eles veriam sacerdotes diferentes da maioria do clero latino-americano, trabalhando a terra como eles. Ali os monges não deviam depender tanto do maquinário quanto nos Estados Unidos. Não como em Gethsemani, por exemplo, com todos os seus autos, jeeps, caminhonetes, caminhões, tratores, caminhões-tanque para o leite, até caminhão de bombeiro. Ali seria melhor trabalhar com os índios que com maquinários, incorporando-os à vida monástica como obreiros, como o irmão Mathew. Um ou dois tratores seriam suficientes. E o mosteiro ali não devia estar à margem dos problemas sociais e políticos, mas devia ser um lugar onde se reuniram pessoas de diversas tendências e ideologias, ainda que não católicos, para estudar esses problemas e buscar soluções para eles. Tudo isso seria muito diferente daquilo que a ordem trapista tinha sido até aquele momento, mas na América Latina (CARDENAL, 2003 a, p. 125-126. Tradução nossa).

Um outro lugar que também parecia interessante para essa fundação seria a Nicarágua na ilha de Ometepe no Lago da Nicarágua, “pela grande variedade de cultivo que ali se poderia dar, pelo clima fresco, pela beleza da paisagem” (CARDENAL, 2003 a, p. 125-126. Tradução nossa).

Outros, como o padre Eudes, o médico de Gethsemani, também compartilhavam desse sonho e desejavam participar dessa fundação. Merton, porém, sabia que o abade não queria que ele deixasse a trapa por razões já mencionadas em outra parte desse trabalho. Assim, encarregou o amigo Cardenal de, seguindo suas orientações, realizar o sonho que a essa altura já compartilhavam.

Em 1965, depois de já ordenado sacerdote, padre Cardenal retorna ao mosteiro norte-americano para combinar os detalhes da fundação contemplativa na Nicarágua. Quando chega a Trapa, não pôde ver Merton de imediato, pois ele já vivia no eremitério e só vinha ao mosteiro para celebrar a missa do meio-dia e almoçar. Porém, assim que soube da presença de Ernesto, o eremita veio ao seu encontro na casa dos hóspedes e, em seguida, levou-o à sua ermita. Nesse local, mostrou seus planos a Cardenal. O místico nicaraguense sobre essa conversa reporta-nos o seguinte:

Solentiname era uma coisa que vinha sendo planejada por Deus desde quando Ele me trouxe para a trapa, e recordou uma vez mais o que já havia dito antes: que eu não ia ser admitido, [...], mas uma espécie de voz lhe tinha dito que era importante que eu chegasse, e que ele sentiu que tinha que me admitir, e me admitiu (CARDENAL, 2003 b, p. 79. Tradução nossa).

Cardenal diz a Merton que vinha pedir a ele orientações para a organização da comunidade a qual seria criada na Nicarágua, quais deveriam ser as “regras” para o funcionamento. O monge norte-americano disse-lhe que “a primeira regra deveria ser não haver regras” (CARDENAL, 2003 b, p. 80. Tradução nossa). Disse apenas que escreveria para a comunidade alguns direcionamentos, dentre eles que nela não deveriam fumar, porque é provado que dá câncer<sup>75</sup>, que “deveríamos beber em certas ocasiões: um aniversário, a chegada de certas pessoas; enfim, quando tivéssemos algo a celebrar” (CARDENAL, 2003 b, p. 80. Tradução nossa)<sup>76</sup>.

Após essa visita, Ernesto retorna à Nicarágua e inicia uma nova etapa em sua vida: a construção de Solentiname.

### 3.2.1 Solentiname: lugar de hóspedes

O outro existe sempre dentro de nós.  
(COUTO, 2016, p. 76)

Assim começaremos nossa exposição: “Solentiname era um lugar que ninguém visitava [...] o melhor lugar para minha fundação: ilhas muito belas, havia habitantes, terra férteis com cultivos, bom clima, muito incomunicável [...]. Imediatamente senti que ali tinha que ser” (CARDENAL, 2003 b, p. 90. Tradução nossa). Essas foram as primeiras informações obtidas por Cardenal a respeito do local em que fundaria a Comunidade Contemplativa que criou na Nicarágua, a qual teve como pilares novos paradigmas de evangelização, novas formas de vida em comunidade e a construção de uma identidade para aqueles que lá viviam. Nessa comunidade, os habitantes se construíram enquanto pessoas que sabiam o seu lugar na sociedade e o seu papel em prol da construção de um mundo novo, pautado na justiça social e na liberdade.

Conforme já dissemos, foi um sonho compartilhado por Merton e Cardenal. Esse, quando começou a esboçar a comunidade, não tinha nem mesmo um local definido nem regras muito claras. A única certeza era a de se trabalhar junto com o povo na construção de algo distinto do que se encontrava nos mosteiros tradicionais. No ano de 1965, após sua ordenação,

---

<sup>75</sup>Esse direcionamento, com o tempo, foi eliminado, porque William, um dos fundadores da comunidade, era fumante compulsivo e acabou influenciando os demais, inclusive a Cardenal (CARDENAL, 2003 b, p. 80).

<sup>76</sup>A título de curiosidade: foi nessa visita a Merton que Cardenal entregou-lhe o manuscrito do livro Vida no Amor e pediu que o monge norte-americano fizesse o prólogo dessa obra.

já sabia que sua criação tomaria forma em Solentiname, só aguardava que Roma aprovasse seu intento. O dinheiro para a compra do local veio, em grande parte, do prêmio literário que recebera pelo livro **El Estrecho dudoso**, o restante foi cotizado por benfeitores.

Mas por que aquele lugar? Há uma pista para desvendarmos essa escolha no prólogo do livro de Cardenal **El Estrecho dudoso**. Esse prólogo é uma carta escrita ao diretor das Ediciones Cultura Hispánica por Coronel Urtecho – poeta, amigo de Cardenal e morador de uma das Ilhas do Lago da Nicarágua. Nesse texto, Coronel revela o seguinte sobre Solentiname<sup>77</sup>:

Em uma dessas ilhas, Ernesto Cardenal irá estabelecer, em pouco tempo, uma comunidade contemplativa. Duvido que haja no mundo lugar mais apropriado para esse objeto, nem ilhas que mais recordem as ilhas estranhas de São João da Cruz por “muito separadas e estranhas da comunicação dos homens”. Não foram contaminadas pelo progresso e foram deixadas fora das rotas dele. Não entram sequer no itinerário das lanchas motorizadas e do barquinho chamado Somoza que fazem o tráfego habitual do lago, levando carga e passageiros – já quase só [passaram por ali] negociantes e gado que vão e voltam cada semana – do interior da Nicarágua ao Porto de São João (CARDENAL, 2003 b, p. 10. Tradução nossa).

Eis a razão da escolha: “Solentiname estava fora das rotas do progresso e fora das rotas do transporte e fora da história, e estaria fora da geografia se isso fosse possível” (CARDENAL, 2003 b, p. 9. Tradução nossa).

Quanto à autorização para a criação de Solentiname, foi concedida pelo arcebispo, Monsenhor Barni, tendo como única condição: “ter uma irradiação espiritual [...]. Tinha que ter hóspedes, pessoas que chegassem para um retiro ou para uma direção espiritual” (CARDENAL, 2003 b, p. 92. Tradução nossa).

Apesar de Solentiname significar “lugar de hóspedes”, o objetivo de Cardenal era criar um espaço onde se priorizasse o silêncio e a solidão, no qual quem lá estivesse pudesse encontrar Deus manifestado em toda a natureza. No entanto, não foi isso o que aconteceu. Muitas pessoas visitavam esse espaço, “o fato é que demasiados visitantes chegaram a Solentiname; tantos, que, algumas vezes, nos angustiávamos quando, desde longe, víamos outras pessoas no cais, com malas ou mochilas, que estavam chegando” (CARDENAL, 2003 b, p. 92. Tradução nossa).

---

<sup>77</sup>Parte do texto reproduzido aqui foi mencionado por Ernesto Cardenal também no corpo de seu diário Ilhas Estranhas.

Uma vez que mencionamos o fato de o nome Solentiname significar “lugar de hóspedes”, vamos explicar como se chegou a esse significado. Segundo Cardenal nos conta em seu diário **Las Ínsulas Extrañas**, pensava-se, na Nicarágua, que o nome era de origem náhuatl e significava “parede de codornas”, mas não fazia sentido, pois não há muros na ilha nem existiam codornas na região. Quando o poeta foi à Suécia, buscando apoio para a revolução sandinista, encontrou uma nahualista sueca e perguntou novamente o significado do nome, mas, desta vez, lembrou-se de mencionar que a escrita antiga do nome era “çelentiname”. Ela o esclareceu naquela ocasião que o nome assim grafado tinha como significados “ ‘hospedar’, ‘albergar’, ‘receber outros’ ” (CARDENAL, 2003 b, p. 125. Tradução nossa) e, quanto ao sentido de muro, era lugar. Assim, o nome Solentiname tinha um significado bastante diferente daquele que se imaginava: “o nome pois era celin-tenametl: ‘lugar de hospedagem ou onde se hospeda a muitos’ ” (CARDENAL, 2003 b, p. 125. Tradução nossa).

Tudo fazia sentido agora, pois, desde épocas remotas, aquele lugar servia como “lugar em que se hospedavam” os viajantes maias, mas também abrigava as aves durante suas migrações. E agora recebia os que buscavam silêncio, oração e contemplação. Para Cardenal, que acreditava se abrigar nos braços de Deus, aquele era mais um sinal de estar cumprindo sua missão:

e quantas vezes em minha meditação, olhando o lago, não pensei que, desde muito antes, Deus me tinha reservado esse lugar, desde que fez a erupção de um vulcão em frente à desembocadura dos rios Pizote e Papaturro, criando o que Merton, sem saber, chamou desde Gethsemani “rico solo vulcânico”. (CARDENAL, 2003 b, p. 126. Tradução nossa).

Em **El Evangelho en Solentiname**, assim é descrita Solentiname:

O arquipélago de Solentiname consta de trinta e oito ilhas; algumas são muito pequenas, e só as maiores estão habitadas. A população é de cerca de 1.000 habitantes, que se compõe por umas 90 famílias. As casas costumam ser ranchos de palha, e estão todas dispersas, bastante separadas umas das outras, nas ribeiras de ilhas distintas. Em uma ponta da ilha maior está nossa pequena comunidade ou monastério laico: Nossa Senhora de Solentiname. A essa comunidade pertencem o poeta colombiano William Agudelo e Teresita sua esposa e seus dois filhos pequenos, Irene e Juan; e também uns jovens nascidos nestas ilhas: Alejandro, Elbis e Laureano. A comunicação com o exterior não é frequente e nosso retiro contemplativo não é perturbado neste

lugar de difícil acesso, afortunadamente fora das rotas do turismo e do comércio. (CARDENAL, 1985, 8-9. Tradução nossa).

A fundação contemplativa criada, em 1966, na Ilha Mancarrón<sup>78</sup>, uma das ilhas do arquipélago de Solentiname, apresenta algumas características bastante marcantes. Abordaremos, a partir desse ponto do trabalho, tais características e falaremos um pouco mais sobre seus moradores.

Cardenal chegou a essa ilha em 13 de fevereiro de 1966. Era uma manhã de domingo. Com ele vieram dois amigos: William e Carlos Alberto. Decidiram que teriam uma espécie de “hábito”, constituído de um “cotona”<sup>79</sup> e um jeans azul.

Juntaram-se a moradores locais, como dona Adelita e Marcelino e começaram a edificar o sonho. Não foi fácil, enfrentaram picadas de insetos, diarreia por beberem água sem tratamento, mas havia um objetivo e buscavam alcançá-lo. Cardenal celebrou sua primeira missa num local que também era seu depósito e onde estavam hospedados. Seu primeiro sermão “foi em boa parte sobre o uso das latrinas” (CARDENAL, 2003 b, p. 105. Tradução nossa). Preocupava-se com a saúde das crianças locais.

Não construíam só uma casa ou reformavam uma Igreja, buscavam construir umas “terras do futuro que não só obterão sua liberdade no tempo e sua prosperidade, mas que também cantarão a vida e o amor, realizando, assim, as esplêndidas possibilidades ainda adormecidas e ocultas nesse rico solo vulcânico” (CARDENAL, 2003 b, p. 107. Tradução nossa). Só mais tarde, após a vitória da revolução sandinista, puderam perceber o quão proféticas eram essas palavras, pois viram esse projeto tornar-se real.

Havia um boletim o qual mostrava a evolução dos trabalhos em Solentiname – “Boletín de Solentiname”. Nesse informativo, certa vez, Cardenal publicou que “a vida nessa pequena fazenda contemplativa de Solentiname era por si uma vida de oração. Tão natural como o voo das cracas que passam pelo céu ‘falando’ toda tarde” (CARDENAL, 2003 b, p. 110. Tradução nossa).

---

<sup>78</sup>Em alguns textos, encontramos referência a ilha Ometepe como sendo o local da fundação de Solentiname.

<sup>79</sup>“Camisa tradicional nicaraguense, que já quase havia desaparecido[...] é uma camisa de manta branca de algodão, com manga intermediária entre larga e curta, na altura do cotovelo, sem bolso ou gola, fechada com um botão somente e de uma simplicidade como a túnica grega, muito apta para o trabalho no campo (CARDENAL, 2003 b, p. 101. Tradução nossa). Essa camisa foi usada após a vitória da revolução sandinista. Carlos Méjia fez pequenas mudanças para a usar no grupo musical e, na campanha de alfabetização, ela ganhou a cor cinza. Essas cotonas ficaram conhecidas como “as contonas do Padre Cardenal”. Cabe ressaltarmos que ele as usa ainda nos dias atuais.

Com o tempo, os moradores de Solentiname começaram a fazer esculturas e outros artesanatos e a pintura. Era uma forma de arrecadarem dinheiro para as despesas. Cardenal, a respeito disso, relata o seguinte: “Eu uma vez disse que esta pintura de Solentiname tinha sido um milagre, depois disse que a teologia da libertação, recolhida no Evangelho de Solentiname tinha sido o segundo e o terceiro foi a poesia camponesa” (CARDENAL, 2003 b, p. 240. Tradução nossa).

Há um livro de Ernesto Cardenal, intitulado **Los Campesinos de Solentiname Pintan el Evangelio**, no qual associam-se textos do livro **El Evangelho en Solentiname** com pinturas feitas pelos camponeses que viviam nessa comunidade contemplativa. A riqueza das pinturas e da interpretação dos textos presente nessas ilustrações emociona o leitor. A respeito desse trabalho, Ernesto escreve o seguinte:

Os textos deste livro foram retirados de **O Evangelho em Solentiname**, de Ernesto Cardenal (2 volumes, Edições Sigueme, Salamanca), comentários que os camponeses faziam sobre a passagem do Evangelho que se lia na missa cada domingo. [...] As ilustrações reproduzem os quadros que esses camponeses pintaram sobre os Evangelhos. Por seu estilo, recordam muitas das pinturas das catacumbas. A arte de Solentiname e a das catacumbas tem também algo em comum: ambas predizem a boa notícia da libertação que Ele nos trouxe, da alegria e esperança ainda em perseguição, seja pela mão de Nero ou de Somoza. Se assemelham também porque os artistas de Solentiname e os das catacumbas pintaram livremente, sem um senhor ou patrão; enquanto as mãos dos artistas cristãos seguiam fielmente o que era ditado pelo patrão; assim, servia à causa dele. (CARDENAL, 1982, p. 5. Tradução nossa).

Deixaremos, em anexo, no final dessa tese, algumas passagens desse livro a fim de apresentar esse perfeito casamento entre as reflexões dos camponeses e a arte que as ilustram. Através desses anexos, poderemos mostrar características dessas pinturas que trazem o Evangelho para a realidade do povo que sobre ele refletia. Não é por acaso que as ilustrações dão cor local ao texto. As personagens que nela aparecem são um misto de figuras bíblicas com pessoas que viviam em Solentiname, mostrando que o povo realmente era parte das histórias construídas a partir das conversas sobre os textos bíblicos. São vistas nas cenas, por exemplo, o “uniforme” usado na comunidade, composto pela camisa branca e a calça jeans. Não é por acaso que o Crucificado se assemelha com um morador do local pelos traços físicos e pelas vestes.

Após alguns anos, a comunidade contemplativa foi se afastando dos ideais monásticos. Nela foram vivendo casais, poetas e outros artistas. E, ao final, Cardenal declarou: “ a única



regra seguida em Solentiname foi aquela que me tinha dito Merton: ‘a primeira regra é que não haja regras’” (CARDENAL, 2003 b, p. 212. Tradução nossa).

Solentiname, com o tempo e com os Evangelhos ali discutidos, tornou-se foco de resistência à ditadura somocista. Por esse motivo, foi destruída: “a guarda de Somoza, em represaria, destruiu todas as nossas instalações” (CARDENAL, 2003 b, p. 429. Tradução nossa). Mas, após o triunfo da revolução, foi reconstruída “e agora ainda mais que antes é ‘um lugar de hóspedes’” (CARDENAL, 2003 b, p. 429. Tradução nossa).

Quanto a Merton, que ajudara a sonhar Solentiname, percebeu que sua vocação era o eremitério. Assim, “renunciou a um futuro terreno e a projetos e planos; [dessa forma, ] Solentiname não é mais um plano dele e pensa, portanto, pouco nisso” (CARDENAL, 2003 b, p. 115. Tradução nossa).

Se entendemos Solentiname como sendo um lugar de hóspedes, é mister que falemos um pouco sobre o significado da hospitalidade. Segundo Faustino Teixeira, no artigo intitulado “O Sagrado dever da hospitalidade”, “A hospitalidade não traduz apenas a maravilha do encontro com o outro, mas também a agonia de estar diante de um ‘estranho’ que bate à nossa porta” (IHU online). Isso acontece porque, nesse encontro, precisamos entender e acolher o outro “em sua especificidade, enquanto ‘proprium’, enquanto ‘alter’ (e não ‘aliud’), enquanto alguém que é mistério impenetrável e irrepetível” (TEIXEIRA, 2012, p.99).

Tendo essas observações em mente, começamos a entender o que representou para a “abertura dialogal” a comunidade criada por Cardenal. Nesse espaço, reuniam-se pessoas de crenças religiosas, políticas e econômicas muito diversas. Entendemos que, em Solentiname, o respeito ao “outro” sempre foi prioridade. Assim, como afirmou Merton em **Homem algum é uma ilha**:

somente quando nos vemos no nosso verdadeiro contexto humano, como membros de uma raça destinada a ser um só organismo e “um só corpo”, começamos a compreender a positiva importância dos êxitos e dos malogros e acidentes da nossa vida. As minhas vitórias não me pertencem exclusivamente. [...] o fruto dos meus trabalhos não é só meu, pois estou preparando o caminho para os feitos de um outro. Também não são só minhas as falhas (MERTON, 1958, p. 20).

Essa abertura ao outro sempre foi marca desse lugar de hóspedes. Os visitantes eram acolhidos com respeito e atenção, independente de quem eram. Também nas inovadoras homilias, todos tinham voz, intelectuais e camponeses, homens e mulheres. A respeito dos que

se hospedaram em Solentiname, Cardenal nos diz: “eu creio que a pessoa mais extraordinária que nos visitou em Solentiname foi o irmão João [...]. Era um hippie santo” (CARDENAL, 2003 b, p. 380. Tradução nossa). Essa fala comprova a hospitalidade do local.

Foram muitos os visitantes que passaram por aquela comunidade. Alguns só estiveram por um ou dois dias, a maioria por uma semana – de terça a terça - os dias de lancha, e alguns umas semanas e alguns meses. (CARDENAL, 2003 b, p. 395. Tradução nossa). E “praticamente chegaram todos os poetas e escritores jovens da Nicarágua, ou quase todos” (CARDENAL, 2003 b, p. 399. Tradução nossa).

A identidade de Solentiname está ligada à abertura ao diálogo e à aceitação do outro, lições aprendidas no convívio e nas palavras das homilias. E é exatamente sobre a construção identitária através dos Evangelhos que passaremos a tratar a partir desse ponto de nosso trabalho.

### 3.2.2 Um grande milagre: “a boa notícia em Solentiname”

Evangelizar é tornar o Reino de Deus presente no mundo (EVANGELHO GAUDIUM)

Não há saída para a humanidade: ou “forma uma aliança global para cuidar da Terra e uns dos outros, ou arrisca a nossa destruição e a da diversidade da vida”. (TEIXEIRA, 2014, p. 43)

Nesta parte do presente trabalho, propomo-nos a falar sobre os Evangelhos, ou melhor, sobre as reflexões feitas após as leituras desses textos nas cerimônias religiosas que ocorriam em Solentiname. Essas conversas eram absolutamente inovadoras e, através delas, camponeses que viviam na comunidade e pessoas que a ela vinham visitar dividiam, de forma igual, a palavra. Nessas ocasiões, a Boa Notícia era contextualizada para mostrar a realidade vivida não só pelos moradores locais, mas também para “dizer” a todos os que são oprimidos, aos que são vítimas de injustiça, da miséria e da ganância que há esperança e que a mudança do status em que se encontram depende de eles entenderem a força que possuem e qual papel ocupam na sociedade. Esse novo jeito de tratar a história da Salvação, como sendo parte da história do homem, remete-nos à Teologia da Libertação<sup>80</sup>. Assim, antes de mostrarmos essa nova visão

---

<sup>80</sup>A respeito da terminologia usada para designar esse fazer teológico e do motivo da não aceitação dela pelo Papa João Paulo II, Cardenal, em **Ilhas Estranhas**, diz-nos o seguinte: “Agora me parece que o nome teologia da libertação foi mal escolhido, e deveria ter se chamado teologia da revolução. Assim não perguntariam muitos, como ainda agora perguntam, que é essa teologia, já que todos sabem o que

teológica a partir dos Evangelhos em Solentiname, esboçaremos, ainda que de forma bastante breve, uma possível leitura dessa Teologia nascida na América Latina.

Segundo nos explica Gutiérrez, em seu livro **Teologia da Libertação: Perspectivas**, há “três pontos fundamentais da linha teológica da libertação: o ponto de vista do pobre, o quefazer teológico e o anúncio do Reino de vida” (2000, p. 15).

Por muito tempo a Igreja defendeu a ideia de que havia duas histórias distintas: a história da salvação e a história do homem. Porém, a partir do Concílio Vaticano II, começou-se a trabalhar com a ideia de que há somente uma história. A esse respeito, Faustino Teixeira, em seu livro **Cristianismo e Teologia da Libertação**, diz-nos o seguinte:

é no tempo como história que o ser humano realiza sua transcendentalidade livre e participa da dinâmica da salvação. Não existem duas histórias paralelas, uma profana e outra sagrada. O que existe é uma única história da salvação que se desenrola na história global da humanidade (2014, p. 17)

Quando começamos a pensar que se acessa o Reino de Deus a partir do mundo, ou melhor, que o Reino está no mundo, algumas questões começam a ser levantadas, como a existência do pobre, do discriminado, do excluído. Pensando nisso, chegamos ao que parece ser a questão central da Teologia da Libertação: dar voz àqueles que não tinham vez na sociedade. Assim, esse fazer teológico que nasceu do “grito dos oprimidos” é mais que uma ideia a ser estudada, é uma concepção, um novo jeito de ler o cristianismo, através do qual tiramos as palavras do Evangelho da cabeça e as levamos para o coração, é uma espiritualidade pautada na ação, na transformação do mundo, na não aceitação de que a salvação se dará fora do mundo. Sobre essa ideia de ação transformadora, escreve Cardenal em **Cântico Cósmico**:

Humanidad cuya actividade es política  
 Como la de la tierra producir plantas  
 Según el nieto de Confucio.  
 “Mientras haya pobres, una religión”  
 Dijo Roque Dalton (la Revolución). Y también:  
 “único fanatismo válido”.  
 El cristianismo es el phylum de la evolución para Chardin

---

queria dizer a palavra revolução, tanto os que estão a favor dela como os que estão contra. Nem tampouco haveria tantos que perguntaram, como ainda perguntam, porque João Paulo II não gosta desta teologia, quando todo mundo sabe que é um papa que está contra a revolução. Esta teologia se chamou de libertação porque naquele tempo para maioria dos arcebispos latino-americanos a palavra revolução soava demasiado dura, e preferiam o eufemismo de libertação. (2003 b, p. 311. Tradução nossa).

(pero digo no todo cristianismo sino el de la revolución).  
 El porcentaje de los que entrarán al reino no sabemos.  
 [...]
   
 En el umbral de una nueva evolución  
 Como cuando de la materia surgió la vida.  
 De lo más simple a lo más complejo,  
 De menor a mayor organización.  
 Las leyes de la evolución social son las mismas del cosmos.  
 “hoy (1918) Resurrección em Revolución” (Karl Barth).  
 Y lo será mientras la vida del sol lo permita. (2012, p 93-96)<sup>81</sup>

Segundo essa passagem, toda a história do homem – e nela se encontra a história da salvação – se dá na criação (“as leis da organização social são as mesmas do cosmo”). É a ideia de que juntos formamos um TODO. Assim, ou todos se salvam ou ninguém. E o papel do cristianismo, sob essa ótica, é fazer a Revolução, segundo o exemplo de Cristo que viveu, lutou e morreu por justiça, em prol dos marginalizados. Segundo essa lógica, Jesus buscou inclusão social. Parece claro o fato de que só pela inclusão de todos formaremos o TODO que reflete a Face de Deus a qual ele quer nos mostrar.

Segundo Faustino Teixeira,

Foi a teologia da libertação que favoreceu a percepção, em nível mais amplo, de um novo jeito de ser igreja, marcado pela participação ativa dos pobres e dos leigos, que mostrou de forma viva a íntima vinculação entre libertação e salvação e que colocou no centro da história o projeto de afirmação do Reino de Deus (2014, p. 30)

Entendendo a importância da Teologia da Libertação, resta-nos abordar como esse fazer teológico surgiu e o porquê de os membros desse movimento terem sofrido tantas punições no âmbito eclesiástico.

Essa Teologia surgiu no final da década de 1960, “enquanto expressão articulada de um processo histórico marcado pela pobreza, esperança e busca libertadora. [...] Eram tempos de

---

<sup>81</sup> Humanidade cuja atividade é política/ como a terra é produzir plantas/ segundo o neto de Confúcio. /”Enquanto haja pobres, uma religião”/ disse Roque Dalton (a Revolução). E, também:/ “único fanatismo válido”. / O cristianismo é o phylum da evolução para Chardin/ (mas digo não qualquer cristianismo e sim o da Revolução). / A porcentagem dos que entrarão no reino não sabemos. [...] no umbral de uma nova evolução/ como quando surgiu a vida da matéria. / Do mais simples ao mais complexo, / de menor a maior organização. / As leis da organização social são as mesmas do cosmo. / “Hoje (1918) Ressurreição é Revolução (Karl Barth). / E assim será enquanto permita a vida do sol (CARDENAL, 1996, p. 93-96)

descoberta real e exigente do mundo do outro, sobretudo dos mais pobres e marginalizados” (TEIXEIRA, 2014, p. 31-32).

O Concílio Vaticano II (1962-1965) acabou sendo um encontro muito propício para a efervescência dessas novas ideias, uma vez que dava abertura a propostas eclesiais as quais buscavam inovação. É claro que os grupos conservadores se opuseram a essa “abertura social”, mas essa oposição não foi o suficiente para dar fim a esse movimento de renovação, o qual estava apoiado em encíclicas sociais do Papa João XXIII<sup>82</sup>. Em 1968, ocorreu a II Conferência Geral do Episcopado Latino-americano, na cidade de Medellín (Colômbia). Nessa ocasião, houve “a retomada do espírito conciliar e o seu enriquecimento com a perspectiva do pobre” (TEIXEIRA, 2014, p. 33). Com isso, a Teologia da Libertação obteve o “suporte eclesial”<sup>83</sup> e um trabalho em prol de justiça social e de igualdade de condições teve início. A igreja latino-americana recebeu com alegria essa nova missão.

Vinculado a esse fazer teológico está Ernesto Cardenal que busca cantar “um homem novo, um tempo novo, uma nova terra” (OJEDA et alii, 1975, p. 11. Tradução nossa). Segundo nos afirma Elisa Calabrese, na introdução do livro **Ernesto Cardenal: Poeta de la Liberación Latinoamericana**, a obra cardenaliana é “uma nova resposta moral, profundamente enraizada na religiosidade cristã e no sentimento bíblico, à angustiante crise espiritual de nosso tempo. É assim que o aspecto contemplativo e místico de seu compromisso social é revelado” (OJEDA et alii, 1975, p. 12. Tradução nossa).

Cardenal, a respeito dessa nova visão teológica, explica-nos o seguinte:

[...] esta teologia não é uma seção a mais da teologia tradicional. Assim como há teologia da igreja, teologia do matrimônio, teologia do sacerdócio, teologia do trabalho, etc., muitos pensam que a teologia da libertação é um capítulo a mais da teologia tradicional aplicada ao tema da revolução. E não é assim. Esta é uma teologia totalmente nova, que se levanta à luz da revolução todos os temas da teologia tradicional: Deus, Cristo, a Igreja, o sacerdócio, o matrimônio, o trabalho; enfim, tudo. [...] É uma teologia da classe oprimida, enquanto a outra era da classe dominante. Também não era, em sua maioria, de teólogos profissionais e para outros teólogos profissionais, senão fruto de reflexões comunitárias revolucionárias e para uso dessas comunidades. Esta teologia não se faz geralmente em livros, mas em pequenas revistas, folhetos humildes, papeis mimeografados. [...] enquanto a outra teologia era puramente intelectual, esta não se podia fazer sem que não se estivesse comprometido

<sup>82</sup> Faustino Teixeira, em *Teologia da Libertação: eixos e desafios*, menciona que duas encíclicas sociais de João XXIII em especial fomentaram esse espírito renovador: *Mater et magistra* (1961) e *Pacem in terris* (1963)

<sup>83</sup> Em 1971, o documento elaborado por bispos no Sínodo, o qual foi dedicado à Justiça social, insere “o compromisso libertador como dimensão essencial da missão evangelizadora da igreja”. (TEIXEIRA, 2014, p. 34).

com uma práxis revolucionária. Em muitos casos, esses teólogos estavam perseguidos, clandestinos, exilados ou presos. A teologia tradicional era auxiliada pela filosofia a qual era a aristotélica. Essa outra era auxiliada pela ciência, a qual era o marxismo. Aquela se baseava na palavra de Deus (a Bíblia); esta se baseava igualmente na Bíblia, mas também na palavra de Deus expressa nos acontecimentos contemporâneos, principalmente nos jornais, ou seja, no terreno da política. O mesmo Girardi<sup>84</sup> fazia ver que nosso Deus é um Deus vivo, que segue falando através da história, que não se calou depois do último livro da Bíblia (CARDENAL, 2003 b, p. 310-311. Tradução nossa).

Conforme já havíamos mencionado e Cardenal confirma na citação apresentada anteriormente, essa é uma teologia ligada aos movimentos sociais. Além disso, a questão primeira e prioritária dessa “nunca foi a fixação exclusiva na reflexão teológica teórica, mas o compromisso libertador” (TEIXEIRA, 2014, p. 38).

Os teólogos da libertação buscam construir o Reino de Deus aqui, no meio de nós. E para que esse Reino se torne uma realidade é mister reestabelecer o direito que os pobres, os excluídos, têm à cidadania. Em entrevista concedida ao site IHU on-line, o teólogo Leonardo Boff, a respeito do que foi anterior mencionado disse o seguinte:

a missão da teologia não se esgota na simples compreensão da fé, mas deve sempre pensar a fé informada pela caridade que leva à prática. De mais a mais não é dizendo “Senhor, Senhor” e fazendo cristologia que estamos sendo fiéis à mensagem de Cristo, mas a ortopraxia, não as prédicas, mas as práticas. Na América Latina, esta exigência de prática se chama “seguimento de Jesus”, que implica valorizar sua prática libertadora, escutar sua mensagem especialmente aquela que dá centralidade aos pobres (serão nossos juízes definitivos, segundo Mateus, 25, 31-46) e compartilhar de seu destino que pode ir da maldicência, passando pela tortura, até a morte (“IHU on-line, 2007. Ed. 214, p. 4).

Já o teólogo José Maria Virgil afirma, também em entrevista ao site IHU on-line, que “enquanto houver pobres ou injustiçados no mundo e houver simultaneamente fé, terá de haver ‘fé libertadora’, e sua autorreflexão será a teologia da libertação” (“Roma está perdendo a batalha contra a Teologia da Libertação”, p. 9 In: [www.ihuonline.com](http://www.ihuonline.com). Acesso em 25maio2019).

---

<sup>84</sup>“Girardi foi um comunista francês que se aproximou tanto do cristianismo que foi expulso do partido. Ele havia dito que o cristianismo sem o marxismo estaria incompleto, e que também estaria incompleto um marxismo sem São João da Cruz” (CARDENAL, 2003 b, p. 310. Tradução nossa).

Nos dias atuais, a teologia da libertação encontra novos desafios. Segundo nos afirma Faustino Teixeira, no livro **Cristianismo e Teologia da Libertação**, alguns desses desafios sempre estiveram presentes em toda a caminhada dessa teologia e outros são motivados por necessidades surgidas nos tempos atuais. Dentre esses desafios, encontramos o da espiritualidade que, na visão dos teólogos da libertação, nada mais é que buscar, através da vida em comunidade, a abertura a Deus, ou melhor dizendo, ao dom da graça de Deus. Seria perceber também no outro a presença de Deus. É o que Cardenal nos diz em **Vida no Amor**: “Todos os seres participam também de um mesmo ritmo cósmico”. (1979, p. 133). Se todos participam de um mesmo ritmo cósmico, formamos juntos um único corpo que espelha o Inefável. Assim, em cada ser Deus se revela.

Um outro desafio é “a abertura do pluralismo religioso” (TEIXEIRA, 2014, p. 47). Parece que há duas possibilidades ligadas à vivência religiosa e ao outro. Em uma, o crente pode se fechar em “um gueto”, não dialogando e, assim, não correndo o risco de ver seu mundo ruir pelo surgimento de uma dúvida acerca de sua fé. Essa postura pode levar ao crescimento da intolerância religiosa, materializada em destruição de terreiros, de símbolos religiosos, em discursos de ódio e em outras formas de violência. É a barbárie manifesta exatamente pelo fato de faltarem palavras que possibilitem o diálogo. Segundo nos revela a própria acepção da palavra barbárie, que é balbucio, a violência começa quando não há palavras, não há diálogo.

A outra postura possível e que acreditamos ser a mais plausível e eficaz para construirmos uma cultura de paz, trata-se da abertura ao outro e, nessa, torna-se uma preocupação a busca do diálogo e da aceitação do outro, como sendo “portador de um ‘mistério pessoal intransponível’, mas de um mistério que não impossibilita o diálogo ou o enriquecimento recíproco” (TEIXEIRA, 2014, p. 50).

Nessa busca de novas perspectivas através do diálogo, percebemos ser necessário um aprofundamento em nossa espiritualidade para irmos abraçar o outro e uma percepção de que o Mistério não se encontra em uma fé específica, mas habita nosso coração. Como diz Cardenal:

Ele está no fundo de cada ser e está dentro de nós mesmos. Para encontrá-Lo, a Ele, não é necessário caminhar longe, nem sair de dentro de si mesmo. E não é necessário caminhar longe para encontrar a felicidade, ao contrário, basta encontra-se consigo mesmo. Basta descer ao fundo do próprio ser e descobrir a própria identidade (que é Deus) (CARDENAL, 1979, p. 30).

Assim, a caminhada tem como direção nosso centro e, na convivência amorosa com o outro, percebemos isso e nos fortalecemos. É fundamental compreendermos, para que terminem os balbucios e se inicie essa convivência no amor, que o outro com quem estabelecemos um diálogo, é diferente de nós, mas que é exatamente essa diferença que irá nos completar e enriquecer.

Um terceiro desafio para a Teologia da Libertação é o da “teologia feminina da Libertação” (TEIXEIRA, 2014, p. 51). Essa discussão que teve início na América Latina, na década de 1970, “num primeiro momento deu-se [pela] descoberta da mulher como sujeito histórico oprimido. Em seguida, veio o trabalho [...] de delinear uma teologia ‘com rosto de mulher’” (TEIXEIRA, 2014, p. 51), voltada para a definição do papel da mulher na sociedade e sua importância teológica. Junto com as discussões acerca da importância do feminino, surgiram também os debates a respeito da questão de gênero, dando voz a outros grupos marginalizados pelo fato de não pertencerem ao que a sociedade determina como “padrão”.

Outra questão que vem ganhando corpo entre os que vivem essa teologia versa sobre “o respeito e cuidado com a comunidade de vida” (TEIXEIRA, 2014, p. 53). Dessa forma, questões ecológicas vêm adquirindo relevância entre esses teólogos. Nessas discussões, alguns princípios têm sido elencados como fundamentais: “o respeito e o cuidado com a comunidade da vida; a integridade ecológica; a justiça social e econômica; a democracia; a não-violência e a paz” (TEIXEIRA, 2014, 54).

Esses princípios são defendidos por Cardenal e cantados em seus livros, notadamente em **Cántico Cósmico** e em **Assim en la tierra como en el Cielo**. No primeiro citado temos, por exemplo, a cantiga 27 a qual apresenta fatos que desequilibram o movimento do humano na Terra: desigualdade, injustiça, violência:

[...]  
Bombas térmicas para la vida humana,  
Sólo para la vida humana nada más.  
Los beneficios sólo para los monopolios,  
Los fabricantes de la muerte sin competencias.  
Así tenemos que  
Francia contra Laos y Camboya, Holanda  
Contra Indonesia, Francia contra Vietnam, EE.UU.  
Contra Corea, Inglaterra contra Kenya, Francia contra Argelia,  
EE.UU. contra Laos, Inglaterra contra Chipre, Francia  
Contra Túnez, EE.UU. contra Vietnam, Israel contra los árabes,  
Inglaterra contra Anguilla..  
Así tenemos que  
Lo que los generales temen más,  
Temen más,



Es la paz.

[...]

La desigualdad como imperativo moral.

[...]

Denunciemos pues su fenómeno marginal del amor,  
Su monomania del dinero,  
Sus laboratorios para destruir la vida  
Con armas biológicas potencialmente muy baratas,

[...]

La producción, el trabajo sagrado del hombre

Para lo que produce más ganancias. (CARDENAL, 2012, p. 228-230)<sup>85</sup>.

Acreditamos que o maior desafio da Teologia da Libertação hoje é despertar o humano, fazê-lo entender a importância e a riqueza que é o outro e fazê-lo perceber quem é o outro: aquele que pensa diverso de mim, que tem um gênero diferente do meu, que possui uma orientação sexual e religiosa igualmente diversa, que tem uma situação social e econômica não semelhante a minha; fazê-lo compreender que sempre somos o outro para alguém, fazê-lo perceber, ainda, que o outro são também os elementos que compõem não só o planeta Terra, mas os vários universos que formam o todo criado por um ser que não tem necessariamente que se chamar Deus. “O maior desafio da Teologia da Libertação é o acordar nos corações e mentes a ‘ecumene da compaixão’, num tempo marcado pelo desgaste da sensibilidade e pelo assustador embrutecimento das pessoas, dominadas pela lógica do mercado, da produtividade e da competição” (TEIXEIRA, 2014, p. 54).

Essa construção teológica voltada para a prática foi vivenciada em Solentiname através da iniciativa de padre Cardenal e, também, no restante da Nicarágua através, principalmente, do Ministério da Cultura após a vitória da Revolução Sandinista.

Depois dessas palavras iniciais acerca da teologia da libertação, começamos, a partir desse ponto, a abordar o Evangelho praticado nessa comunidade surgida na ilha Mancarrón.

Cardenal relata em **Las Insulas Extrañas** que um dos milagres de Solentiname foi a Teologia da Libertação, a qual se manifesta nas palavras construídas nos sermões que ocorriam nas missas dominicais dessa comunidade e guardadas em **El Evangelio en Solentiname**.

---

<sup>85</sup> “[...] Bombas térmicas para a vida humana/ só para a vida humana, nada mais./ Os ganhos só para os monopólios,/ os fabricantes da morte sem concorrentes./ Assim temos que / França contra Laos e Camboja, Holanda/ contra Indonésia, França contra Vietnã, E.U.A./ contra Coréia, Inglaterra contra Kenya, França contra Argélia/, E.U.A. contra Laos, Inglaterra contra Chipre, França/ contra Tunísia, E.U.A. contra Vietnã, Israel contra os árabes,/ Inglaterra contra Anguilla.../ Assim temo que os generais mais temem,/ mais temem/ é a paz.[...]/ A desigualdade como imperativo moral.[...]/ Denunciemos portanto seu fenômeno marginal do amor,/ sua monomania do dinheiro/ seus laboratórios para destruir a vida/ com armas biológicas potencialmente muito baratas.[...]/ A produção do trabalho sagrado do homem/ para o que produz mais lucro. (CARDENAL, 1996, p. 228-230).

Se pensarmos que a mística cristã se desenvolve a partir da presença de Deus em sua Sagrada Palavra, conforme nos afirma MCGuinn, o que se faz em Solentiname durante as reflexões do Evangelho são momentos místicos.

Ernesto Cardenal, após sua visita a Cuba, a qual diz ser sua segunda conversão, passou a se considerar um marxista, uma vez que acredita que “um cristianismo, para ser autenticamente cristão, deve ser marxista” (CARDENAL, 2003 b, p. 301. Tradução nossa). Assim, crê no poder do proletário e busca lutar contra a opressão, a violência, a miséria vivida pelos que estão à margem da sociedade. Justifica esse caminho teológico seguido, usando a seguinte analogia:

Quando Jesus disse a Pilatos, “eu sou rei”, ele está dizendo “eu sou o povo, e o povo é o rei”. Na linguagem de hoje é estar dizendo eu sou o proletário, e que o proletário é o rei. É aquilo que Jesus disse, de que quer que todos sejamos um é o mesmo que dizer agora: proletários do mundo, uni-vos! (CARDENAL, 2003 b, p.301. Tradução nossa).

Embalado pelo ressoar dessa mensagem, Cardenal construiu com os moradores de Solentiname reflexões acerca do evangelho absolutamente revolucionárias. A singularidade desses sermões se deu pelo fato de que a palavra era dada ao povo para que ele construísse leituras desses textos a partir de sua experiência cotidiana. Cabe ressaltarmos que essas construções não se limitavam a palavras ditas em uma assembleia, mas funcionavam como um despertar para o que era vivido por eles, para ajudá-los a compreender os desmandos, as injustiças e a desumanização que acontecia a sua volta. A respeito dessas construções, Ernesto relata o seguinte:

Em Solentiname, [...] temos aos domingos em vez de um sermão sobre o evangelho, um diálogo. Os comentários dos camponeses costumam ser de maior profundidade que os de muitos teólogos, mas de uma simplicidade como a do mesmo evangelho. Não é de estranhar-se: o evangelho ou “boa nova” (a boa notícia aos pobres) foi escrito para eles, e por gente como eles [...] Nem todos que vêm participam igualmente nos comentários. Há uns que falam com mais frequência. Marcelino é místico. Olívia é mais teológica. Rebeca, a esposa de Marcelino, sempre insiste no amor. Laureano em tudo se refere à revolução. Elbis sempre pensa na sociedade perfeita do futuro. Felipe, outro jovem, tem muito presente a luta do proletariado [...]. Eles e todos os demais que falam com frequência e dizem coisas importantes, e os que falam pouco, mas também dizem algo importante, e com eles William e Teresita e outros companheiros que temos e tomam parte nos diálogos: são os autores deste livro. Melhor dizendo, o verdadeiro autor é o Espírito que inspirou esses comentários (os camponeses de Solentiname sabem muito bem que ele é o que

os fez falar) e que é o mesmo que inspirou os evangelhos. O Espírito Santo, que é o espírito de Deus infundido na comunidade, e que Oscar chamaria o espírito de união da comunidade e Alejandro o espírito de serviço aos demais, e Elbis o espírito da sociedade futura, e Felipe o espírito da luta do proletariado, e Júlio o espírito da igualdade e da comunhão de bens, e Laureano o espírito da revolução e, Rebeca o espírito do amor. (CARDENAL, 1985, p. 9 -10. Tradução nossa)

Segundo Esquivel nos relata, os que compartilhavam o Evangelho em Solentiname “não só revisitavam suas relações pessoais, mas também sua realidade social, política, econômica. Ali a gente de Solentiname, os simples, compartilhavam seus sofrimentos e suas esperanças; ali evangelizaram sua própria realidade” (CARDENAL, 1985, p. 5. Tradução nossa).

Visando à compreensão de como essas reflexões ocorriam, é preciso que apresentemos alguns trechos das mencionadas homilias, as quais, conforme já mencionamos, estão compiladas em **El Evangelio en Solentiname**. Optamos por trazer para este trabalho as construções litúrgicas referentes aos seguintes evangelhos: Juan 1, 1-18 (“El prólogo del evangelio de San Juan”); Lucas 2, 6-7 (El nacimiento de Jesús); Lucas 1, 46-55 (El cántico de María). Cabe ressaltar, antes de iniciarmos os comentários acerca dessas, que “nos comentários ao Evangelho, primeiro alguém lia a passagem inteira e, depois, o íamos comentando versículo a versículo, sem pular nenhum por mais difícil que fosse” (CARDENAL, 2003b, p. 432) e que todos os textos construídos, nessas homilias, são resultado de um exercício de humildade e de humanidade por parte de padre Cardenal, pois, semelhante a que Sócrates<sup>86</sup> fazia, ele abria mão, nessas ocasiões, de seu lugar como detentor de um saber e de responsável pelas explicações a respeito da palavra contida nos textos bíblicos para deixar o outro que tem saberes diferentes, mas igualmente válidos, se colocar. O resultado desse recuo em prol de outras vozes não foi a construção somente de belos sermões, mas também a tessitura de identidades, a formação de consciência política. Ao permitir que camponeses e intelectuais juntos fizessem as reflexões, Cardenal ajudou a tecer, palavra a palavra, na mente e no coração das pessoas que ali se encontravam, o que seria o Reino e perceberam também que “Cristo não pregou a si mesmo, nem sequer pregou a Deus, mas sim só pregou o Reino. Ou mais exatamente traduzido, reinado de Deus, pois não se trata de um lugar, como se dissesse ‘o reino da França’, mas sim o reinado ou governo de Deus” (CARDENAL, 2003 b, p. 314-315).

---

<sup>86</sup>O método utilizado por Cardenal faz-nos recordar, mesmo que só de relance, a maiêutica socrática, uma vez que, partindo dos saberes trazidos pelos ouvintes – que passam a ser então participantes, traz à luz o conhecimento.

Mas, afinal, o que, em termos práticos, seria esse reinado? Segundo o próprio Cardenal afirma em **Las insulas Extrañas**,

Este reinado é uma sociedade de justiça, de fraternidade, de amor, que haverá aqui na terra. E é o reinado que Cristo disse que ao final entregará ao Pai. O que já começou com a sociedade comunista dos primeiros cristãos. [...] no Novo Testamento há uma palavra grega, KOINONÍA, que é como dizer comunismo (e dali vem a palavra comunismo), e esta é usada para designar a eucaristia, a comunhão de bens e a união, de Deus e dos homens. E segundo São João Crisóstomo o mais perfeito do cristianismo é a busca da koinonía: o ter as coisas em comunhão (CARDENAL, 2003 b, p. 315. Tradução nossa).

Essa definição de reinado e de *KOINONÍA*, leva-nos a compreender o que Cardenal insiste sempre em repetir: “Eu tenho dito bastantes vezes que não foi a leitura de Marx o que me levou ao marxismo, mas sim a leitura do Evangelho (a qual me levou a ler Marx)” (CARDENAL, 2003 b, p. 318).

Passemos, a partir desse ponto, a comentar algumas reflexões contidas nas passagens selecionadas as quais julgamos pertinentes para que se compreenda o caráter absolutamente revolucionário dos Evangelhos de Solentiname. Começemos pela homilia de “El prólogo del evangelio de San Juan”. O que chama nossa atenção, nesse texto, é que nele foram discutidas a força e o poder das palavras usadas para construir o mundo, mas também para denunciar as injustiças nele cometidas. É muito interessante o papel que atribuem à palavra nessa homilia. Nela “[...] a função dessa palavra é informar quem é Deus, ou como é Deus. E nos informar que Deus é a justiça, e que está ao lado dos pobres” (CARDENAL, 1985 b, p. 12. Fala de Antidio Cabal. Tradução nossa).

Um dos jovens moradores de Solentiname, Alejandro, ao tomar para si a fala, relaciona a palavra a Jesus Cristo e, com um discurso bastante revolucionário, diz que

quando Jesus se chama palavra [...] se expressa para denunciar a opressão, para dizer: aqui há injustiça, aqui há maldade, há ricos e pobres, a terra é de uns poucos. E para anunciar uma nova vida, uma nova verdade, em uma palavra: uma mudança social. Com essa palavra Deus liberta o homem. (CARDENAL, 1985 b, p. 11. Tradução nossa).

Já padre Cardenal, para alinhar o discurso o qual estava sendo construído, diz que “palavra quer dizer comunicação [...] a comunicação de Deus com o homem” (CARDENAL,

1985 b, p. 12. Tradução nossa). E acrescenta ainda: “a palavra grega que a Bíblia usa para dizer criação é poema. Porque, na realidade, criação e poema é o mesmo. O mundo é um poema de Deus [...]. O poema de Deus é a realidade. (CARDENAL, 1985 b, p. 13. Tradução nossa).

Ainda nessa homilia, evidenciamos o fato de os camponeses de Solentiname entenderem que toda a criação se deu por palavras de Deus e que eles, como continuadores do trabalho de criação no mundo pelo seu trabalho, deveriam ser os donos da terra: “[...] O trabalhador é uma imagem de Deus e tudo o que ele produz é bom, enriquece ao homem” (CARDENAL, 1985 b, p. 13. Fala de Alejandro Cabal. Tradução nossa). Por esse motivo: “os trabalhadores continuam o poder de Deus na terra, trabalhando a criação. Por isso, os trabalhadores devem ser os donos da terra e não os que não trabalham” (CARDENAL, 1985 b, p. 13. Fala de Felipe. Tradução nossa).

Estava sendo construída a noção de que se precisava lutar contra a exploração do trabalho e contra a desigualdade social através da busca de justiça social. Esse caráter absolutamente revolucionário das homilias realizadas em Solentiname é evidenciado em todas as reflexões. Realmente se construía uma identidade coletiva. Não foi por acaso que o ditador Somoza leu, assinalou e fez anotações em vários trechos do livro **El evangelio en Solentiname** quando teve acesso a ele. A respeito desse ato do ditador, Cardenal nos fala em seu diário **La Revolución Perdida**:

Minha prima Ligia, irmã de Pedro Joaquín Chamorro, esteve ali rapidamente em 19 de julho, e, coisa bem curiosa, viu na mesa de noite de somoza um livro meu: **El Evangelio en Solentiname** em inglês, e o pegou e deu o livro a mim depois. Coisa mais curiosa ainda, nas margens havia umas notas escritas por Somoza (evidentemente com sua letra). Conservo esse exemplar. Falando do nascimento de Jesus eu disse nesses comentários que houve três Herodes: Herodes, o Velho, seu filho e seu neto, como na Nicarágua tinha tido três Somozas, e que Jesus havia nascido na época de Herodes, o Velho. Estranhamente à margem dessas palavras Somoza escreveu: Sandino (o S de Sandino com as mesmas curvas muito elaboradas com ele assinou Somoza; como pode ver-se, por exemplo, nas notas em que estão sua assinatura). Também é estranho que haja sublinhado umas palavras que tinha dito o camponês Pablito a propósito do constrangimento que Herodes sentiu quando ouviu dizer dos Magos que tinha nascido o Rei dos Judeus: “Sentira ódio e inveja. Porque os ditadores sempre acreditaram serem deuses. Creem que eles são os únicos, e não podem permitir que haja outro superior a eles.” Isso sublinhou. (CARDENAL, 2003 c, p. 227)

Já que acabamos de apresentar um trecho o qual menciona uma leitura de Somoza das reflexões acerca do Evangelho “O nascimento de Jesus”, faremos algumas observações sobre os comentários referentes a essa homilia.

O diálogo em questão ocorreu por ocasião de uma missa de natal. Porém, um acontecimento, ocorrido no dia anterior, singularizou as reflexões: a destruição de Manágua por um terremoto:

Eu lhes digo que ali estava acumulada a riqueza do país, ao lado da maior miséria do país. E que certamente o natal que ali se preparava não era o de Cristo, mas o do dinheiro. A dor que esta noite está tendo Manágua, e que também tem todo o país, está mais de acordo com a cena dolorosa que nos relatou o Evangelho: Maria sem casa e tendo que dar à luz entre animais ao filho de Deus. Conto-lhes também que umas horas antes do terremoto tínhamos ouvido por rádio que um grupo de homens e mulheres se tinham reunido no átrio da catedral para iniciar um jejum de três dias em protesto pelas injustiças sociais: desnutrição, falta de casas, exploração do trabalho, roubos ao povo... E pedindo um natal sem presos políticos. (CARDENAL, 1985b, p. 31. Fala de Cardenal. Tradução nossa).

Os comentários feitos, nessa ocasião, giraram em torno do significado do nascimento de Jesus e da dor e da importância dela. Nas várias falas, Cristo aparece como um revolucionário, alguém que veio para libertar o povo da exploração:

eu vejo aqui a humanidade de Deus. Porque era seu filho, e a mãe o teve como qualquer cão. E Jesus veio para libertar o mundo destas injustiças (que todavia seguem existindo). E veio para que nós estivéssemos unidos e lutássemos contra as injustiças... [...] ele [Cristo] foi o maior revolucionário, porque sendo Deus se identificou com os pobres e desceu do céu para fazer-se da classe baixa, e deu sua vida por nós. Eu entendo que assim devemos lutar pelos demais e sermos como Ele. (CARDENAL, 1985 b, p. 32. Fala de um jovem. Tradução nossa)

No que concerne à dor, os comentários versam sobre o fato de a humanidade não conseguir compreender a importância dessa emoção. Não entender, por exemplo, que da dor sentida em um nascimento vem à luz uma nova vida. Assim, a mensagem que evidenciamos é a de que o sofrimento é uma etapa necessária para que a vida surja ou ressurja:

[...] a dor humana tem um sentido: é para um nascimento. [...] Digo que a meta é conquistar a dor, incluída a morte. Os cristãos cremos que um dia será derrotada a morte (pela vida, ou seja, pelo amor). Já desde agora com o amor

podemos triunfar sobre as enfermidades, a ignorância, a miséria, incluídas também as catástrofes naturais (CARDENAL, 1985 b, p. 32. Fala de Cardenal. Tradução nossa).

Todas as homilias são extremamente importantes, pois nelas vemos a força da Teologia da Libertação, a construção de uma consciência de povo que precisa, através da união, lutar contra aqueles que oprimem os mais humildes, a fim de fazer com que a humanidade volte à sua condição inicial em que o mundo era justo e igual. Para fecharmos nossos comentários acerca delas, escolhemos a homilia que tem como base “El cántico de María”. Essa homilia foi escolhida por discutir a força desse canto realizado em Solentiname, “um cântico aos pobres” (CARDENAL, 1985 b, p. 23. Tradução nossa).

Segundo a interpretação dada ao *Magnificat* pelos que estavam em Solentiname participando daquela celebração, há um Deus criado pelos homens, o qual é egoísta e a favor da escravidão: “os homens muitas vezes inventam um Deus a sua imagem e semelhança, mas esse não é o verdadeiro Deus, mas sim que são os ídolos, e essas religiões são alienantes, um ópio do povo” (CARDENAL, 1985 b, p. 24. Fala de Cardenal. Tradução nossa). Contudo, há “o Deus da Bíblia que não aparece ensinando a resignação, mas sim incitando Moisés a tirar Israel do Egito onde trabalhavam como escravos. Fê-los passar do colonialismo à liberdade” (CARDENAL, 1985 b, p. 24. Fala de Cardenal. Tradução nossa).

Nessa leitura, a Virgem aparece a favor dos pobres, e faz uma distinção entre os humildes e os orgulhosos. Diferença essa que independe de classe social, mas de postura diante do mundo. Assim, “há ricos humildes e há pobres orgulhosos. Se não fôssemos orgulhosos não estaríamos divididos e estamos divididos os pobres” (CARDENAL, 1985 b, p. 26. Fala de Angel. Tradução nossa).

Aqueles que compartilharam a palavra naquela celebração chegaram à conclusão de que Maria, nessa ocasião, cantou a igualdade: “Maria cantou aqui a igualdade. Uma sociedade sem classes sociais. Todos pares” (CARDENAL, 1985 b, p. 26. Fala de Mariíta. Tradução nossa). Desse modo, assim como eles, Ela era comunista, como bem afirmou Laureano: “Não é que diriam que a Virgem era comunista: era comunista” (CARDENAL, 1985 b, p. 12. Tradução e grifos nossos).

Essas homilias levaram os moradores e muitos dos visitantes de Solentiname a se envolverem na luta contra o ditador Somoza. Em consequência disso, houve perseguições, mortes e a destruição da comunidade. Mas houve também, a partir de tudo isso, a construção de um novo tempo de mais justiça social e de mais liberdade na Nicarágua.

Falaremos sobre o que ocorreu e, também, sobre como se encontra Solentiname nos dias atuais no próximo item desse trabalho.

### 3.2.3 Como uma Fênix: “morte” e ressurgimento de Solentiname

Solentiname tinha uma beleza paradisíaca, mas estava visto que, na Nicarágua não era possível nenhum paraíso (CARDENAL, 2003 c, p. 368)

Neste ponto de nossa pesquisa, abordaremos a destruição e a posterior reconstrução de Solentiname, apresentando os rumos atuais dessa comunidade contemplativa.

Conforme já mencionamos, em certo ponto desse trabalho, Cardenal sempre diz serem três os milagres que aconteceram nesse lugar de hospedagem: as pinturas primitivas (e também as esculturas), a poesia e o Evangelho. Através das pinturas primitivas, a comunidade conseguia se manter economicamente; pela poesia, os moradores e visitantes recriavam o lugar e mostravam o mundo em que estavam e as emoções ali experienciadas e, pelo Evangelho, tornaram-se cidadãos conscientes de seu lugar e de sua importância na construção de uma história de fraternidade, de liberdade e na qual os direitos humanos eram respeitados.

Assim, diante dos desmandos e da exploração que eram impostos aos habitantes da Nicarágua pela ditadura somocista, era impossível aos moradores de Solentiname não se envolverem na luta contra os opressores,

os camponeses de Solentiname, que se aprofundavam nesse Evangelho, não podiam deixar de se sentir solidários com seus irmãos camponeses que, em outras partes do país, estavam padecendo a perseguição e o terror: eles estavam encarcerados, torturados, assassinados, as suas mulheres eram violentadas, as suas casas eram queimadas, as atacavam de helicóptero. Também tinham que se sentir solidários com todos aqueles que, por compaixão ao próximo, estavam oferecendo suas vidas. E esta solidariedade para ser real significa que alguém também tem que comprometer sua segurança e sua vida. Em Solentiname, sabia-se que não íamos gozar sempre de paz e tranquilidade se alguém queria pôr em prática a palavra de Deus. Sabia-se que a hora do sacrifício ia chegar e essa hora chegou (CARDENAL, 2003c, p. 43).

porque “sinônimos de abusos, atropelos e arbitrariedades são as siglas da Guarda Nacional. Ranchos incendiados, mulheres violentadas, homens assassinados, roubos, mulheres e crianças amarradas e famintos configuram o quadro diário” (CARDENAL, 2003 b, p. 347. Tradução nossa). Desse modo, cientes das consequências e dispostos a encará-las, engajaram-se no



movimento revolucionário sandinista e pagaram um preço por isso: “em 1977, o exército de Somoza destruiu nossa comunidade” (CARDENAL, 2003 b, p. 415. Tradução nossa).

Cardenal estava na Costa Rica quando soube da destruição de Solentiname. A esse respeito relatou, em **La Revolución Perdida**, que “foi uma punhalada a que senti na casa de Miguel Otero, quando um jornalista que tinha estado em São Carlo me disse (com dó de ter de dizê-lo) que Solentiname tinha sido destruída” (CARDENAL, 2003 a, p. 32. Tradução nossa).

Muitos moradores desse lugar foram mortos, dentre eles Donald e Elbis que, antes de morrerem, além de torturados, “foram obrigados a cavar a própria cova” (CARDENAL, 2003 a, p. 41). Há um belíssimo e doloroso poema em **Cântico Cósmico** que fala dessas mortes. Citaremos apenas um trecho para mostrarmos a intensidade com que Cardenal as apresenta:

Estáte tranquilo Felipe Peña caído no sabemos dónde,  
Y Donald y Elbis enterrados por la frontera con Costa Rica,  
Estén tranquilos muchachos, que vamos bien.  
Girando en el espacio negro  
Dondequiera que vayamos, vamos bien.  
Y también  
Va bien la Revolución.<sup>87</sup>

Esse texto é, ao mesmo tempo, um agradecimento e uma forma de dizer a eles – que já não estão mais fisicamente na Revolução – que eles podem descansar, pois seu sacrifício não foi em vão, as sementes que plantaram levarão ao êxito o movimento.<sup>88</sup>

Enquanto ainda se encontrava na Costa Rica, Cardenal soube que a destruição fora total: livros e anotações foram queimados, casas foram derrubadas, plantações arrasadas. Só pouparam a Igreja que se tornou quartel onde se alojaram os soldados de Somoza.

Cabe, neste ponto desta tese, uma reflexão a respeito da força da palavra e do poder que essa tem. Por refletirem sobre palavras, camponeses descobriram seu papel na sociedade, mas perderam seu lar e muitos até sua vida. Na história da humanidade, também tem sido assim. Uma das maiores perdas para os humanos ocorreu quando a Biblioteca de Alexandria foi destruída. Na Idade Média, os livros tidos como perigosos eram destruídos. Hitler, repetindo a insânia, queimou, em praça pública, os livros que achava inadequados porque veiculavam ideias contrárias ao seu intento. Nessa mesma era hitleriana, por conta de um discurso equivocado e

---

<sup>87</sup>“Fica tranquilo, Felipe Peña caído não sabemos onde/ e Donald e Elbis enterrados lá na fronteira com Costa Rica/ fiquem tranquilos, rapazes, que vamos bem./ Girando no espaço negro/ para onde quer que formos,/ vamos bem./ E também/ vai bem a Revolução (CARDENAL, 1996, p. 83)

<sup>88</sup> Há, ainda em **Cântico Cósmico**, um outro poema, intitulado “Voos de Vitória”, que conta o destino desses heróis sandinistas.

perverso, ocorreu a “noite dos cristais”, a prisão de judeus e o conseqüente holocausto. No Brasil, na Era Vargas, Jorge Amado teve sua obra queimada também em praça pública.

Não precisamos mostrar outros tempos. Bastam esses para dizer do medo que existe e da força que tem aqueles que pensam sobre o mundo. Na Nicarágua, Cardenal descobriu, conforme já mencionamos anteriormente, após a vitória da Revolução, no gabinete de Somoza, **El Evangelio en Solentiname** com várias partes sublinhadas e comentadas. O ditador percebeu a força do que se fazia naquela comunidade durante as homilias. Talvez, por essa razão, era imprescindível destruir Solentiname. O que o ditador não percebeu é que “não conseguiram radicar o Evangelho, com os comentários que dele faziam na missa, e foram publicados em vários países e traduzidos em vários idiomas” (CARDENAL, 2003 b, p. 43), porque não se pode calar a verdade com a força, pois as palavras continuarão sendo articuladas escritas ou oralmente.

E mais, o próprio Cardenal relatou que havia sido muito feliz naquele lugar, mas que, por um propósito maior, estava disposto a sacrificar Solentiname; porém, como a Fênix, que ressurgiu das cinzas mais forte e renovada, a comunidade crescerá outra vez.

Não foi fácil. Levou tempo, mas “o lugar de hospedagem” foi reerguido. A poesia voltou a ser feita e estimulada, a pintura primitiva e as esculturas foram ainda mais valorizadas. E a consciência revolucionária que um dia tentaram calar, continuou a existir entre os moradores daquele lugar.

Após a vitória da Revolução Sandinista, e a conseqüente criação do Ministério da Cultura, começaram a surgir, no país, oficinas de poesia e essas eram inspiradas na poesia que, anos antes, havia se iniciado em Solentiname. Também dessa comunidade surgiu “uma pintura religiosa inspirada na Teologia da Libertação que foi a dos comentários do Evangelho que eles faziam durante o somocismo” (CARDENAL, 2003 a, p. 369)<sup>89</sup>.

Nos dias atuais, as principais atividades econômicas nas ilhas de Solentiname são o artesanato e o turismo. Visitando, por exemplo, a Ilha Mancarrón, a principal ilha do conjunto das ilhas do Rio San Juan, encontramos camponeses, pintores e artesãos que falam com orgulho do seu fazer artístico e da importância desse para sua sobrevivência.

---

<sup>89</sup>Uma das pinturas retrata Cristo de pantalone e com a camisa do camponês. Quando perguntaram à artista sobre a escolha do vestuário de Cristo, ela respondeu: “Pintei Cristo como um de nós”. (CARDENAL, 2003 a, p. 369). Algumas imagens dessas pinturas serão anexadas ao final desse trabalho.

A pintura feita nessas ilhas é a primitivista, a qual foi ensinada ainda na época da criação de Solentiname, na década de 1960, por Róger Pérez de La Rocha. Esse pintor, a pedido de padre Cardenal, ministrava oficinas para ensinar essa arte aos moradores locais. Ainda vivem e trabalham em Solentiname pintores primitivistas que participaram dessas primeiras oficinas como o senhor Rodolfo Arellano e sua esposa Elba Jiménez.

Após a vitória da frente sandinista na Revolução, Cardenal, como Ministro da Cultura, reergueu, na década de 1980, Solentiname e fez crescer a arte nessa comunidade. A assistente dele, em uma entrevista encontrada no youtube, relatou que o poeta mudou a vida dos moradores daquele espaço ao valorizar a arte ali produzida, fazendo com que essa obtivesse projeção internacional. Assim, as peças artesanais e as telas com motivos primitivistas, que recriam a fauna e a flora das ilhas, são vendidas em Manágua, em Granada, em Lión e também no estrangeiro, principalmente em países europeus, como a Alemanha.

Hoje convivem, nessas ilhas, artistas primitivistas da primeira geração com os da segunda e os da terceira geração. Jeysell Madrigal, por exemplo, é uma artista de trinta e poucos anos que faz artesanato e pintura primitivista. Ela, em entrevista concedida ao youtube, comenta da dificuldade que tinha em combinar as cores e que demorou cerca de cinco anos para aperfeiçoar a técnica. Já sua filha de seis anos parece que não terá a mesma dificuldade.

O fato é que o sonho de Ernesto Cardenal, o qual muitos enxergavam como utopia, fez-se realidade e aquelas peças artesanais feitas com a madeira de bálsamo são sucesso e fonte de subsistência dos que habitam Solentiname até os dias atuais.

Há, em algumas das trinta e seis ilhas, projetos financiados por grupos estrangeiros conhecidos como “os amigos de Solentiname”. Um exemplo dessas iniciativas é o “Projecto Taller: union de pintores y artesanos de Solentiname ‘Elbis Chamarría’”. O nome do projeto é uma homenagem a Elbis que vivera no local e, conforme já mencionamos, fora assassinado, durante o primeiro levante sandinista, pela Guarda do ditador. Quanto ao patrocínio do projeto, é responsabilidade de um grupo de Massachusset, Estados Unidos. Por esse projeto são financiadas oficinas e encaminhadas peças nelas produzidas aos Estados Unidos para serem vendidas. Nesse país, essa produção artística tem um elevado valor.

Quanto ao turismo, tem ganhado bastante expressividade nos últimos tempos. A associação de moradores organiza-o. Há, inclusive, na ilha Mancarrón, o hotel Mancarrón que pertence à associação, mas que acabou tornando-se fonte de aborrecimento para Cardenal, pois a viúva do antigo administrador do local está processando o poeta e exigindo pagamento de oitocentos mil dólares, alegando ser a herdeira e dona da instalação. Parece ser injusta a alegação dessa senhora e o idealizador de Solentiname diz ser esse processo parte de uma

perseguição política da qual é vítima, uma vez que se declara opositor de Daniel Ortega, líder sandinista durante a Revolução e agora Presidente do país. Trataremos mais adiante essa questão; assim, não teceremos, por agora, maiores comentários acerca dela.

No que diz respeito à Solentiname, é curioso o título que Cardenal dá ao livro que fala da construção da comunidade. O livro chama-se **Las Insulas Extrañas**. Esse título normalmente é traduzido como “ilhas estranhas”. Mas, se pensarmos mais detidamente no nome, chegaremos ao adjetivo “extraña”, que, por sua vez, remete ao verbo “extrañar”, que significa “sentir falta de; ter saudades”. Disso, podemos inferir serem essas as “ilhas da saudade”, que remontam a um passado de reuniões, de encontros amorosos nos quais se refletiam acerca da “Boa Nova”, de construções de vida, de consciência, de sonhos. As “ilhas estranhas do Rio San Juan” fazem parte de caras memórias não só de padre Cardenal, mas de todos os que por ali passaram, que passam e podem, durante a estadia, entender o real sentido de se hospedar o outro.

### 3.3 A REVOLUÇÃO APRENDIDA NO EVANGELHO

As coisas do tempo estão em convivência com a eternidade. (MERTON, 1993, p. 46)

Começaremos esta parte do trabalho com uma definição de comunista apresentada por Dona Isabel, avó de Cardenal. Segundo essa senhora, comunistas “são os que dizem que todos somos iguais, por exemplo, que somos iguais vós e eu, e que vós que não tendes nenhuma instrução poderíeis chegar a ser Presidente da República” (CARDENAL 2003 a, p. 363). Assim, parece-nos que uma revolução aprendida no Evangelho é a que quer tornar os homens comunistas no sentido apresentado por essa parenta de Ernesto. Serão essas palavras que nortearão nossa exposição a partir desse ponto.

Temos insistido em repetir trechos dos diários de Cardenal por acreditarmos serem suas diretrizes de vida. Dentre essas, podemos recordar “Eu tenho dito bastantes vezes que não foi a leitura de Marx o que me levou ao marxismo, mas a leitura do Evangelho (a qual me levou a ler a Marx) (CARDENAL, 2003b, p. 318. Tradução nossa) e “O marxismo e a religião são incompatíveis. Mas não Marx e a Bíblia. A mensagem da Bíblia é completamente marxista” (CARDENAL, 2003b, p. 312. Tradução nossa). Afinal,

a Bíblia não tem filosofia, mas se tivesse seria o materialismo dialético. ‘Dar de comer ao faminto, etc’, não é materialismo? E existe um maior materialismo que ser o Criador da matéria? A ‘santa matéria’, dizia Teilhard de Chardin. E o místico não é um filósofo idealista que nega a matéria, mas que vê a matéria transparente e através dela vê o Autor da matéria (CARDENAL, 2003b, p.313. Tradução nossa).

Essas passagens, por sua vez, confirmam as crenças de Ernesto ligadas à opção pelos pobres, pelos oprimidos e a busca de maior igualdade social e, é claro, sua opção pelo marxismo. Tais ideias levaram o teólogo da libertação a se engajar na luta em prol do fim da ditadura somocista.

Não podemos deixar de trazer à memória o fato de que bem antes de se tornar sacerdote e de existir a Frente Sandinista, Cardenal já era sandinista, “desde a adolescência era sandinista (CARDENAL, 2003c, p. 13. Tradução nossa). Na Nicarágua, Sandino era considerado por muitos um bandoleiro, mas não para o poeta objeto desse estudo e para seus amigos. Para eles, “Sandino era nosso herói nacional, e não um bandoleiro” (CARDENAL, 2003c, p. 13. Tradução nossa).

Outro dado, o qual podemos ler em **La Revolución Perdida**, é o fato de já haver, desde a juventude, uma militância política presente em seus atos. Não é por acaso que, quando jovem fundou, em 1949, com alguns amigos – Pedro Joaquin, Téfel, Córdova Rivas e outros – a UNAP (União Nacional de Ação Popular): “Éramos nacionalistas a exemplo de Sandino, ou seja, anti-imperialistas; propúnhamos a repartição da propriedade, o apoio ao camponês mediante as cooperativas, a defesa das classes populares, a democracia” (CARDENAL, 2003c, p. 14. Tradução nossa).

Há um poema declaradamente autobiográfico, do livro **Epigramas**, que mostra essa atuação política de Cardenal em sua juventude. Nesse texto, o poeta mescla a história de seu enamoramento por uma “muchacha” com o ato político de distribuir panfletos revolucionários pelas ruas:

Yo he repartido papeletas clandestinas,  
gritado: ¡VIVA LA LIBERTAD! en plena calle  
desafiando a los guardias armados.  
yo participé en la rebelión de abril:  
pero palidezco cuando paso por tu casa

y tu sola mirada me hace temblar. (CARDENAL, 2001, p.19)<sup>90</sup>

Tendo em vista esses dados, era natural o fato de Ernesto Cardenal participar ativamente do Movimento Revolucionário Sandinista. É claro que não podemos deixar de mencionar que nosso místico mesmo afirmava que, se não fosse a experiência vivida naquele 02 de junho não seria mais que um burguês. Portanto, foi seu encontro amoroso com Deus o fator determinante para que ele optasse pelos marginalizados e excluídos, embora já tivesse a semente da revolução plantada em seu coração desde a mais tenra idade.

### 3.3.1 Os passos rumo à libertação

*É a hora das barricadas  
É a hora do fuzilamento, da raiva maior  
Os vivos pedem vingança  
Os mortos minerais vegetais  
Pedem vingança (MENDES, 1994, p. 239-240)*

Cardenal, percebendo que o povo nicaraguense estava vivendo sob o signo da opressão, resolve lutar em prol dos injustiçados e torna-se membro do grupo dos doze. Esse grupo, por sua vez, acabou ganhando status de partido político e acabou, após o triunfo da revolução, assumindo o governo provisório no país. Durante a luta por liberdade, muitos perderam a vida, como Donald e Elbis, moradores da comunidade contemplativa criada por Ernesto. Conforme já mencionamos, a crueldade foi tamanha que foram obrigados a cavar a própria cova, antes de serem executados. Foi difícil vencer Somoza. Por conta de questões políticas, nesse período, muitos tiveram que deixar o país ou foram condenados, presos e torturados. Nosso místico, por exemplo, por sua atuação no grupo supracitado, foi condenado a cerca de quinze anos de prisão. Fato que só não se concretizou, porque deixou a Nicarágua antes. No entanto, o mais difícil para Cardenal, com certeza, foi ficar sabendo da destruição de Solentiname.

A atuação do autor em questão na campanha revolucionária foi muito importante, uma vez que ele saiu mundo afora em busca de apoio internacional, inclusive financeiro. Para realizar seu intento, visitou inúmeros lugares: Havana, Beirute, Roma, Líbia, Bagdá.

---

<sup>90</sup>Eu reparti panfletos clandestinos/ Gritando: VIVA A LIBERDADE! Em plena rua/ desafiando os guardas armados./ eu participei na rebelião de abril:/ mas empalideço quando passo por tua casa/ e só teu olhar me faz corar (Tradução nossa).

Enquanto esteve em Barcelona, participou de uma reunião do Tribunal Permanente dos Povos e, durante essa, pode colocar o mundo a par dos horrores vividos pelos nicaraguenses sob o governo do ditador. Durante sua passagem pela Finlândia, manteve contato com um poeta que conhecera em Solentiname e, com a ajuda desse, conseguiu fundar “um comitê de solidariedade” (CARDENAL, 2003c, p. 71. Tradução nossa). Desse grupo, participaram inúmeros intelectuais que ajudaram a mostrar o problema vivido na Nicarágua para o mundo e angariar ajuda.

Paralelamente a esse trabalho realizado por Cardenal, na Nicarágua, os levantes tornavam-se cada vez mais frequentes. Os revolucionários, após meses de luta, começavam a vislumbrar a possibilidade de vitória.

Nesse processo revolucionário, foi fundamental a atuação da comunidade Masaya, uma cidade na qual se localizava um bairro formado em sua maioria pelos índios Monimbós. A presença desses indígenas na luta foi um grande diferencial. Não foi por acaso que o primeiro local a se libertar do domínio somocista foi esse povoado.

A Frente Sandinista, inicialmente formada por três tendências, as quais se juntaram e formaram a Direção Nacional Conjunta, que, mais tarde, tornou-se só Direção Nacional – constituída por nove membros: “os nove da revolução sandinista” (CARDENAL, 2003c, p.137. Tradução nossa) –, fez a ofensiva final no mês de junho. Após quatro dias do começo da ofensiva, havia vinte e cinco cidades e aldeias em poder dos sandinistas. Monimbó abastecia os revolucionários com armas e comida. Nessa localidade, estavam também os hospitais e os correios.

Da luta não participaram somente homens adultos, também ombrearam armas mulheres e crianças. Muitos morreram e, como forma de reconhecimento ao sacrifício feito e de gratidão, deram o nome de um dos meninos mortos em combate – Luis Alfonso Velásquez – à associação de crianças sandinistas, fundada após a vitória.

Foi difícil, muito difícil, mas Somoza foi derrotado e, motivado por pressões americanas, renunciou e partiu para os Estados Unidos. O governo do país foi transferido para Francisco Urcuyo, o qual o transferiu à Frente Sandinista. “Às 4:15 da manhã de 17 de julho, um helicóptero levou Somoza do Búnker ao aeroporto[...] Somoza rompeu a chorar” (CARDENAL, 2003c, p.218. Tradução nossa).

Esse dia ficou conhecido como “dia da alegria”: “Estávamos vivendo um acontecimento que na história do mundo nunca havia tido antes: um Somoza havia assassinado Sandino a cinquenta anos, e agora este Sandino tinha saído da tumba e derrotado outro Somoza” (CARDENAL, 2003c, p.223. Tradução nossa).

O processo humano de evolução nos prova que não podemos mudar sem dor, sem mortes. Não foi diferente na revolução sandinista. Muitos morreram, muitas mães perderam seus filhos, muitos filhos tornaram-se órfãos na luta por aquilo que acreditavam ser um bem maior. A sensibilidade poética de Cardenal capta essa dor, esse luto de uma forma muito peculiar. Os trechos dos poemas que serão citados a seguir dar-nos-ão um vislumbre de como a poética cardenaliana captura esses momentos de sofrimento, de perda.

De **Cántico Cósmico**, escolhemos os seguintes trechos:

[...]  
 Voces serenas, calmas, entrecruzándose en la frecuencia sandinista.  
 [...]  
 Ya empieza, Rugama, a ser de los pobres; la tierra ésta  
 (con su luna).  
     Fue una tarea de todos.  
 Los que se fueron sin besar a su mamá  
 Para que no supiera que se iban.  
 El que besó por última vez a su novia.  
 Y la que dejó los brazos de él para abrazar un Fal.  
 El que besó a la abuelita que hacía las veces de madre  
 Y dijo que ya volvía, cogió la gorra, y no volvió.  
 Los que estuvieron años en la montaña. Años  
 En la clandestinidad, en ciudades más peligrosas que la montaña  
 [...]  
 Soledades muy íntimas. Como  
 Cuando Santa Teresita en su lecho de agonía  
 Sentía la duda de si Dios existe.  
 [...]  
 Cuando recibís el nombramiento, el premio, el ascenso  
 Pensa en los que murieron.  
 Cuando estás en la recepción, en la delegación, en la comisión  
 Pensa en los que murieron.  
 Cuando te aplauden al subir a la tribuna con los dirigentes,  
 Pensa en los que murieron.  
 Cuando te llegan a encontrar al aeropuerto en la gran ciudad,  
 Pensa en los que murieron.  
 Cuando te toca a vos el micrófono, te enfoca la televisión,  
 Pensa en los que murieron.  
 Cuando sos el que da los certificados, las cédulas, el permiso,  
 Pensa en los que murieron.  
 Cuando llega donde vos la viejita con su problema, el terrenito,  
 Pensa en los que murieron.  
     Míralos sin camisa, arrastados,  
     Echando sangre, con capucha, reventados,  
 Refundidos en las pilas, con la picanha, el ojo sacado,  
     Degolados, acribillados,  
     Botados al borde de la carretera,  
     En hoyos que ellos cavaron,  
     En fosas comunes,  
 O simplemente sobre la tierra abono de plantas de monte:  
 Vos los representás a ellos.



Ellos delegaran a vos,  
 Los que murieron.  
 (CARDENAL, 2012c, p.133-150)<sup>91</sup>

A parte final desse trecho, a partir do verso “cuando recibís el nombramiento, el premio, el ascenso”<sup>92</sup>, que se assemelha a uma forma tradicional de oração católica frequente em celebrações – a ladainha – e que chega a embargar a voz durante a leitura, foi lido por Cardenal, após a vitória sandinista, em um Congresso de que participou. O lirismo presente nessa passagem é comovente e leva-nos a refletir sobre todas as vidas que foram ceifadas durante essa revolução e a quantas outras as quais são perdidas diariamente não só em conflitos internos ou externos em nossos países ou entre eles, mas também pela violência presente nas cidades e nos campos, motivadas pela ganância, pelo desejo de ser e de ter mais bens materiais, mais prestígio, mais poder. Essas palavras do poeta levam-nos a questionar a humanidade dos homens.

Durante uma guerra, essa citada humanidade deixa de existir, e o homem torna-se besta, fera capaz de eliminar com o único intuito de, ao fazê-lo, deixar menos um “inimigo” no mundo, mesmo que seja uma criança, ou um bebê. Os trechos que serão apresentados a seguir são partes de poemas feitos para fazer ver a realidade. É a ficção a serviço da história, eternizando momentos de dor vividos na Nicarágua.

Después la represión de septiembre. Y el llamado Viernes Negro.  
 Lo más oscuro de la noche antes del alba.  
 Dije un discurso en Bogotá ante el Congreso, Sesión Plenaria,  
 El 25 de octubre de 1978 (está en los Anales del Congreso).  
 [...]

<sup>91</sup>Vozes serenas, calmas, entrecruzadas na frequência sandinista/[...]/ Já começa, Rugama, a ser dos pobres; esta terra/ (com su lua)./ Foi uma tarefa de todos./ Dos que se foram sem beijar a mãe/ para que não soubesse que se iam./ O que beijou a avozinha que lhe fazia as vezes de mãe/ e disse que já voltaria, apanhou a boina e não voltou./ Dos que passaram anos na montanha. Anos na clandestinidade. [...]/ Solidões muito íntimas/ como quando Santa Teresinha/ em seu leito de morte/ sentia a dúvida se Deus existe/[...]/ Quando receberes a nomeação, o prêmio, a promoção,/ pensa nos que morreram./ Quando estás na recepção, na delegação, na comissão,/ pensa nos que morreram./ Quando ganhas a votação, e o grupo te felicita,/ pensa nos que morreram./ Quando te aplaudem ao subir na tribuna como os dirigentes,/ pensa nos que morreram. / Quando te vão receber no aeroporto da grande cidade, / pensa nos que morreram. / Quando te toca o microfone, e te foca a televisão, / pensa nos que morreram./ Quando te procura a velhinha com seu problema, o terrenozinho, / pensa nos que morreram. / Olha bem, estão sem camisa, arrastados, / deitando sangue, como capuz, arrebatados,/ afogados em tinas, com o choque elétrico, o olho arrancado, / degolados, crivados de balas, / jogados à margem da estrada, / em buracos que eles cavaram, / em fossas comuns/ ou simplesmente sobre a terra adubo de plantas do monte: Tu os representas. / Tu és delegado/ dos que morreram (CARDENAL, 1995, p. 133-150).

<sup>92</sup> Quando receberes a nomeação, o prêmio, a promoção (CARDENAL, 1995, p. 149).

Dos muchachas contaron lo que pasó:  
 A un joven del barrio le hallaron una pistola,  
 Y ya no registraron más.  
 Apartaron a las mujeres, los viejos y los niños.  
 A los jóvenes los acostaron en el suelo.  
 Ellas tenían tres Hermanos en el suelo;  
 Un guardia les ordenó mirar para otro lado.  
 Tras los disparos vieron los cuerpos retorciéndose en el suelo.  
 Sobre los cuerpos pasaron un tractor.  
 El tractor después los amontonó, una sola masa roja.  
     Eran los muchachos del “Callejón”.  
 De 21, de 20, de 19, de 18, de 17 años.  
 Allí se reunían a jugar beisebol o platicar.  
 Los muchachos que ya nunca se reunirían en el “Callejón”.  
 La periodista del *Times* vio al muchacho sacado de su casa,  
 Un guardiã apuntándolo con el rifle en la cabeza.  
 Había lágrimas en sus mejillas. Sabía que iba a morir.  
 Ordenaron retirarse a la periodista del *Times*.  
     Señores senadores, señores diputados:  
 Llevaron 21 jóvenes con sus madres a las afueras de León.  
 Apartaron las mujeres, y los mataron en la carretera.  
 Robaron sus relojes, obligando a las madres a lavarlos.  
 Los perros arrancaban trozos de brazos y pies mal enterrados.  
 Las madres enterraron lo que quedaba en un algodonal.  
 O es el caso de Doña Socorro de Martínez, en León,  
 Con unos pedazos de camisas de su esposo y de su hijo.  
 O Josefa Pérez que está loca: abre los ojos al vacío y delira:  
 “Roger, amor mío, Róger, vení...¿Dónde está Róger?”  
 En el barrio índio de Subtiava siete jugaban beisbol callejero,  
     De 24, 22, 20, 18, 17, 16, 14,  
 Llegó una patrulla y se corrieron,  
 Y murieron allí mismo en la calle de sus juegos.  
 [...]

En Managua tres camiones cargados de muchachos,  
 Llevados a un comando y ya no se supo de ellos.  
 La embarazada con el vientre abierto por una bayoneta,  
 El niño saliendo vivo. La bayoneta en el niño.  
     “Un sandinista menos!”  
 Señores senadores y señores diputados:  
     Aquella entrada de la noche en Masaya  
 Sin saberse quiénes amanecerían muertos.  
 (CARDENAL, 2012, p. 122-123)<sup>93</sup>

<sup>93</sup>A jornalista do *Times* viu o rapaz ser retirado da sua casa, / o soldado com um rifle lhe apontando a cabeça./ O rosto cheio de lágrimas. Sabia que ia morrer. /Ordenaram à periodista do *Times* que se retirasse./ Senhores senadores, senhores deputados./ Levaram 21 rapazes com suas mães para um subúrbio de León./ Separaram as mulheres e os fuzilaram na estrada./ Roubaram-lhes os relógios, obrigaram as mães a lavá-los/ Os cachorros arrancavam pedaços de braços e pés mal enterrados. / As mães enterraram o que sobrou num algodonal. / Ou é o caso de dona Socorro de Martínez, em León, / com uns pedaços de camisa do esposo e do filho. / Ou Josefa Pérez, que está louca: abre os olhos para o nada e delira:/ Roger, meu amor, Roger, vem cá... Onde está Roger?/ No bairro indígena de Subtiava jogavam beisebol na rua,/ eram sete, de 24, 22,20, 18,17, 16, 14,/ chegou uma patrulha eles correram/ e morreram ali mesmo na rua onde brincavam./ Um menino apareceu na janela com seu gorro vermelho:/ tiraram ele de casa e quebraram-lhe as pernas antes de mata-lo./ Os vizinhos ainda o ouviram suplicar clemência,/ e os soldados: “Rubro-negro filho da puta”./ Em Catarina fuzilavam dois

Os sandinistas sabiam que estrangeiros ajudavam Somoza na chacina “Había órdenes en inglés, traducidas al español”<sup>94</sup> (CARDENAL, 2012, p. 124). Mas, apesar de tudo havia a esperança:

“Hijito, ojalá todas estas muertes no hayan sido en vano”  
 Y la contestación de outra vendedora:  
 “Señora, esté segura que los mejores tempos están por venir.”  
 [...]
   
 Delante de la luz va la sombra volando como un vampiro.  
 Levantate vos, y vos, y vos.  
 (Ya están cantando los galos.)  
 ¡Buenos días les dé Dios! (CARDENAL, 2012, p. 124-125)<sup>95</sup>

Como diria Carlos Drummond de Andrade, em “A flor e a náusea”, uma flor nasceu no asfalto. Há esperança! Após a vitória sandinista, teve início o processo de reconstrução do país e da dignidade dos cidadãos nicaraguenses. Esse será o assunto de nosso próximo tópico.

### 3.3.2 O resgate da nacionalidade

Qué bello se ve ahora el país.  
 Qué hermosa ahora nuestra naturaliza sin Somoza  
 (CARDENAL, 1986, p.106)

Com a vitória, formou-se um novo governo que teve como sede, inicialmente, o Hotel Intercontinental. Nesse governo, o revolucionário objeto de nosso estudo tornou-se responsável pelo Ministério da Cultura. Seu gabinete limitava-se a uma mesa, uma cadeira e uma máquina de escrever. Porém, havia um projeto que era necessário ser posto em prática, pois, após a

---

jovens cada noite,/ e o risco de desagradá-los. /Em Manágua três caminhões carregados de rapazes/ levados a um comando, jamais se soube deles./ A Grávida com o ventre aberto a baioneta./ a criança saindo viva. Baioneta na criança./ “Um sandinista de menos”./ Senhores senadores e senhores deputados./ Aquela noite chegando em Masaya/ sem saber quantos amanheceriam mortos (CARDENAL, 1995, p. 123).

<sup>94</sup> Havia ordens em inglês, traduzidas ao espanhol (CARDENAL, 1995, p. 123).

<sup>95</sup> “Meu filho, tomara que estas mortes não tenham sido em vão”./ E outra vendedora não vacila:/ “Senhora, fique certa de que os melhores tempos estão por chegar.” [...] /Perseguida pela luz vai a sombra voando como um vampiro./ Te levanta, tu também, e tu./ (Já estão os galos cantando.)/ Que dias bons Deus lhe dê! (CARDENAL, 1995, p. 124-125).

vitória da revolução, “começa a guerra contra o analfabetismo, contra a insalubridade e contra a tristeza” (CARDENAL, 2003c, p.225. Tradução nossa). E nessa luta precisava ser vitorioso.

Nesse tópico da tese, abordaremos as ações da Frente Sandinista para resgatar a ideia de nação que havia sido perdida durante a longa ditadura dos Somozas no país. O intuito dessa abordagem é preparar o leitor para o próximo item que dirá da atuação de Cardenal no Ministério da Cultura e do quanto esse trabalho foi importante na reconstrução da identidade dos nicaraguenses.

O poema “Ocupados”, o qual foi publicado no livro **Vuelos de Victoria**, mostra, de forma bastante expressiva, os atos do novo governo formado após a revolução sandinista. Analisaremos esse poema com o intuito de apresentar tais realizações e a importância delas.

### OCUPADOS

Estamos todos muy ocupados  
 La verdad es que estamos todos tan ocupados  
 En estos días difíciles y jubilosos, que no volverán  
     Pero que nunca olvidaremos  
 Estamos muy ocupados con las confiscaciones  
     Tantas confiscaciones  
 Tantas reparticiones de tierras  
 Quitando todo mundo las barricadas de las calles  
     Para que puedan pasar los carros  
 Las barricadas de todos los barrios  
 También cambiando nombres de calles y de barrios  
     Aquellos nombres somocista  
 Desenterrando a los asesinados  
 Reparando los hospitales bombardeados  
     - este hospital se llamará tal y tal –  
 Creando ya la nueva policía  
 Censando a los artistas  
 Llevando el agua potable a tal o cual lugar  
 Y estos otros están pidiendo la luz eléctrica  
     La luz que el dictador les había cortado  
 Rápido, rápido restaurar las instalaciones  
     Agua y luz para Ciudad Sandino  
     - ellos decidieron llamar su barrio Ciudad Sandino –  
 Estamos muy ocupados, Carlos  
 Los mercados deben estar limpios, deben estar bien ordenados  
     Hay que hacer también más mercados  
 Estamos creando nuevos parques, claro y ya nuevas leyes  
     Rápido prohibimos los anuncios pornográficos  
 Los precios de granos básicos bien controlados  
 Es tiempo de hacer también muchos afiches  
 Rápido, rápido hay que nombrar nuevos jueces  
 Rápido reparar las carreteras  
 Y qué bello, también hay que trazar nuevas carreteras  
 Elección de juntas de gobiernos locales

Es hora de que un millón aprenderán a ler  
 Vos vas a tu reunión de gabinete, vos vas a tu sindicato  
 La vacunación a los niños de todo el país  
 Y ya mismo los planes de educación  
 Las palas mecánicas limpiando los escombros  
     - Monimbó otra vez com marimbas –  
 Los campos rumoreando de tractores  
 Organizada ya la asociación de trabajadores del campo  
 Semillas, insecticidas, abonos, nueva conciencia  
 Y rápido, hay que sembrar muy rápido  
 También es el tiempo de nuevos cantos  
 Los obreiros volvieron a sua ruidosas ruedas con alegría  
 Hermano, se restablecieron todas las rutas de buses urbanos  
     - y tantos festivales culturales en los barrios  
     Actos político-culturales ahora les llaman –  
 Y también todos los días son las misas de los compañeros caídos  
 Y hay una palabra nueva en nuestro hablar cotidiano  
     “Compañero”  
 Todo esto quedará para quién quiera verlo em los viejos periódicos  
 En periódicos amarillos el comienzo de la nueva historia  
     Periódicos poéticos  
 Allí verán en hermosos titulares lo que yo ahora digo  
 De estos días embriagantes que no volverón  
 De estos días en que estamos tan ocupados  
 Porque la verdade es que estamos muy ocupados. (CARDENAL, 1985  
 VUELOS DE VICTORIA, p. 43-44)<sup>96</sup>

---

<sup>96</sup>Estamos todos muito ocupados/ a verdade é que estamos todos tão ocupados/ nesses dias difíceis e jubilosos, que não tornarão/ mas que nunca esqueceremos/ estamos muito ocupados com as confiscações/ tantas confiscações/ tantas repartições de terras/ tirando todo mundo as barricadas das ruas/ para que possam passar os carros/ as barricadas de todos os bairros/ aqueles nomes somocista/ desenterrando os assassinados/ reparando os hospitais bombardeados/ -este hospital se chamará tal e tal-/ criando já a nova polícia/ censurando aos artistas/ levando a água potável a tal ou qual lugar/ e estes outros estão pedindo luz elétrica/ a luz que o ditador tinha cortado/ rápido, rápido restaurar as instalações/ água e luz para Cidade Sandino/- eles decidiram chamar seu bairro Cidade Sandino- / estamos muito ocupados, Carlos/ os mercados devem estar limpos, devem estar bem ordenados/ tem que fazer também mais mercados/ estamos criando novos parques, claro e já novas leis/ rápido proibimos os anúncios pornográficos/ os preços dos grãos básicos bem controlados/ é tempo de fazer também muitos afixos/ rápidos, rápido tem que nomear novos juízes/ rápido reparar as ruas/ e que belo, também tem que traçar novas ruas/ eleição para junta de governos locais/ é hora de que um milhão aprenda a ler/ vós ides a tua reunião de gabinete, vós ides a teu sindicato/ a vacinação para todas as crianças de todo o país/ e já mesmo os planos de educação/ as pás mecánicas limpando os escombros/ - Monimbó outra vez com marimbas -/ os campos com sons de tratores/ organizada já a associação de trabalhadores do campo/ sementes, insecticidas, abonos, nova consciência/ e rápido, tem que semear muito rápido/ também é o tempo de novos cantos/ os obreiros voltaram a suas ruidosas rodas com alegria/ irmão, se reestabeleceram todas as rotas de ônibus urbanos/ e tantos festivais culturais agora os chamam/ e também todos os dias são as missas para os companheiros mortos/ e há uma palavra nova em nosso falar cotidiano/ “companheiro”/ tudo isso cairá para quem quiser vê-lo nos velhos jornais/ em jornais amarelos o começo da nova história/ periódicos poéticos/ ali verão em belas manchetes o que eu agora digo/ desses dias embriagantes que não voltarão/ desses dias em que estamos muito ocupados/ porque a verdade é que estamos muito ocupados.

Esse é um poema feito com o intuito de apresentar ao leitor o trabalho de reconstrução do país após a vitória sandinista. Encontramos nele os principais atos realizados logo após a Frente Sandinista iniciar seu governo: era necessário reconstruir as estradas destruídas e criar novas, tirar das ruas as barricadas, reconstruir os hospitais, enterrar os mortos, vacinar as crianças, iniciar um trabalho efetivo de alfabetização, reabastecer os mercados. Esses atos parecem simples, mas naquela nação, marcada pela guerra e por uma administração muito pouco preocupada com a população, significava redefinir o conceito de governo. Mostrar que quem assumia o poder não estava interessado em apenas receber impostos e explorar a população, mas em realizar tarefas necessárias ao desenvolvimento das pessoas, a fim de devolver a elas a dignidade. Por isso, a euforia que dá tom ao texto. A frente sabia que aquele momento de empolgação passaria, que as mudanças e a reconstrução não seriam fáceis, mas sabia que precisava empreender tal tarefa.

O texto é marcado também por um tom marxista, os versos: “y hay una palabra nueva en nuestro falar cotidiano/ “Companheiro” (CARDENAL, VV, p. 45) exemplificam isso. O que nos mostra que a revolução ocorrida na Nicarágua foi bastante singular, uma vez que foi realizada por cristãos e marxistas: “A grande originalidade da revolução da Nicarágua é que foi uma revolução marxista e cristã” (CARDENAL, 2003c, p. 311. Tradução nossa)

É mister mencionarmos alguns atos realizados pelo novo governo para que entendamos o porquê de ele ter sido tão diferente de outros nascidos de movimentos ocorridos em prol do fim de ditaduras na América Latina. Começamos reafirmando o caráter popular do movimento: “o povo foi quem levantou as barricadas. E a revolução foi feita pelo povo em todas as partes [...]. E se em outras revoluções houve a participação das mulheres, em nenhuma houve tanto como na Nicarágua” (CARDENAL, 2003c, p. 246. Tradução nossa).

Em todos os atos de governo, a população estava presente ajudando na reconstrução do país: na limpeza de ruas, na campanha de vacinação, na reconstrução de casas e de hospitais, no enterro dos que tombaram na luta, nos momentos de oração: “Nicarágua era um país, o único do mundo, em que a Teologia da Libertação estava no poder. Nascida do sonho dos oprimidos, já não era subversiva nem clandestina, e não tinha que se opor e denunciar injustiças, mas sempre era uma teologia da revolução” (CARDENAL, 2003c, p. 314. Tradução nossa). Isso só reafirmava o que Ernesto sempre insistia em dizer: “entre cristianismo e revolução não há contradição. É porque cristianismo e revolução são o mesmo” (CARDENAL, 2003c, p. 330. Tradução nossa).

A teologia construída na Nicarágua vinha do povo, que, por ter consciência da sua realidade, do seu papel na sociedade e por conhecer os evangelhos, pôde viver a experiência da

Igreja dos Pobres. Contudo, esses atos de sacerdotes que se aliaram a um governo para solucionar os problemas da Nicarágua desagradaram ao Papa João Paulo II e, por essa razão, ocorreram as punições e as proibições de exercerem as funções sacerdotais.

Cardenal, em **La Revolución Perdida**, deixa claro que o papa não era a favor de sacerdotes fazendo parte de revoluções e depois de ministérios de governos revolucionários. Diz que ele desejava que a revolução fosse feita não por católicos, mas por ateus comunistas. Por isso, na visita à Nicarágua, nenhum de seus atos foi inocente, até mesmo as leituras da missa foram feitas para tentar colocar o povo contra o governo revolucionário. “O Papa chegou à Nicarágua para desestabilizar a revolução”. (2003c, p. 307. Tradução nossa). Como o povo não aceitou as ideias papais, o líder eclesiástico partiu sem querer cumprir sequer o protocolo de despedida. Só fez tais rituais, porque bispos interviram para que esses fossem feitos. Mas o Vaticano disse à imprensa que “o regime marxista da Nicarágua tinha cometido um ultraje ao Sumo Pontífice” (CARDENAL, 2003c, p. 309. Tradução nossa).

Quanto à originalidade do novo governo se dava também porque nele

o marxismo se beneficiou com o cristianismo. Marx acreditava que o comunismo livraria a humanidade de toda mitologia religiosa, mas na Nicarágua se deu o caso que o cristianismo revolucionário purificou o marxismo da mitologia religiosa. O amor ao próximo praticado na nova Nicarágua pela revolução fez que muitíssimos cristãos consequentes fossem atraídos por ela. Revolução era a palavra que mais se ouvia na Nicarágua e não era só uma palavra, mas sim também um fato: uma mudança de mentalidade, uma transformação do país e começo da criação de novas pessoas e de uma nova sociedade. (CARDENAL, 2003c, p.312. Tradução nossa).

Sacerdotes mais conservadores atacaram a revolução usando a frase “bem-aventurados os que tem fome e sede de Deus” (CARDENAL, 2003c, p. 319. Tradução nossa) para deixar a entender que a justiça não devia ser importante para a salvação, mas a religiosidade. O que não percebiam é que “entre cristianismo e revolução não há contradição, porque cristianismo e revolução são o mesmo. E na Nicarágua coincidiram revelação e revolução” (CARDENAL, 2003c, p. 330. Tradução nossa).

Assim, nesse país latino, numa atitude absolutamente inovadora e revolucionária, povo e governo se unem, motivados pela necessidade de reconstrução do país. A atuação do Ministério da Cultura, nosso próximo assunto, exemplifica muito bem essa afirmação.

### 3.3.3. A atuação no Ministério da Cultura

Ensinar a ler é sempre ensinar a transpor o imediato. É ensinar a escolher entre sentidos visíveis e invisíveis. É ensinar a pensar no sentido original da palavra “pensar” que significa “curar” ou “tratar” um ferimento. (COUTO, 2011, p. 98)

No governo revolucionário – o governo sandinista -, Ernesto Cardenal lutou em prol de condições de vida mais justas para o povo nicaraguense, dando destaque à atuação do Ministério da Cultura pelo qual era responsável. Segundo esse ministro, a palavra mais dita no governo era “companheiro”. Todos se uniram em busca do bem comum.

Inicialmente temos que exaltar a atitude corajosa de Cardenal ao assumir um cargo político no governo pós revolução sandinista. Esse ato fez com que, conforme já mencionamos, fosse duramente punido pelo Papa João Paulo II. No terceiro tomo de seus diários, relata que: “uma das primeiras coisas do Papa quando pisou no solo da Nicarágua foi a humilhação pública que me fez no aeroporto em frente de todas as câmeras da televisão. Ainda que não me causasse surpresa, porque estava preparado para ele” (CARDENAL, 2003c, p. 301. Tradução nossa). Durante essa visita, conforme já mencionamos, o Sumo Pontífice mandou Ernesto regularizar sua situação perante a Igreja. Contudo, a situação já estava regularizada. O próprio Cardenal disse que “os sacerdotes com cargo no governo tinham autorização dos bispos, e tinham feito pública essa autorização” (CARDENAL, 2003c, p. 303. Tradução nossa). A consequência foi a já mencionada punição recebida pelo padre em questão, a qual só foi perdoada, em 2018, por Papa Francisco.

Dessa coragem de optar pelo que julgava ser o melhor a se fazer em prol dos oprimidos na Nicarágua, nasceu um trabalho realmente revolucionário no país. É sobre essa atuação junto ao Ministério da Cultura que falaremos nesse ponto da tese. Começamos com um poema:

Qué se va a hacer. Soy Ministro de Cultura,  
Y voy a una recepción a la embajada tal.  
¿Qual? Para qué decir cuál.  
Tal o cual, es igual.  
Y de pronto junto a la cuneta, entre el pasto  
Un gato.  
Las dos luces del carro prenden las dos del gato.  
Quisiera quedarme aqui  
Para observar mejor este gato,  
De qué color es,  
(de noche dice el dicho todos son del mismo color)  
[...]



Yo voy pensando en el gato[...]  
 No more:  
 Ya he entrado a la embajada iluminada  
 Y saludo al Señor Embajador. (CARDENAL, 1985, p. 121)<sup>97</sup>

Por que começarmos com esse poema que fala de um eu-lírico que está indo para uma reunião, mas tem mais interesse pelo gato que vê no caminho do que com o que vai ser tratado em tal encontro? Porque isso diz muito de Cardenal e da razão pela qual aceitou fazer parte do governo sandinista pós revolução. Ernesto é poeta. Essa burocracia diplomática não era o que lhe dava satisfação. Seu prazer vinha da atuação prática. O que ele desejava era reconstruir o país, voltando seu olhar para a alfabetização, para a saúde, para o acesso à cultura entre outras necessidades dos nicaraguenses. Não eram os holofotes o que o motivava. Cumpria as obrigações diplomáticas, mas via-as só como protocolo necessário devido ao cargo que ocupava.

No que concerne à atuação do Ministério da Cultura, o diário **La Revolución Perdida** revela que os membros desse não tinham experiência alguma de governo, mas todos eram voluntários e tinham muita vontade de fazer diferença, de transformar a sociedade nicaraguense, levando ao povo educação, cultura, lazer. “A cultura englobava todas as áreas: o econômico, o social, o político, a educação, a saúde. [...] A cultura que fora desapropriada das mãos de poucos e levada ao povo” (CARDENAL, 2003c, p. 253. Tradução nossa).

O lema da revolução era “eu quero pátria livre ou a morte” (CARDENAL 2003c, p.253. Tradução nossa). Assim, os membros do novo governo desejavam libertar o povo nicaraguense primeiro da dolorosa ditadura a que foram submetidos por muitos anos e da dominação americana sobre o país; depois, da ignorância.

A educação foi prioridade no Ministério da Cultura. Para se ter uma ideia, Paulo Freire foi à Nicarágua para assessorar a futura campanha de alfabetização. Foi feita “uma Cruzada de Alfabetização”. Segundo Fernando Cardenal, o termo “cruzada” era um nome mais místico que campanha. A meta era combater a ignorância, o maior inimigo naquele momento (CARDENAL, 2003c).

Para cumprir tal meta, foi idealizada a “cartilha de alfabetização”, inspirada no método de educação popular de Paulo Freire, e o exército popular de alfabetização, formado por estudantes que foram ao campo e aos centros de trabalho para alfabetizar. “Os guerrilheiros Urbanos da Alfabetização o faziam nos povoados e nas cidades. As milícias alfabetizadoras

---

<sup>97</sup>A tradução desse trecho não foi feita, porque os elementos textuais foram retomados nos parágrafos seguintes e português.

campesinas o fizeram no campo” (CARDENAL, 2003 c, p. 291 Tradução nossa). Assim, a taxa de analfabetos foi reduzida de 54 para 13 por cento (CARDENAL, 2003c). Essa redução foi tão significativa que rendeu a Cardenal um prêmio da UNESCO. No governo revolucionário, “a educação foi a tarefa prioritária da revolução e a Nicarágua inteira se converteu em uma só escola. A educação foi completamente gratuita, desde a pré-escola até a Universidade” (CARDENAL, 2003c, p. 421. Tradução nossa).

Os envolvidos nesse projeto educacional preocuparam-se sobremaneira com a inclusão, criando instituições para atender pessoas com deficiência intelectual, o que não existia até aquele momento na Nicarágua.

Para Cardenal, o Ministério da Cultura, que existiu durante o governo sandinista, significou oficinas de poesia, aumento do número bibliotecas – inclusive as móveis, como o *bibliobus*<sup>98</sup> -, alfabetização, festivais de músicas, incentivo às artes, criação de cinemas, entre muitas outras coisas. E o fim do Ministério, com a perda das eleições, representou a volta ao estado de eclipse intelectual que outrora existira.

Ernesto sempre dizia que “o triunfo da revolução era o triunfo da cultura em geral” (CARDENAL, 2003c. p. 353. Tradução nossa). Desse modo, inúmeras iniciativas foram resgatadas a partir do início da década de 1980 durante o novo governo. Por exemplo, renasceram as escolas de música, as oficinas de pintura e de poesia. Ernesto, por acreditar no potencial criativo dos nicaraguenses, criou oficinas para ensinar o povo a poetar e escreveu “regras” para a confecção de poemas representativos da “nova poesia nicaraguense”. A respeito desse fazer literário, trataremos no próximo capítulo.

O Ministério da Cultura foi o responsável pela criação também de revistas para divulgação dos trabalhos artísticos realizados no país, como a *Nicaráuac*. E data dessa época ainda o “Festival Internacional do Livro, o festival da liberdade absoluta do livro na Nicarágua livre, e da liberdade da revolução” (CARDENAL, 2003c, p. 391. Tradução nossa). Podemos ver a realização de um festival do livro como um evento muito simples, mas em um país no qual tudo até então passava por uma censura absoluta, esse festival teve uma importância muito grande. Não foi por acaso que Cardenal lamentou o fato de só terem podido realizar dois festivais, porque a Frente Sandinista, numa postura democrática, convocou eleições no país e as perdeu. Cardenal relata que, “se a madrugada do triunfo da revolução foi para mim o mais

---

<sup>98</sup>Bibliobus era uma “biblioteca sobre rodas”, que foi doada pela Venezuela e que possibilitava a democratização do acesso à leitura. Iniciativa semelhante observamos em algumas cidades brasileiras.

belo sonho de minha vida, a madrugada da perda das eleições foi o pior pesadelo que tive” (CARDENAL, 2003c, p. 461. Tradução nossa).

O revolucionário Cardenal diz que a Frente Sandinista perdeu as eleições, mas seus membros foram aclamados pelo povo como vencedores. Disse, ainda, que houve fraudes nas eleições, mas não a ponto de mudar tanto os resultados. Mas “seja como for, a revolução, ao perder as eleições, ganhou, demonstrando que essa era democrática. A derrota eleitoral foi uma vitória moral” (CARDENAL, 2003c, p.468.Tradução nossa).

Durante o tempo que permaneceu no governo, sofreu atentados. “Os atentados contra mim foram três ou quatro” (CARDENAL, 2003c, p. 442. Tradução nossa). Incomodou bastante o seu trabalho em prol do resgate da cidadania e em busca de uma cultura de paz. Não foi por acaso que recebeu, na Alemanha, após o triunfo da revolução, um Prêmio da Paz. “Depois do triunfo me deram na Alemanha um famoso Prêmio da Paz, que, em certos setores, não deixou de ser polêmico, por estar vinculado meu nome a uma luta armada” (CARDENAL, 2003c, p. 277. Tradução nossa). Por ter sido esse prêmio bastante polêmico, o presidente da Alemanha não compareceu à entrega da premiação.

Estamos terminando a parte da tese que mostrou o compromisso de Ernesto Martínez Cardenal com o outro e sua total entrega a Deus. A partir do próximo item, mostraremos como se deu a construção literária do poeta, para, no último capítulo da tese, apresentarmos o amor – em suas várias formas –, que possibilitou todos os encontros na existência cardenaliana e que é o elo responsável pela interligação de todos os elementos que compõem o cântico-erótico-cósmico que ele propõe entoarmos.

#### **4 A TESSITURA POÉTICA DE ERNESTO CARDENAL**

Eso fue mi vocación. Así nació. Desde pequeño yo empecé a escribir, desde los siete años, y aún desde antes, lo que entendía como poesía. Esto de la expresión es a través del lenguaje, porque lo primero que yo hice no fue escribir poesía. Buscaba siempre una comunicación, lo mismo que otros utilizan la expresión de la música. Aparte de la poesía que para mí es lo principal, hay que ver que entre mis primeros trabajos comunicativos se encuentra la pintura. Yo tenía sí – para agregarle a la poesía – una inclinación a la plástica: pintar, pero después más tarde decidí que lo mío no era la pintura sino la escultura, pero eso fue más tarde.

(CARDENAL, 2003 c, p. 368)

Até esse ponto de nossa pesquisa, apresentamos Cardenal, sua família, sua trajetória religiosa, seu compromisso político e social. Trouxemos informações sobre Solentiname e a

respeito das revolucionárias reflexões a respeito do Evangelho que, nessa comunidade, eram construídos durante as homilias. Colocamos em evidência os passos da Revolução Sandinista, uma vez que o místico objeto dessa tese é um dos seus líderes. Além disso, caracterizamos o primeiro governo sandinista no qual Ernesto foi Ministro da Cultura e a derrota eleitoral sofrida por esse grupo. E, é evidente, descrevemos, através das palavras do próprio místico nicaraguense, o encontro amoroso dele com Deus, encontro esse que modificou radicalmente a sua vida.

No entanto, achamos necessário, em nossas aproximações da mística em Ernesto Cardenal, trazermos para o leitor um pouco do que caracteriza o fazer literário do mencionado autor, alguém que vê poesia não só na arte da palavra, mas em todas as outras artes. Assim, neste capítulo da tese, delinearemos a trajetória poética de Ernesto Cardenal, ressaltando sua vinculação com os Movimento Modernista, através da “Nueva Poesia” produzida na Nicarágua, e Pós-Modernistas, apresentando o exteriorismo e apontando os principais direcionamentos de seu fazer literário. Em seguida, mostraremos, de forma breve, alguns poetas e místicos que exerceram influência tanto em sua construção literária, quanto existencial. E, para fechar o capítulo, apresentaremos alguns poucos poemas que apontam para o interesse do escritor por seu país, pela natureza e pelos índios.

Cabe ressaltarmos que as últimas obras de Ernesto Cardenal delineiam uma visão mística bem singular: uma mística erótico-cósmica. Contudo, não abordaremos, neste capítulo, esse viés da poética desse autor em profundidade, limitar-nos-emos a mencioná-lo, uma vez que, no último capítulo, o apresentaremos e traremos os traços que o caracterizam.

#### 4.1 A POESIA SINGULAR DE CARDENAL

A poesia é um modo de ler o mundo e escrever nele um outro mundo  
(COUTO, 2016, p. 23)

En realidad el verso es el primer lenguaje de la humanidad. (CARDENAL,  
1996, p. 378)

Os textos os quais utilizamos até esse ponto em nosso trabalho levam-nos a algumas características a respeito do fazer literário de Ernesto Martínez Cardenal. Dentre elas, podemos citar: uma ligação estreita com dados concretos. Por exemplo, “o sábado 02 de junho ao meio-dia” (CARDENAL, 2003 a, p. 74. Tradução nossa); a relação intertextual, a qual pode ser vista

nitidamente, por exemplo, em seu livro **Salmos**; o uso do passado histórico como ponto de partida para inúmeros textos. Como exemplo, temos o poema já citado “Las ciudades perdidas”.

Um outro traço que se destaca é a preocupação política e social, traço que pode ser observado em vários trechos de **Cántico Cósmico**, em muitos de seus **Epigramas**, em poemas de **Versos del Pluriverso**, no poema “Oración por Marilyn Monroe”, em muitos de seus **Salmos**, em **Así en la tierra como en el cielo**. Já o estudo dos índios e de suas mitologias surge em poemas de **Ovnis de Oro** e de **Quetzacóal** entre outras obras, destacando que, nessas, também há o compromisso político e social.

Não podemos deixar de mencionar a incorporação, em seus textos, de outras vozes, como a voz de místicos, como Teilhard de Chardin – “[...] A ‘santa matéria, dizia Chardin. E o místico não é um filósofo idealista...” (CARDENAL, 2003 a, p. 313. Tradução nossa) –, da linguagem das ciências da natureza e do discurso de cientista, como podemos perceber no seguinte trecho: “Bombas térmicas para la vida humana” (CARDENAL, 2012, p. 228) e da linguagem muito presente do erotismo, vista, por exemplo, em “[...] se me fizesse gozar mais morreria” (CARDENAL, 2003 a, p. 75). Além disso, inúmeras vezes, deparamo-nos com um incisivo discurso em prol dos direitos humanos, como no trecho: “Cuando recibís el nombramiento, el premio, el ascenso/ Pensa en los que murieron” (CARDENAL, 2012, p. 133). Tudo isso com a devida dose do humor, herança da influência modernista que perpassa sua obra.

Uma vez que acabamos de citar o movimento modernista, vejamos como se insere a obra de Ernesto dentre as estéticas dos séculos XX e XXI.

#### **4.1.1 A vinculação com a “nova poesia nicaraguense”**

Começemos com uma breve exposição a respeito da literatura nicaraguense. Na América Central, a Nicarágua é um país que se destaca no que concerne à valorização da poesia. Assim, muitos nomes ligados a esse fazer literário têm relevo não só dentro dessa nação, mas em âmbito mundial. É o caso de Azarías H. Palláis, Ernesto Mejía Sanches, Carlos Martínez Rivas, Coronel Urtecho, Alfonso Cortés, Rubén Darío, Pablo Antonio Cuadra, Joaquín Pasos, Roberto Cuadras, Rosario Murillo, Ernesto Cardenal entre outros. Muitos desses poetas não só revolucionaram o fazer literário dentro de seu país, mas também incorporaram, em suas produções, um viés declaradamente político. Como exemplos dessa faceta, citamos Mejía Sanches e o próprio Cardenal.

Esses poetas, além de apresentarem seu estilo individual, também se inserem em escolas literárias. Apresentaremos, em nosso trabalho, apenas alguns traços da chamada “nova poesia nicaraguense”, a qual, segundo Giuseppe Bellini, no livro **Nueva historia de la literatura hispano-americana**, é definida como sendo a que “se inicia com uma significativa reação frente ao ídolo poético nacional: Rubén Darío [...], uma poesia nova, de entonação popular, que tomava do povo temas, formas e palavras, expressando ao mesmo tempo profundos sentimentos católicos” (BELLINI, 1997, posição de 7888 a 15178. Ebook).

Jorge Schwartz, na obra **Vanguardas Latino-americanas: polêmicas, manifestos e textos críticos**, a respeito do movimento de vanguarda na Nicarágua, relata o seguinte:

Dois fatos devem aqui ser apontados. Primeiro, o momento tardio em que a vanguarda chega à Nicarágua. 1931 é praticamente o ocaso dos ismos, seja na Europa, seja na América Latina. Não se pode também caracterizar o grupo por alguma tendência estética definida – a não ser pelo seu caráter de ação coeso e renovador, inspirado nas novas correntes estéticas em geral. Segundo Jorge Eduardo Orellano, estudioso do Movimento de Vanguarda: É válido anotar que, na Nicarágua, ao contrário de outros países, não predominou nenhum ismo. [...] o que aconteceu foi uma assimilação completa dessas correntes, suficiente para produzir um produto novo e valioso: a nova poesia nicaraguense”.

Em fins de 1931, tem início a atuação política do grupo, com protestos contra a intervenção americana no país (iniciada em 1927) e contra as tentativas de criação de um canal ligando os dois oceanos. É a chamada etapa “antiburguesa”, uma vez que a burguesia nicaraguense era conivente tanto com a presença americana quanto com a construção do canal (1995, p. 189-190).

Ernesto Cardenal, na introdução do livro **Flor y canto**, assim caracteriza a poesia nicaraguense pós Darío:

Uma característica da poesia nicaraguense é sua “nicaraguanidade”. Desde **Cantos de vida e esperança**, a poesia nicaraguense começou a ser universal, americana, latino-americana e nicaraguense. E assim, segue sendo.

Os singulares modernistas, a exemplo de seu máximo compatriota [Darío], não só foram atraídos pelo exótico, pelo cosmopolita e pelo estrangeiro, como também (e ainda mais) pelo local, o nacional, o provinciano. E mais nicaraguenses que os modernistas foram os pós-modernistas, e, ainda mais que esses, os pré-revolucionários e os revolucionários.

Outra característica de nossa poesia é a abundância de palavras únicas.

Também é uma poesia em que há bastante humor, e isso é uma característica única.

É uma poesia feita com clareza, na maioria das vezes. E também é uma poesia escrita muito frequentemente com a linguagem em que se fala.

Outra característica da poesia nicaraguense é que sempre tem sido poesia de vanguarda.

[...]

Outra característica da poesia nicaraguense, que talvez esteja relacionada às anteriores, e talvez seja uma consequência delas, é que frequentemente aborda temas sociais e políticos.

E algo muito especial na poesia nicaraguense é o fato de que, sendo os poetas em sua grande maioria anti-ianques, e como expressão de um povo anti-ianque [...], passada uma influência inicial francesa, tenha tido como sua principal influência a poesia ianque.

Certamente, o mais característico da poesia nicaraguense é que majoritariamente (ainda que não totalmente) é uma poesia exteriorista. (CARDENAL, 1998, p. 8-9. Tradução nossa)

Abordaremos, no próximo item, o movimento exteriorista, por essa razão não nos deteremos em explicações sobre esse tipo de poesia nesse ponto do trabalho.

A fim de exemplificar esse conceito de poesia apresentado por Cardenal no trecho citado, trouxemos um poema presente no livro **Flor y canto**, da autoria de Ernesto Mejía Sánchez:

La muerte de Somoza  
 La muerte de Somoza, como la del Foster,  
 Dice Ike, es una gran perdida ¡ay!  
 Para el mundo libre. “Fue un gran amigo  
 De los Estados Unidos, en público  
 Y en privado”. Los Estados Unidos  
 Tendrán que ampliar el cementerio  
 De Arlington. O adaptar el jardincillo  
 De la Casa Blanca para tumba de sus  
 Íntimos amigos. Y a fe, que ya lo están  
 Haciendo. Porque yo busque en Nicaragua  
 El cadáver de Somoza, y nadie supo responder.<sup>99</sup>  
 (CARDENAL, 1998, p. 170)

Como podemos observar, o poema exemplifica o compromisso político, uma vez que traz como tema a morte do ditador Somoza. Há um humor ácido através do qual o poeta critica as “íntimas relações” entre o ditador e o governo americano. Além disso, a linguagem do texto é simples, acessível ao leitor menos intelectualizado e a temática diz respeito a um aspecto da

---

<sup>99</sup>A morte de Somoza/ A morte de Somoza, como a de Foster,/ disse Ike, é uma grande perda. Ai!/ para o mundo livre. “Foi um grande amigo/ dos Estados Unidos, no público/ e no privado”. Os Estados Unidos/ terão que ampliar o cemitério/ de Arlington. O adaptar o jardimzinho/ da Casa Branca para a tumba de seus/ íntimos amigos. E pela fé, já estavam fazendo isso/ porque eu busquei na Nicarágua o cadáver de Somoza, e ninguém soube responder.

vida nacional – o governante Somoza – e a um aspecto da vida estrangeira – as “reformas” necessárias para receber o morto na Casa Branca.

No cartaz de Vanguarda, em 06 de junho de 1932, e reeditado em *El Pez y la Serpiente*, nas edições 22 e 23 de 1978 e 1979, temos os princípios do movimento em questão:

#### REJEITAMOS

- A cópia
- A retórica
- As regras
- O academicismo
- O purismo linguístico
- As olheiras e crepúsculos
- Os mortos que escrevem aos mortos

#### PROMOVEMOS

- A originalidade
- A criação
- A obra nova que dita as suas próprias leis
- A invenção linguística
- A má palavra
- A poesia jovem e alegre
- O amanhecer de uma literatura nacional

(SCHWARTZ, 1995, p. 198)

Mantidas as devidas singularidades, podemos dizer que os princípios que nortearam os vanguardistas nicaraguenses da década de 1930 são os mesmos que deram direção à Primeira Geração Modernista no Brasil na década de 1920.

Quanto a Cardenal, podemos dizer que começa sua tessitura poética inserido no cenário literário da década de 1940. Nesse período, ainda persistiam conquistas relacionadas ao movimento vanguardista das duas primeiras décadas do Século XX e que foram utilizadas pelos adeptos da “nova poesia nicaraguense”, mas já se manifestavam algumas novidades no cenário literário. Segundo Bellini,

No âmbito da poesia centro-americana, Ernesto Cardenal é uma voz totalmente original. Seu sotaque foi inicialmente pausado, inaugurando uma tendência definida como neorromântica e que produziu êxitos em “La ciudad deshabitada” (1946) e em “El conquistador (1947) (BELLINI, 1997, 8041-15178 Ebook).



Faremos, a partir desse ponto, rápidos comentários a respeito das principais obras publicadas pelo escritor nicaraguense objeto desse trabalho, a fim de esboçar a trajetória literária feita por ele.

Na década de 1960, com os **Epigramas**, observamos uma poesia constituída por versos curtos, com uma linguagem popular, marcada pelo humor, em alguns casos, e dedicada a cantar o amor às *muchachas* e à sátira política. Cabe lembrarmos que a brevidade dos versos epigramáticos se deve, em seus primórdios, provavelmente, ao fato de serem esses textos inicialmente colocados sobre os túmulos. A esse respeito, CASTIGLIORI relata o seguinte:

[...] epigrama, na acepção primitiva, significava inscrição sobre a pedra em forma de epitáfio. Os primeiros epigramas da Grécia antiga dos quais temos conhecimento remontam a Simonide, mas serão os poetas satíricos latinos, Catulo (87-54 a.C.), Propércio (50-15 a.C.) e posteriormente Marcial (40-104 d.C.) que darão grande celebridade a esta forma poética, enriquecendo a temática e caracterizando, de forma definitiva, o gênero que agora assumiu o significado de uma composição poética breve de tom agudo e pungente: uma breve sátira. (CASTIGLIORI, 1990, p. 21).

Não teceremos maiores detalhes sobre os epigramas cardenaliano nesse capítulo, visto que serão bastante trabalhados no capítulo quatro.

No mesmo período em que compunha **Epigramas**, o poeta nicaraguense também se debruçava na criação de **Hora 0**, “poema diretamente inspirado na realidade social, filtrada pelo juízo ético que se faz princípio ordenador da matéria poética [...] nasce do profundo convencimento do autor no valor social da arte” (CASTIGLIORI, 1990, p. 29).

Após esses livros, em 1960, publica **Gethsemany, Ky**, obra que apresenta ao leitor o período em que Cardenal viveu na Trapa. “Os poemas de Gethsemany, Ky são inspirados em uma vontade geral de sublimação da realidade material, onde todas as coisas participam de uma mesma possibilidade de redenção” (CASTIGLIORI, 1990, p.36). O trecho a seguir exemplifica o conteúdo desse livro:

Como latas de cerveza vacía y colillas  
De cigarrillos apagados, han sido mis días.  
Como figuras que pasan por una pantalla de televisión  
Y desaparecen, así há pasado mi vida.  
Como los automóviles que pasaban rápidos por las carreteras  
Con risas de muchachas y música de radios...  
Y las canciones de los rádios que pasaron de moda.  
Y no há quedado nada de aquellos días, nada,

Más que latas vacías y colillas apagadas,  
 Risas en fotos marchitas, Boletos rotos,  
 Y el aserrín con que al amanecer barrieron los bares.<sup>100</sup>  
 (CARDENAL, 1979b, p.86)

Como podemos perceber, no texto anterior, o poeta, em uma construção declaradamente autobiográfico e exteriorista, conta-nos a respeito de sua vida antes da entrada na Trapa, declarando que nada restou daqueles dias, os quais são comparados a “latas vacías y colillas apagadas”.

No ano de 1964, o poeta nicaraguense publica **Salmos**, uma obra que apresenta uma clara releitura dos **Salmos** bíblicos, mas acrescentando a eles um teor político. Falaremos mais adiante desse livro.

Em 1965, são publicados dois livros de Cardenal: **Oración para Marilyn Monroe**, sobre o qual já nos detivemos nesse trabalho e **Apocalipsis**. Esse último apresenta uma íntima relação com a linguagem do texto bíblico e “o estilo apologético de denúncia e condenação da sociedade consumista alcançará a máxima expressão” (CASTIGLIORI, 1990, p.49). Esse texto, provavelmente foi inspirado nas inúmeras conversas do poeta com Thomas Merton durante as quais o místico norte-americano constantemente condenava o “american way of life”.

Citaremos, como forma de exemplificar o tom usado no texto e o teor do conteúdo, alguns trechos desse livro. Nele, podemos observar a recorrência à linguagem do livro bíblico, mesclado a uma busca por imagens tecnológicas não para exaltar a tecnologia, mas para mostrar sua força destrutora.

Y HE Aquí  
 Que vi un ángel  
 (todas sus células era ojos electrónicos)  
 Y oí una voz supersónica  
 Que me dijo: Abre tu máquina de escribir y escribe  
 Y vi como un proyectil plateado que volaba  
 Y de Europa a América llegó en 20 minutos  
 Y el nombre del proyectil era Bomba H  
 (y el infierno lo acompañaba)  
 [...]  
 Y el primer ángel toco la sirena

<sup>100</sup> Como latas de cerveja vazias e bitucas/ de cigarros apagados, têm sido meus dias./ Como figuras que passam por uma tela de televisão e desaparecem, assim passei minha vida./ como os automóveis que passavam rápidos pelas ruas/ Com risos de moças e música de rádios.../ e a beleza passou rápido, como o modelo dos autos/ e as canções dos rádios que passaram da moda./ e não ficou nada daqueles dias, nada,/ mais que latas vazias e bitucas de cigarros apagadas/ risadas murchas da foto, bilhetes rasgados,/ e a serragem com que ao amanhecer varrem os bares (tradução nossa).

Y se rompieron todos los tímpanos de los oídos  
 En un área de 300 millas  
 Por el ruido de la explosión  
 [...]
 Y todas las bellezas de la tierra  
 Se evaporaron  
 [...]
 Y él ángel me llevó al desierto  
 Y el desierto estaba florecida de  
 Laboratórios  
 Y allí el Demonio hacía sus pruebas atómicas<sup>101</sup>  
 (CARDENAL, 1979 b, p. 118-120)

**El Estrecho dudoso** (1966) é um vasto poema com tema épico o qual narra a conquista e colonização da América espanhola, mostrando as consequências dessa para, como disse Abel Posse<sup>102</sup>, “os cães do Paraíso”.

**Homenaje a los índios americanos** (1969), uma obra que, ao buscar prestar uma homenagem aos pré-colombianos, mostra traços da cultura e da tradição indígena na América. Em breve, traremos um trecho dessa obra para apreciação e análise.

No ano de 1972, o poeta publica **Canto Nacional**, um poema que nos faz ver a Nicarágua e a relação de amor que o poeta nutria por seu país. Esse poema será apresentado ainda neste capítulo.

Dando continuidade à sua vasta produção poética, Cardenal publica em 1988, **Quetzacóal**, uma “evocação esperançosa do mito indígena no qual o deus é quem resgata o gênero humano” (BELLINI, 1997, 8120-15178 Ebook); **Los ovnis de Oro** (1992) é um livro que estabelece um diálogo entre os mitos indígenas e fatos contemporâneos.

Em uma linha marcada pela mística e pela experiência transformante vivida pelo poeta, encontramos os livros **Vida en el Amor** (1970), um canto de amor e de bodas com Deus e com o universo; **Telescopio en la noche oscura** (1993), **Cántico Cósmico** (1990), **Versos del Pluriverso** (2005). Essas obras estão sendo bastante abordadas nesse trabalho; por isso, não achamos necessário, nesse ponto, tecer comentários acerca delas.

<sup>101</sup> E eis/ que vi um anjo/ e ouvi uma voz supersônica/ que me disse: Abre tua máquina de escrever e escreve/ e vi como um projétil prateado que voava/ e da Europa a América chegou em 20 minutos/ e o nome do projétil era Bomba H/ (e o inferno o acompanhava)/[...] e o primeiro anjo tocou a sirene/ e se romperam todos os tímpanos dos ouvidos/ em uma área de 300 milhas/ pelo ruído da explosão/[...] e todas as bellezas da terra/ se evaporaram/ [...] e o anjo me levou ao deserto/ e o deserto estava florecido de/ laboratórios/ e ali o demônio fez seus testes atômicos (Tradução nossa).

<sup>102</sup> Abel Posse, escritor argentino, escreveu um livro que também conta a viagem de Colombo para as Américas, a exploração e o massacre dos índios que, por uma questão religiosa, permitiram a sua dizimação. O nome do livro em questão é, em português, **Os cães do Paraíso**.

Recentemente, Cardenal lançou dois livros: **Así en la tierra como en el cielo** (2018), livro que será trabalhado no último capítulo dessa tese e que reafirma a visão mística do poeta e **Hijos de las Estrellas** (2019).

Além das obras poéticas, o escritor nicaraguense ainda publicou, no ano de 1970, **En Cuba**, texto que mostra os fatos ocorridos por ocasião de sua primeira viagem a Cuba. Essa visita foi considerada, por Ernesto Cardenal, como sendo sua segunda conversão; em 1985, **El Evangelio en Solentiname**, coletânea que reúne as transcrições das homilias realizadas nessa comunidade contemplativa entre 1975-1977; em 2003, os três volumes de seus diários: **Vida Perdida, Las Ínsulas Extrañas e La Revolución Perdida**; no ano de 2011, publicou **Este mundo y otro**, um livro de ensaios “de diferentes temas e diferentes épocas” (CARDENAL, 2011, p. 08).

Há muitos outros livros, muitas antologias, muitas obras que depois passaram a fazer parte de antologias. Buscamos trazer à luz, nesse trabalho, as obras mais diretamente relacionadas aos conteúdos que ensejamos desenvolver, a fim de promover as aproximações da mística de Cardenal, um dos objetivos desse trabalho.

Antes de passarmos para o próximo tópico no qual apresentaremos a vanguarda exteriorista e as regras criadas por Cardenal para a composição de versos, gostaríamos de deixar aqui registrada uma curiosidade acerca da feitura poética desse poeta que muito nos intrigou durante nossas pesquisas. Na composição de seus poemas, ele datilografa os versos e depois os recorta em tiras. Estando tudo recortado, ele refaz os textos, buscando, como em um jogo de quebra cabeças, a melhor posição para cada verso. Assim, o primeiro verso datilografado não é necessariamente o primeiro do poema.

Apresentada essa curiosidade, passemos ao nosso próximo tópico: a vanguarda exteriorista.

#### **4.1.2 Uma literatura Exteriorista**

Sua marca é muito profunda e visível na grande poesia latino-americana. Essa natureza narrativa de sua poesia, que me marcou e me seduziu desde a adolescência, é o que foi batizado de exteriorismo, termo que pode levar a confusões, pois parece negar a dimensão íntima. (SÉRGIO RAMIREZ, 2019, p.4)

Escrever sobre exteriorismo, faz-nos recordar das aulas de Professor Faustino, quando ele dizia “observem as marcações nos poemas de Cardenal. ‘Naquele 02 de junho. Ao meio dia’”. Apesar de não nos dizer o nome daquelas marcações, porque não vinha ao caso mencionar em uma aula de Mística, ele já nos apontava para essa singularidade no discurso de Ernesto Cardenal. Não é possível escrevermos uma tese sobre esse autor sem falar dessa vanguarda que ele, em parceria com Coronel Urtecho, cunhou. Passemos à abordagem desse fazer literário marcado pelo concreto.

Na introdução do livro **El Estrecho Dudoso**, Cel Urtecho diz o seguinte a respeito do fazer literário de Ernesto: “a poesia de Cardenal é refratária a todo tipo de simbolismo, austeramente fiel à realidade imediata e exterior, ou como ele mesmo costuma dizer, uma poesia exteriorista” (CARDENAL, 1985, p. 21. Tradução nossa).

Começamos a construir o conceito de exteriorismo. Já temos os seguintes elementos: marcações exatas, fidelidade à realidade imediata e exterior. Mas isso não deixa muito claro o que representa essa nova forma de expressão.

Segundo Maria Enrica Castiglioni, na obra “**¿Para qué metáforas?**”. La poetica di Ernesto Cardenal, temos que

O Exteriorismo é a corrente poética na qual se inspira majoritariamente a produção artística de Cardenal da qual ele é um dos fundadores, nos fins dos anos 40 [...] resultante da evolução de uma expressão latino-americana autêntica, não mais emprestada exclusivamente daquela europeia (1990, p. 12. Tradução nossa).

Marcada pela originalidade, podemos dizer que essa corrente literária, da década de 1940, teve como principais seguidores: Carlos Martínez, Ernesto Mejía Sánchez, José Coronel Urtecho e, é claro, Ernesto Cardenal.

Segundo Alfredo Veiravé, a poesia de Cardenal é vista como fragmentária e “nasce de uma realidade marcada pela situação política da Nicarágua que o obriga, desde o início, a escrever ‘o poema’ com limitações do que se pode considerar uma função social da literatura e seu público de um sistema repressivo (1975, p. 65-66. Tradução nossa).

Nas construções poemáticas de nosso poeta, ele parte de uma subjetividade, marcada pelo “yo”, vista por exemplo nos epigramas em que um “eu” se dirige a Cláudia, passa por um “nosotros” em poemas nos quais se evidencia o compromisso social e político até chegar a uma relação “yo-Dios” no qual entoa um cântico cósmico (VEIRAVÉ, 1975, p. 65-73).

Aproveitando as ideias desse estudioso anteriormente mencionado, podemos dizer que o exteriorismo é marcado pela utilização de transcrições de falas, nas quais o poeta recua para

dar a voz a outros nomes; faz uso de datas com todos os detalhes em minúcias – ano, mês, dia, hora – ; algumas vezes os dados apresentados podem ser simples inscrições que nos fazem ver a procedência do objeto (U.S.A, MADE IN USA); utiliza nomes próprios, que nos fazem localizar no tempo o que se está abordando; constrói seu texto com abreviaturas, as quais são marcas de nosso tempo (cine,...); apropria-se de informações retiradas de jornais e revistas, o que significa trazer para o texto poético a função referencial da linguagem (VEIRAVÉ, 1975). Todos esses usos objetivam aproximar o leitor do poema, fazendo com que ele interaja com o objeto estético.

De acordo com Veiravé,

As abreviaturas (Gethsemani, Ky = Abadía de Gethsemani no estado de Kentucky), as indicações de um código com sinais mediante o uso de citações (sonhando que eles estão outra vez aplicando “la maquineta” = sonhando que eles estão outra vez aplicando a espiga elétrica), as siglas, os nomes próprios, as datas, o nome das companhias, obrigam o leitor a uma participação conjunta com o poeta, cuja missão social é ordenar a linguagem corrompida pelo mercado de consumo. (VEIRAVÉ, 1975, p. 85. Tradução nossa).

Segundo essa concepção poética, tudo cabe na poesia. É o que Oswald de Andrade, modernista brasileiro já defendia em seu poema “Balada do Esplanada”, na estrofe em que o eu lírico menciona: “Há poesia/ na dor,/ na flor,/ no beija-flor,/ no elevador” (ANDRADE, 1972, p. 102).

Esse fazer literário é inspirado no imagismo poundiano e, ao trazer para o leitor “formas poéticas (imagens coordenadas visualmente) não conceituais, o poeta oferece uma visão de mundo que denota realidades contrapostas e permite uma tomada de consciência da vida social e histórica dos povos” (VEIRAVÉ, 1975, p. 91. Tradução nossa).

Cardenal, em uma entrevista dada a um jornal italiano<sup>103</sup>, disse que a palavra “exteriorismo” não tinha sido uma boa escolha, que o melhor seria dizer “poesia concreta” para fazer oposição à “poesia abstrata”. Pensando dessa forma, podemos estabelecer uma ponte entre o exteriorismo presente na obra de Cardenal e o movimento Concretista iniciado no Brasil na década de 1950 por Haroldo de Campos, Augusto de Campos e Décio Pignatari.

Segundo o “Plano Piloto para a Poesia Concreta”, temos que

---

<sup>103</sup> Tivemos notícia dessa entrevista a partir do texto de Maria Enrica Castiglioni.

poesia concreta é um objeto em e por si mesmo, não um intérprete de objetos exteriores e/ou sensações mais ou menos subjetivas. Seu material: a palavra (som, forma visual, carga semântica). Seu problema: um problema de funções-relações desse material, fatores de proximidade e semelhança, psicologia de Gestalt, ritmo: força relacional, o poema concreto, usando o sistema fonético (dígitos) e uma sintaxe analógica, cria uma área linguística específica – verbivocovisual – [...] a poesia concreta visa ao mínimo múltiplo comum da linguagem, daí a sua tendência à substantivação e à verbificação. (CAMPOS, 1965 In: TELES, 1992, p. 403-404).

Apresentada uma teoria que nos possibilita imaginar o que vem a ser esse fazer literário, passemos a exemplos na obra do poeta Cardenal os quais nos permitirão consolidar o conceito dessa vanguarda.

Em **Epigramas**, quando o poeta cita “Ella fue vendida a Kelly & Martínez Cia. Ltda.”<sup>104</sup> (CARDENAL, 2001, p. 17. Grifos nossos), ao mencionar o nome da empresa, temos um dado concreto, realístico, que nos permite vislumbrar uma crítica à postura de alguém que se deixou corromper.

No poema “Coplas a la muerte de Merton”, temos os seguintes versos: “tu muerte marca General Electric/ y el cadáver a USA en un avión del Army”<sup>105</sup> (CARDENAL, 1978, p. 215. Grifos nossos). Ou no poema “Manágua 6:30 pm” no qual temos

[...]  
 (EL alma es como una muchacha besuqueada detrás de un auto)  
 TACA BUNGE KLM SINGER  
 MENNEN HTM GÓMEZ NORGE  
 RPM SAF ÓPTICA SELECTA  
 Proclaman la gloria de Dios!  
 (Bésame bajo los anuncios luminosos oh Dios)  
 Kodak Tropical Radio F & C REYES  
 En muchos colores  
 Deletrean tu Nombre ...<sup>106</sup> (CARDENAL, 1978, p. 68)

Nesse último poema, marcas renomadas são usadas, num tom irônico, e extremamente crítico, para dizer da supervalorização dada pelos humanos ao que não deveria ter valor, numa evidente crítica à sociedade de consumo.

<sup>104</sup> Ela foi vendida a Kelly & Martínez Cia. Ltda. (tradução nossa).

<sup>105</sup> Tua morte marca General Electric e o cadáver a USA em um avião das forças aéreas.

<sup>106</sup> [...] (a alma é como uma moça ferida à basuca detrás de um carro) / TACA BUNGE KLM SINGER/ MENNEN HTM GÓMEZ NORGE/ RPM SAF ÓPTICA SELECTA/ proclamam a glória de Deus!/ (Beija-me embaixo dos anúncios luminosos Oh Deus!)/ Kodak Tropical Radio F&C REYES. (tradução nossa).

Gostaríamos de chamar a atenção também, nesse poema, para a disposição das palavras no papel, característica da obra do poeta em questão, a qual é vista tanto na vanguarda exteriorista, quanto no movimento concretista.

Praticamente todas as obras poéticas de Ernesto Cardenal são marcadas pelo exteriorismo; assim, vamos colocar apenas mais um trecho de **Cántico Cósmico** para terminar nossa exemplificação. Temos, neste trecho, nomes próprios e uma data, marcas do exteriorismo.

[...]

Veníamos a Cuba

De la celebración del 26 de julio.

Y la frase de Martí “Todo es gloria en julio”

(CARDENAL, 2012, p. 134. Grifos nossos).

A construção poética inovadora de Cardenal, levou-o a criar regras para, nas oficinas de poesia ministradas em Solentiname, ensinar os camponeses a fazer “textos literários”, uma vez que o poeta encarava esse fazer um dos “milagres” que aconteceram naquela comunidade. Eis as regras e as razões pelas quais foram criadas:

Dentro da poesia, a mim me parece que a experiência mais importante que se deu foram as oficinas de poesia – o programa literário mais interessante e mais popular que se fez no mundo. As oficinas de poesia talvez foram o experimento cultural com maior êxito no momento, e assinalava o fato insólito de que os aspirantes a escritores de poesia usaram regras tomadas do norte-americano Ezra Pound. [...]

Na Nicarágua, sempre teve poesia muito boa, das melhores da América Latina, para meu juízo, a melhor; mas sempre fora uma poesia da elite, de gente culta; os versos do povo eram ruins, só na base das rimas. O povo poeta da Nicarágua era um povo de rimadores. Eu achei que era necessário ensinar a nosso povo, que era tão amante da poesia, as boas técnicas da poesia moderna. Sobretudo o verso livre. E isso fizemos nas oficinas. [...]

Escrevi uma espécie de regras para os aprendizes de poesia que eram mais bons conselhos ou sugestões, mas lhes chamei “regras” para lhes dar um ar mais rigoroso. As regras eram simples: 1) não escrever usando ritmos regulares nem com rimas; 2) preferir a palavra mais concreta à mais vaga. 3) incluir nomes próprios de pessoas ou lugares. 4) procurar as imagens que entram pelos sentidos. 5) escrever como se fala, e não com linguagem “literária”. 6) evitar os lugares comuns. 7) abreviar a linguagem o mais possível. [...]

Estas oficinas eram uma espécie de alfabetização da poesia. Eram para os que nunca tinham escrito poesia e desejavam fazê-lo, ou estiveram fazendo uma poesia má. Eram para ensinar a boa poesia ao povo (CARDENAL, 2003 c, p. 354-355. Tradução nossa).



Quanto ao conteúdo do texto poético, Cardenal afirma, em entrevista dada a Sonia Mereles, que:

[...]

Creio que se deve enfocar sempre a realidade atual. Não necessariamente de cárceres ou de tortura, mas sem a opressão que existe sempre e, quiçá mais que antes, a globalização, tudo aquilo ao que nós devemos nos opor, ao que se opõe a juventude de nosso entorno, algo palpável em todas as cidades. O povo não deve reprimir-se, não deve temer aos protestos e não deve aceitar senão o concreto. Não existe uma realidade que seja abstrata. Por exemplo, [...] Agora acabo de voltar do Brasil, do Amazonas, onde os povos ainda guardam sua cultura. Nada deles deveria estar ausente da poesia (OLIVEIRA, 2002, p.17. Tradução nossa).

Assim, segundo o próprio Cardenal esclarece, a poesia exteriorista ‘implica uma opção, precisamente do sujeito, a qual decide sair de si, entregar-se e esquecer-se, para expressar o mundo circundante e ajudar a transformá-lo o melhorá-lo, a partir da linguagem mesma da realidade’ (CARDENAL, 1979, p. VII. Tradução nossa).

A melhor definição que encontramos para esse fazer literário foi-nos apresentada pelo próprio poeta. Segundo ele,

O exteriorismo é a poesia criada com as imagens do mundo exterior, o mundo que vemos e apalpamos, e que é, em geral, o mundo específico da poesia. O exteriorismo é a poesia objetiva: narrativa e anedótica, feita com os elementos da vida real e com coisas concretas, com nomes próprios e detalhes precisos e datas exatas e cifras e fatos e ditados. (CARDENAL, 1979b, p. VII).

Apresentada, exemplificada e conceituada a vanguarda exteriorista, passemos ao próximo item de nosso trabalho, o qual já vem sendo tangenciado desde o primeiro capítulo dessa tese, uma literatura para mostrar o homem real, seus problemas e sua busca por Deus.

#### **4.1.3 A literatura para falar dos homens e para os aproximar do Reino de Deus**

Acredito, cada dia mais, na força da poesia – escrita, falada e cantada, - como uma poderosa arma de conscientização. (MELLO, 2019, p. 43)

Ai palavras, ai palavras, que estranha potência a vossa. (MEIRELES, 2015, p. 150)

Começemos esse tópico com as palavras usadas por Cardenal para definir seu fazer poético na ocasião em que recebeu, em 2012, o Prêmio Rainha Sofia de Poesia Ibero-americana: “Minha poesia tem um compromisso social e político, ou melhor, revolucionário. Tenho sido um poeta, padre e revolucionário. Utilizei a poesia para levar minha mensagem social, revolucionária” (SALINAS, 2017, s/p)<sup>107</sup>. Isso nos diz o que é, na acepção usada por ele, uma poesia para falar de homens.

Apesar de já termos abordado, através de alguns textos, a poesia comprometida de Ernesto Cardenal, achamos por bem dedicarmos algumas páginas desta tese para mostrar esse viés que é muito marcante no fazer literário dele. Além disso, essa poesia engajada também é vista como uma via para nos ajudar a construir o Reino de Deus aqui e agora, assunto que trataremos em nosso último capítulo.

Começaremos apresentando um poema do livro **Salmos**. Trata-se do Salmo 57.

Señores defensores de Ley y Orden:  
 ¿Acaso el derecho de ustedes no es classista?  
     El Civil para proteger la propiedad privada  
     El penal para aplicarlo a las clases dominadas  
 La libertad de que Hablan es la libertad del capital  
     Su “mundo libre” es la libre explotación  
 Se ley es de fuziles y su orden el de los gorilas  
     De ustedes es la policía  
     De ustedes son los jueces  
 No hay latifundistas ni banqueros en la cárcel

Se extravián los burgueses desde el seno materno  
 Tienen prejuicios de classe desde que nacen  
     Como el tiburón-tigre nace comedor de gente  
 Oh Dios acaba con el statu quo  
     Arranca los colmillos a los oligarcas  
 Que se escurran como el agua de los inodoros  
     Se marchiten como la hierba bajo el hierbicida

Ellos son los “gusanos” cuando llega la Revolución  
 No son células del cuerpo sino que son micróbios  
 Abortos del hombre nuevo que hay que botar  
 Antes que echen espinas que los arranque el tractor

El Pueblo se divertirá en los clubs exclusivos  
 Tomará posesión de las empresas privadas  
 El justo se alegrará con los Tribunales Populares  
 Celebraremos en grandes plazas el aniversario de la Revolución

<sup>107</sup> Essa reportagem de Carlos Salina, intitulada “Justiça da Nicarágua retoma um processo contra Ernesto Cardenal”, foi publicada por El País, 13-02-2017 e foi traduzida por Henrique Denis Lucas. Tivemos acesso a ele através do site ihu-online.

El Dios que existe es el de los proletários <sup>108</sup> (CARDENAL, 1979 b, p. 97-98)

Esse Salmo mostra uma clara posição do eu que o escreve em favor do proletário. É um canto de revolta quanto à exploração e quanto ao status quo. Apresenta uma declarada militância política e defende a necessidade de uma revolução a qual, na visão do poeta, porá fim a tanta injustiça e desigualdade.

Em defesa da tese, nesse texto, construída de que é preciso pôr fim à desigualdade a partir de uma revolução na qual Deus estará ao lado do proletário, os seguintes argumentos são usados: o direito classista é usado para favorecer “a propriedade privada” e o direito penal para aplicar aos pobres, oprimindo-os. Além disso, a liberdade que dizem existir, é uma “liberdade do capital”, na qual estar em um mundo livre significa estar em um mundo marcado pela livre exploração. Nesse mundo, a polícia e as leis estão a serviço das classes dominantes, dos latifundiários e dos burgueses que só sabem explorar.

Mediante esse quadro, o poeta roga a Deus que, conforme já dissemos, ele acredita estar do lado dos pobres, para dar fim a essa situação e apoiar a Revolução, porque essa desigualdade é o que impede a construção do Reino de Deus aqui na Terra.

Percebemos, nesse poema, a vinculação do poeta à Teologia da Libertação, uma vez que, conforme já dissemos em outro capítulo, é um fazer teológico voltado aos oprimidos. Além disso, a opção pelas “milícias do não” fica bem caracterizada.

Segundo Ojeda, nos Salmos cardenaliano, “Deus é sempre imagem ativa ou, em sua ausência, de ação potencial e devastadora. É o Deus de justiça implacável, o da justa vingança. Além disso, o próprio falante, mostra-se como um ser dominado por uma ira interior violentíssima” (MADURO, 1975, p.33). Essa imagem de Deus foi bem caracterizada no poema apresentado.

---

<sup>108</sup> Senhores defensores de Ley e Ordem:/¿Por acaso o direito dos senhores não é classista?/ o civil para proteger a propriedade privada/ o penal para ser aplicado às classes dominadas/A liberdade de que falam é a liberdade do capital/ seu mundo livre é a livre exploração/sua lei é de fuzis e sua ordem é dos gorilas/ aos senhores pertence a polícia/ dos senhores são os juízes/ não há latifundiários nem banqueiros na prisão/ se extraviam os burgueses desde o seio materno/ têm prejuízos desde que nascem/como a cascavel nasce com suas glândulas venenosas / como o tubarão tigre nasce comedor de gente/ Oh, Deus! acabe com o status quo/ arranca as presas dos oligarcas/ que se escorrem como as águas do banheiro/ que murchem como as ervas sob o herbicida/ Eles são os vermes quando chega a Revolução/ Não são células do corpo mas sim são micróbios/ Abortos do homem novo que precisam sair/ antes que joguem sementes que os tratores arranquem/ O povo se divertirá nos clubes exclusivos/tomará posse das empresas privadas/ o justo se alegrará com os Tribunais Populares/ Celebraremos em grandes praças o aniversário da Revolução/ O Deus que existe é o dos proletários.

Como acabamos de analisar um Salmo escrito por Cardenal, achamos pertinente trazer para essa pesquisa algumas palavras a respeito desse importante livro escrito pelo poeta nicaraguense.

O livro **Salmos**, de Ernesto Cardenal, foi publicado no ano de 1964 em espanhol e, em 1979, foi traduzido, por Thiago de Mello, para o português. Foi escrito às margens do Grande Lago da Nicarágua na ilha de Solentiname, comunidade cristã formada por índios campesinos, por intelectuais, por poetas, por artistas e constantemente visitada por estudantes, por intelectuais do mundo todo e por revolucionários, conforme já havíamos mencionado.

Segundo Ariel Krivochein Marques<sup>109</sup>, Ernesto Cardenal é um grande poeta visionário, contemplativo que vive não uma contemplação passiva e egoísta, mas uma contemplação inserida no mundo, que vive os problemas do mundo e luta em prol de solucioná-los. Segundo o próprio Cardenal, “Eu me politizei com a vida contemplativa. [...] Cada um tem uma missão. A minha é a de poeta e profeta, e não a de líder político e tampouco de professor” (CARDENAL, 1979c, s/p)<sup>110</sup>.

Comumente enxergamos Cardenal como um poeta engajado, sandinista que luta em prol de democracia em seu país. No entanto, “ele é homem compromissado, basicamente, com o que é mais essencial na vida – a própria vida”. (CARDENAL, 1979c, s/p).

Solentiname, segundo o próprio Cardenal declarou em entrevistas, era um posto avançado do humano, não um simples refúgio dentro do mundo capitalista. E é nesse espaço que surgem os **Salmos**, “instrumento terreno, servindo à causa humana a um nível quase telúrico, e através do qual o ser humano se insere no social e no político[...] [tornando-se] capaz de captar, com seus poderosos espelhos de luz de sóis distantes, a voz mesma de Deus”. (CARDENAL, 1979c, s/p).

No que concerne à construção dos poemas que formam o livro **Salmos**, é mister ressaltar que há um diálogo evidente com os Salmos presentes na **Bíblia**. Diálogo esse que se dá a partir “da imagem do homem e do mundo configurada pelo Saltério bíblico” (OJEDA, J. 1975, p. 19), “objetivando a aproximar o leitor contemporâneo das situações ali apresentadas” (OJEDA, J. 1975, p. 19), mas também fazendo-o refletir a respeito das situações de injustiça e de violência presentes no mundo contemporâneo.

<sup>109</sup> Os comentários a que me referi, feitos por Ariel Marques, encontram-se na abertura do livro **Salmos**, de Ernesto Cardenal, tradução feita por Thiago de Mello para o português.

<sup>110</sup> Como há outros livros de Cardenal com data de publicação no ano de 1979, convencionamos que o livro **Salmos** será referenciado como CARDENAL, 1979c e **Vida no amor**, CARDENAL, 1979.

Assim como no saltério bíblico, há variados gêneros literários utilizados e, como uma novidade do texto cardenaliano, há mais de um interlocutor a quem se dirige a voz que fala.

Feitas essas observações a respeito do livro **Salmos**, continuemos mostrando esse viés literário destinado a falar dos homens, de suas lutas, de suas angústias e também de seus sonhos. Vamos apresentar trechos de um poema intitulado “Muchachos de la Prensa”. Esse texto foi publicado no livro **Vuelos de Victoria**.

Muchachos que salían a diário fotografiados  
 en “La Prensa”  
 acostados  
 con los ojos entrecerrados, los lábios entreabiertos  
 como si se estuvieran riendo, como si estuvieran gozando.  
 Los jóvenes de la horrenda lista.  
 O bien salían serios en sus fotitos de carnet,  
 De pasaporte,  
 Tal vez profundamente serios.  
 Muchachos que aumentaban a diário la lista del horror.  
 Uno fue a dar una vuelta por el barrio  
 Y lo hallaron tirado en un prédio montoso.  
 O salió para el trabajo, de su casa del barrio San Judas,  
 Y no volvió más.  
 El que salió a comprar una Coca-Cola a la esquina,  
 El que salió a ver a su novia y no volvió.  
 O sacado de su casa  
 Y llevado en un jeep militar  
 Que se hundió en la noche.  
 Y después encontrado en la morgue,  
 O a un lado de la carretera en la cuesta del Plomo  
 O en un basurero.  
 Con los brazos quebrados,  
 Los ojos sacados, la lengua cortada,  
 Los genitales arrancados  
 O simplemente nunca aparecieron.  
 [...]  
 Lo único que uedó a las mamás de sus sísicos,  
 La mirada brillante, la sonrisa, planas, en un papel.  
 Cartulinas que las mamás mostraban como un tesoro en “La Prensa”.  
 (la imagen grabada en las entrañas: en esa cartulina chiquita.)  
 [...]  
 Los jóvenes matados por ser jóvenes. Porque  
 Tener entre 15 y 25 años en Nicaragua era ilegal.  
 [...]  
 Siempre habrá jóvenes en Nicaragua  
 Y los jóvenes de Nicaragua serán ya todos  
 revolucionarios, por  
 las muertes de ustedes que fueron tantos.  
 Los matados a diario.  
 Ellos serán ustedes otra vez, en vidas siempre renovadas,

Nuevos, como nuevo es cada amanecer.<sup>111</sup> (CARDENAL, 1985, p. 103-105).

Esse dramático poema aponta para o compromisso de Cardenal com a verdade, com os que são perseguidos e mortos por lutarem por justiça ou “simplesmente por serem jovens” num lugar e num tempo em que a juventude representava uma ameaça. Segundo Luis Rocha, em entrevista dada ao youtube,

A poesia de Cardenal mostra uma profunda humanidade. É uma poesia libertadora, mas também mescla com uma teologia poética. Essa engrenagem tem como elemento de ligação o amor [...] Ernesto parte de uma concepção libertadora do amor ao próximo: se amo o próximo, não posso amar e tolerar a quem oprime ao próximo.

[...]

Ensina que poesia é um instrumento de serviço para a humanidade na medida em que faz o homem consciente de sua própria possibilidade individual, de sua própria possibilidade coletiva e, portanto, de seus próprios deveres que tem que cumprir, dos direitos que tem que respeitar e dos direitos que tem que conquistar (entrevista concedida em 24set de 2015. Tradução nossa).

A ideia de salvação para Cardenal inclui o todo. Ou todos se salvam ou ninguém. Por isso, é preciso lutar por igualdade, por justiça, pelo fim da opressão, pois só assim enxergaremos “que el reino de los cielos está extendido sobre la tierra”<sup>112</sup> (CARDENAL, 2012, p. 407).

Após fazermos ver, ainda que brevemente, o viés engajado da poesia do revolucionário Cardenal, faremos comentários rápidos a respeito de pessoas – místicos e poetas – que exerceram influência na vida e na produção literária do “cantor das *muchachas en flor*”.

## 4.2 AS INFLUÊNCIAS POÉTICAS E AS INFLUÊNCIAS MÍSTICAS

<sup>111</sup> Rapazes que saíam todo dia fotografados em “La Prensa”/ deitados/ com os olhos semicerrados, os lábios entreabertos/ como se estivessem rindo, como se estivessem gozando./ Jovens da horrenda lista./ Saíam sérios em suas fotos de identidade, de passaporte, /talvez profundamente sérios./ rapazes que aumentavam, dia a dia, a lista do horror./ Um foi dar uma volta pelo bairro/ e acharam-no atirado em um prédio destruído./ outro saiu para o trabalho, de sua casa no bairro San Judas,/ e não mais voltou/ o que saiu par comprar uma Coca-Cola na esquina./ o que saiu pra ver a noiva e não voltou./ ou foi arrancado de casa/ e levado num jipe militar que mergulhou na noite./ E depois encontrado no necrotério/ ou à beira da estrada na Cuesta del Plomo, /ou num monturo do lixo./ Com os braços quebrados,/ os olhos arrancados, a língua cortada, os genitais extirpados./ ou simplesmente nunca apareceram [...]/ o que, às mães , sobrou de seus corpos:/ o olhar brilhante, o sorriso, achatados numa folha de papel./Cartolinas que as mães exibiam como um tesouro em “La Prensa”. / (A imagem gravada nas entranhas: nessa cartolina tão pequena). (CARDENAL, 1986, p.44-45)

<sup>112</sup> “Que o reino dos céus está estendido sobre a terra” (CARDENAL, 1996, p. 408).

Decidimos fazer uma breve exposição acerca das influências poéticas e místicas que são visíveis na obra de Ernesto Cardenal. É preciso mencionarmos, antes de iniciar esse tópico, que nosso poeta místico “bebeu” nas águas de diversos autores enquanto construía sua literatura. Teríamos que escrever uma nova tese só para trabalhar todas essas influências; assim, decidimos trazer à luz apenas aqueles autores que mais recorrentemente são citados na obra do nicaraguense sem, no entanto, tratá-los com a profundidade que mereciam. Apresentaremos apenas flashes de seu fazer poético e/ou místico como forma de ressaltar o papel que desempenharam na história desse autor.

Começaremos apresentando um escritor que ajudou na construção do fazer literário cardenaliano. A seguir, mostraremos os místicos que ajudaram Cardenal a entender o que se passou com ele naquele 02 de junho de 1956 ao meio-dia.

#### **4.2.1 Influências poéticas**

A poesia não quer adeptos, quer amantes  
(LORCA, 2015, p. 56)

Cardenal, desde sua infância, viveu rodeado por livros, por escritores e por leitores apaixonados pela palavra escrita, como sua avó, que, após ter um sério problema de visão, pedia ao neto Ernesto para, durante as férias, ler para ela. Assim, com tanto estímulo, era de se esperar que o menino, quando adulto, fosse, se não um escritor, pelo menos um leitor voraz. As duas coisas ocorreram. Apaixonado pela palavra escrita, fez Letras e tornou-se, além de escultor e pintor, um grande escritor.

Muitas foram as influências literárias que teve em sua construção artística, desde um poeta que lia para sua família em troca de um prato de comida até os grandes nomes ligados às ciências humanas, exatas e da natureza. Como exemplos, podemos citar: Merton, Dante, Darío, Coronel Urtecho, DH Lawrence, Lorca, Walt Whitman, Eliot, Neruda, Rafael Alberti, Ángel Martínez.

Já apresentamos Thomas Merton, uma vez que a influência dele não se limitou à literatura, mas é visível em todos os campos da vida do místico, poeta, revolucionário, padre Cardenal. Assim, restaram para esse tópico outros nomes. Mas são tantos nomes que precisamos escolher dentre eles. Nossa escolha foi pautada nos elementos que aparecem, de forma recorrente, na escrita cardenaliana. Desse modo, mesmo reconhecendo a importância e o valor

de todos, optamos por trazer para esse texto o fazer de um desses autores: o americano Ezra Pound. Ele foi escolhido porque contribuiu, através dos exemplos encontrados em sua obra literária e pelas ideias que defendeu, para a construção do “estilo” literário do escritor nicaraguense e, provavelmente, influenciou em algumas escolhas temáticas.

Cardenal, em **Vida Perdida**, declara a influência que a poesia americana teve em seu fazer literário: “era grande admirador da poesia norte-americana, e influenciado por ela, e a considerarei sempre uma fonte de renovação de nossa poesia” (CARDENAL, 2003, p. 167).

Mas por que o autor de **Os cantos** tanto influenciou o poeta nicaraguense? Para mostrar isso, começaremos apresentando-o e falaremos um pouco de suas construções literárias.

Ezra Loomis Pound nasceu no final do século XIX, mais precisamente no ano de 1885 na cidade de Hailey, em Idaho, Estados Unidos. Nascido em uma família amante das letras, desde criança ouvia sua mãe declamando poemas para ele, o que o despertou para o amor à palavra escrito. Sempre foi visto como uma pessoa de Vanguarda e, não aceitando o fazer literário desenvolvido em seu país, começou a fazer severas críticas a esse, o que lhe rendeu má fama.

Segundo José Lino Grünewald nos declara na introdução de uma edição brasileira de **Os Cantos**, Pound escreveu uma carta a Simon Guggenheim e nessa disse o seguinte a respeito da literatura produzida nos Estados Unidos: “toda a nossa literatura padece de ignorância e a paródia americana da filosofia alemã é muitas vezes, quase sempre, não um sistema de educação, mas uma autêntica conspiração destinada a impedir o estudante de aprender mais que seu mestre” (1986, p. 10).

Assim, insatisfeito com o que se fazia nos Estados Unidos, parte para Londres e publica inúmeras obras, como **Personae e Exultations, The Spirit of Romance, Canzoni, Cantos**. Enquanto esteve na Europa,

Foi o ponta-de-lança em dois movimentos de vanguarda: primeiro, o imagismo; depois, o vorticismo. O imagismo, desfechado em 1913, promovia, para escândalo dos acadêmicos da rima e da métrica, o assim chamado *vers libre*, onde uma concepção de ritmo estaria acima dos desígnios do metrônomo. (GRÜNEWALD, 1986, p. 10-11)

Temos, nesse trecho, a apresentação de duas correntes vanguardistas, o *imagismo*, visto como movimento literário o qual pressupõe a busca por “uma clareza de expressão através do uso de imagens visuais precisas, sendo uma reação ao romantismo e sua linguagem abstrata, procurando uma economia de linguagem e a utilização de apenas observações e metáforas”



(RODAK, 2013, p. 12) e o *vorticismo*, que foi um “braço” do movimento Futurista iniciado na Itália.

O movimento Imagista, de acordo com seus idealizadores – Pound, H.D. e Aldington – possuía três princípios básicos: “1) tratar diretamente a “coisa”, seja ela subjetiva ou objetiva; 2) não usar, de maneira alguma, palavras que não contribuam para a apresentação; 3) com referência ao ritmo: compor seguindo a sequência da frase musical e não obedecendo a um metrônomo” (RODAK, 2013, p. 12).

Essa criação imagística em Ezra Pound surge a partir de estudos da poesia japonesa, notadamente o estudo do haiku<sup>113</sup>.

No número de março de 1913 da Revista *Poetry*, Ezra Pound apresenta a seguinte informação sobre imagem, vista como “devedora das abordagens poéticas japonesas”:

uma imagem é um complexo intelectual e emocional em um instante do tempo (...), a apresentação de uma imagem semelhante é a que dá essa sensação de liberdade súbita, essa sensação de repentinamente crescimento que experimentamos na presença das maiores obras de arte (FENOLLOSA; POUND, 1977, p.11)

Considerando essa acepção de imagem, acessamos o instantâneo através dela, os flashes da realidade são captados, como é relatado no trecho, não só usando nosso lado intelectual, mas também as emoções que o objeto nos desperta.

Observemos como essas imagens aparecem em um trecho do livro **Os cantos**, de Ezra Pound:

[...]  
Assim na sinagoga em Gibraltar  
O senso de humor parecia prevalecer  
Durante as partes preliminares do eu quer que fosse  
Mas respeitavam ao menos os papeluchos da lei  
Dela, por ela, a redenção  
@ \$8.50, @ \$8.67 compra o campo com bom dinheiro  
Nenhum dolo em regra ou em medida (de preços) (POUND, 1986, 499).

Chama a nossa atenção os símbolos e a disposição das palavras na estrofe. Além disso, não há uma métrica definida, mas a possibilidade de construirmos uma imagem acerca da cena descrita.

<sup>113</sup> Haikus são poemas originários do Japão, marcados pela concisão. Normalmente, são compostos de 17 sílabas, distribuídas em versos de 5-7-5 sílabas poéticas. Muitas vezes, estão associados à natureza.

Esses pressupostos imagistas foram aproveitados por Cardenal na composição de muitos de seus poemas e são a base do exteriorismo, criado por ele, em parceria com Coronel Urtecho.

O trecho abaixo, de **Cántico Cósmico**, dá-nos um bom exemplo dessa influência:

[...]

La gravitación producía energía térmica: luz y calor.  
Como decir amor.

Nacían, crecían y morían las estrellas.  
Y la galaxia fue tomando forma de flor  
Como hoy la vemos en la noche estrellada.  
Nuestra carne y nuestros huesos vienen de otras estrellas  
Y aun tal vez de otras galaxias,  
Somos universales,  
Y después de la muerte contribuiremos a formar otras estrellas  
Y otras galaxias.

De las estrellas somos y volveremos a ellas. (CARDENAL, 2012, p. 31)

Além do imagismo, Benedetti (apud CASTIGLIONI) afirma-nos que a

(a influência de Pound) consiste principalmente em fazer-nos entender que, na poesia, cabe todo: que não existem temas ou elementos que sejam próprios da prosa, e outros que sejam próprios da poesia. Tudo o que se pode dizer em um conto, ou em um ensaio, ou em uma novela, pode também ser dito em um poema. Em um poema, cabem dados estatísticos, fragmentos de cartas, editores de um jornal, notícias jornalísticas, crônicas da história, documentos, chistes, anedotas, coisas que antes eram consideradas como elementos próprios da prosa e não da poesia. Pound, pois, abriu os limites da poesia... inclusive fez ver que já não são necessários o conto, nem a novela, nem o ensaio, porque tudo se pode dizer com a poesia: é o que ele fez em seus **Cantos** onde deu lições de economia, de história, de filosofia, etc (CASTIGLIONI, 1990, p. 16).

Vejamos isso primeiro em Pound e, em seguida, em Cardenal:

Em Pound:

Para o Príncipe Cesare Borgia  
Duque de Vlaente e Aemelia  
... e para cá eu trouxe cortadores de letras  
e impressoras nem vis nem vulgares  
(In Fano Caesaris)  
Compositores de tipos, dignos e competentes,  
E um moldador para as fontes gregas e hebraicas  
Chamado Messire Francesco da Bologna  
Não apenas de tipos comuns, mas ele idealizou

Uma nova forma chamada cursiva ou letras de chancelaria  
 Nem foi Aldo nem qualquer outro mas  
 Esse Messire Francesco quem cunhou todas as letras de Aldo  
 Com aquele toque e elegância já conhecidos  
 Hieronymus Soncinus 7 de julho de 1503.  
 E quanto ao texto nós o extraímos  
 Daquele de Messire De Laurentio  
 E de um códice outrora dos Senhores Malatesta...

E em agosto daquele ano morreu o Papa Alessandro Borgia,  
 II Papar mori.  
 (POUND, 1986, p. 175)

Observamos, nesse poema, o que foi mencionado na citação de Benedetti; pois assuntos que poderiam sair em jornais, como a notícia da morte do Papa; a descrição da prensa utilizada em gráficas e o uso de datas são características trazidas de um ambiente tradicionalmente exterior ao poema, para nele serem incorporados.

Em Cardenal:

Y bajando (o subiendo) otra vez a la tierra:

Ya desde el XVIII piratas y vendedores de negros  
 Se juntaban en la esquina de Wall y Water Street.  
 Ya en 1790 tenían los financistas, de dice,  
 “una serena indiferencia ante la calamidad pública”  
 Desde entonces tradicional em Wall Street.  
 Ya en el XIX los destinos de Nicaragua se jugaban  
 En un lugar llamado Merchat’s Exchange  
 Entre Wall y William Street.  
 Dias de terror y otros de calma,  
 Impredecible como el mar, Wall Street.  
 “No bebieron ni jugaron ni fueron a burdeles,  
 Pasaban la noche calculando y viendo libros de cuentas  
 Mientras otros bebían, y reían, y bailaban...”  
 (LOS BARONES LADRONES)<sup>114</sup>  
 (CARDENAL, 2012, P. 173)

<sup>114</sup> E descendo (ou subindo) outra vez à terra:/ Desde o XVIII piratas e vendedores de negros/ se juntavam na esquina de Wall e Water Street./ Já em 1790 tinham os financistas, é o que se diz,/ uma serena indiferença ante a calamidade pública”/desde então tradicional em Wall Stree./ Já no XIX os destinos de Nicarágua se jogavam/ em um lugar chamano Merchant’s Exchange/ entre Wall e William Street./ Dias de terror e outros de calma,/ imprezível como o mar, Wall Street./ “Não beberam nem comeram nem jogaram nem foram a bordéis,/ passavam a noite calculando e vem/do livros de contas/ enquanto outros bebiam, riam e dançavam...”/ (OS BARÕES LADRÕES) (CARDENAL, 1996, p. 173.

Nesse trecho da Cantiga 21 – ROBBER BARONS –, temos claramente assuntos convencionalmente prosaicos trabalhados em um texto poético, demonstrando que, na poesia, a partir dos movimentos de Vanguarda e do Modernismo “tudo cabe em um texto poético”. É visível a influência do imagismo poudiano nesse texto.

Há ainda uma outra influência de Pound sobre Cardenal a qual é menos mencionada. Trata-se do interesse político. Segundo Grünewald, “Ezra Pound é – com todas as honras - o maior poeta pagão neste mundo ‘cristão e ocidental’. Mas não se trata apenas disso. Ele é também o maior poeta ‘participante’ dentro deste mesmo mundo ‘cristão e ocidental’- o maior poeta anticapitalista” (1986, p. 12). Assim, a temática engajada em Cardenal também pode ter sido resultante, não com exclusividade, das leituras que fez de Ezra.

Mostrados esses influxos de Pound na obra de Cardenal, passaremos às influências místicas presentes na obra do poeta das “*muchachas em flor*”.

#### 4.2.2 Influências místicas

Entrar no caminho da união é sair do seu próprio caminho, ou melhor, é caminhar diretamente para o termo, deixando o próprio método limitado a fim de penetrar em Deus, que não tem métodos.  
(SÃO JOÃO DA CRUZ, 1991, p. 274)

Dentro desse tópico, abordaremos algumas ideias presentes nos escritos deixados pelos seguintes autores: São João da Cruz, Teresa de Ávila, Santo Agostinho e Teilhard de Chardin. O objetivo dessa apresentação é fazermos ver que algumas ideias trabalhadas por Cardenal, após a sua experiência extática, são decorrentes da leitura e vivência da obra desses autores.

##### 4.2.2.1. *Santo Agostinho*

Os primeiros escritores cristãos latinos surgem nos séculos IV e V. Dentre eles está Agostinho, autor que viveu entre 354 e 430 d.C., e é notável, nos escritos de Cardenal, a influência dele.

Segundo nos afirma Marco Vannini, o “ser cristão” em Agostinho está intimamente relacionado a Plotino e ao neoplatonismo. A conversão dele se deu quando

se convence de que aquela luz interior que brilha para o homem desapegado, para o homem que se esvaziou de todos os conteúdos – e, portanto, por

excelência, ao homem que está na dúvida, que não sabe nada, mas que permanece orientado pela verdade – é, ‘a luz verdadeira que ilumina todo home que vem a este mundo’. (VANNINI, p. 51).

É discutível se Agostinho foi ou não um místico, mas seus escritos sobre “o elemento místico no Cristianismo” (MCGINN, 2012, p. 333) são consideráveis e usados por quase todos os místicos posteriores, inclusive o místico nicaraguense.

São três os principais pilares sobre os quais se constroem o pensamento de Agostinho e que são usados pela mística. Segundo McGinn, são eles:

[...] primeiro, sua descrição da ascensão da alma até a experiência contemplativa e extática da presença divina; segundo, o fundamento para a possibilidade dessa experiência na natureza da pessoa humana como a imagem do Deus trino; e terceiro, o papel necessário de Cristo e da Igreja para se atingir essa experiência (MCGINN, 2012, p. 334).

Segundo nos diz McGinn, a visão de Deus é fundamental para Agostinho, pois não é qualquer pessoa que é capaz de “ver o invisível”. Desse modo, quem consegue isso é digno de unir-se a Deus. Há textos do bispo que nos falam do “gozo da presença da face de Deus”. De acordo com esses, a experiência referenciada é muito breve, pelo menos nessa existência. Mas ela é muito importante, porque nos permite vislumbrar o que nos está aguardando em uma etapa posterior.

Agostinho nos diz que o caminho para “ver Deus” está em “insistir na purificação moral” (MCGINN, 2012, p. 346), cultivar “o amor a todos os seres humanos, tanto bons quanto maus” (MCGINN, 2012, p. 346). Afinal, como diz Cardenal, “Deus é a pátria de todos os homens” (CARDENAL, 1979, p. 25) e “Somos apenas espelhos de Deus, criados para devolver a Deus. A água pode estar ainda turva, mas, mesmo assim, pode refletir o céu” (CARDENAL, 1979, p. 27).

Esse estudioso dos primeiros séculos depois de Cristo afirma ainda que “Deus está sempre presente para nós e para todas as coisas; e que nós, como cegos, não temos olhos para vê-lo” (MCGINN, 2012, p. 347). E o caminho para nossos olhos se abrirem é o esvaziamento do “eu” que, na visão desse bispo, faz-se possível através da prática da caridade. Só assim o experimentaremos e teremos acesso a algo que não pode ser dito com exatidão através de palavras humanas. Essa impossibilidade de expressão do que é unir-se a Deus já havia sido abordada por outros estudiosos anteriores a ele.

Agostinho, como outros estudiosos já haviam antes referenciado (Plotino, por exemplo), afirma ser a experiência de Deus interior. “Ensinou que ‘ir para dentro é ir para cima’, ou seja, o movimento ‘enstático’ rumo ao fundo da alma levaria a uma descoberta do Deus interior que é infinitamente mais do que a alma” (MCGINN, 2012, p. 349). Esse aprendizado é perceptível na visão de muitos místicos posteriores, como Chardin, Pannikar e Merton.

A união mística para esse estudioso é importante, “mas apenas como nossa união com o verbo feito carne” (MCGINN, 2012, p. 349). Desse modo, a “união amorosa de que desfrutamos com todos os irmãos na comunidade da Igreja torna possível as experiências breves da visão de Deus” (MCGINN, 2012, p. 350).

Assim, esse bispo insiste no fato de que é através da vida dentro da Igreja, exercitando a caridade, que conseguimos avançar em direção a Deus. Não é, portanto, uma conquista individual. Cardenal, estudioso de Agostinho, aproveita e amplia essa ideia do todo. Segundo o místico da Nicarágua, nós nos encaminhamos para Deus quando entoamos “um cântico cósmico”. Assim, essa via inclui todos os seres que compõem os multiversos; não só os humanos vinculados à Igreja.

[...]  
 Hay Iglesia desde la creación del hombre según Orígenes.  
 [...]  
 Pero no hay liberación humana sin la naturaliza.  
 Que no implique la liberación de toda criatura.  
 El cosmos como con gemidos de parto en Sala de Maternidad.  
 La humanidad todavía es múltiple.  
 Nos salvamos todos o nadie.  
 El universo es Uno.  
 Uno en el que todos somos.  
 Compas, nos salvamos todos o ninguno<sup>115</sup>.  
 (CARDENAL, 2012, p. 327-328)

Ressaltaremos de Santo Agostinho mais dois legados – entre tantos mais que ele nos deixou -, uma vez que acreditamos serem contribuições importantes para o desenvolvimento da mística: “a natureza trinitária inalterável do ser interior” (MCGINN, 2012, p. 355) e a intervenção de Jesus Cristo como elo entre “Deus e os homens” (MCGINN, 2012, p. 357).

---

<sup>115</sup> [...] Existe Igreja desde a criação do homem diz Orígenes/ [...] / Mas não há libertação humana sem a natureza./ Que não implique a libertação de toda criatura/ O cosmo como se estivesse gemendo de parto/ na Sala de Maternidade./ A humanidade ainda é múltipla./ Ou todos nos salvamos ou ninguém./ O universo é Uno./ Um no qual todos somos./ Compas, ou todos nos salvamos ou nenhum (CARDENAL, 1996, p. 327-328).

Segundo esse bispo, a presença da “*imago trinitária na alma humana expõe a base ontológica para aquele saber e amor que leva à visão*” (MCGINN, 2012, p. 356). É uma forma de, nessa existência, acessarmos o Sagrado.

Quanto a Cristo ser a ponte que aproxima Deus dos homens, isso leva em consideração o fato de Jesus Cristo ter sido homem (“o verbo encarnado”), mas também ser divino. Assim, “*Efetua a redenção por meio de nos unir a Ele em seu corpo, a Igreja*” (MCGINN, 2012, p. 358). E quando temos acesso a Cristo a partir da comunidade de fé, percebemos “os grandes mistérios pelos quais o Deus-homem urdiu nossa redenção” (MCGINN, 2012, p. 359).

É mister salientarmos que a palavra “*mística*”, para o bispo de Hipona, estava relacionada a “*oculto*” ou “*secreto*”, não ao sentido hoje atribuído ao termo. Apesar disso, como vimos, ele, em seus escritos, sugere a “*possibilidade de uma consciência imediata da presença divina nesta vida*” (MCGINN, 2012, p. 368). Para ele, a contemplação, por estar relacionada à “*meta celestial*” está em um patamar elevado. Além disso, “*tanto o intelecto, quanto a vontade são essenciais na senda que leva a Deus e a seu desfrute*” (MCGINN, 2012, p. 370).

No que concerne ao papel do amor no processo rumo a Deus, Agostinho afirma ser o amor “*‘o peso da alma’, ‘o pé da alma’, ‘a senda através da qual a alma ascende ou descende’*” (MCGINN, 2012, p. 371). Segundo esse bispo, “*nós somos o que nós amamos*” (MCGINN, 2012, p. 371).

Uma questão é suscitada se considerarmos que, para esse estudioso, “*desejo pressupõe conhecimento*” (MCGINN, 2012, p. 371). Assim, como podemos amar a Deus se não o conhecemos? A resposta ele mesmo nos fornece e está em “*Caritas, o amor de Deus derramado em nossos corações*” (MCGINN, 2012, p. 371). Esse amor, “*entra em nossos corações e dá-nos tanto um conhecimento novo, mesmo que obscuro, de Deus na fé quanto um novo tipo de desiderium, ou saudade de Deus, que funciona como um novo olho da alma*” (MCGINN, 2012, p. 371). Essa forma de ver é dom de Deus, é a graça. Mas, para acessarmos esse dom, é mister que não haja feridas em nossos corações. E quem as cura é o Espírito Santo, “*que é o Amor em si, realizado no Corpo de Cristo, que é a Igreja*”. (MCGINN, 2012, p. 372).

O principal ponto da “*mística*” de Agostinho é “*a purificação*”, o caminho que nos leva a Deus; não a experiência do êxtase propriamente dito. Para ele, a verdadeira sabedoria está na busca do “*conhecimento e o amor por aquele que sempre é, e nunca muda, ou seja, Deus*” (MCGINN, 2012, p. 376). Para ele, pelo amor alcançamos o conhecimento, apesar de que esse saber, nessa vida é parcial, encontrado em “*breves flashes de consciência extática que Deus ocasionalmente dá àqueles que ardentemente o desejam*” (MCGINN, 2012, p. 372).

Muitas ideias defendidas por esse autor aparecem na obra de Cardenal, mas há um aspecto ainda não mencionado que é uma marca do discurso do místico nicaraguense. Para entendermos do que se trata, comecemos por citar um trecho do diário **Vida Perdida**: “Santo Agostinho, depois da conversão e do voto de castidade, chorava por aquilo que não poderia mais ter” (CARDENAL, 2003 a, p. 64). Esse fragmento apresenta um aspecto da vida desse santo que Ernesto achava ser semelhante à sua: Agostinho, antes da conversão, também havia conhecido o amor pelas mulheres, o deleite do sexo e lamentava-se por ter desistido disso.

Ernesto faz, porém, a seguinte ressalva:

Mas seria errôneo pensar que eu fui um pecador como Santo Agostinho. Ao contrário, eu sentia inveja de Santo Agostinho. Eu quisera ter a vida intensa de pecado sexual que ele teve antes de sua conversão; e também desejava ter, como le, minha conversão, mas depois. Depois de ter pecado como ele. O que é algo que também o mesmo Santo Agostinho tinha sentido, ele desejar a conversão, mas depois; [...]. Não é ele que dizia ser o prazer sexual, o prazer físico mais intenso que existe? (CARDENAL, 2003 a, p. 63-64)

Ditas essas palavras, entendemos melhor algumas angústias vividas por Cardenal após a conversão: ele, carregava, em sua mente, a “felix culpa” de Santo Agostinho a qual estava ligada “ao pecado de nossos primeiros pais” (CARDENAL, 2003 a, p. 65) e tentava aplacar o desejo ligando ao corpo, pois, como cristão, ocidental e leitor voraz desse santo, inicialmente teve dificuldade de aceitar o que ele achou ser um dilema: o amor humano ou o amor de Deus. Só mais tarde, com a maturidade, percebe que esse dilema nunca existiu de fato. Trataremos essa questão com detalhes no próximo capítulo, só a tangenciamos nesse ponto de nosso trabalho, porque abordamos a influência desse bispo na mística de Cardenal.

Para fecharmos essa breve exposição sobre Agostinho, cabe mencionarmos que também ele, em um determinado ponto de suas reflexões, admite ser o sexo, sacramento. Assim, essa “culpa” se dissipa.

#### 4.2.2.2 *São João da Cruz*

Onde não há amor, colcai o amor e colherei o amor. (JOÃO DA CRUZ, 1991, p. 43)



Esse místico viveu no século XVI e tem uma trajetória existencial bastante singular. Frei Patrício Sciadini, na introdução do livro **O Amor não se cansa nem cansa**, relata o seguinte a respeito da concepção mística de João da Cruz:

Para João da Cruz, Deus é noite, que somente se dá a conhecer para quem corajosamente se aventura nesta busca. Jamais poderemos descobrir plenamente o mistério do Infinito. Sempre faltará algo. Deus é mistério e permanece tal. Aqui na terra, na espera de contemplá-lo face a face, somente o vemos como refletido num espelho (SCIADINI, 1993, p. 5-6).

A essa ideia de que o que vemos são reflexos de Deus, Cardenal acrescenta alguns elementos e essa colocação de João da Cruz torna-se, na obra cardenaliana, o seguinte: “somos apenas espelhos de Deus, criados para devolver a Deus” (CARDENAL, 1979, p. 33). Aqui, o reflexo de Deus, não está no espelho, mas nos homens, que, pelos seus erros, assim como o espelho, não dão uma ideia real do Criador.

Sciadini ainda esclarece que “Durante toda a sua vida, este contemplativo, sedento do infinito, não fez outra coisa senão: viver o amor, cantar o amor e ensinar o amor. A ferida de amor não se cura a não ser com o amor” (1993, p. 8). Cardenal cantou o amor em toda sua obra, lição aprendida não só com João da Cruz, mas também com outros místicos, como Teresa d’Ávila.

O amor é amplamente explorado no livro **Cântico Espiritual** de João da Cruz. Nessa obra, em seu prólogo, João da Cruz apresenta importante pista condutora da leitura de seu texto, mas fundamental também para se explicar a linguagem mística: “Jamais poderão acabar de explicar com palavras o que com palavras não se pode exprimir; portanto, o que desses livros se declara, ordinariamente fica muito abaixo do que eles em si contêm” (JOÃO DA CRUZ, 1991, P. 576). Assim, seu texto e também o texto dos cantores do amor místico utilizam

as expressões amorosas de inteligência mística, como são as das presentes canções, possam ser explicadas com clareza por meio de palavras: é o Espírito do Senhor, que ajuda a nossa fraqueza, no dizer de São Paulo, e, inenarráveis, aquilo que nós mesmos mal podemos entender ou compreender para manifestá-lo. Na verdade, quem poderá escrever o que esse Espírito dá a conhecer às almas inflamadas no seu amor? Quem poderá exprimir por palavras o que ele lhes dá a experimentar? E quem, finalmente, dirá os desejos que nelas desperta? Decerto, ninguém o pode. De fato, nem as próprias almas nas quais isto se passa podem exprimi-lo. Este é o motivo de empregarem figuras, comparações e semelhanças, para com elas esboçar apenas algo do que sentem; e da abundância do espírito transbordam segredos e mistérios, mais do que procuram, por meio de razões explicá-los. Tais semelhanças, se não forem lidas com a simplicidade do espírito de amor e inteligência nelas

encerrado, antes parecerão disparates do que expressões razoáveis. Assim podemos verificar nos divinos cantares de Salomão e outros livros da Sagrada Escritura: não podendo o Espírito Santo dar a entender a abundância de seu sentido por termos vulgares e usados, fala misteriosamente por estranhas figuras e semelhanças. (JOÃO DA CRUZ, 1991, P. 575-576).

Essas palavras não só dizem do texto escrito por esse doutor da Igreja, mas também caracteriza a linguagem utilizadas por místicos de todos os tempos, uma língua formada por figuras e dislates, visto que não há palavras, no vocabulário humano, capazes de narrar com total clareza o que é a experiência extática-unitiva.

Essa herança Cardenal emprega em seus textos místicos. Já vimos isso nos textos que mostraram a experiência extática por ele vivida e veremos isso no próximo capítulo dessa tese.

Já que trouxemos para esse trabalho trechos do prólogo da obra **Cântico Espiritual**, teceremos alguns comentários sobre ela. Começemos abordando o objetivo do autor com esse texto. Faremos isso utilizando uma linguagem de desdizer. Assim, não é objetivo do autor do texto explicar completamente seus versos. Ele quer apenas prestar alguns esclarecimentos, “dar uma luz”, a respeito do que escreveu.

O místico João da Cruz diz, ainda, que seu texto está dividido em três partes: a “purgativa”, feita para iniciantes; a “iluminativa”, para “os adiantados” e a “unitiva”, a “dos perfeitos”, onde se realizam as “bodas espirituais” (JOÃO DA CRUZ, 1991, P. 592).

É mister que façamos ainda uma observação sobre o ato de ler a obra. Se o texto for lido sem as explicações fornecidas por João da Cruz, temos um belo poema de amor escrito no estilo das Cantigas de Amigo muito comuns na Idade Média, nas quais um eu lírico feminino reclama da dor causada, em seu espírito, pela ausência de seu amado. Como interlocutores surgem, nesse caso, elementos da natureza, como se pode ver em:

Os bosques e espessuras,  
Plantados pelas mãos de meu Amado!  
Ó prado de verduras,  
De flores esmaltado,  
Dizei-me se por vós ele há passado!  
(JOÃO DA CRUZ, p. 579)

Contudo, quando fazemos uma leitura, na qual unimos o texto com os comentários do autor a respeito dele, temos um novo e singular significado: temos um texto místico bastante denso que se inicia com um questionamento, de certo modo, aflito, da alma eu busca por seu Esposo e reclama sua ausência.

Observamos um relato de gozo, do qual nasce o prazer advindo do encontro entre o Amor e a alma. Esse fruto – prazer – surgido de tão singular encontro é cantado desde a mitologia, através do encontro entre Eros e Psiquê. Aqui, no entanto, remete-nos a um encontro Cristão, uma vez que o Amado é o verbo de Deus – Jesus.

E, nesse encontro, a alma, ciente de que tudo é efêmero e de que sua existência é obra divina, anseia unir-se ao Amado, procurando-o e lamentando sua ausência. O que a alma só mais tarde descobre é que o Amado está nela; porém, escondido. Assim, é necessário, achá-lo. Para isso, só precisamos aprender a ver. Desse modo, a busca não está fora, está dentro. Achar Deus, no interior do coração, é tarefa árdua, que pressupõe “solidão e recolhimento”.

Esses princípios místicos são visíveis no **Cântico dos Cânticos**, nos textos místicos de Cardenal e na obra de Teresa de Jesus.

O místico da Nicarágua recorre, com muita frequência, a São João da Cruz, para falar, principalmente, desse recolhimento e solidão, dessa falta de palavras para explicar o que viveu e para falar da melhor oração, a qual “ é a de não sentir nada na oração. O não sentir nada é o abraço íntimo de Deus, que está mais além de tudo o que se sente” (CARDENAL, 2003 a, p. 152. Tradução nossa).

#### 4.2.2.3 *Teresa de Ávila*

Es un secreto tan grande y una merced tan subida lo que comunica Dios allí a el alma en un instante y el grandíssimo deleite que siente el alma, que no sé a qué lo comparar, sino a que quiere el Señor manifestarle por aquel memento la gloria que hay en el cielo (TERESA DE JESUS, 2014, p. 176)

Amiga de São João da Cruz, Teresa de Ahumada y Cepeda, para nós mais conhecida como Teresa de Ávila ou Santa Teresa de Jesus, também viveu no século XVI. Mulher muito forte, que assumia a escrita de seus textos numa época em que era considerado um tabu mulher escrever. Além disso, “Admirável é o seu processo de aprendizagem e defesa, em pleno século XVI, do valor do corpo” (PEDROSA-PÁDUA, 2011, p. 24). A sua visão do encontro amoroso com o Amado, pautada nas “moradas interiores” também é um exemplo da singularidade dessa religiosa.

Segundo Faustino Teixeira, em entrevista dada ao site IHU on-line por ocasião da comemoração dos 500 anos dessa mística, sua visão do encontro amoroso com Deus é pautada no protagonismo de Deus, no amor e no cuidado com nosso mundo interior:

Em primeiro lugar, o protagonismo de Deus. Para Teresa é sempre Deus que convoca e abre a relação do ser humano com ele, é sempre o sujeito nesse processo de abertura, que se irradia na relação com os outros. O outro traço é a centralidade do amor. Por todo o tempo, no processo de afirmação da vida espiritual, Teresa lembra desse primado [...]. Os grandes místicos, como Teresa, destacam a importância de um outro ritmo para a vida, de cuidado com o **mundo interior**, de quietação dos sentidos, de atenção aos toques do silêncio (TEIXEIRA, 2015, IHU on-line)

Esses aspectos são encontrados na obra de Cardenal. Sabemos que há outros pontos que os aproximam; porém, vamos mostrar a influência de Teresa em Cardenal, utilizando esses aspectos anteriormente mencionados. Vejamos: quando o místico da Nicarágua apresenta o seu encontro amoroso com Deus, relata ser a alma feminina que está à espera do Amado:

A alma é passiva ante Deus e é feminina. A alma não pode tomar a iniciativa. A alma não pode visitar Deus, pois não sabe como ir a Ele, nem onde está, tem que esperar que Ele a visite, e, se Ele não chega, ela estará sozinha. Ela não pode mover-se de onde está e é Deus quem entra e sai, quem visita e se vai. E a alma tampouco sabe como acariciar Deus. Mas ela sabe deixar-se acariciar por Ele, e a única coisa que sabe é deixar se acariciar. A alma não sabe como beijar Deus. [...]

E é Ele quem a beija, ternamente, e às vezes apaixonadamente. E ela só se deixa beijar e se derrete de amor [...]

Deus está loucamente enamorado pela alma. E é tão triste que essa alma se entregue aos braços de amantes muito inferiores, se escravize na comida e pela bebida, as diversões e o dinheiro (CARDENAL, 1979, p. 40).

Esse trecho é um bom exemplo do “protagonismo de Deus”, lição que Cardenal aprendeu com Santa Teresa.

O outro ponto defendido por Faustino Teixeira a respeito da mística teresiana é a “centralidade do amor”. Toda obra de Cardenal é pautada no amor. Esse místico diz ser o amor o elemento ordenador do cosmos e responsável pela união de todos os elementos formadores do universo: “Tan sólo amor une sin destruir./ La fusión que no da muerte y sí da vida/ es sólo la del amor”<sup>116</sup> (CARDENAL, 2012, p. 105).

No que concerne ao “cuidado com o mundo interior” que leva à “quietação dos sentidos, de atenção aos toques do silêncio”, podemos dizer que o místico Cardenal também se deixa influenciar pela mística de Ávila. Em **Vida no amor**, por exemplo, escreve que

---

<sup>116</sup> Apenas o amor une sem destruir. / A fusão que não dá morte, só dá vida, / é somente a do amor. (CARDENAL, 1996, p. 105)

Deus está em todas as partes, não apenas dentro da alma. Mas também está dentro da alma, e nos damos conta de sua presença na alma e queremos gozá-la, e por isso nos retiramos à solidão e ao silêncio: porque não quer que nenhuma outra criatura se reflita na alma e quer que nela exista unicamente o reflexo de Deus, como o reflexo do céu no lago quieto (CARDENAL, 1979, p. 27).

Também em **Vida Perdida**, o místico relata sobre a importância da oração e do recolhimento:

[...] O silêncio e o fato de não ter outras distrações, faziam com que se vivesse o clima de oração, experimentando a união com Deus dentro de cada um todo o tempo (nem sempre conscientemente): no trabalho, no ofício, na leitura, caminhando pelo claustro e até dormindo. [...] Minha oração era meditação no sentido que muitas vezes lhe dão, como um exercício mental de reflexão. Nesse sentido, eu não meditava nada, apenas simplesmente me sentia unido a Deus e nada mais (CARDENAL, 2003 a, p. 123-124. Tradução nossa).

Em vários momentos da produção do místico Ernesto, encontramos referências diretas a essa mística medieval. Trouxemos, como forma de exemplificar essa afirmação apenas uma passagem de **Vida no Amor**. Quando, nesse livro, o místico nicaraguense está afirmando que somos habitados por Deus, ele faz a seguinte citação: “‘Não estamos ocas por dentro, filhas!’, disse Santa Teresa” (1979, p.42).

Poderíamos dizer mais dessa relação existente entre Cardenal e Teresa, mostrando inúmeras outras aproximações, mas como dissemos, no início de nossa exposição, traríamos para essa pesquisa apenas um breve olhar sobre essa influência. Feita essa observação, passaremos à abordagem de Chardin, a qual também será marcada pela brevidade.

#### 4.2.2.4 *Teilhard de Chardin*

Há um meio de conciliar [...] o amor a Deus e o saudável amor ao mundo, o esforço de desapego e o esforço de desenvolvimento. (CHARDIN, p. 2010, p. 77)

Teilhard de Chardin é um nome ligado à mística contemporânea. Nasceu no final do século XIX e faleceu em meados do século XX. O que tem esse místico para ser uma influência

tão marcante na obra de Ernesto Martínez Cardenal? Nosso intuito é, para responder a essa pergunta, fazer uma breve exposição sobre sua trajetória de vida e sobre sua visão mística.

Chardin, como assinala Faustino Teixeira, na obra **Caminhos da Mística**, nasceu de uma família simples, na qual o pai, um agricultor amante das letras, ensinou-o o amor as coisas da natureza – flores, árvores, terra – e a mãe ensinou-o os caminhos da fé cristã. (TEIXEIRA, 2012, p.169).

Esse amor ao mundo associado ao amor a Deus fez surgir uma visão mística muito especial e plenamente coerente com as questões vivenciadas pelo homem contemporâneo:

Em sua vida foi tocado por dois grandes amores: o Mundo e Deus. Neles vislumbrava o eixo profundo do Cristianismo e em sua conjunção a visibilização do Reino de Deus. Não conseguia encontrar outro caminho “fora da síntese (teoria e prática) da fé apaixonada no Mundo e da fé apaixonada em Deus. Ser plenamente humano e cristão, um pelo outro” (TEIXEIRA, 2012, p. 167).

Assim, Chardin defende que Deus se faz “transparente” em sua criação e que é, no mundo, que encontramos o Reino de Deus, um reino em constante movimento. Essa é também a visão defendida por Cardenal em seus últimos livros. Trataremos esse assunto no último capítulo dessa tese. Mas, para exemplificar o que vem a ser a possibilidade de vislumbrar Deus em sua Criação, trazemos um trecho de **Cântico Cósmico**:

Todos los corpúsculos elementales están hechos  
de la misma materia, que podemos llamar energía o materia universal.  
Diversas formas tan sólo, bajo las cuales  
puede aparecer la materia.  
El cosmos es materia espiritual (Chardin).  
Y no es accidental  
el universo. Su perfección  
como el reloj de la catedral de Estrasburgo.  
Las vibraciones de los electrones  
Un positrón es un antielectrón, es decir,  
un electrón positivo en vez de negativo.  
(El mundo no es una ilusión  
sino nuestra visión del mundo es la ilusión  
o la confusión del mundo con la visión.)<sup>117</sup> (CARDENAL, 2012, p. 247)

<sup>117</sup>Todos os corpúsculos elementares estão feitos/ da mesma matéria, que podemos chamar energia ou matéria universal/ Diversas formas simplesmente, sob as quais/ pode aparecer a matéria./ O Cosmos é matéria espiritual. (Chardin)/ e não é accidental/ o universo. Sua perfeição/ como o relógio da catedral de Estrasburgo./ As vibrações dos elétrons/ Um pósitron é um antielétron, quer dizer/ um elétron positivo em vez de negativo./ (O mundo não é uma ilusão/ nossa visão do mundo é a ilusão/ ou a confusão do mundo com a visão) (CARDENAL, 1996, p. 247).

A Igreja não viu com bons olhos essa visão mística cósmica, por essa razão, Chardin sofreu algumas punições e não teve autorização para publicar sua obra enquanto estava vivo. Assim, só após a sua morte, na década de 1950, tivemos acesso a essa visão tão especial de Deus, um Deus inserido no tempo. Também Cardenal traz essa busca.

O interessante desse posicionamento místico é o fato de nos levar à ação, para tentarmos construir um mundo de justiça e de igualdade; afinal, aqui e agora estamos construindo o Reino, ‘pois é possível captarmos “a presença de Deus em toda parte, de ‘vê-lo no mais secreto, no mais consistente, no mais definitivo do mundo”’ (TEIXEIRA, 2012, p. 179).

Além dessa visão da “transparência de Deus no universo”, um outro ponto chama a atenção na sua mística: “a presença do feminino”. Segundo Teixeira, [o feminino] trata-se de um dos fios essenciais que, junto com os elementos cósmico, humano e crístico, entram para tecer o sistema teilhardiano” (2012, p. 182).

A visão de Chardin diz-nos que é possível expressar “nosso amor a Deus e ao mundo”, uma vez que é no mundo que ele se encontra, só é necessário aprendermos a ver. A construção literária e mística de Cardenal, influenciado por Teilhard, também aponta para essa direção.

Para finalizarmos essa parte, gostaríamos de reafirmar o que dissemos inicialmente: há muitas outras influências, como por exemplo Bernardo de Claraval, que nos traz uma teologia mística voltada para o êxtase e para a expressão da união com Deus a partir do exemplo do livro **Cântico dos Cânticos**. Dessa forma, percebemos ser uma mística a qual se vincula ao corpo e ao amor. Porém, optamos por mostrar as influências que mais são registradas na vasta obra cardenaliana. Feitas essas considerações finais, passemos para o próximo tópico que abordará a natureza, os índios e a Nicarágua na obra de Cardenal.

#### 4.3 CARDENAL, OS ÍNDIOS, NICARÁGUA E A NATUREZA

Neste item de nosso trabalho, abordaremos três assuntos muito caros a Ernesto Cardenal. O primeiro diz respeito aos índios, que aprendeu a respeitar e admirar com Thomas Merton; o segundo diz respeito a seu país, que ama e buscou libertar do jugo do ditador Somoza e agora procura ajudar a dar fim aos desmandos cometidos pelo Presidente Ortega, e o terceiro é a natureza, que também ama e acredita ser uma forma de união com Deus. Mostraremos esses temas a partir da análise de trechos dos diários do poeta e, é claro, através de sua poesia.

### 4.3.1 Os índios e suas tradições na poesia cardenaliana<sup>118</sup>

Todo índio es un poeta (CARDENAL, 1992, p. 37)

Entre los guaraníes, los ascetas y los místicos son los que hacen los cantos. La Oración de esos indios es el canto, la danza y la musica. (CARDENAL, 1998, p. 84)

Cardenal, em seus diários, relata-nos que, antes de iniciar suas conversas com Merton, tinha pouco interesse nos índios e em sua cultura, mas o monge norte-americano ensinou-o a admirar e querer conhecer os primeiros habitantes das Américas.

Merton me disse [...] que tínhamos de sair da Ordem trapense para essa fundação. Com índios. Sempre insistia em uma fundação onde tivessem índios. Foi com os índios que Merton se revelou a mim como um profeta, no sentido mais pleno da palavra. Sendo ele um norte-americano, um gringo, e eu um latino-americano, foi que me mostrou o valor dos índios. Merton me ensinou a riqueza que havia em nossos índios, das Américas: em sua sabedoria milenar, em suas experiências místicas, em sua espiritualidade, em sua poesia. [...] Merton me disse que, enquanto o canto de Gethsemani era mecânico (sem alma), para ele, havia uma grande força religiosa nessa arte indígena [...]. Assim, foi que, já na Trapa, comecei a ler os primeiros livros de espiritualidade indígena, facilitados por Merton, que os pedia emprestados a algumas bibliotecas; livros mais especializados e de pouca divulgação. E depois, através dos anos, fui me tornando cada vez mais conhecedor desses temas indígenas e muita poesia minha também tem sido inspirada neles. Mas quem me iniciou foi Merton (CARDENAL, 2003 a, p. 160-161. Tradução nossa).

A partir dessas conversas sobre os índios, nasceu o interesse em conhecê-los e em descortinar a sua cultura. Assim, Cardenal tornou-se um dos maiores estudiosos desses povos. Muitos poemas surgiram desses estudos, como os já mencionados nessa pesquisa: “Las Ciudades perdidas”, o qual foi o primeiro poema sobre essa temática produzido por ele e “Quetzalcóatl”.

---

<sup>118</sup> No presente trabalho, trouxemos, para análise, textos da poesia ligadas aos índios americanos. Porém, gostaríamos de deixar registrado que Cardenal organizou uma **Antologia de Poesia Primitiva**. Nessa obra, reuniu poemas de povos primitivos de várias partes do mundo (África, América, Ásia). Trata-se de um trabalho que foi resultado de uma minuciosa pesquisa que durou anos. Todavia, é um fazer primoroso que nos faz ver que “Assim como se pode dizer que todo primitivo é poeta, também se pode dizer que todo primitivo é religioso. E muitas das poesias primitivas são religiosas” (CARDENAL, **Antologia de Poesia Primitiva**, p. 10).



Como resultado do estudo das tradições dos índios americanos, surgiram alguns livros muito ricos em mitos, tradições culturais e organização econômica e social desses habitantes das Américas. Dentre eles, podemos citar **El estrecho dudoso**, obra que, ao abordar a história da conquista espanhola do Novo Mundo – notadamente a região cortada pelo rio San Juan, fronteira entre Nicarágua e Costa Rica –, mostra as consequências para os indígenas que viviam naquela região da chegada dos europeus aos seus territórios e as heranças indígenas que ficaram para os habitantes atuais do “estreito”, como traços culturais e linguísticos.

A respeito da forma como Cardenal confeccionou o livro nos diz Coronel Urtecho, na introdução de uma das edições dessa obra, o seguinte:

Em seus versos estritamente funcionais, visuais, projetivos, como diria Charles Olson – quer dizer ajustados às facilidades da máquina de escrever para registrar uma nova sensibilidade, apesar de não menos fiéis às experiências originais que constituem o assunto do Estreito Duvidoso, já que, em detalhes, procedem parcial ou totalmente de documentos contemporâneos dos sucessos, de cartas, de cédulas, atas e narrações de cronistas e historiadores, Las Casas, Bernal, Oviedo, Herrera, Pedro Mártir de Anglería, etc, etc – cortada, distribuída ou, caso se queira, dosada a comunicação com um ritmo correspondente às intensidades combinadas da atenção, a excitação emocional e a respiração e com a rápida técnica alucinante de uma película documental, que é, a meu ver, a técnica apropriada para a nova épica. (CARDENAL, 1991, p. 24. Tradução nossa).

Apesar de já termos abordado, ainda que de forma breve, essa obra anteriormente, citaremos, nessa parte de nossa pesquisa, um trecho que dá notícias de um cacique chamado *Nicaragua* e que vivia na península de Nicoya. Provavelmente, foi esse chefe indígena, que era uma intelectual, quem deu nome ao país de nosso poeta.

Este Pueblo del Cacique Nicaragua  
 Está a tres léguas de la costa de la mar del sur  
 Y junto a las casas está otra mar Dulce y digo mar  
 Porque crece y mengua y yo entre a caballo en ella y la probé  
 Y tomé posesión en nombre de Vuestra Magestad  
 [...]  
 Gil Gonzáles y Nicaragua se sentaron junto al lago.  
 El conquistador con ropa de hierro,  
 El cacique casi desnudo.  
 Y preguntó Nicaragua:  
 Si los cristianos habían tenido noticias del Diluvio  
 Que anegó la tierra.  
 Y si había de haber outro?  
 Y si la tierra se había de transtornar o caer el cielo?  
 [...]  
 Preguntó si se puede sin culpa comer,

Beber, engendrar, jugar, cantar, danzar  
 Ejecitarse en las armas.  
 ¿Qué honra se debía al Dios de los cristianos  
 Que hizo los cielos y el Sol a quien adoraban por Dios en aquella tierra  
 [...]

Preguntó así mismo si moría el Santo Padre de Roma  
 ¿Si el Emperador, Rey de Castilla, de quien tanto decían  
 era mortal?  
 ¿Y para qué tan pocos hombres querían tanto oro?<sup>119</sup>  
 (CARDENAL, 1991, p. 65)

Esse poema, que mistura passado e presente, mostra-nos o primeiro contato entre espanhóis e indígenas. Percebemos, pelos fatos narrados, que os habitantes do estreito pareciam amistosos e o questionamento presente no último verso remete-nos à cobiça metalista que caracterizou a vinda dos europeus para a América. Conseguimos ver, ainda, um texto marcado pela ironia que nos leva a repensar o embate entre os dois mundos que ora se encontravam: do dito primitivo e do tido como civilizado.

Em uma outra obra, intitulada **Homenaje a los indios americanos**, livro no qual foi incluído o poema “Las Ciudades perdidas”, parece que a intenção do poeta foi “a representação (grandiosa) da civilização indígena da América pré-hispânica. Mas não só. Ao se reportar a tal época, Cardenal [...] utilizando do mito como meio lírico, intenta mostrar o ideal de um mundo liberto das castrações sociais” (CASTIGLIONI, 1990, p. 59. Tradução nossa).

Na obra, há uma aproximação entre a sociedade indígena e a sociedade do século XX com o intuito de mostrar os contrastes entre elas. Para mostrar as diferenças, o poeta recorre “a três eixos semânticos: 1) a religião, princípio ordenador da convivência social; 2) a varredura temporal, nela sua dimensão cíclica; 3) a atitude em relação ao aspecto material da vida humana”. (CASTIGLIONI, 1990, p. 59. Tradução nossa). Usou tais eixos com o objetivo de fazer-nos enxergar o abismo existente entre essas civilizações e mostrar que, entre esses povos – ditos primitivos –, há, na concepção cardenaliana, o perfeito modelo de vida, uma vez que não priorizam o indivíduo, mas o todo. Essa ideia, segundo a qual a interdependência entre

---

<sup>119</sup> Este povoado do cacique Nicaragua/ está a três léguas da costa do mar do Sul/ e junto às casas está outro mar doce e digo mar/ porque cresce e minguia e eu entrei a cavalo nela e a provei/ e tomei posse em nome de Vossa Majestade/[...] Gil González e Nicaragua se sentaram junto ao lago./ O conquistador com roupa de ferro / o cacique quase nu/ e perguntou Nicaragua: / se os cristãos tinha tido notícias do Dilúvio/ que arrasou a Terra/ E se haveria outro? / E se a terra se transformaria ou se o céu cairia /[...] Perguntou se se pode sem culpa comer,/ beber/ se reproduzir, julgar, cantar, dançar/ exercitar-se com armas./ Que honra se devia ao Deus dos cristãos/ que fez os céus e o Sol a quem adoram por Deus naquelas terras?/ [...] Perguntou assim mesmo se morria o Santo Padre de Roma./ Se o Imperador, Rei de Castela, de quem tanto diziam/ era mortal/ E para que tão poucos homens queriam tanto ouro? (tradução nossa).

todos os elementos que constituem o cosmos é o caminho para o Reino de Deus, será trabalhada mais adiante nessa tese.

A fim de ilustrar o que estamos falando, trazemos dois trechos de poemas presentes nesse livro. Eis o primeiro:

La verdad religiosa  
 y la verdad política  
 eran para el pueblo una misma verdad  
 Una economía con religión  
 las tierras del Incas eran aradas por último  
 primero las del Sol (las del culto)  
 después las de viudas y huérfanos  
 después las del pueblo  
 y las tierras del Inca aradas por último.  
 Un Imperio de ayllus  
 ayllus de familias trabajadora  
 [...]
 el universo entero todo un gran ayllu  
 [...]
 No se podía enajenar la tierra  
 Llacta mama (la tierra) era de todos  
 Madre de todos<sup>120</sup>  
 (CARDENAL, 1992, p. 43-44)

Entendemos, a partir desse poema, o que vem a ser para o poeta o modelo ideal de sociedade: uma sociedade em que se respeita as crenças religiosas, em que se cuida de viúvas e órfãos, na qual a vida é comunitária e toda a terra é repartida por todos. Resta a pergunta: como esse sistema Inca se contrapõe ao sistema atual? É simples. Atualmente temos desrespeito às tradições religiosas, aos mais velhos, aos órfãos. Não há mais uma terra dividida por todos, há os grandes latifundiários que exploram a terra e os trabalhadores, visando ao próprio enriquecimento. Parece claro que o poeta insinua, através do narrador desse poema épico, que esse sistema de exploração não existia na América antes dos espanhóis, foi um “presente” que os exploradores deixaram para as gerações posteriores e que, no século XX, continuamos aceitando.

<sup>120</sup> A verdade religiosa/ e a verdade política/ eram para o povoado uma mesma verdade/ Uma economia com religião/ as terras dos Incas eram aradas por último/ primeiro as do Sol (as do culto)/ depois as das viúvas e dos órfãos/ depois as da cidade/ e as terras dos Incas aradas por último./ Um Império de ayllus (porção de terra comunitária)/ayllus de famílias trabalhadoras/ [...] o universo inteiro todo uma grande ayllu/[...] não se podia alienar a terra/ mãe em linha reta (a terra) era de todos/ Mãe de todos (tradução nossa).

Os outros trechos são de um canto chamado “La Danza Del Espiritu”. Nesse “canto” marcadamente exteriorista, percebemos o lamento daqueles que receberam do Grande Espírito a terra e agora são obrigados a deixá-la, porque o colonizador a tomou, não respeitando as tradições religiosas, os rituais e as crenças do povo.

A mensagem, porém, vai além disso. Cardenal, apresentando os costumes desse povo – dançar aos deuses, não trabalhar para enriquecer, não querer vender a terra, porque o dono daquele lugar é o Grande Espírito que permitiu ao povo ali residir, o desejo de diálogo com o líder branco, ensejando evitar o conflito, a noção de que, após a morte todos ressuscitarão e a Terra voltará a ser boa – deseja mostrar o caminho para um mundo pacífico, sem injustiça. É como se ele dissesse: Líderes mundiais, sigam o exemplo desse povo. Essa é a via para retornarmos ao Paraíso.

Porém, também é um canto de lamento, porque, como bem percebemos pelo final do texto, o chefe, num tom irônico e simultaneamente triste, demonstra que aceitou a cultura do branco quando não contestou ser o destino de todos o “heaven”, um espaço que seu povo desconhece, onde não há mais os búfalos, símbolos de sua cultura. Assim, deixa-se subjugar pelo dominador.

Passemos à leitura dos trechos selecionados:

[...]  
 El Gran Espíritu dio esta gran islã a sus hijos pieles rojas...  
 Nos han ido empujando desde el mar hasta los Grandes Lagos  
 Ya no podemos ir más lejos!

[...]  
 El Gran Espíritu nos dio esta tierra  
 Para que aqui encendamos nuestros fuegos  
 Aquí  
 Nos quedaremos. Y en cuanto a fronteras  
 El Gran Espíritu no reconocerá fronteras  
 Y sus hijos pieles rojas no las reconocerán  
 Tampoco...

[...]  
 Después Kānakúk, un nuevo profeta:  
 Si un blanco golpea, no quejarse.

[...]  
 Gran Padre Presidente deseo que medites en nosotros  
 Deseo hablar con palabras pacíficas y suaves  
 Alguns jefes dijeron que la tierra es de nosotros los Kickappos  
 No es esto lo que me dijo el Gran Espíritu  
 La tierra es de Él

[...]  
 Nunca hemos comenciado  
 La tierra es parte de mi próprio cuerpo  
 Yo nunca vendí mi tierra.

[...]

Danzar danzar

En todas partes. Todos los indios deben danzar.

Muy pronto, en la próxima primavera

Vendrá el Gran Espíritu

Con todos los animales de caza otra vez.

Y todos los indios muertos otra vez.

Sigán danzando sigán dan-

Zando em las praderas,

Vendrán los tiempos buenoso.

RESUCITARÁN TODOS LOS MUERTOS decía Wowoka

Jack Wilson (Wowoka)

La guerra era mala y no debían pelear

La tierra será toda Buena más tarde

Hermanos, todos serán Hermanos

Indios y blancos formando un solo pueblo.

[...]

Y, en sueños

Su sabiduría.

Era aprendida en sueños

Decía Smohalla.

“Los muchachos de mi tribu no trabajarán

Los hombres que trabajan no sueñan.

Nosotros nunca seremos ricos como los blancos”

Y un jefe umatilla (polvardas de los últimos búfalos

Allá lejos, cactus, set de película de vaqueiros

Y estremecida por el viento la tienda de cuero de búfalo)

:tú me dices vete a otra tierra

Yo no quiero dinero por mi tierra.

... y el viento trae del campamento

Un son

De canción protesta.

[...]

LA DANZA DEL ESPÍRITU era sin armas

[...]

Todos deben danzar

MAKE LOVE NOT WAR

Estar em paz con los blancos

Y los sioux diciendo

(los sioux sin búfalos):

Están viniendo

Todas las tribos muertas están viniendo

Y grandes manadas de búfalos con ellos

[...]

Ven, Caddo, todos vamos arriba

A la gran Aldea

A la gran Aldea

[...]

Y aquel gran viejo que yo vi em Taos

(con la bata y las trenzas parecía vieja)

Me entendió cuando yo dije: to heaven.

Porque el turista vejete de New England le preguntó

Si conoció los búfalos... I wonder where they have GONE

Y yo dije to heaven

Y el vejete jjjj se rió como de un chiste

Y el viejo jefe sonrió triste (y me entendió)  
 (otoño 1965, mi viaje a usa a  
 Ver a Merton y los indios)<sup>121</sup>  
 (CARDENAL, 1979, p. 218-228)

Há, em **Las Ínsulas Extrañas**, uma passagem que nos ajuda a compreender o que está escrito no poema sobre a importância do sonho. O trecho diz o seguinte:

No relato do gênesis, segundo os huitotos, traduzido para o espanhol a partir de uma tradução do alemão temos: Nainuema, o que é ou tem algo não existente, criou o mundo, sonhando-o. E ele mesmo (Nainuema), é algo assim como um sonho, um sonho que sonha. Quando no princípio não havia nada, ele criou as palavras e as deu, assim como a mandioca. Com a palavra e um tambor fez a chuva, e essa é a mesma palavra de seus cantos. Não dançam sem motivo, dizem eles, mas sim pelas palavras, pelas quais tudo foi criado (CARDENAL, 2003b, p. 38. Tradução e grifos nossos)

Quanto ao estilo literário utilizado nesse poema, percebemos as marcas do exteriorismo, como já mencionamos, mas também um estilo fragmentado que lembra a literatura

---

<sup>121</sup> O Grande Espírito deu esta grande ilha a seus filhos pelas vermelhas.../ Nos tem empurrado desde o mar até os Grandes Lagos/ já não podemos ir mais longe!/ [...] O Grande Espírito nos deu esta terra/ para que aqui acendamos nossos fogos./ Aqui/ nós ficaremos. E quanto a fronteiras/ o Grande Espírito não reconhece fronteiras/ e seus filhos pelas vermelhas não as reconhecerão tampouco/ [...] Depois Känakúk, um novo profeta: /se um branco golpeia, não se queixe./ [...] Grande Pai Presidente desejo que medites a respeito de nosso desejo de falar com palavras pacíficas e suaves/ alguns chefes disseram que a terra é nossa, dos Kichappos/ não é isso o que disse o Grande Espírito/ a terra é Dele./ [...] Nunca fizemos comércio/ a terra é parte de meu próprio corpo/ eu nunca vendi minha terra. / [...] Dançar, dançar/ em todas as partes. Todos os índios devem dançar./ Rapidamente, na próxima primavera/ virá o Grande Espírito/ com todos os animais de caça outra vez/ e todos os índios mortos outra vez./ Sigam dançando, sigam dan-çando nas pradarias./ Virão os tempos bons/ RESSUSCITARÃO TODOS OS MORTOS dizia Wowoka/ Jack Wilson (Wowoka)/ a guerra era má e não devíamos lutar/ a terra será toda boa mais tarde/ irmãos, todos serão irmãos./ índios e brancos formando uma só cidade./ [...] E, em sonhos/ sua sabedoria/ era aprendida em sonhos/ dizia Smohalla./ “os moços de minha tribo não trabalham/ os homens que trabalham não sonham/ Nós nunca seremos ricos como os brancos”/ E um chefe umatilla (poeiras dos últimos búfalos/ lá longe, cactus, set de película de vaqueiros/ e estremecida pelo vento a tenda de couro de búfalo)/ : tu me dizes vai embora para outra terra/...e o vento atrás do acampamento/ um som/ de canção protesta. / [...] A DANÇA DO ESPÍRITO era sem armas/ [...] todos devem dançar/ MAKE LOVE NOT WAR (FAÇA AMOR NÃO FAÇA GUERRA)/ estar em paz com os brancos/ e os sioux dizendo(os sioux sem búfalos): estão vindo/ todas as tribos mortas estão vindo/ e grandes manadas de búfalos com eles/ [...] E aquele grande velho que eu vi em Taos/(com a bata e as tranças parecia velha)/ me entendeu quando eu disse: to heaven (para o Céu). /Porque o turista veio de New England e lhe perguntou/ se conheceu os búfalos: Sim, quando menino; e com tristeza: Não há mais búfalos... I wonder where they have GONE (Gostaria de saber onde eles FORAM)/ e eu disse para o Céu/ e ele fugiu jiji riu como de uma piada/ e o velho chefe sorriu triste (e me entendeu) (outono de 1965, minha viagem a usa para /ver Merton e os índios). (tradução nossa).

contemporânea e os flashes como se o poeta estivesse montado um roteiro para cinema. Isso caracteriza bem o fazer literário de Ernesto Cardenal: que brinca com as palavras no papel, que recorre a fatos reais e os ficcionaliza, que cita nomes, que trabalha com o concreto, mas de uma forma muito peculiar.

Um outro fato a ser declarar quando fazemos um estudo sobre os índios é que, para eles, não existe a palavra “eu”, só a palavra “nós”; assim, vivem o espírito de comunidade, é o perfeito “comunismo” tão caro ao escritor nicaraguense. Além disso,

como os trapenses, eles nunca dizem meu nem teu. Nunca pedem mandioca para um, pedem para todos. Aquilo que pregam os missionários eles já sabiam antes. A religião cristã e a deles é a mesma, mas os capucinos não a tinham entendido bem. A Virgem Maria é a mesma Mãe universal, e o universo inteiro é o seu útero. (CARDENAL, 2003b, p. 37).

Para fecharmos esse item, no qual mencionamos a literatura feita para falar dos índios numa postura muito comprometida, gostaríamos de citar algo que muito nos diz sobre a noção que os índios e o poeta têm a respeito do Céu, ou Reino de Deus: “[segundo uma tribo indígena da Colômbia,] o Céu é o lugar para onde se vão abraçados, e onde todos seremos amigos” (CARDENAL, 2003b, p. 39. Tradução e grifos nossos).

#### 4.3.2 Canto Nacional: um hino de amor a Nicarágua

De esta tierra es mi canto. Mi poesia, de este clima,  
Como el zanate clarinero, como el coyol  
(CARDENAL, 1973, 32)

Cardenal tem, como pano de fundo para muitos de seus poemas, a sua terra natal: Nicarágua. O lugar que ele ama e quer ver livre, o local em que edificou sua vida. Por esse motivo, apesar de sempre estarmos mostrando cenas desse país nessa tese, resolvemos fazer um tópico dedicado a um poema – que se tornou um pequeno livro – o qual é um verdadeiro canto de amor à pátria e à liberdade.

Começamos dizendo que, nesse texto, marcadamente exteriorista e revolucionário, inicialmente o poeta apresenta a grandeza e beleza da natureza nicaraguense, através da citação do canto de inúmeras aves e da atividade de outros animais em cada um dos meses do ano e de acordo com as estações:

En las mañanas de mayo, cuando empiezan las lluvias  
canta el zenzontle  
en las tardes e julio, después del aguaceiro  
canta su canto dulce el zenzontle  
canta libre en el norte. Y el  
zanate clarinero, *Cassidix nicaragüensis* (es un pájaro  
nicaraguense) negroazulvioláceo vuela  
en octubre o noviembre sobre los pueblos nicaraguenses  
es un pájaro proletário – sin ningún adorno – anda siempre  
entre pobres.  
[...]  
En verano desovan las iguanas.  
Al principio del invierno nacen las lagartijas.  
En mayo el croarrrr de las ranas com las primeras lluvias.  
En junio el zenzontle hace su nido.  
En julio los guajipales ponen sus huevos (fosforescentes  
de noche los ojos guajipales)  
y ponen sus huevos en la costa las tortugas paslamas  
en las noches sin luna. Y después vienen los vendavales. Es  
la época de los temporales. Los grandes aguaceros alegres.<sup>122</sup>(CARDENAL,  
1973, p. 9-11).

Como podemos observar nesse trecho do livro, tudo está em harmonia na natureza de seu país; por essa razão há equilíbrio e alegria. É um belo quadro pintado com as cores das aves, com o brilho dos olhos do jacaré e que pode ser ampliado, aos nossos olhos, pelas gotas de chuva que caem durante o aguaceiro. O narrador desse poema parece mostrar que Nicarágua era como uma visão do paraíso na Terra.

Não podemos deixar de ressaltar o toque engajado já presente no início do texto, o qual parece antecipar que não será só um canto idílico: “zanate clarinero, [...] es un pájaro proletário – sin ningún adorno – anda siempre entre pobres” (CARDENAL, 1973, p. 9). Poderíamos até arriscar dizer que esse pássaro é como o poeta, ou como o mito nicaraguense, Sandino.

Mas, nesse canto de amor e compromisso, sem avisar ao leitor previamente, aparece o seguinte trecho:

---

<sup>122</sup> Nas manhãs de maio, quando começam as chuvas/ canta o zenzontle/ nas tardes e julio, depois da chuva/ canta seu canto doce o zenzontle/ canta livre no norte. E o/ zanate clarinero, *Cassidix nicaraguenses* (é um pássaro nicaraguense) negroazulvioláceo voa/ em outubro ou novembro sobre as aldeias nicaraguenses/ é um pássaro proletário – sem nenhum adorno – anda sempre entre pobres./ [...] No verão desovam as iguanas/ No início do inverno nascem as lagartixas./ Em maio o coaxar das rãs com as primeiras chuvas/ Em junho o zenzontle faz seu ninho./ Em julho os jacarés põem seus hovos (fosforescentes/ de noite os olhos dos jacarés)/ e põem seus ovos na costa as tartarugas paslamas/ nas noites sem lua. E depois vêm os vendavais. E/ a época dos temporais. Os grandes temporais alegres



Pero sucedió que otro país tenía necesidad de estas riquezas. Por los prestamos de 1911 Nicaragua cedió sus aduanas a los prestamistas y la dirección del Banco Nacional reservándose también los banqueros el derecho de adquirir el Banco Nacional. Por los de 1912 comprometió además los Ferrocarriles. El 2 de Feb. de 1911 el grupo de banqueros Brown Brothers & Co. se interesó en nosotros. Para pagar un empréstito se recurriría a otro, y así sucesivamente. (Una vez que se entra no se puede salir.) Los banqueros vinieron como barracudas. Los marinos desembarcan a restablecer el orden y se quedaron en Nicaragua por 13 años. No basta el control de las aduanas, los bancos, los ferrocarriles. Nicaragua también vendió su territorio.<sup>123</sup> (CARDENAL, 1972, p. 13)

E, assim, o leitor percebe que o canto lírico e melodioso adquire um tom pesado, pois começa a mostrar os horrores que entraram no paraíso, transformando-o em um lugar onde irá imperar a morte, a destruição, a fome, a violência, conforme se lerá nas páginas seguintes desse poema.

Às aves de belas cores e feliz simbologia, juntar-se-ão os “tecolotes” e os “zopilotes”, as primeiras aves vistas, na mitologia nicaraguenses, como os mensageiros entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos e também como uma ave de mau agouro e as segundas são popularmente associadas à morte: “ Oscura la noche y sin kerosín en el rancho. / Un tecolote canta sobre la pátria”<sup>124</sup> (CARDENAL, 1973, p. 17. Grifo nosso); “Corrupción, corrupción nacional fue el banquete de los banqueros/ un banquete de zopilotes”<sup>125</sup> (CARDENAL, 2013, p. 14. Grifo nosso).

Conseguimos ver que o país de Cardenal torna-se um país explorado por banqueiros – “Ése fue el saqueo de la mafia de banqueros”<sup>126</sup> (CARDENAL, 1973, p. 15), um país tão

<sup>123</sup> Mas aconteceu que outro país tinha necessidade destas riquezas./ Para os empréstimos de 1911 Nicarágua cedeu suas alfândegas/ aos credores e a direção do Banco Nacional/ reservando-se também os banqueros o direito/ de adquirir o Banco Nacional. Pelos de 1912/ comprometeu também os Ferrocarriles. O 2 de fevereiro de 1911/ o grupo de banqueros Brown Brothers & Cia./ se interessou em nós. Para pagar um emprestimozinho/ recorreu-se a outro, e assim/ sucessivamente. (Uma vez que se entra não se pode sair)/ os banqueros vieram como barracudas./ Os marinheiros desembarcam para reestabelecer a ordem/ e ficam na Nicarágua por 13 anos. Não basta/ o controle das alfândegas, os bancos, os ferrocarriles./ Nicarágua também vendeu seu território (tradução nossa).

<sup>124</sup> Oscura a noite e sem querosene no rancho/ uma coruja canta sobre a pátria (tradução nossa).

<sup>125</sup> Corrupção, corrupção nacional/ esse foi o banquete dos banqueros/ um banquete de urubus (tradução nossa).

<sup>126</sup> Esse foi o saque da máfia dos banqueiros (tradução nossa).

explorado que “de lo que era la nación sólo ha quedada la bandera”<sup>127</sup> (CARDENAL, 1973, p. 16).

Segundo o narrador, o que favorecia o imperialismo norte-americano em seu país era “la desorganización/ y la corrupción de adentro, de ahí que la intervención fomentara la desorganización y la corrupción y las desarrolara”<sup>128</sup> (CARDENAL, 1973, p. 18). E, num tom bastante irônico, declara que esse fato era “claro como el ojo de piche”<sup>129</sup> (CARDENAL, 1973, p. 18).

Nesse novo modelo econômico a que foi levado o país pelo desgoverno, pautado em interesses próprios e no auto enriquecimento de quem estava no poder e dos que detinham o poder econômico, é evidente que o povo era o prejudicado: “Campesino, campesino/ qué lindas tierras tienés/ pero lástima que son de los capitalistas”<sup>130</sup> (CARDENAL, 1973, p. 35). Foram os mais humildes – pobres, índios – os que mais perderam, pois perderam suas terras, foram obrigados a trabalhar em minas, perderam seus direitos e suas mulheres e filhas foram violadas pelas autoridades:

En las minas de oro de mister Spencer examinan  
a los mineros con rayos X cada 6 meses  
para ver si están tuberculosos.  
Si hay alguna sombra, el hombre es inmediatamente  
despedido. Cuando al tiempo escupe sangre.  
y quiere demandar a la mina, la mina los despidió sano  
la enfermedad la conrajo después, la mina  
no es responsable. Y muere en una acera de Managua.  
(si es índio sumo o miskito va a sua aldeã  
a contagiarla. Aldeas enteras han quedado despobladas)<sup>131</sup>  
(CARDENAL, 1973, p. 40-41).

Nesse cenário de caos social, surge a figura de Sandino, aquele que, “se gloriaba de haber nacido del ‘vientre de los oprimidos’”<sup>132</sup> (CARDENAL, 1973, p. 20) para salvar o povo

<sup>127</sup> Do que era a nação só ficou a bandeira (tradução nossa).

<sup>128</sup> A desorganização/ e a corrupção interna, daí que a intervenção fomentara a desorganização e a corrupção as desenvolveu (tradução nossa).

<sup>129</sup> Claro como olho de piche (tradução nossa).

<sup>130</sup> Camponeses, camponeses/ que lindas terras têm/ mas lastimo que sejam dos capitalistas (tradução nossa).

<sup>131</sup> Nas minas de ouro do senhor Spencer examinam/ os mineiros com raios X a cada 6 meses/ para ver se estão tuberculosos/ se há alguma sombra, o homem é imediatamente/ despedido. Quando com o tempo cospe sangue./ E quer responsabilizar à mina, a mina o despediu saudável/ a enfermidade contraiu depois, a mina/ não é responsável. E morre em uma calçada em Manágua./ (se é índio sumo ou miskito vai à sua aldeia/ e a contamina. Aldeias inteiras acabaram despovoadas.) (tradução nossa).

<sup>132</sup> Se vangloriava de ter nascido do ventre dos oprimidos (tradução nossa).

oprimido e sofredor. E, em torno dele, os pobres da Nicarágua, ganham coragem moral para enfrentar os opressores com o intuito de fazer de seu país “una Tierra Prometida” (CARDENAL, 1973, p.31), uma vez que “no es puta la pátria/ pero ahora han querido ofrecerla a un espectro recluso en un hotel: el fantasma de Hughes”<sup>133</sup> (CARDENAL, 1973, p. 29-30).

Assim, o texto começa a relatar a luta pela liberdade, e as “aves da terra” começam a enfrentar os que querem o poder político e econômico, mas Sandino é morto. E com sua morte, o movimento que ele liderava perde a força. Resta o desejo de que volte a existir “un régimen social justo que/ asegure que jamás retornará/ el régimen de la desiguald social”<sup>134</sup> (CARDENAL,1973, p. 36).

Enquanto isso não acontece, os nicaraguenses, mesmo reclamando que são “un país-de-mierda”<sup>135</sup> (CARDENAL, 1973, p. 23) seguem se lembrando da beleza e das singularidades de seu país e, por esse motivo, continuam acreditando que sua pátria mereça um destino mais aprazível, pois a Nicarágua é “una Tierra prometida para la Revolución”<sup>136</sup> (CARDENAL, 1973, p. 32).

Hemos recordado los nacatamales, la sopa de mondongo con  
su culantro y su chile congo, los cantos  
de la “Puríssima” y el perfume de los madroños em Diciembre  
el lago azul/azul y sobre él el  
vuelo de una garza como una vela blanca  
o la lanchita de vela como una garza  
y uno há pensado en  
el olor de mayo, a patio llovido y tejas mojadas  
el calor y el olor de Nicaragua  
tic tic tic tic tic tic tic tic  
el ruidito de las gotitas cayendo del tejado  
el pito del Vapor Victoria acercándose a Granada  
una tierra – hemos dicho – que merece mejor suerte<sup>137</sup>  
(CARDENAL,1973, p. 23)

<sup>133</sup> A pátria não é puta/ mas agora querem oferecê-la a um espectro recluso em um hotel: o fantasma de Hughes (tradução nossa).

<sup>134</sup> Um regime social justo que/ assegure que jamais retornará/ o regime da desigualdade social(tradução nossa).

<sup>135</sup> Um país de merda (tradução nossa).

<sup>136</sup> Uma terra prometida para a Revolução (tradução nossa).

<sup>137</sup> Temos recordado os nacatamales, a sopa de mondongo com/ seu coentro e seu congo chile, os cantos/ da “Puríssima” e o perfume dos madroños em dezembro/ o lago azul/ azul e sobre ele o/ voo de uma garça como uma vela branca/ ou a lanchinha de vela como uma garça/ e alguém pensou no/ cheiro de maio, o patio molhado de chuva e telhas molhadas/ o calor e o cheiro da Nicarágua/ tic tic tic tic tic tic tic tic/ o ruído das gotinhas caindo do telhado/ o apito do Vapor Victoria aproximando-se de Granada/ uma terra – temo dito - que merece melhor sorte (tradução nossa).

Esse é um momento de saudade, de memórias. Talvez, por essa razão, o tom grave deixa momentaneamente de existir para dar lugar a um lirismo que parece acalantar o leitor.

O texto trabalha, de maneira muito ostensiva, a ideia da necessidade de se construir uma nova Nicarágua sem opressores, assinalada pela igualdade. Desse modo, o poeta, parece querer persuadir o leitor a acreditar no lema “kupia-kumi = ‘un solo corazón’” (CARDENAL, 1973, p. 42). E levá-lo a crer que “ ‘Un solo corazón’ parece que son ahora el militarismo con / el dinero (los que no tienen corazón). Pero no, el kupia-kumi/ verdadero es el amor, la unión del Pueblo para hacer/ la Revolución. Sólo el amor es el verdadero ‘un solo corazón’”<sup>138</sup> (CARDENAL, 1973, p. 42).

Nessa luta em prol de uma nova nação, onde todos serão alfabetizados, as doenças serão tratadas, as terras igualmente divididas, o poeta insiste em afirmar que “no hemos nascidos para ser peones/ ni para ser patrones/ sino para ser hermanos”<sup>139</sup> (CARDENAL, 1973, p. 49). Contudo, para que isso se torne realidade, é mister “el hombre nuevo” (CARDENAL, 1973, p. 50), nascido da revolução, pois essa “es sobre todo una cuestión de amor”<sup>140</sup> (CARDENAL, 1973, p. 50).

Nessa luta em prol do povo nicaraguense, o poeta, às vezes, sente-se “como el pájaro-león o cocoroca, un pájaro solitario/ que canta angustiado anunciando al puma”<sup>141</sup> (CARDENAL, 1973, p. 55). Porém, não desiste de sua luta e usa uma expressão de origem indígena para conclamar os moradores de seu país à luta:

POPOL VUH: “¡Que se levanten todos!”  
 Hay tanto maíz que sembrar tanto niño que instruir tanto  
 enfermo que curar tanto amor  
 que realizar tanto canto. Yo canto  
 un país que va a nacer. El lago en partes azul, en partes  
 plateado y dorado. En el cielo  
 un vuelo de garzas  
 “en verdade mana leche y miel” dijeron los exploradores  
 y Jeremías después: “Anunciadlo a las islãs  
 se alegrará la chavala en los bailes”<sup>142</sup> (CARDENAL, 1973, p. 52-53)

<sup>138</sup> Um só coração parece que são agora o militarismo com o dinheiro (os que não têm coração). Mas não, o kupia-kumi/ verdadeiro é o amor, a união do Povo para fazer/ a Revolução. Só o amor é o verdadeiro “um só coração” (tradução nossa).

<sup>139</sup> Não nascemos para ser peões/ nem para ser patrões/ mas para ser irmãos (tradução nossa).

<sup>140</sup> É sobretudo uma questão de amor (tradução nossa).

<sup>141</sup> Como o pássaro- leon ou cocoroca, um pássaro solitário/ que canta angustiado anunciando o puma (tradução nossa).

<sup>142</sup> POPOL VUH: “Que se levantem todos!”/ Há tanto milho que semear tanto menino para instruir tanto/ enfermo que curar tanto amor/ que realizar tanto canto. Eu canto/ um país que vai nascer. O lago em partes azul, em partes/ prateado e dourado. No céu/ um voo de garças/ “na verdade emana leite e

Afinal, “comunismo o reino de Dios en la tierra [...] es lo mismo”<sup>143</sup> (CARDENAL, 1973, p. 53).

E o canto termina com um clamor por um despertar: “MARÍA YA ES DÍA/ MARÍA YA ES DÍA”<sup>144</sup> (CARDENAL, 1973, p. 58). Que a luz retorne e dissipe as trevas, que os pássaros voltem a cantar felizes nesse lugar para que ele volte a ser o paraíso.

#### 4.3.3 Natureza: oração de união com Deus

Em toda a natureza estão as iniciais de Deus para nós. São labaredas de amor. A natureza toda está inflamada de amor, criada pelo amor para acender o amor dentro de nós (CARDENAL, 2003 a, p. 170)

O amor à natureza nicaraguense levou o poeta, após deixar a Trapa e se ordenar sacerdote, a fundar uma pequena comunidade às margens do Lago da Nicarágua. Essa comunidade contemplativa, conforme já mencionamos em um capítulo anterior, recebeu o nome de Nossa Senhora de Solentiname, um “lugar com ilhas muito belas, [mas onde] havia habitantes, terras férteis com cultivos, bom clima, muito incomunicável”. (CARDENAL, 2003a, p.90). Esse lugar tinha o silêncio e a inserção na natureza sonhados pelo contemplativo. Estar em Solentiname representava estar próximo do Criador junto à natureza que ele criara. Isso fez com que Ernesto Cardenal, certa vez, declarasse ser “a natureza uma oração de união com Deus”, “um lugar para estarmos unidos Deus e eu” (CARDENAL, 2003a p. 170). E assim descreve a natureza como espaço no qual Deus se faz ver ao homem

Desde o terraço vejo que tudo o que me rodeia é o amor de Deus feito visível. Seu amor tomou a forma de lago, com vulcões azuis na costa em frente, as ilhas próximas que desde aqui estou vendo, uma garça colorida de espuma pescando, [...] tudo foi disposto por Deus para mim porque tanto gosto. Cada imagem diante de meus olhos são seu amor aqui presente. [...]. Desde épocas geológicas remotas, Deus fez esta Solentiname, pensando em mim. [...] este lugar foi, muitas vezes antes, de meditação e de amor (CARDENAL, 2003a, p.170. Tradução nossa).

Como podemos perceber, a natureza, na qual se insere Solentiname, é apresentada como sendo um pedaço do paraíso feito por Deus, no qual o homem pode se unir ao todo em uma atitude contemplativa. No livro **Vida no Amor**, Cardenal, ao enunciar que

---

mel” disseram os exploradores/ E Jeremias depois: anunciando-os às ilhas/ se alegrará a garota nos bailes (tradução nossa).

<sup>143</sup> Comunismo ou reino de Deus na Terra [...] é o mesmo (tradução nossa).

<sup>144</sup> Maria, já é dia, Maria, já é dia (tradução nossa).

Toda a natureza é caridade, mas somente o místico vive experimentalmente este amor. O amor de Deus nos rodeia por todas as partes. Seu amor é a água que bebemos e o ar que respiramos e a luz que vemos. Todos os fenômenos naturais não são mais do que diversas formas materiais do amor de Deus. [...] A natureza é o amor sensível, materializado, de Deus. Sua providência está visível em tudo o que vemos. (CARDENAL, 1979, p.47)

Assim, reafirma ser a natureza uma oração de união, uma vez que esse místico acredita que “a natureza inteira tende para um Tu [e que] Todos os seres vivos estão em comunhão uns com os outros” (CARDENAL, 1979, p. 21).

Essa temática da comunhão e da comunhão na/com a natureza é ampliada em **Cântico Cósmico**, livro publicado na década de 1990, no qual Cardenal conjuga conquistas científicas, narrativas míticas de vários povos, diversas narrativas místicas e menções a místicos de várias tradições e fatos cotidianos num entrelaçamento unitivo que ambiciona reconstruir o paraíso na terra. Lendo atentamente esse enorme poema de amor e união, percebemos que, na natureza, Deus revelou seu amor ao humano e é, na união do todo, que se faz possível vislumbrarmos a face de Deus.

Os trechos de **Cântico Cósmico** transcritos abaixo, exemplificam ser a natureza parte essencial no projeto Divino que preconiza a união.

El fuego que creó a las estrellas y nosotros.  
Lo que en la tierra llamamos la naturaleza humana  
Hija de procesos de reacciones nucleares.  
No se cree que las estrellas nacen solas.  
Aunque ahora se ve solo al sol, al sol solo,  
(nosotros con él)  
Surgimos como miembros de un gran grupo.  
El cielo en Solentiname esas noches era claro  
Y me acosté con la cabeza llena de estrellas  
Ruminando el ser hijo del creador de todas ellas.<sup>145</sup> (CARDENAL, 2012, p. 36)

Eternidad y Paraíso.  
Todos los mitos y ritos son esa nostalgia.  
[...]  
La encarnación de Dios en nuestra biología.  
En nuestra condición todavía de mamíferos.

<sup>145</sup> O fogo que criou as estrelas e nos criou. / O que na terra chamamos natureza humana/ Filha de processos de reações nucleares. / Não se crê que as estrelas nascem sozinhas. / Ainda que agora se veja só o sol, o sol sozinho, / (nós com ele) / surgimos como membros de um grande grupo. / O céu em Solentiname era claro nessas noites / e eu me deitei com a cabeça cheia de estrelas / cismando em ser filho do criador de todas elas (CARDENAL, 1996, p. 36).

Jesús: con los cromosomas de Adán...<sup>146</sup>  
(CARDENAL, 2012, p. 66-67)

Toda la tierra es una sola alma dijo el cacique  
[...]  
No sabemos todavía lo que somos.  
- Toda la escala de los seres, de los átomos a los astros -,  
Somos incompletos.  
No somos nosotros mismos hasta ser celestialmente.  
¿Qué es lo que somos?  
Un compañero, en una ciudad, en un país,  
En un planeta, en un sistema estelar, en una galaxia...  
Temor a la unión. Perdernos individualmente.  
Pero no hay liberación humana sin la naturaleza.  
Que no implique la liberación de toda criatura.  
El cosmos como con gemidos de parto en Sala de Maternidad  
La humanidad todavía es múltiple.  
Nos salvamos todos o nadie.  
El universo es Uno.  
Uno en el que todos somos.<sup>147</sup>  
(CARDENAL, 2012, p. 326-327)

Todos os fragmentos de **Cântico Cósmico** que foram transcritos reafirmam, conforme já dissemos, que nós, humanos, somos parte de um todo e entoamos, com esse todo, uma oração de união com o Criador. Essa união só não se faz completa, segundo Cardenal, porque “Entre Tú y yo hay un yo soy que me atormenta”<sup>148</sup> (CARDENAL, 2012, p. 386).

Como estamos falando de natureza, para finalizarmos essa rápida exposição, trouxemos um poema que mostra a beleza e o amor que o poeta nutria pelos lagos da Nicarágua. Não foi por acaso que ele, após viver a experiência mística, enquanto esperava para entrar na Trapa, se abrigava na solidão dos lagos de seu país, pois lá se sentia em paz e em união com o Criador. Eis o poema, o qual é uma verdadeira oração de união com Deus:

En el lago  
El cielo negrísimo con todas sus estrellas  
y yo mirándolas en medio lago desde una vieja lancha

<sup>146</sup> Eternidade e Paraíso. /Todos os ritos e mitos são essa nostalgia. /[...] /A encarnação de Deus em nossa biologia. /Em nossa condição ainda de mamíferos. / Jesus: com os cromossomos de Adão (CARDENAL, 1996, p.66, 67).

<sup>147</sup> Toda terra é uma alma só disse o cacique /[...] /Não sabemos ainda o que somos. /- Toda a escala dos seres, dos átomos aos astros - / Somos incompletos. /Não somos nós mesmos até que sejamos celestialmente. /O que é que somos? /Um companheiro, numa cidade, num país, Num planeta, num sistema estelar, numa galáxia. / Medo da união. De nos perder individualmente. / Mas não há libertação humana sem a natureza. /Que não implique a libertação de toda criatura. /O cosmo como se estivesse gemendo de parto na Sala da Maternidade. /A humanidade ainda é múltipla. / Ou todos nos salvamos ou ninguém. / O universo é Uno. / Um no qual todos somos. (CARDENAL, 1996, p. 326,327)

<sup>148</sup> Entre Tu e eu há um eu sou que me atormenta” (CARDENAL,1996, p.386).

– la “Maria Danelia” –  
 acostado en la popa sobre unos sacos de arroz.  
 Vengo de ser interrogado por la Corte Militar  
 y pienso en los inmensos mundos sobre nosotros  
     una sola galaxia  
         (si la tierra fuera como un grano de arroz  
         la galaxia sería como la órbita de Júpiter)  
 y pienso en el compañero “Modesto” en la montaña;  
 luchan por cumplir nuestro destino en la galaxia.  
 Y en los campesinos colgados de las muñecas  
     arrastados de los huevos.  
 Un niño de 8 años degolado, dicen los capuchinos.  
 Los prisioneros metidos en letrinhas comunales  
 unos sobre otros, mujeres, niños, ancianos.  
     Y esos luminosos mundos  
 la sociedad de las estrellas  
     en torno a nosotros.  
 El Reino de los Cielos irradiando años-luz.  
     (“... Que os fue preparado desde el principio del mundo”)  
 Desde que el gas primordial  
 Salió de los negros y fríos espacios inter-estelares  
     y concentrándose  
 fue haciéndose más caliente y más brillante.  
     Más caliente y más brillante.  
 ¿Acaso volveremos a los espacios inter-estelares?  
     Y la vida  
 ¿no será tan característica del universo  
 como luz?  
     ¡Tan lejos en el espacio-tiempo!:  
     Mundos que nos llegan sólo como luz.  
 Pero la luz no toda la vemos. En el arco-iris  
 tras el violeta está invisible el ultra-violeta.  
     Y está outro ultra tras el ultra-violeta  
     ya es la zona del amor.  
 Miro desde la “Maria Danelia” y el agua oscura de Nicaragua  
 el universo de luz . La curvatura  
 de luz. Como volar de noche sobre Nueva York.  
 O mejor decir:  
     Las estrellas de la galáxia cogidas de la mano  
     como un coro de danzantes alrededor de una hoguera  
     y Pitágoras oyó las maracas.  
 Pero el centro de la Vía Láctea no es una estrella mayor  
 sino una concentración de estrellas  
     (allá por la constelación del Sagitario)  
 Son como 1000 mundos los que yo miro  
 pero los astrónomos pueden ver como 1 billón.  
     ‘amar la evolución’  
 En Cuba escuelas, policlínicas, círculos infantiles  
 proliferaban como hongos después de la lluvia.  
 La gravedad no es sino la curvatura del universo  
     esto es, su anhelo de unión.  
     Tenemos un centro común y está adelante.  
 Muchos están presos, otros clandestinos.  
 A los campesinos los lanzan desde los helicópteros.  
     Dar la vida es entregarse al futuro.



Para ser un solo cuerpo con un solo entendimiento

Y queriendo lo mismo todos juntos.

Dijo el presidente de la Corte:

‘¿Tiene usted sabido que luchan por los pobres?

Conteste sí o no’

Para cambiarse en algo más grande que uno.

Todo es movimiento: galaxia, sistema solar, planeta

Com “María Danelia” la vieja lancha de los Lorío

todo navegando por el espacio-tiempo.

‘creo que luchan por los pobres’

Fui llamado a la Corte

y cumplí tu voluntad.

Miro las estrellas y digo:

he cumplido tus mandatos.

En nuestro pequeno rincón, la revolución planetária

Una humanidad sin clases

aquello

por lo que gira el planeta alrededor del sol.

¡La unificación

del universo!

Y las “tinieblas exteriores”:

¿los espacios inter-estelares?

Todo es movimiento

hágase tu voluntad

Así en el planeta como en las galaxias.<sup>149</sup> (CARDENAL, 1985, p. 299-302)

<sup>149</sup> O céu negríssimo com todas as suas estrelas/ e eu olhando para elas no meio do lago de um barco velho/ - a "Maria Danelia" -/deitado na popa sobre uns sacos de arroz./venho de ser interrogado pelo Tribunal Militar/ e penso nos imensos mundos sobre nós/uma única galáxia/ (se a terra fosse como um grão de arroz/ a galáxia seria como a órbita de Júpiter)/ e penso no companheiro "Modesto" na montanha;/ de origem camponesa; não se sabe o nome./ Lutam para cumprir nosso destino na galáxia./ E nos camponeses pendurados nos pulsos/ Com os ovos arrancados./ Um menino de 8 anos degolado, dizem os capuchinhos./ Prisioneiros presos em latrinhas comunais/ uns sobre os outros, mulheres, crianças, idosos./ E esses mundos brilhantes/ a sociedade interestelares/ em torno de nós./ O Reino dos Céus irradiando anos-luz./ ("... O que foi preparado desde o princípio do mundo")/ Desde o gás primordial/ saiu dos espaços interestelares negros e frios/ e concentrando-se/ Fiu ficando mais quente e brilhante./Mais quente e brilhante./ Por acaso, voltaremos aos espaços interestelares?/ E a vida/ Não será tão característica do universo/ quanto a luz?/ Tão distantes no espaço-tempo!/ Mundos que chegam até nós apenas como luz./ Mas não vemos toda a luz. No arco-íris/ atrás do violeta está invisível o ultra-violeta./ E é outro ultra depois do ultravioleta/ Já é a zona do amor./ Olho da "Maria Danelia" e das águas escuras da Nicarágua/ O universo de luz. A curvatura/ de luz. Como voar à noite sobre Nova York./ Ou melhor dizer:/ as estrelas da galáxia de mãos dadas/ Como um coro de dançarinos ao redor de uma fogueira/ e Pitágoras ouviu as maracas./ Mas o centro da Via Láctea não é uma estrela maior/ mas uma concentração de estrelas/ (ali pela constelação de Sagitário)/ São como 1000 mundos que eu olho/ Mas os astrônomos podem ver cerca de 1 bilhão./ "Amar a evolução"/ Em Cuba, as escolas, policlinicas, círculos infantis/proliferaram como/ cogumelos depois da chuva./ A gravidade nada mais é do que a curvatura do universo/ isto é, seu desejo de união./ Temos um centro comum e está à frente./ Muitos são prisioneiros, outros clandestinos./ Os camponeses são jogados dos helicópteros./ Dar vida é entregar-se ao futuro./ Para ser um só corpo com um único entendimento/ E querendo o mesmo todos juntos./ O presidente do Tribunal disse:/ Você sabe que lutam pelos pobres?/ Responda sim ou não "/ Para mudar em algo maior que um./ Tudo é movimento: galáxia, sistema solar, planeta/ Com "María Danelia", a velha lancha dos Lorío/ Todos navegando no espaço-tempo./"Creio que eles lutam pelos pobres"/ Fui chamado ao tribunal/ E cumpri sua vontade./ Olho as estrelas e digo:/ Eu cumpri teus mandatos./ No nosso cantinho, a revolução planetária/ Uma humanidade sem classes/ aquilo/ pelo que gira o planeta

Esse belíssimo poema, ambientado no lago, é, como dissemos, uma oração de amor à humanidade. É um texto que já antecipa para nós o assunto de parte de nosso último capítulo e que diz muito da tese que defendemos de que Cardenal entoava um cântico erótico-cósmico. O texto nos faz perceber que formamos um todo – “as galáxias, o sistema solar, o planeta com o barco em que ele se encontrava –, ou seja, todos juntos entoamos um canto coral, alcançado através das bodas e unidos pelo amor. E, numa releitura de um trecho da oração do “Pai Nosso”, inspirados pelas ideias contidas nessa bela oração de união entre Deus e a natureza, a voz que fala nesse poema pode dizer “seja feita a tua vontade, mas não só na Terra, como também em todas as galáxias”.

## **5 AMOR, ÚNICA LEI DO UNIVERSO: A REALIZAÇÃO DO AMOR NA VIDA, NA OBRA DE ERNESTO CARDENAL E EM SEU CANTO ERÓTICO-CÓSMICO**

Yo he sido muy ardiente.  
 La historia de mi vida ha sido una historia de amor.  
 ¿De amor? ¡De soledad!  
 De soledad y amor.  
 De soledad.  
 Sexualmente  
 muy ardiente. (CARDENAL, 1995, p. 56)  
 Que pode uma criatura senão,  
 entre criaturas, amar?  
 amar e esquecer,  
 amar e malamar,  
 amar, desamar, amar? (DRUMMOND, 1983, p. 187)

Algumas obras de Ernesto Cardenal são verdadeiros tratados sobre o amor. Para esse autor, “o amor é a única lei do universo. A lei que move o sol e as demais estrelas, como diz Dante, porque é a lei de coesão de todas as coisas” (CARDENAL, 1979, p. 66). Como o místico em questão não só estudou sobre o amor em suas múltiplas formas, mas também o experienciou; podemos dizer que o amor apresentado é um amor “de experiências feito”, o que torna os escritos desse autor muito singulares.

Na Bíblia, mais precisamente nos Evangelhos, está escrito que os dois grandes mandamentos são o amor a Deus e o amor ao próximo. Essas duas dimensões do amor são

---

em torno do sol./ A unificação/do universo!/ E a "escuridão exterior":/ Espaços interestelares?/ Tudo é movimento/ faça-se a tua vontade/ Assim no planeta como nas galáxias (CARDENAL, 1985, p. 299-302).

apresentadas na obra de Ernesto Cardenal de diversas formas. Em nosso trabalho, abordaremos o amor erótico, o amor *philia* e o amor ágape, manifestações do amor presentes em seus livros poéticos e em seus diários. Essas três dimensões do amor são aparentemente distintas, mas efetivamente se completam e revelam, a partir de suas várias faces, a face do Amor e nos permite vislumbrar, ainda que de relance e parcialmente, o rosto de Deus, uma vez que Deus é Amor. Afinal, como o próprio Cardenal afirma, em **Vida no Amor**, “Todas as coisas se amam” e “Esse amor de Deus e o nosso, que são o mesmo amor, é um amor que não poderemos jamais apagar” (CARDENAL, 1979, p. 37). Ou, como canta em *Cântico Cósmico*, “El amor: que encendió las estrellas.../ El universo es condensación./ Condensación es unión, y es calor. (Amor.) / El universo es amor” (CARDENAL, 2012, p. 57).<sup>150</sup>

A primeira forma de amor de que falaremos, e que se faz presente na obra do mencionado místico, é o amor erótico, que aparece como resultado natural de sua vivência humana, dos muitos *enamoramentos* experimentados por ele e de seu encontro amoroso com Deus. Cabe ressaltar que, depois da experiência mística por que passou, a linguagem do erotismo passa a ser usada para descrever uma experiência para a qual faltam palavras nos dicionários humanos. Não foi por acaso que, ao relatar sobre o êxtase místico vivido, Cardenal afirma que “teve uma coisa com Ele e não foi um conceito”<sup>151</sup>.

A segunda visão do amor, o amor *philia*, que observamos através dos laços de amizade, dos laços familiares e mesmo entre Cardenal e suas namoradas, pode ser encontrada tanto nos diários, quanto em seus escritos poéticos e em seus sermões, nos quais dividia a palavra com os camponeses de Solentiname.

Quanto à terceira manifestação do amor com a qual trabalharemos, trata-se do amor ágape, o amor de caridade, amor do qual nosso poeta trata em seus escritos a partir do momento em que vive a experiência extático-mística e enuncia estar Deus em cada elemento do cosmos, no pó das estrelas, na face dos homens e dos animais, em cada flor [...]. Amor de um ser que “nos envolve por fora e nos habita por dentro”, de um ser que proporciona ao humano um momento de doçura, ao fecundar nossa alma, um ser que “consente em existir um pouco menos, para que o outro possa existir um pouco mais” (COMTE-SPONVILLE, 2011, p. 105). Esse

---

<sup>150</sup> O amor, que acendeu as estrelas.../ O universo está feito de união. / o universo é condensação. / Condensação é união, e é calor. (Amor) / O universo é amor. (CARDENAL, 1996, p.57). Estamos usando duas edições de *Cântico Cósmico*: uma de 2012 em espanhol e, nas notas, uma de 1996 em português. A referência da edição em espanhol é CARDENAL, E. **Cântico Cósmico**. Madrid: Trotta, 2012, 4ed. Quanto a referência da edição em português é: CARDENAL, E. **Cântico Cósmico**. São Paulo: Hucitec, 1996.

<sup>151</sup> Encontramos esse verso na página 385 do livro **Cântico Cósmico**, de Ernesto Cardenal, edição de 1996.

amor, quando é despertado no humano, “é um amor liberado do ego: um amor sem egoísmo, sem possessividade, sem pertencimento, sem fronteiras [...] tende ao universal, mas na singularidade de cada encontro” (COMTE-SPONVILLE, 2011, p. 109).

Neste capítulo do trabalho, falaremos um pouco mais sobre cada uma dessas três formas de amor e mostraremos como elas se realizam e inter-relacionam na vida e na obra de Ernesto Cardenal. No entanto, para entendermos essa realização amorosa em Cardenal, começaremos nosso capítulo trazendo uma abordagem sobre a mística, porque acreditamos ter sido a experiência amorosa com Deus, vivida naquele 02 de junho de 1956, o fator determinante para toda a produção poética e para muitas das decisões de vida a partir desse momento.

A relação direta com Deus, através da experiência mística, no caso de Cardenal, foi tratada como sendo um encontro amoroso descrito por sensações físicas. Não foi por acaso que ele sempre repete ter tido uma coisa com Ele e não foi um conceito. Para entendermos este encontro que atrela mística e erotismo, mostraremos um pouco da trajetória da mística, priorizando os primeiros séculos de sua história, uma vez que percebemos estar neles as bases usadas pelo místico nicaraguense para construir o conceito de mística que traz para suas obras. O próximo tópico, por essa razão, mostrará uma possibilidade de dizer o que se entende por mística e um pouco de sua história. Ressaltamos que, por ser Cardenal um místico cristão, nossa abordagem, após as discussões na Antiguidade, centrar-se-ão no mundo cristão.

Priorizamos as raízes da mística na Antiguidade e a percepção dessa em autores ligados ao mundo dos primeiros cristãos orientais, porque acreditamos essas serem as bases encontradas com as devidas adaptações na mística cristã latina e, conseqüentemente, na obra cardenaliana. Assim, haverá mais informações sobre os primeiros momentos da mística que sobre os períodos posteriores. Na mística cristã latina, faremos uma breve incursão pelos conceitos que surgiram inicialmente e sobre os caminhos atuais. Além disso, cabe ressaltar que, no capítulo anterior, já trouxemos para o leitor alguns nomes – Teresa de Ávila e São João da Cruz, Agostinho e Chardin – os quais influenciaram o místico objeto dessa tese.

## 5.1 UM CONTATO DIRETO COM O INFINITO: BREVE HISTÓRIA DA MÍSTICA

Nenhuma definição poderia ser tão significativa quanto suficientemente ampla para incluir todas as experiências que, em algum momento ou outro, já foram descritas como místicas. (MCGIINN, 2012, p. 26)

Quando lemos **A fábula mística**, de Michel de Certeau, uma expressão nos chamou bastante a atenção. Ao se referir à visão que se tem do que é mística, esse autor usa a expressão

“saudade brasileira” como uma forma de dizer da experiência mística. Achamos que esses dois termos foram muito bem colocados, porque aqueles que foram “feridos pelo amor de Deus”, que o experimentaram sentem “saudade” termo o qual, como brasileiros, entendemos muito bem o que significa, mas falta-nos palavras para explicar seu significado. Assim é a “experiência mística”, acontece no coração, no “gurgurinho da alma”, transforma-nos, uni-nos a algo infinitamente maior que nós, deixa-nos, quando acaba – porque é muitíssimo breve –, com a sensação de vazio, mas de um vazio pleno, sabemos o que nos aconteceu, mas, com palavras do uso corrente, fica difícil explicar. Na falta de termos próprios para dizer do indizível, lançamos, muitas vezes, mão do vocabulário das artes e do erotismo. Como disse Merton em um de seus livros: “A poesia, a música e a arte têm algo em comum com a experiência contemplativa” (MERTON, 1963, p. 18). Ou nas palavras de o poeta Lorca,

[...]  
 El poeta es el médium  
 de la Naturaleza  
 que explica su grandeza  
 por medio de palabras.

El poeta comprende  
 todo lo incomprendible,  
 y a cosas que se odian,  
 él, amigas las llama.

Sabe que los senderos  
 son todos imposibles,  
 y por eso de noche  
 va por ellos en calma.

[...]  
 Poesía es amargura,  
 miel celeste que mana  
 de un panal invisible  
 que fabrican las almas.

Poesía es lo imposible  
 hecho posible. Arpa  
 que tiene en vez de cuerdas  
 corazones y llamas.

Poesía es la vida  
 que cruzamos con ansia  
 esperando al que lleva  
 sin rumbo nuestra barca.

Libros dulces de versos  
 son los astros que pasan  
 por el silencio mudo

al reino de la Nada,  
 escribiendo en el cielo  
 sus estrofas de plata.  
 (GARCÍA LORCA, 2015, posição 3019-3024 ebook)<sup>152</sup>

Desse modo, nossa tarefa não é fácil; dizer o que se considera ser a mística. Tendo em vista que esse trabalho nos levará à beira do abismo, iremos com muita cautela e nos apoiaremos em obras já consagradas para o estudo do tema. O principal suporte teórico será fornecido por Bernard McGinn. O que pretendemos é esboçar uma possível definição para a mística e fazer um levantamento das “fundações da mística no Ocidente”, como o próprio McGinn relata em seu texto. Cabe ressaltarmos que, aos fundamentos místicos discutidos desde os primórdios – apesar de muitas vezes não se usar o termo na acepção que temos hoje ou nem ao menos mencionar tal vocábulo –, novos dados foram acrescentados e pontos foram problematizados, mas esses pilares não sofreram mudanças tão profundas.

Ater-nos-emos a uma análise mais detalhada das discussões feitas a respeito das origens da mística até o século V – o que corresponde ao trabalho feito por McGinn no tomo I da obra **As fundações da mística: das origens ao século V** – pelas razões anteriormente mencionadas. Faremos, ainda, sempre que acharmos cabível, uma inserção, no texto teórico, de elementos presentes nos escritos do poeta nicaraguense os quais servem como exemplo do que se está discutindo, quebrando, assim, a aridez da teoria.

Acreditamos que, em se tratando de Cardenal ser um místico poeta, muito pertinente é começarmos nossa abordagem com um trecho de um poema de sua autoria chamado “Perguntas diante do lago”:

Cuando después de dos años volviste, Juan, a Solentiname,  
 Siendo ya un niño de cinco,  
 Recuerdo muy bien lo que me dijiste:  
 “¿Vos sos el que me va a decir todo lo de Dios, verdade?  
 Y yo que cada vez  
 He ido sabiendo menos de Dios.

<sup>152</sup> O poeta é o médium/ da Natureza/ que explica sua grandeza/por meio de palavras./ O poeta compreende/todo o incompreensível/e as coisas que se odeiam,/ele, amigas as chama[.]/Poesia é amargura,/mel celeste que mana/ de um favo invisível/que as almas fabricam./ Poesia é o impossível feito possível. Harpa/ que tem em vez de cordas/corações e chamas./ Poesia é a vida/que cruzamos com ânsia,/ esperando o que leva/ sem rumbo a nossa barca./ Livros doces de versos/ são os astros que passam/ pelo silêncio mudo/ para o reino do Nada,/ escrevendo no céu/ suas estrofes de prata. (Tradução de William Agel de Melo. In: GARCIA LORCA, "Poemas sueltos". In: Obra poética completa. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1989.

Un místico, o sea um amador de Dios<sup>153</sup> (...) (CARDENAL, 1985, p. 97)

Paremos aqui por enquanto, mas, posteriormente, voltaremos a esse poema, pois acreditamos que nele se apresenta os principais pontos da visão mística de Cardenal. Por hora, trouxemos essa passagem para esboçar um primeiro conceito sobre quem é o místico: “um admirador de Deus”, ou ao pé da letra, “um amador (amante) de Deus”. Isso nos diz da íntima relação que esse ser tem com o sagrado. Uma relação que, no caso de Cardenal, passa por beijos, abraços, carícias muito íntimas, tesão, sexo e uma mescla de muito prazer e também de dor. Não foi por acaso que, ao descrever sua “primeira vez” com Deus, a narrativa é a de um ato sexual, na qual lemos sobre a entrega, a timidez do primeiro encontro íntimo, sobre a penetração e sobre o gozo:

A alma desnuda é toda ela sorriso, emoção e amor, e toda tremor e ardor e paixão e fogo, e pura ternura e sensibilidade e pura vitalidade e pura vida. E unida a Deus quanto mais olha mais o conhece e quanto mais o conhece mais o ama e quanto mais o ama mais o possui, e mais o conhece e mais o ama, e está toda a sua vida dando e recebendo, gozando e amando mais e mais, estremecendo de amor.

A alma é passiva ante Deus e é feminina. A alma não pode tomar a iniciativa. A alma não pode visitar Deus, pois não sabe como ir a Ele, nem onde está, tem que esperar que Ele a visite, e se Ele não chega ela estará sozinha. Ela não pode mover-se de onde está e é Deus quem entra e sai, quem visita e se vai. E a alma tampouco sabe como acariciar. Só muito timidamente se atreve às vezes a acariciar Deus. Mas ela sabe deixar-se acariciar por Ele, e a única coisa que sabe é deixar se acariciar. A alma não sabe como beijar Deus.

E é Ele quem a beija, ternamente, e às vezes apaixonadamente. E ela só se deixa beijar e se derrete de amor. (CARDENAL, 1979, p. 40)

Mas voltemos à discussão sobre o conceito de mística. Começemos pela etimologia da palavra.

### 5.1.1 Algumas definições e alguns importantes nomes dos primórdios da mística

Na construção desse breve histórico sobre a mística, pautar-nos-emos, conforme já havíamos dito, nas ideias defendidas por Bernard McGinn em seu livro **As fundações da mística**: das origens ao século V.

---

<sup>153</sup> Quando, dois anos depois, voltaste, Juan, a Solentiname,/ Sendo, então, um menino de cinco,/ lembro muito bem o que me disseste:/ “É você quem vai me contar tudo sobre Deus, não é?/ Logo eu que, cada vez mais,/ ia sabendo menos a respeito de Deus (CARDENAL, 1986, p. 7).

Não podemos falar em mística sem considerarmos a “consciência da presença divina” (MCGINN, 2012, p. 13). Também, segundo McGinn, é muito complicado fazer uma separação entre mística e teologia mística na história do cristianismo, apesar de existirem diferenças entre elas. Isso nos leva a uma outra consideração importante: não acessamos diretamente a experiência mística vivida por outrem, mas ao relato dessa experiência. É o que vemos acontecer, por exemplo, com Cardenal. Temos acesso à narração, em prosa e em verso, da experiência que ele viveu, mas não podemos vivê-la, porque é única e íntima. Assim,

Teologicamente falando, a questão não é “Essa pessoa foi realmente uma mística porque ela ou ele reivindica ter tido o tipo de experiência que eu defino como mística?”, mas “Qual o significado de seus escritos, autobiograficamente místicos ou não, na história da mística cristã?” (MCGINN, 2012, p. 15).

Tendo em vista essa observação desse estudioso, podemos dizer que Cardenal é um místico não porque viveu uma experiência unitiva, mas porque, a partir dela, modificou toda a sua vida: tornou-se monge trapista, sacerdote, fundou uma comunidade contemplativa, lutou em prol dos pobres e oprimidos, foi um dos líderes revolucionários sandinistas, tornou-se ministro da cultura em seu país, foi proibido por muitos anos de celebrar a eucaristia, escreve poemas lutando contra a injustiça, mas também defendendo a “mística cósmica”. Enfim, dedicou toda a sua vida, após aquele 02 de junho, a mostrar a presença de Deus e desse amor no mundo.

Devemos considerar que a meta da mística é conceber o encontro entre Deus e o humano, o qual se dá no tempo. Desse modo, o contexto em que tal encontro ocorre deve ser levado em consideração, da mesma maneira como deve ser medida a importância da ressonância dessa união entre homem e Deus na comunidade.

Segundo McGinn, nessa união com Deus, “a personalidade humana se perde” (MCGINN, 2012, p. 17), não existe mais o “eu”. Quem vive essa experiência, vive o que se define como sendo a “Grande Morte”, mais importante que a morte física, ou seja, vive-se a experiência de morte do ego, a experiência do desapego, e quem saboreia essa experiência consegue perceber a “presença do mistério em tudo”; por isso, “não é mais desse mundo”.

Falávamos anteriormente que, para McGinn, “a consciência da presença de Deus” é fundamental para compreender a mística. Mas, afinal, o que é estar consciente da presença de Deus?

Começamos dizendo que muitos místicos – como Eckart, João da Cruz – afirmam ser “a consciência da presença de Deus” (MCGINN, 2012, p. 20. Grifos nossos) é a essência do



encontro e não a experiência, uma vez que é essa o fator que gerará frutos. Quanto à presença, segundo alguns místicos, como Teresa d'Ávila, é “a meta de todas as suas esperanças e esforços” (MCGINN, 2012, p. 20). Por outro lado, paradoxalmente, os místicos atribuem igual força à ausência de Deus e à sua presença. Desse modo, “muitos místicos a partir de Dionísio têm insistido que é a consciência de Deus como negação, que é uma forma de ausência de Deus, que é o cerne da jornada do místico” (MCGINN, 2012, p. 20).

Essas palavras trazem-nos à mente um ensinamento de Merton a Cardenal. Segundo o mestre de noviços, para cada momento de êxtase ou de semiêxtase, tem-se quarenta anos de aridez (CARDENAL, 2003 a).

McGinn afirma algo que consideramos crucial para entendermos o encontro que se dá entre o místico e Deus<sup>154</sup>. Segundo esse estudioso:

Os místicos continuam a afirmar que seu modo de acesso a Deus é radicalmente diferente daquele encontrado na consciência comum, mesmo da consciência de Deus atingida através das comuns atividades de prece, sacramentos e outros rituais. Como crentes, eles afirmam que Deus de fato se faz presente nessas atividades, mas não de algum modo direto ou imediato. Textos religiosos místicos são aqueles que dão testemunho de outra forma de presença divina, que pode, também, por vezes, ser alcançada dentro do contexto das observâncias religiosas comuns, mas não necessariamente. O que a diferencia de outras formas de consciência religiosa é sua apresentação tanto subjetiva quanto objetivamente mais direta, às vezes até mesmo como imediata (MCGINN, 2012, p. 21).

Temos que destacar algumas características quando dizemos dessa forma de acesso ao sagrado; dentre elas, segundo o suporte teórico que estamos utilizando, estão a subjetividade e a imediaticidade do evento, uma vez que esse contato é personalíssimo e acontece “de repente, não mais que de repente”.

Traçaremos, a partir desse ponto da tese, um histórico acerca da mística Cristã. Começaremos mostrando elementos orientais e ocidentais que deram feições à essa mística. Iniciemos com a “matriz judaica”.

Segundo nos informa Bernard McGinn,

---

<sup>154</sup> McGinn faz o seu estudo tendo como parâmetro o cristianismo, por isso, usa o termo “Deus”. Se considerarmos outras crenças religiosas, outros nomes seriam usados, como Uno, por exemplo, ou Real (no caso de religiões não vinculadas à presença de Deus). No caso de nosso trabalho, por acreditarmos que, apesar de vinculado ao Cristianismo, Cardenal defende uma religião cósmica, muitas vezes usamos, no lugar da palavra Deus, outras formas de dizer do Infinito.

as práticas religiosas do período do Segundo Templo [da Babilônia] (515 a.C a 70 d.C), especialmente suas fases tardias após o advento de Alexandre, formam a matriz judaica tanto para o Cristianismo, quanto para o Judaísmo rabínico que viria a se desenvolver na esteira da destruição desse Segundo Templo (MCGINN, 2012, p. 34).

Os elementos que surgem nesse período são a base sobre a qual se edificaram o judaísmo rabínico e o cristianismo primitivo, uma vez que surge, nessa ocasião, a crença de que “o plano divino para a história universal, oculto às eras, fora revelado por Deus através de seus intermediários angélicos aos videntes de outrora e registrados por eles nos livros que chamamos apocalipses” (MCGINN, 2012, p. 35).

A revelação presente nos apocalipses representou mudança significativa para os judeus, visto que, por muito tempo, acreditaram que Deus se comunicava com os homens através da palavra falada. Assim ocorreu, por exemplo, com Moisés (pela Sarça ardente e no Monte Sinai).

Os apocalipses judaicos “falam de formas de ascensão ao mundo celeste, onde mais diretos encontros com o Divino ocorrem” (MCGINN, 2012, p. 39). Isso nos remete aos povos gregos, romanos e aos do oriente próximo. Os persas já falavam dessas ascensões e Platão também fala desse encontro direto com Deus.

Um fato que não podemos deixar de dizer é que os judeus dessa época acreditavam que Deus era encontrado no Templo e esses relatos de experiências diretas com o Sagrado fora desses ambientes, levam-nos a relativizar o “Templo como o único lugar onde Deus deve ser encontrado e, portanto, de possibilidade do encontro humano-divino fora das estruturas religiosas tradicionais (MCGINN, 2012, p. 44).

Sabemos que a “redenção apocalíptica” é uma “redenção cósmica” e nela está presente a ideia de “ressurreição dos mortos” Assim, acreditavam ser o êxtase vivido pelo vidente nada mais que uma antecipação do que ocorrerá após a morte. Ou seja, há a morte da alma em vida para que essa possa ascender às regiões celestiais, possibilitando o encontro amoroso com Deus. Essa é a visão tradicional de morte e ressurreição vista nas religiões cristãs. Por isso, podemos dizer, ancorados nas discussões de McGinn que

o mundo religioso do judaísmo do Segundo Templo forneceu uma matriz para a mística cristã de dois modos relacionados – através das ascensões místicas que levam à visão de Deus, ou pelo menos protomísticas, encontradas nos apocalipses, e através do movimento na direção do estabelecimento de um cânone dos textos sagrados de Israel e a criação de ferramentas e técnicas para torná-la continuamente viva para a comunidade de crentes (MCGINN, 2012, p. 50).

Dentre os livros sagrados que aproximam judaísmo e cristianismo primitivo, encontramos o **Cântico dos Cânticos**, no qual a Amada pode ser lida como a alma a espera de Deus. “o seu Amante”. Eis um trecho desse livro que nos remete a essa afirmação:

Arrasta-me contigo, corramos!  
 Leva-me, ó rei, aos teus aposentos  
 E exultemos! Alegremo-nos em ti!  
 Mais que ao vinho, celebremos teus amores!  
 Com razão se enamoram de ti... (CC,1,4)

Saiamos do mundo judaico e passemos à contemplação no mundo grego. Para dizer da importância dessa para a mística, seguindo os passos de McGinn, remeter-nos-emos a Platão, mesmo reconhecendo a importância de outros filósofos gregos anteriores a ele. Segundo esse teórico, o qual é o alicerce para esta parte de nossa tese,

Platão vê o verdadeiro sujeito humano, ou a alma, como um buscador inquieto incapaz de possuir permanentemente o Absoluto Bem que beatifica. Tal posse é alcançada através da teoria, ou contemplação, que é fruto de uma purificação ascendente (katharsis, askesis) tanto do amor quanto do conhecimento, e que atinge sua meta quando o Nous, o elemento divino da alma, é assimilado a essa fonte divina (MCGINN, 2012, p. 54).

Muitos consideram uma questão controversa chamar Platão de místico, uma vez que o pensamento dele distingue “o mundo das aparências” (sensível) e “o mundo das formas ou Ideia” (inteligível) e a “episteme” (conhecimento real) entre “a temporalidade e a imortalidade imutável” (MCGINN, 2012, p. 54). Assim, para esse filósofo da antiguidade, “a contemplação pode ser descrita como o modo em que o Nous, em exílio divino no mundo de aparências, opiniões e tempo, une os dois reinos através de seu contato intuitivo com a presença do Absoluto” (MCGINN, 2012, p. 54). Utilizando essas observações de Platão, concluímos que, pela contemplação podemos acessar o divino.

Ainda segundo esse filósofo grego, o elo entre o reino celeste e o reino terreno é o amor. Essa concepção segundo a qual o amor é a ligação entre os elementos do cosmos e, consequentemente o que une o humano ao sagrado, é medular na poética cardenaliana e esse poeta, numa via próxima a de Platão, também parte do amor erótico como forma primeira de união dos elementos dos multiversos, passando para outras formas de amor, que, no presente trabalho, denominaremos *philia* e *ágape*. Cabe ressaltarmos, porém, que a veia erótica, justamente por ser, conforme já dissemos, medular em sua poética, estará sempre presente.

Segundo as ideias defendidas por Platão,

amor é apenas desejo pela posse egoísta, mas ele insiste que a meta derradeira não é pela mera posse, mas pela geração generosa[...]. [Assim] procriar, de acordo com o corpo, não é condenado, mas a procriação de acordo com a alma, que traz as virtudes, é elogiada como sendo mais nobre (MCGINN, 2012, p. 55).

Essa ideia é a que me referi quando disse que Cardenal parte das experiências do corpo para chegar à transcendência, para alcançar estágios de amor mais “elevados”, nos quais, passo a passo, o ego é abandonado e o que acaba restando é a caridade, marcada pelo total esvaziamento do eu que se dissolve no todo e faz-nos vislumbrar o Um.

As seguintes passagens de **As Ilhas Estranhas**, tornam concretas essas imagens transcritas anteriormente: “E estamos unidos com tudo aquilo em que também habita Deus, ou seja, com tudo: uma iguana, um trator, uma galáxia, tampouco as ilhas” (CARDENAL, 2003 b. p. 151. Tradução nossa) e

E eu digo que Deus também nos fala quando estamos ouvindo pelas noites aquele continuado juá! Juá! Juá! Do lago que nos recorda quem fez o lago e estas ilhas pedregosas onde nós estamos e o planeta no que está no lago, e todo o universo, sendo também o mesmo que está dentro de nós (CARDENAL, 2003 b, p. 109. Tradução nossa).

Para atingirmos esse estágio de união e esvaziamento, passamos, conforme mencionamos, pela “grande morte”, que nada mais é que a morte do “eu”. E, desse modo, percebemos que “o morrer não é ir-se da terra, mas sim estar aqui de outra maneira, junto com Deus que está em toda a parte” (CARDENAL, 2003 b, p 252. Tradução nossa).

Também exemplifica essa passagem do amor corpo para uma outra forma de amor - que acreditamos ser *philia* – a passagem de **Vida Perdida** em que o místico fala dos filhos produzidos a partir da união mística e chega à conclusão de que esses são uma nova humanidade “ferida pelo Amor”: “à parte dos filhos espirituais que também podem ter, o fruto dessa união não é individual, mas coletivo: é o homem novo, a humanidade nova, o cosmos novo, é um fruto cósmico das núpcias de cada um com Deus, núpcias que também são da humanidade inteira” (CARDENAL, 2003 a, p. 94. Tradução nossa).

Segundo o platonismo, a primeira etapa na caminhada do amor é a busca do corpo belo. Isso, em Cardenal, vemos quando ele diz que um dos pavores que tinha em relação ao casamento era a esposa engordar e envelhecer: “Eu não queria uma beleza que morresse nem

uma beleza que se tornasse feia, ou que seja pior [...] A mim o que mais me aterroriza é que minha esposa pudesse engordar” (CARDENAL, 2003 a, p. 59. Tradução nossa).

Para Platão, segundo o olhar de McGinn,

o amor do amante pelas coisas belas é essencialmente um desejo de felicidade (eudaimonia) que vem da posse permanente da verdadeira Beleza, que é idêntica ao Bem (206 D). Tal posse não pode ser perfeita se chegar ao fim e, portanto, o amor envolve uma saudade da imortalidade (MCGINN, 2012, p. 55).

Cardenal, em várias passagens de sua obra, aborda essa busca por uma beleza que remete à “saudade da imortalidade”. Quando em **Vida Perdida** diz que sua busca pela beleza remete à mesma procura de um místico colombiano chamado Fernando Gonzáles, a qual se baseia “na beleza que teria sempre a dentadura perfeita” (CARDENAL, 2003 a, p. 59). Dessa forma, “parece que a questão não é Deus versus amor sexual humano, mas amor sexual humano versus o amor da beleza que tem a dentadura perfeita” (CARDENAL, 2003 a, p. 70). Essa passagem diz-nos desse desejo pelo imortal.

Porém, há um poema em que percebemos mais nitidamente essa sede de infinito quando o poeta nicaraguense relata serem as lindas mulheres de biquíni e outros seres que compõem o cosmos transparências pelas quais passam a luz de Deus; assim, a luz de Deus os atravessa, iluminando todos os seres e nos permite ver os rastros de Infinito:

El mar, la rosa, la mujer,  
toda cosa nos habla de Dios.  
Pero la mujer con bikini en el mar  
también nos dice que no es Dios.  
Todo ser es transparente, pero  
la transparencia no es otra cosa  
sino un no ser para que pase la luz. (CARDENAL, 1993, p. 43)<sup>155</sup>

Os seres, conforme é mostrado no poema, não são Deus, mas, como são atravessados por Sua luz, falam-nos Dele e permitem-nos vislumbrar partículas minúsculas que, quando

---

<sup>155</sup> O mar, a rosa, a mulher,/ toda coisa nos fala de Deus./ Mas a mulher com biquíni no mar/ também nos diz que não é Deus./ Todo ser é transparente, mas/ a transparência não é outra coisa/ mas um não ser para que passe a luz.

unidas a todas as outras partículas que formam todos os universos, refletem a face de Deus. Mas não podemos nos esquecer de que reflexo não é a face real. Há, ainda, o verso “Pero la mujer con bikini en el mar/ también nos dice que no es Dios<sup>156</sup>”, uma vez que, pela sensualidade perceptível pelos seus trajes, está mais próxima do mundo dos homens, com seus desejos e fomes. Mas, ao mesmo tempo, que não diz de Deus, seguindo a lógica do poema, e por mais paradoxal que pareça, também nos fala Dele. Assim, parece mostrar que o desejo do humano pelas formas também pode ser uma maneira de acessar o Criador do Amor. Esse jogo entre realidade e aparência é bem explicado por Platão em sua “Alegoria da Caverna”.

Segundo as ideias de Platão, “o contraste entre a obscurecida e ilusória natureza da vida em nosso mundo de sombras e a possibilidade de uma vida vivida na luz clara do mundo superior das Formas, onde o Bem, a Forma das Formas, reina como um sol supremo, tornando todas as coisas visíveis” (MCGINN, 2012, p. 59).

Assim, todas as coisas só podem dizer de Deus, quando atravessadas por sua luz “o mar, a rosa, a mulher” e, mesmo a “mulher de biquíni, a qual remete ao corpo, ao desejo erótico presente no mundo sensível, pode dizer-nos ou não de Deus. Por outro lado, se o ser faz lembrar apenas o amor físico, não sendo ponto de partida para uma Forma Elevada, presente no mundo inteligível, não vai dizer de Deus.

Os místicos cristãos que viveram em um mundo pós Platão, mas que conheceram seus textos, relatam que o humano, a partir do momento em que vive a experiência de Deus, sente a necessidade de voltar à caverna “onde estão os outros prisioneiros para tentar instruí-los e libertá-los” (MCGINN, 2012, p. 59). Seu objetivo deve ser insistir “que o amor contemplativo de Deus deve ceder ao amor ativo pelo semelhante dentro do corpo de Cristo enquanto estivermos aqui” (MCGINN, 2012, p. 59). É o que acontece com Cardenal e muito bem nos diz a pesquisadora porto-riquenha já referenciada. O místico nicaraguense, após viver a experiência místico-erótica, superou o mundo, mas decide a ele retornar para “instruir e libertar” os que permaneceram no mundo – “na caverna”.

Dessa maneira, Cardenal, em seu fazer poético, em sua experiência mística e em seus atos de vida, revela-nos que partiu do amor erótico para – sem nunca abandonar essa forma de amor – mostrar, em seguida, um amor contemplativo e chegar a um amor ativo, o qual se volta para buscar atender às necessidades do outro, principalmente do excluído socialmente. O trecho a seguir, de **Vida Perdida**, diz-nos desse amor místico:

---

<sup>156</sup> Mas a mulher com biquíni no mar.

O amor místico é igual ao humano enquanto é um desinteressar-se de toda outra coisa, ter a mente fixa só em Deus, apesar de ele não querer dizer pensar em Deus, mas fazer-se um com Deus. E então o místico pode voltar ao mundo e fazer todas as tarefas terrenas, porque já é como um autômato de Deus (CARDENAL, 2003 a, p. 423-424. Tradução nossa).

Quanto à luta em prol do outro citada anteriormente como sendo o amor ativo, quase toda a obra de Cardenal aponta nessa direção. Assim, para exemplificar, vamos comentar um entre muitíssimos poemas com essa temática. Escolhemos “Visita a Weimar”. Esse é a cantiga 25 de **Cántico Cósmico**. O texto narra uma visita feita a Weimar e à casa de Goethe. Durante essa visita, flashes da história da humanidade são apresentados e grandes personalidades são referenciadas: Napoleão, Schiller, Heine,... São entremeados assuntos ligados à poesia, à força e ao poder das palavras - “Al final del II Tomo, Fausto, ya ciego, ve la visión/ de ‘un Pueblo libre viviendo en la tierra’./ A las pastas del II Tomo puso cerradura con llave/ y lo metió en un armário con llave para que no lo leyeran<sup>157</sup>. (CARDENAL, 2012, p. 210) -, à arte e a temas mais dolorosos como os horrores do nazismo: “Y médicos experimentando de todo en cuerpos vivos./ Hubo 18 horas de trabajo en diciembre, entre nieve y viento, / con sólo la chaqueta rala,/ y muchos del frío se lanzaron a morir electrizados en las alambradas [...]./ Se podía saber si en los Hornos estaban quemando cadáveres/ según si el humo que salía era negro o blanco. (CARDENAL, 2012, p. 211-212)<sup>158</sup>.

Essa mescla de esperança da terra livre com a narração dos horrores de um Campo de Concentração remetem a esse amor ativo que visa a apontar aquilo que separa a humanidade. O texto cardenaliano trabalha magistralmente esse amor, chegando a apontar para uma grande ironia: nos mesmos campos em que Goethe caminhava - e dos quais os nazis cuidavam tão bem – milhares de judeus morriam. O final do poema é uma alerta aos leitores, pois retoma a criação e a escrita sobre essa criação e lembra o poder da mente humana de não esquecer, claramente nos apontando para o fato de que devemos ter, na memória, essas narrativas para que tais horrores não voltem a acontecer: “Las teorías actuales de la Física sugieren

<sup>157</sup> No final do segundo volume, Fausto, já cego, tem a visão/ de ‘um povo livre vivendo nesta terra’/ Guardou os originais do segundo volume à chave/ e os trancou num armário com fechadura para que ninguém lesse (CARDENAL, 1996, p. 210).

<sup>158</sup> E médicos fazendo experiências em corpos vivos./ Houve 18 horas de trabalho em dezembro, entre neve e vento, só com um casaco leve, / e foram muitos os que loucos de frio/ lançaram-se às alambradas para morrer eletrificados [...] Podia-se saber se estavam queimando cadáveres nos fornos/ conforme a fumaça saía negra ou branca (CARDENAL, 1996, p. 211-212).

fuertemente/ la indestructibilidad de la Mente frente al Tiempo” (CARDENAL, 2012, p. 213)<sup>159</sup>.

A “alegoria da caverna”, segundo McGinn, é “essencialmente uma descrição do caminho espiritual que começa com o despertar (sem a ênfase no elemento erótico nesse caso) e prossegue através da purificação dolorosa e iluminação gradual para terminar a visão”. Acreditamos que esse foi o caminho da mística: há um despertar (“uma chispa”) que remete ao encontro amoroso com Deus – no caso do místico objeto dessa tese, houve a experiência erótica, passando por um caminho de purgação, de aridez, até chegar à iluminação – e, quando esse ocorre, não há mais a distinção entre o ser e o Um.

Essa experiência não dá para ser narrada em palavras. Tanto Platão, quanto os místicos cristãos posteriores a ele, são unânimes em afirmar “que essa Realidade última não pode ser adequadamente posta em palavras” (MCGINN, 2012, p. 61) e que resulta em paradoxos, em jogos de dislates, “tentar sugerir com palavras um Primeiro Princípio infável tido como além da descrição” (MCGINN, 2012, p. 61). Por isso, para dizer dessa experiência, recorre-se frequentemente à “teologia negativa ou apofática” (MCGINN, 2012, p. 61), a qual tenta explicá-la dizendo o que não a caracteriza.

A esse respeito, é bastante pertinente mencionarmos as seguintes afirmações de Platão: a meta da contemplação não pode ser identificada, uma vez que não conseguimos entender o que vem a ser “Realmente Real” (MCGINN, 2012, p. 62); “descobrir o Criador e Pai deste universo é uma tarefa e tanto; e tendo-o descoberto, declará-lo a todos os homens é algo impossível” (MCGINN, 2012, p. 63); nem tudo é possível traduzir em palavras, algumas coisas surgem na alma como uma “fagulha que salta” (MCGINN, 2012, p. 63).

Cabe destacar que temos, nessas afirmações de Platão, elementos que caracterizam a mística como é vista hoje.

Em seus textos, o filósofo grego supracitado, discute a existência ou não do Um. Nessa discussão, segundo nos afirma McGinn, Platão conclui que “o Um está totalmente fora do tempo e, portanto, fora do ser (ousia) [...]. Nós só podemos dizer o que ele não é. Mas se o Um é o Princípio Absoluto [...] ele é idêntico ao Belo, [...] que é tanto a Forma das Formas quanto está além da ousia” (MCGINN, 2012, p. 64). Nisso, Platão vai se diferir de místicos posteriores segundo os quais o Um está no tempo e “nos habita por dentro”.

Os filósofos, os poetas e os místicos, se pensarmos no mito da caverna, são aqueles que saem das sombras e enxergam o mundo com as luzes. Eles conseguem acessar dimensões

---

<sup>159</sup> “As teorias atuais da Física sugerem fortemente/ a indestrutibilidade da mente frente ao tempo”.



elevadas de suas almas<sup>160</sup>, as quais, segundo nos afirma McGinn, seguindo estudos feitos por Platão, são de origem divina ou podem ser divinizadas, visto que se tornam semelhantes ao Um. Seguindo a lógica de que, se o semelhante faz ver o semelhante, e, se, segundo a Bíblia o homem foi criado à imagem e semelhança de Deus, Cardenal tem razão ao dizer que somos espelhos que refletem Deus. Esse é um silogismo o qual deve ser considerado.

Quanto a Platão ser ou não um místico, há muita divergência entre os estudiosos. Isso, porém, não é o mais importante a ser pautado. O fundamental é que suas ideias sobre o encontro homem e Sagrado ajudaram a construir uma visão da mística no Ocidente.

Três filósofos surgiram após Platão e foram muito significativos para a mística cristã latina. São eles Fílon, Plotino e Proclo. Limitar-nos-emos a buscar deles apenas as considerações mais importantes para o desenvolvimento da tese em questão. Assim, da filosofia de Fílon, temos que “o principal propósito da densa e intrincada floresta da alegoria filônica é mostrar à alma seu caminho para Deus” (MCGINN, 2012, p. 69). E, nessa busca, ele atribui “ao logos, ou verbo Divino ou Razão” o papel de “intermediário entre Deus absolutamente transcendente e incognoscível e a alma humana” (MCGINN, 2012, p. 70). Seguindo essa ideia de “logos” como intermediário, chegamos à seguinte afirmação: “a presença do logos dentro da alma, ou seja, dentro da dimensão mais elevada do Nous [...], torna possível tanto o conhecimento da existência de Deus [...] quanto o retorno da alma a Deus a partir de seu estado presente caído” (MCGINN, 2012, p. 72).

Essa afirmação diz ser possível ao humano acessar o sagrado, mesmo vivendo nesse mundo sensível de imperfeições, pois carrega em si o elemento divino. É o que muitos místicos querem dizer ao relatar que não devemos buscar Deus fora, pois ele está dentro. É o que Faustino Teixeira nos diz na introdução do livro **Na Fonte do Amado**: malhas da mística cristã,

[o místico aceita] um desafio fabuloso, mas que envolve despojamento e gratuidade. Requer uma “saída” do si mesmo em direção ao recinto mais profundo da alma, ao pontinho “cego e suave” que traduz de forma mais profunda a malha existencial. Trata-se do despojamento que conduz à “suprema epifania da unidade simples”, ao estado singular de receptividade e abertura máxima, de transparência e disponibilidade (TEIXEIRA, 2017, p.14)

Um dado que não podemos deixar de mencionar quando pontuamos a obra de Fílon é o fato de ter sido ele “o primeiro a introduzir na literatura mística o famoso oximoro da

---

<sup>160</sup> Essas dimensões elevadas da alma são o que Platão chama de “Nous”.

‘embriaguez sóbria’, para descrever o caminho através do qual a mente é arrancada para fora de si mesma no caminho ascensional”<sup>161</sup> (MCGINN, 2012, p. 75).

Esse filósofo ainda buscou relacionar a filosofia mística grega e as religiões de mistério; tendo, assim, papel fundamental nas “interações complexas entre mito, mistério e mística no início da era cristã” (MCGINN, 2012, p. 76).

Outro estudioso que merece nossa atenção nesse período é Plotino. A mística helênica anterior a Plotino insiste em duas questões centrais: “a natureza de Deus, especialmente a oposição entre o Deus cósmico e o Deus Primeiro desconhecido, e a história da queda da alma no reino terreno e sua ascensão para fora deste”. (MCGINN, 2012, p. 79). É mister mencionarmos que há várias maneiras de encarar a mística nesses primeiros tempos, mas todas tinham em comum o fato de “mostrar que a visão de Deus era o objetivo último e a meta suprema”.

A partir desse ponto de nosso trabalho, mostraremos como Plotino, “o mais puro místico da Antiguidade cristã” via a mística e suas funções.

Começemos relatando que muitos escritos levam a crer que Plotino viveu o que hoje denominamos êxtase místico. Um de seus discípulos, chamado Porfírio, chegou a relatar que, por quatro vezes, seu mestre atingiu a meta que tinha para a vida, a qual seria “unir-se, se aproximar do Deus que está acima de todas as coisas” (MCGINN, 2012, p. 81). Há inúmeros textos desse autor os quais mostram não só a tentativa de explicação da experiência “da passagem entre a Unidade da consciência mística e a dualidade do pensamento ordinário” (MCGINN, 2012, p. 83), como também outros escritos que apontam para o fato de ele ter vivenciado esse estado extático.

Plotino apresentou “uma dialética mística da imanência e transcendência cujo propósito é levar a alma à sua derradeira libertação” (MCGINN, 2012, p. 84). Além disso, salientou que “o amor erótico tem um âmbito tanto mais cósmico quanto mais transcendental” (MCGINN, 2012, p. 86). Eros é visto por Plotino como um deus nascido antes do surgimento do mundo sensível, mas é um ente sobrenatural que “não é perfeito nem suficiente, mas incompleto, nascido de um desejo indeterminado e de uma razão suficiente” (PLOTINO, 2015, p. 74). Por essa natureza pautada na incompletude, busca o que lhe falta e “não vai se completar jamais,

---

<sup>161</sup> Essa embriaguez pode assim ser explicada: a mente está saudosa do inteligível e, quando atinge esse mundo e percebe que todas as belezas do mundo sensível ali são apresentadas num grau muitíssimo mais elevado, sente-se embriagada, mas está consciente do que vive e só não sabe explicar. Daí “embriaguez sóbria”. É o êxtase tratado por Cardenal. A alma goza tanto que ele pede para parar, pois teme não aguentar (consciência), mas, ao mesmo tempo, quer continuar se “perdendo” naquele prazer.

até que tenha em si mesmo a natureza do indeterminado” (PLOTINO, 2015, p. 74). O que Eros busca é “a fonte do Amado”.

Segundo Plotino, pode haver um encontro entre o que Platão chamou Nous – a mais elevada dimensão da alma – e o princípio intelectual. Quando se dá esse encontro, esse princípio torna-se o “intelecto amante” e se deixa embriagar, vive o êxtase e não há palavras para explicar o que ocorreu, pois volta ao início. E esse retorno se dá pelo amor erótico. Como Cardenal escreve em Cântico Cósmico:

Te repito, mi amor:  
   Yo soy tú y t  eres yo.  
   Yo soy: amor  
 (CARDENAL, 2012, p. 23)<sup>162</sup>

Ou ainda,

... En el principio sólo estaba el Uno sin otros;  
   ese Ser pens : deseo ser muchos...  
 (CARDENAL, 2012, p. 12)<sup>163</sup>

Do desejo do Um todo o universo se fez e o homem anseia voltar à unidade primordial. Para Plotino, quando isso ocorre, “o buscador e o buscado se tornam verdadeiramente um” (MCGINN, 2012, p. 86), pois “atraída para cima pelo choque da beleza, a alma, ao fim e ao cabo, se torna o próprio amor” (MCGINN, 2012, p. 86).

O Um, para Plotino, não pode ser qualificado ou objetificado, “porque ele é um sujeito puro transcendente” (MCGINN, 2012, p. 89). Esse autor identifica o Um ao Amor e mostra haver uma complexa relação entre o “Primeiro Princípio, ou o Um, e o Nous, ou Intelecto” (MCGINN, 2012, p. 89). Afirma, ainda, que o Um deve ser buscado no centro de todas as coisas e acrescenta que “aquilo que está ‘ao redor’ do centro   pre eminentemente o Nous, ou Intelecto, que   e não é o Um em um sentido mais radical do que qualquer outra realidade” (MCGINN, 2012, p. 89). Sendo assim, o amante deve fazer todo o esforço para se tornar “um com o Um”, mas deve ter em mente que é mister se tornar semelhante a ele para alcançá-lo e que Ele “está ausente de tudo e de nada”. (MCGINN, 2012, p. 89).

<sup>162</sup> Te repito, meu amor:/ Eu sou tu, tu  s eu./ Eu sou: amor (CARDENAL, 1996, p. 23).

<sup>163</sup> ... No princípio só estava o Um sem outros:/ esse Ser pensou: desejo ser muitos... (CARDENAL, 1996, p. 12).

Fechando nossa abordagem sobre Plotino, temos que mencionar algo que inquietava esse místico: a duração da união mística, a qual é considerada extremamente breve. A esse respeito ele diz que “a verdadeira união é uma identidade do vidente e do visto, em que ‘o homem que obtém a visão se torna, por assim dizer, outro ser. Ele cessa de ser ele mesmo, não retém nada de si” (MCGINN, 2012, p. 92). De acordo com essa concepção, a separação é só física, do corpo; assim, “entendemos a meta não como ‘outro, mas como um conosco”” (MCGINN, 2012, p. 92). Desse modo, se não fosse o corpo que nos aprisiona, não seria breve essa união. Dessa maneira, o que Plotino tentou dizer quando trabalha “contemplação e união com o Primeiro Princípio, ou o Um”?” (MCGINN, 2012, p. 93).

Para esse filósofo místico, “a contemplação é a própria vida da alma, tanto a ‘feitura’ que a produziu quanto sua saudade redutiva para retornar à sua Fonte. ‘Todas as coisas vêm da contemplação e são contemplação”” (MCGINN, 2012, p. 93). Já o Um está muito além da contemplação e para que Ele se una com a alma, essa deve, no momento do êxtase, perder “a consciência de si” e, em contrapartida esse encontro amoroso a purifica.

Plotino, por ter vivido o êxtase, sabia que todos nós somos dois. Além disso, para ele, a alma é divina. Assim, há um distanciamento do pensamento dele e dos cristãos, uma vez que, para esses, o encontro amoroso se dá pela graça, a qual é concedida por Deus aos homens.

O último dos três filósofos gregos que desejo abordar nessa construção histórica da mística é Proclo. Nele ocorre o ápice do ideal devocional contemplativo. Segundo esse filósofo,

Todas as coisas estão em todas as coisas, mas em cada uma delas de acordo com sua própria natureza: pois no Ser há vida e intelecto; na vida, ser e intelecto; no Intelecto, ser e vida; mas cada um deles existe sobre um nível intelectualmente sobre o outro vitalmente, e sobre o terceiro existencialmente (MCGINN, 2012, p. 101).

Mas, acima dessa tríade “Ser-vida-Intelecto”, há uma outra formada pelo “ser”, pelo “não-ser” (que é Unidade) e por algo superior ao Ser. Para Proclo, não há a correspondência entre Um Supremo e eros. Mas há um “eros universal [que] dá harmonia ao cosmos” (MCGINN, 2012, p. 101).

Há, assim, um amor que “desce dos próprios deuses, de modo a tornar possível um retorno amoroso [...]. O eros, agora, mais claramente que antes, não é apenas uma expressão da necessidade humana, mas é uma força universal unindo todos os níveis da realidade e elevando-os rumo ao Uno (MCGINN, 2012, p. 102).

Para esse filósofo, há uma clara distinção entre o “um que participa do Ser do Um não participado e exaltado” (MCGINN, 2012, p. 102) e acrescenta ser o retorno a este último possibilitado pela união com aquele primeiro Um citado. Esse filósofo afirma ainda que tudo está conectado ao Um. E é essa interligação de todos os elementos entre si e com o Um que nos permite essa união com o que ele denomina “Um Supremo”, o qual “está além mesmo da unidade e que nenhum atributo tomado de qualquer outra coisa se lhe aplica” (MCGINN, 2012, p. 103).

Cardenal, em seus textos poéticos menciona essa conexão entre os seres. Os trechos da Cantiga 43 que serão apresentados a seguir mostram isso:

El Uno, el Ly, de Confucio  
 Callado y secreto, en oculta acción.  
   Aquel de quién procede toda evolución  
   Y en quien toda evolución termina.  
 [...]
 Todos uno.  
 [...]
 ALFA es OMEGA  
 [...]
 Todas las cosas tienden ardorosas hacia un centro común.  
 El todo está enterro en cada una de sus partes  
 Como lo han visto los místicos  
   Y no sólo la elite de los místicos.  
 El todo en cada uno y cada uno en el todo.  
 [...]
 Ya todo confundido con el Todo, y las personas con la Persona  
 En un Todo que es Persona  
   Y Persona que es Amor.  
 La materia era tan sólo um tenue velo de tu rostro.  
 (CARDENAL, 2012, p. 404-410)<sup>164</sup>

Para Próclon, buscamos nomear o Uno porque temos ânsia do Uno em nós e essa caminhada rumo a esse encontro humano-Uno é o que leva o místico a ascender (MCGINN, 2012, p. 103).

Assim, tanto esse filósofo, quanto Platão e Plotino acreditavam que existia algo de divino na alma e isso é o que possibilitava o retorno à Unidade. A mística cristã aproveitou as

---

<sup>164</sup> O Uno, o Ly, de Confúcio/ calado e secreto, em oculta ação./ Aquele de quem procede toda evolução/e em quem toda evolução termina. [...]/ Todos um só. [...]/ ALFA é OMEGA [...]/ Todas as coisas tendem ardorosas a um centro comum [...]/ O todo está inteiro em cada uma de suas partes/ Como viram os místicos/ e não somente a elite dos místicos./ O todo em cada um e cada um no todo./ [...] Já tudo confundido com o Todo que é Pessoa/ e Pessoa que é Amor. / A matéria era tão-só um tenue véu no teu rosto. (CARDENAL, 1996, p. 404-405)

ideias de Próclo, principalmente, a “noção de amor cósmico”, “a dialética do Um como negação da negação” (MCGINN, 2012, p. 105). É claro que, a fim de que se desse esse aproveitamento, muitos “ajustes” foram feitos.

Entendemos que, para Cardenal, o Um é a “beleza que não envelhece”. Por isso, as formas humanas, ao mesmo tempo que dizem dEle por serem Suas criações, também não dizem dEle porque está além do que podemos conceber sobre o belo e a forma perfeita, porque nossos parâmetros sempre partem do mundo das sombras em que vivemos. Por esse motivo também, o místico, ao experimentá-Lo, não tem palavras para descrevê-Lo, pois essas estão além do limitado vocabulário humano, mas conseguem, em muitos casos – como o de Teresa d’Ávila e de Cardenal, falar não do ser, mas da experiência vivida com Ele, usando as palavras do amor erótico, uma vez que, segundo narrativas primitivas<sup>165</sup>, nos momentos do gozo, os seres se juntam formando um e, nesses instantes efêmeros, voltam a uma condição inicial de completude que os aproxima do Absoluto.

Passemos ao mundo cristão para fazermos um breve estudo da presença de Deus em Jesus. Mais uma vez estamos recorrendo a McGinn como sendo o nosso principal aporte teórico.

### 5.1.2. A Mística Cristã

Começemos definindo, segundo o teórico McGinn, quem eram os cristãos:

Eram aqueles que afirmavam que Deus invisível adorado pelos judeus tinha se tornado presente de modo definitivo e incomparável em Jesus de Nazaré, um pregador judeu errante brevemente ativo por volta do ano 30. [...]. Seus seguidores acreditavam que ele tinha manifestado seu poder divino ao ter ressuscitado e subido ao céu (MCGINN, 2012, p. 107).

Para os cristãos, a subida de Jesus ao Céu iniciaria “uma nova era do Reino de Deus” (MCGINN, 2012, p. 107). Segundo esses, Jesus retornará um dia e o seu reinado na Terra não terá fim. Enquanto os homens esperam por esse retorno devem se manter filiados à nova

---

<sup>165</sup> As narrativas primitivas a que nos referimos dizem do mito do andrógino. Segundo o Dicionário Mítico-etimológico, de Junito de Souza Brandão, “Andrógino, em grego, é um adjetivo, [...] é o comum aos dois sexos, o que participa de ambos.[...] Na especulação metafísica platônica [...] a perfeição humana é representada como uma unidade total, o que provoca uma reflexão acerca da perfeição divina, do Todo-Um. No “Discurso Perfeito”, Hermes Trismegisto revela a Asclépio que ‘Deus não tem nome, ou melhor, ele possui todos, uma vez que é simultaneamente Um e Tudo. Completo, mercê da fecundidade dos dois sexos, mas igualmente os possuem os animais e os vegetais. A conclusão é clara: o Ser consiste na soma de uma unidade-totalidade. O que é, por excelência, deve ser total, comportando *a coincidentia oppositorum* (a simultaneidade dos opostos) em todos os níveis. (BRANDÃO, 2014, p. 46-47).

religião, pois só através dela terão a salvação. Segundo Teixeira, “há um axioma, originário no Século III com Orígenes e Cipriano, que resume bem essa posição exclusivista que ainda é adotada até nossos tempos entre “católicos conservadores e fundamentalistas protestantes. Tal axioma é: “extra ecclesiam nulla salus” (fora da Igreja não há salvação)” (TEIXEIRA, 2012, p.21).

Essa nova comunidade religiosa possuía regras rígidas e estava pautada nos ensinamentos de Jesus, cuja mensagem estava centrada no Reino de Deus. Assim, “Jesus, o pregador da mensagem, tornou-se o Jesus da mensagem pregada e logo o Jesus da mensagem escrita, quando elementos de sua pregação e histórias sobre ele, especialmente a descrição de sua morte e ressurreição, foram fixados de forma escrita (MCGINN, 2012, p. 109).

Mas qual relação pode haver entre esse cristianismo primitivo e a mística?

Segundo McGinn, se encaramos mística “como alguma forma de união de identidade com Deus através de uma prática puramente contemplativa” (MCGINN, 2012, p. 111) e se encaramos essa prática como algo que não necessita de mediadores – como Jesus e as escrituras – não encontraremos relação, mas, se não formos tão categóricos nesse conceito – até porque isso contrariaria o próprio conceito de mística, perceberemos que há, nos escritos de Paulo, de João e de outros autores dessa época, elementos que vão fundar toda a mística cristã posterior, uma vez que místicos insistiram que “apenas uma leitura espiritual pode revelar a plena intenção da Escritura. Foi através de tais leituras que a mística cristã viveu e cresceu” (MCGINN, 2012, p. 112). Desse modo, a mística cristã desenvolve-se centrada “na descoberta da presença de Deus em sua Sagrada Palavra no meio da comunidade” (MCGINN, 2012, p. 112).

Os evangelhos sinóticos usarão “conceitos e temas” (MCGINN, 2012, p. 114) posteriormente encontrados na mística cristã, como “as noções de perfeição e da visão de Deus” (MCGINN, 2012, p. 114). Além disso, místicos posteriores usaram, em seus trabalhos, outros textos do Novo Testamento, como as cartas de Paulo e os evangelhos de João. Utilizaram, também, do **Antigo Testamento**, os **Salmos** e o **Cântico dos Cânticos**. Cardenal faz referências constantes a esses textos e, no caso dos Salmos, faz uma releitura dos mesmos. O trecho do poema a seguir – Salmo 103 – do Livro **Salmos**, de Cardenal, é um bom exemplo de uma dessas releituras.

Bendice alma mia al Señor  
 Señor Dios Mío tú eres grande  
Estás vestido de energia atómica  
 Como de un manto

De una nube de polvo cósmico en rotación

como en la rueda de un alfarero  
 comenzaste a sacar las espirales de las galaxias  
 y el gas en tus dedos se fue condensando y encendiendo  
 (CARDENAL, 1979, p. 98. Grifos nossos)<sup>166</sup>

Esse trecho atualiza o texto bíblico, trazendo ao leitor discussões contemporâneas, como o uso da energia atômica. Trata-se de uma releitura totalmente “engajada” do texto bíblico.

De acordo com McGinn, seria um objetivo da mística cristã “ver a vida cristã como a restauração gradual de uma imagem danificada ou a semelhança perdida de Deus” (MCGINN, 2012, p. 119). Pensando nisso, é mister mencionarmos ser uma forma de se proceder a essa citada restauração a “via do sofrimento”, o que leva a se fazer da vida na Terra um “vale de lágrimas”, pois enxergava-se que pela dor nos redimiríamos e, pela redenção, “veríamos a Deus”.

Segundo o direcionamento sugerido por McGinn, passaremos à análise da importância do cristianismo grego primitivo para a mística. Para “os pais gregos”, “Jesus, o Verbo Divino ou o *logos* que se fez carne, trouxe a mensagem da salvação, o *euangelion* ou Boa-nova da redenção, sob a forma oral. Mas essa mensagem logo passou a ser fixada em documentos escritos” (MCGINN, 2012, p. 138).

Temos que destacar o século II d.C. como crucial para a formação do cristianismo. Nesse século, perguntas como o que seria ser um cristão tiveram que ser respondidas e, ao respondê-las, o grupo que se organizou em torno dos ensinamentos de Jesus Cristo consolidou-se.

Nesse período, foram alimentadas discussões acerca do gnosticismo e chegou-se a dizer “que as ideias centrais de várias formas de gnosticismo giram ao redor do dualismo, a divindade inata da alma (ou sua parte mais elevada) e a salvação através da gnose [conhecimento]” (MCGINN, 2012, p. 145).

Que afinidades teriam então entre os textos gnósticos e os temas da mística grega? Segundo McGinn, os elementos que aproximam gnose e mística seriam “a descida e ascensão da alma, a teologia negativa, a contemplação e visão de Deus e, a divinização e unificação com o divino” (MCGINN, 2012, p. 147). Mas, para os gnósticos, a salvação vem pelo conhecimento, pela gnose, “por meio da qual algumas pessoas (não todas) passam a reconhecer a natureza

---

<sup>166</sup> Bendiz minha alma ao Senhor/ Senhor Deus meu tu és grande/ Estás vestido de energia atômica/ manto que te recobre/ E uma nuvem de poesia cósmica em rotação/ como na roda de um oleiro/ começaste a tirar as espirais das galáxias/ e nos teus dedos o gás se foi condensado e/ acendendo.



oculta divina de suas almas caídas” (MCGINN, 2012, p. 147). Essa é “a chave do elemento místico no gnosticismo” (MCGINN, 2012, p. 147).

A mística cristã conhecida hoje nasce da “reação ao gnosticismo de modo permanente” (MCGINN, 2012, p. 151). Os gnósticos afirmavam, concordando com o platonismo, que “a divindade da alma era inata” (MCGINN, 2012, p. 151) e o pensamento cristão e da mística cristã diz que, se o mundo é criado, a alma também é criada; assim, a “alma não é naturalmente divina” (MCGINN, 2012, p. 152)<sup>167</sup>.

Outro ponto em que se diferenciam mística gnóstica e “mística do desenvolvimento do cristianismo ortodoxo” é a “relação da fé (pistis) e do amor (ágape/eros) com a gnose, através da qual os gnósticos acreditam que a salvação era comunicada” (MCGINN, 2012, p. 152). Para os gnósticos, a revelação se dá pelo conhecimento escrito – Escrituras, novos textos,... – e, em alguns casos, “as experiências visionárias e místicas dos professores gnósticos em si” (MCGINN, 2012, p. 153). Assim, acreditavam que a revelação se dá em um processo contínuo; portanto, pensavam de forma diversa da ortodoxia dos primeiros cristãos, os quais acreditavam “na revelação como restrita à mensagem dada aos primeiros apóstolos e passada à comunidade através de uma hierarquia estabelecida” (MCGINN, 2012, p. 153).

É mister comentarmos que as visões não estavam totalmente fora de questão, mas, diferentemente das visões gnósticas, tinham um caráter individual; além disso, “mesmo quando ensinam ou iluminam, elas não o fazem ao transmitir alguma mensagem nova ou mais profunda, mas, ao confirmar o significado da tradição da Igreja” (MCGINN, 2012, p. 153).

Os gnósticos liam as escrituras para desvendar nelas mensagens esotéricas e o esoterismo acabou sendo algo suspeito para os cristãos. Assim, enquanto a mística gnóstica tinha um caráter esotérico; a cristão, não. Isso as diferenciava. Desse modo, “na história da mística cristã, o gnosticismo é não apenas a primeira grande divisão, mas como todas as ‘heresias’ místicas, ele permanece sendo uma divisão” (MCGINN, 2012, p. 156).

Esclarecidas as posições dos gnósticos e dos primeiros cristãos, é mister, a partir desse ponto, comentarmos rapidamente sobre os que difundiram, na segunda metade do século II, a teologia mística cristã. Nessa função, três nomes destacaram-se: Justino, Irineu e Clemente.

Levando em consideração os escritos cardenaliano, precisamos, nesse esboço da história da mística, atermo-nos um pouco mais demoradamente não aos três anteriormente citados, mas a um pensador primitivo chamado Orígenes. Sua produção literária é vastíssima –

---

<sup>167</sup> Essa discussão, segundo McGinn, foi inicialmente vista nos diálogos de Justino. Esse parece ter se oposto ao gnosticismo e se converteu ao Cristianismo por acreditar estar errada a ideia defendida pelos platonistas acerca da “inata divindade da alma”.

aproximadamente seis mil volumes –, mas temos conhecimento de apenas cerca de dois mil tomos. Ele, segundo McGinn (2012), foi “exegeta, teólogo e místico”.

Para esse estudioso,

A humanidade caída não poderia mais encontrar a verdade através da contemplação do céu ou pelo estudo dos humanos na sociedade. [...], a verdade sobre o eu não pode ser conhecida a partir do primeiro “mundo inteligível”, mas só é acessível através de um novo objeto noético: o mundo inteligível das Escrituras reveladas” (MCGINN, 2012, p. 171).

Orígenes, em seus escritos, traz alguns ensinamentos interessantes. Traremos, a partir da obra de McGinn, para nosso texto, alguns deles. O primeiro a ser ressaltado é o fato de que devemos ir além da interpretação literal dos textos das Escrituras. “Para descobrir o que o *logos* está ensinando em qualquer passagem, é necessário fazer uso de uma vasta variedade de ferramentas alegóricas e tipológicas” (MCGINN, 2012, p. 172).

As homilias dos Evangelhos de Solentiname são um bom exemplo de que Cardenal absorveu a lição de Orígenes, pois, nesses momentos, conforme já foi dito anteriormente, o padre em questão dividia a palavra com todos, interpretando as Escrituras não de forma literal, mas ampliando a significação dos ensinamentos nelas contidos, ao adaptá-los à realidade daquela comunidade.

Uma outra ideia defendida por Orígenes é a de que Deus primeiro criou um universo inteligível, perfeito: “A criação espiritual original era composta de ‘intelectos (noi), todos criados iguais, segundo um padrão da única imagem verdadeira, o *logos*” (MCGINN, 2012, p. 174). Depois dessa criação, a qual foi reunida em corpos físicos, houve a queda, e essa originou o mundo em que estamos. Essa queda foi propiciada pela liberdade que tiveram os seres criados. Esse estudioso embasa-se no “Gênesis” bíblico para dizer da queda, mas não explica bem a razão de ela ter ocorrido. Para ele, “os intelectos caídos constituem o cerne da pessoa humana” (MCGINN, 2012, p. 174). Essa, por sua vez, é vista em três níveis: “de pneuma, ou espírito, de psyche (alma), de soma (corpo)” (MCGINN, 2012, p. 175).

Orígenes faz uma distinção interessante entre anjos e homens. Segundo ele, “os anjos são intelectos que permanecem dentro da ‘distância impressionante’ da harmonia original. Os humanos são intelectos que caíram mais e foi-lhes concedida uma segunda criação material, como arena – ou melhor, escola – para elaborar seus destinos” (MCGINN, 2012, p. 175). Assim, o corpo nos foi dado como um “presente”, para que possamos ter uma chance de nos aperfeiçoarmos e, como fomos criados à imagem e semelhança, trazemos em nós o “intelecto”

que participa do “logos” e “permanece capaz de retomar seu estado original de semelhança contemplativa com Deus”. Basta que estejamos dispostos a aprender o caminho, que, segundo ele, passa pela “mediação do intelecto não caído do Cristo preexistente” (MCGINN, 2012, p. 176).

Orígenes acredita que, se tudo surge da “bondade amorosa do Criador” ((MCGINN, 2012, p. 177), tudo tem a oportunidade de a ele retornar. Pensando assim, Cardenal tem razão ao mencionar, em **Vida no Amor**, que “nossa essência é ser imagem de Deus” (CARDENAL, 1979, p. 39) e

o rosto de Deus é o Filho do Homem, o que ficou impresso no véu da Verônica. E é um rosto que aparece mais opacamente também em toda a criação. [...]. [Assim], somos apenas espelhos de Deus, criados para devolver a Deus. A água pode estar ainda turva, mas, mesmo assim, pode refletir o céu” (CARDENAL, 1979, p. 27).

Para Orígenes, “a experiência mística é realizada no ato de traduzir a linguagem da Bíblia em níveis mais profundo e incomunicáveis na linguagem da alma” (MCGINN, 2012, p. 178). Ele menciona, em suas discussões, as três vias que propiciam a ascensão: a purgativa – “Provérbios ensina o que os gregos chamam de ciência moral, o modo apropriado de vida virtuosa que corresponde à vida do patriarca Abraão” (MCGINN, 2012, p. 179) –; a via iluminativa – “o Eclesiastes apresenta a ciência natural, ou seja, o conhecimento iluminado da natureza das coisas e de como elas devem ser usadas como Deus tencionou” (MCGINN, 2012, p. 179) – e a unitiva, a qual tem, como modelo, o **Cântico dos Cânticos**, e nos faz querer as coisas do alto e, usando a metáfora do “noivo e da noiva, faz-nos ver que atingimos o sagrado pela via do “amor e da caridade” (MCGINN, 2012). Para esse teólogo místico, a via unitiva corresponde ao “conhecimento de mystica, ou seja, ‘mística’” (MCGINN, 2012, p. 179).

O caminho para a ascensão é longo e envolve muitos estágios. Para se ter uma ideia do quão numerosos esses são, só se menciona o “êxtase no estágio 23” (MCGINN, 2012, p. 180) e esse, para Orígenes, é “como uma contemplação de espanto [...] quando a mente é tomada de espanto pelo conhecimento das coisas grandes e maravilhosas” (Homilia sobre os números 27. 12. Apud MCGINN, 2012, p. 180). Assim, nesse êxtase não há “arrebamento de sentidos” (MCGINN, 2012, p. 180).

Para esse estudioso alexandrino, o livro da Escritura que “revela o cerne de sua mensagem sobre amor do Cristo descendente pela alma caída” (MCGINN, 2012, p. 181) é o **Cântico dos Cânticos**, e temos acesso a esse conteúdo pela interpretação da linguagem erótica

nele contida, a qual trabalha com metáforas do corpo. É com esse corpo, e com as linguagens concernentes a ele, que acessamos e tentamos dizer do Sagrado.

Orígenes trabalha com a hipótese de que o Deus Cristão é o Eros grego. Caso acreditemos, como esse filósofo, que eros “tem sua fonte acima e foi implantado em nós pelo Deus-Eros (nós poderíamos chamá-lo de Eros I), a força-motivo movendo a ascensão da alma deve ser a transformação do eros tornado impróprio em nós (eros ii) de volta ao lugar de origem transcendental” (MCGINN, 2012, p. 183). E só pelo desapego do mundo material o eros ii pode ascender. Isso nos recorda Cardenal, quando menciona, em **Vida Perdida**, que, após a experiência místico-erótica que vivera, estava “fechado” para todas as coisas exteriores e “desapegado de todos os apetites, liberado de todo desejo e vazio, cheio de Deus” (CARDENAL, 2003 a, p. 79. Tradução nossa).

Para Orígenes, “amar é conhecer”. E pela união mística, proporcionada quando nos esvaziamos das coisas do mundo e nos voltamos ao Deus-amor, conhecemo-Lo. Isso nos recorda célebres versos de Camões que, em nosso entendimento, bem resumem essa ideia do filósofo em questão. Eis um trecho desse poema:

Transforma-se o amador na cousa amada  
Em virtude do muito imaginar  
Não tenho, logo, mais que desejar,  
Pois em mim tenho a parte desejada.

Se nela está minha alma transformada,  
Que mais deseja o corpo alcançar?  
Em si somente pode descansar,  
Pois consigo tal alma está ligada.  
(CAMÕES, 1972, p. 109)

É notável o platonismo presente nesse texto, mas o que desejamos ressaltar é o fato de, no encontro amoroso, deixa de existir o limite eu-outro. E, como não há mais o que separa os “amantes”, tem-se a sensação de saciedade, de completude, o que leva a uma quietude, uma sensação de “descanso” e também de um “atamento”, uma profunda união com o outro. É o conhecimento do outro pela união amorosa de que fala Orígenes. Mais uma vez isso nos lembra Cardenal após a sua experiência unitiva com Deus: “Eu morri naquele 02 de junho (CARDENAL, 2003 a, p. 90. Tradução nossa) e

meditar em Deus ou ter a mente vazia ou estar distraído não tinha importância: o importante era saber que se o tinha dentro de si, e que você podia se reconhecer como ele sempre queria, não simplesmente no plano racional ou da consciência, mas no mais profundo do seu ser, independentemente do que a mente se dê conta ou não (CARDENAL, 2003 a, p. 124. Tradução nossa).

Esse homem transformado pelo “fogo abrasador” de Deus é capaz de “[amar] a teu próximo como a ti mesmo” (Lc 10, 27) e de “aprender os diferentes graus da caridade, isto é, amar os objetos adequados de modo certo [pois isso] significa amar a Deus sem medida” (MCGINN, 2012, p. 191). Assim, ele é capaz de “ordenar todas as afeições humanas de acordo com a verdade das Escrituras” (MCGINN, 2012, p. 191).

É preciso mencionarmos que o filósofo alexandrino foi o primeiro a considerar a caridade como algo importante nos estudos teológicos, além de relacionar ação e contemplação, aspectos muito utilizados por místicos posteriores, inclusive por Cardenal.

Além disso, ainda nos mostra a importância da prece e do martírio na busca do homem por salvação. Vê o mártir “como aquele que leva à perfeição o desejo da alma de se separar do corpo terreno e das coisas materiais” (MCGINN, 2012, p. 193).

Diferentemente dos plantonistas e dos gnósticos, não vê a alma como sendo de origem divina. Acredita na “graça de Cristo [como] necessária para fortalecer as vontades enfraquecidas das almas caídas” (MCGINN, 2012, p. 192) e levar o humano a ascender.

Após essa abordagem sobre Orígenes, passaremos ao monaquismo do Século IV, uma vez que esse foi fundamental para a consolidação da mística cristã ocidental. Segundo nos informa McGinn, “o monaquismo praticamente sozinho forneceu o contexto dentro do qual alguns cristãos deveriam cultivar o conhecimento da Escritura e a vida de penitência e prece que preparavam o crente para formas mais especiais de contato imediato com Deus nesta vida” (MCGINN, 2012, p. 200). Era visto como modelo de perfeição, seus membros eram “os virtuosos religiosos [...] combinavam o autodomínio ascético e o conhecimento necessário para chegar a Deus (MCGINN, 2012, p. 200).

No que concerne às origens monásticas, podemos dizer que estão vinculadas à história da religião de Cristo. São pilares do monaquismo a realização de práticas que visavam ao desenvolvimento espiritual e a uma vida na qual a prática sexual não era permitida. Foram radicais e “voltaram as costas à sociedade para alcançar a perfeição através do embate solitário contra o demônio e o encontro com Deus” (MCGINN, 2012, p. 202).

Segundo Thomas Merton nos afirma em **Águas de Silóé**,

Um monge é um homem que abandonou tudo a fim de possuir tudo. O monge descobriu a chave da existência em coisas sem romantismo e sem drama, trabalho, fome, pobreza, solidão, vida comum. É o silêncio de Cristo em Nazaré, no qual Deus é louvado sem pompa, entre cavacos de madeira. A obrigação do monge é esvaziar-se de tudo quanto é egoísmo e turbulência e abrir caminho para o inapreendido Espírito de Deus. Este é o seu ministério

e toda a sua vida; ser absolvido em Deus, sem plenamente dar-se conta do que está acontecendo. (MERTON, s/d, p. 37).

Cardenal, enquanto viveu em Gethsemani, mosteiro trapista norte-americano, teve acesso a essa experiência. Mostra-nos isso em trechos de **Vida Perdida**. Eis alguns: “Atrás desse jardim [na entrada da Trapa], havia outro portão com um letreiro que dizia: GOD ALONE (CARDENAL, 2003 a, p. 14. Tradução nossa);

Merton me disse que devia estar preparado para lutar, porque teria que sofrer, e porque o que mais me faria sofrer seria o silêncio e a vida continuamente em comunidade. [...] [Na Trapa], dormia-se em um dormitório comum, e a única privacidade no dia era um pequeno espaço para cada um na sala comum [...]. Gethsemani significava uma relação de nossas vidas com a agonia do Horto das Oliveiras. (CARDENAL, 2003 a, p. 16- 17. Tradução nossa);

O dia era uma combinação de leitura, trabalho, estudo e oração, alternados de modo que se passava de um para outro antes que alguém se cansasse [...]. Não tinham jornais, nem rádio, nem televisão ou cinema. Raríssimas vezes sabiam notícias do mundo exterior. E isso os mantinha em grande paz (CARDENAL, 2003 a, p. 110. Tradução nossa).

Muitos nomes aparecem ligados aos primórdios do monaquismo. Dentre eles, citamos Antão, considerado o “pai dos monges”. O que mais chamou nossa atenção a respeito dele foi o fato de ter alcançado “domínio sobre si mesmo, sobre o mundo, e especialmente sobre os demônios, cujos poderes eram tão aterrorizantes para as mentes da Antiguidade tardia” (MCGINN, 2012, p. 204). Além disso, optou por uma vida eremítica. Cabe ressaltarmos que os primeiros monges, dentre eles esse sobre o qual estamos falando, optavam por uma vida pautada em “recolhimento – purgação – transformação” (MCGINN, 2012, p. 206).

A “fuga do mundo” em prol de uma vida dedicada ao silêncio e à solidão era a forma encontrada para dominar “os espíritos do mal [presentes na alma] – demônios da luxúria, da gula, da posse e similares” (MCGINN, 2012, p. 206). Esse domínio do mal era obtido “através da paciente penitência na cela” (MCGINN, 2012, p. 206).

Cardenal, em suas jornadas em Gethsemani, conheceu essa vida pautada por solidão e silêncio. Já dissemos isso anteriormente em nosso trabalho, mas acreditamos ser importante recordar:

Havia o grande silêncio da noite que ia das sete da manhã. [...] uma espécie de super silêncio, um período de mais silêncio dentro do silêncio. Nesse período, não se podia escrever uma carta, fazer trabalho algum, nem falar com o superior a não ser por algo absolutamente imprescindível, nem as senhas

(linguagem das mãos) podiam ser usadas, salvo em caso de emergência. (CARDENAL, 2003 a, p. 107. Tradução nossa).

A disciplina e autocontrole desses religiosos eram “um meio para a meta da transformação” (MCGINN, 2012, p. 207) a qual, no caso de Antão, levaria “o asceta tornar-se um *epigeios theus*, um ‘deus sobre a terra’” (MCGINN, 2012, p. 207).

Cabe, nesse ponto desse histórico do monaquismo cristão, dizer que havia inicialmente duas formas de monaquismo: “a forma livre de ascetismo conectada às vilas cristãs (MCGINN, 2012, p. 207) e o estilo de “vida dos eremitas solitários ou anacoretas do deserto” (MCGINN, 2012, p. 207). Uma terceira forma surgiu posteriormente: “as sociedades organizadas (Coenobia)” (MCGINN, 2012, p. 207). Essas deram origem ao “cenobitismo” (MCGINN, 2012, p. 207).

Quanto à narrativa da maneira como viviam os monaquistas – a qual é tida como “no mínimo implicitamente mística (MCGINN, 2012, p. 207) – levou ao surgimento de “novos tipos de literatura religiosa”. A esse respeito, destacamos três nomes ligados ao monaquismo, os quais são tidos como grandes escritores místicos: Gregório de Nissa, Macário e Evagrius Ponticus. Porém, no presente trabalho não teceremos comentários acerca da contribuição deles para a mística. Centrar-nos-emos em Dionísio, o Aeropagita, uma vez que a influência desse sírio foi considerável para a mística ocidental e cardenaliana.

Segundo nos ensina McGinn, orientado por Boaventura, “o sentido espiritual da Escritura contém três tipos de ensinamento: o doutrinal, o moral e o místico (ou seja, relativo à união de Deus com a alma)” (MCGINN, 2012, p. 235). Temos acesso ao primeiro, por intermédio de Gregório; ao segundo, por Agostinho, e ao terceiro por Dionísio. Como o foco de nosso trabalho está relacionado à mística, isso justifica a maior atenção destinada a esse último.

McGinn diz-nos o seguinte a respeito do cerne da preocupação teológica de Dionísio:

O centro teológico da preocupação por parte de Dionísio é a exploração de como Deus, que é totalmente incognoscível, se manifesta na criação, de modo que todas as coisas possam alcançar a união na qual o Eros divino (Eros I) se refrata em uma multiplicidade de teofanias do universo, que, por sua vez, eroticamente lutam para ir além de sua multiplicidade e possam voltar à unidade simples (MCGINN, 2012, p. 240).

O Aeropagita acreditava que nós só temos acesso ao Uno através “do Deus manifesto na criação” (MCGINN, 2012, p. 243). Assim, “os poderes de purificação, iluminação e

perfeição, que tornam possível o retorno a Deus, estão presentes nas hierarquias do universo criado apenas porque eles são partícipes da Tearquia” (MCGINN, 2012, p. 244)<sup>168</sup>.

Dionísio trabalha também um conceito bastante interessante de hierarquia (“hierarchia”). Segundo ele, dentre as hierarquias, destaca-se a eclesiástica. Essa “é o reino humano no qual a interpretação em si dos rituais sacramentais realizada pelos liturgistas permite às várias classes de crentes serem divinizadas” (MCGINN, 2012, p. 245). O objetivo dessa hierarquia é elevar o homem a Deus<sup>169</sup>. Nessa, tem função marcante três ordens: a dos diáconos, a dos sacerdotes e a dos bispos.

De acordo com o Aeropagita (apud MCGINN), o elemento propulsor de toda hierarquia - a qual

é o universo” – é erótico. Dessa forma, “todas as coisas devem desejar, devem anelar por, devem amar o Belo e o Bem. Por isso e pelo amor disso, o subordinado é retornado ao superior, o semelhante faz companhia ao semelhante, o superior volta-se providencialmente para o subordinado (DN 4. 10. Apud MCGINN, 2012, p. 247)

Cardenal coloca o erotismo como a “mola-mestra do universo”. O livro **Cântico Cósmico** mostra, em muitos de seus poemas, o amor erótico como elemento unificador, criador e sustentador do cosmos. Os fragmentos a seguir justificam essa colocação:

[...]  
De las bodas del hidrógeno y el oxígeno nació el mar  
y del mar nació la vida.<sup>170</sup> (CARDENAL, 2012, p. 85. Grifos nossos)

e

Podemos decir: la vida es inherente a la materia.  
y también el amor.  
[...]  
La multiplicacion de la vida por división  
Y de pronto al revés: la unión. No sabemos  
Cuando ni como, en qué microscópico, casi invisible  
paraiso  
Se unieron dos células cualquiera

<sup>168</sup> Segundo McGinn, tearquia é o termo utilizado por Dionísio para se referir “ao Deus trino, que se comunica com a criação”.

<sup>169</sup> Dionísio fala ainda da hierarquia legal e da celeste. Essa última, assim como a eclesiástica, está disposta em três grupos, mas agora não de pessoas, partícipes da Igreja, mas de anjos. (MCGINN, 2012).

<sup>170</sup> Das bodas do hidrogênio com o oxigênio nasceu o mar/ e do mar nasceu a vida (CARDENAL, 1996, p. 85).



Entre miles de millones de otras.  
 La revolución más grande ocurrida en la tierra.  
 Hace tres mil quinientos millones de años  
 Ya había células que habían conocido la sexualidade.  
 Con la sexualidade y la muerte la vida en serie  
 Dio lugar a la diversidad de la vida.  
 Todos distintos unos de outros.<sup>171</sup>  
 (CARDENAL, 2012, p. 105)

Não podemos deixar de mencionar a definição que Dionísio apresenta para Deus. Segundo ele, Deus é Eros; assim, “O Eros Divino é o Bem do Bem pelo amor do Bem” (MCGINN, 2012, p. 248). Esse Eros, para ele, pode ser alternado pelo termo ágape, uma vez que “significam a mesma realidade divina” (MCGINN, 2012, p. 248). Acrescenta ainda que o “Eros real’ (*to ontos eros ou alethes eros*) não é encontrado na atração física, que é mera imagem, mas na “simplicidade do Eros Divino<sup>172</sup>” (MCGINN, 2012, p. 248).

O “experimental” Deus proposto pela mística é assim explicado em Dionísio,

Deve ser dito que a causa mesma do universo na bela e boa superabundância de seu anelo benigno por tudo é carregada para fora de si no amor cuidadoso que ele tem por tudo. Ele e, digamos assim, logrado pela bondade, pelo amor (ágape) e pelo anelo (eros) intenso e é seduzido para fora de sua habilitação e vem residir dentro de todas as coisas, e ele o faz por virtude de sua capacidade supernatural e extática de permanece, não obstante, dentro de si (DN 4,13[712AB; p. 82]. Apud MCGINN, 2012, p. 248).

Assim, Deus é Amor - ágape e Eros – e tem “a habilidade de permanecer absolutamente dentro de si, totalmente transcendente a todas as coisas. Ele se ama em todas as coisas a partir do mesmo fundo e pela mesma razão que ele ama a si mesmo à parte de todas as coisas” (MCGINN, 2012, p. 248). Ele é, ao mesmo tempo, “proximidade e distância” e “é tanto o objeto de anelo de todas as coisas para retornar a ele quanto esse mesmo anelo em si de que participam todos os níveis de hierarquia individuais” (MCGINN, 2012, p. 249). Nos termos usados por Cardenal, “¡Amor Esencial/ que estás en el corazón del universo!/ Atracción que has creado

<sup>171</sup> [...] Podemos dizer: a vida é inerente à matéria./ E também o amor./ A multiplicação da vida por divisão/ e de repente ao contrário: a união. Não sabemos/ quando nem como, em que microscópio, quase invisível/ paraíso/ se uniram duas células quaisquer/ entre bilhões de outras./ A maior evolução que já ocorreu na terra./ Todos diferentes uns dos outros.(CARDENAL, 1996, p. 105)

<sup>172</sup> Segundo Dionísio nos afirma através do livro *The Divine Names*, “no univireso hierárquico, eros é qualquer ‘capacidade de efetuar a unidade, uma aliança e uma amálgama específica do Belo e do Bem” (DN 4.12 (709D). Apud MCGINN, 2012, p. 248).

todas las cosas./ Y razón de la rotación centrífuga de las galaxias (CARDENAL, 2012, p. 383)<sup>173</sup>.

O Aeropagita é reconhecido por ter cunhado a expressão “teologia mística”, que significa “o conhecimento (ou melhor, ‘superconhecimento’) que lida com o mistério de Deus em si” (MCGINN, 2012, p. 254).

No livro **Dos nomes divinos**, esse estudioso alexandrino define teologia mística como sendo “um conhecimento diviníssimo de Deus, que [se] conhece por meio da ignorância, segundo a união que está acima” (DIONÍSIO, 2004, p. 146), ou seja, a mística é “a vivência das coisas de Deus” e não é algo aprendido pela razão (MCGINN, 2012). Essa colocação remete ao sentido que a mística adquire em Cardenal, de “desfrutar” do Sagrado: “Yo tuve una cosa con él y no es un concepto” (CARDENAL, 2012, p. 385)<sup>174</sup>.

Segundo Dionísio, “todas as coisas revelam e escondem Deus [...] cada manifestação criada de Deus é tanto uma similaridade a ser afirmada, quanto uma dessemelhança a ser negada” (MCGINN, 2012, p. 257). Esse conhecimento de que as coisas podem dizer de Deus ou negá-Lo, impulsiona o místico a ir além das formas do mundo sensível, para, após entender a negação dessas, alcançar a “Forma das formas”. Isso nos faz entender o desejo de Cardenal por “aquela beleza ‘que teria a dentadura perfeita’” (CARDENAL, 2003 a, p. 59. Tradução nossa), pois “É o único amor que não envelhece e o único amante que não é infiel nem morre (CARDENAL, 1979, p. 76). Além disso, segundo ele nos diz, “não teria encontrado nunca no coito uma vida unitiva com Deus” (CARDENAL, 2003 a, p. 65. Tradução nossa).

A respeito do êxtase, experiência que leva o místico a degustar Deus com Deus, Dionísio diz que ele (êxtase) “realiza essa ruptura radical através do poder do amor, o eros divino (theios eros) implantado no mundo através do êxtase de Deus” (MCGINN, 2012, p. 264).

Cabem três observações a respeito do que acabamos de expor: em primeiro lugar, vemos o êxtase também como a via que leva o humano ascender à divinização; em segundo lugar, Dionísio reafirma que o primeiro êxtase foi divino, talvez tenha sido esse o responsável pela criação e, em terceiro, o êxtase divino é uma graça concedida ao homem (MCGINN, 2012).

Cardenal insiste, em muitos de seus poemas no fato de que a Criação é resultante do êxtase divino. Vejamos:

---

<sup>173</sup> Amor Essencial/ que estás no coração do universo!/ Atração que criaste todas as coisas/ E a razão da rotação centrífuga das galáxias (CARDENAL, 1996, p. 383).

<sup>174</sup> “Eu tive uma coisa com ele e não é um conceito” (CARDENAL, 1996, p. 385).

[...]  
 Él es en el que toda cosa es.  
     Y en el que toda cosa goza.  
     Toda cosa coito.  
     Todo el cosmos cópula.  
 Todas las cosas aman, y él es el amor con que aman<sup>175</sup>.  
 (CARDENAL, 2012, p. 21)

e

[..]  
 Este retroceso de las galaxias  
 Más y más hacia el rojo en el espectro,  
 Mayor y mayor longitud de onda  
     (tren que se aleja)  
 sugiere una explosión primordial,  
 Indica  
 una unión primordial, y una  
 explosión común<sup>176</sup>.  
 (CARDENAL, 2012, p. 31)

Fomos ligando, nessas duas primeiras partes desse tópico, alguns conceitos com o desenvolvimento desses na obra de Cardenal. Apesar de não termos tratado ainda da mística latina, fizemos questão de mostrar traços dessas visões acerca da mística na obra do místico latino e moderno que estamos estudando para mostrar que a base da mística ocidental está nesses autores e para apresentar também a continuidade de muitos desses traços nos nossos dias. Passaremos, a partir desse ponto, a uma brevíssima abordagem da mística cristã latina e, ao mesmo tempo, aproveitaremos para mostrar as visões da mística nos tempos atuais.

### 5.1.3 Flashes da mística cristã latina e as vias da mística nos dias atuais

Tendo em vista o fato de termos referenciado alguns místicos latinos no capítulo 3, como Teresa de Ávila e João da Cruz, e assim, já mostrarmos um pouco de como se desenvolveu e se apresenta a mística cristã latina depois dos seus primórdios, apresentaremos apenas breves lampejos dessa mística.

<sup>175</sup> Ele é no que toda coisa é/ E no que toda coisa goza./ Toda coisa coito./ Todo o cosmo copula/ Todas as cosas amam, e ele é o amor com que amam (CARDENAL, 1996, p. 21).

<sup>176</sup> Este retrocesso das galáxias/ no espectro mais e mais para o vermelho,/ maior e maior longitude de onda/ (tren que se afasta)/ sugere uma explosão primordial,/ indica/ uma união primordial, e uma/ explosão comum (CARDENAL, 1996, p. 31).

Começaremos nossa exposição relembrando ser McGinn nosso aporte teórico e relatando que os primeiros escritores latinos os quais se dedicaram a falar sobre a mística surgem nos séculos IV e V d. C. Cabe recordarmos que a obra de Agostinho de Hipona, sobre a qual já nos debruçamos no capítulo anterior, é considerada um dos pilares da mística cristã latina.

Inicialmente essa mística emergente ainda se encontrava presa aos princípios gregos, fato natural e compreensível se a pensarmos em estágio embrionário e, conseqüentemente, fortemente ligada à mãe grega. Além disso, como bem nos disse Mário de Andrade, poeta da primeira geração modernista no Brasil, é muito difícil nos desprendermos das teorias-avó que bebemos. Com o tempo, essa vai ganhando novas características, apesar de manter traços da “mãe”. Mas “a força que realmente transformou o Cristianismo Ocidental foi o monaquismo [...]. Desde o início, porém, o monaquismo ocidental não foi apenas uma cópia exata do que se encontrava no Oriente” (MCGINN, 2012, p. 281-282). Há, nessa forma de monaquismo, “tendência rumo ao espaço urbano e frequentemente clerical, e sua conexão íntima com o patrocínio aristocrático e episcopal” (MCGINN, 2012, p. 282).

Além do monaquismo, houve dois outros movimentos coexistindo nesse período: o ideal de virgindade e o neoplatonismo cristão. No que concerne ao ideal de virgindade, o padrão era: “uma valorização da virgindade, o elogio das virgens encontradas na Igreja, mas uma aceitação prática do casamento para os bons cristãos, tanto entre clérigos quanto entre leigos” (MCGINN, 2012, p. 291).

Essa aceitação da união por parte dos clérigos foi relativizada com o tempo. Além disso, os cristãos latinos chegaram ao radicalismo de achar ser essa condição mais significativa que o casamento. A virgindade ainda é valorizada nos dias atuais no mundo cristão. O movimento recente “Escolhi esperar”, que defende a prática sexual só após o casamento, tem raízes nessa concepção medieval.

Cardenal, em **Vida Perdida**, numa clara menção ao Evangelho e a essa concepção, relata ter se feito “eunuco por amor ao Reino”, referindo-se ao fato de ter se tornado celibatário após o êxtase místico vivido.

Quanto ao outro movimento que viveu junto com o monaquismo, o neoplatonismo, “tinha elementos tanto pagãos quanto cristãos (MCGINN, 2012, p. 286) e tinha como protagonista Marius Victorinus. Esse pensador “veio a incorporar dois princípios-chave do neoplatonismo na teologia cristã: a identificação do Um à existência pura (*esse*) e o uso da tríade Ser-Vida-Inteligência (*esse-vivere-inteligere*) como ferramenta para se compreender a Trindade Consustancial” (MCGINN, 2012, p.287).

Quanto aos nomes que se destacaram na mística latina primitiva cristã, destacamos: Agostinho, Hilário de Poitiers, Vitorino, Ambrósio de Milão, Jerônimo e João Cassiano. Dentre esses, ater-nos-emos a Ambrósio de Milão, uma vez que teve função relevante em três áreas.

A primeira está em sua cristianização de elementos importantes no pensamento platônico e neoplatônico, especialmente o tema do descenso e da ascensão da alma. A segunda está no fato de ele ter colocado a interpretação do Cântico dos Cânticos no centro de uma mística eclesial (ou seja, do tipo realizado apenas na Igreja e através de seus sacramentos). O terceiro elemento está no fato de ele ter juntado essa mística a uma nova ênfase da virgindade. (MCGINN, 2012, p. 293-294).

Além disso, alguns dos documentos por ele produzidos tinham importantes elementos místicos; dentre eles, “a primeira grande obra-prima da mística ocidental” (MCGINN, 2012, p. 294): “Sobre Isaac ou a alma”. Nesse tratado, Ambrósio estabelece uma estreita ligação com **Eneadas**, de Plotino (MCGINN, 2012, p. 294).

Alguns autores desse período, como Ambrósio e Cassiano, descrevem “contemplação ou visão de Deus” como sendo uma união da alma com Deus”. Essa visão está presente na mística atual e na obra de Cardenal. O poema “Esquirin”, já trazido à luz nessa tese, é um bom exemplo dessa busca de união entre alma e Deus.

A partir de 1200, percebemos algumas mudanças significativas na história da mística cristã. Um fator que proporcionou isso foi o movimento de reurbanização e da economia capitalista que começava a se tornar uma realidade (MCGINN, 2018, p. 17). Além disso, a educação em língua vernácula começou a se expandir e “o final do século XI e o século XII assistiram ao surgimento da escolástica, o novo modo cientificamente organizado e academicamente profissional de buscar a compreensão da fé (*intellectus fidei*)” (MCGINN, 2018, p. 17). Tudo isso ajudou a compor um novo capítulo nessa história.

Com o aumento do número de leitores, notadamente no século XIII, houve também um considerável aumento no número de pessoas – homens e mulheres – que se interessavam pela vida dos apóstolos: “nenhum ideal era mais central para a espiritualidade da Idade Média tardia do que o da *vita apostolica*, ou seja, a vida que levaram Cristo e seus apóstolos” (MCGINN, 2018, p. 20). Nesse novo ideal, seus seguidores buscavam “a penitência, a pobreza e a pregação” (MCGINN, 2018, p. 22). Motivados por essa busca, cristãos criaram novas ordens, as chamadas “ordens religiosas mendicantes”. São exemplos dessas as ordens dominicanas e as franciscanas (MCGINN, 2018, p. 27). Essas oxigenaram alguns preceitos Cristãos, como a penitência e a

Eucaristia e o novo modo de enxergar esses sacramentos levou ao “crescimento de muitas vocações” (MCGINN, 2018, p. 29).

É nesse contexto que a chamada “nova mística” se desenvolve. A mística cristã anterior ao século XII foi desenvolvida por “uma elite religiosa que fugiu do mundo para encontrar no claustro um modelo da Jerusalém Celeste aqui na terra” (MCGINN, 2018, p. 30), a partir do século XII, essa história começa a se modificar. A “nova mística” era pautada em “um processo de democratização e secularização” (MCGINN, 2018, p. 31). O historiador que tem nos auxiliado nessa construção teórica expõe, a respeito desses processos, o seguinte:

Por democratização entendo uma convicção de que era praticamente possível, e não apenas teoricamente, para todos os cristãos, não só os *religiosi*, gozar da imediata consciência da presença de Deus. Por secularização entendo que a fuga do mundo não era considerada uma pré-condição necessária para atingir essa graça divina: Deus podia ser encontrado no âmbito secular e no meio da experiência de cada dia (MCGINN, 2018, p. 31).

É o que Cardenal, após aprender com Merton, defende em sua obra e em sua vida: o encontro amoroso com Deus acontece em nossas atividades diárias: em nosso trabalho, em nossos estudos, nas revoluções, nas pregações do Evangelho. Não precisamos sair do mundo para acessar Deus. Afinal, “a santidade de Deus se manifesta em tudo, inclusive através das pupilas puras do porco” (CARDENAL, 1979, p. 86) e “desde o microcosmos ao macrocosmos, toda a criação nos revela a infinitude de Deus” (CARDENAL, 1979, p. 94).

Não podemos deixar de considerar a importância dessa “saída para dentro do mundo”, pois ela levou, com o tempo, a uma preocupação com os menos favorecidos e hoje suscita um cuidado com nossa casa – o planeta – e com todos os seres que nela habitam. É a chamada mística cósmica, muito trabalhada por Cardenal em seus textos. Sobre essa falaremos mais adiante.

Muitos místicos, como Eckhart e Catarina de Sena, defenderam – cada um a seu modo – “uma visão intramundana” pautada no desapego. Em Eckhart, por exemplo, em um de seus sermões, encontramos a seguinte passagem que nos diz da importância do desapego: “Um mestre diz que todas as criaturas, que elas, segundo a sua justa natureza, amam mais a Deus do que a si mesmas. Se o espírito conhecesse seu puro ser desprendido, não mais poderia se inclinar para nenhuma coisa, tendo bem mais de persistir no seu puro ser desprendido” (ECKHART, 2009, p. 94).

A respeito do desapego, Cardenal diz-nos o seguinte:

O desapegar-se de tudo: como uma garrafa que não se pode levar se não se esvazia primeiro. E como um namorado não pode se unir a quem ama enquanto ela ama outro. A alma, ao deixar de amar os outros seres, automaticamente se une a Deus. A fórmula é simples. Mas funciona como matar-se (sem ter inclinação ao suicídio) (CARDENAL, 2003 a, p. 189).

É necessário frisarmos que nem todos os místicos da Idade Média tardia defendiam essas ideias. Muitos ainda acreditavam “na necessidade da retirada física para uma comunidade de elite para uma real experiência mística” (MCGINN, 2018, p. 31). Inúmeros monges, mesmo em nossos dias, ainda optam por essa retirada. Acreditamos que as duas vias devam ser respeitadas, uma vez que, dentro dos respectivos grupos, têm validade como possíveis formas de acesso ao Infinito.

Uma outra mudança que se processou na mística cristã latina desse período medieval diz respeito “ao gênero: é somente depois de 1200 que as mulheres começam a assumir um lugar proeminente na tradição mística[...]. ‘Tradição’ aqui [...] é o que é transmitido de modo público para se tornar acessível às gerações seguintes” (MCGINN, 2018, p. 33-34).

Com a inserção da mística feminina na história da mística cristã latina, surgiram algumas questões que devem ser trazidas a este trabalho. A primeira é a seguinte: será possível fazer uma diferenciação entre uma mística geral e uma feminina? Como resposta a esse questionamento, McGinn diz:

É difícil imaginar que poderia haver uma forma única de mística característica de todas as mulheres, e só de mulheres, [...]. Pode ser possível, é claro, discernir padrões de apresentação da consciência mística [...] que primeiro são associados com mulheres, ou cuja primeira aparição se deu nos escritos de mulheres místicas, e que permanecem mais consistentemente no caso de mulheres do que no de homens (MCGINN, 2018, p. 34-35).

Uma outra questão que deve ser salientada é que precisamos lembrar, ao abordar o tema das mulheres na mística medieval, a época em que elas viveram, porque, se nossa visão se pautar em concepções contemporâneas, podemos incorrer em equívocos (MCGINN, 2018, p. 36).

Uma terceira observação a ser considerada diz respeito “à perspectiva de gênero do documento investigado” (MCGINN, 2018, p. 36). Desse modo, precisamos compreender como o mundo medieval via as mulheres e como as mulheres se viam no mundo medieval. Por exemplo, o que hoje consideramos misoginia podia não ser lido assim naquele contexto (MCGINN, 2018, p. 36).

Pensando em tudo aquilo que foi exposto, precisamos concordar com McGinn quando esse historiador diz ser o “diálogo aberto” a melhor forma de trabalharmos “a relação entre homens e mulheres na mística medieval” (MCGINN, 2018, p. 37), se imaginarmos ser “virtualmente impossível para as mulheres criar novos modos de viver o Evangelho sem a cooperação e a aprovação dos homens” (MCGINN, 2018, p. 37).

Quanto à teologia medieval e seus itinerários, podemos, seguindo as orientações de McGinn, mencionar três: o monástico, o escolástico e o vernáculo. Todos esses tinham duas metas em comum: “aprofundar o conhecimento da fé (*intellectus fidei*) e inflamar a caridade (*experimentia caritatis*), para que o fiel pudesse chegar a uma compreensão mais elevada do amor (*intelligentia amores*)” (MCGINN, 2018, p. 40).

Tentaremos apresentar uma noção da teologia em vernáculo, porque é a grande “novidade” na Idade Média tardia. Nesse fazer teológico, encontramos, como forma de “expressão da consciência mística” (MCGINN, 2018, p. 42), as hagiografias, as *vitae* dos santos, os textos visionários e a poesia. Quanto à linguagem utilizada, como o latim estava sendo substituído pelas línguas vernáculas, essas propiciavam “notável potencial para uma inovação criativa” (MCGINN, 2018, p. 42).

No que diz respeito à autoridade para ensinar, havia um impasse: se as mulheres podiam ou não ter voz. Esse era gerado uma vez que existiam muitas mulheres teólogas, mas a sociedade, ainda muito pautada no “poder masculino”, não dava lugar às mulheres. Esse impasse foi superado, usando a argumentação de ser a graça o elemento que possibilitava dar voz ao feminino (MCGINN, 2018, p. 43).

Um outro elemento diferenciador presente na teologia em vernáculo diz respeito ao público: um número maior de pessoas acessava os textos, mas a linguagem que acessavam não era a erudita e, dessa forma, a divulgação era menor e esses eram compreendidos de forma mais limitada (MCGINN, 2018, p. 44).

O autor de **O florescimento da mística**: homens e mulheres da nova mística afirmam não acreditar que a mística tenha se afirmado nesse período, visto que

definir a mística ‘real’ primariamente como a mística ‘experencial’ e visionária encontrada nos textos em vernáculo da Idade Média tardia é empobrecer a riqueza da tradição mística ocidental e impedir, em vez de ajudar, na tarefa de tentar entender a própria mística nova (MCGINN, 2018, p. 47).



McGinn expõe ainda que “a mística real tem estado presente na Igreja desde uma época remota, embora expressa de vários modos e com maiores graus de explicitação no decurso dos séculos” (MCGINN, 2018, p. 49). Concordamos com esse teórico, pois percebemos, ao ler textos místicos, ou textos que tentam explicar a mística, elementos que se mantêm. Por essa razão, fizemos questão de trazer alguns desses elementos que se repetiam em vários momentos durante nosso histórico, ressaltando a presença deles na obra de Cardenal, apresentando, dessa forma, ainda que não de maneira sistemática e ainda parcial, a visão mística desse místico nicaraguense.

Mas qual é, segundo o historiador que embasa essas discussões, o cerne da mística cristã? Segundo ele,

O elemento místico no seio do cristianismo, como tenho afirmado em toda essa história, está centrado numa forma de encontro imediato com Deus cujo objetivo essencial é transmitir um conhecimento amoroso (mesmo negativo) que transforma a mente do místico e todo o modo de vida. Essa visão, creio eu, pode oferecer categorias suficientemente específicas e, no entanto, bastante flexíveis para incluir numa ampla tradição igualmente a mística monástica geralmente não visionária e não autobiográfica predominante até 1200 e os aspectos místicos da explosão visionária da Idade Média tardia. Assim, a mística é caracterizada primariamente por um senso de uma relação imediata com Deus e a transformação que esta efetua na consciência de quem recebe – não por visões ou audições [...]. Por isso, não é tanto o fato de que alguém alega experiência visionária, e sim o tipo de visão apresentada, o objetivo para o qual ela é dada e o efeito que ela tem em quem recebe que determinarão se uma visão particular pode ou não ser descrita como mística (MCGINN, 2018, p. 50).

Seria muito interessante estudarmos os autores responsáveis por essa nova visão de mística, como Francisco de Assis e as Beguinas; contudo, como nosso objetivo é somente apresentar um histórico da mística, pautado em suas características, preferimos nos ater apenas a alguns autores – os que nos primórdios discorreram sobre a busca de união com o sagrado – e, assim, apenas nos limitamos a apresentar uma definição acerca do entendimento sobre a mística surgido na Idade Média tardia.

Há místicos que surgiram no final desse período ou após esse momento, como Mestre Eckhart, Teresa de Ávila, João da Cruz, Inácio de Loyola, Simone Weil, Thomas Merton, Chardin e Cardenal. Alguns desses já foram abordados em capítulos anteriores. Outros não serão trazidos à luz nessa pesquisa, uma vez que essa tem como foco Ernesto Cardenal.

Entretanto, gostaríamos de deixar registrada a importância que tiveram para se delinear uma visão acerca do que vem a ser a mística cristã latina.

Para encerramos essa parte do capítulo, esboçaremos os “fundamentos teóricos do estudo moderno da mística”. Segundo McGinn, hoje trabalhamos “mística” a partir de três perspectivas: a filosófica, a teológica e a psicológica.

Muitas questões e autores podem ser citados ao apresentarmos uma abordagem teológica da mística. Gostaríamos de chamar a atenção para um estudo que tem ganhado corpo e que, a nosso ver, é urgente no mundo atual: o reconhecimento da experiência mística em universos não católicos, porque esse permite o diálogo inter-religioso, uma vez que reconhecemos ser Cristo o caminho para a salvação para os cristãos, mas há outras vias igualmente legítimas para se acessar o Transcendente, e povos das mais diversas crenças podem “desfrutar” da união com o Amado. Segundo nos afirma Faustino Teixeira,

As experiências dialogais, vividas em profundidade, podem suscitar uma perspectiva inédita de Cristianismo, ou seja, de uma “síntese inédita” entre os valores positivos do Cristianismo e das outras religiões. O Cristianismo mesmo pode ser transformado e transfigurado pela presença de perspectivas singulares oferecidas pelas outras religiões, que facultam a possibilidade de captação de virtualidades e potencialidades do Mistério que não foram explicitadas no âmbito do próprio Cristianismo histórico. (TEIXEIRA, 2012, p. 22)

Através dos olhos de McGinn, encontramos uma bela interpretação que Rahner faz da experiência mística: Experiência mística em sentido especial, quer tematizada quer não, é algo importante para a pessoa se tornar verdadeiramente humana e Cristã. (MCGINN, 2012). Rahner (apud MCGINN) também afirma que “há a mística da vida diária, a descoberta de Deus em todas as coisas, ou seja, a experiência não tematiza da transcendência na base de toda atividade” (MCGINN, 2012, p. 411).

Tendo em vista esses pensamentos, Cardenal estica mais a corda do diálogo e da mística e, confirmando as ideias de Rahner expostas anteriormente, relata, em **Vida Perdida**, o seguinte:

Pouco a pouco fui entendendo. Quando me falava da fundação me dizia que a vida contemplativa era algo muito simples, que não devia ter complicações. [...] tudo era um ensinamento espiritual[...]. Ao final, o resultado foi que [Merton] me ensinou a ser como ele, para quem a vida espiritual não estava separada de nenhum interesse humano. O que Merton me ensinou, e que não poderia aprender na mística clássica, é que minha vida era a única “vida

espiritual” que eu podia ter e nenhuma outra (CARDENAL, 2003 a, p. 146. Tradução nossa).

Esse ensinamento foi construído durante as direções espirituais de Merton, e o místico nicaraguense acreditava ser de origem zen, já que seu Mestre enquanto noviço estava estudando essa forma de acesso ao Sagrado. Isso nos mostra que o encontro amoroso com Deus está além de uma crença. Até porque pessoas não vinculadas a crenças religiosas também vivem experiências místicas.

Cardenal acredita também que há um diálogo mais urgente que se caracteriza pela conversa sincera entre humanos e todos os elementos que compõem os multiversos: minerais, animais e vegetais. Sobre essa crença, falaremos mais a frente nessa tese.

No século XX, surgiu o seguinte consenso sobre a mística (pelo menos a católica):

A mística não era uma forma especial mais elevada ou elitista de perfeição cristã, mas, ao contrário, uma parte da exigência da vida da fé em si, [...]. Mais recentemente, a teologia cristã alargou o escopo histórico de sua investigação da mística cristã e tentou, de várias maneiras, reformular as questões tradicionais concernentes à mística à luz da era pós-escolástica (MCGINN, 2012, p. 415-416).

No que concerne às abordagens da mística no campo da filosofia, cabe salientarmos que estudiosos atuais, notadamente os ingleses, dizem que “a necessidade de uma atenção mais cuidadosa quanto ao enraizamento contextual e à formação linguística de toda mística” (MCGINN, 2012, p. 464) deve ser uma questão que precisa ser priorizada quando se estuda mística. É claro que isso deve ser feito sem se abandonar a busca pela “essência da mística” (MCGINN, 2012, p. 464).

Quanto ao estudo da mística pensando em seu viés psicológico, McGinn nos afirma que Zachner, um estudioso do assunto, em um livro chamado **Mysticism Sacred and Profane**, disse haver três tipos distintos de mística:

a mística da natureza, que ele denomina de ‘pan-en-ismo [...], [o] vivenciar sua própria alma como sendo o Absoluto, e não vivenciar o mundo fenomênico de jeito nenhum. [...] Em terceiro, há o tipo normal de experiência mística cristã, na qual a alma sente que está unida a Deus através do amor. Embora a união seja a essência ou nota-chave dos três tipos de mística, há uma fronteira crucial entre a união com a Natureza, em parte e no todo, e as duas formas mais elevadas de união, a união do isolamento puro e a união amorosa com Deus, em que ambas excluem o mundo fenomênico. (MCGINN, 2012, p. 481-482).

Além disso, hoje tem se mostrado produtivo o trabalho com tradições específicas. Por exemplo, a tradição judaica e a mística sufi.

Outro ponto a se considerar, nos dias atuais, é que muitos estudiosos da área da psicologia têm estudado “o êxtase” e “os estados alterados” e outros têm se dedicado ao estudo de “técnicas meditativas”. Mas, como não é essa a tônica de nosso trabalho não discorreremos mais sobre isso.

No próximo tópico dessa tese, trabalharemos as singularidades de uma mística erótica, uma vez que a experiência unitiva vivida por Cardenal foi narrada tendo como fundamento o corpo e suas relações com o Radicalmente Outro.

## 5.2 DEUS ME PERSEGUIA E EU PERSEGUIA AS MULHERES: ENTRE DEUS E AS “MUCHACHAS EN FLOR”

Amantes são meninos estragados  
Pelo mimo de amar: e não percebem  
quanto se pulverizam no enlaçar-se,  
e como o que era mundo volve a nada.  
(DRUMMOND, 2014, p. 259)

Deus é o sexo perfeitoíssimo, o único verdadeiro sexo do qual são imagens todos os sexos da Terra. E quando disse que estarás saciado no coito eterno e jamais [terás] imaginado que o terás com Deus. (CARDENAL, 1996, p.232)

Imagens eróticas perpassam a produção escrita de Ernesto Cardenal a partir de seu livro **Vida no Amor**, de 1979, e percorrem várias outras de suas produções, sendo forte presença em algumas de suas obras, como **Telescopio en la noche oscura**, **Epigramas**, **Vida Perdida**, **Cántico Cósmico** e **Versos del Pluriverso**. A fim de iniciarmos nosso trabalho sobre o erotismo em Cardenal, começaremos apresentando algumas considerações acerca dessa dimensão do amor para mostrar, em seguida, como esse amor é visto e no que ele se transforma na obra desse autor.

### 5.2.1 Um amor sob o signo de Eros

Principiemos a escrever sobre erotismo não como uma definição, mas como o que Georges Bataille (2014, p. 35) chama de uma fórmula, segundo a qual “[erotismo] é a aprovação da vida até na morte” e a essa fórmula esse autor acrescenta que “os homens fizeram de sua atividade sexual uma atividade erótica, ou seja, uma busca psicológica independente do fim

natural dado na reprodução e no cuidado com os filhos” (BATAILLE, 2014, p. 35). Assim, ainda que “a atividade erótica seja antes de mais nada uma exuberância da vida, o objeto dessa busca psicológica [...] não é estranho à morte” (BATAILLE, 2014, p. 35). Em **Cântico Cósmico**, percebemos um diálogo com essas colocações de Bataille:

[...]  
 La multiplicacion sexual exige desaparición  
 El sexo es variedad, y variedad evolución.  
 El sexo es una de las dos invenciones de la evolución, y la otra  
 la muerte.  
 El sexo también el principal instrumento de la evolución  
 porque la selección natural es selección sexual. Y muerte.  
 [...]  
 Amar es ser eterno.  
 No dos separados sino una unión.<sup>177</sup>  
 (CARDENAL, 2012, p. 235, 236)

Não podemos confundir o erotismo do homem com a sexualidade vivida pelos animais. Isso porque o erotismo “coloca em questão a vida interior [...] dada no instante em que, quebrando a crisálida, ele [o homem] tem a consciência de dilacerar a si mesmo não a resistência oposta de fora [mas] a superação da consciência objetiva que as paredes da crisálida limitavam” (BATAILLE, 2014, p. 53). Quando rompemos a barreira e nos juntamos, recuperamos a unidade tanto almejada.

Dessa forma, apesar de sermos seres isolados, sonhamos com o encontro com o outro, com a volta a uma unidade que pressentimos já termos experimentado e que, por alguma razão, perdemos. Segundo Bataille, esse desejo determina em nós, humanos, três formas de erotismo: “o erotismo dos corpos, o erotismo dos corações e, enfim, o erotismo sagrado” (2014, p. 39).

Acreditamos não ser necessário tecermos muitos comentários acerca das duas primeiras formas de erotismo supracitadas. Assim, seremos breves. Quanto à primeira forma mencionada, basta lembrarmos que, segundo Bataille, “o erotismo dos corpos tem algo de pesado, de sinistro. Ele reserva a descontinuidade individual, e isso se dá sempre um pouco no sentido de um egoísmo cínico” (BATAILLE, 2014, p. 43).

---

<sup>177</sup> A multiplicação sexual exige desaparecimento. /O sexo é variedade, e variedade evolução. /O sexo é uma das duas invenções da evolução, a outra /a morte. /O sexo também o principal instrumento da evolução, /porque a seleção natural é seleção sexual. E morte. [...] Amar é ser eterno. /Não dois separados, mas uma união (CARDENAL, 1996, p. 236).

Cardenal experimentou diversos encontros de corpos; porém, não eram uma regra e, segundo ele, essas relações só ocorriam quando não as podia evitar. Apresentaremos, mais adiante, alguns desses encontros, a fim de mostrar o erotismo de corpos na vida e na obra de Cardenal.

Quanto ao erotismo dos corações, ainda auxiliados por Bataille, temos que

O erotismo dos corações é mais livre. Se separa em aparência da materialidade do erotismo dos corpos, procede dele, sendo muitas vezes apenas um aspecto seu estabilizado pela afeição recíproca dos amantes. Ele pode se desvincular inteiramente do erotismo dos corpos, mas então se trata de exceções (2014, p. 43).

Os vários enamoramentos vividos e contados literariamente por Cardenal, que serão apresentados nas próximas páginas, dar-nos-ão uma amostra dessas realizações em sua vida e em seu fazer literário.

Cabe mencionarmos, antes de tratarmos do erotismo sagrado, que o combustível dessas duas realizações de Eros é a paixão, que nada mais é que uma forma efêmera de romper a dualidade dos seres que se procuram. Assim, “o que designa a paixão é um halo de morte. Abaixo dessa violência [...] começa o domínio do hábito e do egoísmo a dois, o que quer dizer uma nova forma de descontinuidade” (BATAILLE, 2014, p. 44). A respeito dessas visões de erotismo, Junito Brandão diz o seguinte:

Perverso, Eros, em vez de se tornar o centro unificador, converte-se em princípio de divisão e morte. Essa perversão consiste sobretudo em destruir o valor do outro, na tentativa de servir-se do mesmo egoisticamente, ao invés de enriquecer-se a si próprio e ao parceiro com uma entrega total, um dom recíproco e generoso, que fará com que cada um seja mais, ao mesmo tempo em que ambos se tornam eles mesmos. O erro capital do amor se consuma quando uma das partes se considera todo (BRANDÃO, 2014, p. 213. Grifos nossos).

Quanto à terceira forma de erotismo, o erotismo sagrado, ele pressupõe uma “fusão dos seres com um além da realidade imediata” (BATAILLE, 2014, p. 41). Esse erotismo pressupõe um sacrifício: “O sagrado dos sacrifícios primitivos é análogo ao divino das religiões atuais”. (BATAILLE, 2014, p. 45. Grifos nossos). Cardenal, ao viver um encontro íntimo com Deus, ressignifica o erotismo sagrado, através da união mística que experimenta. O próprio místico é o sacrifício oferecido para estabelecer a ligação com o sagrado. Nesse encontro, há a morte de seu “eu” para o mundo e seu renascimento para Deus.

É necessário esclarecermos ser nosso objetivo mostrar que a busca pelo erotismo é uma forma de “substituição do isolamento do ser de sua descontinuidade, por um sentimento de continuidade profunda” (BATAILLE, 2014, p.39). Porém, sabemos que o mundo é marcado pela descontinuidade, pelo isolamento dos seres em seu eu. Assim, se não acabamos com essa descontinuidade, procuramos, ao menos introduzir, no interior de um mundo fundado sobre a descontinuidade, toda a continuidade de que esse mundo é capaz (BATAILLE, 2014). Quando Cardenal vive o êxtase místico, percebe isso e volta-se para o mundo em busca de uma continuidade possível; por essa razão, realiza todo um trabalho em prol do outro e tenta fazer-nos ver, em obras e em palavras, que somos seres de relação.

A opção de Cardenal pela poesia, após a experiência vivida naquele 02 de junho de 1956, também tem ligação com essa quebra da descontinuidade. Segundo Bataille (2014, p. 48), “a poesia conduz ao mesmo ponto que cada forma de erotismo, à indistinção, à confusão dos objetos distintos. Ela nos conduz à eternidade, nos conduz à morte e, pela morte, à continuidade: a poesia é a eternidade”. Não é por acaso que Jorge de Lima, poeta modernista brasileiro, diz ser o poeta um *vate*, um possuído, que traz a boa nova, que podemos interpretar como sendo a volta à unidade.

Retomando as palavras de Bataille, segundo as quais o erotismo nos fala de continuidade e descontinuidade, essas fazem-nos lembrar a imagem mitológica de Eros. Segundo Junito de Souza Brandão, no **Dicionário Mítico-Etimológico**, temos as seguintes observações acerca de Eros:

Eros [...] permanecerá sempre, mesmo à época de seus disfarces e novas indumentárias da época alexandrina, a força fundamental do mundo. Garante não apenas a continuidade das espécies, mas a coesão interna do cosmo. [...] Para Platão, no Banquete, pelos lábios da sacerdotisa Diotima, Eros é um *demônio*, quer dizer, um intermediário entre os deuses e os homens e, como o deus do Amor está a meia distância entre uns e outros, ele preenche o vazio, tornando-se, assim, o elo que une o Todo a si mesmo. [...] Eros tem caracteres bem-definidos e significativos: sempre em busca de seu objeto, como Pobreza e “carência”, sabe, todavia, arquitetar um plano, como Expediente, para atingir o objetivo, “a plenitude”. Assim, longe de ser um deus todo-poderoso, Eros é uma força, uma *ἐνέργεια* (enérgeia), uma “energia”, perpetuamente insatisfeito e inquieto: uma carência sempre em busca de uma plenitude. Um *sujeito* em busca do *objeto*.

[...]

Eros, de outro lado, traduz ainda a *complexio oppositorum*, a união dos opostos. O Amor é a pulsão fundamental do ser, a *libido*, que impele toda existência a se realizar na ação. É ele que atualiza as virtualidades do ser, mas essa passagem ao ato só se concretiza mediante o contato com o *outro*, através de uma série de trocas materiais, espirituais, sensíveis, o que fatalmente

provoca choques e comoções. Eros procura superar esses antagonismos, assimilando forças diferentes e contrárias, integrando-as numa só e mesma unidade. [...] o amor é a busca de um centro unificador, que permite a realização da síntese dinâmica de suas potencialidades. Dois seres que se dão e reciprocamente se entregam, encontram-se um no outro, desde que tenha havido uma elevação ao nível de ser superior e o dom tenha sido total, sem as costumeiras limitações ao nível de cada um, normalmente apenas sexual. O amor é uma fonte de progresso, na medida em que ele é efetivamente *união* e não *apropriação* (BRANDÃO, 2014, p. 213).

Cabe ressaltarmos, ainda segundo essa fonte, que essa visão de Eros ganhou forma no âmbito da mística, uma vez que ela “recusa o mundo diferenciado em que os seres e as coisas são separados e distinguidos, um meio que aspira à unidade e plenitude do original”<sup>178</sup>.

Uma vez que o amor erótico deseja a unificação de dois, ele pressupõe uma falta. E essa só é saciada quando os corpos se misturam e se fundem num encontro que chega a ser cósmico, visto que restaura uma unidade continuamente buscada e que só pode ser encontrada, através dessa forma de amor, por um breve momento. Esse amor está sujeito às leis do tempo, do espaço e dos humanos. Mas “experimenta algo da perfeição divina já aqui nesta terra, de forma profética (KREEFT, 2015, p. 162).

Após essas palavras iniciais sobre erotismo, e entendendo ser o segredo do erotismo “a abertura à continuidade, inteligível, incognoscível” (BATAILLE, 2014, p. 47), muito pertinente é começarmos a falar sobre amor erótico em Ernesto Cardenal, citando-o. Segundo ele,

O Paraíso é o amor. Todo amante tem a consciência de haver estado alguns momentos no Paraíso[...]. Todo amor humano é também um vislumbre da eternidade. Mas uma eternidade fugaz; Vislumbra-se a eternidade nessa fugacidade, porque a vida de Deus é também fugacidade, mas uma fugacidade eterna, e um infinito presente que nunca passa, enquanto no amor humano percebemos por um instante uma eternidade que passa. O amor humano é uma breve eternidade (CARDENAL, 1979, p. 117-118).

Se encontramos o paraíso, mesmo que momentaneamente, pelo encontro dos corpos, há algo de divino no amor-paixão. Falemos, portanto, desse amor e de como Cardenal o vive.

Segundo Comte-Sponville (2011, p. 29-30),

Eros, para os gregos antigos, não é o sexo, em todo caso não o é em primeiro lugar nem principalmente, mas sim o amor. É o que sugere a mitologia: Eros não é o deus apenas da sexualidade, mas o deus da paixão amorosa. Eros é o

<sup>178</sup> DETIENNE, M. “Eros” – Encyclopaedia Universalis [online], acesso em 27 ago 2017. URL: <http://www.universalis.fr/encyclopedie/eros>.



amor, mas não qualquer amor. É um amor muito particular: o amor-paixão. É o amor que sentimos quando estamos apaixonados, mas no sentido mais forte e mais verdadeiro do termo, quando “caímos fulminados de amor”, como se diz.

Cardenal assim define esse tipo de amor: “O amor é saber que um já não é um sem dois, e que um é incompleto sem a pessoa amada. E não é só estar pensando todo o tempo na pessoa amada, mas sentir que já não pode estar separado” (CARDENAL, 2003a, p.385. Tradução nossa)<sup>179</sup>. Essas palavras dão ideia do amor-paixão. Esse amor aparece de forma muito recorrente nas obras de Ernesto Cardenal. Em seu livro **Vida Perdida**, Cardenal relata ter tido muitas paixões, sendo que umas eram correspondidas e outras não. Justifica esses *enamoramentos* da seguinte forma: “Eu sentia uma atração irresistível à união conjugal; obsessão seria melhor dizer” (2003a, p. 19, trad. nossa). Esse desejo de união é algo anunciado pelos humanos para suprir uma falta, falta essa que remete aos mitos ligados ao primeiro homem, o qual possuía os dois sexos em si; sendo, portanto, pleno. A partir do momento em que foi dividido em duas metades, busca ardentemente religá-las<sup>180</sup> para alcançar a plenitude<sup>181</sup>, mesmo que por ínfimos momentos. Assim, o amor erótico “é um amor que põe fim à separação e à solidão: ‘ser apenas um em vez de dois’” (COMTE-SPONVILLE, 2011, p. 37).

Nos próximos tópicos desse trabalho, apresentaremos os encontros eróticos vividos por Cardenal. Começaremos com o encontro dele com as *muchachas* e, em seguida, com a “*muchacha das muchachas*”.

### 5.2.2 Em busca da *muchacha*: o amor das mulheres como reflexos do amor de Deus

O ser busca o outro ser, e ao conhecê-lo  
Acha a razão de ser, já dividido.  
São dois em um: amor, sublime selo  
Que à vida imprime cor, graça e sentido. (DRUMMOND, 1983, p. 345)

Os rostos das moças têm um reflexo do céu, e, por isso, são tão fascinantes para nós, porque nós fomos criados para o céu. (CARDENAL, 1979, p. 43)

<sup>179</sup> Como há três obras de Cardenal publicadas no mesmo ano, 2003, usaremos o seguinte critério para nos referirmos a elas: **Vida Perdida**: 2003a, **Las ínsulas** extrãnas: 2003b, **La revolución perdida**: 2003c.

<sup>180</sup> Cabe ressaltar que, etimologicamente, religião é religação.

<sup>181</sup> Essa mencionada volta à plenitude, faz-nos lembrar o mito do andrógino, segundo o qual, no início do mundo, havia três sexos: o homem, a mulher e a união dos dois. Os seres que possuíam dois sexos eram muito poderosos, mas quiseram ser mais poderosos que os deuses; por essa razão, foram punidos e separados em duas partes. Partes essas que se buscam incansavelmente, tentando reaver a plenitude perdida. Essa história pode ser lida no livro **O Banquete**, de Platão.

Os vários enamoramentos de Ernesto Cardenal pelas “*muchachas em flor*” mostraram-nos o amor erótico de que falamos. No entanto, apontam também para o desejo de união com Deus, uma forma de saciar essa falta que lhe consumia a alma. Em **Las Insulas Extranñas**, relata o seguinte a respeito de as mulheres refletirem Deus e da busca por um amor que tivesse as feições do humano, mas que jamais envelheceria:

Tem que ver o que eram as mulheres para mim. Adorava-as como a Deus. E com razão, vejo claramente agora, porque refletiam a Deus. Havia um fulgor divino tilintando nelas, e isso era o que me deixava louco, como não vou ficar louco, Deus: mas o fato era que nenhuma delas, tão lindas, era Deus, a mulher que não envelhece (2003 b, p. 28-29. Tradução nossa).

Não foi por acaso que relatou o seguinte em seu diário **Vida Perdida**:

Quando, em minha vida, aparecia um amor correspondido, ou um que eu imaginava correspondido, eu me via já próximo do matrimônio, eu ficava em pânico: o fato é que, se eu me casasse, cancelaria para sempre a possibilidade de uma entrega a Deus, mediante votos, na vida religiosa. A não ser que depois enviuvasse – hipótese na qual também pensava às vezes” (CARDENAL, 2003a, p. 19. Tradução nossa).

Para mostrar a força do amor-paixão na vida e na obra de Cardenal e também o desejo de uma união conjugal com Deus, passemos à apresentação de alguns relatos e à análise de alguns poemas desse místico.

Foram muitas as mulheres que povoaram a mente, o coração e a literatura de Cardenal, despertando (ou relatando, no caso da literatura) desejo, mostrando o sentimento de falta, de incompletude, mas reforçando também sua dúvida entre o amor humano e o amor divino. Sobre essa dúvida, assim nos esclarece o poeta místico, enamorado do amor: “Eu antes tinha o dilema Deus ou matrimônio; que não podia resolver, e me angustiava tanto. Agora descobri que se podia conciliar, e que Deus é matrimônio e aquele que ama a Deus se desposa” (CARDENAL, 2003a, p. 184. Tradução nossa). Inicialmente, falaremos dos amores humanos - e ligados a Eros - vividos por Cardenal.

Cardenal teve inúmeros amores, ou melhor, inúmeras paixões, ele, contudo, relata que “não [teve] um amor verdadeiro. [porque acreditava que] o verdadeiro amor só existe no meu primeiro amor. Porque no verdadeiro amor não cabe outro amor, é um completo enlouquecimento” (CARDENAL, 2003a, p. 34. Tradução nossa). Esse amor enlouquecedor e

que ansiava por mais, só encontrou com Deus, a beleza que nunca envelhece. Assim, a respeito de uma de suas paixões humanas, relata o seguinte: “Foi uma grande paixão, sem injúria. Lástima que esta história tão linda acabou –ao menos para mim” (CARDENAL, 2003a, p. 389. Tradução nossa).

Com essa citação, começemos também a falar de Nena – a primeira paixão de Cardenal. Nena que, para Cardenal, sempre fora Carmen. “Só eu a chamava de Carmen. Para todo mundo seu nome era Nena [...]. Esse foi o nome com que se apresentou àquela tarde de maio” (CARDENAL, 2003a, p. 387. Tradução nossa).

Carmen foi o grande amor de Cardenal na juventude – “Eu tive um grande amor em minha vida, e foi meu primeiro amor aos 18 anos” (CARDENAL, 2003a, p. 20. Tradução nossa) – e como foi o primeiro grande amor desse homem, o fim desse relacionamento foi deveras doloroso, “Porque chorei, eu suponho agora, que não era porque simplesmente ia ao México estudar, mas porque perdia aquele amor para sempre. Eu chorava uma morte” (CARDENAL, 2003a, p. 398. Tradução nossa).

No livro **Telescopio en la noche oscura**, encontramos um poema em que o adeus a Carmen é mostrado:

Cuando yo estaba enamorado de ella así era,  
aquellas tardes em Tacubaya con un cigarrillo,  
pensando en ella, ella en su Granada semi-iluminada,  
yo sin otra realidad que mi cagarrillo  
y las centellas de los tranvias en los cables  
eléctricos  
entrecruzándose sobre la calle Tacubaya  
y las muchas luces de neón en la noche de México  
que sólo daban más luz a mi separación.  
No, el amor era irreal.  
(CARDENAL, 1993, p. 35,36)<sup>182</sup>

Podemos perceber, pelas imagens poéticas, que o texto trata da separação dos amantes pela distância: ela estava em Granada; ele, no México. Nesse lugar, as luzes da cidade servem como refletores para iluminar ainda mais a separação. Mas há também, no último verso citado, a constatação de que aquele amor era algo irreal: “No, el amor era irreal”.

<sup>182</sup>Quando eu estava enamorado dela assim era, / aquelas tardes em Tacubaya com um cigarro, / pensando nela, ela em sua Granada semi iluminada, / eu sem outra realidade que meu cigarro / e as centenas de bondes nos cabos / elétricos / entrecruzando-se sobre as ruas Tacubaya / e as muitas luzes de neon na noite do México / que só davam mais luz a minha separação. / Não o amor era irreal (Tradução nossa).

A presença, e posteriormente a ausência de Carmen, volta a ser lembrada no livro **Cântico Cósmico**:

La segunda ley de la termodinámica:  
 Este constante fluir de la luz a las tiniebas.  
 Del amor al olvido.  
 Él tenía 20 años, ella 15 o cumpliendo 16.  
 Iluminación en las calles y en el cielo. El cielo,  
 el de Granada.  
 Fue el ultimo adiós,  
 Y fue cuando él le recitó a Neruda:  
 ‘... los versos más tristes esta noche’.  
 ‘La noche está estrellada  
 y tiritan azules los astros a lo lejos.’  
 Dos seres se separaron para siempre.  
 No hubo ningún testigo en aquel adiós.  
 Las dos direcciones cada vez más divergentes  
 Como estrelas desplazándose hacia el rojo.  
 (CARDENAL, 2012, p. 32)<sup>183</sup>

O amor por Carmen foi tão dilacerante que os amigos de Cardenal temiam que a separação da amada o levasse ao suicídio; entretanto, para aplacar a dor da ausência da amada, Ernesto disse ter adotado, uma “solução hitleriana: proibir a mim todo pensamento de Carmen” (CARDENAL, 2003a, p. 430).

O tempo, remédio para todos os males, amenizou a paixão e, conseqüentemente, a falta. E quando Cardenal tornou a ver Carmen, o turbilhão de emoções já havia se aquietado em seu peito. Foram dois os encontros ocorridos, o primeiro ocorreu na Broadway: “Voltei a encontrar-me com ela {Carmen} na Broadway, pelo lado da Colômbia [...] quando vinha pedir à Virgem que clareasse minha vocação” (CARDENAL, 2003a, p. 440). O derradeiro encontro se deu quando já tinha se entregado a Deus e já estava vivendo em Solentiname: “Ela me saudou afável e sorridente [...] quando voltamos a nos ver anos mais tarde em Solentiname” (CARDENAL, 2003a, p. 440).

Esse “amor-falta” deixou marcas profundas em nosso místico. Tanto as deixou que, em **Vida Perdida**, há a seguinte passagem: “{o que senti por Carmen foi} muito parecido com o

<sup>183</sup> A segunda lei da termodinâmica: /Este constante fluir da luz às trevas. /Do amor para o esquecimento. /Ele tinha 20 anos, ela 15, quase 16. /Iluminação nas ruas e no céu. O céu, / o de Granada. /Foi o último adeus, /e foi quando ele recitou Neruda: /“... os versos mais tristes esta noite”. /“A noite esta estrellada /e tiritam azuis os astros na distância”. / Dois seres se separaram para sempre. /Não houve testemunha alguma daquele adeus. /As duas direções cada vez mais divergentes /Como estrelas se deslocando rumo ao vermelho. (CARDENAL, 1996, p. 32)

que senti naquele 2 de junho quando me enamorei de Deus. Eu diria que é igual, embora um seja um amor a uma mulher e o outro seja o amor a Deus” (CARDENAL, 2003a, p. 385).

Ou ainda quando relata o seguinte: “Esse *enamoramento* foi uma imagem do amor de Deus para comigo. Esse foi o sentimento de que a mim me tinha acontecido aquilo. [...] Entendo o comportamento de Deus para comigo porque eu antes passei por ele” (CARDENAL, 2003a, p. 389).

Essa história de amor virou uma doce e, às vezes, melancólica lembrança em **Cântico Cósmico**. Há versos em que a memória desse amor é mostrada com saudade e dão-nos uma visão da solidão do poeta e do homem Cardenal:

Ho pensado otra vez en vos, porque la noche está estrellada  
Y miro temblar los astros a lo lejos con su luz azulosa.  
(CARDENAL, 2012, p. 32)<sup>184</sup>

Él tenía 20 años.  
Luciérnaga en el suelo.  
¿Y habrá sido después de todo un desposorio con un Ser impersonal?  
Solo, en un radio de 100.000 años luz  
ardiendo de amor.  
Ningún cuerpo al lado en la cama  
ni en la arena. (CARDENAL, 2012, p. 33)<sup>185</sup>

Carmen nunca foi esquecida. Em seu diário **Vida Perdida**, Cardenal relata o seguinte sobre esse *enamoramento*: “Um dos grandes erros de minha vida, talvez o maior, foi ter-me ido ao México em vez de deixar-me para casar com Carmen – tentar casar com Carmen” (CARDENAL, 2003a, p. 393. Tradução nossa). Entretanto, logo em seguida, declara que o que sentira por Carmen fora uma obsessão e que “um erro maior teria sido[...] que eu me casasse com Carmen e não me casasse com Deus” (CARDENAL, 2003a, p. 393. Tradução nossa). Assim, há um lamento pela perda desse amor corpo, presença física, mas há também a certeza de ter feito a escolha mais adequada.

<sup>184</sup> Pensei de novo em ti [em Carmem], porque a noite está estrellada/ e vejo que os astros estremecem na distância /com sua luz azulada. (CARDENAL, 1996, p.32)

<sup>185</sup> Ele tinha 20 anos. / Pírilampo no chão. / E terá sido, depois de tudo, um matrimônio com um Ser impessoal? / Só, num raio de 100.000 anos-luz/ ardendo de amor. / Nenhum corpo a seu lado na cama/ nem na areia. (CARDENAL, 1996, p. 33)

Uma outra paixão vivida por Cardenal foi Sylvia. Este relacionamento é assim contado por ele em **Vida Perdida**:

O caso de Sylvia. [...] Com ela tudo tinha que ser sério; e se havia noivado, era para o sacramento. Foi então um grande temor[...]. O passo definitivo para liquidar a vocação religiosa. E eu pedi de coração a Deus, que se me quisesse para Ele, fizesse aquilo terminar[...]. Um empregado de meu pai deu-me uma carta dela (pouco depois dessa oração) que dizia que tudo que houvera entre nós estava terminado. Não dava nenhuma explicação. Me caiu como um raio. Sofri muito. Uma imensa solidão me aplacava. Confesso-lhes que a oração que havia feito pouco antes esqueci totalmente (CARDENAL, 2003a, p. 20. Tradução nossa).

Foi um amor breve, mas que apontava para o dilema que já mencionamos anteriormente: Deus ou as “*muchachas* em flor”?

Outro relacionamento se deu com Adelita Marenco, moça que conhecera em um mês de maio. Era a menina dos olhos “cor de uma uva moscatel ou, às vezes, da cor do oceano em alto mar e entre verde e azul terno” (CARDENAL, 2003a, p. 21. Tradução nossa). Cardenal foi apresentado a ela por um amigo, Carlos. O amigo levava Adelita à livraria do poeta. Começou o encantamento, a paixão, por essa menina: “A primeira vez que a beijei no parque infantil *Piedrecitas* uma noite [...] e creio que era a primeira vez que a beijavam. Ela tinha menos de 18 anos, talvez 17” (CARDENAL, 2003a, p. 21. Tradução nossa). Essa menina tímida foi celebrada no poema **Cântico Cósmico** e, segundo Cardenal, foi a moça que mais o quis: “não necessariamente foi quem mais me quis com paixão, mas talvez sim, porém com mais ternura. E eu não estava acostumado a ser querido tanto” (CARDENAL, 2003a, p. 21. Tradução nossa).

Cardenal ficou noivo de Adelita, mas, por questões financeiras, não podia se casar: “A livraria, que cada vez produzia menos, não me dava para manter uma família, nem se quer uma família de dois. E, assim, eu havia dito a ela seriamente que me casaria com ela, mas que somente teria que esperar eu resolver esse problema” (CARDENAL, 2003a, p. 22. Tradução nossa). Os epigramas<sup>186</sup> 17, 27, 36 e 37, do livro de Ernesto Cardenal chamado

---

<sup>186</sup> José Paulo Paes, em seu livro **Poemas da Antologia Grega ou Palatina**, relata que “o substantivo grego epigrama deriva do verbo *epigraphēin*, o qual significa, ao pé da letra, escrever sobre’. Designa originariamente esse substantivo a inscrição feita ao pé de uma estátua ou oferenda votiva do nome do seu doador, ou então sobre uma lápide sepulcral do nome do morto” (1995, p. 118). Embora os mais antigos epigramas datem do início do Período Arcaico, o gênero iria se tornar popular bem mais tarde, durante os períodos Helenístico e Greco-romano. No século VI a.C., os epigramas, que eram formados por versos hexâmetros, passaram a ser construídos com dísticos elegíacos, o que dava a impressão de concisão e engenho. Esse mesmo autor usa três palavras para caracterizar o gênero literário em questão: conciso, sentencioso e elegante. É exatamente isso que se pode falar dos poemas que compõem **Epigramas**, de Cardenal.

**Epigramas**<sup>187</sup>, contam do relacionamento de Cardenal com Adelita. Esse foi o namoro que quase levou o poeta a contrair bodas terrenas,

Tal vez nos casemo este año  
Amor mío, y tengamos una casita.  
Y tal vez se publique mi libro,  
o nos vayamos los dos al extranjero.  
(CARDENAL, 2003, p. 44)<sup>188</sup>

No entanto, “diante da proximidade do matrimônio, teve também a grande inquietude de sempre, se teria ou não de renunciar a Deus” (CARDENAL, 2003a, p. 23. Tradução nossa). Diante dessa dúvida, o relacionamento estava fadado ao fim. Essas informações são perceptíveis nos seguintes versos de **Epigramas**:

Todavía está aquel árbol de quelite;  
todavía brillan las mismas luces;  
en la laguna de Tiscapa se refleja la luna;  
pero aquel banco esta noche estará vacío,  
o con outra pareja que no somos nosotros.  
(CARDENAL, 2001, p. 35)<sup>189</sup>

Cardenal conta que ia com Adelita a esse lugar perto do lago, um lugar menos movimentado só frequentado pelos namorados normalmente. Lamenta, depois do rompimento,

---

A influência de Catulo, poeta da antiguidade clássica, é marcante nos epigramas do poeta latino em questão. Tanto é que a epígrafe do livro é desse autor: “... Mas não te escaparás de meus iambos”. Nessa epígrafe, apresenta-se a unidade rítmica utilizada pelo poeta clássico na composição dos textos, unidade essa marcada pela alternância entre sílabas átonas e sílabas tônicas. No que concerne à obra de Cardenal, a epígrafe faz referência ao fato de que os mais diversos assuntos (amor, *muchachas*, política, poetas, ...) farão parte de seus textos. É como se dissesse: tema algum deixará de ser cantado por minha lira.

Ernesto Cardenal, em **Vida Perdida**, relata: “os epigramas que escrevi tiveram influência latina, especialmente de Catulo e Marcial, que eu traduzi, e também muita influência de epigramas de Ezra Pound que também tem muita influência latina” (CARDENAL. 2003, p. 25)

<sup>187</sup> O livro **Epigramas**, de Ernesto Cardenal, reúne 51 poemas curtos que falam de amor, de um poeta apaixonado que escreve versos a Claudia, a Myriam e a Ileana, Adelita e de engajamento político na luta contra o ditador Somoza que, por muitos anos, governou a Nicarágua, além de render homenagens a poetas e a revolucionários. Cabe ressaltar que, dentre os poemas políticos que compõem o livro, há uma interessante homenagem a Báez Bone. Referência bibliográfica: CARDENAL. **Epigramas**. Madrid: Trotta, 2001.

<sup>188</sup> Talvez nos casemos este ano / Amor meu, e tenhamos uma casinha. / E talvez publiquemos meu livro, ou nós vamos os dois para o estrangeiro (CARDENAL, 2001, p. 44. Trad. nossa)

<sup>189</sup> Todavía está aquella árvore de quelite; /todavía brilham as mesmas luzes; /no lago de Tiscapa se reflete a lua mas aquele banco esta noite estará vazio, / ou com outro casal que não somos nós.(Trad. Nossa)

a ausência de sua amada naquele local. O poeta relata ainda que queria Adelita de cabelos longos, e ela sempre os usava bem curtos. Por isso, após a separação, criou o poema 37 – Canção de *muchacha* – no qual dá a voz a Adelita, permitindo que ela lhe fale, agora que não estão mais juntos, sobre os seus cabelos compridos. A respeito desse texto, Cardenal faz a seguinte declaração: “Parecer-lhe-á cínico de minha parte que eu mesmo escrevesse uma réplica contra mim. Mas é que a estava interpretando, e eu também lamentava junto com ela [a separação]; porque eu não havia feito o rompimento, eu não a tinha deixado, quem o havia feito era – por indemonstrável que fosse – Deus” (CARDENAL, 2003, p. 24. Tradução nossa). São os seguintes os versos do poema 37:

¡Mi pelo largo! ¡Mi pelo largo!  
 Querías tú muchacha con el pelo largo.  
 Ya lo tengo abajo de los hombros  
 Y no esperaste mi pelo largo.  
 (CARDENAL, 2001, p.45)<sup>190</sup>

Motivados por um desencontro amoroso, o casal Adelita e Cardenal separa-se. Mas Cardenal sabia que aquele rompimento fora resultado de sua oração a Deus: “Eu recordava muito bem o que havia dito a Deus. E Ele me tinha respondido. [...] Se Deus me queria para Si, que ela nunca mais fosse à livraria e eu não ia fazer nada para ir aonde ela estivesse. E ela não voltou à livraria” (CARDENAL, 2003a, p. 25. Tradução nossa). O poeta mostrou-nos, com essas palavras, mais uma vitória de Deus em sua trajetória amorosa.

Após esse episódio, Cardenal mais uma vez se viu nos braços de Eros, mais uma vez se rendeu ao amor-paixão, tentando preencher a falta que caracteriza esse tipo de amor. Desta vez, a mulher por quem se apaixonou foi Claudia. Muitos epigramas desse seu livro homônimo foram dedicados a essa musa-mulher. Dos cinquenta e um poemas que compõem essa coletânea, os onze primeiros são escritos para Claudia e alguns desses foram muito populares. “Claudia era seu nome e seu nome completo era Claudia Argüelo” (CARDENAL, 2003, p. 25, tradução nossa) e a referência a ela se faz direta ou indiretamente. Cabe lembrar que, segundo consta no livro **Vida Perdida**, Claudia não correspondia ao poeta, não quis ser sua noiva. Quanto a Cardenal, ele relata, também no seu segundo livro de memórias, que antes mesmo de conhecê-la já se sentia atraído por ela: “o eu já estava predisposto mentalmente, digamos” (CARDENAL, 2003a, p. 26. Tradução nossa). O poeta relata, em **Vida Perdida**, que uma das

---

<sup>190</sup> Meu cabelo comprido! Meu cabelo comprido! / Tu querias uma muchacha com o cabelo comprido. / Já o tenho abaixo dos ombros / e não esperaste meu cabelo comprido (Tradução nossa).



razões para ele ter se sentido atraído por Claudia foi o fato de ela se parecer com a virgem de Fra Filippo Lippi que se encontra em um museu de Florença. E diz ainda que a história que viveu, ou imaginou com Claudia, Deus a transformou em uma “realidade fictícia”. Mais uma vez as mulheres eram reflexos do sagrado, imagens que tanto atraíam o poeta.

Já que para nosso poeta tudo é amor, é pela ficção literária dos versos dos epigramas que temos notícia desse *enamoramento* de Cardenal. Assim, é mister apresentarmos a leitura de alguns dos epigramas a ela dedicados para sabermos dessa paixão e do seu desenlace.

O primeiro epigrama dedicado a Claudia do livro anteriormente mencionado mostra um eu-lírico que acredita ser essa mulher a dona de seus poemas (“Te doy, Claudia, estos versos, porque tú eres su dueña”) e diz ser conveniente que ela saiba que talvez esses poemas, um dia, serão divulgados por toda a América e, mesmo ela os desprezando, esses versos despertarão em outros casais os beijos que não conseguiram nela despertar:

Y tal vez verás, Claudia, que estos poemas,  
(escritos para conquistarte a ti) despiertan  
En otras parejas enamoradas que los lean  
Los besos que en ti no despertó el poeta  
(CARDENAL, E. 2001, p. 9)<sup>191</sup>.

Percebemos um certo humor, mesclado com um tom sarcástico - bem próprio do estilo modernista no qual se insere Cardenal. No verso “Los he escrito sencillos para que tú los entiendas” (epigrama nº 1)<sup>192</sup>, a sensação é a de o poeta acreditar que, se usar uma linguagem mais erudita, pode tornar seu texto inacessível à sua destinatária. Recentemente, durante uma palestra em que declamou esse epigrama, o tom jocoso era perceptível na voz do poeta Cardenal, fato que levou a assistência a rir e a brincar também. É mister ressaltar ainda que há uma espécie de “ameaça” à amada: “Son para ti solamente, pero si a ti no te interesan, / un día se divulgarán tal vez por todo Hispanoamérica...” (CARDENAL, 2001, p. 9)<sup>193</sup>. Ou seja, você vai se arrepender se não se deleitar com os versos feitos só para ti inicialmente.

O terceiro poema<sup>194</sup> do livro mostra que, para a posteridade, só ficarão os versos de Cardenal para Claudia. Todo o resto passará. Os elementos que aparecem nesse epigrama

<sup>191</sup> E talvez verás, Cláudia, que estes poemas, / (escritos para te conquistar) despertem / em outros casais enamorados que os leiam / os beijos que em ti não despertaram o poeta. (Tradução nossa).

<sup>192</sup> Escrevi-os simples para que tu os entendas. (Tradução nossa).

<sup>193</sup> São para ti somente, mas se a ti não te interessam, / um dia talvez serão divulgados para toda a hispano américa... (Tradução nossa).

<sup>194</sup> De estos cines, Claudia, de estas fiestas, / e estas carreras de caballos, / no quedará nada para la posteridade/ sino los versos de Ernesto Cardenal para Claudia (...) (Tradução: destes cines, destas

faziam parte do cotidiano da juventude nicaraguense – até as corridas de cavalo que Somoza promovia para exibir seus cavalos de raça. E todas as ocasiões citadas eram usadas por Cardenal como artifício para permanecer próximo a Claudia, caracterizando bem os efeitos do amor-paixão no enamorado.

O quinto epigrama mostra, apesar da leveza do tom, um raciocínio bastante elaborado, baseado nas seguintes proposições: 1- Se eu te perder nós dois perdemos; 2- Eu porque tu eras quem eu mais amava; 3- tu porque eu era o que mais te amava. A conclusão apresentada pelo poeta é a seguinte: tu perderás mais, pois eu posso amar alguém tanto quanto te amava. Mas tu não encontrarás alguém que te ame tanto quanto eu te amava:

Al perderte yo a ti tú y yo hemos perdido:  
Yo porque tú eras lo que yo más amaba  
Y tú porque yo ere lo que te amaba más.  
Pero de nosotros dos tú pierdes más que yo:  
Porque yo podré amar a otras como te amaba a ti  
Pero a ti no te amarán como te amaba yo. (CARDENAL, 2001, p. 13)<sup>195</sup>

Esse raciocínio parece querer mostrar à interlocutora dos versos o quanto seria ruim não corresponder ao amor do poeta. Cardenal conta que esse epigrama foi escrito pouco antes de o “não” definitivo de Claudia: “Essa noite para mim as mortes foram duas: a dele [do tio de Cardenal] e secretamente dentro de mim a de um amor ilusório” (CARDENAL. 2003a, p. 29, tradução nossa). Parecia, portanto, com esse texto, antecipar a despedida.

Há um certo tom humorístico no oitavo epigrama<sup>196</sup> do ciclo de Claudia, uma vez que o poeta diz que, por ter sabido que sua amada estava apaixonada por outro, escreveu um artigo contra o Governo e acabou preso. A história não é bem essa. Segundo o próprio Cardenal relata em **Vida Perdida**, “o epigrama é autobiográfico, mas não está inteiramente certo” (2003, p. 26). Cardenal de fato escrevia na *Prensa* contra o governo Somoza. Mas era cuidadoso. Não o atacava diretamente. Na verdade, não fora preso por conta de um artigo publicado, apesar de que, nessa ocasião, realmente se excedera um pouco.

---

festas, /dessas corridas de cavalos/ não restará nada para a posteridade/ só os versos de Ernesto Cardenal para Claudia.

<sup>195</sup> Ao te perder, tu e eu perdemos: eu porque eu era o eu mais te amava. / Mas de nós dois tu perderás mais que eu: /porque eu poderei amar outras como te amava/ mas tu não te amarão como eu te amava (Tradução nossa).

<sup>196</sup> Me contaron que estabas enamorada de outro/ y entonces me fui a mi cuarto/ y escribí esse artículo contra el Gobierno / por el que estoy preso. (CARDENAL, 2001, p.16)

No nono epigrama<sup>197</sup>, o poeta diz que Claudia foi vendida a Kelly & Martínez Cia. Ltda, que muitos lhe enviaram presentes, e ele, que fora seu antigo enamorado, enviou-lhe apenas o epigrama em questão. Essas referências provavelmente dizem respeito a algo que já fora mencionado em outros epigramas: o fato de que Claudia se casou com um homem de posses e a dualidade entre opulência e pobreza que marca alguns dos poemas. Cardenal relata em **Vida Perdida**, como já mencionamos, que Claudia nunca quisera ser sua namorada, que “havia rivais, ela tinha outros homens enamorados dela, ela era alegre, coquete e muito risonha” (2003a, p. 27, tradução nossa).

O décimo primeiro poema, segundo Cardenal, é um texto que mostra o quanto Claudia o intimidava, deixando-o tímido. O poeta tinha coragem para participar de rebeliões, de desafiar o governo, mas empalidecia ao passar pela casa da amada e um simples olhar na direção dela o fazia corar:

Yo he repartido papeletas clandestinas,  
gritando: ¡VIVA LA LIBERTAD! en plena calle  
desafiando a los guardias armados.  
Yo participé en la rebelión de abril:  
pero palidezco cuando passo por tu casa  
y tu sola mirada me hace templar. (CARDENAL, 2001, p. 19)<sup>198</sup>

Os epigramas dedicados a Claudia circularam nas rodas de amigos de Cardenal e de Claudia, tanto é que o poeta relata, em **Vida Perdida**, que foi devido à circulação crescente desses poemas que a amada desejou lê-los. Quanto ao destino dessa paixão, como já foi mencionado, “não há nada mais que contar nesta história. E ainda que tenha sido prolixo não havia muito que contar depois de tudo. Nada há ficado, senão uns epigramas que muitos têm lido, especialmente *muchachos e muchachas*” (2003a, p. 30. Tradução nossa).

Acabada a narrativa de Claudia e Cardenal, passemos ao relacionamento do poeta com Myriam. Essa menina também é cantada no livro **Epigramas**. A partir do décimo segundo epigrama, a musa passa a ser Myriam, descrita por Cardenal, em **Vida Perdida**, como “delicada como uma mariposa amarela [...] ela ia completar quinze anos e eu ia completar trinta”. (2003a, p.31. Tradução nossa). O poeta supunha que se chamava Myriam Báez e que não era indiferente

<sup>197</sup> Ella fue vendida a Kelly & Martínez Cía. Ltda./ y muchos le enviarán regalos de plata./ y otros le enviarán regalos de electroplata, / y su antiguo enamorado le envía este epigrama. (CARDENAL, 2001, p. 17)

<sup>198</sup> Eu distribuí papeletas clandestinas, / gritando: VIVA A LIBERDADE! Em plena rua/ desafiando aos guardas armados. / eu participei de uma rebelião em abril: / mas empalideço quando passo por tua casa / e tu somente me olhar, faz-me corar. (Tradução nossa).

a ele: “Era evidente que eu gozava de sua simpatia. Eu não digo de seu amor” (2003a, p. 33. Tradução nossa).

O poema 12 de **Epigramas** mostra uma situação vivida por Cardenal e que também está relatada no seu segundo livro de memórias. Por ocasião de um aniversário de Myriam, o poeta comprou rosas importadas da Costa Rica que eram vendidas perto da livraria em que ele trabalhava e escreveu para ela esse epigrama, que “revela confiança e uma mais larga e paciente espera, com um final de lamentação” (CARDENAL, 2003a, p. 33. Tradução nossa):

Recibe estas rosas costarricenses,  
Myriam, con estos versos de amor:  
Mis versos te recordarán que los rostros  
De las rosas se parecen al tuyo, las rosas  
Te recordarán que hay que cortar el amor,  
Y que tu rostro pasará como Grecia y Roma.  
Cuando no haya más amor ni rosas de Costa Rica  
Recordarás, Myriam, esta triste canción (CARDENAL, 2001, p. 20)<sup>199</sup>

Esse poema estabelece uma comparação entre as rosas costarriquenhas – belas, efêmeras e destinadas a serem cortadas – e o amor de Cardenal por Myriam – bonito, mas destinado ao fim, a ser “podado”. Por isso, a analogia: “meus versos te recordarão que os rostos / das rosas se parecem com os teus, as rosas / te recordarão que há que cortar o amor”. O poeta já antecipa, nesses versos, o fim de seu relacionamento e diz que não restarão nem rosas, nem o amor, só essa triste canção.

O poema 24 do livro também se refere a Myriam. A respeito dele, Cardenal escreve o seguinte:

Também estou me recordando agora que uma vez em meu quarto, li para o poeta José Coronel Urtecho e para Carlos Martínez Rivas um epigrama recentemente feito e que Coronel qualificou de barroco, e que lhes agradou. Nele eu descrevi não só a beleza de Myriam, mas também sua beleza mais além de sua beleza. Foi quando ela entrava na catedral para a missa das doze, ou talvez saía. Eu falo que a vi na rua e deve ter sido na rua lateral à catedral por onde ela entrava ou saía (CARDENAL, 2003a, p. 33. Tradução nossa).

---

<sup>199</sup> Receba estas rosas costarriquenhas, / Myriam, com estes versos de amor: / Meus versos te recordarão que teu rosto se parece com as rosas, / Te recordarão que há de cortar o amor, / e que teu rosto passará como Grécia e Roma. Quando não houver mais amor nem rosas da Costa Rica, / recordarás, Myriam, esta triste canção (Tradução nossa).

O encantamento em que se encontrava o poeta fê-lo ver Myriam como a mais bela das belas, fonte de uma beleza que “não pode ser real”. Quanto ao destino do *enamoramento* entre Cardenal e Myriam,

não há mais nada que contar. Talvez tão só dizer que estando já de sacerdote em Solentiname deixei expressa uma nostalgia em Oráculo sobre Manágua, quando ao falar do terremoto escrevi: ‘é triste pensar/não voltar a ver mais a avenida Bolívar / [...] donde eu a vi pela primeira vez/ (faz anos) (de amarelo) (CARDENAL, 2003a, p. 35. Tradução nossa).

Assim terminou essa história de *enamoramento* e, mais uma vez, foi Deus que venceu a disputa: “Algumas vezes pedia a Deus para decidir, outras Ele decidiu sem eu pedir. Quanto a Myriam, não há mais o que dizer” (CARDENAL, 2003a, p. 35. Tradução nossa).

Quando estava no México, conheceu Conchita Mantecón – “[...] belíssima. Tinha um cabelo cumprido muito ruivo e os olhos muito grandes e azuis.” (CARDENAL, 2003a, p. 40. Tradução nossa). O poeta desejou-a ardentemente. O único problema foi: “Nos queríamos. Com uma diferença: que ela me queria como amigo e eu a queria como namorado” (CARDENAL, 2003, p. 40. Tradução nossa).

Com o tempo, Cardenal conquistou essa *muchacha* e tiveram um relacionamento. Mas surgiu a conhecida dúvida de Ernesto – as mulheres ou Deus – e ele deixou de procurá-la, fato que levou ao afastamento do casal. Assim, esse amor, o qual estava fadado ao insucesso, teve fim. “A amizade-amor se perdeu e eu agora não posso explicar o porquê. Não me recordo. Sei muito claramente que Deus foi o responsável por isso” (CARDENAL, 2003a, p. 41. Tradução nossa).

Ainda durante seu tempo como universitário, no México, conheceu Meche. “Ela era Doce, suave, simples, terna” (CARDENAL, 2003a, p. 41. Tradução nossa). Tiveram um relacionamento. Não precisava ir à casa dela, porque se viam bastante na Universidade e todos os dias a acompanhava até a porta de sua casa. Há um poema, em **Cântico Cósmico**, que fala da relação entre o espaço e o tempo quando se está enamorado. Nesse poema, Cardenal faz menção a esses momentos vividos com Meche.

El tiempo, un itinerário de trenes...  
 Un espacio en el tiempo y un tempo en el espacio.  
 ¿Y mi recuerdo de hoy de México hace tiempo?  
 Por poner un ejemplo, ella, y su casa frente al Parque España.  
 La bajada del bus, charcos, y besos con lluvia  
 - como estaciones y trenes  
 todo espaço con un tiempo y el tiempo en un espacio -,

y saltábamos esos charcos alegres, y nos pringábamos,  
de vuelta de la Universidad.  
Pero para los astrónomos: ellas presentes, y ya no existen.  
Hablo de hace mucho tiempo en México.  
en el universo cuatridimensional  
el pasado y el futuro existen siempre.  
- Yo poniéndole siempre a ella aquella gabardina  
a la salida de la Facultad -.  
En el tres dimensiones  
como que transcurre el tiempo (CARDENAL, 2012, p.65-66)<sup>200</sup>.

Esse poema mostra a relativização do tempo e do espaço quando se está amando. É o que ocorria com Cardenal naquela época em que estava apaixonado por Meche. Não contava o tempo da mesma forma como astrofísicos o contam. Os minutos junto a sua amada eram infinitos e, ao mesmo tempo, ínfimos. Essa relação paradoxal relativa à duração do tempo só pode ser explicada pelo amor. É o que um outro poeta também escreve sobre o tempo: “Que seja infinito enquanto dure”<sup>201</sup>.

Cardenal nunca pensara em se casar com essa *muchacha*. Mas, apesar de querer aproveitar os momentos vividos sob a influência do signo de Eros, com o tempo, muitas vezes algoz do amor, o sentimento esfriou, a dúvida já conhecida surgiu e os amantes se separaram. Aparentemente o motivo da separação foi Meche ter trocado o poeta por outro, mas, cientes do acordo entre Cardenal e Deus, intuímos que não foi bem isso o que ocorreu.

Quando Ernesto foi a Nova Iorque, surgiu o desejo de entrega a Deus, o que mudaria sua vida em definitivo, mas ainda não estava preparado para essa união com o Infinito. Surgiu então uma morena nicaraguense para reacender a chama de Eros no corpo do poeta. “A tentação não passou de um acariciar-lhe as pernas ou algum outro roçar, mas isso acabou com minha temporada mística” (CARDENAL, 2003a, p. 46. Tradução nossa).

Durante uma temporada em Madrid, encontrou Christine – “Christine me fascinou desde antes de conhecê-la, porque a havia visto em uma foto” (CARDENAL, 2003a, p. 55. Tradução nossa) – Ficaram próximos. Estavam apaixonados. Ela tinha aproximadamente 15 anos; ele, 24. Um dia, porém, foram visitar o Museu do Prado. Durante a visita, viu três imagens: “Eram as

<sup>200</sup> O tempo, um itinerário de trens... / Um espaço no tempo e um tempo no espaço. / E a lembrança que hoje tenho de um México já faz tempo? / Para dar um exemplo, ela, e sua casa defronte do Parque Espanha. / A descida do ônibus, charcos, e beijos com chuva / - como estações e trens / todo o espaço com um tempo e o tempo num espaço - / e saltávamos essas poças alegres e nos salpicávamos / de volta da Universidade. / Porém para os astrônomos: elas presentes, e já não existem. / Falo de muito tempo atrás no México. / No universo quadridimensional / o passado e o futuro existem sempre. / - Eu lhe colocando sempre aquele agasalho / à saída da Faculdade. / No de três dimensões / como que transcorre o tempo. (CARDENAL, 1996, p. 65,66)

<sup>201</sup> Os versos citados são da autoria de Vinícius de Moraes, poeta modernista do Brasil.

três fases da mulher: juventude, velhice e morte; com o realismo espanhol brutal: o naturalismo é brutal; o destino humano é brutal” (CARDENAL, 2003a, p. 57. Tradução nossa). Depois dessa visão, foi beijar Chistine e imaginou que ela também envelheceria. Perguntou se ela havia beijado antes alguém. Ela começou a chorar e pouco se viram a partir desse momento. Voltou tempos mais tarde à Nicarágua, com a convicção de que seu amor fora superficial. “Era um enamoramento ainda superficial, não era, todavia, uma mulher que eu tivera encontrado para me casar com ela por toda uma vida. Apesar de que era linda [...]. Deixei-a pelo matrimônio que eu ia buscar na Nicarágua. Ou a vocação?” (CARDENAL, 2003a, p. 57. Tradução nossa).

A insatisfação de Cardenal em relação às mulheres tornava-se visível e dizia respeito à busca por uma beleza não efêmera. Aquelas três figuras no Museu do Prado deixaram isso evidente. A busca do poeta era por uma beleza que não envelheceria, que não estava sujeita às leis das ciências. Assim, o que deseja, de fato, não era um amor-paixão, visto que essa falta está ligada à morte, ao transitório. O desejo dele remete ao transcendente, ao eterno, a “uma dentadura perfeita”. A passagem a seguir nos diz dessa angústia:

E a verdade é que eu sentia uma profunda insatisfação em minha vida – insatisfação é uma palavra demasiado suave – e pelo que significava a mesma vida: o que estava expresso naquele terrível tríptico do Museu do Prado e que eu não quis que Christine continuasse olhando. Eu não queria uma beleza que morresse, nem uma beleza que se enfeasse, que talvez ficasse pior. [...] O que mais me apavorava era que minha esposa engordasse. Em alguns casos de enamoramento ou noivado me vinha uma profunda preocupação ao ver a possível sogra se fosse gorda, e eu por analogia imaginava-a muito parecida com a filha, como um retrato do que terminaria sendo a futura esposa [...] amaria tão só aquela beleza que “teria sempre a dentadura perfeita”. Uma reatualização do que disse Santo Agostinho: “Beleza antiga e sempre nova!” (CARDENAL, 2003a, p. 59. Tradução nossa).

Cardenal, conforme já mencionamos, também teve acesso ao amor puramente físico, através das prostitutas com quem esteve. A respeito de quando começou a ter esses encontros furtivos, o autor em questão declara o seguinte: “Lawrence<sup>202</sup> influenciou-me tanto que eu me mantive virgem até os 21 anos na espera desse matrimônio, mas fracassado meu primeiro amor, eu desisti desse ideal” (CARDENAL, 2003a, p. 63. Tradução nossa).

A primeira relação sexual de Ernesto Cardenal é um misto de prazer e de asco:

---

<sup>202</sup> Referência ao poeta americano DH Lawrence, autor que influenciou bastante Cardenal tanto na Literatura, quanto na vida. Além disso, talvez em consideração a esse amor por Lawrence, enquanto estava na Trapa, Ernesto recebeu o nome de Laurêncio.

Em um dia de desolação fui, ao meio dia, ao parque da Alameda do México, perto do Palácio de Bellas Artes e conheci uma mulher que estava a espera entre as árvores e me parecia uma morena bonita; ela me levou a um quartinho de uma das sórdidas casas ali em frente, e quando terminamos e estávamos nos vestindo, ela riu, mostrando seus dentes de ouro, e vi seu rosto muitíssimo feio, como a prostituta da esquina inferior direita do grande mural de José Clemente Orozco em Bellas Artes (muito perto dali) que ria com uma boca grotescamente pintada, mostrando seus dentes de ouro (CARDENAL, 2003a, p. 63. Tradução e grifos nossos).

Há menção a outros encontros com prostitutas, mas sempre são momentos de busca por um prazer físicos, seguidos de arrependimento: “{havia} lugares bastante elegantes [...]. Havia lugares mais baratos e, portanto, que eram mais frequentados por nós. [...]. Mas, com mais asco ou menos asco, depois a recordação era a mesma” (CARDENAL, 2003a, p. 63. Tradução nossa).

Na verdade, esses encontros de corpos não eram muito deleitosos para Cardenal, tanto é que ele relata em **Vida Perdida** que só procurava as prostitutas quando não tinha mais forças para controlar seus impulsos mais primitivos: “Eu fazia o possível para não ir. Eu ia quando não tinha forças para resistir aos impulsos” (CARDENAL, 2003, p. 63. Tradução nossa).

Cabe relatarmos que Cardenal, no tocante à busca do prazer sensual e sexual, ou seja, do erotismo do corpo, ora compara-se a Santo Agostinho e no que esse chamava de “fome da espécie”, ora diz que a influência de amigos o levava ao pecado sexual. O fato é que, como ele mesmo declara: “havia querido ter a vida intensa de pecado sexual que ele (Santo Agostinho) teve antes de sua conversão; e também desejava ter como ele minha conversão, mas depois. Depois de ter pecado, como ele” (CARDENAL, 2003a, p. 63. Tradução nossa).

O sexo foi muito importante para Cardenal. Tão importante que, mesmo depois de sua conversão, ele lamenta a ausência das *muchachas* em sua cama. Um bom exemplo dessa falta aparece no seguinte trecho de **Las Insulas Extrañas**:

Deitado na noite, entre os lençóis gelados que começam a esquentar meu corpo, a alma deseja o calor de outros braços, e encostar-se em outro corpo. Mas então a alma se lança cheia de desejo, e sente que Ele a recebe, e já não me importa então o frio dos lençóis nem a solidão da cama (CARDENAL, 2003b, p. 30).

Menciona esse desejo de toque, de corpo, de abraços, de beijos, de sexo, também, em **Cántico Cósmico**, inúmeras vezes. Além disso, canta, em prosa e em versos, sua experiência



mística como sendo semelhante a um ato sexual, no qual sua alma fora violada com seu consentimento e que isso gerou um prazer, um gozo, tão intenso que o leva a pedir ao Criador que parasse, pois poderia matá-lo tamanho prazer. Essa experiência foi abordada em um capítulo anterior e será lembrada mais adiante.

Cabe ressaltarmos ainda que ele é um dos mais violentos críticos do celibato. Não foi por acaso que aconselhou Merton, conforme já mencionamos em um outro capítulo, a viver a paixão com Margie em todas as suas faces – cartas, telefonemas, beijos, abraços, carícias mais íntimas, sexo. Além disso, em **Vida Perdida** relata sermos vítimas da moral sexual ocidental cristã. A esse respeito, assim escreve em seu primeiro tomo dos diários:

Por ele {Santo Agostinho} temos sido vítimas da moral sexual ocidental. Que não é uma moral sexual universal. Poderia chamar-se ocidental e cristã, ou judaico-cristã se se quiser, mas certamente não é a moral sexual evangélica.

Poderíamos ter sido como os japoneses, que não fazem nenhuma associação entre sexo e pecado, sendo o sexo uma atividade natural como qualquer outra. Ou como certo misticismo islâmico, para o qual não há nenhuma contradição entre sexo e misticismo, e sendo para alguns inclusive uma via de união mística (CARDENAL, 2003 a, p. 64. Tradução nossa).

Objetivando finalizarmos os relatos das *muchachas* em flor por quem Cardenal esteve apaixonado, falemos de Ileana, sua última namorada e aquela que detonou a chispa que levou ao encontro amoroso do poeta com Deus. Essa menina foi cantada em prosa e em verso pelo poeta. Assim, vamos usar os **Epigramas** e trechos de **Vida Perdida** para dar notícias desse amor. Aliás, o último amor, motivado pelas artimanhas de Eros, cantado e vivido por esse homem.

Os epigramas 43 e 45 são dedicados a Ileana, *muchacha* que Cardenal conhecera na Escola de Belas Artes. Moça morena, delicada, tímida, muito tímida. Tinha 18 anos. De amigos, tornaram-se namorados. Morava perto da catedral e se encontravam todas as noites. A respeito de sua relação com ela, diz o seguinte: “A respeitava como algo sagrado: a possível futura esposa. Mas não sabia se estava suficientemente enamorado para que fosse minha esposa. Melhor dizendo, sabia que estava enamorado, mas não tanto. [...] Também tinha medo que engordasse” (CARDENAL, 2003a, p. 67. Tradução nossa). Ela era a menina que representava a possibilidade de firmar um relacionamento mais sério, poderia ser a futura esposa, a mãe de seus filhos. Contudo, a beleza e a juventude dessa menina não bastaram para que o poeta esquecesse a visão do Museu do Prado e, como em outras vezes, surgiu o medo de que o tempo a levasse a engordar e a envelhecer e também a dúvida de ser o amor humano seu destino.

Diante de suas constantes dúvidas entre o sagrado e o profano, Cardenal pediu a intervenção divina: “Aquele mesmo pedido de sempre a Deus e a Maria; com a mesma coisa. Se Deus me quisesse definitivamente para Ele – eu não ia seguir indefinidamente com esse dilema – que se rompesse imediatamente essa relação” (CARDENAL, 2003a, p. 67. Tradução nossa). Isso ocorreu. Em um determinado dia, Ileana pediu que o poeta não a procurasse mais. Nesse momento de desarmonia com as forças do universo, foi feito o epigrama 43, endereçado a Ileana. Nesse texto, lamenta a ausência da amada:

Ileana: la Galaxia de Andrómeda,  
a 700,000 años luz,  
que se puede mirar a simple vista en una noche clara,  
está más cerca que tú.  
Otros ojos solitarios estarán mirandome desde Andrómeda,  
en la noche de ellos. Yo a ti no te veo.  
Ileana: la distancia es tiempo, y el tiempo vuela.  
A 200 millones de millas por hora el universo  
se está expandiendo hacia la Nada.  
Y tú estás lejos de mí como a millones de años  
(CARDENAL, 2001, p. 51)<sup>203</sup>.

Sabemos, pelas anotações presentes no diário **Vida Perdida**, que os apaixonados se reencontraram, reataram, mas não ficaram juntos. Cardenal estava fadado a perder sua vida para só reencontrá-la em Deus. Ileana veio a se casar com um embaixador de Somoza. Para Cardenal, ficou evidente que era uma decisão de Deus. Essa decisão divina, por sua vez, levou o poeta a escrever o epigrama 45:

Si cuando fu ella rebelión de abril  
Me hubieran matado con ellos  
Yo no te habría conocido:  
Y si ahora hubiera sido la rebelión de abril  
Me hubiera matado con ellos (CARDENAL, 2001, p. 53)<sup>204</sup>.

---

<sup>203</sup> Ileana: a Galáxia de Andrômeda, / a 700000 anos luz, / que se pode ver a olhos nus em uma noite clara, / está mais próxima de ti. / Outros olhos solitários estarão olhando-me desde Andrômeda, / na noite deles. Eu a ti não vejo. /Ileana: a distância é tempo, e tempo voa. /A 200 milhões de milhas por hora o universo / está se expandindo para o Nada. / E tu estás longe de mim como a milhões de anos. (Tradução. nossa)

<sup>204</sup> Se quando foi a rebelião de abril / Eu tivesse morrido com eles / Eu não teria te conhecido: / E se agora tivesse sido a rebelião de abril / Eu me tinha matado com eles. (Tradução nossa)

O epigrama 48, apesar de não haver uma referência explícita também é dedicado a Ileana, fato confirmado em **Vida perdida**. Trata-se de um texto permeado por um lirismo singelo de alguém tocado pela experiência do amor em toda sua potencialidade de despertar saudade, desejo, falta:

Viniste a visitarme en sueños  
pero el vacío que dejaste cuando te fuiste  
fue realidade  
(CARDENAL, 2001, p. 56)<sup>205</sup>.

Há outros nomes, outras relações amorosas, como Martha Debayle – “Eu era apaixonado por Martha” (CARDENAL, 2003a, p. 35. Tradução nossa) -, Virgínia, por quem nutriu uma amor-amizade, não um amor-paixão. É claro que permeado pelo desejo: “[...] Saímos em traje de banho para dar um passeio fora do balneário, entre o mar e uma costa íngreme, por cima de umas rochas escarpadas, e encontramos essa caverna como um convite a entrar na caverna dela; nós dois sozinhos, em frente só o mar” (CARDENAL, 2003a, p. 38. Tradução nossa). Há mulheres de outras classes - cujos nomes não menciona -, mulheres que buscava em festas e mesmo prostitutas. A justificativa para todas essas buscas era: “Eu estava obcecado pelo sexo e pelo amor. Ou melhor por um sexo por amor, um desejo quase infinito de matrimônio. Uma grande inveja dos companheiros casados” (CARDENAL, 2003a, p. 38. Tradução nossa).

Muitos nomes femininos povoaram a mente do homem Cardenal, levando-o ao sentimento de incompletude que ajuda a definir o amor erótico: Sylvia, Adelita, Claudia, Myriam Báez, Virgínia, Martha, Conchita, Meche, Mimí Hammer, Christine, Ileana e muitas outras. Isso sem mencionar o amor puramente físico, experimentado com “as putas”. Mas, segundo o próprio poeta, tudo “isso demonstra que tive paixões, mas não um amor verdadeiro. O verdadeiro amor só existiu no seu verdadeiro amor. Porque no verdadeiro amor não cabe outro amor, é um completo esquecimento” (CARDENAL, 2003a, p. 34. Tradução nossa) e que [...] “em meio a esses conflitos de enamoramentos, e de um amor junto com outro amor, existia sempre meu angustiador dilema [...]: o amor humano ou Deus” (CARDENAL, 2003a, p. 35. Tradução nossa).

Anos mais tarde, já sacerdote, afirma que esteve enganado: nunca existira tal conflito:

---

<sup>205</sup>Viestes visitar-me em sonhos / mas o vazio que deixaste quanto te foste / foi realidade. (Tradução nossa)

[...] eu renunciei ao amor humano por erro. Não havia tal dilema como eu acreditava. Mas sem esse erro eu não teria tido a união com Deus. Sendo ocidental como Santo Agostinho e cristão ou judeu-cristão, e não como os muçulmanos de Luce López-Baralt, eu não teria encontrado nunca no coito uma vida unitiva com Deus. E mais: sem este erro de escolher o celibato eu não teria sido tampouco revolucionário. Teria sido burguês. Esse era o rumo de minha vida. Antes da Revolução sandinista tinha sido, no fundo, um intelectual simpatizante do sandinismo, não um militante revolucionário. E assim como Santo Agostinho chamou de “felix culpa” ao pecado de nossos primeiros pais (Adão e Eva), “culpa ditosa” pela redenção que nos trouxe, assim eu poderei dizer também: “ditoso erro” (o meu e o de Santo Agostinho) (CARDENAL, 2003 a, p. 65).

Após Illeana, sua última namorada<sup>206</sup>, ocorreu o encontro místico sobre o qual já falamos. Porém, gostaríamos de retomá-lo nessa oportunidade, uma vez que abordamos as relações eróticas saboreadas por Cardenal. Já mostramos a narração desse encontro em prosa, através dos relatos feitos em **Vida Perdida** e **Vida no Amor**. Traremos à luz a partir desse ponto, o relato dos mesmos em versos para que o leitor possa acessar, através da linguagem muito singular da poesia, esse momento de êxtase e a força que ele teve na construção de vida do poeta a partir do momento em que ele experimentou gozar em/com Ele. Rememoraremos também algumas passagens já abordadas em prosa para, agora, analisarmos a linguagem erótica. Além disso, achamos por bem trazer, ainda, trechos do segundo tomo dos diários do místico: **Las Insulas Extrañas** também com o intuito de mostrar a linguagem do erotismo e de reafirmar a importância daquele 02 de junho para ele.

### 5.2.3 Mística e erotismo: as metáforas do amor humano para dizer daquele encontro com “as *muchachas* das *muchachas*”

O sexo é um símbolo do amor divino. O sexo é símbolo e sacramento.  
(CARDENAL, 1996, p. 367)

Minh'alma, de sonhar-te, anda perdida!  
Meus olhos andam cegos de te ver!

<sup>206</sup> Illeana realmente foi a última namorada de Cardenal. Isso, no entanto, não significou o fim do desejo físico. Esse permaneceu por toda sua vida. Há várias passagens, em seus diários, em que isso fica evidente. Citaremos dois exemplos do que estamos mencionando. Em uma das passagens de **Vida Perdida**, ele fala sobre Ana María Portela e diz ter sido “a última beleza” que viu e com quem desejou contrair núpcias. Isso ocorreu depois de já ter “se enamorado de Deus”. Em **As Ilhas Estranhas**, ele conta que viu um cavalo castrado e se compara a ele: “como esses cavalos estava eu. Eunucos por amor ao Reino dos Céus. Não voltei a sentir mulher. Pior que eunuco, porque esses já não têm nenhum desejo, e os do Reino estão com os órgãos inteiros, como eunucos sem ser eunucos: e por amor! (CARDENAL, 2003b, p. 169).

Non és sequer razão do meu viver,  
 Pois que tu és já toda a minha vida! (ESPANCA, 2015, p. 37)

Os místicos, dentre eles Cardenal, reconhecem nas imagens poéticas do amor uma forma de tentar dizer do fenômeno ocorrido e que transformou suas vidas. A esse respeito, LÓPEZ-BARALT diz que os poetas que cantam o amor humano perceberam a capacidade de transformação e de transcendência do amor, por isso “os poetas místicos recorrem às metáforas do amor humano para intentar descrever sua experiência de amor” (2011, p. 22).

No caso de Cardenal, ainda podemos acrescentar que, como ele viveu o amor erótico em sua plenitude terrena, é natural serem usadas as palavras que remetem ao prazer físico para dizerem do amor de Deus. Por essa razão, nosso místico apropria-se do vocabulário do amor humano, objetivando dar notícias do evento com ele ocorrido. Em **las Insulas Extrañas**, tenta, através das metáforas proporcionadas pelo amor de Eros, mostrar o que foi o acontecimento experimentado por ele.

[...] até aquele 2 de junho em Manágua em que o senti como todos os gozos juntos em um só gozo, como se todos os prazeres separados e limitados se tivessem concentrado em um só ponto, e sendo tudo junto em um só ponto não é uma coisa física, mas sim sem espaço e tempo, e, portanto, espiritual (CARDENAL, 2003b, p. 169. Tradução e grifos nossos).

Assim como na passagem acima, muitas vezes, encontraremos, em seus escritos, o amor divino através de metáforas do amor humano, principalmente do amor-paixão de uma forma muito singular; é o saber construído a partir da experiência. Exemplos desses usos encontramos em muitos dos livros desse autor. Em **Vida no Amor**, por exemplo, temos a seguinte passagem que compara Deus a um amante: “Dentro de nós está o amor, Deus está louco de amor, e seu comportamento, portanto, é imprevisível. Em qualquer momento o amante pode cometer um disparate, porque como todo o que ama, não raciocina. Está bêbado de amor” (CARDENAL, 1979, p. 34). Ou ainda, “Todo homem possui uma alcova interior. No interior de cada ser humano há um tálamo nupcial, ao qual só tem acesso o esposo. Todos temos dentro de nós uma intimidade obscura, um quarto fechado, um lugar que foi criado para o amor, um paraíso interior” (CARDENAL, 1979, p.34).

Conforme já dissemos, a carência do vocabulário humano para dizer do encontro extático com Deus, leva o místico a usar palavras ligadas à literatura e ao amor. Cardenal vai além e chega a dizer, em **Vida no amor**, lembrando as palavras do filósofo francês Bergson,

que “o amor humano tomou a linguagem do amor místico, como diz Bergson, e não foi o amor místico que tomou a linguagem do amor humano” (CARDENAL, 1979, p.118). Com isso, o poeta não só assinala o fato de a busca pelo sagrado ser anterior à linguagem amorosa, mas que o homem se aproveitou da linguagem mística para dar conta de narrar o que sentia.

George Bataille (2014) reafirma essas palavras de Cardenal declarando que a linguagem erótica faz parte do campo religioso primariamente e que foram as outras ciências que a tomaram como empréstimo. O fato é que, para nós que não temos o acesso ao “Ser que nos habita por dentro” tão intimamente quanto os místicos, mas conhecemos da linguagem humana do amor, parece ser esta que forneceu elementos para aquela.

Independentemente de ser o místico quem forneceu as palavras sobre amor para os amantes humanos ou o contrário, o que nos interessa é como Cardenal se apropria desse vocabulário erótico para dizer de sua experiência mística. Assim, passemos a abordagem das várias formas utilizadas pelo místico-poeta em questão para dizer do que viveu no 2 de junho de 1956, a fim de mostrarmos o entrelaçamento linguístico entre o erótico e o místico na obra desse autor.

Já apresentamos uma primeira narração do êxtase vivido através de **Vida no Amor**, e a rememoração dessa experiência em **Vida Perdida**. Porém, decidimos trazer novamente um trecho da narrativa desse último diário para analisar a linguagem nela utilizada. Recordemos que, nesse diário, Cardenal diz que, quando ouviu a sirene anunciando que Somoza passava, após o casamento de seu embaixador com Ilena, sentiu uma superposição de Deus e do ditador, como se fossem um e como se estivesse sendo vencido por Deus, não restando alternativa a não ser deixar-se levar e se entregar em definitivo ao Pai (CARDENAL, 2003a, p. 74). O místico narra essa experiência de união com Deus, apropriando-se, como já mencionamos, da linguagem erótica. A narração é a seguinte:

Disse do mais fundo de minha alma: “entrego-me”. (Tudo o que conto foi rapidíssimo, apesar de serem lentas as palavras para o contar.) [...] E senti que entrava dentro de minha alma como uma brisa, algo sutil que eu havia provado antes um pouquinho: a paz de Santo Inácio. O que começava a sentir quando me aproximava da entrega; mas agora vinha fazendo maior, e eu já sabia de onde vinha isso que estava me entrando; e me lembrei do que aconselhava São João da Cruz e o quis rejeitar, para não me equivocar com nada falso. E ainda que o rejeitasse, aquilo crescia mais. (Tudo isso muito rápido como disse) E isto passou de uma paz muito saborosa para um deleite muito grande, um prazer imenso, que se fazia cada vez mais imenso até ser intolerável. E senti que me dizia, me comunicava sem formulá-lo em palavras: “Isto é o que você queria desde muito tempo. Agora sim, já nos unimos”. E minha alma se sentia suja, se sentia envergonhada. Enquanto cada vez me apertava mais era abraçado mais e mais forte por um prazer sem limite. E então lhe disse que

não me desse mais prazer porque ia me matar. Já me doía muito. Se me fizesse gozar mais me matava. E me parece que, todavia, aumentou um pouquinho mais e já cessou. Cai aturdido. Abobado. E senti que minha vida ia mudar totalmente (CARDENAL, 2003, p. 74-75. Tradução nossa).

O ato de experimentar o sagrado é descrito, nesse texto, através do uso de termos ligados ao campo semântico do erotismo. Tanto é que, na descrição, encontramos expressões como “deleite”, “prazer imenso”, “prazer sem limite”, “me fizesse gozar”. Esses termos já foram usados por inúmeros outros místicos na descrição do êxtase místico. É o caso das narrações de São João da Cruz e de Santa Teresa de Ávila, nas quais as palavras próprias de Eros são utilizadas para dizer do encontro amoroso com Deus. Encontramos esse vocabulário, ainda, no livro bíblico **Cântico dos Cânticos**. Em todos esses, há um amor matrimonial o qual “inclui a amizade, o afeto, o desejo e a caridade numa rica mistura” (KREEFT, 2015, p. 133), um amor que fecunda a alma, tornando-o terra fértil capaz de fazer brotar vida nova e permitindo-nos entender, mesmo que só por instantes, que tudo é reflexo do Criador.

O que vemos nessa descrição de um íntimo relacionamento com Deus é a manifestação do Amor e, através dessas imagens, percebemos a religação do homem com o sagrado, na qual é refeita a aliança tantas vezes mencionada nos textos bíblicos e, como já dissemos, faz o humano voltar à condição inicial de completude.

Quando Deus Amor, sedento de desejo, resolve se unir, em um leito nupcial à alma, assume a face de Eros. Essa união entre alma (Psique) e Amor (Eros) já foi cantada pela mitologia. E, no mito de Eros e Psique<sup>207</sup>, através desse encontro amoroso entre amor e alma, nasce o prazer, o qual é mostrado por Cardenal em seus textos. Isso é visto, por exemplo, no anteriormente mencionado texto que dá conta do encontro ocorrido naquele dia 02 de junho de 1956. Nessa narração, vemos um homem que, apesar do medo do desconhecido, estava inebriado pelo perfume criador, vivendo um instante de prazer e de total entrega à graça de Deus.

Esse mesmo Amor esponsal, resultado do encontro dessa alma feminina – tímida, fértil e ansiosa por unidade com o seu Amado – ainda foi cantado em outras obras de Cardenal. Para efeito de exemplificação desse atrelamento feito entre linguagem erótica e experiência místico-extático, apresentaremos imagens perceptíveis em **Telescopio en la noche oscura** e em

---

<sup>207</sup> O mito de Eros e Psique conta do nascimento do prazer a partir do momento em que o amor físico se encontra com a alma. Esse mito é encontrado no livro **As melhores Histórias da Mitologia: Deuses, heróis, monstros e guerras da tradição greco-romana**, de A.S. Franchini e Carmen Segnanfredo, Ed. L&PM, de 2014, vol.1, p. 239-247.

**Cántico Cósmico.** Nesses livros, o vocabulário utilizado aproxima-se bastante do campo semântico do amor erótico. Não é por acaso que surgem imagens como “quase uma violação, mas consentida”, “invasão do prazer”, “não mais que me matas” em **Telescopio**, e “eu tive uma coisa com ele e não foi um conceito”, “algo dentro de mim, não em meu corpo, mas para dentro”, “gozo do outro gozo, os dois gozos um”, “e como se o nada me tivesse penetrado” em **Cántico Cósmico**.

Em **Telescopio en la noche oscura**, a experiência extática é assim apresentada:

Cuando aquele mediodía del 02 de junio, un sábado,  
Somoza García pasó como rayo por la Avenida  
Roosevelt  
sonando todas las bocinas para espantar el tráfico,  
en ese mismo instante, igual que su triunfal caravana  
así triunfal tú también entraste de pronto dentro de  
mí  
y mi almita indefensa querendo tapar sus vergüenzas.  
Fue casi violación,  
pero consentida,  
no podía ser de outro modo,  
y aquella invasión del placer  
hasta casi morir,  
y decir: ya no más  
que me matás.  
Tanto placer que produce tanto dolor.  
Como una especie de penetración.  
(CARDENAL, 1993, p. 67-68)<sup>208</sup>

Há uma nítida aproximação, no campo da linguagem, entre a penetração de Deus na alma e um ato sexual humano, com os sentimentos e os sentidos presentes nesse ato, como a timidez ao se expor (“y mi almita indefesa querendo tapar sus vergüenzas”), o sentimento um grande prazer (“y aquella invasión del placer/ hasta casi morir”), um misto de prazer e dor (“Tanto placer que produce tanto dolor”) e a penetração em si (“Como una especie de penetración”). Isso confirma o que Gonzáles diz em seu livro **“Yo tuve una cosa con él y no es un concepto”**. Segundo essa autora, as imagens eróticas presentes na poética de Ernesto Cardenal são um resultado de seus inúmeros relacionamentos íntimos (2011, p. 66). Nas palavras do poeta nicaraguense, “O amor que tive pelas mulheres me fez saber como é teu amor. Sim,

<sup>208</sup> Quando naquele meio-dia de 02 de junho, um sábado, / Somoza García passou como um raio pela Avenida/ Roosevelt/ soando todas as buzinas para espantar o tráfego/ nesse mesmo instante, igual à sua triunfal caravana/ assim triunfal também entraste de imediato dentro de /mim / e minha alminha indefesa querendo tapar suas vergonhas/ Foi quase violação / mas consentida,/ não podia ser de outro modo, / e aquela invasão de prazer/ até quase morrer,/ e dizer: já não mais/ que me matas./ Tanto prazer que produz tanta dor. / Como uma espécie de penetração. (Trad. nossa)



como me amas. Porque eu também amei. Bem sei o que é um amor possessivo. O que é estar loucamente enamorado, perdido por uma pessoa. Eu sei, pois, o que sentes por mim (CARDENAL, 2003 a, p. 239).

Percebemos, no poema anterior, de **Telescopio**, além das imagens eróticas, a presença do elemento que serviu como “detonador” para a experiência amorosa com Deus: o casamento de Ileana com um embaixador de Somoza. A imagem é bastante interessante porque o poeta associa a entrada triunfal de Somoza na avenida à entrada “triumfal” do Amado em sua alma.

Em **Cántico Cósmico**, a lembrança do ocorrido naquele 2 de junho é assim evocada,

Yo tuve una cosa con él y no es un concepto.  
Su rostro en mi rostro  
y ya cada uno no dos  
sino un solo rostro.  
Cuando exclamé aquella vez  
Vos sos Dios.

[...]

Oh dos nadas del todo desnudadas  
el todo con la nada  
una nada en su todo desnudadas  
el todo con la nada  
una nada en su todo transformada  
quedeme y olvideme  
dejando mi pasado  
entre los cuasares olvidado.

Se siente

y no se siente

se siente

pero es como que no se siente

o en verdade es que no se siente.

Algo dentro de mí, no en mi cuerpo sino más adentro

Es abrasado, abraza y es abrasado,

unidos habiendo de algún modo dos en uno, dos uno,

goce del outro goce, los dos goces uno

Sin que nada se sienta sensiblemente conste:

es como que he abrasado la noche

negra y vacía

y estoy vacío de todo

y nada quiero

es como si me hubiera penetrado

la Nada. (CARDENAL, 2012, p. 385-387)<sup>209</sup>

<sup>209</sup> Eu tive uma coisa com ele e não é um conceito. / Seu rosto em meu rosto / E já cada um não dois / Porém um rosto só. / Quando exclamei aquela vez / Tu és Deus. [...] Ó dois nadas do todo desnudados / O todo com o nada / Um nada em seu todo transformado / Me fique e me esqueça / Deixando o meu passado / Entre os quasares olvidados. / Se sente / E não se sente / Se sente / Mas é como que não se sente / Ou em verdade é que não se sente. / Algo dentro de mim, não em meu corpo, mais dentro / E abrasado, abraça e é abrasado, / Unidos havendo de algum modo dois em um, dois um, / Doçura com

Nesse poema de **Cántico Cósmico**, observamos, além das construções imagéticas ligadas ao erotismo, a materialidade das imagens, o quanto elas são concretas, influência do exteriorismo cardenaliano. Não é por acaso que o autor menciona que “Yo tuve una cosa con él y no es un concepto”. Além disso, as consequências para quem vive o êxtase místico também são apresentadas nesse texto: a união mística (“unidos habiendo de algún modo dos en uno, dos uno”), o esvaziamento de tudo e a sensação de saciedade uma vez que fora possuído pelo Nada (“y estoy vacío de todo/ y nada quiero / és como si me hubiera penetrado /la Nada”).

Em todos esses textos, percebemos a aproximação entre o vocabulário erótico e a linguagem mística, em seu lirismo, em suas imagens sensuais e também em seus paradoxos. No poema anterior, por exemplo, há os versos “Se siente / y no se siente” os quais bem exemplificam essa figura de linguagem. Essas construções ocorrem porque o vocabulário humano, como já dissemos, não dá conta de explicar “a intimidade com o infinito”.

Anos após a íntima relação com o sagrado, usando palavras que remetem às relações de corpo, o místico tenta mais uma vez explicar o que viveu:

A intimidade com o Infinito, como explicar como é? É uma união dentro de um, e sem senti-lo com os sentidos, sinto-o, sua frente sobre minha frente, seus olhos sobre meus olhos, sua boca sobre minha boca, tão perto de mim que já não sei qual é qual, qual sou eu e qual é Ele, onde começa ele e onde acabo eu, porque já Ele e eu somos um, um só tu e um só eu, um eu que é tu. Fecho os olhos e sinto-o junto a mim, o amante sobre sua amante. E, no entanto, a alma está abraçada com o nada [...]. Deitado na noite, entre os lençóis gelados que começam a esquentar meu corpo, a alma deseja o calor de outros braços, e encostar-se em outro corpo. Mas então a alma se lança até Ele cheia de desejo, e sente que Ele a recebe, e já não me importa então o frio dos lençóis nem a solidão da cama. Em meu quarto em frente aos Andes, eu podia sentir que Ele me invadia e abraçava todo meu ser, alma e corpo, saciando todos os desejos que não tinham sido saciados com os deleites finitos que desejava, que não eram Deus senão reflexos de Deus (CARDENAL, 2003b, p. 30. Tradução e grifos nossos).

Esse trecho do diário **Las insulas extrañas**, mostra que o desejo, o amor-falta sempre estiveram presentes em Cardenal, o que ele fez foi uma opção pelas “*muchachas* das *muchachas*”, uma vez que reconheceu o fato de que nenhum desejo humano, “reflexo” de Deus,

---

doçura, numa só doçura, / Gozo do outro gozo, os dois gozos um/ Sem que nada se sinta sensivelmente conste:/É como que abracei a noite/Negra e vazia/E estou vazio de tudo/E nada quero/É como se me houvesse penetrado /O Nada (CARDENAL, 1996, p. 385-386).

mas não Deus, é capaz de aplacar sua fome de Infinito. Mas essa opção por Deus não foi sempre fácil, às vezes gerava angústia, em muitos momentos o corpo ansiou pela carne, pelo toque. Contudo, sempre, após os instantes de “recaídas em prol da carne” vinha a certeza de pertencer a Deus, de que a relação que tinha com Ele já havia se tornado algo mais íntimo que o amor do mundo dos homens, pois se tornara capaz de amar para sempre um ser que não mais o desposaria. Viveria das lembranças de um amor que agora encontrava-se em um nível acima, mais elevado.

Ouviu uma pessoa comentar que o período de sua lua de mel (da pessoa) fora um paraíso. Então, diz: eu escutava dentro de mim uma voz que dizia: “para vós, jamais”. Sonhei que beijava uma mulher que tinha sido minha namorada, e despertei sentindo nos lábios o sabor desses beijos. E ter a vivíssima consciência então de que nunca jamais na vida voltaria a beijar quaisquer lábios, eu, o que sentia que era um ser especialmente nascido para o beijar, e se havia lábios feitos para beijar eram meus lábios. E o que eu faria então? Apertava mais Deus contra meu peito, juntava mais minha ama com Ele. E me inundava o amor dEle, um amor sem lábios, sem peitos para tocar, um amor sem nada, o puro Amor. Ah, Amor, te direi uma coisa. Creem que teu amor não tem nada que ver com o amor do mundo, o amor dos beijos e dos abraços, o amor da cama, o amor libidinoso em um baile e esta manhã, na capela do seminário, não é mais que amor, o puro amor. Tem que ver o que eram as mulheres para mim. Adorava-as como a Deus. E com razão, vejo claramente agora, porque refletiam a Deus. Havia um fulgor divino tilintando nelas, e isso eram o que me deixava louco, como não vou ficar louco Deus: mas o fato era que nenhuma delas, tão lindas, era Deus, a mulher que não envelhece.

[...]

Nenhuma era a beleza total, mas sim reflexos fragmentados dessa beleza, como pedaços de um espelho quebrado. Mas agora elas já não eram nada ou quase nada para mim, desde que provei um sopro, do deleite de Deus. Desde então o resplendor de seu rosto empalideceu até fazer-se quase invisível como a chama de uma vela adiante do sol. Mas como me deslumbrou a beleza humana brilhando na escuridão. O amor era o que me deixava longe dEle, e eu não compreendia que Ele era o Amor, que e tratava com o noivado com o próprio Amor. Eu havia desejado tanto me casar. Mas não é que não tivera núpcias, mas que teríamos núpcias melhores, e minha alma suspirava por esse dia. Com o criador do sexo são essas bodas. Quem quis que todo o universo fosse união, e atração, e sexo. Se os gozos sexuais que deu a todos, até aos animais, são tão grandes, e mais são os humanos, como serão os que dará à alma sua amada, desposada com Ele, e que havia desejado tanto. Pensando bem, eu não tinha contentado com uma mulher, com um rosto (Carmen talvez). Fizeste que as amasse tanto para que depois, com este coração enamorado, amasse ainda mais vós. Vós que tanto tempo sonhou comigo. E porque me perseguiste tanto o estou compreendendo em meu quarto com a noite estrelada. Não podias perder-me, que teria sido de ti sem mim. E que teria sido de mim sem ti. Não podias permitir que eu me tivesse sempre afastado de ti. Tínhamos nascido um para o outro, e não podíamos ficar separados para sempre. No entanto, como pudemos ficar tanto tempo

separados. Amando-me tanto, como sofrerías ao estar sem mim. Que emoção sentiste, quando pela primeira vez, por fim, entraste dentro de mim e estivemos juntos! Por favor, isso é importante: 02 de junho foi uma entrega voluntária. Uma decisão que eu tomei e podia não tomar. Ele esperou até que eu me entreguei. Se eu não tivesse feito isso, Ele tampouco poderia fazer (CARDENAL, 2003b. p. 28-30. Tradução nossa).

Após esse relato, resta a nós dizermos ser a mística de Ernesto Cardenal, a qual aparece refletida em sua Literatura, uma mística que, além de estar inserida no tempo, no mundo, onde se encontram os humanos com seus amores e suas dores, é uma mística a qual pressupõe a existência de um corpo. Na sua relação com o sagrado, há a forte presença do humano, com seus desejos, paixões, abraços, beijos, carícias, com suas relações mais íntimas, as quais envolvem sexo, amor, sexo com amor. A máxima de Santa Teresa, segundo a qual “não somos anjos, porque temos um corpo”, é desenvolvida tanto nos diários, quanto nos poemas místicos do poeta nicaraguense. E a busca da ascese, do contato com Deus, é trabalhada levando em consideração esse corpo e a linguagem humana do amor que não deixa de considerar a existência desse corpo. Por isso, belíssimas imagens do amor humano aparecem para falar do contato entre o homem e Deus.

Não é por acaso que o poeta escreve em **Vida no Amor** com o seguinte: “Estás dentro de mim e em teus olhos estão concentrados todos os olhos das mulheres que amei, e os olhos das que me amaram e muito mais, e todos os olhares de amor que aconteceram no mundo e muito mais e teus olhos estão fixos em mim desde toda a eternidade eles estão me olhando” (CARDENAL, 1979, p. 71). Essa passagem, por sua vez, dialoga com o seguinte poema de **Telescopio en la noche oscura**:

[...]  
 Tomarse con los brazos el uno al otro,  
 Dándose cada uno a los brazos del otro.  
 Qué diferente sentirte dentro de uno  
 Que sentirse uno solo dentro de uno,  
 Es decir, vacío.  
   ¿Será que es soledade tu abrazo  
   Y tus besos sólo sed?  
 Me parece oírte que de mí no te sacias nunca.  
 Yo que fui antes buen catador de amarguras.  
 Me eriza pensar  
 Como será que dices  
 cuando dices mi nombre<sup>210</sup>. (CARDENAL, 1993, p. 58-59)

<sup>210</sup> Seguram os braços um do outro/ dando cada um aos braços do outro,/ quão diferente é sentir-te dentro de alguém/ do que sentir alguém dentro de si mesmo,/ isto é vazio./ Será que é solidão teu abraço/ e

Essa é a mística cardenaliana. Erótica, pautada em uma falta só suprimida pelo Outro que nos habita, que precisa de abraços, que sente saudades de sentir-se nos braços dEle, que anseia por Seus beijos, que sente desejo quando Ele pronuncia seu nome. É uma união marcada pelo anseio de possuir e ser possuído e pela certeza de somente a Ele pertencer. Não é por acaso que, ao falar de sua relação com Deus, declara:

Nuestras relaciones...  
 Esta simbiosis que somos.  
 Vos sabes lo que buscaba:  
 Beleza que no se engorde,  
 Amor que no se aburguese.  
 Por outra parte vos:  
 Querías tener amor con alguien  
 Por lo que fui hecho.  
 Yo no hice nada para enamorarte<sup>211</sup>.  
 (CARDENAL, 1993, p. 66)

Assim, usaremos as palavras de Cardenal, em **Vida Perdida**, para apresentar o que ele pensa ser o amor místico:

[...]

O amor humano e o amor místico não são iguais, mas têm uma mesma raiz. Por isso é que, assim como todos os enamorados dizem sempre o mesmo até o tédio. O amor místico é igual ao humano enquanto é um desinteressar-se de toda outra coisa, ter a mente fixa só em Deus, ainda que ele não quer dizer pensar em Deus, mas fazer-se um com Deus. E então o místico pode voltar ao mundo e fazer todas as tarefas terrenas, porque já é como um autômato de Deus. Também no enamoramentos humano quando é correspondido se opera a união transformante, e cada um vive no outro. Por isso, disse Ortega e Gasset, é que o místico e o amante correspondido usam a mesma linguagem. E disse algo muito bonito: que somos muito ciumentos de nossa individualidade, e que o único caso em que é desejada a invasão de nossa individualidade é o amor. Que é como o que ouvi falarem aquele dia no ônibus: estar enamorado é não ter asco da escova de dente do outro (CARDENAL, 2003 a, p. 423-424. Tradução nossa).

Quanto à linguagem utilizada pela mística, fizemos ver que não há, no vocabulário do dia a dia, palavras para dizer da experiência místico-extática vivida. Por isso, são tão comuns os dislates e a recorrência, no caso do autor estudado, de vocábulos ligados à experiência

---

teus beijos apenas tenham sede?/ Parece-me ouvir-te que de mim não te sacias nunca./ Eu que fui antes bom provador de amarguras./ Isso me faz pensar/ como será que dirá/ quando disser meu nome.

<sup>211</sup> Nossas relações... / Esta simbiose que somos/ você sabe o que buscava:/ beleza que não engordasse./ Por outro lado você:/ queria enamorar-se com alguém por que fui feito./ Eu não fiz nada para enamorar-te.

amorosa erótica. A respeito disso, e para fecharmos esse assunto, recorreremos às palavras do próprio poeta. Segundo ele,

[...]

Todo mundo notou disse, que os místicos usam imagens eróticas, mas pensou que eram metáforas, nada mais. E as metáforas obedecem a leis iguais às que governam as estrelas. Faz-se notar que não é só o místico que usa termos eróticos, mas também os enamorados usam termos místicos. Para Platão, o amor era uma mania divina, e todo enamorado vê a sua divina amada, se sente com ela como no céu (CARDENAL, 2003 a, p. 423).

Mostrados os enamoramentos de Cardenal primeiro pelas *muchachas* e depois com *muchacha das muchachas*, e a linguagem por ele utilizada para dizer do amor com Deus, restamos uma pergunta: o que o místico nicaraguense fez depois que viveu a experiência mística erótica unitiva com o Infinito? Parte dessa resposta já foi dada tendo em vista tudo o que foi escrito até esse ponto. Resta-nos agora mostrar as novas relações amorosas surgidas a partir desse encontro vivido por ele com Ele.

Antes, contudo, de passarmos para a última parte dessa tese, gostaríamos de deixar mais um texto em que o místico descreve o amor com o Infinito. Trata-se de um trecho de Cântico Cósmico, e o encontro aqui traz a imagem da delicadeza e da efemeridade que acessamos com a flor da pitahaya: “ ‘conocí un amor como la flor de la pitahaya/ que es flor de una sola noche’ [...] El placer que fue tan intenso y fue tan fugaz, y fue”<sup>212</sup>(CARDENAL, 2012, p. 360).

### 5.3 “O CÂNTICO ERÓTICO-CÓSMICO”: MÍSTICA COMO ORAÇÃO DE UNIÃO

Poesia e ciência são entidades que não se podem confundir, mas podem e devem deitar-se na mesma cama (COUTO, 2015, p. 43)

Já citamos, em algum ponto dessa tese, que a vida de Cardenal foi transformada pelo encontro místico vivido e que tudo o que fez a partir de então – sua luta em prol dos oprimidos, sua literatura, sua opção por se tornar primeiro monge depois sacerdote, a criação de uma comunidade contemplativa – foi consequência do que experimentou naquele 02 de junho, mas precisamos reafirmar isso e dizer também que o amor erótico vivido, primeiro com as mulheres depois com Deus, foi sendo modificado, levando a se manifestar, na obra do poeta, duas outras

---

<sup>212</sup> “ ‘Conheci um amor como a flor da pitahya/ que é flor de uma única noite’ [...] / O prazer que foi tão intenso e foi tão fugaz. E foi” (CARDENAL, 1996, p. 360).

formas desse mesmo amor: o amor ágape e o amor philia. Passaremos, nesta parte de nosso último capítulo, a escrever sobre essas manifestações do Amor e sobre as consequências desse amor transformante materializadas nas últimas obras do místico-poeta nicaraguense.

Cabe ressaltarmos que a dimensão erótica sempre esteve presente nas construções literárias e de vida de Ernesto Cardenal. O que o místico faz é mostrar, além da faceta erótica, outras faces de um mesmo Amor, responsável pela coesão e construção dos multiversos. Em consequência disso, podemos afirmar que o escritor Cardenal constrói, através de sua literatura, um “cântico erótico-cósmico”. Falaremos sobre esse canto nos próximos itens desse trabalho.

### 5.3.1 Penetrado por Deus: e agora? O que fazer desse amor?

Para quem vive em união com Deus todas as coisas estão transfiguradas por uma luz especial, brota um manancial de gozo de todas as coisas, mesmo das mais comuns da vida cotidiana (CARDENAL, 2003 a, p. 326)

Queremos começar revisitando uma das epígrafes usadas no início de uma das partes desse capítulo. Trata-se de um trecho de um poema de Florbela Espanca, poetisa portuguesa do início do Século XX. Nesse texto, o eu lírico diz o seguinte: “Minh’alma, de sonhar-te, anda perdida!/ Meus olhos andam cegos de te ver!/ Não és sequer razão do meu viver,/Pois que tu és já toda a minha vida!” (ESPANCA, 2015, p. 60). Esses versos são uma interessante forma de expressar o que viveu Cardenal: um desejo de união, a sensação de estar “condenado a ser de Deus”, a dificuldade de contar a experiência vivida; por isso, o frequente uso de uma linguagem que “afirma para negar e nega para afirmar” e a certeza de “pertencer ao Amado”. Contudo, após a união e já transformado por ela, é mister voltar ao mundo porque é preciso ajudar outros seres a “saírem da caverna”.

Cardenal, nesse retorno, chega a conclusões. Apresentaremos algumas com o intuito de mostrar como alguém que experimentou o esvaziamento percebe o mundo quando nele retorna. A primeira delas é: “Sinto que recobrei minha personalidade, minha identidade, e que todos esses anos eu era um falso, uma falsificação de mim, um simulacro, um frei sem hábito, disfarçado de não frei” (CARDENAL, 2003 a, p.190. Tradução nossa). Nessa passagem, percebemos a vocação para o sacerdócio, desde sempre pressentida, sendo confirmada. Algo que já se percebia na infância, nos teatros em que atuava como padre, na profunda devoção e entrega à Virgem Maria e no interesse constante pela leitura dos Evangelhos.

Uma segunda conclusão é a de que “na entrega a Deus, como em um voo ao espaço, o que custa mais é o desapegar; isto se faz mais e mais difícil, até que se saia já da gravidade e se

entre ao ponto sem retorno. E depois a viagem se faz mais e mais fácil” (CARDENAL, 2003 a, p. 216. Tradução nossa). O desapego é uma etapa necessária e fundamental para que se realize a união com o Amado. Como o próprio Cardenal mencionou no trecho citado, é a fase mais difícil, uma vez que somos muito apegados ao nosso “eu” e enquanto não passamos pela “grande morte”, a qual significa a morte do ego, não conseguimos nos unir a Ele. Há uma interessante passagem de um dos diários do místico nicaraguense que nos esclarece sobre essa morte. Na passagem, o poeta estabelece uma metáfora entre a alma e um espelho. Nessa construção metafórica, evidenciamos ser a alma um espelho que, para refletir Deus, nada pode refletir. Esse texto também nos diz do esvaziamento necessário para que possamos refletir o Criador:

Os escritores da vida espiritual muito têm dito que a alma é espelho. E é espelho, mas é espelho de Deus. E Deus não é um objeto; portanto, espelho para refletir a Deus não pode refletir nenhum objeto: é um espelho limpo no qual nada se reflete. Quando não há nada nesse espelho, está Deus. Se há alguma coisa no espelho, não reflete Deus (CARDENAL, 2003b, p. 81. Tradução nossa).

O místico em questão conclui ainda o seguinte: “percebi que o mundo era invisível” (CARDENAL, 2003 a, p. 247. Tradução nossa). O mundo se torna invisível, porque as coisas do mundo já não têm significado para aquele que está unido com o Sagrado. E, assim, “ao suprimir o ruído do mundo o que se experimenta é o grande ruído interior (com milhares de grilos) de meus pensamentos, minhas fantasias, minhas recordações” (CARDENAL, 2003b, p. 219. Tradução nossa). Há uma passagem de **Vida Perdida** em que o então aspirante a monge Cardenal está saindo da Trapa para ir a Cuernavaca e, no caminho, interrompe sua viagem para comer. Quando entra no bar não consegue permanecer, porque, naquele momento, os sons do mundo, as músicas, são difíceis de suportar. Esse relato mostra bem a necessidade de solidão em decorrência de o mundo não ter mais o valor que outrora tivera.

Quanto à conclusão de que “o amor que tive pelas mulheres me fez saber como é teu amor” (CARDENAL, 2003 a, p. 239. Tradução nossa), já trabalhamos em tópicos anteriores. Cabe lembrar que Ernesto, por ter antes da entrega total a Deus, ter experimentado as sensações do mundo sensível, diz compreender ser Deus um amante apaixonado e ciumento. Além disso, pode usar com propriedade as metáforas do amor humano para dizer da experiência vivida naquele 02 de junho de 1956.

Também inferiu o seguinte da experiência extática vivida: “meu estado de ânimo era: não devemos nos preocupar com nada” (CARDENAL, 2003 a, p. 253. Tradução nossa).



Cardenal realmente se achava nos “braços do Amado” e acreditava que sempre Deus proveria todas as suas necessidades. Enquanto estava construindo Solentiname, viveu momentos os quais reforçam essa ideia de total entrega aos desígnios de Deus. Vamos apresentar dois desses momentos a título de explicação: houve uma ocasião em que os mosquitos “atacavam” os moradores da comunidade que estava sendo construída. Diante desse fato, o místico fez uma oração a Deus pedindo que Ele levasse os mosquitos. Pouco tempo depois, não havia mais insetos. “E até esta data não há mosquitos” (CARDENAL, 2003b, p. 125). Em uma outra ocasião, tinham que pagar uma quantia alta para não pararem as obras em Solentiname. Não tinham dinheiro algum e, mais uma vez, o sacerdote recorreu à oração e, em poucos dias, surgiram doações inesperadas e conseguiram quitar todas as contas. Além disso, após orações, tiveram a ideia de começar o artesanato na comunidade e, dessa forma, resolveram a questão financeira.

Percebeu ainda, após sua entrega, que: “o criador de todos os seres, nascidos de uma união de amor e que, por sua vez, se reproduzem por uma união de amor, que outro poderia ser, senão o verdadeiro amor?” (CARDENAL, 2003b, p. 109. Tradução nossa). Essa passagem remete-nos à ideia de que somos parte de uma criação gestada por um Amor anterior à Criação e que abriu mão de ser único para se unir ao outro. A respeito disso, relata, em **Vida no Amor** que “Fomos criados para o amor, por um Deus que é amor [...]. Esse amor de Deus e o nosso, que são o mesmo amor, é um amor que não poderemos jamais apagar” (CARDENAL, 1979, p. 37). Isso nos remete também ao encontro de dois para fazer ver o Um, encontro esse que caracteriza a mística de Ernesto, uma vez que o poeta acredita que

[...]  
 ... En el principio sólo estaba el Uno sin otros;  
       ese Ser pensó: deseo ser muchos...  
 ...Él estaba sentado en medio del espacio  
 y tomó conciencia de sí y que sólo él existía  
 Se puso a pensar qué podía hacer. Y lloró.<sup>213</sup>  
 (CARDENAL, 2012, p. 12)

El principio

Fue que el amor se convirtió en energía

[...]

Primero sólo existía lo simple. (Sin luz.)

[...]

La primera cópula, parece, fue de algas unicelulares,

<sup>213</sup> No princípio só estava o Um sem outros;/ esse Ser pensou: desejo ser muitos.../ Ele estava sentado no meio do espaço/ e tomou consciência de si e de que só ele existia./ Se pôs a pensar no que poderia fazer. E chorou. (CARDENAL, 1996, p. 12).

No unión sexual propiamente pero sí una unión.  
 Primero de una se hacían dos, y cada una de éstas  
 De una se hacían dos, hasta que un día  
 Dos se hicieron una.

Tal vez dos que estaban incompletos.

Y fueron una sola célula.

[...]

El uno hacia el outro

Corriendo, volando, nadando o arrastrándose.

Cada uno en busca de la otra mitad de uno mismo.

De la unidad perdida

[...]

Toda la vida sexual es para la unión de dos células

Dos células que copulan,

Y se hacen una sola.<sup>214</sup>

(CARDENAL, 2012, p. 363-365)

Esses trechos citados fazem-nos ver também a linguagem do erotismo a qual é recorrentemente utilizada na obra de Cardenal, não só para dizer da experiência unitiva com Deus, mas para dizer da união de todos os seres que nos fazem vislumbrar uma face de Deus.

Dando prosseguimento às conclusões apresentadas por Cardenal, chegamos à seguinte: “estamos unidos com tudo aquilo em que também habita Deus, ou seja, com tudo: ‘uma iguana, um trator, uma galáxia’” (CARDENAL, 2003b, p. 151. Tradução nossa). Essa união caracteriza o cântico cósmico que será em breve trabalhado de forma mais consistente.

A última conclusão a qual apresentaremos diz “que Deus se revela na solidão, e a necessitamos para nos encontrar conosco mesmos e com Deus dentro de nós” (CARDENAL, p. 151. Tradução nossa). Essa solidão foi encontrada na Trapa e, algumas vezes, em Solentiname. Um dos objetivos da criação dessa comunidade era a busca do silêncio e do recolhimento na solidão dos lagos da Nicarágua; no entanto, muitas pessoas visitavam esse “lugar de hospedagem” e essas visitas ocorriam com uma frequência muito grande. Assim, foram raros os momentos em que experimentou a solidão nesse local. O místico nicaraguense revela que “era essa santa solidão a oração de conversação que fiz com mais frequência” (CARDENAL, 2003 b, p. 152. Tradução nossa).

<sup>214</sup> O princípio/ foi que o amor se converteu em energia [...]/ Primeiro existia só o simples. (Sem luz)/ [...] A primeira cópula, parece, foi de algas unicelulares./ Não união propriamente sexual,/ mas uma união./ Primeiro de uma se faziam dois, e de uma dessas/ se faziam dois, até que um dia/ de dois se fizeram uma./ Duas que talvez estivessem incompletas./ foram uma só célula. [...] Um para o outro/ correndo, voando, nadando ou se arrastando. / Cada qual em busca da outra metade de si mesmo./ Da unidade perdida./ [...] Toda a vida sexual é para a união das células./ Duas células que copulam,/ e se fazem uma só (CARDENAL, 1996, p. 363-365).

A partir dessas constatações, o místico nicaraguense percebe qual é o seu caminho após o esvaziamento: retornar ao mundo, apesar de não mais pertencer a ele, e ajudar outras pessoas a encontrarem o caminho para o Amado, mostrar ser no todo que Deus se revela e também fazer ver que se não entoarmos juntos um único cântico, não romperemos a película que nos separa de todos os elementos que compõem os vários universos. Se não entendermos isso, não O veremos. Assim, parece ser a missão do místico Cardenal cantar em prosa, em versos, em ações e orações que Deus está “nos rodeando por fora e nos habitando por dentro”. Essa atitude de Ernesto leva-nos a falar de duas outras formas de amor: ágape e *philia*.

Começamos com algumas possibilidades de definições para amor *philia* e amor ágape para, em um passo seguinte, apresentarmos a realização dessas formas de amor na obra do poeta e místico nicaraguense e sua utilização na construção do Reino de Deus e na harmonização do “Cântico Cósmico”. Não podemos nos esquecer de que o fio condutor dessas formas de amor, na obra de Cardenal, é a linguagem erótica. Por isso, acreditamos ser o erotismo um promissor caminho para nos aproximarmos da visão da mística cardenaliana.

COMTE-SPONVILLE assim define amor *philia*:

Costuma-se traduzir *philia* por “amizade”; é a tradução tradicional, e não conheço outra melhor. Apesar disso, não é completamente satisfatória. Porque *philia* em grego é amizade, de fato, mas num sentido muito mais amplo [...] é o amor a tudo o que não nos falta. (COMTE-SPONVILLE, 2011, p. 65-67. Grifos nossos)

Paulo Ghiraldelli Jr., com o intento de estabelecer uma separação entre amor sob o signo de Eros e amor *philia* diz o seguinte:

*Philia* sempre foi o amor que envolve certa deliberação. Quando amamos alguém e esse amor é amor-*philia*, há um componente deliberativo nisso. Aliás, há expressões que confirmam o fato: “Eu escolho meus amigos”. Damos o aval mais ou menos racional ao querer. Nesse caso, o querer é o da vontade, não o do desejo. Porém, quando o amor é erótico, o querer é o querer do desejo, antes do querer da vontade. Não é difícil, portanto, entender o papel de Eros, que nos faz amar por obra dele, não nossa. Quando Eros, nas mãos dos romanos, transformou-se em Cupido – um garotinho pelado e sapeca munido de asas e dardos –, mais ainda o caráter inusitado veio à tona nesse amor em que temos o desejo controlando a vontade (GHIRALDELLI JR., 2011, p. 10).

Encontramos ainda, na obra de Cardenal, traços de uma outra realização do Amor, o amor ágape. Mas que podemos dizer dessa forma de amor? Esse amor começou a ser discutido com o advento do Cristianismo e dizia respeito ao amor manifestado através de Jesus Cristo.

“Esse amor era o amor de Deus para com os homens. [...] o amor de Deus tornava-se claro no amor pelo vizinho, fosse esse vizinho amigo, desconhecido ou inimigo” (GHIRALDELLI JR., 2011, p. 10). É o conhecido “amar ao próximo como a si mesmo”.

Ainda segundo Ghiralelli Jr.,

Esse amor não era o amor-*philia* ou o amor-eros, mas sim um amor fraternal: todos somos irmãos, uma vez que a interpretação de Jesus da figura de Deus é a de Deus Pai. Deus é o criador como Pai. Então, somos todos uma família. Ágape é o amor que se aproxima do amor familiar, mas posto para todos em relação a todos. (GHIRALDELLI JR., 2011, p. 11).

Se pensarmos nas palavras de Jesus: “Deus é amor” (“Aquele que não ama/ não conhece a Deus/ porque Deus é Amor” – 1 João 4:8; “E nós temos reconhecido/ o amor de Deus por nós,/ e nele acreditamos./ Deus é Amor:/ aquele que permanece no amor/ permanece em Deus e Deus permanece nele”- 1 João 4:16) e seguirmos as orientações de Comte-Sponville, depreendemos que esse amor não pode ser o amor falta, porque é difícil sentir falta de quem nem ao menos conhecemos, uma vez que, também pelos ensinamentos de Jesus, Deus está no nosso próximo e esse pode ser um desconhecido. (COMTE-SPONVILLE, 2011, p. 95). Assim, não há erotismo nessa relação.

Quanto a acreditarmos ser essa manifestação um exemplo de amor-*philia*, também seria estranho, porque não dá para ter amizade com todas as pessoas, “porque o amigo não é apenas aquele que ama você; o amigo é aquele que prefere você. Ser amigo de todos? Seria não ser amigo de ninguém” (COMTE-SPONVILLE, 2011, p. 95). Além disso “o que você quer, em suma, é que seu amigo o prefira. Dizer ‘sou amigo de Deus, Deus é meu amigo’ significaria ‘Deus me prefere’, o que seria de um ridículo consumado” (COMTE-SPONVILLE, 2011, p. 95). Assim, por falta de um termo adequado,

e, como havia em grego um verbo, aliás bastante frequente, agapaô, que significava “amar” ou “gostar” num sentido mais amplo, os primeiros cristãos se apossaram desse verbo, forjaram com ele um substantivo, agápe (que os romanos traduzirão por caritas), para descrever esse amor que Jesus professava, amor tanto mais singular por se pretender universal. (COMTE\_SPONVILLE, 2011, p. 96).

Definidas essas duas manifestações do amor, passemos a apresentá-las nos escritos de Ernesto Cardenal. Antes, porém, é mister deixar registrado que, após a experiência mística vivida por Cardenal, a qual é descrita como sendo um encontro unitivo sob o signo de Eros, a relação dele com Deus é apresentada como manifestação de amor *philia*, sendo essa forma de

amor o que fica após a experiência do êxtase, e é um amor marcado pela ausência física do Outro, mas pela presença na memória e no coração, um amor caracterizado não pelo medo da ausência, mas pela alegria da certeza de “habitar [com o outro] o mesmo lugar, o mesmo presente, a mesma intimidade sem par”(COMTE-SPONVILLE, 2011, p. 82). Esse amor desperta o desejo de dividir com todos os outros seres o amor que ficou após o êxtase. É um amor que leva à ação. É um sentimento marcado pela lembrança do amor vivido no corpo e presente no íntimo do ser, uma emoção que permite “dar-se o tempo de conhecer o outro, num grau de intimidade que nenhuma outra experiência permite” (COMTE-SPONVILLE, 2011, p. 88). É uma forma de amor que dá “o mais perturbador dos presentes: ser amado inteiramente” (COMTE-SPONVILLE, 2011, p. 88). Assim, para SPONVILLE, “não há amor (éros) feliz nem felicidade sem amor (philia)” (COMTE-SPONVILLE, 2011, p. 90). O caminho é “passar de um amor ao outro, e nunca terminamos de passar” (COMTE-SPONVILLE, 2011, p. 91).

É por essa razão que não conseguimos definir, com exatidão, os limites, entre eros e *philia* na obra do poeta, porque de um amor se passa ao outro e, mesmo vivendo uma dessas formas de amor, anseia-se pela outra. Não é por acaso que, muitas vezes, lemos relatos do místico dizendo que sozinho à noite entre seus lençóis, mesmo estando alegre por saber-se habitado pelo amor, deseja os beijos do Infinito.

Mesmo o amor ágape, muitas vezes vem mesclado na escritura cardenaliana com as outras formas de amor, principalmente com o amor *philia*. Assim, nosso intento é trazer não exemplos precisos e estanques de cada um desses dois tipos de amor de que acabamos de falar e os quais se encontram presentes na obra do místico nicaraguenses, mas mostrar aproximações textuais entre essas maneiras de dizer do Amor e mostrar que todas, para o poeta, são formas de mostrar faces de Deus. E ensinamos também, conforme já mencionamos, assinalar a presença do erotismo mesmo em textos que tendem a exemplificar outras realizações do amor.

Começemos pelo amor ágape. Toda a criação é um exemplo dessa forma de amor. Basta pensarmos: se Deus não deixasse de ser, se não deixasse de “exercer ao máximo sua potência” (COMTE-SPONVILLE, 2011, p. 100) em prol das criaturas, não haveria criação. É o que Cardenal nos apresenta acerca do Criador ao dizer que “Deus é amor. E o homem é amor, porque está feito à sua imagem e semelhança” (CARDENAL, 1979, p. 37). Por esse motivo, “A água pode estar ainda turva, mas, mesmo assim, pode refletir o céu” (CARDENAL, 1979, p. 27). Ou seja, Deus se torna “um pouco menos” para sermos “um pouco mais”.

Mas esse amor-caridade manifesta-se não só no ato divino da Criação, mas também na compaixão pelos que sofrem, pelos que são torturados, pelos mortos por bombas, pelos dizimados em campos de concentração, pela estrela de cinema que, por não suportar as pressões

sobre ela, suicidara-se, pelas crianças com câncer, pelos que foram obrigados a cavar sua própria cova antes de serem executados, pelos que morreram ainda no ventre da mãe, vitimados por baionetas apenas para serem “um sandinista a menos”.

Por ter sido tocado pelo Infinito, em seu retorno ao mundo, vemos, em muitas escolhas feitas por Cardenal, esse amor, o qual se manifestou em sua opção política revolucionária, pela condução das reflexões dos Evangelhos em Solentiname com o intuito de formar cidadãos, em seus textos que denunciam as atrocidades cometidas por quem, uma vez no poder, usou-o em causa própria, explorando o povo e destruindo os que se opunham aos desmandos.

Afinal,

Toda natureza é caridade [...]. O amor de Deus nos rodeia por todas as partes. Seu amor é a água que bebemos e o ar que respiramos e a luz que vemos. Todos os fenômenos naturais não são mais do que diversas formas materiais do amor de Deus. Nos movemos dentro de seu amor como o peixe na água. E estamos tão perto Dele, tão embebidos em seu amor e em seus dons (nós próprios somos um dom dele) que não nos damos conta disso por falta de perspectiva. Seu amor nos rodeia por todas as partes e não o sentimos como não sentimos a pressão atmosférica. [...]

Deus veio dando providências à terra por quatro bilhões de anos[...]. Ele escuta o grito do veado no vale pedindo-lhe uma companheira, e atende a seu apelo. Cuida do cuco que lhe pede comida. Guia as cegonhas em suas migrações. Quando a doninha e o mamífero pequenino dormem em seus esconderijos, Ele vela por eles. [...] Os homens caminham nas ruas, apressados e cheios de preocupações, sem deter-se um momento para pensar Nele e para pensar que Nele se movem e que Ele os rodeia por todas as partes e que todos os cabelos de sua cabeça “estão contados”, todas as células estão contadas (CARDENAL, 1979, p. 47-48).

Quem conhece essa verdade com o coração preocupa-se com cada ser que compõe o universo, pois é habitado por Deus e percebe em tudo a manifestação desse amor ágape.

Quanto ao amor *philia*, é visto nas relações de Cardenal com Deus, com seus inúmeros amigos e com seus familiares. Como na amizade com Merton, com William, com Teresita e com os demais moradores de Solentiname, na linda história de amor com sua mãe, com sua avó que lhe mostrou o caminho da literatura, com seus irmãos, com as namoradas, que nele despertavam não só os apelos de Eros, mas carinho e amizade. Enfim, em todas essas relações em que os laços demandaram escolha, vontade e alegrias (às vezes, mescladas a tristezas) manifestou-se, na vida e na obra de nosso místico, o amor-*philia*.

Apresentados os “estatutos” do amor *philia* e do amor ágape, passemos a análise de alguns trechos dos poemas encontrados em três dos quatro últimos livros em verso de Cardenal

– **Versos del Pluriverso, Cántico Cósmico e Así en la Tierra como en el Cielo** – com o necessário diálogo com alguns de seus livros em prosa. O intuito de se delinear comentários acerca desses textos e de alguns fragmentos de sua prosa é mostrar a visão que o místico apresenta do Reino de Deus e da necessidade de entoarmos juntos o “Cântico cósmico”, chave para realizarmos esse Reino aqui e agora. Nessa leitura, apareceram as formas de manifestação do Amor anteriormente apresentadas, as quais virão costuradas em muitas ocorrências pela linha do erotismo. Por essa razão, permitimo-nos nomear essa “música” composta de “Cântico erótico-cósmico”.

### 5.3.2 O Reino de Deus e o cântico erótico-cósmico

Musubi  
EXPRESSÃO JAPONESA

Todos los rostros formaban juntos un solo rostro de todos  
y un solo rostro de uno. (CARDENAL, p. 1996, p. 348)

Há uma filosofia africana que diz o seguinte: “cada um é porque é os outros. Chega-se a essa identidade colectiva por via da família” (COUTO, 2012, p.81). Levando em consideração essa frase, temos que o intuito desse item da tese é esboçar, já que estamos trazendo para o leitor aproximações da mística de Ernesto Cardenal, uma possibilidade de leitura de alguns poemas dos últimos livros publicados por esse autor místico. Nesses textos, percebemos a construção de um cântico erótico-cósmico, o qual, conforme já dissemos, objetiva fazer ver o Reino de Deus, que lembra a passagem de Mia Couto referenciada, pois nessa construção “somos, porque somos os outros” e o Cântico constrói-se quando é um canto-coral. Para começar, colocamos na pauta de nossa partitura, na composição do ritmo do nosso canto, as seguintes notas:

Todo ser humano nasce com as entranhas feridas por esse amor, nasce com sede. [...] Essa sede de Deus é a ansiedade refletida nos rostos de todas as pessoas que andam nas ruas e que entram nas lojas, nos cinemas, nos bares. Todo mundo vai com um desejo, com muitos desejos, com um infinito de desejos: mais um copo, mais um doce, mais um olhar, mais uma palavra, um beijo a mais, um livro a mais, uma viagem a mais. Sempre mais e mais e mais. Todos os rostos feridos pela ansiedade e pelo desejo. E os que escapamos dessa escravidão dos desejos nos sentimos como os que se lembram dos campos de concentração nazistas ou dos trabalhos forçados da Sibéria, de onde escaparam.

A gente acredita que se pode conformar com um pouco mais, contudo, sempre estará desejando mais e mais. [...] Porque como dizia Platão, o corpo humano

é uma ânfora quebrada que não se pode encher jamais. Os sentidos podem estar fartos de prazeres, mas a alma estará sempre insaciada. [...]

Os homens não estão nunca satisfeitos com as coisas da terra porque não foram criados para elas. Os animais saciam suas necessidades e de nada mais necessitam. Não há nenhuma sede de infinito neles, e essa terra é o seu céu. [...]

Mas todo o nosso ser está desenhado para amar a Deus, e para possuí-lo e gozá-lo, como o corpo da tainha está desenhado para nadar na água e o da gaivota para voar sobre o mar. [...] O homem não foi criado para gozar dessa vida senão para gozar de Deus e sim para amar a Deus e por isso só com Deus somos felizes.

E ainda que não tenhamos visto a Deus, somos como aves migratórias, ou peixes migradores que nasceram num lugar estranho, mas que, chegado o inverno, sentem uma inquietude misteriosa, um chamado no sangue, a nostalgia de uma pátria primaveril que não viram nunca, e partem para lá sem saber onde. Sentiram o chamado da Terra Prometida (CARDENAL, 1979, p. 49-51).

As palavras anteriores de Cardenal foram usadas por nós com o intuito de mostrar que o místico nos enxerga como seres incompletos, marcados pela falta e que buscamos desesperadamente o retorno a um estado de completude, a qual poderíamos nomear com vários nomes, como “Paraíso”, “Terra Prometida”, “Reino de Deus”. Reconhecendo essa condição do humano, o místico nicaraguense propõe-se a apresentar uma via que possa nos conduzir de volta a Deus, uma vez que somos, segundo ele, “uma nostalgia de Deus” e “desenhados para amá-Lo”. O caminho oferecido por ele remete à construção do Reino de Deus aqui e agora. Isso é possível, porque

todos os seres participam também de um mesmo ritmo cósmico. A rotação dos átomos e a circulação de nosso sangue e seiva das plantas e as marés do mar e as fases da lua e a rotação dos astros na galáxia e a rotação das galáxias: tudo é um ritmo, tudo é um canto coral que o cosmos inteiro canta (CARDENAL, 1979, p. 133).

Tecendo juntos esse Reino, entenderíamos estar Deus nele refletido e, assim, vislumbraríamos a face Dele, mesmo a que está oculta no “outro lado da lua”, pois todos os elementos que compõe o cosmos seriam como peças de um grande quebra-cabeças que, ao ser finalizado, revelaria o rosto do Amado. Mas que elementos uniria todas essas peças? Segundo Cardenal, o elo seria o amor, em suas mais diversas manifestações, inclusive, e principalmente, o amor erótico, porque “todo amor, disse Max Scheler, é o amor a Deus descansando junto ao caminho” (CARDENAL, 2003 a, p. 189). Essa concepção de amor com elemento unitivo é trabalhada desde a Antiguidade. Junito de Souza Brandão, no Dicionário Mítico-etimológico, relata que:



O Amor é a pulsão fundamental do ser, a *libido*, que impele toda existência a se realizar em ação. É ele que atualiza as virtualidades do ser, mas essa passagem ao ato só se concretiza mediante o contato como o *outro*, através de uma série de trocas materiais, espirituais, sensíveis, o que fatalmente provoca choques e comoções. Eros procura superar esses antagonismos, assimilando forças diferentes e contrárias, integrando-as numa só e mesma unidade [...]. Do ponto de vista cósmico, após a explosão do ser em múltiplos seres, a δύναμις (dýnamis), a força, a alavanca que canaliza o retorno à unidade; é a reintegração do universo, marcada pela passagem da unidade inconsciente do Caos primitivo à unidade consciente da ordem definitiva. A libido então se ilumina na consciência, onde poderá tornar-se uma força espiritual de progresso moral e místico. (2014, p.213. Grifos nossos).

Feitas essas considerações iniciais, mostraremos como o amor, elemento unitivo do cosmos, é apresentado em alguns dos poemas dos livros apresentados no final do tópico anterior e qual a visão desse Reino, construído pelo cântico erótico-cósmico.

Começemos com uma possibilidade de leitura do poema “Pluriverso”. Esse é o poema que abre o livro **Versos del Pluriverso**. Segundo Lopez-Baralte,

Aqui [neste livro] o diálogo celeste de Ernesto Cardenal é mais agridoce e também mais nu que os de seus predecessores, os grandes enamorados do firmamento, porque, diferente deles, foge para as galáxias sozinho e sem interlocutor. [...] Cardenal se faz eco da astrofísica e das leis da termodinâmica, manuseando, com maestria, as teorias de Einstein, David Bohm, Carl Sagan, John Archibald Wheeler, Bertran Russell, J. Jeans, Paul Davies e Karl Heisenberg, entre tantos outros. O poeta entremeia estes ilustres nomes científicos com alusões às Escrituras ou à teologia antiga – Irineu, Santo Agostinho – e moderna – Chardin e Merton -, sem se esquecer das figuras históricas como Sandino e Martí, que, contemplou as estrelas junto com um menino em alto mar. Sobretudo o poeta volta a evocar os nomes que foram sagrados para ele no que ordena o amor humano: Carmen, Myriam, Adelita, dos quais nunca se esqueceu (LOPEZ-BARALT, 2012, p.109. Tradução nossa).

Quanto ao poema “Pluriverso”, podemos dizer que é um texto bastante extenso no qual Cardenal recorre a elementos da astrofísica, a cientistas de renome, a menção a antigos amores e a místicos para levantar algumas interessantes hipóteses a respeito da criação, do funcionamento e do encaminhamento do cosmos.

Dentre as hipóteses levantadas pelo místico-poeta, destacaremos algumas em nossa análise. Começemos com a seguinte: o ciclo do homem é o mesmo das estrelas, ou seja, ambos “nacem, crecen, mueren”<sup>215</sup> (CARDENAL, 2005, p.09). Tanto o nosso ciclo quanto o delas é

---

<sup>215</sup> nascem, crescem, morrem (todas os trechos desse poema foram traduções nossas).

“curto”. Esse fato é comprovável, de acordo com o poeta, pela segunda lei da termodinâmica segundo a qual “la estrella es un fenómeno pasajero”<sup>216</sup> (CARDENAL, 2005, p.09). Essa mesma lei diz que o fim do universo é “morir de frío”<sup>217</sup> (CARDENAL, 2005, p.09), expandiéndose siempre”<sup>218</sup> (CARDENAL, 2005, p.09), aumentando o diâmetro entre as partículas. Isso seria “lo estado final de la materia./ Eso es entropía./ y algo que aumenta con el tiempo/ Un progreso irreversible hacia el desorden./ Hasta el desorden total de la materia”<sup>219</sup>(CARDENAL, 2005, p.09). Assim, “entropía es el tiempo que se va/ y no vuelve nunca para atrás”<sup>220</sup>. (CARDENAL, 2005, p.09)

A voz a qual fala nesse texto parece mostrar, a partir das noções da Física Moderna, que não há mais limite espaço-tempo (“entropia é o estado final da matéria, caracterizado pela expansão da matéria e pelo tempo que não volta”). Isso é mencionado no verso “Espacio y tiempo que no pueden separarse”<sup>221</sup> (CARDENAL, 2005, p.12). Ocorre, porém, o que Luce López-Baralt sinaliza e foi anteriormente mencionado: “a progressão das leis do universo culmina na beleza das muchachas”, e o conceito de entropia é utilizado como forma de explicar o que aconteceu entre ele e as mulheres por quem esteve enamorado: “Las curvas exponenciales de sus cuerpos:/ todas las muchachas que yo amé/ se las llevó la entropía”<sup>222</sup> (CARDENAL, 2005, p.09). Ou seja, o tempo que não retrocede e o espaço que aumenta a distância dá fim a tudo: à beleza e à proximidade das mulheres as quais amou.

Cabe destacarmos ser essa quebra da seriedade de um assunto – a segunda lei da termodinâmica que leva à entropia – elemento constitutivo da *blague* modernista e uma novidade presente na poética de Cardenal.

Voltando ao tema da astrofísica, o poeta torna a falar da segunda lei da termodinâmica, mostrando “que las cosas pueden ser más caóticas pero nunca menos”<sup>223</sup> (CARDENAL, 2005, p.10), que “lo único absoluto de la Relatividad”<sup>224</sup> (CARDENAL, 2005, p. 10) é que “nuestra vida passa a la velocidad de la luz”<sup>225</sup> (CARDENAL, 2005, p. 10), que tudo é relativo e depende

---

<sup>216</sup> a estrela um fenômeno passageiro.

<sup>217</sup> Morrer de frio.

<sup>218</sup> Expandindo-se sempre.

<sup>219</sup> O estado final da matéria/ Isso é entropia./ e algo que aumenta com o tempo./ Um progresso irreversível para a desordem./Até a desordem total da matéria.

<sup>220</sup> entropia é o tempo que se vai/ e não volta nunca.

<sup>221</sup> Espaço e tempo que não podem separar-se.

<sup>222</sup> As curvas exponenciais de seus corpos:/ todas as mulheres que eu amei/ foram levadas pela entropia.

<sup>223</sup> que as coisas podem ser mais caótica, mas nunca menos.

<sup>224</sup> o único absoluto da Relatividade.

<sup>225</sup> nossa vida passa à velocidade da luz.

do ponto de vista.<sup>226</sup> Assim, por exemplo, “Los que están en la constelación del Centauro/ ven nuestro sol en la Constelación de Casiopea/ simplemente como otra estrella más”<sup>227</sup> (CARDENAL, 2005, p.10).

O poeta cita Wheeler<sup>228</sup> para afirmar que ““no hay nada en el mundo sino curvo espacio vacío’/ donde la realidad es como un sueño./ Ondulaciones de la nada”<sup>229</sup> (CARDENAL, 2005, p.10). Afirma, na sequência, que somos feitos de “Elusivas volubles ondas de probabilidades. [...] sólidos cuerpos con seguros de vida,/ documentos de identidad, parados por semáforos,/ encerrados en oficinas, con rutinas newtonianas”<sup>230</sup> (CARDENAL, 2005, p. 11). Com essa afirmação, parece mostrar-nos o quanto estamos ocupados com o supérfluo, deixando de ter em mente que toda essa rotina é inútil, se considerarmos o fato de sermos efêmeros. Corrobora para sustentar essa afirmação o fato de mencionar as estrelas também como “elusivas ondas volúveis”; porém, sem essa realidade que nós criamos.

Se tudo é probabilidade, pode existir “un mundo [paralelo] en que Napoleón venció en Waterloo. / E un mundo en que ella aceptó mi amor en Granada”<sup>231</sup> (CARDENAL, 2005, p. 11). Mais uma vez vemos o amor- falta e o desejo pelas mulheres aparecendo na obra do místico e aumentando, conseqüentemente, a capacidade de desorganização do mundo. Contudo, apesar do desejo, segundo o próprio poeta, “esos mundos y el nuestro no se juntarán jamás”<sup>232</sup> (CARDENAL, 2005, p. 11).

Outra hipótese levantada por Cardenal é a de não sermos “reversíveis”, apesar de o movimento dos átomos serem; logo, “passamos”. Assim como passou Myriam, Adelita: “Los movimientos de los átomos son reversibles,/ pero nosotros, hechos de átomos,/ no somos, ¡ay! reversibles”<sup>233</sup> (CARDENAL, 2005, p. 12). Essa noção de irreversibilidade do humano e da reversibilidade do átomo de que somos feitos leva o poeta a se questionar: se há “una escala en

<sup>226</sup> A voz que fala, ao mencionar o fato de que a vida passa rápido, diz que nada volta e afirma ser essa uma triste astrofísica do amante solitário na noite. Esse é um traço do erotismo que sempre está presente na poética de Cardenal.

<sup>227</sup> Os que estão na Constelação de Centauro/ veem nosso sol na constelação de Casiopea/ simplesmente como uma estrela a mais.

<sup>228</sup> John Archibald Wheeler foi o físico inglês que criou a expressão “buraco negro”.

<sup>229</sup> “não há nada no mundo senão um curvo espaço vazio / de onde a realidade é como um sonho./ Ondulações do nada

<sup>230</sup> elusivas ondas volúveis de probabilidades [...] sólidos corpos com seguros de vida,/ documentos de identidade, parados por semáforos,/ encerrados em escritórios, com rotinas newtonianas.

<sup>231</sup> Um mundo em que “Napoleão venceu em Waterloo./ E um mundo em que ela aceitou meu amor em Granada”.

<sup>232</sup> esses mundos e o nosso não se juntarão jamais.

<sup>233</sup> Os movimentos dos átomos são reversíveis, / mas nós, feitos de átomos, não somos, ai!, reversíveis.

que las galaxias son partículas de polvo...”<sup>234</sup> (CARDENAL, 2005, p. 12) com “el centro en todos los lugares y en ningún lugar”<sup>235</sup> (CARDENAL, 2005, p.12), onde é “¿el borde del universo?”<sup>236</sup> (CARDENAL, 2005, p.13). Chega à conclusão de que essa borda é “el Big Bang” e que “el es el final del cielo [...] [y] es el comienzo”<sup>237</sup> (CARDENAL, 2005, p.13). E continua a se questionar: “¿Y más/ allá? [...] / ¿De dónde vino esto y adónde va?”<sup>238</sup> (CARDENAL, 2005, p. 13).

Aparece no poema, nesse ponto, a noção de que tudo é cíclico e tudo está interpenetrado com tudo: “Todo en el universo gira. ¿Y el universo gira también?”<sup>239</sup> (CARDENAL, 2005, p. 14). Se tudo é cíclico, é possível entender, pela lei do retorno dos corpos, “biologicamente el universo”<sup>240</sup> (CARDENAL, 2005, p. 14) e dizer que “El Reino de los Cielos es biológico”<sup>241</sup> (CARDENAL, 2005, p. 14), uma vez que “La luz que es energía creó materia./ También materia invisible a tu alrededor/ y dentro de ti./ De átomos de estrellas tú.../ Y entre tú y el firmamento no hay línea divisoria”<sup>242</sup> (CARDENAL, 2005, p.15)

Para reafirmar esse estado de união em que se encontra o cosmos, Cardenal cita Bohm<sup>243</sup>: ““Todo se interpenetra con todo””<sup>244</sup> (CARDENAL, 2005, p.15). Se tudo está ligado e é parte de tudo, “Materia viva y no viva son lo mismo./ Como también no hay vacío, no hay espacio vacío / y todo el universo es energía/ que a veces toma forma de materia”<sup>245</sup> (CARDENAL, 2005, p.15). A fim de ratificar seu pensamento, Cardenal, mais uma vez, recorre a Bohm: “Que cada electrón contiene todo el cosmos”<sup>246</sup> (CARDENAL, 2005, p.15). Se tudo está contido no todo, não havendo distinção entre as partes que o constituem, também “las categorías de alma y cuerpo son arbitrarias,/ y no hay dualismo”<sup>247</sup> (CARDENAL, 2005, p.15).

<sup>234</sup> uma escala segundo a qual as galáxias são partículas de pó...

<sup>235</sup> o centro em todos os lugares e em nenhum lugar.

<sup>236</sup> a borda do universo?

<sup>237</sup> o final do céu [...] é começo.

<sup>238</sup> E mais além? [...]“De onde vem isso e para onde vai?

<sup>239</sup> Tudo no universo gira./ o universo gira também?

<sup>240</sup> biologicamente o universo.

<sup>241</sup> O Reino dos Céus é biológico.

<sup>242</sup> A luz que é energia criou a matéria. Também matéria invisível a teu redor / e dentro de ti. De átomos de estrelas tu... / E entre tu e o firmamento não há linha divisória”

<sup>243</sup> Um dos físicos teóricos mais importantes do Século XX.

<sup>244</sup> Tudo se interpenetra com tudo.

<sup>245</sup> Matéria viva e não vida são o mesmo / Como também não há vazio, não há espaço vazio / e todo o universo é energia que às vezes toma forma de matéria.

<sup>246</sup> Que cada elétron contém o cosmos.

<sup>247</sup> as categorias de alma e corpo são arbitrárias / e não há dualismo.

Por esse motivo, segundo o poeta, é “cada vez más inadecuado pensar como individuos”<sup>248</sup> (CARDENAL, 2005, p.15), uma vez que “la interrelación de todo con todo según Chardin/ es mayor cada vez”<sup>249</sup> (CARDENAL, 2005, p.15), pois “Los metales de nuestro cuerpo/ - suaves cuerpos con metales - / como sabemos, son de estrellas”<sup>250</sup> (CARDENAL, 2005, p.17).

A essa ideia de inter-relação, Cardenal atrela, além do falar das mulheres por quem se apaixonou, a militância política. Assim, surgem versos como os seguintes: “Perdimos. Ya no hay campo socialista./ Perdimos también las elecciones sandinistas./ Empecemos otra vez desde el comienzo. Cambiemos de sistema/ Dejemos este pendejo sistema solar’/ El mal es porque Dios nos hizo libres./ Porque la creación no fue fascista./ Él no quiere la extinción/ de uno solo de sus planetas habitados./ Y el sistema solar es para Buenos y malos”<sup>251</sup> (CARDENAL, 2005, p.18)

Cardenal aponta-nos, através desses versos, que a injustiça é causada por um criador que não quer excluir parte de sua criação. O poeta afirma, assim, que “Un Dios que es amor no pude ser estático/ ni completo”<sup>252</sup> (CARDENAL, 2005, p.19). Sendo assim, o que existe é um “Mundo de potencialidades o posibilidades/ y no de cosas o hechos”<sup>253</sup> (CARDENAL, 2005, p.20)

Se considerarmos possibilidades e fatos, há “la posibilidad de que haya infinitos universos”<sup>254</sup> (CARDENAL, 2005, p.20). Assim como há a possibilidade de “[...] un único universo en que todo es azar”<sup>255</sup> (CARDENAL, 2005, p.21) ou ainda “la nueva teoría de los neo-realistas:/ que el universo está compuesto de cosas ordinarias”<sup>256</sup> (CARDENAL, 2005, p.21)

Cardenal, porém, defende a ideia de que não há distinção entre “Evolución y trascendencia”<sup>257</sup> (CARDENAL, 2005, p.22). Desse modo, é “El cosmos un proceso no acabado todavía/ y la vida es un intermedio en ese proceso./ Una tierra que ansía unirse con el

<sup>248</sup> cada vez mais inadequado pensar como indivíduos”.

<sup>249</sup> a inter-relação de tudo com tudo segundo Chardin/ é cada vez maior.

<sup>250</sup> os metais de nosso corpo / - suaves corpos com metais - / como sabemos, são estrelas.

<sup>251</sup> ‘Perdemos. Já não há campo socialista. / Perdemos também as eleições sandinistas. / Começamos outra vez desde o começo. Mudemos de sistema. / Deixemos este pendente sistema solar’. / O mal é porque Deus nos fez livres. / Porque a criação não foi fascista. / Ele não quer a extinção. / de um só de seus planetas habitados. / E o sistema solar é para bons e maus”

<sup>252</sup> Um Deus que é amor não pode ser estático /nem completo.

<sup>253</sup> Mundo de potencialidades ou possibilidades / e não de coisas e fatos.

<sup>254</sup> a possibilidade de que haja infinitos universos

<sup>255</sup> um único universo em que tudo é azar

<sup>256</sup> a nova teoria dos neorealistas: / que o universo é composto de coisas ordinárias.

<sup>257</sup> evolução e transcendência

cielo/ y un Dios que no es sólo funciones ontológicas./ Desde el Big Bang hasta el Reino de los Cielos”<sup>258</sup> (CARDENAL, 2005, p.22)

Cardenal cita Prigogine<sup>259</sup> para reafirmar a existência de “Un Creador no de uno sino múltiples universos [...] Universos paralelos con copias exactas de uno mismo/ donde vos no podrías distinguir si estás en uno o en otro./ O tal vez uno dentro del espacio del outro”<sup>260</sup>. Para explicar esses universos, é mister “nuevas metáforas científicas [...] y también nuevas metáforas poéticas”<sup>261</sup> (CARDENAL, 2005, p. 22). É preciso, para entender essa teoria “teocientífica”, “Hombre nuevo y Mujer Nueva y un nuevo acontecer biológico”<sup>262</sup> (CARDENAL, 2005, p. 22). Esses “novos seres” devem entender que “Los cuerpos son partículas elementales y campos de energia/ pero las almas no existen solas/ sino sólo como parte de una cosa mayor”<sup>263</sup> (CARDENAL, 2005, p.22).

O poeta latino cita mais uma vez Bohm: “Toda la materia está unida”<sup>264</sup> (CARDENAL, 2005, p.23), para, a seguir, perguntar: “Y las almas no estarán más?”<sup>265</sup> (CARDENAL, 2005, p.23). A essa pergunta o poeta mesmo responde: “ Cada encuentro de dos unifica el universo”<sup>266</sup> (CARDENAL, 2005, p.23), ou melhor, “por qué decir universo, como si fuera uno/ y no pluriverso”<sup>267</sup> (CARDENAL, 2005, p.23).

A hipótese levantada pelo poeta Ernesto Cardenal, apoiada por grandes cientistas e místicos, é a de que vivemos a unidade na pluralidade. Ou seja, nos múltiplos universos existentes tudo está conectado com tudo, uma vez que “somos pó de estrelas” e fazemos parte

<sup>258</sup> O cosmos um processo não acabado todavia / e a vida é um intermédio nesse processo. / Uma terra que anseia unir-se com o céu / e um Deus que não é só funções ontológicas / Desde o Big Bang até o Reino dos Céus.

<sup>259</sup> Ganhador do Nobel de Química em 1977. Segundo esse pesquisador, “ a instabilidade, ou seja, o caos, tem duas funções fundamentais: a unificação das descrições microscópicas da natureza e a formulação de uma nova teoria quântica, baseada na noção de probabilidade daquilo que tradicionalmente se conhece como "leis da natureza".

A ciência começa, assim, a estar em condições de descrever a criatividade da natureza e o tempo, que passa a ser visto cada vez mais como um aliado da natureza, não como um determinante necessariamente associado a um inevitável e tenebroso final dos tempos” (“As contribuições de Ilya Prigogine, ganhador do Prêmio Nobel de Química”. In: <http://editoraunesp.com.br/blog/as-contribuicoes-de-ilya-prigogine-ganhador-do-premio-nobel-de-quimica> Acesso em 30 dez 2019.

<sup>260</sup> Um Criador não de um, mas sim de múltiplos universos [...] Universos paralelos com cópias exatas de um mesmo/ de onde vós não poderíeis distinguir se estais em um ou em outro./ Ou talvez um dentro do espaço do outro.

<sup>261</sup> novas metáforas científicas [...] e também novas metáforas poéticas.

<sup>262</sup> ” Homem Novo e Mulher Nova e um novo acontecer biológico.

<sup>263</sup> Os corpos são partículas elementares e campos de energia / Mas as almas não existem sozinhas / Mas sim somente como parte de uma coisa maior.

<sup>264</sup> Toda matéria está unida.

<sup>265</sup> E as almas não estarão mais?

<sup>266</sup> Cada encontro de dois unifica o universo.

<sup>267</sup> porque dizer universo, como se fosse um e não Pluriverso.

da criação de um Criador, que é amor e, por essa razão, não pode ser estático nem completo. Nessa hipótese levantada por ele, ainda fica evidente ser através da união de pelo menos dois que se consegue vislumbrar essa unidade na diversidade, mas, para se proceder a essa união, é mister “Novo Homem e Nova Mulher”. E esses precisam perceber que não há limite entre animado e não animado e que consigam entender ser fácil enxergar isso, basta “abrir os olhos”.

Como pudemos verificar através dessa análise de “Pluriverso”, esse é um poema marcadamente influenciado pelas ideias de Chardin e que começa a delinear o cântico erótico-cósmico entoado pelo místico e poeta nicaraguense. É um canto que preconiza a união de todos os elementos formadores do cosmos, união essa que se faz pela junção de pelo menos dois e se constrói através do corpo, muitas vezes pela cópula, e reverbera na alma. Não é sem motivo que, ao compor esse cântico, passado e presente, amores pelas *muchachas*, amor de Deus, elementos que compõem os multiversos, explicações de cientistas, visões de místicos aparecem na pauta. A ideia é mostrar que tudo forma o todo a partir da interpenetração. Todos os elementos são usados na composição da música do Pluriverso: “mientras más se acercan mayor la atracción./ Como labios rosados que se acercan como dos rosas/ y después las jugosas bocas se abren/ y entra una dentro de la otra como cópula”<sup>268</sup> (CARDENAL, 2005, p. 16).

Daremos prosseguimento a nossa delimitação do canto proposto por Cardenal a partir da observação de alguns aspectos de um outro poema de **Versos del Pluriverso**. Trata-se do texto “Con Martí<sup>269</sup> Mirando Las Estrellas”.

Esse poema foi escrito com o intuito de mostrar ser o homem feito pelo universo para que esse tivesse quem o admirasse. Será possível concluirmos então que, se tudo é Deus e criado por Deus, O criador criou o homem para admirar a criação. Nesse texto, o cantor das “*muchachas en flor*”, mesclando ciência e mitologia, conclui que somos todos – terrestres e extraterrestres – filhos de um mesmo evento: o Big Bang. Logo, somos irmãos. Desse modo, devemos trabalhar juntos: “Nacidos de ese evento tan improbable/ el Big Bang. Antes del cual no había luz, ni oscuridad tampoco/ y tampoco tiempo/ y con el cual empezó la evolución./ Dios habrá visto que ‘todo estaba bueno’”<sup>270</sup> (CARDENAL, 2005, p. 24. Grifos nossos).

<sup>268</sup> Enquanto mais se aproximam maior a atração./ Como lábios rosados que se aproximam como duas rosas/ e depois as ásperas bocas se abrem/ e entra uma dentro da outra como cópula.

<sup>269</sup> Segundo Luce López-Baralt, Martí (José Martí) foi um homem “que uma noite em alto mar contemplou o Céu estrelado na companhia de um menino e intuiu que havia um razão última que deveria explicar aquela maquinaria celeste tão perfeita.” (2012, p.108).

<sup>270</sup> Nascidos desse evento tão improvável/ o Big Bang./ Antes do qual não havia luz, nem escuridão tampouco/ e tampouco tempo/ e com o qual começou a evolução./ Deus terá visto que ‘tudo estava bom’.

Nesse texto, o eu lírico declara sua paixão pela evolução (“¿Universo: nada me apasiona tanto como tu evolución! [...] En dirección del alma/ la evolución biológica./ Fibras nerviosas que no piensan/ crean el pensamiento”<sup>271</sup> – CARDENAL, 2005, p. 27) e cogita o fato de que, no universo, possa haver seres que, assim como nós e conosco, desejam um universo melhor: “¿Y si todos los extraterrestres del universo, con nosotros,/ estamos tratando de crear un universo mejor, un nuevo universo?” (CARDENAL, 2005, p. 26).

Declara ainda que somos feitos “para ver la luz/ hasta el comienzo del tiempo/ y más allá del comienzo: la eternidad/ ¡nuestro futuro!”<sup>272</sup> (CARDENAL, 2005, p. 28), que todos temos “una sola naturaleza los humanos./ sus costumbres [sus culturas] los separan”<sup>273</sup> (CARDENAL, 2005, p. 29) e que somos “polvo de las estrellas”<sup>274</sup> (CARDENAL, 2005, p. 30). Com isso, confirma que todos nós, por nossa origem, estamos interligados e nos dirigindo para o nosso destino final: a eternidade. Apenas nossas culturas impedem-nos de enxergar isto: somos partes de um todo e, se só formamos o todo quando as partes estão juntas, precisamos entender com o coração que não há raças diferentes, religiões diferentes, classes diferentes, que “tenemos obligaciones con eso que se ha creado”<sup>275</sup> (CARDENAL, 2005, p. 35).

Pensando nisso, podemos delinear a mística erótico-cósmica de Cardenal assim:

La fórmula es:  
 Todos unidos pero cada uno es uno.  
 Y según Bohm  
 todas las cosas se tocan,  
 todo conectado con todo.  
 La separación es aparente.  
 Este es el más importante don  
 de la física cuántica, casi  
 como cuento de ciencia-ficción.  
 No hay partículas separadas  
 dice Bohm.  
 Ciência-ficção tomada seriamente. (CARDENAL, 2005, p. 35)<sup>276</sup>

<sup>271</sup> E se todos os extraterrestres do universo, conosco,/ estamos tratando de criar um universo melhor , um novo universo?

<sup>272</sup> Para ver a luz/ desde o começo do tempo/ e mais além do começo: a eternidade/ Nosso futuro!

<sup>273</sup> uma mesma natureza, seus costumes [sua cultura] os separam.

<sup>274</sup> Pó de estrelas.

<sup>275</sup> Temos obrigações com isso que foi criado.

<sup>276</sup> A fórmula é:/ todos unidos mas cada um é um./ e segundo Bohm/ todas as coisas se tocam,/ tudo conectado com tudo/ e é instantâneo tudo./ A separação é aparente./ Este é o mais importante dom/ da física quântica, quase/ como conto de ficção científica./ não há partículas separadas/ disse Bohm./ Ficção científica tomada seriamente.



O elemento erótico não aparece explícito nesse texto, mas implicitamente o percebemos por ser no encontro de corpos que se configura a junção das partes que faz com que o universo saia do caos inicial e o conduz ao cosmos. Cabe aqui ressaltarmos que o termo “Kosmos”, em grego, significa harmônico, em ordem. Assim, saímos da desorganização rumo ao sentido, à harmonia.

Apresentar o amor como elementos unificador do universo, leva-nos a comentar um outro poema de Cardenal, o qual está presente no livro **Cântico Cósmico**<sup>277</sup>: “Epitalamio”. Antes, contudo, é preciso tecermos breves comentários a respeito desse livro.

Essa obra foi publicada pela primeira vez no ano de 1992 e está dividida em 43 partes, as quais são chamadas de cantigas. Segundo Lopez-Baralt, “O **Cântico Cósmico** supõe uma aportação originalíssima do poeta ao discurso místico universal” (2012, p. 56. Tradução nossa). Além disso, nessa obra “o erotismo está cada vez mais explícito. [...] Nas descrições eróticas desse texto, a alma participa e desfruta abertamente do jogo amoroso” (LOPEZ-BARALT, 2012, p. 67-68. Tradução nossa).

O fato é que, nesse texto, Cardenal recorre à linguagem das ciências – mais precisamente da astrologia, da química, da biologia e da física –, da mitologia, de inúmeros místicos para dizer da formação do cosmos e para mostrar ser necessário construirmos um cântico cósmico, harmonizando todos os elementos que compõem o universo. Assim, começa apontando que tudo surgiu a partir de um Deus que não queria ser único e sim múltiplos. Por essa razão, deu início à criação. Essa criação, por sua vez, é narrada de acordo com mitologias de várias culturas orientais e ocidentais e com a linguagem das ciências. Fica evidenciado, no texto, que toda a criação é cosida com as linhas do amor, que envolve abraços, sexo e falta.

O poeta apresenta também os elementos que destroem o “cosmos” ao criarem desarmonia: tortura, desmandos, guerras, holocausto, ditadura somocista, assassinatos, miséria, desigualdade. Ao apresentar esses elementos, ele parece desejar mostrar ao leitor que é fundamental combater o que quebra a ordem, levando ao caos.

No final do texto, ele conclui que “la materia era tan sólo un ténue velo de tu rostro”<sup>278</sup> (CARDENAL, 2012, p. 410), reafirmando a tese de que o cosmos é apenas um espelho que reflete a face do Criador e que só não a vislumbramos porque as desarmonias encobrem essa face.

---

<sup>277</sup>O livro **Cântico Cósmico** é anterior a **Versos do Pluriverso**. Na verdade, temos que o último livro citado é uma espécie de continuação da temática iniciada no primeiro. Decidimos iniciar nosso estudo por **Versos do Pluriverso** porque foi nele que Cardenal apresentou sua “fórmula” para o cântico erótico-cósmico que desejava traçar, embora nela o amor não apareça explicitamente.

<sup>278</sup> “A matéria era tão só um ténue véu no teu rosto” (CARDENAL, 1996, p. 410).

Ditas essas breves palavras sobre esse livro, considerado uma obra “épica astrofísica”<sup>279</sup> passemos ao poema “Epitalamio” (Cantiga 28). Iniciemos nossa abordagem desse texto, trazendo o conceito do termo que dá nome ao poema. “Epitalamio” é, segundo Massaud Moisés, “um poema composto para louvar os noivos ou celebrar um casamento” (2012, p.222). Assim, as bodas celebradas, nesse poema, dizem respeito à união entre os elementos que constituem o cosmos:

El Gran Misterio, SACRAMENTUM,  
la separación de la vida en los 2 sexos.  
Esa separación polar.  
“Aún se nos oculta el verdadero sentido de la sexualidad”.  
Sin la sexualidad  
no habría diversidad en la unidad,  
tan sólo seres iguales como las algas azules,  
un mundo sólo de gemelos.  
La sexualidad no es dos en uno unicamente  
sino la unión de dos para uno distinto.  
Es pues la fuente de la diversidad, de lo diferente,  
la asimetría de la vida y su belleza.  
El unir-se para no ser ya sólo lo mismo,  
Y el morir.  
(CARDENAL, 2012, p. 235)<sup>280</sup>

Lendo esse trecho do poema, fica claro para nós a importância do elemento erótico no cântico entoado por Cardenal. Mas é importante nós nos atentarmos para o que foi dito: a união de dois aqui não é só para satisfação de um desejo físico, ela se presta a uma morte, a qual dará origem a um outro ser diverso do que existia antes e isso permite a evolução. Além disso, os seres que se unem mantêm as suas singularidades. Não é uma fusão em que se perdem elementos, é uma união que gerará nova vida.

É isso o que preconiza a mística: a união com Deus, que gera a morte do ego, a qual leva a um esvaziamento e faz com que o ser que experimentou tal união torne-se um ser distinto do que era antes do encontro ocorrer e esse, por sua vez, gera filhos: um novo homem, uma

<sup>279</sup> Essa expressão foi cunhada pelo próprio poeta e aparece em Cântico Cósmico na seguinte passagem “Esta minha épica astrofísica só tem um sentido: proclamar que o universo tem sentido” (CARDENAL, 1996, p. 89)

<sup>280</sup> “O Grande Mistério, SACRAMENTUM,/ a separação da vida nos 2 sexos./ Essa separação polar./ “Ainda nos ocultam o verdadeiro sentido da sexualidade”./ Sem a sexualidade/ não haveria diversidade na unidade,/ tão-somente seres iguais como as algas azuis,/ um mundo só de gêmeos./ A sexualidade não é dois para um diferente./É então a fonte da diversidade, do diferente,/ a assimetria da vida e sua beleza./É unir-se para deixar de ser só o mesmo/ e morrer” (CARDENAL, 1996, p. 235).

nova mulher, um novo cosmos. No caso de Cardenal, os filhos espirituais foram a humanidade, ou mais ainda, a busca do Reino de Deus aqui e agora.

A ideia de sexo atrelado à morte é defendida, no poema em questão, em trechos como os seguintes: “El sexo creó la muerte”<sup>281</sup> (CARDENAL, 2012, p. 235); “El amor y la muerte fueron la aceleración de la evolución/ y así para amar había que morir”<sup>282</sup> (CARDENAL, 2012, p. 235); “la muerte no por accidente sino/ una necesidad prescrita por el programa genético./ La evolución es lucha entre conservación y revolución./ Entre reproducción y variación. / La multiplicación sexual exige desaparición”<sup>283</sup> (CARDENAL, 2012, p. 235).

Nesse jogo de vida, morte e evolução, ganha muita importância o sexo. E, para falar sobre isso, Cardenal traz ao texto a linguagem do erotismo e o faz, mostrando a falta que a caracteriza e o desejo de união. Passemos a trechos do poema que mostram isso:

El sexo es variedad, y variedad evolución.  
 El sexo es una de las dos invenciones de la evolución, y la otra  
 La muerte.  
 El sexo también el principal instrumento de la evolución  
 Porque la selección natural es selección sexual. Y muerte.  
 La invención del sexo para la aceleración  
 – mediante muertes y más muertes de nuevas individualidades –  
 De las modificaciones,  
 Las transformaciones  
 De la evolución.  
 [...]  
 El dolor de ser individuo, de ser solo,  
 De no ser dos,  
 Soledad de ser uno.  
 Pero soy más yo  
 Mientras más me uno  
 PARA EVITAR NUESTRA EXTINCIÓN.  
 Amar es ser eterno.  
 No dos separados sino una unión.  
 [...]  
 El cosmos pudo haber comenzado con sólo dos partículas  
 De cargas eléctricas opuestas.  
 [...]  
 Y los animales entran en celo  
 (y es que el amor  
 Viene del cielo).  
 Nuestras caricias no es porque somos humanos, dice Gourmont,  
 Sino porque somos animales.

<sup>281</sup> “o sexo criou a morte” (CARDENAL, 1996, p. 235)

<sup>282</sup> “o amor e a morte foram a aceleração da evolução/ E assim, para amar era preciso morrer” (Idem, p. 235).

<sup>283</sup> “A morte não por acidente, a morte/ necessidade prescrita pelo programa genético./ A evolução é luta entre conservação e revolução./ Entre reprodução e variação./ A multiplicação sexual exige desaparecimento”(Idem, p. 235).

La delicia de la caricia es  
 Porque es útil a la espécie.  
 Una sed más vasta que el océano.  
 O hambre: “el hambre de la espécie” dijo San Agustín,  
 Quien la padeción tan agudamente.  
 Piel con piel fundida.  
 Caricia contra caricia.  
 Almas enlazadas em el enlace de cuerpos.  
 Y uno con el alma desolada como la luna.  
 Ah, mi Pueblo para quien yo canto.  
 Muchacha pensando en muchacho  
 O un muchacho en una muchacha.  
 La diferencia en su igualdad.  
 La igualdad en su diferencia.  
 Allí está todo.  
 Querer estar siempre con otro ser  
 Quererse meter en el outro ser  
 Ser el otro ser  
 Coger una mano  
 Mano no la mano de uno  
 Boca sedienta de boca sedienta  
 Quererse meter.  
 La mujer abriéndose y entrando el hombre  
 Es el simbolismo natural  
 De una comunicación más misteriosa:  
 dos en uno  
 y  
 uno en dos  
 (siendo más cada uno mientras más unidos).  
 Y así el acto sexual es inteligible.  
 La vida es la duplicación del don recibido.  
 La vida tiene sólo una función:  
 nueva vida.  
 De vida en vida  
 Vida transmitiéndose la vida.  
 [...]

¿Y no es la generación la razón de nuestra existência?  
 Siendo todos hijos. Hijos de un mismo engendrador.  
 Las muertes condición de la evolución.  
 Morimos para que nazcán más. Para los otros.  
 Los astros mueren  
 Para dar origen al nacimiento de otros astros.  
 Estrellas nacen de estrellas  
 Y debemos nuestra existencia corporal  
 A eventos ocurridos hace billones de años  
 en estrellas que vivieron y murieron  
 mucho antes que el sistema solar comenzara.  
 Y volveremos a ser gas de estrellas otra vez.  
 Hidrógeno será pero hidrogeno enamorado.<sup>284</sup> (CARDENAL, 2012, p. 236-238)

<sup>284</sup>O sexo é variedade, e variedade evolução./ O sexo é uma das duas invenções da evolução, a outra / a morte./ O sexo também o principal instrumento da evolução,/ porque a seleção natural é seleção sexual. E/morte./[...]/ A invenção do sexo para aceleração/- mediante mortes e mais mortes de novas/ individualidades – / Das modificações/ As transformações/ Da evolução./ [...]/ A dor de ser indivíduo,

Achamos por bem transcrever bastantes trechos desse poema, porque acreditamos que fica bem evidenciada a visão do poeta acerca do cântico erótico-cósmico nesses fragmentos citados. De acordo com eles, o sexo contribui para a evolução, leva à morte, mas a uma morte que gera vida. Também fica claro que estar só é uma dor, que não nascemos para a solidão e precisamos nos unir para não entrarmos em extinção. Quando a voz que fala no poema nos diz que “amar é ser eterno”, mostra bem a importância do amor, que gera a morte para criar uma nova vida diferente. E assim, continuar a evolução. É belíssima a imagem dos dois seres se buscando – a *muchacha* e o *muchacho* – e admitindo que se querem e respeitando a diferença em sua igualdade, mas admitindo também a igualdade na diversidade.

Nesse poema, conforme já dissemos, mas reforçando a ideia, a linguagem do erotismo intensifica-se até chegar ao ponto de se descrever o ato sexual como forma de simbolizar a comunicação de “dois em um e de um em dois”, são os corpos que se misturam para voltar a unidade, mas a unidade que respeita a individualidade de cada ser.

E, fechando o poema, o poeta traz-nos a imagem de que fazemos parte de um todo e de que já fizemos parte de estrelas; somos, portanto, “pó de estrelas” – imagem que havia aparecido em outro poema analisado –, somos gás hidrogênio, mas hidrogênio enamorado, que se juntará para morrer enquanto gás, mas renascer como outro elemento e, assim, continuar nosso “cântico erótico-cósmico”.

---

de/ser só./ De não ser dois./Doloroso não ser dois./Solidão de ser um./ Porém sou mais eu/ Quanto mais me uno./ PARA EVITAR NOSSA EXTINÇÃO/ Amar é ser eterno./ Não dois separados, mas uma união./ [...] /O universo pode ter começado só com duas partículas/ De cargas elétricas opostas./[...] /Os animais entram no cio/ (e é que o amor/ Chega do céu.)/ Nossas carícias não nascem porque somos humanos, diz Gourmont./ Mas porque somos animais./ A delícia da carícia é/ Poder ser útil à espécie./ Uma sede mais vasta do que o oceano./ Ou fome: ‘A fome da espécie’, diz Santo Agostinho/ Que a padeceu tão agudamente. /Pele com pele fundida./ Carícia contra carícia./ Almas enlaçadas no enlace dos corpos./ [...] / Moça pensando num / rapaz/ Ou um rapaz pensando numa moça./ A diferença em sua igualdade./ A igualdade em sua diferença./ Ali está tudo./ Querer estar sempre com o outro ser/ Querer se meter no outro ser/ Ser o outro ser/ Pegar uma mão/ Mão, não a mão de alguém/ Boca sedenta de boca sedenta./ Querer se meter./ A mulher se abrindo/ e entrando o homem/ É o simbolismo natural/ De uma comunicação mais misteriosa:/ Dois em um/ E/ Um em dois/ (sendo mais cada um quanto mais unidos)./ E assim, o ato sexual é inteligível./ A vida/ é duplicação do dom recebido./ A vida só tem uma função: nova vida./ De vida em vida./ Vida transmitindo-se a vida./ [...] / Os astros morrem/ Para dar origem ao nascimento de outros astros./ Estrelas nascem de estrelas/ E devemos nossa existência corporal/ A eventos ocorridos há bilhões de anos./ Em estrelas que viveram e morreram/ Muito antes de que começara o sistema solar./ E voltaremos a ser gás de estrelas outra vez./ Hidrogênio serei mas hidrogênio enamorado (CARDENAL, 1996, p. 236-238).

São muitos os poemas desse livro que nos ajudam a delinear o cântico proposto por Cardenal, mas só faremos menção a pequenos trechos de dois deles: “El Cántico dos Cánticos” (cantiga 41) e “Un no sé qué que quedan” (cantiga 42).

Escolhemos mencionar a cantiga 41 pela explícita relação intertextual existente entre essa é o livro bíblico **Cântico dos Cânticos**. Lendo a obra poética de Cardenal e os seus diários, evidenciamos a influência desse texto em sua trajetória. Assim, como não dedicamos nenhuma parte desta tese a esse livro, faremos, nesse ponto do trabalho, uma ponte entre o texto bíblico e o cardenaliano. Reconhecemos que a análise será rápida, mas é a maneira que encontramos para destacar a importância do livro de Salomão para Cardenal.

Começamos nossa abordagem apresentando o livro bíblico supracitado. Segundo Peter Kreeft,

O **Cântico dos Cânticos** é sobre o amor, e o amor, obviamente, é para todos. [...] É o único livro da **Bíblia** em que Deus não é mencionado sequer uma vez (embora, por problemas de tradução apareça em algumas).

[...]

Deus está no livro inteiro simbolicamente. O Noivo, Salomão, o Rei: todos são símbolos de Deus, e a esposa pela qual Ele se decidiu é um símbolo da alma ou do povo escolhido, Israel ou a Igreja, o novo Israel. Interpretado simbolicamente, o **Cântico dos Cânticos** é o livro mais íntimo da Bíblia. Ele descreve o último propósito da vida, que encontramos no final de Jó: o encontro e o matrimônio entre Deus e o homem. Essa é esperança mais sagrada e feliz do coração humano, a nossa maior necessidade desde que nascemos, a caça que perseguimos e a meta que almejamos. É o último capítulo na história de cada vida, a razão e a finalidade de tudo.

[...]

É uma história de amor dupla, vertical e horizontal, divina e humana. Os dois grandes mandamentos são o amor de Deus e do próximo. Assim, esse poema de amor deve ser interpretado em dois níveis, o Divino e o humano. O noivo simboliza Deus, mas também é qualquer homem e qualquer mulher, literalmente. Interpretar um livro ou uma passagem simbolicamente não significa abandonar a interpretação literal. O **Cântico dos Cânticos** toma o amor romântico e o casamento, em vez de qualquer outra das muitas formas de amor humano, como símbolo do amor de Deus porque o amor romântico e o casamento constituem no mais pleno de todos os amores humanos. [...] O amor matrimonial inclui a amizade, o afeto, o desejo e a caridade numa rica mistura (KREEFT, 2015, p. 131-133. Grifos nossos).

Após essa breve apresentação, passaremos a mostrar como esse canto esponsal aparece no livro **Cântico Cósmico**. Antes, contudo, gostaríamos de destacar o que temos dito nessa tese: todas as formas de amor são uma forma de falar de um Amor que está acima da esfera dos humanos, um amor que vem de Deus e volta a Deus. Assim, amor erótico, ágape, *philia* são manifestações de um mesmo Amor. E reafirmamos que são manifestações usadas pelo místico

Cardenal para dizer de sua união com o Amado e para revelar o que fez após transformado por esse Amor: a luta em prol dos oprimidos; a benevolência ao dizer que mesmo no ditador Deus se apresenta, apesar de esse ser uma poça de água turva que nos impede de ver a face do Infinito; o trabalho em Solentiname não só para ressaltar a importância da oração, da contemplação e do silêncio, mas também para resgatar a dignidade dos moradores daquela comunidade, para ajudá-los a se construírem enquanto cidadãos; o trabalho com as crianças com câncer, a literatura que aponta para a construção do Reino de Deus na Terra a partir da união erótico-cósmica.

Ditas essas palavras, passemos à análise da cantiga 41. Nesse poema de Cardenal, tudo tende à união, a voltar a ser um. O sexo, nesta perspectiva, é visto como o caminho para a unidade, o que reforça nossa ideia acerca do canto cardenaliano:

El uno hacia el otro  
corriendo, volando, nadando o arrastrándose.  
Cada uno en busca de la otra mitad de uno mismo.  
De la unidad perdida.  
[...]  
Toda la vida sexual es para la unión de dos células.  
Dos células que copulan,/ y se hacen una sola  
[...]  
Podríamos decir que el universo es sexo.  
La materia toda ella un vasto sexo.  
También los infusorios que se abrazan,  
Rompen sus núcleos y protoplasmas  
Haciéndose uno solo, y se separan  
Cada uno convertido en la mitad del otro.<sup>285</sup>  
(CARDENAL, 2012, p. 365-368. Grifos nossos)

Na cantiga 41, em vários momentos encontramos os vocábulos “Amado” e “Amada” num claro diálogo com o livro presente na Sagrada Escritura. Vejamos alguns exemplos:

- Amado:  
Nos abrazaremos bajo las ramas del pandano.  
Volveremos a comer manzana-rosa.  
Nosotros dos bajo el pandano.  
Allí la flor oyíen florece escondida  
Y se oye el canto del ave kagl y el ave waugle  
Que siempre cantan en parejas.  
En la pequeña islã donde crecen los pandanos

<sup>285</sup> Um para o outro/ correndo, voando, nadando ou se arrastando./ Cada qual em busca da outra metade de si mesmo./ Da unidade perdida./ [...] Toda a vida sexual é para a união das células./ Duas células que copulam,/ e se fazem uma só./ [...] / poderíamos dizer que o universo é sexo./ A matéria, toda ela, um vasto sexo./ Também os infusórios que se abraçam,/ rompem suas membranas,/ confundem seus núcleos e protoplasmas/ tornando-se um só, e se separam/ cada um convertido na metade do outro.(CARDENAL, 1996, p. 365-368).

Donde hay una choza abandonada.

- Amada: tu cuerpo de caoba oscura torneada y pulida,  
 Tu lengua como la flor del flamboyant.  
 Tus dientes una hilera de garzas en la ribera del Ululali.  
 Tus pechos son de color de níspero  
 Y su sabor de níspero lechoso.  
 Qué bello el collar de begônias rosadas en tu cuello.

Entre los saúcos amarillos te amaré

[...]

- Amada:

Ya están en flor los elequemes anaranjados como llamas,  
 las frutas-de-pan están maduras,  
 las oropéndolas están gritando en las papayas.  
 Los icacos de las islãs ya están rosados.  
 Los monos están aullando en los palos de caoba  
 Y el tucán canta entre los aguacates.

Ven a la aldeã.

- En mi cama de hojas de cocotero  
 Mi amado es como el negro pez-ura  
 Tatuado como el pescado negro de Ifaluk.  
 Como el oscuro pez-ura  
 él há venido de una isla distante.

[...]

- Perfumada con unguento de gengibre  
 Dulce es nuestro encuentro debajo de las palmeiras.  
 Yo te escogí entre todas las de la tribu.  
 Tu falda parece el plumaje del pájaro pa-i,  
 Parece el plumaje de la oropéndola,  
 Con pontura en tus mejillas

Y pintura alrededor de tus ojos.

Tu pelo aceitado y alisado con peine.  
 Leche de como me diste esa noche

Leche de coco.

Mi piel en tu piel  
 En tu piel morena con amuletos.  
 Perfumados tus dedos como tamarindos.

- Mi amado viene de noche

A mi estera

Me estrecha contra el tatuaje de su pecho  
 Y me apierta con el tatuaje de su brazo.

[...]

- Mi amada de piel perfumada  
 Con el brillo del sol en sus belos collares  
 En sus orejeras y narigueira de oro.

[...]

- Mi amado

Como un venado brincando buscando el agua.

Bajo el gran árbol de bo

Mi amor me besó.

¿Serán ésos

Sus pasos suaves sobre hojas?

¿Serán esos?

[...]

La fusión de dos núcleos celulares es la fecundación.

[...]



Todo es dos en el universo

[...]

El sex-appeal ya estaba en las estrellas.

La implacable atracción de la materia hacia otra materia,

O GRAVEDAD que mantiene unido al universo.

La gravedad era una inclinación natural, encontró Copérnico.

En nuestros cuerpos y en el sol y los planetas.

La gravedad que sólo actúa para juntar.

No conocemos gravedad que separe.

[...]

- La amada se abre

y el amado entra.<sup>286</sup> (CARDENAL, 2012, p. 366 -380. Grifos nossos)

Se comparamos com o livro bíblico, vamos perceber, além da estrutura semelhante, também o vocabulário, voltado para o erotismo. É uma amada que se prepara, se perfuma para a chegada do Amado que vai saciar sua fome e sua sede de pele, de abraços, de beijos. Cardenal, como místico esponsal que é, assume a linguagem erótica como forma de mostrar a união como o Amado. Não é por acaso que “a amada se abre para ser penetrada pelo Amado”. Vejamos alguns exemplos em **Cântico dos Cânticos**:

A amada:

Beija-me com beijos de tua boca!

<sup>286</sup> “- Amado: / vamos nos abraçar debaixo dos ramos/ daquela árvore indiana chamada pandano./ Voltaremos a comer maçã-rosa./ Nós dois debaixo do pandano./ Ali a flor oyién floresce escondida/ e se ouve o canto da ave Kagl e da ave waugle/ que sempre cantam aos casais./ Na pequena ilha onde crescem os pandanos/ onde há uma cabana abandonada./ - Amada:/ teu corpo de mogno escuro torneado e polido,/ tua língua como a flor do famboiã/ Teus dentes uma fileira de garças na ribeira de Ululali./ Teus peitos são da cor da nêpera/ e seu sabor de níspero leitoso./ Que belo o colar de begônias rosadas em teu pescoço./ Entre os saúcos amarelos te amarei. [...]/ -Amada: / já estão floridos os aromos alaranjados como chamás,/ as frutas-pão estão maduras,/ as oropêncolas estão gritando nos mamoeiros/ os icacos das ilhas já estão rosados./ Os macacos estão guinchados nas árvores de mogno/ e o tucano canta entre os abacates./ Vêm à aldeia./ - Em minha cama de folhas de coqueiro/ meu amado é como o negro de Ifaluk./ Como o escuro peixe-ura/ ele veio de uma ilha distante. [...]/ Perfumada com unguento de gengibre/ doce é o nosso encontro debaixo das palmeiras./ Eu te escolhi entre todas da tribo./ Tua saia parece a plumagem do pássaro pa-i,/ parece a plumagem da oropêncola,/ com pintura em tuas faces/ e pintura ao redor dos teus olhos./ Teu cabelo azeitado e alisado com pente./ Nesta noite me deste leite de coco/ leite de coco./ Minha pele na tua pele/ em tua pele moreta com amuletos./ Perfumando os teus dedos como tamarindos./ Meu amado vem de noite /à minha esteira/ me estreita contra a tatuagem do seu peito./ me aperta com a tatuagem do seu braço.[...] Minha amada de pele perfumada/ Com o brilho do sol em seus belos colares/ em seus brincos e narigueiras de ouro./ [...] - Meu amado/ como um veado saltando ao encontro da água./ Debaixo da grande árvore de bo/ meu amor me beijou. /Serão esses /seus passos suaves dobre folhas?/ serão esses? [...] A fusão dos núcleos celulares é a fecundação/ [...] Tudo é dois no universo.[...] /o sex-appeal já estava nas estrelas/ A implacável atração da matéria por outra matéria,/ ou GRAVIDADE que mantém unido o universo./ gravidade era uma inclinação natural, encontrou Copérnico./ Em nossos corpos e no sol e nos planetas./ A gravidade que somente atua para juntar./ Não conhecemos gravidade que separe.[...] A amada se abre e o amado entra.” (CARDENAL, 1996, p. 266-380).

Teus amores são melhores do que o vinho  
 O odor dos teus perfumes é suave,  
 Teu nome é como um óleo escorrendo,  
 E as donzelas se enamoram de ti... (Ct 1,2-3)

[...]

A AMADA

A voz do meu amado!  
 Vejam: vem correndo pelos montes,  
 Saltitando nas colinas!  
 Como um gamo é meu amado...  
 Um filhote de gazela. (Ct, 2, 8-9)

[...]

A AMADA

Em meu leito, pela noite,  
 Procurei o amado da minha alma.  
 Procurei-o e não o encontrei!  
 Vou levantar-me,  
 Vou rondar pela cidade,  
 Pelas ruas, pelas praças,  
 Procurando o amado da minha alma...  
 Procurei-o e não o encontrei... (Ct 3,1-2)

[...]

A AMADA:

Eu dormia,  
 Mas meu coração velava  
 E ouvi o meu amado que batia:  
 “Abre, minha irmã, minha amada,  
 Pomba minha sem defeito!  
 Tenho a cabeça orvalhada,  
 Meus cabelos gotejam sereno!

[...]

Meu amado põe a mão  
 Pela fenda da porta:  
 As entranhas me estremecem,  
 Minha alma, ouvindo-o, se esvai  
 Ponho-me de pé  
 Para abrir ao meu amado:  
 Minhas mãos gotejam mirra,

[...]

Abro ao meu amado,  
 Mas o meu amado se foi...  
 Procuro-o e não o encontro.  
 Chamo-o e não me responde...  
 (Ct 5, 2; 4; 6)

Cardenal revisita o diálogo entre Amado e Amada que é visto em **Cântico dos Cânticos**; porém, dá ao texto as cores da paisagem da Nicarágua. Assim, mantém o teor e o erotismo do texto salomônico, mas faz-nos ver o seu país. A nota erótica do livro bíblico dá o tom a esse texto, assim, surgem, nos escritos de Cardenal, versos como “El es miel en mi boca./- Agua de coco y miel/ tengo en la lengua” (CARDENAL, 2012, p. 375) ou “Muchacha vestida como papagayo del bosque/ yo desceñiré tu manta teñida. /Más bella que todas las otras mujeres”

(CARDENAL, 2012, p. 377). A essa linguagem erótica, junta-se a linguagem da cosmologia para dizer que é pela cópula com e do todo que se constrói o novo cântico que deve ser entoado na construção do Reino de Deus:

-Amado mío  
 El olor de tu semen como el de la flor lechosa del kassamano.  
 Engendrados por esa ley  
     Que también es la de los besos.  
     Pedazo de materia estelar,  
 Un átomo tuyo es como un sistema solar, y tu cuerpo  
 Como un sistema de galaxias con millones de soles.  
     La atracción. La atracción.  
 Los electrones giran dentro de los átomos,  
 Los satélites giran alrededor de sus planetas,  
 Los planetas alrededor de sus estrellas  
 Y las estrellas de la galáxia alrededor  
De un centro de gravedad común.  
La gravedad que mueve al sol y las demás estrellas.<sup>287</sup>  
 (CARDENAL, 2012, p. 384. Grifos nossos)

E não podemos deixar de mencionar que “La gravedad es amor” (CARDENAL, 2012, p. 376).

Há ainda outras evidências dessa linguagem que ganham tonalidade bastante erótica em imagens como as dos versos seguintes: Não é por acaso que encontramos “Atracción es la realidad básica del universo/ ‘Toda la dinámica do cosmos surge del instinto de reproducción’./ Igual a decir que/ la unión y la reproducción son intrínsecas a la materia. (CARDENAL, 2012, p. 374) ou no verso “Chupé tus pechos” (CARDENAL, 2012, p. 383)

Para finalizarmos a análise desse poema, citemos um comentário feito por Peter Kreeft acerca do livro **Cântico dos Cânticos**:

Algo extremamente simples e ao mesmo tempo incrivelmente misterioso é dito no **Cântico dos Cânticos** 2, 16 e de novo em 7, 10: “Meu amado é meu e eu sou dele”. O amor intercambia os seres. Quando amo você, deixo de possuir o meu ser. Fiz dele um presente para você. Mas em troca, eu possuo o seu ser. (KREEFT, 2012, p.171. Grifos nossos).

É isso o que caracteriza o cântico erótico de Cardenal: pela entrega ao outro de forma tão íntima ocorre o intercâmbio entre os seres, perde-se o limite de quem é um e quem é o outro.

---

<sup>287</sup> - Amado meu/ o cheiro do teu sêmen como o da flor leitosa do Kassamano./ Engendrados por essa lei/ que também é a dos beijos./ Pedaco de matéria estelar,/ um átomo teu é como o sistema solar, o teu corpo/ como um sistema de galáxias com milhões de sóis./ A atração. A atração./ Os elétrons giram dentro dos átomos,/ os satélites giram ao redor dos planetas,/ os planetas ao redor de suas estrelas/ e as estrelas da galáxia ao redor/ de um centro de gravidade comum./ A gravidade que move o sol e as demais estrelas (CARDENAL, 1996, p. 384).

O poeta dos beijos e abraços com o Infinito quer nos dizer que, quando nos unirmos ao cosmos, numa total entrega, não haverá mais esse véu encobrendo o rosto do Amado, seremos um com Ele. Afinal,

El número mágico es 2.

Atracción e la realidad básica del universo.

“Toda dinâmica del cosmos surge del instinto de reproducción.”

Igual que decir que

La unión y la reproducción son intrínsecas a la materia.<sup>288</sup>

(CARDENAL, 2012, p. 374)

Isso nos leva a um trecho da cantiga 42. Nesse, temos o seguinte:

Si Lo ves a Él, nos ves a los dos.

Pero a la vez aquella otra voz:

Entre Tú y yo hay un soy que me atormenta.

- Eso de abrir los brazos

Y abrazo aire -.

¡Amada en la amada gran nada transformada

Hasta hundirme, fundirme, confundirme.

Ser poseído y poseerte mi GRAN NADA

GRAN NADA amada.

[...]

Oh dos nadas del todo desnudadas

El todo con la nada

una nada en su todo transformada

quedeme y olvideme

dejando mi pasado

entre los cuasares olvidado.

Se siente

Y no se siente

Se siente

Pero es como que no se siente

O en verdade es que no se siente.

Algo dentro de mí, no en mi cuerpo sino más adentro

Es abrasado, abraza y es abrasado,

Unidos habiendo de algún modo dos en uno, dos uno,

Dulzura con dulzur, en una sola dulzura,

Goce del outro goce, los dos goces uno

Sin que nada se sienta sensiblemente conste:

Es como que he abrasado la noche

Negra y vacía

Y estoy vacío de todo

Y nada quiero

Es como si me hubiera penetrado

<sup>288</sup> O número mágico é 2./ Atração é a realidade básica do universo./ ”Toda dinâmica do cosmo surge do instinto de reprodução.” / É como dizer que a união e a reprodução são intrínsecas à matéria. (CARDENAL, 1996, p. 374- 375).

La Nada.<sup>289</sup>  
(CARDENAL, 2012, p. 386)

Acreditamos que, no trecho citado anteriormente, enxergamos algumas colocações deveras pertinentes sobre o encontro amoroso com Deus. Primeiro é um encontro que só é possível quando não há mais o ego (“Entre Tú y yo hay un yo que me atormenta”). Além disso, nessa união, a alma se transforma “na gran nada” até que não se saiba mais quem é Amado quem é amada (“Hasta hundirme, fundirme, confundirme”). Isso caracteriza esse encontro extático. Porém, é um sentimento agridoce, porque há a sensação de estar abraçando e nada estar segurando, e algo que só se explica com uma linguagem paradoxal: “se siente/ y no se siente/ se siente/ pero es como que no se siente/ o en verdad es que no se siente”. Isso porque é uma experiência vivida “mais dentro”, no “gurgurinho da alma”. Mas, apesar de não se saber explicar o que houve com palavras do vocabulário humano, tem-se a certeza do que ocorreu e de que, a partir desse momento, a união com Ele está completa (“es como que he abrasado la noche/ negra y vacía/ y estoy vacío de todo / y nada quiero/ es como si me hubiera penetrado o Nada”). Assim, mais uma vez Cardenal descreve sua união mística, que, como já mencionamos nesse trabalho, o fez, estando na Terra, não mais a ela pertencer.

Nesse poema, após descrever esse encontro amoroso com o Criador, o místico nicaraguense mostra como essa união é descrita em várias crenças pelo mundo e em vários momentos da história da humanidade. A ideia defendida parece ser mostrar que todos os místicos de todas as religiões, assim como os cientistas e poetas, querem apontar para a mesma direção: há um Ser Criador que tudo fez num ato de amor e a Quem só é possível ver pelo esvaziamento do que Cardenal escreve, no poema, como ego. O poeta sugere ainda que toda a criação se originou de uma “Cópula Cósmica”. E conta que um dia “Em Bagdá, o tal vez en

---

<sup>289</sup> “Entre Tu e eu há um eu sou que me atormenta./ - Isso de abrir os braços/ e abraço o ar -. /Amada na amada grande nada transformada!/ até fundir-me, fundir-me, confundir-me. / Ser possuído e possuir-te minha GRANDE NADA/GRANDE NADA amada. / Lançado a ti com toda a minha força e nada sinto./ Abraço nada mais que meus dois braços./Como a região escura que começa onde acaba o universo. [...] / Ó dois nadas do todo desnudados/ o todo com o nada/ um nada em seu todo transformado/ me fique e me esqueça/ deixando o meu passado/ entre os quasares olvidado/ Se sente/ e não se sente/ se sente/ mas é como que não se sente/ ou em verdade é que não se sente./ Algo dentro de mim, não em meu corpo, mais dentro/ e abraçado, abraça e é abraçado,/ unidos havendo de algum modo dois em um, dois um,/ doçura com doçura, numa só doçura, / gozo do outro gozo, os dois gozos um/ sem que nada se sinta sensivelmente conste:/ é como que abracei a noite/ negra e vazia/ e estou vazio de tudo/ e nada quero/ é como se me houvesse penetrado/ o Nada” (CARDENAL, 1996, p. 386).

Damasco”<sup>290</sup> (CARDENAL, 2012, p. 385) sentiu a presença de Deus e exclamou: ¡Oh, Tú, que eres yo!”<sup>291</sup> (CARDENAL, 2012, p. 385).

Esses versos fazem-nos lembrar de uma passagem encontrada em **Vida Perdida**. Nesse diário, durante uma visita a uma mesquita, ao fazer os mesmos gestos dos crentes que se prostravam no solo e levantar os braços na direção do infinito, “sentiu uma experiência da presença de Deus como vazio naquele grande edifício no qual não havia nada mais que decorações florais e versos floridos do Corão nas paredes” (CARDENAL, 2003 a, p. 51. Tradução nossa).

Nessa cantiga, o místico reitera o fato de que renunciou ao amor humano para unir-se a Deus, um ser que busca tanto quanto ele, o amor:

Lo siento que está en el universo como solo.  
 Buscando amor Dios igual que yo.  
 Por quien yo renuncie aquel día  
 A una muchacha o dos.  
 Aunque ya no lo serán así siguen siendo  
 Belísimas para mí.  
 Igual que como estaban la última vez  
 Renuncia de los que es  
     Lo menos espiritual del alma, o  
     Lo más espiritual del cuerpo.  
 Por esse instinto de estar uno unido con el Uno  
 En quien todas las cosas divididas están unidas.  
 Entregue mi bolsita de ilusiones, mi puñado de sueños.<sup>292</sup>  
 (CARDENAL, 2012, p. 387)

Antes de passarmos a análise de uma outra obra de Cardenal, é mister mencionarmos que, nessa cantiga, o poeta declara o porquê de ter confeccionado o **Cántico Cósmico**:

El propósito de mi Cántico es dar consuelo.  
 Tal vez más.  
 Si te ama más a ti que tú mismo  
 Tu tú es superficial y él es tu profundo tú.  
 En el centro de nuestro ser no somos nosotros sino Otro.  
 Si el hierro de mi sangre es el mismo de los rieles,

<sup>290</sup> “Em Bagdá, ou talvez em Damasco” (CARDENAL, 1996, p. 385).

<sup>291</sup> “Ó, Tu, que és eu!” Idem, p. 385.

<sup>292</sup> “Sinto que está no universo como sozinho./ Buscando amor Deus igual a mim./ Por quem eu renunciei aquele dia/ a uma moça ou duas./ Ainda que já não sejam assim seguirão sendo/ belísimas para mim./ Iguazinhas a como estavam da última vez./ Renúncia do que é/ o menos espiritual da alma, ou/ o mais espiritual do corpo./ Por esse instinto de estar um único com o Uno/ em quem todas as coisas divididas estão unidas. /Entreguei minha bolsinha de ilusões, meu punhado de sonhos” Idem, p. 387.

Mi cálcio el de los acantilados<sup>293</sup>  
(CARDENAL, 2012, p. 388-389)

Talvez esse seja o propósito do canto do místico: fazer ver que, no interior de nosso ser é que Ele se encontra, que Ele é nosso centro e que o ferro que tem em nosso sangue tem também nos trilhos. Assim, somos todos irmãos.

Essa temática leva-nos ao penúltimo livro escrito por Ernesto Cardenal e publicado em 2018. Trata-se de **Así en la tierra como en el cielo**. Esse livro foi apresentado ao leitor pela primeira vez em janeiro desse ano durante as comemorações do 93º aniversário do poeta. Antes de iniciarmos nossos comentários acerca dessa obra, gostaríamos de resgatar alguns versos que se encontram em **Cántico Cósmico**: “‘No conviene que el hombre este solo’./ Por lo que no es humano un hombre solo./ Lo humano como comunidade”<sup>294</sup> (CARDENAL, 2102, p. 215).

A partir do conteúdo desses versos, podemos trabalhar a mensagem que o poeta quer nos deixar nesse que, provavelmente, será um de seus últimos livros: não fomos feitos para a solidão, pois formamos, com o todo, uma unidade. Apesar de diversos, todos os que formam o cosmos têm um centro comum onde vive aquele que “nos envolve por fora e nos habita por dentro”. Há, portanto, uma interdependência entre todos os elementos que compõem a criação.

Segundo Lopez- Barlat, “o misticismo de Cardenal é unitário: o cosmos está em prazerosa interdependência” (LÓPEZ-BARALT, 2012, p. 62). Por isso, podemos afirmar ser esse livro uma obra que reforça uma mensagem de união cósmica a partir do amor que está presente em muitas das obras de Cardenal.

Mostraremos, a partir desse ponto do nosso texto, como se constrói esse “cântico erótico-cósmico” em **Así en la tierra como en el cielo**.

A voz que fala no texto começa declarando que

Parece que el universo tuvo un propósito  
En el que estamos nosotros  
El universo consciente de sí mismo:  
Polvo de estrellas  
Que puede en la noche  
Mirar las estrellas<sup>295</sup>  
(CARDENAL, 2108, p. 01)

<sup>293</sup> o propósito do meu Cântico é dar consolo./ Talvez mais. / Se te ama mais a ti que tu mesmo/ teu tu é superficial e ele é teu profundo tu./ No centro de nosso ser não somos nós mas Outro/.Se o ferro do meu sangue é o mesmo dos trilhos,/ meu cálcio o dos alcantilados. Idem, p. 388-389

<sup>294</sup> “‘Não convém que o homem esteja só. / Pelo que não é humano um homem só. / O humano é comunidade”. Idem, p. 215.

<sup>295</sup> Parece que o universo teve um propósito/ no qual estamos nós/ o universo consciente de si mesmo:/ pó de estrelas/ que pode na noite/ olhar as estrelas (tradução nossa).

De imediato, percebemos no trecho citado uma clara relação intertextual com o poema “Con Martí mirando las estrellas”. Se analisamos atentamente todo o livro **Así e la tierra como e el cielo**, percebemos que ele estabelece um diálogo constante com outras obras do poeta nicaraguense. A impressão é a de que Cardenal está reiterando, através da palavra escrita, os elementos que constituem não só o seu fazer poético, mas que mostram a sua visão do Reino de Deus, o qual, como já dissemos, se constrói através de um cântico erótico-cósmico. Assim, mais uma vez recorre às ciências da natureza e ao amor para dar o tom ao seu texto.

Dando prosseguimento à leitura desse poema, é mister mencionarmos que, de acordo com a voz que nele fala, “nuestra galáxia de trillones de estrellas [es] apenas una entre millones de galaxias [...] Estamos en un universo casi vacío/ rodeados de misterio por todas partes/ en medio de una materia que no vemos/ un universo casi todo invisible”<sup>296</sup> (CARDENAL, 2018, s/p). Assim, essa voz declara estarmos envoltos em mistérios e matéria. Diante dessa realidade, é possível que nos façamos a seguinte pergunta: “¿Podría algo tan inmenso /ser sin ningún propósito?”<sup>297</sup> (CARDENAL, 2018, s/p). Diante disso, o eu que nos conta essa história afirma:

O Dios nos amó  
 Por lo que hay universo  
 Nada existe solo  
 Ser es ser unido  
 Ser es ser con otro  
 Todos conectados con todo  
 Y nada está desconectado  
 Todos los seres vivos emparentados  
 Fuimos uno solo en Big Bang  
 Y añoramos esa unidad  
 Somos un cosmos comunal  
 Matrimonio/ amistad/ comunidad <sup>298</sup>  
 (CARDENAL, 2018, s/p)

Nesses versos, Cardenal reafirma as notas que compõe a pauta de seu Cântico místico: “matrimônio, amizade, comunidade”. Esses são os elementos que nos unem, pelo amor, a todos os seres que compõe o cosmos e que, de alguma forma, retomam as acepções do amor nessa

<sup>296</sup> Nossa galáxia de trilhões de estrelas [é] apenas uma entre milhões de galáxias [...] / Estamos em um universo quase vazio/ rodeados de mistério por todas as partes/ no meio de uma matéria que não vemos/ um universo quase todo invisível (tradução nossa).

<sup>297</sup> Podia algo tão imenso ser sem um propósito (tradução nossa).

<sup>298</sup> O Deus nos amou/ Por isso que há universo/ Nada existe só/ Ser é ser unido/ ser é ser com outro/ e nada está desconectado/ Todos conectados com tudo/ E nada está desconectado/ Todos os seres vivos aparentados/ Fomos um só no Big Bang/ e sentimos falta dessa unidade/ somos um cosmos comunal/Matrimônio/ amizade/ comunidade.



presentes nessa tese: erótico, *philia* e ágape. Além disso, em seu texto deixa claro que “la materia [está] en evolución hacia Dios [...] con una tendencia a la unidad”<sup>299</sup>(CARDENAL, 2018, s/p).

Mas se estamos em evolução para Deus, por que não chegamos ao Reino? A resposta a essa pergunta é respondida na seguinte passagem do livro:

Dios sueña con nosotros  
 nos quiere en un mundo diferente  
 sin los pecados de la desigualdad  
 los ricos mas ricos y los pobres más pobres  
 donde nadie domine a nadie  
 todo de todos  
 [...]
 y la meta es la igualdad  
 que la tierra se cubra de igualdad  
 igualdad que es como Dios<sup>300</sup>  
 (CARDENAL, 2018, s/p)

Assim, para construirmos o Reino, é necessário vencermos o que nos separa, entendermos ser, apesar de diferentes, partes de uma unidade. Nesse canto de Cardenal, estamos destinados à unificação e, “neste universo”,

en que o sexo  
 es o grito de que estamos incompletos  
 Dios es necesariamente más de uno  
 porque es Amor  
 es dos y es tres  
 Dios Amor no es motor inmóvil  
 sino cambio y evolución  
 es el futuro que nos llama  
 y la resurrección nuestro futuro<sup>301</sup>  
 (CARDENAL, 2018, s/p).

Dois pontos chamaram nossa atenção no texto anteriormente citado: ser o sexo o grito de que estamos incompletos, mostrando nosso anseio de união de dois para sermos um e o fato de que estamos todos destinados à ressurreição. Se esse é nosso destino, antes precisamos morrer. No poema, “a morte es necesaria para la evolución”<sup>302</sup> (CARDENAL, 2018, s/p) e o

<sup>299</sup> A matéria [está] em evolução em direção a Deus com tendência à unidade.(tradução nossa)

<sup>300</sup> Deus sonha conosco/ nos quer em um mundo diferente/ sem os pecados da desigualdade/ os ricos mais ricos e os pobres mais pobres/ onde ninguém domina a ninguém/ tudo de todos/ e a meta é a igualdade/ que a terra se cubra de igualdade/ igualdade que é como Deus (tradução nossa)

<sup>301</sup> Em que o sexo/ é o grito de que estamos incompletos/ Deus é necessariamente mais de um/ porque é Amor/ é dois e três/ Deus Amor não é motor imóvel/ mas sim mudança e evolução/ é o futuro que nos chama/ e a ressurreição nosso futuro.

<sup>302</sup> A morte é necessária para a evolução (tradução nossa).

poeta recorre à Física para comprovar sua afirmação: “la segunda ley de la Termodinámica<sup>303</sup>/ es que todo tiene a morir”<sup>304</sup> (CARDENAL, 2018, s/p). Mas a morte, não é vista como um final definitivo,

la muerte es real  
 pero no definitiva  
 No muere todo con la muerte  
 [...]
 no volverá todo al vacío del que vino  
 hará una creación nueva nos há dicho  
 un mundo nuevo sin entropía  
 no éste en el que todo se gasta  
 liberados del tiempo esa ilusión  
 que dijo Einstein  
 en un perpetuo hoy  
 transformados por el Amor  
 hasta ser una especie nueva  
 en espera de la nueva creación  
 (CARDENAL, 2018, s/p)

Nesse canto cardenaliano, a via encontrada para vencer não só a morte, mas a desigualdade é Jesus Cristo, que aparece como sendo a fonte de luz que ilumina os caminhos dos seres que compõe o cosmos: “yo soy la luz/ dijo Jesús/ luz y comida/ y la luz hecha sánwich y hecha vino”<sup>305</sup> (CARDENAL, 2018, s/p).

**Así en la tierra como en el cielo** é um cântico de união que nos ensina, como o próprio título já nos faz ver ao lembrar a “oração do Pai Nosso”, o caminho para o Reino de Deus que toca no perdão, elemento que ajuda a vencer a desigualdade, que reconhece que, tanto no Céu quanto na Terra, a via é o “Amor al que también llamamos Dios/ que está más allá del espacio-tiempo”<sup>306</sup> (CARDENAL, 2018, s/p).

Gostaríamos de terminar esse tópico de nossa tese com uma belíssima definição do que vem a ser mística. Cardenal apresenta-nos tal visão de mística contando-nos a história de uma Santa, que após toda uma vida esperando a vinda do novo Reino de Deus, vive um momento de dúvida. Contudo, resolve essa questão afirmando que “aunque no existas yo te amo”<sup>307</sup> (CARDENAL, 2018, s/p). Assim, seguindo essa via, podemos dizer que essa é uma singular maneira de dizer desse encontro amoroso com Deus estar certo de amá-Lo, mesmo sem se ter

<sup>303</sup> De acordo com a segunda lei da Termodinâmica, “o calor flui espontaneamente de um corpo quente para (www.if.ufrgs.br).

<sup>304</sup> A segunda lei da Termodinâmica é que tudo tem que morrer (tradução nossa).

<sup>305</sup> Eu sou a luz/ disse Jesus/ luz e comida/ e a luz feita sanduíche e feita pão (tradução nossa).

<sup>306</sup> Amor a que também chamamos Deus/ que está mais além do espaço-tempo.

<sup>307</sup> Embora não existas, eu te amo (tradução nossa).

a certeza de Sua existência, porque sua Criação é um espelho que, quando nada reflete, reflete sua face.

### 5.3.3 Uma vida é pouco para tanto amor

Así es Ernesto Cardenal, um poeta y um hombre que ama y lucha, que escribe y vive, que reza y cree, y que ha optado, por encima de todo, por ser Hombre, com mayúscula, y por ponerse del lado de los oprimidos. (REMACHA, 1990, p. 23)

Velho, não.  
Entardecido, talvez.  
Antigo, sim.

Me tornei antigo  
porque a vida,  
tantas vezes, se demorou.  
E eu a esperei  
como um rio aguarda a cheia.

Gravidez de fúrias e cegueiras,  
os bichos perdendo o pé,  
eu perdendo as palavras.

Simples espera  
daquilo que não se conhece  
e, quando se conhece,  
não se sabe o nome. (COUTO, 2016, p. 48)

Ernesto Martínez Cardenal chega aos 95 anos. Muitos desses dedicados a cantar o amor: o amor pelas *muchachas*, o amor ao Infinito que “nos habita por dentro e nos rodeia por fora”, o amor pelos homens – especialmente por aqueles que sofrem -, o amor por Solentiname, o amor por uma causa: a luta em prol de justiça e de igualdade não só em seu país, mas principalmente nele, o amor pela palavra o qual o faz permanecer publicando até os tempos atuais mesmo com a avançada idade.

Mas que caminhos nosso poeta místico tem trilhado nos últimos anos? O objetivo de nosso trabalho, nesse item, é apresentar as vias pelas quais tem caminhado Cardenal em sua caminhada pela Terra.

Desde o ano de 1983, quando João Paulo II o repreendeu diante das câmeras de televisão de todo o mundo e, de 1984, quando o Sumo Pontífice lhe impôs uma cruel punição, Padre

Cardenal continua seu trabalho de promover a comunhão entre os moradores de seus país, sem, porém, poder celebrar a Eucaristia. A história de sua suspensão é a seguinte: no ano de 1984, quando o papa supracitado visitou a Nicarágua, Cardenal ficou responsável por recebê-lo. O próprio místico relatou, em um de seus diários, que não era uma boa ideia, mas foi ao aeroporto cumprir sua tarefa. Nessa ocasião, foi então repreendido e humilhado publicamente por ser, além de padre, guerrilheiro e, em virtude disso, foi lhe negado o direito do sacerdócio. Essa “suspensão *ad divinis*” foi dada também a outros quatro sacerdotes sandinistas seguidores da Teologia da Libertação. Entre os punidos estava o irmão de Ernesto, Fernando Cardenal.

Em uma reportagem intitulada “‘Não há liberdade para que eu diga algo, estamos em uma ditadura’, afirma Ernesto Cardenal”, as circunstâncias que levaram a essa punição são esclarecidas:

[em 1983], durante visita à Nicarágua, Karol Wojtyła repreendeu Cardenal, momento registrado em uma foto que se tornou célebre. O poeta e sacerdote ajoelhou-se diante do Papa no aeroporto de Manágua. Quando foi pegar a mão de João Paulo II para beijá-la, o sumo pontífice a retirou. Quando lhe pediu a bênção, o Papa o apontou com o dedo e disse: “antes, você precisa se reconciliar com a Igreja” (IHU- on line , 2019, s/p).

Essa restrição imposta a Cardenal deve ter sido muito dolorosa, mas nosso sacerdote manteve-se firme a seus ideais. Como ele mesmo declarou em “Nicarágua: ‘Não há liberdade para que eu diga algo, estamos em uma ditadura’, afirma Ernesto Cardenal”, “Nunca fui sacerdote para administrar sacramentos, para fazer casamentos, comunhões. Não é uma grande coisa para mim. Meu sacerdócio é diferente, é pastoral. Eu me tornei sacerdote pela união com Deus, é algo místico”. (IHU on-line,2019, s/p).

Ernesto, após anos como ministro no Ministério da Cultura na Nicarágua – “um cargo que aceitou apesar de sua relutância frente à burocracia., no qual realizou um processo transformador cercado por jovens cineastas, escritores, artistas, cantores e compositores” (RAMÍREZ, 2019, s/p), estando à frente de importantes projetos voltados para a devolução da cidadania aos moradores de seu país, viu seus projetos ruírem quando os sandinistas perderam a eleição.

Esse fato, porém, não foi um ponto final em seu trabalho a favor dos oprimidos. Em uma entrevista, certa vez, mencionou que, em seu projeto de vida está inserida a visão de uma terra sem exploração, com a riqueza nacional dividida. Assim, sendo todos considerados irmãos. Nesse plano, o produto nacional bruto da Nicarágua seria dividido por todos, não haveria mais a guarda nacional oprimindo e machucando inocentes. Sua luta era, é e –

acreditamos – continuará sendo sempre por um país sem medo, sem terror, sem tiranos, sem prostituição, sem essa política voltada apenas para aqueles que “ocupam o trono”.

Cardenal continua definindo-se hoje como “marxista e Cristão”: “me considero um cristão marxista que acredita em alguns dogmas cristãos e também na doutrina de Marx” (Carta Maior, 2008, s/p). Por mais paradoxal que isso possa parecer, lendo as obras desse místico, percebemos que é possível conciliar essas duas correntes se centrarmos nossa visão no Reino de Deus, na ideia de que “Cristo veio anunciar o Reino de Deus, o reino do Céu na Terra, ou seja, um reino de justiça, de paz, de fraternidade e de amor. O mesmo que o comunismo perfeito de Marx” (Carta Maior, 2008, s/p). Assim, os atos de vida e a obra cardenaliana apontam para o fato de que “amar o próximo é não tolerar a quem oprime o próximo”.

Quando criou Solentiname, promoveu um trabalho de resgate da dignidade dos moradores do local, além de ajudar no trabalho de conscientização do lugar desses na sociedade. Após a destruição dessa comunidade pelas tropas do ditador Somoza, ajudou a comunidade a se reerguer. Hoje os moradores do local aprenderam a valorizar seu trabalho e conseguem viver dignamente através do comércio das peças artesanais produzidas por eles. Cabe salientar que foi padre Cardenal quem levou artistas até lá e promoveu oficinas para capacitar os moradores a fim de que produzissem tais obras artísticas. Foi ele quem levou para o mundo as pinturas primitivas e as esculturas produzidas nessa comunidade, dando a elas o devido valor, não permitindo que se tornassem simples souvenir para turistas.

As obras poéticas de Cardenal receberam inúmeros prêmios pelo mundo, como o prêmio Legião de Honra – “La legión de honor em Grado de Oficial” -, concedido pelo governo francês; no Uruguai, o “Premio Internacional Mario Benedetti”, o “Prêmio ibero-americano de Poesia Pablo Neruda”; em Berlim, o “Prêmio Theodor Wanner”; o “Prêmio Rainha Sofia”. Isso sem mencionarmos que, algumas vezes, foi indicado para concorrer ao Nobel de Literatura. Não é que não se sentia honrado pelo reconhecimento, mas o fato é que ficava também muito feliz com o dinheiro que recebia a cada premiação, porque isso significava para o poeta mais investimento em trabalhos sociais.

Já que tocamos nessa questão – trabalho social –, é mister abordarmos o trabalho realizado com as oficinas de poesia realizadas por ele com crianças com câncer em 2012. Com essas oficinas, recuperava a esperança e a vontade de viver desses jovens que se encontravam tão fragilizados pelos tratamentos a que eram submetidos.

E nos dias atuais? Como se encontra Cardenal e como está sua amada Nicarágua? Para responder a essas questões, damos a palavra a Jesús Ángel Remacha:

Se puderes fazer uma visita à Nicarágua de hoje, pela qual tanto lutou Ernesto Cardenal, conheceríeis como os que sempre possuíram tudo e mantiveram o poder, os mesmos que se opuseram a esta revolução, os mesmos que criticam o papel de Ernesto Cardenal e demais sacerdotes comprometidos com a Teologia da Libertação, seguem fabricando mentiras e enchendo o mundo delas.

Antes estas mentiras e esta agressão – as mentiras se tornam armas muito frequentes –, Cardenal responde com o compromisso de sempre; seus últimos poemas são mais militantes que nunca e seus atos os de sempre: lutar por seu país e sua revolução, comprometido até a medula. (REMACHA, J., 1990, p. 19. Tradução nossa).

Cardenal vive em Manágua em uma casa simples, com poucos móveis, mas com uma gostosa rede, no bairro Los Robles. Recebe cuidados de sua cozinheira Ana e de seu motorista Pedro. Participa, com uma certa frequência, de reuniões na Associação de Escritores da Nicarágua. Continua passando as férias em Solentiname junto aos lagos que tanto ama. Considera-se um “perseguido político” pelo presidente atual do seu país, Daniel Ortega, e pela esposa dele – Rosario Murillo. Não é por caso que está respondendo a um processo por conta de terrenos localizados em Solentiname (IHU- on-line) e está confinado ao “exílio interior de sua casa”.

Em uma entrevista publicada em fevereiro de 2017 no jornal El País<sup>308</sup>, reafirmou ser um teólogo da libertação,

mas sobretudo um homem comprometido com a luta contra as injustiças na América Latina. Seu compromisso político o fez apoiar a luta armada contra a ditadura Somoza, [...] e mais recentemente enfrentar o governo do presidente Daniel Ortega, cujos excessos e arbitrariedades denuncia sempre que ele viaja para apresentar sua poesia (SALINAS, APUD IHU On-line, 2017).

A luta de Cardenal é contra a opressão. Para o poeta revolucionário, o sandinismo do atual presidente da Nicarágua,

tem traído a esquerda, tem traído os princípios da Revolução, tem traído o sandinismo, tem traído Sandino e o povo da Nicarágua. [Mas] Há um sandinismo verdadeiro que está contra o sandinismo oficial imposto pelo partido de Daniel Ortega, este que ganhou as eleições. Eu pertenço ao outro sandinismo, aquele que mantém os princípios e os ideais da Revolução. (Carta Maior, 2008, s/p).

---

<sup>308</sup> Tomamos conhecimento dessa entrevista pelo site [www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br).

Segundo Cardenal, a esquerda da Nicarágua precisa hoje do mesmo de que tinha necessidade ontem: “de sermos honestos, de realizarmos o poder com o povo” (Carta, 2008, s/p). Não é por acaso que a missão de um presidente é comandar uma nação e a etimologia da palavra já nos diz o seu significado: comandar é “mandar com”, mandar com o povo, ouvindo seus anseios, valorizando-o e dando-lhe voz.

No início de 2019, dois fatos marcaram a caminhada de Ernesto Cardenal: um foi a doença que o rendeu um considerável período de internação – foram dezesseis dias de internação – e o medo de que ele nos deixasse; o outro foi o perdão do Papa Francisco e a consequente “devolução do seu status de sacerdote após 35 anos de sanção” (elmundo.es)

Foram as seguintes as palavras de Padre Ángel, responsável por transmitir a boa notícia ao sacerdote Cardenal: “Venho ao seu encontro para cumprimentá-lo e parabenizá-lo pessoalmente por ter recebido, há um mês, a carta do Papa Francisco informando-o de que anula sua suspensão *ad divinis*” (IHU on-line, 2019).

Após essas palavras, colocou-lhe a estola e, juntos, ainda no quarto do hospital, celebraram uma missa. Achamos impossível descrever a emoção que padre Cardenal deve ter sentido, mas acreditamos ser merecido esse perdão, uma vez que a luta desse padre sempre foi para que, enquanto espelhos do Criador, consigamos vislumbrar o Infinito refletido em sua criação. E foi com esse intuito que ele se pôs, mesmo contra os desígnios da Igreja, a favor dos excluídos e se dedicou a lutar por igualdade e justiça.

É curioso que, em setembro de 2013, Ernesto deu uma entrevista ao “Vatican Insider” na qual ele disse o seguinte sobre o Papa Francisco:

Não tenho nenhuma dúvida de que com ele, com Francisco, as coisas vão mudar profundamente. Já mudaram e estão mudando. No começo, não acreditei que pudesse fazer o que está fazendo... algo verdadeiramente incrível, porque está mudando tudo. Ou melhor, colocando no seu lugar, onde devia estar... os últimos serão os primeiros; é isso que o Francisco está fazendo (IHU on-line, 2013, s/p).

Parecia já antecipar o presente que receberia desse Papa cuja impressão que deixará nas páginas da história é a de justiça e de misericórdia.

Cardenal continua hoje produzindo novos textos literários, dando entrevistas – agora com menos frequência. Tem reclamado de, após a internação ter que ficar mais tempo em repouso. Isso demonstra o quanto permanece ativo.

Resta uma pergunta a ser feita e, com a tentativa de resposta a ela, fecharemos esse capítulo da tese: como resumir em poucas palavras Ernesto Cardenal? É muito pouco falarmos que ele é um dos religiosos mais conhecidos da América Latina. Isso não o define. Dizer que é alguém que se dedicou a vida em favor da liberdade já nos agrada mais; porém, precisamos de mais. Talvez fecharíamos dizendo que é um ser conhecido, que lutou por liberdade e um dos principais teólogos da libertação. Mas queremos ir além: Cardenal é um sacerdote – que agora pode celebra a Eucaristia –, um poeta muito singular, um revolucionário por amor ao Reino, um místico que experimentou, com sensações físicas, ligadas a sexo, a gozo, a prazer e a dor, o amor de Deus, “alguém que não é desse mundo”. Acreditamos, no entanto, que ele é tudo isso e mais e, para definir Ernesto Martínez Cardenal, o melhor é dizer que ele é um humano, ou melhor, um “terrano”, que está “deitado na rede com o Amado e, em seus braços e abraços, saboreia todas as formas de amor e está, às vezes sofrendo, às vezes se divertindo, na gostosa companhia Dele na travessia do viver.



## 6 CONCLUSÃO

Quando começamos nosso trabalho há quatro anos, não conhecíamos muito a respeito de Ernesto Martínez Cardenal. Com as leituras que fizemos durante esses anos, percebemos que a visão mística desse autor é bastante singular. Ele, que viveu a experiência de união mística, ou seja, foi penetrado pelo Mistério, percebeu que o Amado vive dentro de nós e, ao mesmo tempo, nos rodeia. Tudo que ele realizou, após essa experiência amorosa, foi para fazer com que nós entendamos essa verdade, a qual pode nos levar a vislumbrar a face de Deus, a qual, conforme continuamente afirmamos, é composta de várias outras faces. Assim, conforme mencionamos durante nosso texto, a sua opção pelos pobres e oprimidos, a sua luta contra as injustiças, contra os desmandos do ditador nicaraguense, a tentativa de nos conscientizar a respeito das consequências negativas de nos deixarmos enredar pela sociedade de consumo, a luta em prol da preservação da natureza. Enfim, o seu compromisso social e político foi norteando por aquilo que experimentou naquele 02 de junho de 1956.

Contudo, o místico percebeu que a visão do Infinito não é algo fácil de se alcançar, apesar de simples e acessível, porque nossos olhos estão eclipsados por nosso egoísmo, nossa intolerância, nosso desejo de possuir – pessoas e objetos –, nossa fome de poder. Por isso, volta ao mundo, ciente de já ter passado pela “grande morte” e a ele não mais pertencer, com o intuito de ser luz que nos ajudará para que também nós compreendamos o que ele já sabe, um saber construído não pela razão, mas pela experiência unitiva com o Amado.

Mas como fazer isso? Entendemos ser a proposta de Cardenal ensinarmo-nos a entoar em conjunto um canto, um canto que pressupõe a presença de todos os elementos que formam a criação. É a maneira que ele vê para que esses elementos – humanos, minerais, vegetais, animais – se unam é através do amor em suas várias manifestações.

Aparentemente pode parecer que defendemos nesse trabalho duas ideias, uma sobre a celebração do amor erótico em Ernesto Cardenal e outra a respeito de um canto de união, mas, na verdade, se intentamos realizar aproximações da mística desse nicaraguense, não temos como dissociar tais vertentes, porque ele pressupõe, sim, a interligação de todos os elementos para nos fazer ver o rosto de Deus e essa junção pressupõe corpo, desejo, cópula. Pelo menos é o que aponta todos os livros por ele escrito a partir da década de 1990 como fizemos ver pelas análises textuais apresentadas.

Durante a tessitura dessa tese, nós nos preocupamos em nos deixar guiar pelos passos de Ernesto para mostrar como ele constrói essa tão singular visão mística. Assim, começamos, em nosso primeiro capítulo apresentando seus primeiros anos de vida, inicialmente no seio de

sua família e depois no colégio interno em que estudou. Nessa apresentação, colocamos em evidência traços que se mantiveram no monge Laurêncio e depois sacerdote Cardenal. Assim, destacamos a vocação ao sacerdócio que já se manifestava em suas brincadeiras infantis, a sua devoção a Maria, o seu amor à leitura.

Continuando essa pesquisa que visava a unir “as duas pontas de sua vida”, mostramos na adolescência a sua atração pelo outro sendo construída e também a sua constante dúvida entre as *muchachas* e a *muchacha das muchachas*. Trouxemos à tona ainda o seu envolvimento político, e seus estudos no México e nos Estados Unidos que o prepararam para a literatura e fizeram-no conhecer os escritos de Merton, que, mais tarde, além de seu Mestre enquanto noviço, foi também um grande amigo, “um pai”.

Apresentamos a sua experiência místico-extática e sua forma muito peculiar de a contar, através de uma linguagem que ele conhecia muito bem, a linguagem do erotismo, linguagem essa que o acompanha durante toda as etapas de sua vida. Após o êxtase, Cardenal quis silêncio, oração e permanecer unido ao Amado. Naquele momento, ainda não estava preparado para retornar ao mundo. Por essa razão, buscou abrigo na Trapa. Contudo, com o correr dos meses, as constantes dores de estômago e de cabeça prenunciavam que aquele caminho não era o que Deus tinha destinado para ele. Isso o motivou – inicialmente com relutância, mas depois de forma resignada – a deixar esse mosteiro e a buscar outras universidades do Amor com o intuito de terminar sua formação eclesiástica. Simultaneamente a essa preparação, começou a publicar, com a ajuda de Ernesto Mejía, seus livros.

Ordenado sacerdote, começou a construir Solentiname, comunidade contemplativa que foi arquitetada com Merton enquanto ainda era seu discípulo em Gethsemani. Inicialmente, conforme vimos, seu intento era criar um lugar de silêncio e de oração, mas outros contornos foram sendo dados por seus visitantes e moradores a esse lugar de hospedagem.

Nesse espaço, através das reflexões feitas nas homilias dos Evangelhos, as quais estavam tocadas pelas ideias da Teologia da Libertação, foram sendo construídas, entre os seus moradores e os seus visitantes, ideias de justiça e igualdade e o sonho de uma Nicarágua livre da ditadura somocista. Assim, os que ali estavam juntaram-se a outros que tinham a mesma visão e começaram um movimento que, após muitas mortes e torturas, levou ao poder o governo sandinista no país, dando fim a uma longa e cruel ditadura. Para Cardenal, essa conscientização revolucionária fazia parte de sua visão mística de, pondo fim as injustiças e desigualdade, fazer ver, pela união de várias faces, a Face do Criador e nos levaria a construir o Reino de Deus aqui e agora.

No governo sandinista, como Ministro da Cultura, incentivou a leitura, conseguiu reduzir enormemente o número de analfabetos, vacinar crianças, combater doenças. Porém, perdidas as eleições, seu projeto foi interrompido.

Passou a se dedicar ao trabalho social. Contudo, nunca deixou de lado a escrita. Em seu tecido literário, reafirma ser o erotismo, uma via para ligar os elementos, uma vez que, desde o início da criação, foi a união de pelo menos dois, pela cópula, o que dava origem a uma nova vida. Cabe reafirmarmos que, nessa união pelo corpo, não há desaparecimento de nenhum elemento das partes que se juntam, mas a produção de filhos. Por exemplo, de dois hidrogênios enamorados com um oxigênio, surgiu a água, de um homem e uma mulher surgiram os filhos os quais têm elementos dos dois e de sua união com Deus houve a geração de filhos: toda a humanidade, seus filhos espirituais. Assim, afirma que temos necessidade de nos unirmos porque somos, desde os primórdios, feridos pelo amor-falta, que nos faz ter desejo de união e de retorno ao Paraíso.

O próprio Cardenal, que, durante boa parte de sua vida acreditava viver o dilema Deus ou as mulheres, percebeu, com a maturidade, que esse dilema nunca existira, uma vez que é possível conciliar amor humano e amor divino, porque, na verdade, são faces distintas de um mesmo Amor.

A literatura cardenaliana faz-nos ver traços de sua mística cósmico-erótico-unitiva, porque, em praticamente todos os seus textos, ele afirma sermos uma nostalgia de Deus e que desejamos, através da construção de um canto que é erótico e é entoado com todos os componentes do cosmos, acessar as faces, as quais, conforme já dissemos, formam o Rosto de Deus, até aquela escondida, como ele mesmo menciona, “do outro lado da lua”.

Em um tempo no qual “o Relógio de Juízo Final” foi ajustado pelos cientistas para apenas 100 minutos do Apocalipse, ressaltamos a importância da proposta mística de Cardenal e voltamos a afirmar que, na pauta da partitura em que se delineia o cântico erótico-cósmico desse místico, não podem faltar as seguintes notas: cuidado com todos e com cada um dos seres que habitam o pluriverso, respeito, tolerância, diálogo, justiça, desejo de união e, principalmente amor, “um amor que acende o sol e a lua”, que nos inter-relaciona e que nos faz ver que o Amado (Deus, Tao, Um, Criador, Natureza, Mistério, Outro, Radicalmente Outro – não importa o nome que damos a Ele) nos envolve por fora, mas também nos habita por dentro.

Acreditamos ser esse o canto que a mística de beijos, abraços e carícias de Ernesto Martínez Cardenal quer nos ensinar, para que, como ele, possamos ficar deitados na rede com o Amado, saboreando a total intimidade que vem do conhecimento e do amor e para que

também não permitamos que os ponteiros desse relógio avancem e nos impeçam de construirmos, juntos, unidos pelo amor que vem do Amor, o Reino de Deus.

## REFERÊNCIAS

- A BÍBLIA DE JERUSALÉM.** São Paulo: Paulus, 1985.
- AGOSTINHO. **Confissões.** São Paulo: Paulus, 2013.
- ANJOS, M. (org.). **Teologia aberta ao futuro.** São Paulo: Loyola, 1997.
- ARMSTRONG, K. **Uma história de Deus.** (Quatro milênios de busca do judaísmo, cristianismo e islamismo). São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- ASSIS, M. **Dom Casmurro.** São Paulo: Scipione, 1996.
- BARCELOS, J. C. Literatura e teologia: perspectivas teórico-metodológicas no pensamento católico contemporâneo. In: **Numen: revista de estudos e pesquisa da religião.** Juiz de Fora, v.3, n.2, p. 9-30, 1999.
- BARTHES, R. **Fragmentos de um discurso amoroso.** Rio de Janeiro: F. Alves, 1988.
- BARTHES, R. **Mitologias.** 4ª ed. São Paulo, Difusão Europeia do Livro, 1980.
- BATAILLE, Georges. **O Erotismo.** São Paulo: Arx, 2004.
- BELLINI, G. Nueva história de la literatura hispano-americana. Amazon Kindle. Castalia, 1997. ISBN: 84-7039-757-5. Disponível em <https://www.amazon.com.br>.
- BERGER, Peter L. **O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião.** São Paulo: Paulinas, 1985.
- BETTO, F., BOFF, L. **Mística e Espiritualidade.** Rio de Janeiro: Rocco, 2014.
- BINGEMER, M. (org.). **Thomas Merton: a clausura no centro do mundo.** Petrópolis: Vozes, 2018.
- BINGEMER, M. **Teologia e Literatura: afinidades e segredos compartilhados.** Petrópolis: Vozes, 2014.
- BINGEMER, M.; PINHEIRO, M. (org.). **Narrativas Místicas: antologia de textos místicos da história do cristianismo.** São Paulo: Paulus, 2016.
- BIRMAN, J. **Gramática do erotismo: a feminilidade e as formas de subjetivação em psicanálise.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- BOFF, L. **Ética e Espiritualidade: Como cuidar da casa comum.** Petrópolis: Vozes, 2017.
- BOFF, L. **Graça e experiência humana.** Petrópolis: Vozes, 2012.
- BOFF, L. **O cuidado necessário.** Petrópolis: Vozes, 2013.

- BRANDÃO, C. (org.). **Lições da Nicarágua: a experiência da esperança**. Campinas: Papirus, 1984.
- BRANDÃO, J. **Dicionário mítico-etimológico**. Petrópolis: Vozes, 2014.
- BRANDÃO & TEIXEIRA. **Em que creio eu**. Petrópolis: Fonte Editorial, 2017.
- CABESTRERO, T. **Ministros de Deus, Ministros do Povo: Testemunho de três sacerdotes no governo revolucionário da Nicarágua**. Petrópolis: Vozes, 1983.
- CABRAL, J.; BINGEMER, M.C. (org.). **Finitude e mistério**. Rio de Janeiro: PUC Rio, 2014.
- CAMÕES, L. **Sonetos**. Rio de Janeiro: Ciranda Cultural, 1992.
- CAMPOS, M.; PEDROSA, L. **Santa Teresa: Mística para o nosso tempo**. Rio de Janeiro: Editora PUC: Editora Reflexão, 2011.
- CANTAMALES, R. **Eros e ágape: as duas faces do amor humano e cristão**. Petrópolis: Vozes, 2017.
- CARDENAL, E. **Antologia de Poesia Primitiva**: Madrid: Alianza Editorial, 1979.
- CARDENAL, E. **Antologia Poética**. Rio de Janeiro: Salamandra, 1979.
- CARDENAL, E. **Antologia**. Buenos Aires: Nueva America, 1986.
- CARDENAL, E. **Apalka Apalka**. Petrópolis: Autores & Agentes & Associados, 1995, 2ª ed.
- CARDENAL, E. **Apocalypse and other poems**. Buenos Aires: Carlos Lohlé, 1977.
- CARDENAL, E. **As riquezas injustas: antologia poética**. São Paulo: Círculo do Livro, 1977.
- CARDENAL, E. **Así en la Tierra como en el Cielo**. Manágua: Anamá, 2018.
- CARDENAL, E. **Cântico Cósmico**. Madrid: Trotta, 2012.
- CARDENAL, E. **Cântico Cósmico**. São Paulo: Hucitec, 1996.
- CARDENAL, E. **Canto Nacional**. Buenos Aires: Ediciones Carlos Lohlé, 1973.
- CARDENAL, E. **Cuentos nicaraguense**. Buenos Aires: Nueva America, 1985.
- CARDENAL, E. **El estrecho dudoso**. Manágua: Nicarao, 1991.
- CARDENAL, E. **El evangelio en Soleniname**. Buenos Aires: Nueva America, 1985.
- CARDENAL, E. **En Cuba**. Buenos Aires: Carlos Lohlé, 1972.
- CARDENAL, E. **Epigramas**. Madrid: Trotta, 2001.

- CARDENAL, E. **Este mundo y outro**. Madrid: Trotta, 2011.
- CARDENAL, E. **Flor Y Canto**: antología de poesía nicaraguense. Manágua: Anamá, 1998.
- CARDENAL, E. **La Revolución Perdida**: Memorias III. Madrid: Trotta, 2003.
- CARDENAL, E. **Las ínsulas extrañas**: Memorias II. México: Fondo de Cultura Económica, 2003.
- CARDENAL, E. **Los Campesinos de Solentiname Pintan el Evangelio**. Manágua: Monimbó, 1982.
- CARDENAL, E. **Los Ovnis de oro**: Poemas índios. Madrid: Visor Livros, 1992.
- CARDENAL, E. **Nueva Antología Poética**. México: Ramont, S.a, 1985.
- CARDENAL, E. **Poesia**. Cuba: Dominica Diez, 1979.
- CARDENAL, E. **Quetzalcóatl**. Madrid: Visor Livros, 1988.
- CARDENAL, E. **Salmos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- CARDENAL, E. **Telescopio en la noche oscura**: Madrid: Trotta, 1993.
- CARDENAL, E. **Versos del Pluriverso**: Madrid: Trotta, 2005.
- CARDENAL, E. **Vida en el amor**: Buenos Aires: Carlos Lohlé, 1977.
- CARDENAL, E. **Vida no amor**: Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- CARDENAL, E. **Vida Perdida**: Memorias I. México: Fondo de Cultura Económica, 2003.
- CARDENAL, E. **Voos de Vitória**. São Paulo: Paulinas, 1986.
- CARDENAL, E. **Vuelos de Victoria**. Leon: Editorial Universitaria, 1985.
- CARDENAL, E; SÖLLE, D. **Oración por Marilyn Monroe**. Manágua: Editorial Nueva Nicaragua, 1985.
- CASTIGLIONI, M. “¿Para qué metáforas?”. La poetica di Ernesto Cardenal. Firenze: La Nuova Italia, 1990.
- CERTEAU, M. **A fábula Mística: Séculos XVI e XVII, V.I**. Rio de Janeiro: gen. Forense Universitária, 2015.
- CERTEAU, M. **A fábula Mística: Séculos XVI e XVII, V.II**. Rio de Janeiro: gen. Forense Universitária, 2015.
- CERTEAU, M. **La fabula mística**: siglos XVI- XVII. México: Universid Iberoamericana, 2000.

CHARDIN, P. **O Meio Divino**. Petrópolis: Vozes, 2010.

CHEVALIER, Jean; GHRRRBRANT, Allain. **Dicionário de símbolos, mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. 10 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1996.

COMTE-SPONVILLE, A. **Do Corpo**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

COMTE-SPONVILLE, A. **O amor a solidão**. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

COMTE-SPONVILLE, A. **O Amor**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

COUTO, M. **E se Obama fosse africano? E outras interinvenções**: Ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

COUTO, M.. **Poemas escolhidos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

CUNHA, M. RIBEIRO, C. **O rosto ecumênico de Deus**. São Paulo: Fonte editorial, 2013.

DETIENNE, M. “Eros” – Encyclopaedia Universalis [online]. Disponível em: > <http://www.universalis.fr/encyclopedie/eros>. < Acesso em 27 ago 2017.

DRUMMOND, C. **Nova Reunião 1**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1983.

DRUMMOND, C. **Nova Reunião 3**. Rio de Janeiro: Best-bolso, 2014.

ECKHART, M. **Sermões alemães**: sermões 01 a 60. Petrópolis: Vozes, 2009.

ECKHART, M. **Sermões alemães**: sermões 61 a 105. Petrópolis: Vozes, 2008.

ELIADE, M. **Mito do Eterno Retorno**. São Paulo: Mercuryo, 1992.

ELIADE, M. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. Tradução de Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

Entrevista al nicaraguense Ernesto Cardenal, Premio Theodor Wanner 2014. Disponível em: < <http://youtu.be/x3yO0HC-hGc> > Acesso em 09 jul 2018.

Entrevista con Ernesto Cardenal (I): Solentiname, revolución, persecución,... Disponível em: < <http://youtu.be/2RDJoMLA8-w> > Acesso em 09 jul 2018.

Ernesto Cardenal, Nicaraguan Priest and Liberation T. Disponível em: < <http://youtu.be/oX-XzHi1J7g> > Acesso em 09 jul 2018.

“El la casa de Ernesto Cardenal, el poeta sandinista perdonado por el Papa” Disponível em: < <https://www.elmundo.es> >. Acesso em 10 nov 2019.

“Eu, poeta inspirado na Teologia da Libertação, digo: o Papa é revolucionário” Disponível em: < <https://www.ihu.unisinos.br> >. Acesso em 22maio2019



FABBRI, A. **“E Son cosas que los que se aman se dicen en la cama”**: La poesia mística de Ernesto Cardenal. 2007. 311f. Tese (DOTTORATO DI RICERCA IN IBERISTICA) - Dipartimento di Lingue e Letterature Straniere Moderne, ALMA MATER STUDIORUM - UNIVERSITA' DI BOLOGNA, Itália. Disponível em: < <http://amsdottorato.unibo.it> > Acesso em 02 nov 2014.

FENOLOSA, E. POUND. E. **El caracter de la escritura china como medio poético**. Madrid: Visor, 1977.

GHIRALDELLI, P. **Como a filosofia pode explicar o amor**. São Paulo: Universo dos livros, 2011.

GOMES, Y. “Feminino, Psicanálise e Mito: ou as metáforas do desejo”. In: **Revista de Psicologia: Ciência Consciência e Humanismo**: CCH em ação. Maceió: FCH ano 3, n.1, jan. /Jul. 2008.

GONZÁLEZ, S. **“yo tuve una cosa con él y no es un concepto”**: originalidad y modernidade en la literatura mística de Ernesto Cardenal. Madrid: Vervuert, 2011.

GRÜN, A. **Mística e eros**. Curitiba: Lyra, 2002.

GUTIÉRREZ, G. **Teologia da Libertação**. São Paulo: Loyola, 2000.

HART, P.; MONTALDO J. **Merton na Intimidade**: sua vida em seus diários. Rio de Janeiro: Físis, 2001.

IBÁÑEZ LANGLOIS, J. **Rilke. Pound. Neruda**: três mestres da poesia contemporânea. São Paulo: Nermann, 1988.

IHU On-line. **“A feminilidade da mística em Teresa d’Ávila”**. Entrevista especial com Faustino Teixeira. Disponível em: <<http://www.ihuon-line.com.br>>. Acesso em 24dez2019)

IHU On-line. “Entrevista com Ernesto Cardenal, aos 82 anos” Disponível em: <<http://www.alainet.or/es/node/119610> >. Acesso em 22maio2019.

IHU On-line. “Nicarágua: ‘Não há liberdade para que eu diga algo, estamos em uma ditadura’, afirma Ernesto Cardenal”. Disponível em: < <http://www.ihuon-line.com.br-22/04/2019>>. Acesso em 22mai2019.

IHU On-line. “Roma está perdendo a batalha contra a Teologia da Libertação – Entrevista com Leonardo Boff” – São Leopoldo 02abril 2007. Ed. 214. Disponível em: < <http://www.ihuon-line.com.br-22/04/2019>>. Acesso em 22mai2019.

JESÚS, T. **Castelo interior ou moradas**. São Paulo: Paulus, 2014.

JESÚS, T. **Obras Completas**. Madrid: Edíca, 1977.

JOÃO DA CRUZ. **O Amor não cansa nem se cansa**. São Paulo: Paulus, 1993

JOÃO DA CRUZ. **Obras Completas**. Petrópolis: Vozes, 1991

“João Paulo II repreendendo o poeta da Teologia da Libertação, E...” Disponível em: <  
<http://youtu.be/RK6NeXww-ts>> Acesso em 20 jul 2019.

KAZANTSAKIS, N. **A última tentação de Cristo**. Círculo do Livro, 1989.

KEHL, M. R. **Deslocamentos do feminino**: a mulher freudiana na passagem para a modernidade. Rio de Janeiro: Imago, 1998.

KREEFT, P. **Três Filosofias de Vida**. São Paulo: Quadrante, 2015.

KRISTEVA, J. **No princípio era o amor**: Psicanálise e fé. Campinas: Verus, 1985.

KUSCHEL, J. K. **Os escritores e as escrituras**: retratos teológico-literários. São Paulo: Loyola, 1999.

LÓPEZ- BARALT. **El cântico místico de Ernesto Cardenal**. Madrid: Trotta, 2012.

LORCA, G. “Poemas Suelos”. In: **Obra Completa de Federico García Lorca**. Madrid: IberiaLiteratura, 2015. Ebook.

Los pintores de Solentiname: viaje a la utopia de Ernesto Cardenal. Disponível em: <  
[http://youtu.be/g\\_XAPHpGh9c](http://youtu.be/g_XAPHpGh9c)> Acesso em 20 jul 2018.

LEWIR, J. Disponível em: <https://blogs.utopia.org.br/poesialatina/quando-te-conheci-juan-andres-leiwir>> Acesso em 20 ago 2019.

MAÇANEIRO, M. **Mística & Erótica**: Um ensaio sobre Deus, Eros e Beleza. Petrópolis: Vozes, 1996.

MAGALHÃES, Antonio. PORTELLA, Rodrigo. **Expressões do Sagrado**: Reflexões sobre o Fenômeno Religioso. Aparecida, SP: Editora Santuário, 2008.

MCGINN, B. **As Fundações da mística**: das origens ao século V. São Paulo: Paulus, 2012.

MCGINN, B. **O desenvolvimento da mística**: De Gregório Magno até 1200. São Paulo: Paulus, 2017.

MCGINN, B. **O florescimento da mística**: Homens e mulheres da nova mística (1200-1350). São Paulo: Paulus, 2018.

MEIRELES, C. **Romanceiro da Inconfidência**. São Paulo: Global, 2015.

MENDES, M. **Poesia completa e prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

MERTON, T. **A experiência mística**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

MERTON, T. **A montanha dos sete patamares**. Petrópolis: Vozes, 2010.

MERTON, T. **Águas de Siloé**, Belo Horizonte: Itatiaia, s/d.

- MERTON, T. CARDENAL, E. **Correspondencias** (1959-1968). Madrid: Trotta, 2003.
- MERTON, T. **Espiritualidade, contemplação e paz**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1962.
- MERTON, T. **Homem algum é uma ilha**. Rio de Janeiro: Agir, 1958.
- MERTON, T. **Novas sementes de contemplação**. Petrópolis: Vozes, 1963.
- MERTON, T. **O pão do deserto**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- MERTON, T. **Oh, Corazón Ardiente**: poemas de amor y de dissidência. Madrid: Trotta, 2015.
- MERTON, T. **Poesia e contemplação**. Rio de Janeiro: Agir, 1972.
- MERTON, T. **Zen e as aves de rapina**. São Paulo: Cultrix, 1993.
- MERTON, T. **Learning to love**: Exploring Solitude and Freedom. São Francisco: Harpers, 2011.
- MOISÉS, M. **A criação literária**. São Paulo: Cultrix, 2012.
- MOISÉS, M. **Dicionário de Termos Literários**. São Paulo: Cultrix, 1974.
- “Na casa de Ernesto Cardenal, o poeta sandinista perdoado pelo Papa” Disponível em: <<https://www.ihu.unisinos/78. NotÍcias/587727>> Acesso em 22maio2019.
- NEEDLEMAN, J. **Sobre o amor**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1988.
- NICOLA, J.; INFANTE, U. **Fernando Pessoa**: São Paulo: Scipione, 1995.
- OJEDA, P. et alli. **Ernesto Cardenal, poeta de la liberación latino-americana**. Buenos Aires: Fernando García Cambeiro.
- OLIVEIRA, S. “Ernesto Cardenal, ‘un mundo nuevo total’: un amor en todos los sentidos”. **Revista Brasileira do Caribe**, Goiás, v.2, n.4, p. 7-22, jan. – jun. 2002.
- PAES, J.P. **Poemas da antologia grega ou palatina**: séculos VII a.C. a V d. C. São Paulo: Cia da Letras, 1995.
- PAPA FRANCISCO. **O nome de Deus é misericórdia**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2016.
- PAZ, O. **A dupla chama**: amor e erotismo. São Paulo: Siciliano, 1994.
- PAZ, O. **O Arco e a Lira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- PEREIRA, S. **Thomas Merton**: Contemplação no tempo e na história. São Paulo: Paulus, 2014.
- PESSOA, F. **O Eu Profundo e os Outros Eus**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

- PLOTINO. **Enéada III. 5**. São Paulo: Edipro, 2015.
- PLOTINO. **Tratados das Enéadas**. São Paulo: Polar, 2018.
- PLUTARCO. **Diálogo do amor**. São Paulo: Martin Claret, 2015.
- POUND, E. **Arte da Poesia**, ensaios. São Paulo: Cultrix, 1976.
- POUND, E. **Os Cantos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1970.
- RABANT-LACOTE, C. “A escrita do significado “mulher””. In: **Ensaio lacaniano – coletânea**. Porto Alegre, 1985.
- RAMÍREZ, Sérgio. “Ernesto Cardenal e sua voz profética” Disponível em: < [www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br) – 16/03/2019 >. Acesso em 22maio2019.
- REMACHA, J (org.). **Ernesto Cardenal para niños**. Madrid: De la Torre, 1990.
- RICOEUR, P. **Tempo e narrativa**. V.2 e 3. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2012.
- RODAK, F. **Poesia Imagística em Tradução**: H.D. e Amy Lowell em Português. 2013 (Monografia) – Departamento de Letras. UFPR, Curitiba. Disponível em:< <https://www.escavador.com/sobre/2997573/fernanda-rodak> > Acesso em 24 dez 2019.
- RODRIGUES, A. **Sonetos de Camões**: Roteiro de Leitura. São Paulo: Ática, 1993.
- RODRIGUES, J. C. **Tabu do Corpo**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.
- RODRIGUES, L. G. **Correspondência de Drummond & Alceu**. Belo Horizonte: UFMG, 2014.
- ROUGEMONT, D. **O amor e o ocidente**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.
- SALINAS, C. “Justiça da Nicarágua retoma um processo contra Ernesto Cardenal”. In: El País – APUD < <http://www.ihu.unisinos.br> >. Acesso em 25maio2019.
- SANT’ANNA, Affonso Romano de. **O canibalismo amoroso**. O desejo e a interdição em nossa cultura através da poesia. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- SANTOS, J. M. G. Algo nos acontece: a noção de teopoética desde a teoria da recepção de Wolfgang Iser. In. SOTER (org.) Anais do 22. **Congresso Anual da Sociedade de Teologia e Ciência da Religião** – SOTER. V.2. Edição digital. São Paulo: Paulinas, 2009. Disponível em: <http://ciberteologia.paulinas.org.br/ciberteologia>. Acesso em 18 set 2014.
- SCHULS, D. “**Segunda Lei da Termodinâmica**”. Disponível em: <http://www.if.ufrgs.br>. Acesso em 26/07/2018.
- SCHWARTZ, J. **Vanguardas Latino-Americanas**: Polêmicas, manifestos e textos críticos. São Paulo: Edusp, 1995.

SILVA, J.; SILVEIRA E. **Apresentação de trabalhos acadêmicos: normas e técnicas**. Petrópolis: Vozes, 2012.

STRATHERN, P. **Santo Agostinho em 90 minutos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

TEIXEIRA, F. (org.). **Nas teias da delicadeza: itinerários místicos**. São Paulo: Paulinas, 2006.

TEIXEIRA, F. (org.). **Mística e Literatura**. São Paulo: Fonte Editorial, 2015.

TEIXEIRA, F. (org.). **No limiar do mistério: mística e religião**. São Paulo: Paulinas, 2004.

TEIXEIRA, F. **Buscadores do diálogo: Itinerários inter-religiosos**. São Paulo: Paulinas, 2012.

TEIXEIRA, F. **Caminhos da Mística**. São Paulo: Paulinas, 2012.

TEIXEIRA, F. **Cristianismo e diálogo inter-religioso**. São Paulo: Fonte Editorial, 2014.

TEIXEIRA, F. **Cristianismos e Teologia da Libertação**. São Paulo: Fonte editorial, 2014.

TEIXEIRA, F. **Na fonte do Amado: malhas da mística cristã**. São Paulo: Fonte Editorial, 2017.

TEIXEIRA, F. O itinerário místico de Ernesto Cardenal. **Revista Eclesiástica Brasileira**, v. 73, n. 290, p. 01-22, abril 2013.

TEIXEIRA, F. “Osagrado dever da hospitalidade”. Disponível em: < <http://ihuonline.br> > Acesso em 20 jul 2019.

TEIXEIRA, F. **Teologia e Pluralismo Religioso**. São Bernardo do Campo: Nhanduti Editora, 2012.

TELES, G. **Vanguarda Europeia e Modernismo Brasileiro: apresentação e crítica dos principais manifestos vanguardistas**. Petrópolis: Vozes, 2002.

TIBURI, Márcia et alli. **Diálogo sobre o corpo**. Porto Alegre: Escritos Editora, 2004.

TILICH, P. **Teologia sistemática**. 3 ed. São Leopoldo: Sinodal, 2000.

TILICH, P. **What is religion?** New York: Harper & Row, 1973.

VANINI, M. **Introdução à Mística**. São Paulo: Loyola, 2005.

VEIRAVÉ, A. Ernesto Cardenal: “el exteriorismo – Poesia del Nuevo Mundo”. In: **Cuadernos de Estudios Latinoamericanos**, Chaco – República Argentina, n2, p. 5-47, 1974.

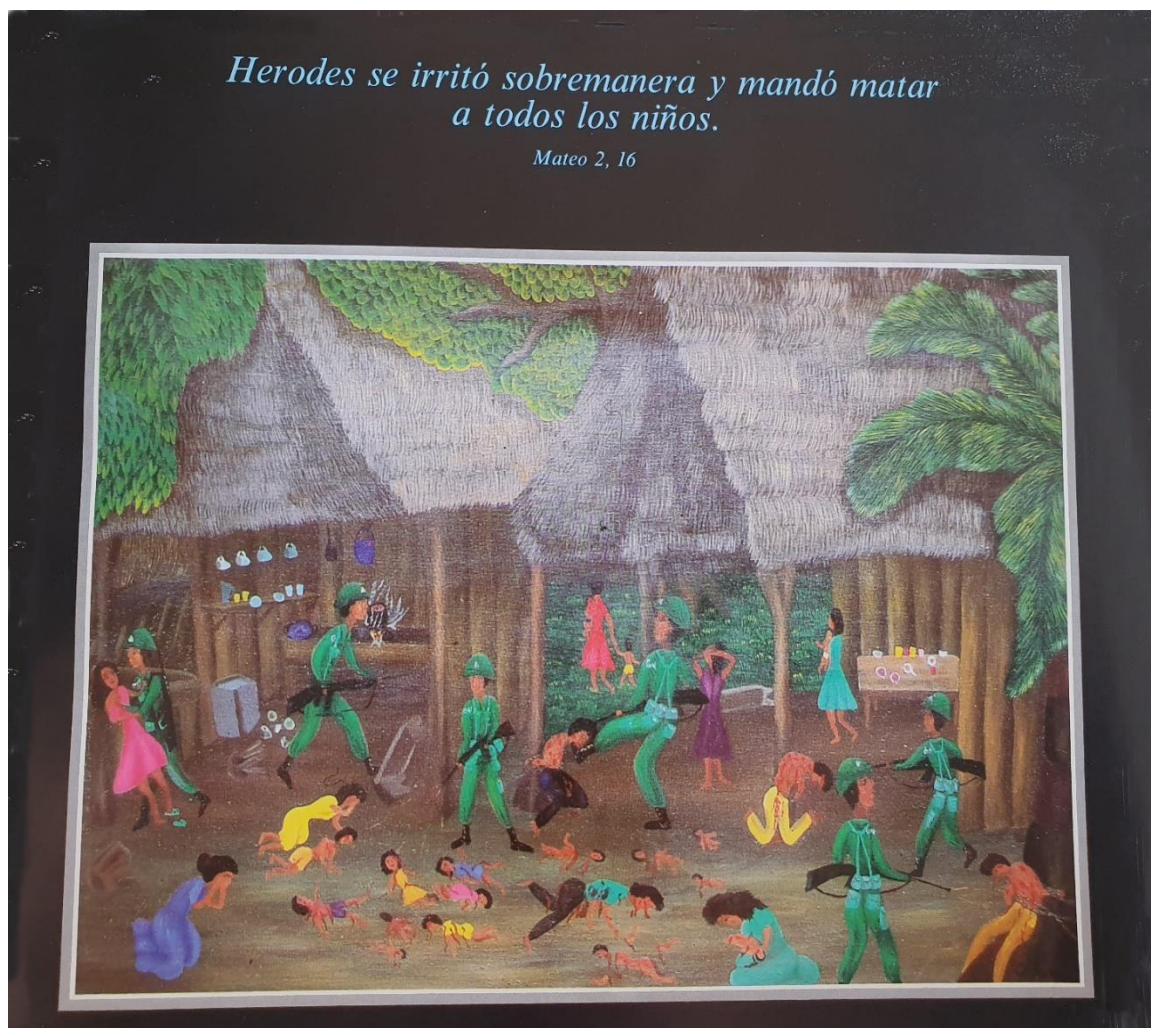
WELLEK, René; WARREN, Austin. **Teoria da literatura**. Tradução de José Palla e Carmo. 3. ed. Publicações Europa-América, 1976.

ZILBERMAN, R. **Estética da recepção e história da literatura**. São Paulo: Ática, 1989.

## ANEXO – Imagens dizendo de Deus

Imagens de pinturas encontradas no livro **Los campesinos de Solentiname pintan el Evangelio**. Estas pinturas foram feitas por moradores de Solentiname com o intuito de estabelecer uma relação entre os Evangelhos e a arte primitivista local.

1:



A imagem mostrada acima encontra-se na página 19 do mencionado livro. Ela ilustra o texto contido em Mateus 2, 12-23. As reflexões acerca desse Evangelho são intituladas “La matanza de los inocentes”. A interpretação do texto bíblico feita a partir “dessa conversa” resultou em uma tela de cores fortes, característica da pintura primitivista. Nessa, encontramos uma atualização desse momento de violência. A paisagem é a da Nicarágua da época de Somoza, que, como Heródes, mandava matar e violentar inocentes. A tela é pautada no signo da dor, uma



vez que mostra esquitejamento de crianças, morte de pessoas amarradas que não tinham como esboçar uma defesa.

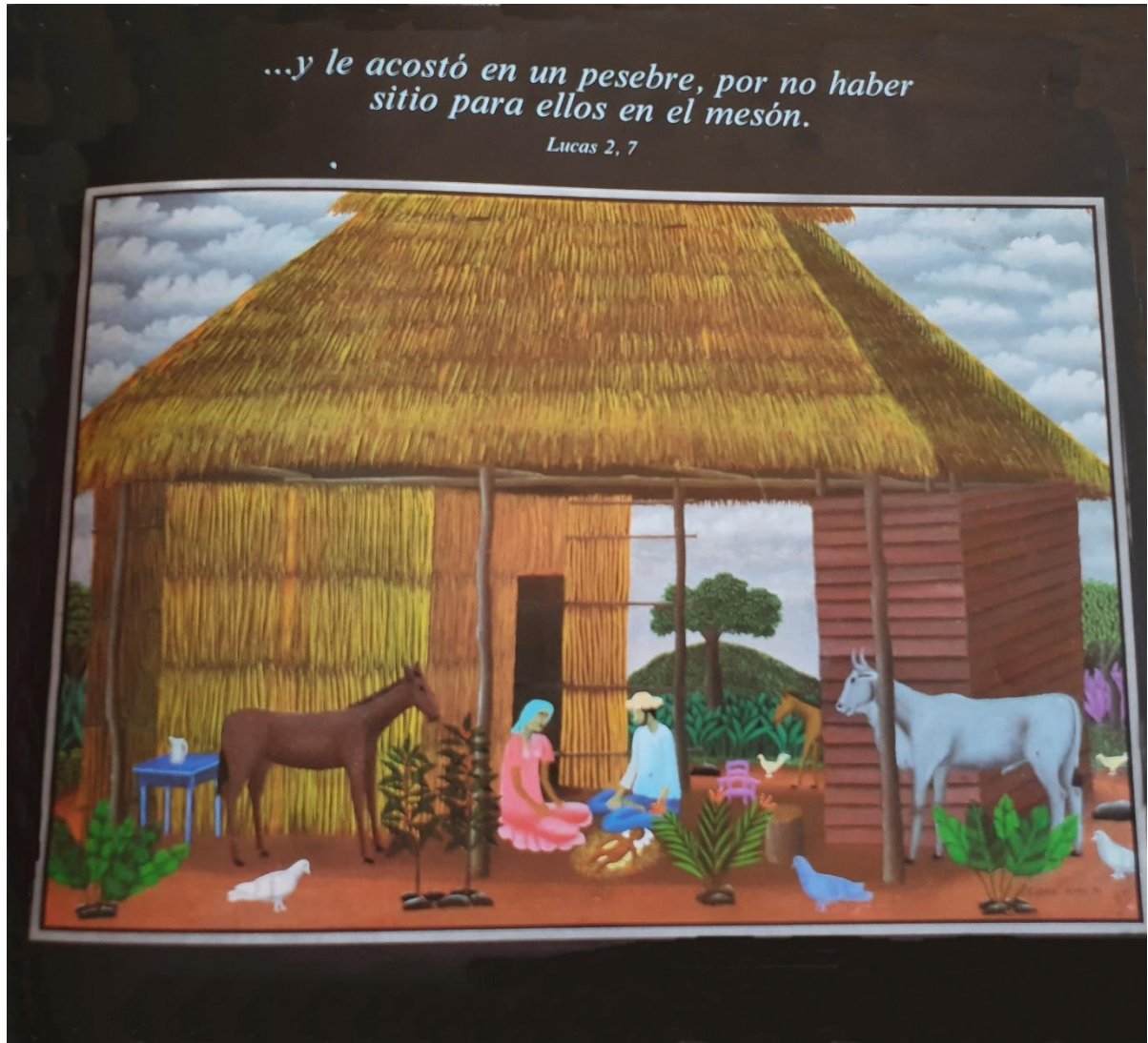
2:



Encontramos a tela acima na página 63 do livro citado anteriormente e ela é resultado das reflexões feitas a partir da leitura do Evangelho encontrado em Lucas 23, 46. O que chama atenção é a incorporação de elementos locais na tela, o que resulta numa mescla entre a realidade bíblica da crucificação e a realidade nicaraguense de opressão e de morte. Não é por acaso que Jesus tem a aparência física de um camponês de Solentiname. Além disso, ele é crucificado usando o jeans azul e as cotonas típicas desse lugar. Quanto às mulheres que levam flores, são as camponesas dessa comunidade. Os traços físicos e as roupas caracterizam-nas muito bem.



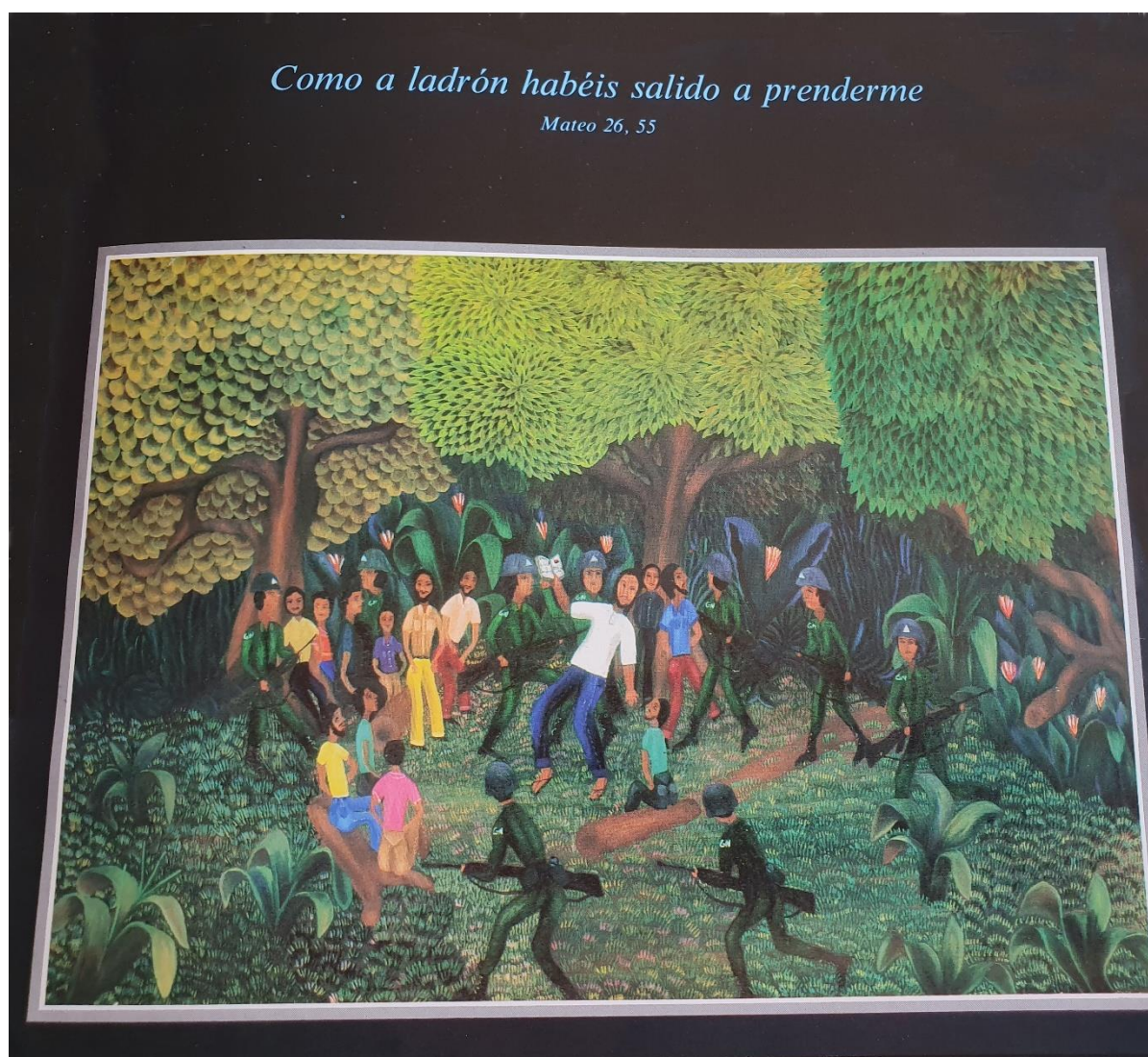
3:



A imagem, a qual ilustra as reflexões acerca do texto bíblico encontrado em Lucas 2, 6-7, apresenta-nos o nascimento de Jesus pobre e mostra que “ningún pobre se debe sentir en menos. Cristo está con nosotras los pobres” (CARDENAL, 1992, p. 10).

Ao colocar uma Maria, um José e um menino Jesus com as características físicas dos nicaraguenses, aproxima a realidade de Cristo à dos moradores de Solentiname.

4:



“Esto se parece a la Corte Militar que actúa en Managua” (CARDENAL, 1992, p. 56). Essa passagem das reflexões acerca do texto encontrado em Mateus 26, 57-68 faz ver que o Evangelho foi interpretado à luz da realidade dos moradores da Nicarágua que se viam, assim como Jesus, perseguidos por governantes. Percebemos na tela essa leitura, uma vez que apresenta soldados prendendo moradores locais, provavelmente pessoas que, como Jesus, ousavam lutar por justiça social. Há um perfeito casamento entre imagens e palavras.